



CEO
e a Prostituta
Livro 1

L. A. JOHANSON

O CEO E A Prostituta

1

A obsessão DO CEO

2

Dylan

SPIN-
OFF



BOX

Duologia
Insaciáveis
+
Spin-Off

L. A. JOHANSON

Copyright © 2021 — Lily Ann Johanson

Capa: Lily Ann Johanson

Diagramação: Lily Ann Johanson

Revisão: Débora Correa e Bianca Bonoto

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.



A duologia é dedicada a todas as minhas leitoras, principalmente aquelas que me acompanham desde o começo. A publicação desse livro ocorreu em 2018 no Wattpad e nunca pensei que conseguiria chegar até a Amazon por diversos motivos, mas consegui.

Este livro, é dedicado, também, a qualquer pessoa que tenha problemas, machucados ou cicatrizes e pensa que não pode superá-los. Cada dia é um aprendizado, cada batida do nosso coração é um milagre e com um pouco de tempo, tudo passa.



Facebook:

<https://www.facebook.com/lilyann.johanson.9/>

Instagram:

<https://www.instagram.com/lilyannjohanson/>

Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/LilyJohanson>

Playlist da duologia no Spotify:

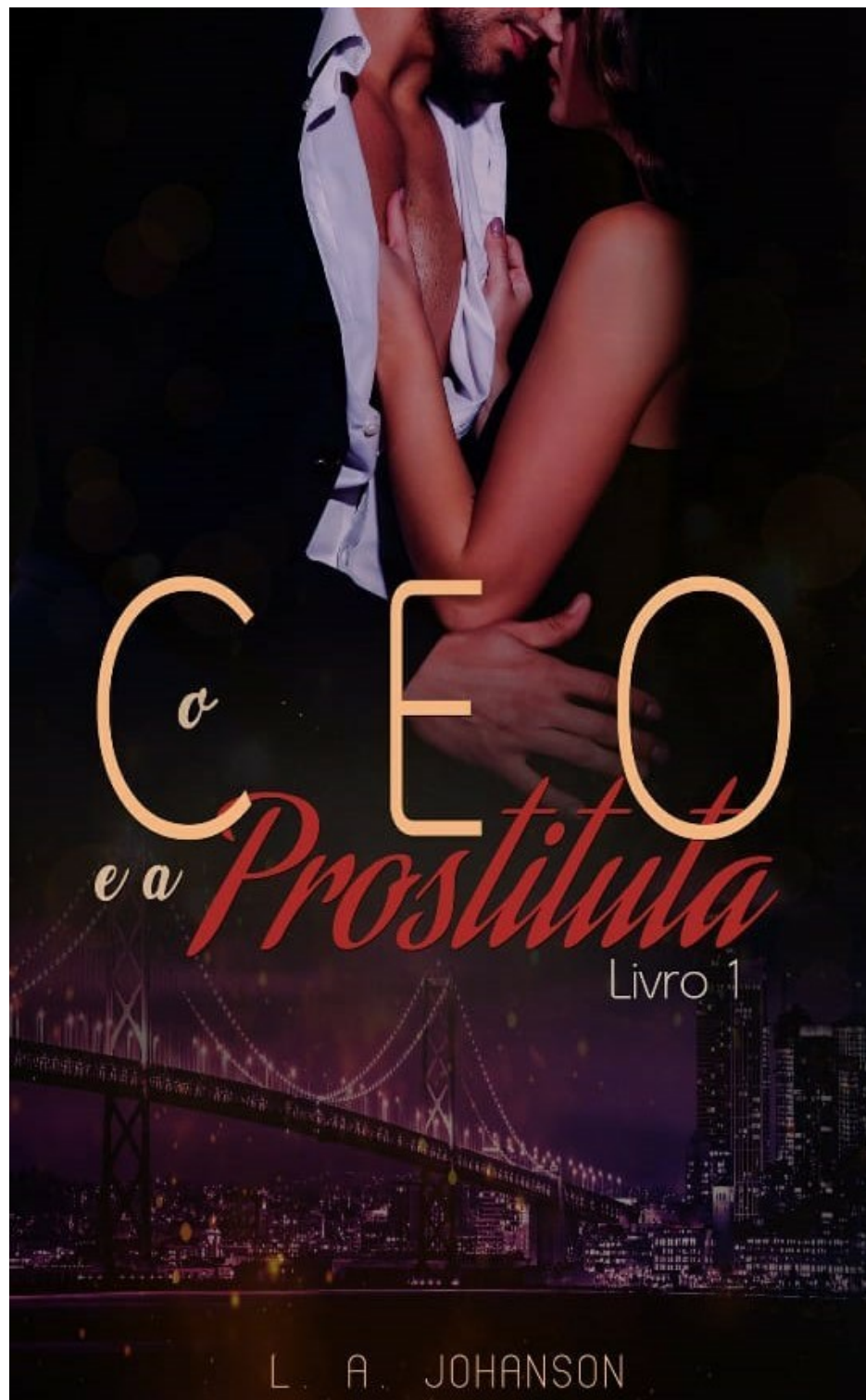
<https://open.spotify.com/playlist/3uk8YN57Dyq6oYVSUnowGc>

LIVRO 1: O CEO E A PROSTITUTA

LIVRO 2: OBSESSÃO DO CEO

SPIN-OFF: DYLAN, O PRÍNCIPE DE NOVA IORQUE

LIVRO 1: O CEO E A PROSTITUTA



L. A. Johanson

o CEO *e a*
Prostituta

Duologia Insaciáveis: Livro 1

1ª Edição



Ava é uma jovem maltratada pela vida. Perdeu os pais ainda criança e a sua guarda foi passada para a melhor amiga de sua mãe, Olga. Enquanto adolescente, Ava foi forçada pela mãe adotiva a se prostituir para manter suas despesas. Ela viveu conformada com aquela vida por muitos anos, mas, após uma ponta de esperança se acender em seu coração, ela fugiu, deixando para trás a sua exploradora e a sua antiga cidade.

Em São Francisco, na Califórnia, Ava tentou recomeçar sua vida. No entanto, não conseguiu se esquivar da vida de prostituição, descobrindo da pior maneira como é viver na cidade grande.

Durante a rotina dos seus programas, ela conhece Dion, um homem misterioso que mudará sua vida, não necessariamente para melhor. Caindo nas teias de um romance improvável e ao mesmo tempo inevitável, Ava e Dion descobrirão que o pior perigo é aquele que se revela somente na calada da noite.



CAPÍTULO 1

Millis, Massachusetts

— Vamos, Ava. O filho do prefeito e o amigo dele estão esperando!

A voz irritada de Olga soou atrás da porta depois de três batidas apressadas.

— Eu já te falei que eu não vou! — gritei de volta.

— Você vai sim, nem que eu arrombe essa porta e te arraste pelos cabelos!

Parada em pé e hesitante, eu senti a esperança deixar o meu corpo. Pensando nas minhas opções, sentei-me na cama e tapei meu rosto, que estava sendo tomado pelas lágrimas, quando percebi que só havia um caminho a ser seguido.

Eu ainda tinha marcado na pele o excesso de força utilizado pelo filho violento do prefeito. E agora ele tinha trazido companhia. Quem poderia prever se eu sairia viva daquela vez?

Um sopro de vento atravessou minhas reflexões pessimistas e chegou até os meus braços nus, me induzindo a olhar interessada para a janela do quarto.

— Só mais alguns minutos — respondi com uma ideia na cabeça.

Logo ouvi os passos de Olga se afastando.

Levantei-me rapidamente, indo em direção ao guarda-roupa, e abri o forro de madeira da última gaveta. Ali era o meu cofre particular, onde eu vinha guardando o dinheiro que eu pegava de Olga sem ela perceber.

Com um pouco mais de agilidade, apanhei uma mochila pequena embaixo da cama e joguei algumas roupas sem escolher. Vesti uma calça e um casaco, colocando as notas de dólares amassadas dentro da bolsa.

Eu precisava pular a janela antes que Olga aparecesse novamente. Apesar de não ter destino e nem quem me protegesse, eu precisava fugir. Aos dezaitos anos, tudo o que eu tinha era uma prisão e uma mãe adotiva que me escravizava. Então, pela primeira vez, eu tentaria tomar as rédeas da minha vida. Arriscaria-me para ver onde aquilo daria.

Coloquei a mochila nas costas ao escutar os passos de Olga voltando. A parte sádica da minha mente me dizia que eu não iria sobreviver sem as migalhas dela e, quando encontrasse algo de muito ruim, ela faria me servir de aprendizado, me mostraria de uma vez por todas que ela tinha o total controle da minha vida.

Não permiti que aquele mau agouro se sobressaísse à minha determinação.

Antes de correr para a janela, eu parei em frente à minha cama, ainda bagunçada e com o cheiro nojento do último cliente que passou por ali, e peguei a foto debaixo do travesseiro.

— Vocês dois vem comigo — falei baixinho, com a fotografia dos meus pais na mão.

Foi o tempo de Olga mostrar a sua irritação pela minha demora.

— Ava, não me obrigue a derrubar essa porta!

Parei diante da janela com uma parte do meu cérebro ainda fazendo um pouco de barulho ao sugerir que o meu plano era totalmente estúpido.

— Você pode derrubar essa porta, Olga, mas a única coisa que vai cair é o seu domínio sobre mim — sussurrei ao relento enquanto descia janela abaixo, sabendo que, independente do resultado, eu já havia vencido ao tomar aquela decisão.



São Francisco, Califórnia

Quatro anos depois

Rafael saiu de mim e eu me senti exausta. Ele era o terceiro cliente daquela tarde quente de sexta-feira. O moreno de ascendência mexicana se levantou da minha cama e caminhou até onde havia deixado suas roupas.

Levantei-me logo em seguida, peguei o meu robe de cetim no chão e voltei pra cama.

— Você estava perfeita como sempre, Tayla. — Ele abriu a carteira e retirou algumas notas, colocando-as em cima da mesinha de cabeira.

“Tayla” foi a identidade que assumi após fugir de Massachusetts. Eu já não queria aliar as minhas práticas ao meu nome verdadeiro.

Rafael me olhou de soslaio, sorri gentilmente. Então, ele retirou mais algumas notas e colocou junto com as outras.

— Isso é por eu não ter vindo semana passada.

Abri a boca para agradecer, mas ele acenou com a mão, insinuando que não era necessário. Continuei em silêncio enquanto ele se vestia.

— Então, está marcado para semana que vem? — perguntei ansiosa.

Rafael era um dos poucos clientes fixos que eu tinha. Ele sempre era muito gentil e educado, um perfeito cavalheiro na cama e fora dela. Meu único cliente bom.

— Eu ligo pra confirmar. — Balancei a cabeça em concordância e ele foi embora.

Saí preguiçosamente da cama e fui em direção ao guarda-roupa de segunda mão. Ele tinha uma cor azul harmoniosa, destoando do tom amarelo desbotado do restante do miniapartamento que eu mantinha. Retirei de lá um jogo de lençol branco, forrei a cama com o lençol limpo e coloquei o usado no cesto de roupa suja.

Atravessei o quarto e entrei no banheiro, dando-me conta de que eu teria um novo cliente em menos de meia hora.

Lavei o meu corpo sem nenhum entusiasmo, refletindo sobre o que a minha vida era e o que ela tinha se tornado. Aos dez anos, eu descobri que estava órfã e que minha guarda havia sido passada para a melhor amiga de minha mãe. Aos onze, Olga começou a discursar que eu tinha uma dívida com ela por ter cuidado de mim até aquele momento. Aos doze, eu perdi a minha inocência com um caminhoneiro da minha antiga cidade, pois, segundo Olga, minha mãe adotiva, aquela era a única forma de continuar me oferecendo comida e um lugar para dormir.

Eu ainda achava um mistério como sobrevivi àquilo tudo. Naquela época, eu não sabia direito como a vida funcionava. Na escola, eu era a garota estranha que sentava longe das pessoas sem conseguir entender por que eu tinha que fazer as coisas que eu era obrigada e as outras garotas não.

Fechei a torneira, chegando à conclusão de que a minha vida não havia mudado muito. Apesar de conseguir fugir de Olga, eu ainda precisava vender o meu corpo para conseguir algo para comer e um lugar para dormir.

Peguei o estojo de maquiagem dentro do armário e comecei a pintar o meu rosto. Eu sempre usava maquiagem pesada para parecer mais velha. Apesar de ter vinte e dois anos, sem maquiagem eu parecia ter quinze. Então, para não arranjar mais problemas, eu dizia que tinha vinte e cinco anos quando me perguntavam.

Vesti uma lingerie preta de renda e coloquei o meu robe recém-comprado de estilo oriental. O cliente que viria agora era novo e eu queria impressioná-lo. Espirrei um perfume no ar para suavizar o odor de mofo, só que, mesmo eu dando o meu melhor na decoração do apartamento, algumas infiltrações e buracos na parede ainda eram visíveis.

A campainha tocou, fazendo-me suspirar insatisfeita por ter que fazer sexo com um desconhecido em troca de dinheiro. Eu continuava tentando achar empregos formais, mas, a cada negativa, a cada entrevista de emprego malsucedida, não conseguia evitar pensar que aquela seria a minha vida para sempre.

Guardei meus pensamentos e foquei no que importava no momento:

agradar mais um cliente.

Aquilo era tudo o que eu tinha feito nos últimos anos.

Amarrei o robe e soltei meu cabelo. Depois do segundo toque, eu fui em direção à porta. Antes de forçar um sorriso, eu respirei fundo três vezes. No entanto, nada teria me preparado para ver quem estava do outro lado.



CAPÍTULO 2

Olhei para o homem alto à minha frente sem conseguir deixar de mostrar o meu constrangimento. Fui fisgada por olhos de um azul límpido e ao mesmo tempo obscuros. A julgar pelo terno preto muito bem alinhado, ele tinha acabado de sair do trabalho, assim como todos os meus outros clientes daquela tarde.

— Tayla? É você, não é? — indagou, olhando-me de forma curiosa.

Fechei os olhos para dissipar os meus pensamentos. Eu tinha uma leve suspeita de que o conhecia de algum lugar, porém não conseguia me lembrar de onde.

— Sim, me desculpe, sou eu mesma. — Abri o resto da porta. — Entre, por favor.

Assim ele fez. Com as mãos no bolso, o cliente percorreu a sala e eu fiquei totalmente envergonhada por saber que as infiltrações no teto seriam alvos de sua inspeção. O chão e as paredes amareladas eram originais, mas deixava tudo com a aparência de lugar sem graça, sem vida, sujo. A cortina ficava sempre cobrindo as janelas para evitar ao máximo a entrada de poeira e para apagar um pouco daquela impressão desleixada. Dois abajures velhos desempenhavam a função de oferecer alguma claridade. De qualquer forma, meu apartamento não estava à altura de homens como aquele. Era quase cômica a discrepância social ali.

Permaneci observando aquele novo cliente, imaginando várias razões que o levariam procurar uma garota como eu. Ele poderia ser um policial

querendo saber de algum traficante do prédio ou até mesmo me prender, já que a prostituição ali era crime. Ele poderia, também, ser um daqueles caras esquisitos que pagam as pessoas para espancá-las, porém algo nele me dizia que eu estava enganada no meu julgamento em todos os casos.

Voltei à realidade quando vi o homem girar em seus sapatos e passar por mim.

— Eu fiquei sabendo de você através de um amigo. — Ele tirou o paletó e sentou no sofá com as pernas abertas, jogando um braço sobre o encosto. Aquela pessoa estava mais à vontade na minha casa do que eu. — Ele me disse que você era bonita. Achei que fosse modo de dizer, mas te vendo agora... — Percebi seu olhar frio percorrer toda a minha estatura. — Você não tem menos de dezoito, tem?

— Tenho vinte e cinco — respondi, olhando para o chão e fechando as mãos em torno de mim mesma, sentindo-me acanhada, ou talvez fosse apenas o incômodo de mentir.

— Não, você não tem vinte e cinco anos — rebateu com toda a certeza do mundo concentrada em uma única frase. Realmente desconfiei que ele não iria acreditar que eu tinha aquela idade.

— É, talvez não — falei, exibindo um sorriso, e observei-o suavizar a expressão. — Mais alguma pergunta?

— Eu tenho, na verdade.

Ok! É hora da entrevista de emprego.

Tentei me preparar mentalmente para qualquer tipo de pergunta ou proposta sexual. Os sadomasoquistas estavam fora da minha lista de clientes, que também excluía usuários de drogas.

— Me diz uma coisa, Tayla, como você terminou aqui? — a pergunta dele saiu sem jeito, quase nem saiu. — Você não parece uma prostituta.

Aquilo era o que todo cliente novo me perguntava e, como sempre, eu não queria iniciar uma discussão sobre como o destino nos leva a um caminho tortuoso às vezes. E, não, aquele estereótipo de meia arrastão e lingerie extremamente vulgares não rolava comigo.

— Eu sou uma mulher com despesas e sem nenhum emprego, preciso ganhar a vida de alguma forma — respondi, tentando transmitir obviedade.
— Você bebe? — tratei de mudar de assunto logo. Eu não gostava do tom daquela conversa.

Assisti ao homem concordar com a cabeça. Fui até a cozinha e peguei a garrafa de uísque que eu guardava somente para o primeiro programa dos clientes e voltei com dois copos.

— Qual é o seu preço? — ouvi a voz dele quando eu reapareci.

— Cem dólares a hora. — O homem cerrou os olhos, apostei que estava me achando cara.

— Achei que seria mais caro. Ouvi alguns amigos dizerem que uma boa profissional não sai por menos de trezentos.

Ouviu dizer? Como assim?

Comecei a achar que eu era a primeira prostituta da vida dele. Na verdade, fazia todo sentido. A maioria dos clientes já chegavam colocando as mãos na minha bunda antes de dizer qualquer coisa, porém aquele homem mantinha uma distância “segura”, como se não tivesse certeza de que estava no lugar certo.

Ainda assim, por que alguém elegante e atraente como ele teria que pagar por prostitutas?

— A maioria dos meus clientes não tem condições de arcar com esse valor, mas eu aceito os trezentos se você quiser me pagar — comentei, sorrindo com malícia, sentando ao lado dele.

Apoiei um braço no encosto do sofá e passei a olhar fixamente para o homem do meu lado. Uma beleza rústica envolvia o seu rosto, olhos que diziam muito mais do que as palavras que saíam da sua boca e um porte físico que poderia fazer dele um astro de filmes de ação.

— Mas aí eu vou querer três horas. — Ao ouvir aquilo, uma quentura se espalhou pelo meu rosto, porém ele respondeu como se fosse um exímio negociador – nem mesmo vi a sombra de um sorriso que demonstrasse que ele estava brincando.

Seriedade era a palavra que eu usaria para defini-lo. A forma que ele me olhava era intimidadora e ao mesmo tempo acendia dentro de mim um sentimento encorajador. O semblante dele me passava um ar de perigo, era bizarro, entretanto eu gostava daquilo.

Terminei de tomar o conteúdo do meu copo com apenas um gole. Eu bebia somente com a intenção de me deixar mais solta e conseguir agradar os meus clientes sem vergonha ou pudores. Nem precisei que a bebida fizesse efeito e me deixasse mais à vontade, pois aquele homem com a fisionomia autoritária e misteriosa me enchia de tesão.

Os olhos observadores dele me analisavam a cada gesto ou palavra dita. Eu não fazia o mesmo porque era fácil, muito fácil, saber o que estava passando em sua mente agora.

— Bem, o seu tempo já está correndo.

Levantei e tomei o copo de sua mão colocando na superfície lisa mais próxima. Logo depois desamarrei o robe e deixei que ele deslizasse pelo o meu corpo até cair no chão. O cliente me espreitou com olhos atentos e eu os senti em cada ponto do meu corpo.

Deus, aquilo me excitava.

Montei nele em cima do sofá depois de pedir sua permissão e retirei a gravata com cuidado. Desabotoei cada botão da camisa branca sem tirar os olhos do meu cliente. Minha respiração começou a falhar a partir do momento que senti as mãos dele acariciando as minhas coxas, deslizando seus dedos suavemente pela minha pele.

Fechei os olhos para segurar a sensação vertiginosa que subia pelas minhas veias. Eu precisava manter o controle diante da situação inédita. Feito isso, enfiei as mãos dentro da peça recém-aberta, percebendo que ele estremecia ao meu toque, soltando um gemido quase inaudível e olhando-me de forma enigmática.

— O que você quer de mim? — perguntei com cuidado e um pouquinho de ousadia, alisando o seu peitoral moldado por músculos. Aquilo seria interessante. — Eu posso e *quero* fazer tudo o que você pedir. Quero dizer, quase tudo — fiz charme.

— E o que você não está disposta a fazer? — Fitei o homem enquanto ele subia um dedo suavemente pelo vão dos meus seios.

— Não uso drogas nem pratico BDSM — respondi tranquila. Estabelecer limites era um passo importante.

— Ótimo.

Capturei a sua mão quando ele a passou pelo meu rosto enfiando o dedo médio na boca e chupando toda a sua extensão sem tirar os olhos dele. O meu sexo friccionava em seu colo e só aquele ato espalhava chamas pelo meu corpo todo.

O que estava acontecendo comigo?

— Então, me diz o que você quer de mim? — tentei de novo.

Meu cliente prendeu a respiração me olhando com feições tensas. Eu não sabia o que aquilo significava, só esperava que ele não desistisse do programa.

— Eu quero tudo — respondeu com uma calma comedida, mas a certeza explodia em seu olhar.

Meus pelos se arrepiaram com aquela sensação. Talvez fosse o meu dia de sorte.

— Como você quer que eu te chame? — sussurrei em seu ouvido, aspirando a sua fragrância extremamente sedutora.

Ele segurou firme em minha cintura, trazendo-me para mais perto.

— Sei que seu nome não é Tayla, então pode me chamar de Collins — hesitou por um instante. Vi seus olhos baixarem até a minha boca. Eu aproximei nossos rostos um pouco mais para selar nossos lábios com um beijo provocador, mas ele me afastou delicadamente. — Ou melhor, Senhor Collins.



CAPÍTULO 3

Consegui levá-lo ao meu quarto para termos um pouco mais de espaço livre. Com muito custo, eu o fiz se desgrudar de mim e se sentar na cama. Não queria me precipitar demais apesar de ele ter a ideia oposta.

Ajoelhei à sua frente e o toquei das pernas até o final das coxas. Meu cliente parecia o tipo de homem que não sabia esperar, que precisava ter o controle. Eu o encarei, provocando, tocando-o de uma forma que eu tinha certeza de que conseguiria as melhores reações dele.

Desde que o vi na minha porta, eu tive a pretensão de tirar cada gota de sua sanidade. Enlouquecê-lo, fazê-lo rastejar atrás de mim para conseguir mais. Eu queria que ele me desejasse, mas não para conseguir o dinheiro dele. Só queria agradá-lo como eu nunca fiz com nenhum outro cliente.

Botei minhas mãos no cóis da calça dele para retirar o cinto, logo depois desci o zíper e orientei-o a se levantar para eu puxar a calça após tirar seus sapatos.

— Uau... — gemi mordendo os lábios.

A expressão saiu da minha boca quando vislumbrei aquele homem só com uma cueca boxer preta torneando os músculos bem definidos de sua coxa e da cintura. A ereção dele se fazia bem aparente. Aquilo era muito bom para ser real.

Com a mão direita, eu o alcancei no meio das pernas onde ele não conseguia mais esconder que me queria. Ele precisava de mim. Sorri

internamente com a constatação. Acariciei por cima uma vez, depois de novo. Até que ele soltou um palavrão estrangulado, com a cabeça curvada pra trás, implorando que eu continuasse. Sem me segurar, enfiei uma mão ali dentro procurando por aquilo que estava me dando água na boca. Lambi os lábios ao perceber que ele já estava tão duro e pronto, só esperando por um bom desfecho. Com isso, a ânsia no meio das minhas pernas ficava cada vez maior.

Eu queria senti-lo na minha boca, no entanto o meu cliente tinha outros planos naquele momento. Senhor Collins se levantou, levando-me junto com ele e deixando-me de costas. Os seus lábios acariciavam o meu pescoço enquanto as mãos seguiam para os meus seios, rodeando os mamilos com a ponta dos dedos, suavemente. Aquilo causava uma sensação tão boa que eu perdi a noção da realidade e, quando dei por mim, já estava nua e o toque do meu cliente tomava o meu corpo todo. A boca trabalhando no meu pescoço e as mãos no restante.

— Eu estou louco para sentir o seu gosto — disse no meu ouvido. — Saber se é tão gostosa como parece.

Espantei um calafrio levantando um ombro. Peguei na mão do meu cliente e andei de costas, trazendo-o comigo até achar a cama. Deitei e o puxei para cima de mim.

Ele aceitou o convite e resolveu brincar com o meu psicológico. Suas mãos me prenderam no colchão, logo depois senti o toque molhado de sua língua percorrendo meu pescoço, passando pelos seios até chegar ao final da minha barriga. A partir daí, ele soltou as minhas mãos e alcançou o meu sexo. Meu corpo se contraiu e fechei as pernas involuntariamente.

Aquilo pegou o meu cliente de surpresa.

Seus olhos azuis me olharam estáticos e analíticos.

— Algum problema com isso? — sondou, demonstrando cautela.

— Não, é que... isso não acontece com frequência.

Eu estava falando a verdade. Meus clientes me pagavam para eu fazê-los sentir prazer, não para – tentar – me dar prazer.

— Tudo bem se eu...

Balancei a cabeça freneticamente em sinal positivo, impedindo que ele terminasse a frase, dando-lhe minha permissão. Então ele abriu as minhas pernas suavemente.

Primeiro, distribuiu beijos do joelho até a parte interna da minha coxa. Ali eu já não aguentava mais aguardar para me desfazer de prazer nas mãos daquele estranho.

Ele não foi direto ao ponto, apenas começou com toques quase imperceptíveis na minha umidade, que por si só me faziam ver estrelas. Meu quadril não parava quieto, tinha assumido o controle há muito tempo, como um instinto animal, induzindo-me a agarrar cada vez com mais força o lençol abaixo de mim.

— Sim... sim! Senhor Collins... — gemi desenfreadamente quando ele resolveu dar atenção para o pequeno ponto que orquestrava toda aquela brincadeira.

Sua língua deixava de ser pacífica para ser voraz, deixava de ser voraz para ser pacífica e naquele psicodelismo eu só podia fechar meus olhos e sentir. Eu nunca pensei que poderia ser tão bom.

Que Deus abençoe Senhor Collins e sua língua.

Eu estava enganada. Não pensei que aquilo poderia ser tão bom até os dedos dele entrarem no jogo.

Murmurei algo sem nexos quando ele passou um dedo suavemente pela minha abertura. Pouco depois, meu corpo se contorceu quando senti seus dedos entrarem em mim. Primeiro, um apenas testando, logo após, dois para ele ter noção de quanto eu aguentava.

Que ironia.

Enquanto os dedos dele descobriam a minha intimidade, a língua voltou à ação. Sua língua trabalhou em mim de forma lenta, mas os dedos foram imbatíveis. E o resultado daquilo tudo foi uma versão ensandecida de mim mesma gritando louca de prazer, com a guarda afundada na lama e o cérebro entrando em parafuso.

Entrei em combustão. Um gemido estridente ecoou dos meus lábios quando ele me fez gozar tão intensamente que eu não tinha nem palavras pra descrever aquela sensação.

Eu tinha experiência com homens e jamais imaginei que algum fosse tão bom assim na hora do sexo.

Meu cliente me observou, vislumbrou meu corpo trêmulo e suado sob ele. Aquele orgasmo quase me fez atingir a exaustão.

— Você é tão linda, Tayla. Em todo lugar, você é linda — ele disse aquilo tocando o meu corpo como se só aquilo lhe desse uma boa carga de prazer.

Naquele instante, a única coisa que eu queria era pedir para ele me deixar fazê-lo sentir tudo aquilo que ele tinha acabado de fazer comigo. No entanto, eu não fui rápida o bastante. Meu cliente pegou um preservativo em sua calça no chão e o prendeu entre os lábios. Deitada, eu não conseguia ver muita coisa, e com “muita coisa” eu queria dizer o seu “poder bélico”. Ri mentalmente para disfarçar o meu medo de me decepcionar. Ele separou novamente as minhas pernas e ajeitou o meu corpo para ficar na exata posição que ele queria.

Não o vi colocando a camisinha, mas me perguntei diversas vezes se a língua dele era tão habilidosa num beijo quanto era no sexo, se todas as mulheres estremeciam ao olhar para ele da forma que acontecia comigo, ou simplesmente quem era ele de verdade.

Senhor Collins voltou a olhar para mim e acariciou um dos meus seios. Suspirei quando ele o abocanhrou brevemente, chupando até o topo.

— Põe em mim — choraminguei sem nenhum pinga de vergonha quando percebi os seus lábios descendo pela minha barriga de novo.

De certo, só aquilo era bom demais, mas era apenas a cereja do bolo. O melhor ainda estava por vir. Notando que ele queria prolongar as carícias, toquei a perna dele até achar o que ele tinha pra me oferecer. Instantaneamente entendi o porquê das preliminares. Até as prostitutas deveriam estar preparadas para um pau como aquele. Ele retesou por um instante, mas logo deixou que eu continuasse. Acaricieei seu membro

rapidamente, como ele já estava com preservativo, não dava para fazer muita coisa naquele momento.

Puxei de leve até ele ficar encaixado entre as minhas pernas e o pressionei um pouquinho na entrada do meu sexo. Uma sensação extasiante tomou conta de mim só por aquele pequeno contato.

Meu cliente se endireitou e, olhando-me com cuidado, ele colocou a mão em cima do montinho carente, que na maioria das vezes era negligenciado, massageando-o, e entrou em mim vagarosamente como uma tortura lasciva. Cerrei os lábios para segurar um gemido sofrível, levantando os quadris para conseguir aconchegá-lo por inteiro. Senhor Collins retirou seu pau e fez o mesmo processo, conseguindo assim ir mais fundo.

Ele era grande. Incontestavelmente grande. Ainda assim, fez tudo para eu me sentir confortável.

Era assim que deveria ter sido a minha primeira vez, pensei.

Aos poucos ele foi aumentando a pressão até conseguir chegar ao meu limite e, julgando pelas suas feições, meu cliente estava impressionado.

— Será que eu consigo ir mais fundo nessa bocetinha gulosa? — comentou e eu tive certeza das minhas objeções.

Ele entrou e saiu de mim tão facilmente; os nossos corpos se encaixavam com perfeição e sintonia. Meus seios sensíveis recebiam as carícias dele enquanto eu enterrava os meus dedos nos seus braços vigorosos e o exaltava com os olhos, suplicando para que ele não parasse.

E ele não parou. Meteu cada vez mais rápido. Era insuportável me manter alheia àquelas investidas libidinosas. Por mais que eu tentasse, não conseguiria suportar por muito mais tempo. Afundei-me no colchão, sentindo um orgasmo avassalador me tomar, estremecendo da cabeça aos pés.

Passei a mexer o quadril para aumentar aquela sensação perfeita e também porque meu cliente estava muito próximo do clímax já que seus gemidos atingiram um nível agonizante.

— Gostosa pra caralho! Puta que pariu — ele disse com dificuldade, diminuindo o ritmo, sentindo cada milissegundo daquele insaciável prazer.

Ele deu uma última estocada e parou, explodindo dentro de mim com um gemido selvagem que fez meu corpo reacender e desejar fazer tudo de novo. Tive a breve impressão de que ele estava se livrando de um peso em suas costas, como se estivesse fazendo algo proibido e agora estava conformado com o ato de perversão. A sensação do gozo quente passando por mim através da camisinha era familiar e diferente das outras vezes, eu não estava aliviada por ter terminado, eu queria mais.

O homem pairou em cima de mim, respirando ofegante e extasiado, mas não demorou a se recompor. Ele capturou o meu olhar por um instante, estava sereno, contudo, eu já conseguia ver a sombra do homem inatingível que ele era.

Como se acordasse de um transe, o meu cliente desfez a nossa ligação e se levantou, indo em direção ao banheiro que ficava dentro do quarto.

Deixei minha cabeça cair fortemente na cama, pensando no que diabos acabara de acontecer.

Havia um formigamento progressivo em meu corpo; estava só começando. De maneira involuntária, eu passei a me tocar em lugares estratégicos para conseguir um pouco mais de prazer. Deliciei-me por um breve instante e contive-me, envergonhada, quando o cliente reapareceu na porta.

— Quanto tempo ainda tenho?

Não me dei ao trabalho de responder, apenas fui até a mesinha de cabeceira e retirei outro preservativo de lá, jogando para ele que ainda estava bem excitado. Nem sequer olhei no relógio. Fiz com que ele deitasse e praticamente me joguei em cima dele, montando-o como se ele fosse uma moto veloz. Masturbei seu pau brevemente para ele ficar no ponto de novo. Meu cliente agarrou o meu bumbum no mesmo instante, tentando ditar o ritmo. Segurei suas mãos na altura da cabeça e comecei a cavalgá-lo lentamente, procurando uma posição que nos desse mais prazer.

Balancei em cima dele, sem tê-lo por completo dentro de mim. Percorri as mãos pelo seu peitoral, acariciando, instigando. Quando senti que já estava relaxada o bastante, eu fui mais além. Apoiei nas pernas dele atrás de mim e testei a posição que eu sempre via nos filmes adultos que eu tomava

como ensinamento.

Levantei os quadris, porém o pau dele saiu de mim. *Tão grande, Senhor Collins!* Com um suspiro, meu cliente o reposicionou abaixo da minha abertura e eu sentei sobre ele, franzindo as sobrancelhas e soltando o ar aos poucos.

— Devagar — ele me advertiu.

Aquilo doeu um pouco, mas eu não desisti.

Levantei os quadris novamente, tentando não romper a penetração e consegui. Continuei fazendo aquilo. Já não havia mais dor e eu me permiti aumentar o ritmo. Mantive os meus olhos fechados e não tinha a menor ideia de como o meu cliente estava reagindo a minha atitude, uma vez que ele estava me pagando para fazer o que quisesse comigo e não o contrário.

Senti o clímax se aproximar como uma onda incontrollável, então comecei a subir e descer mais rápido, gemendo a cada vez que o tinha por completo dentro de mim, cutucando o ponto mais sensível do meu corpo. Em uma fração de segundos, eu já não conseguia perceber nada ao meu redor, só uma sensação de prazer que de tão grande me dava medo.

Agarrei fortemente na cabeceira da cama, sentindo os meus músculos se tencionarem em torno do pau dele, fazendo com que eu me rendesse para aproveitar aquele momento único.

Ainda com uma boa dose de satisfação correndo por minhas veias, eu agradei mentalmente por não ter que fingir mais um orgasmo.

Não me lembrava de alguma vez ter sentido prazer com um cliente. Ser prostituta era apenas um trabalho. Um trabalho sujo que eu odiava, mas ao mesmo tempo era o trabalho que me mantinha e às vezes, só às vezes, era divertido.

O meu cliente continuou a se mover dentro de mim. Os nossos gemidos se fundiram em uma sinfonia perfeita e extasiante. Com os olhos fixos nos meus, ele flexionou os joelhos para pegar a minha cintura e impulsionar o seu corpo contra o meu até achar a própria libertação.

Depois de saciados, não nos movemos, ficamos alguns minutos pele

contra pele, ainda inflamáveis. Só então o Senhor Collins se levantou e fez o que todo cliente fazia: vestiu as roupas e abriu a carteira.

Fechei os olhos, sabendo que mais um cliente saía satisfeito. Com o diferencial de que eu também estava.

— Devo esperá-lo na semana que vem? — indaguei, relaxando na cama.

— Eu volto amanhã.

Contente, disfarcei meu sorriso.

— Qual horário você prefere, Senhor Collins?

Ele colocou a gravata com maestria, mantendo a atenção no reflexo em frente ao espelho.

— O dia todo.

E, assim, ele foi embora.



CAPÍTULO 4

Peguei um pedaço de pizza na geladeira e coloquei na frigideira para esquentar. Eu não me lembrava quando tinha pedido ela, mas a cara ainda estava boa. Um micro-ondas ali fazia falta, contudo, eu me virava como podia.

Enquanto me alimentava, selecionei o contato dos meus clientes de sábado e enviei uma mensagem dizendo que eu não estaria na cidade nesse fim de semana. Nenhum deles me respondeu. No fundo, eu sabia que eles iriam procurar outras garotas, só que no momento aquilo não importava.

Voltei para o quarto e me despi para tomar banho. Eu estava exausta para dizer a verdade, mas sentia o meu corpo muito leve. Captei a minha imagem no espelho e analisei as minhas feições. Cabelos bagunçados, pele suada. Meus olhos estavam cobertos de maquiagem borrada, tirando o charme da cor castanho esverdeado deles. Mesmo assim, eu me sentia bem.

Minha visão caiu nas notas de dinheiro embaixo da caixinha de música que sequer funcionava. Conferi e percebi que o Senhor Collins me deixou mais do que deveria. Três notas de cem dólares, sendo que era para ser somente uma, já que ele ficou comigo apenas uma hora. Juntei o dinheiro e coloquei onde guardava toda a grana que recebia, em uma lata velha dentro do guarda-roupa. Talvez amanhã eu já tivesse o suficiente para pagar o aluguel.

Tomei o meu banho e, estranhamente, as reflexões sobre a vida não vieram, provavelmente porque em meus pensamentos só havia um certo

cliente de olhos azuis intensos e lábios prepotentes.



O alarme do celular me despertou de um sono sem sonhos ou pesadelos. Fiz ovos mexidos e me peguei pensando no meu cliente. De novo. Ele não avisou que horas viria e eu também não falei que horas meu expediente começaria.

Ele tinha meu número e eu não tinha o dele. Aquilo me preocupava. Se ele não viesse, eu perderia um dia inteiro de trabalho. De qualquer forma, aprontei-me. Tomei banho e sequei o meu cabelo, deixando-o mais liso do que no dia anterior. Dispensei o uso de lingerie, coloquei apenas um robe rosa de cetim e aguardei. Eram nove da manhã.

Vinte minutos mais tarde, a campainha tocou. Fui atender com uma pouco de receio de ser alguém que eu não estivesse esperando.

— Senhorita Tayla. — Um suspiro de alívio escapou dos meus lábios. Era ele.

— Senhor Collins — disse com um sorriso, tentando acalmar as batidas do meu coração.

O seu estilo era totalmente diferente do dia anterior. Ele usava um suéter liso de cor cinza escuro, as mangas foram puxadas para cima deixando os seus antebraços fortes à mostra. A calça jeans preta e o tênis conferiam-lhe um ar despojado.

Ele passou a língua sugestivamente pelos lábios e imagens da tarde passada bombardearam a minha mente. Fiquei ali parada feito uma tonta, desejando aquele homem de uma forma quase insuportável.

Não sabia exatamente o que dizer ou fazer com a visão esplendorosa daquele ser na minha frente. Não deveria ser assim, uma prostituta tinha que saber o que fazer quando um cliente chegasse. A verdade era que eu gostaria de saber interpretá-lo, assim como ele fazia comigo o tempo todo, para tentar descobrir do que ele gostava e agradá-lo melhor. Eu não conhecia o meu cliente. Bem, obviamente não deveria conhecer mesmo, mas eu queria tanto.

Deixei as reflexões de lado e fiz a coisa mais óbvia quando percebi que ele se aproximava. Retirei o robe da maneira mais sedutora que consegui quando tinha certeza de que estava na mira do seu olhar. Percebi que ele dava passos lentos e graciosos para me alcançar. Mantive meus olhos abaixados como um jeito de demonstrar que ele tinha permissão para fazer o que quisesse comigo.

Um par de segundos depois, eu senti sua mão em meu queixo, forçando-me a olhá-lo. O que eu via em seus olhos era um mar azul obscuro no qual, se eu não tomasse cuidado, poderia me afogar. Senhor Collins me passava uma sensação de calma, mas que de repente se transformava em tormenta. Uma completa loucura.

— Você parece mais retida que ontem... — a sua voz grave me fez estremecer. Balancei a cabeça, negando a sua afirmação.

— Impressão sua. — Corri minhas mãos para dentro do suéter dele, recebendo uma reação instantânea. — Algum problema?

— Nenhum, só queria ter certeza que não estou aqui para fazer algo que você não queira.

Era assim que eu me sentia com os outros clientes, mas não com ele. Apesar de tudo, aquilo me pegou desprevenida. Quem se importava com as vontades de uma prostituta?

De alguma maneira não compreendida, ele me deixava vulnerável, transpondo barreiras que ninguém jamais chegou perto. Às vezes, eu conseguia ver no reflexo de seus olhos uma garota inocente, a garota que eu costumava ser.

Senhor Collins chegou ainda mais perto e fixou os olhos na minha boca. Lutei para não levantar a cabeça e fazer nossos lábios finalmente se encontrarem, mas aquele era um limite que eu não podia ultrapassar. Já bastava a maluquice de ontem. Tive sorte dele ter voltado.

Minhas mãos, que estavam no peitoral dele, foram descendo lentamente até a barriga e pouco abaixo dela. Ele contraiu o abdômen de excitação enquanto contornava as curvas do meu bumbum, brincando, espremendo-os com a mão. Desabotoei sua calça e a descí até o meio de suas

coxas. O brilho de agrado nos olhos do meu cliente demonstrava que eu estava no caminho certo.

Inesperadamente, ele me ergueu do chão como se eu não pesasse muito e me empurrou para a parede mais próxima. Com uma obsessão tremenda, ele se enterrou em mim ali mesmo.

Rápido. Furioso. Inconsequente.

Aquele homem me possuiu de forma bruta e aquilo elevava ainda mais o meu desejo. Gritei, arranhando suas costas, flexionando o meu quadril a medida que ele afundava no meu sexo. Não importava o quão rápido e forte ele fazia aquilo, nunca era o suficiente.

No meio daquela loucura toda, a minha audição focou em uma batida ritmada. Uma olhadinha para o lado e me dei conta de que havia um quadro na parede que batia sempre que ele pressionava o seu pau em mim. De fato, a parede parecia que ia ruir com a força física exercida sobre ela.

Voltei a atenção para o monumento de homem que me fodia numa superfície vertical. Aquilo era selvageria e, naquele dia, eu percebi que eu gostava de selvageria.

Eu sentia as mãos do meu cliente deslizando pelo meu bumbum por causa do suor, porém ele não parava. Ele só tinha um objetivo, que era ter o seu pau enfiado em mim o maior tempo possível. Por outro lado, tudo o que eu desejava desde o momento em que ele foi embora no dia anterior era que ele me revirasse por dentro de novo.

— Você me fode tão... tão gostoso — falei com a voz entrecortada. Eu queria que ele ficasse ciente do furor que me causava.

— É? — ele perguntou, mas soou mais como um gemido. — Eu posso tentar fazer melhor?

Um sorriso se formou na minha boca, assenti com a cabeça.

Meu cliente abriu mais as minhas pernas e as levantou de forma que elas ficassem penduradas em seus braços. Ele me penetrou agora com menos intensidade, saboreando cada arremetida. Mapeando dentro de mim. Cada vez que ele me tocava lá era como atijar a força de um vulcão.

Sem tirar os olhos de mim para admirar o quão entregue eu estava, ele foi aumentando o ritmo gradativamente até nossos corpos assumirem um sincronismo perfeito. Com as mãos, ele puxava o meu quadril em direção a sua ereção, controlando suas investidas.

O rosto suado e apreensivo dele me fez sentir presunçosa. Aquilo estava sendo causado por mim.

— Estou quase lá. Quero que você goze junto comigo, Tayla — ordenou. — Quando você quiser! — avisou, colocando o controle do nosso melhor momento em minhas mãos.

— Então, por favor, mais rápido! — pedi ensandecida, tentando me mexer junto com ele.

O choque entre nossos corpos ficou ainda mais veloz enquanto eu sentia os músculos dele se retraírem, dando uma dica de que ele não aguentaria por muito mais tempo.

Percebi o clímax querer me tocar, uma onda elétrica de prazer tomou o meu corpo, aquilo foi o suficiente pra eu me contrair toda e me deleitar naquele orgasmo perfeito.

— Ah, meu Deus! — gritou, jorrando dentro de mim enquanto o meu corpo convulsionava de prazer.

Foi só naquele momento que percebi que não havíamos nos prevenido. Gravidez não era o problema, pois eu tomava anticoncepcional, no entanto, ele não se preocupou se eu teria algum tipo de doença sexualmente transmissível. Mesmo assim, eu estava disposta a fazer exames para mostrá-lo que eu era saudável.

Senhor Collins abaixou as minhas pernas e depois me colocou no chão quando os espasmos diminuíram. Perdi o equilíbrio quando senti meus pés tocarem o piso, minhas pernas tinham perdido a força. Imediatamente reparei que o meu cliente me envolveu em seus braços antes de me pegar no colo e me levar para a cama.

Instantes depois, apreciei a maciez do colchão abaixo de mim e tive as mãos dele massageando os meus músculos ainda tensos.

Tentei deter meus pensamentos, em vão, pois naquele momento só conseguia me fazer uma pergunta:

Quem é esse homem?



CAPÍTULO 5

Coloquei o último pedaço de *nacho* na boca e fechei os olhos para apreciar o sabor do cheddar derretendo. Aquele era o meu prato mexicano predileto, mas não era sempre que eu podia me dar ao luxo de comer.

Eu estava sentada no chão da sala ao redor da mesinha, usando um roupão felpudo. Senhor Collins estava no meu sofá, usando apenas cueca e o seu Rolex Submariner. Ele havia acabado a refeição já há algum tempo e mexia no celular concentradamente.

Com o excesso de calorias gastos logo pela manhã, não demorou muito pra nossas barrigas roncarem. Pedir *delivery* de comida tinha sido ideia dele, mas a comida mexicana foi ideia minha.

O telefone do meu cliente tocou pela terceira vez seguida e ele nem ao menos demonstrou vontade de atender. Provavelmente tinha coisas melhores para fazer num sábado à tarde, mas estava ali comigo.

Ele digitava no celular sem se dar conta de que não estava sozinho na sala. Havia um clima estranho entre a gente que não estava ali antes. Como se o que estávamos fazendo não fosse certo.

Peguei as embalagens de comida em cima da mesinha e levei para a cozinha. Voltei para a sala e me sentei no mesmo lugar. Após longos minutos de um silêncio insuportável, eu tentei quebrar o gelo.

— Você precisa ir embora? — não consegui conter minha língua e pronunciei os meus pensamentos.

— Não, só estou resolvendo algumas coisas. — Ele tirou os olhos do aparelho e olhou-me de soslaio. — Você quer que eu vá embora?

— Não. — *Claro que não!* — Eu só me pergunto se você não tem lugares melhores para estar agora.

Com lugares melhores eu me referia a própria casa dele, com a própria família. Esposa, filhos e tudo mais. Noventa e nove por cento dos meus clientes eram casados; seria muito ingenuidade minha achar que Senhor Collins era solteiro.

Ele deixou o celular de lado e suspirou, olhando-me no chão.

— Sabe de uma coisa, Tayla, pela primeira vez na vida, eu estou exatamente onde eu queria estar.

Pisquei algumas vezes antes de soltar um suspiro um tanto assustada, um tanto encantada. Ele desencostou do sofá e fez um gesto com o dedo para eu me aproximar. Engatinhei até ele e ajoelhei entre as suas pernas.

— Você parece ter gostado do que eu disse. O que pretende fazer a respeito?

— Bem, eu pretendo fazer isso tudo valer a pena — falei, subindo as mãos por suas pernas.

Enganchei meus dedos no cós da cueca dele e puxei-a até as pernas. Agarrei o seu pau sem o menor pudor e ele endureceu instantaneamente em minhas mãos. Admirei por algum tempo o seu membro e olhei para o meu cliente com um sorrisinho pretensioso. Ao captar minha expressão devassa, o rosto dele se iluminou, mas não o suficiente para sorrir. Distribuí beijos delicados no meio de suas coxas, fazendo-o retesar, e mantive um ritmo firme masturbando-o com as mãos.

As mãos do meu cliente já estavam no meu cabelo, orientando-me para que eu o saboreasse com a boca agora. Ele respirava pesadamente em expectativa.

— Tira isso... Não gosto de te ver tão coberta — sua voz estava transbordando desejo e autoritarismo.

Me afastei para tirar o roupão e quando voltei, ele estava com o corpo

na beirada do sofá. Apoiei minhas mãos nas pernas dele e fui lambendo maliciosa e delicadamente a lateral do seu pau que estava completamente ereto, apontando para a barriga. Parti para a cabeça e abocanhei de uma vez só. Ele suspirou alto, mas eu não peguei leve. Com uma mão, comecei a acariciar o escroto, para logo depois meus lábios cobrirem cada centímetro de sua pele sensível.

As mãos dele se emaranharam no meu cabelo novamente, guiando-me conforme a sua vontade. Capturei com a língua o líquido perolado que saiu do seu membro pulsante em minhas mãos. Depois envolvi-o com minha boca novamente, aquilo fez com que Senhor Collins se encostasse no sofá com os braços apoiando a cabeça e deixasse que seus gemidos de prazer chegassem até mim.

— Sua boca... Meu Deus, Tayla... Assim.

Tire Deus disso, Sr. Collins.

Vê-lo excitado me excitava. Senti meus mamilos endurecerem e a minha abertura faminta, implorando por atenção. Deliciei-me mais uma vez com o gosto do meu cliente, indo o mais fundo que conseguia. As mãos dele agarraram a manta em cima do sofá e o corpo parecia querer perder o controle.

— Continua desse jeito.

Fiz o mesmo procedimento repetidas vezes, levando a minha mão esquerda até a minha intimidade molhada para conseguir aliviar minha tensão. Gemi com o pau dele na boca, mal podia esperar para me divertir com ele o restante daquele dia. Continuei com movimentos rápidos e regulares, apertando-o em minhas mãos e em seguida chupando a cabeça de seu pau.

Ele estava prestes a chegar lá.

— Engole ou cospe, Senhor Collins? — Levantei uma sobrancelha. — Ou você prefere ver a sua porra na minha cara? — perguntei sem parar os movimentos com a mão.

O homem se desencostou do sofá e olhou-me em descrença. Sabia que ele não esperava ouvir aquilo de mim, mas nessa profissão eu já havia feito quase tudo para satisfazer os clientes. Aquele fetiche não era novidade pra

mim.

Aguardei ele processar a informação e voltei a saboreá-lo com a boca em um ritmo frenético e incansável sem desviar os olhos dele. Pouco depois ele tirou a minha mão e assumiu o ritmo das carícias, levantou-se e eu sentei em cima das pernas.

Fechei meus olhos quando Senhor Collins fez chover sobre mim.



Acordei com um frio ameno passando pelo meu corpo. Apalpei a cama procurando pelo meu cobertor e não o achei. Ao abrir os olhos, percebi que não estava sozinha. Senhor Collins estava sentado nos pés da cama me observando. Questionei-me que horas eram e se ele já não deveria ter ido embora.

— Você dormiu agora na parte da tarde. — Explicou. Peguei meu celular em cima da mesinha de cabeceira e conferi as horas. Eram sete da noite e eu achava que já era madrugada. Típico. — Eu estava esperando você acordar — continuou ele, levantando-se e vindo na minha direção, já vestido para ir embora.

— Você podia ter me acordado.

— Eu não cometeria esse pecado. Você dormia tão bem. — Levantei-me para pegar um robe. — Aqui está o seu pagamento. — Ele largou um envelope em cima da cama. — O pagamento de hoje e o de amanhã.

— Então amanhã você vai voltar? — perguntei sorrindo feito uma adolescente apaixonada.

— Não, amanhã eu não venho. Não posso. — Meu sorriso logo se desfez.

— Eu não estou entendendo.

Ele se afastou um pouco.

— Quero que você tire o domingo de folga. Na segunda vou tentar ver o que eu faço sobre tudo isso.

As coisas ainda não ficaram claras.

— O que você faz sobre o quê, Senhor Collins? — perguntei ainda confusa.

Ele olhou pra cima e soltou o ar lentamente, suas mãos distraidamente enfiadas nos bolsos da calça.

— É que... eu fico louco a cada vez que imagino outro homem te tocando — respondeu, tentando assimilar o que acabou de dizer.

Abri a boca para falar algo, mas a fechei sem pronunciar uma palavra. Eu simplesmente não sabia o que dizer.



CAPÍTULO 6

O domingo chegou trazendo consigo um clima ensolarado bem comum no estado da Califórnia. Acordei tarde, já que no dia anterior eu havia decidido que aceitaria a folga proporcionada pelo Senhor Collins.

Antes de levantar, refleti sobre o que aquela conversa com ele significava. Ele claramente não sabia o que estava dizendo, agiu por impulso. Eu, por outro lado, não sabia quase nada sobre ele, só que era um cliente bom e generoso, além de ser lindo e incrivelmente gostoso. Minha pele arrepiou só de pensar no dia de ontem.

Saí do banheiro com a pele os dentes brilhando. Apanhei uma calça jeans e um *body* branco dentro do guarda-roupa e vesti. Hoje eu sairia para fazer compras e alguns pagamentos. Eu não costumava sair muito de casa. Primeiro, porque eu atendia no meu apartamento e, segundo, porque sempre encontrava um cliente nas esquinas do bairro.

Fui para fora, trancando a porta que precisava de um pequeno truque para a chave não emperrar. No fim do corredor, avistei Bella se despedindo de um cliente. Ela apressou a despedida ao me ver. Quando passei por sua porta, ela me deu uma boa olhada e abriu o seu sorriso amarelo de cigarro.

— Cliente rico, né, safada? — o tom dela era debochado, porém divertido.

Segundo ela, eu só saía de casa quando fazia programa para algum cliente cheio da grana. Sorri de volta.

— Bom dia pra você também, Bella — devolvi no mesmo tom que ela havia usado. Eu era do tipo que não queria inimizades, mas também não saía distribuindo confiança.

Desci as escadas em direção ao hall da recepção do prédio. O local era digno desses lugares bem emporcalhados. Piso bege encardido, balcão improvisado e bêbados na calçada. Chamei por Juan na recepção, o dono do edifício. Ele desceu minutos depois e a primeira coisa que fez foi me cobrar. Como das últimas vezes, aguardei ele terminar o sermão, surpreendendo-me por ele saber tantas formas diferentes de cobrar a mesma pessoa.

Coloquei o montante de notas no balcão e empurrei na direção dele. O dinheiro já estava contado. Esperei ele conferir e reclamar como eu sabia que faria.

— Você está me pagando dois meses de aluguel, mas você ainda me deve mais dois meses.

— Eu sei disso. — Observei a pele suada dele, o cabelo oleoso e a falta de dentes em sua boca. Agradei mentalmente por nunca ter aceitado ir para a cama com ele em troca de desconto na mensalidade.

Girei meus saltos no piso descascado e voltei-me para a saída ciente de que Juan estava secando minha bunda. Retirei meus óculos escuros da bolsa na expectativa de passar despercebida e caminhei pelas ruas do bairro. O meu destino era a *Ross Dress for Less*, loja de departamentos que prometia preços baixos. Bloomingdale's, Armani e Macy's eram o meu sonho de consumo, mas aquelas eram lojas cujo preço das peças não cabia no meu bolso. Uma simples calcinha me custaria dias de trabalho árduo. Por sorte, a Ross ficava a quatro quarteirões do meu apartamento.

Tenderloin, mesmo estando no coração de São Francisco, era há muito tempo um bairro criminalizado; não era incomum avistarmos viciados e mendigos nas ruas. Tirando isso, na minha visão, o bairro abrigava pessoas honestas e trabalhadoras que não tiveram a mesma sorte na vida que os outros moradores da cidade.

Entrei na Rua Markett e fui direto para a Ross. Comecei a garimpar as melhores peças de acordo com as minhas maiores necessidades no momento: calcinhas, calcinhas e calcinhas. Eu e minha habilidade de perder calcinhas.

Não tinha culpa se aquelas danadas pareciam ter pernas e sumiam por conta própria.

A andança me causou queimação nos pés, mas segui firme em cima do salto.

Saindo da sessão de *lingerie*, deparei-me com um ex-cliente abraçado a sua esposa e seus dois filhos. Ele fingiu que não me viu, mas a esposa me lançou um sorriso simpático. Coitada, se ao menos soubesse o que eu e o marido dela fazíamos.

Deus, o que eu não daria para não estar naquela situação.

Eu via como as pessoas me olhavam; pra elas era como se tivesse uma faixa na minha testa escrito “PUTA”. Ainda assim, eu me perguntava: “Quem são essas pessoas para me julgar? Elas são perfeitas?”. Eu sabia que os seus pecados eram menos graves que os meus, mas continuavam sendo pecadores.

Aqueles pensamentos vieram para me fazer lembrar por que eu odiava sair de casa. A cada passo, cada olhar torto era como uma expiação silenciosa.

Deixei a loja e encaminhei-me para um mercadinho perto do prédio. Pretendia comprar comida congelada, o meu talento como cozinheira era bem limitado. O trânsito estava calmo por ser domingo. Atravessei a rua após o Muni – ônibus do transporte coletivo – passar. Ele soltou uma leve camada de fumaça, mas o que me chamou atenção foi o anúncio no *outdoor* da Rua Ellis com a Stockton. Um homem de olhos azuis hipnotizantes, com os braços cruzados em posição de poder. Era um anúncio da próxima Revista *Times* seguido da frase: “Dion Volkmann, o homem do ano”.

Apoiei-me em um poste ao perceber que as minhas pernas queriam me trair. Fechei meus olhos e esfreguei a cara, mas a visão não se desfez.

Ali estava ele. Os mesmos olhos profundamente azuis. Os mesmos lábios prepotentes.

Dion era o nome pelo qual as pessoas o chamavam, no entanto eu o conhecia como Senhor Collins.



CAPÍTULO 7

— Sr. Volkmann, é o Dr. Jones na linha 1.

— Obrigado, Stacy. — A secretária repassou a chamada e eu já sabia do que se tratava a ligação do meu advogado.

— Dion, tudo bem? Só liguei para te lembrar da audiência de divórcio.

Como se eu fosse esquecer.

Encostei-me na cadeira, pensando na segunda-feira pesada que eu ainda teria pela frente.

— Eu estou ciente da audiência. Só você sabe o quanto eu esperei ansiosamente por ela, então não, eu não esqueci.

— Entendo, cara, mas como seu advogado eu preciso te orientar da melhor maneira e como seu melhor amigo eu queria que você pensasse melhor sobre esse assunto — percebi a voz dele diferente, fingida talvez.

A sessão de aconselhamento de Andrew Jones começou cedo hoje, peguei-me a pensar. Minha respiração estava audível para que ele percebesse que a minha paciência estava na porra de um fio.

— Pensar sobre o que exatamente, Andrew?

— Sobre toda essa coisa de separação. A dor de cabeça que dá... — ele novamente deu um tom dramático em sua voz e até aquele momento não entendi se era real ou brincadeira daquele puto.

— Quantas vezes eu vou ter que te falar que essa foi uma decisão

conjunta entre Amber e eu? Você devia saber que esse é o ponto em que todo relacionamento chega um dia. O nosso foi depois de cinco anos. Os quatros primeiros foram razoáveis, mas o último foi basicamente um inferno — repeti a ladainha que ele já estava cansado de saber. — E que *merda* você quer dizer com “a dor de cabeça que dá”? Que eu saiba, é só eu assinar um papel para voltar a ser solteiro, ou você mentiu pra mim?

Era a minha ira que você queria, Andrew Jones?

— Droga, cara — rebelou-se. — Foi tudo por causa daquele assunto do bebê?

— Não, foi apenas a gota d’água — fiz uma pausa. — Achei que soubesse disso.

Eu realmente queria que Amber tivesse me dado um herdeiro. Infelizmente, não deu certo. Éramos incompatíveis até naquilo. Perguntei-me se uma criança teria salvado nosso casamento.

Não. Provavelmente nem isso.

— Não sei, Dion... Você parece incomodado com essa situação toda — Andrew insistiu.

— E porque eu não estaria? — suspirei, percebendo o quanto aquele assunto me deixava irritado. — Só quero acabar com isso o mais rápido possível. Você não sabe o quão estressante é o fim de um casamento.

— Não sei mesmo, porém eu tenho certeza que um divórcio é mais complicado.

— É claro que não sabe, Andrew. Você vai fazer quarenta anos e nunca se casou. — Ele gargalhou do outro lado da linha.

Levantei-me, trazendo o telefone sem fio comigo, e fui em direção à janela de vidro que tomava toda a parede da sala. Ao longe, eu conseguia ver a ponte Golden Gate reluzindo a luz do sol.

— Antes da audiência, venha me encontrar para acertarmos os detalhes.

— Certo — concordei, aliviado em saber que ele desistiu daquela conversa. — E sobre aquele outro assunto?

— Sobre a garota de Tenderloin?

Eu evitava ao máximo, mas a cada segundo a visão de Tayla invadia a minha mente. Tinha sido assim desde sexta. Hoje já era segunda e a coisa só piorava. Se eu fechasse os olhos, eu sentiria o cheiro de seus cabelos e os gemidos que tanto ouvi no fim de semana.

Provavelmente eu estava há muito tempo sem sexo. Tempo o suficiente para me viciar na primeira buceta que encontrei. Na verdade, foi Andrew que me deu a ideia. Depois dele insistir por algumas semanas, eu finalmente aceitei me divertir com uma profissional. Por isso, estranhei a conversa dele de que “divórcio dá muito trabalho”.

— Você sabe que sim — retruquei.

— Bem — ouvi um folhear de papel ao fundo —, não achei muita coisa sobre ela. Vamos ver, ela mentiu sobre o nome, a idade... É uma mentirosa nata!

— Qual é a idade dela? — perguntei alarmado.

— Vinte e dois anos de puro mistério e falsidade.

Merda. Vinte e dois era um limite que eu não cruzaria se fosse sensato, mas abriria uma exceção daquela vez.

— Eu já entendi que você não gostou dela — comentei o óbvio.

— Não é que eu não gostei dela, só não gostei do que ela é — defendeu-se.

— Que é praticamente a mesma coisa.

— Dion, eu te passei o número dela para você ir até lá e descarregar a tensão. Um dia seria o suficiente, mas você já viu ela por dois dias e agora, do nada, quer contratá-la só para você — respirou. — Cara, vai com calma. Tire um tempo e se divirta. Há muitas mulheres disponíveis aqui em São Francisco.

— É por isso que contratá-la seria perfeito. Eu não quero um relacionamento sério tão cedo. Tayla, como uma prostituta, pode muito bem suprir as minhas necessidades sozinha, sem que eu tenha que me preocupar em levá-la para jantar e ter discussões mesquinhas de casal.

— Tudo bem, não sou eu quem vai te dizer o que fazer. Acontece que eu estou olhando aqui na minha bola de cristal e vou te falar que essa merda não vai dar certo. Eu não me envolveria com uma prostituta, mas já que você quer...

— Eu sei o que estou fazendo. Apenas me mande essas informações e redija o contrato que eu te pedi. Quero resolver isso ainda hoje.

Eu estava desesperadamente ansioso para estar dentro dela novamente. Não iria dar a chance de outro cara obter o que eu tive no fim de semana. A única certeza que eu tinha era que não descansaria até ter aquela mulher inteiramente pra mim.



A audiência de divórcio foi um processo rápido. A decisão tinha sido tomada de forma amigável. Não havia partilha de bens, nem filhos menores.

Uma conversa fiada com a minha ex-esposa no final, com um nível de diálogo simplório para selar a melhor escolha de nossas vidas. Muita educação quando, na verdade, não dávamos a mínima um pro outro. Isso quando estávamos de bom humor. Se estivéssemos em um dia ruim, os nossos diálogos seriam rebaixados a ofensas gratuitas.

Enfim, não se podia salvar um casamento quando nenhuma das partes queria vê-lo salvo.

Chegando ao escritório, a primeira coisa que fiz foi verificar o meu e-mail. Busquei pelo nome de Andrew e encontrei uma correspondência recente. O assunto do e-mail era “Garota de Tenderloin”.

Rolei a página para conferir todas as informações: Ava, 22 anos, órfã, solteira. Colegial completo. Natural de Millis, Massachusetts. Peguei-me pensando em como uma garota tão jovem saiu do outro lado do país para chegar até ali sozinha. Aquilo não fazia muito sentido pra mim.

Tentei me concentrar nos meus afazeres, mas eu estava completamente intrigado na história de Tayla, ou melhor, na falta de história dela. Não havia muito sobre ela e o pouco que tinha deixava mais dúvidas do que respostas.



— Aqui está o contrato. — Peguei o documento e abri-o em minhas mãos. Depois de um divórcio e duas videoconferências com empresários turrões, eu estava quase esgotado. — Vou até Tenderloin fazer a proposta. Você sabe que eu nunca fui naquele bairro. Se me acontecer alguma coisa...

— Você não vai sozinho, eu também vou — levantei e peguei meu paletó estendido na cadeira.

— Tem certeza? E se ela estiver com cliente? — Parei o que estava fazendo e olhei para Andrew, ele estava realmente obstinado em acabar com o meu dia.

— Não vai — respondi tentando parecer confiante, mas na verdade eu não tinha toda aquela certeza.

— Que legal, vamos para Tenderloin atrás do filé mignon que agradou o grande Dion Volkmann! — tirou sarro do fato de “Tenderloin” significar “filé mignon”, literalmente. — Ou seria o grande “Senhor Collins”?

Arrependi-me completamente de ter dado alguns detalhes sobre os meus encontros com Tayla para ele.

— Andrew, vai se foder. Sério, vai-se-foder! — Ele riu alto enquanto deixávamos a minha sala.



Estacionei o carro em frente a uma construção antiga, o prédio de Tayla. O jovem que “cuidou” do meu carro das outras vezes estava encostado na coluna de uma loja; quando ele me reconheceu, veio até mim. Andrew estremeceu ao meu lado; tive a certeza de que ele achou que seríamos assaltados ou algo do tipo.

— O mesmo de sempre, doutor? — o garoto magricela perguntou.

Confirmei com a cabeça e acionei o alarme do carro.

Entramos no prédio e não havia ninguém na recepção. Subimos as escadas, com Andrew resmungando a cada degrau. Se tudo desse certo, eu também não precisaria voltar ali. O local era no mínimo desagradável. O cheiro de bebidas e cigarros já estava impregnado no ar.

— Da próxima vez, me lembre de te arranjar uma prostituta na Marina District. — Meu rosto queimou e minhas mãos se fecharam em punho.

Era uma sensação realmente estranha que eu sentia toda vez que Andrew chamava Tayla de prostituta. Era o que ela era, mas eu continuava não gostando.

— É aqui — falei, utilizando todo o meu autocontrole para não socar a cara do meu amigo.

Bati na porta, aguardei algum tempo, mas não houve retorno. Bati novamente com mais força.

Minhas mãos suaram quando vi Andrew colar o ouvido na porta.

— O que está fazendo? — Ele levantou uma mão pedindo pra eu esperar.

— Estou tentando ouvir gemidos.

Não, aquilo já era demais. Peguei Andrew pelo colarinho e presei-o contra a parede.

— Olha aqui, se você a desrespeitar mais uma vez, eu vou te ensinar da pior maneira que não é legal me desafiar.

— Qual é, cara, eu estava só brincando — minha consciência pesou instantaneamente. Era a cara de Andrew fazer brincadeiras do tipo.

Que merda deu em mim?

A porta ao lado se abriu e eu larguei Andrew rapidamente. Tayla apareceu vestida com roupa de ginástica e fones de ouvido pendurados no pescoço.

— Senhor Collins? — ela me olhou surpresa, mas de uma forma diferente das outras vezes.



CAPÍTULO 8

Eu não poderia estar mais assustada recebendo a visita do meu cliente em uma segunda-feira dedicada à faxina, muito menos com ele ameaçando um cara na parede do meu apartamento.

— Preciso conversar com você sobre um assunto um pouco sério. Este é Andrew Jones, meu advogado. Podemos entrar? — Analisei o homem ao lado dele, parecia querer estar em qualquer outro lugar que não fosse ali.

— Claro. Eu estava prestes a terminar a arrumação do apartamento — fui em direção à cozinha, fazendo com que eles me acompanhassem; era o único lugar que estava totalmente organizado. — Devo oferecer-lhes um café ou algo assim? — fiz a pergunta direcionada ao meu cliente.

Ele manteve seus olhos em mim de forma maliciosa. Estava magnífico em um terno azul marinho com abotoaduras de ouro. A visão daquele homem era algo impressionante, ele me hipnotizava vestido daquela forma e enlouquecia o meu corpo causando curto circuito em todos os lugares possíveis.

— Não, estamos bem. — Meneei a cabeça e pedi que eles se sentassem à mesa. Eu permaneci em pé.

— Então... sou toda ouvido — informei.

O homem de cara fechada ao lado do meu cliente se aprumou e a garganta dele fez alarde como se procurasse o tom certo.

— Senhorita Banks, eu venho apresentar-lhe uma proposta que foi

solicitada pelo meu cliente — o advogado falou, retirando alguns papéis de dentro da pasta que estava carregando, junto com uma caneta. — Este documento é um contrato que propõe exclusividade e confidencialidade — levantei uma sobrancelha ao ouvir a palavra “contrato”. — Assinando, você concorda em limitar os seus *serviços* somente ao meu cliente e não poderá contar sobre a relação de vocês para ninguém.

Olhei para o Senhor Collins ainda com as sobrancelhas franzidas depois desviei o olhar.

Ele me queria só pra ele. Era isso?

Comecei a balançar o meu pé velozmente de ansiedade. Eu sabia o que era um contrato de exclusividade, inclusive já tinha recebido algumas propostas, mas nunca por um homem que tinha passado apenas um fim de semana comigo.

Desci dos meus devaneios quando percebi que os dois homens sentados à minha mesa aguardavam uma resposta.

— Não é só isso. Você receberá uma mesada mensal e uma nova moradia — meu cliente olhou para o advogado e este continuou como se estivesse sendo obrigado. — E tudo aquilo que a senhorita desejar.

— O quê? — minha voz saiu mais estridente que o necessário. Aquele foi o meu jeito de demonstrar incômodo com a proposta.

— Andrew, deixe-nos a sós — Collins falou para o advogado e eu me virei em direção a pia. Respirei fundo, mas aquilo não facilitou muito. Quando ele me deixou no sábado dizendo que precisava fazer alguma coisa sobre nós, eu não imaginava que fosse aquilo.

— Ava — assustei-me por escutá-lo me chamar pelo meu nome. Ignorei-o e fui pegar o contrato em cima da mesa. Li as informações iniciais de forma não tão calma como eu gostaria.

“Partes envolvidas: Ava Christine Banks e Dion Alexander Volkmann”.

Estremeci com a confirmação de que ele era realmente Dion Volkmann, CEO do maior banco da América. *Deus!* Bufei, sentindo a

atmosfera abafada. Eu já nem me recordava do *outdoor*; havia acordado achando que fora tudo um sonho ou invenção da minha cabeça. A ideia de ter um homem como ele na minha cama era totalmente absurda.

Engoli a seco com os detalhes surgindo em minha frente. Todas as minhas informações pessoais estavam naquele papel.

— Então você — fiz uma pausa raciocinando o que eu diria — pediu para que o seu advogado revirasse a minha vida inteira? Eu não me lembro de ter te dado permissão pra isso.

Eu não gostava do meu passado. Mais do que isso, eu odiava ter que me lembrar de tudo o que eu havia passado pra chegar até ali. Não queria que Sr. Collins soubesse como era a minha vida antes da Califórnia, eu não precisava que ele tivesse pena de mim.

Lutei contra a minha vontade crescente de desabar em lágrimas. Falar sobre o ontem era sempre um teste psicológico.

Vi Dion – *eu já podia chamá-lo assim?* – colocar as mãos no bolso da calça e abaixar a cabeça. Aquele era um gesto que ele fazia sempre que baixava a guarda. Ele praticamente demonstrou naquele instante que sabia que não deveria ter feito o que fez.

— Eu sei que deveria ter te avisado antes, mas eu não queria que você voltasse a ter essa vida.

— Porque você se importa? — rebati.

— Porque você não gosta de viver assim. Percebi isso no primeiro dia que te vi.

— Mas eu gostaria de viver assim só pra você? É isso que quer dizer? — cruzei os braços, tentando entender o que se passava na cabeça daquele homem.

Ele não respondeu, parecia ter ficado envergonhado.

— Vou ser sincero — aproximou-se devagar, deixando-me na defensiva. — Eu disse que não gostaria nem de imaginar outro homem tocando da forma que eu te toco. — Peguei-me olhando para os seus olhos e não consegui mais me desvencilhar daquele labirinto azul. — Ava, eu te

quero só pra mim. Se é que isso ainda não ficou claro. E, se você é tão inteligente quanto eu acho que é, já deve ter percebido que você é minha desde que abriu a porta pra mim na sexta passada.

Minhas pernas fraquejaram, tentei sair de perto, mas não consegui. Não consegui porque eu não queria sair de perto dele. Fechei os olhos, sentindo-me mentalmente confusa.

— Me deixe pensar sobre isso — falei, enrolando o documento em minhas mãos.

— Perfeito. Eu não deixaria você assinar sem ler o contrato todo. Se não estiver de acordo com algo, pode me ligar no número atrás da folha. Quando tomar sua decisão final, também pode me falar por telefone e eu farei o que você quiser que eu faça. — Balancei a cabeça concordando.

Não demorou muito para ele se despedir e eu escutar a porta se fechando. Fiquei algum tempo encarando o nada, tentando absorver tudo o que tinha acabado de acontecer.



Terminei meus afazeres e mergulhei de cabeça nas cláusulas do contrato, com o celular em mãos para tirar qualquer dúvida jurídica. Li algumas coisas em voz alta para melhorar o entendimento e descobri algumas informações sobre o meu, até então, Senhor Collins.

30 anos. Divorciado.

Bom, pelo menos ele não é casado.

Alguma coisa dentro de mim se iluminou, porque antes eu tinha quase certeza de que ele era comprometido.

Abri a busca no celular e digitei o nome dele. Senti uma apreensão incomum, como se eu pudesse ser pega bisbilhotando a vida do meu cliente. As primeiras notícias que apareceram eram sobre divórcio. A ex se chamava Amber e era uma loira belíssima e elegante. Eles eram um casal perfeito. Estremeci quando vi que a notícia tinha a data de hoje.

“Dion e Amber Volkmann se divorciam após suspeitas de separação. Fontes alegam que o casal sofria com incompatibilidade há quase um ano”.

Mas o quê?!

Ele se divorciou hoje e no mesmo dia me apresentou um contrato de exclusividade. Não sabia direito o que pensar sobre aquilo. Larguei os papéis e o celular em cima da cama e deitei olhando o teto.

O toque do lençol me remeteu ao toque dele, inundando a minha mente de cenas inapropriadas. Minha pele coçava por não o sentir perto. Eu estava encrencada.

Preciso parar de pensar nesse homem.

Mentalizei aquela frase três vezes.

Senhor Collins ou Senhor Volkmann, que seja. Eu precisava tirá-lo da minha cabeça. Aceitar a proposta dele seria a mesma coisa que aceitar um grande e gordo pacote de problemas.



CAPÍTULO 9

A terça-feira chegou e eu não conseguia parar de pensar no maldito contrato. Tentava me convencer de todas as formas que eu não queria aceitá-lo.

Quem estou tentando enganar?

Eram quase nove da manhã. O horário das dez horas de toda terça-feira era reservado para Harry, outro cliente fixo. Estiquei o corpo na cama, desanimada só de pensar na barriga avantajada dele encostando em mim ou em fingir que o seu pau minúsculo estava me dando prazer. No entanto, ele me pagava bem já que nem a Bella queria atendê-lo. Uma prostituta não podia escolher os próprios clientes, pelo menos uma que queira sobreviver.

Tomei banho e coloquei um robe. Eram nove e meia agora. Fui para a cozinha e peguei um copo de leite para aguardar. Nem cheguei a colocá-lo na boca, estava envolvida demais com meus pensamentos.

Você tem uma escolha a fazer: Harry toda terça-feira ou Senhor Collins todos os dias?

Ri com a insinuação do meu subconsciente.

Homem obeso ou homem musculoso?

Pau pequeno ou pau grande?

O quê? Que merda era aquela?! Uma parte do meu cérebro estava jogando pesado.

Passei as mãos pelo meu rosto. Eu precisava ter cautela. Senhor Collins podia ser um homem rico, lindo e gentil, mas eu não o conhecia completamente. Pior, não conhecia quase nada. Ele aparentava ser maníaco por controle e eu não sabia se estava pronta ou se ao menos me permitiria ter a vida controlada por outra pessoa novamente. Se eu pudesse conhecê-lo melhor, eu saberia escolher sem me arrepender depois.

Ouvi batidas na porta e suspirei dolorosamente. Fui atender, mas congelei antes de tocar na maçaneta. Mais batidas foram ouvidas e, sabendo que Harry iria me ligar, corri até a cozinha desesperada e coloquei meu celular no silencioso. O aparelho recebeu as ligações dele sem emitir nenhum som para não gerar suspeita.

Sentei na cadeira aliviada quando as batidas cessaram.

Tirei o robe e fui direto para o guarda-roupa. Retirei a calça jeans que havia comprado há pouco tempo, a peça era de um azul claro e liso. Tirei também uma camisa social branca que eu comprei na época em que ainda achava que conseguiria um emprego decente. Peguei algumas mechas de cabelo e preendi para trás, deixando a minha franja livre. Olhei-me no espelho e tudo que vi foi uma garota inocente. Ava e não Tayla.

Coloquei o contrato e uma caneta na bolsa e saí de casa para pegar o ônibus municipal.

Já dentro da condução, eu retirei o documento e li atentamente todas as suas cláusulas. Tinha tempo para isso. O centro financeiro da cidade ficava bem afastado, praticamente à beira-mar.

Fui marcando com a caneta as partes que eu não concordava, como a parte que dizia que ele colocaria um apartamento em meu nome e que era proibido tocar nos seus assuntos de cunho pessoal, mas que o contrário aconteceria comigo. Ora, se eu podia abrir meu coração e contar tudo sobre a minha vida, por que ele não podia?

Avistei pela janela a bela cidade de São Francisco. Eu já nem me recordava como era aquela parte. Movimentada, turistas para todos os lados, alguns correndo para ver os barcos saindo do porto ou para vislumbrar os leões-marinhos que viviam tomando sol em cima dos píeres.

Desci do ônibus e fui em direção ao prédio que eu pesquisei o endereço antes de sair de casa. Cinco minutos de caminhada me levaram até a maior construção do centro financeiro. Um bonito e imponente prédio de vidro escuro espelhado, escrito “Banco Volkmann” com letras de ferro maciço. Detive-me na porta, pensando se levaria aquilo adiante.

Harry ou Senhor Collins?

Acabei entrando.

Passei direto pelo hall da recepção e fui para os elevadores. O meu campo de visão conseguiu enxergar pelo menos cinco deles. Havia muitas pessoas aguardando em frente às suas portas, o que justificava tantos elevadores.

Eu estava fascinada. Achei que encontraria uma estrutura igual à dos bancos normais, com guardas usando detector de metal e gente reclamando da demora no atendimento. Aparentemente, os bancos propriamente ditos ficavam espalhados pela cidade e aquele prédio era destinado somente para a administração de todas as unidades.

Quando um elevador chegou, todos se amontoaram para chegar ao seu destino mais rápido que os demais. Decidi esperar o próximo e ele não demorou. Entrei nele com mais quatro pessoas.

— Com licença, sabe me dizer qual o andar do Sr. Collins? — tossi embaraçada. — Sr. Volkmann, desculpa — perguntei para o homem baixinho ao meu lado.

— Último andar — ele respondeu sem nem ao menos me olhar nos olhos.

Apertei o número do andar no painel do elevador e aguardei, tentando reunir toda a minha vergonha na cara para encarar Dion em seu local de trabalho.

Andar naquele elevador parecia mais demorado que a minha vinda até o prédio. Toda hora entravam e saíam pessoas, funcionários, chefes. Olhei o celular, eram onze e quarenta da manhã. Horário de almoço. Fazia todo sentido agora.

Esperei com muita calma até que finalmente o elevador chegou no topo. Saí com minhas pernas trêmulas – pareciam ter saído direto de um moedor. Tudo porque aquele lugar era assustadoramente luxuoso, só o piso deveria comprar o prédio que eu morava.

Fui em direção ao balcão onde duas mulheres e um homem trabalhavam.

— Olá, eu gostaria de falar com o Senhor Volkmann.

A mulher de cabelo ruivo me olhou de cima a baixo, como se medisse a minha competência para estar ali.

— E quem gostaria?

— Ava.

— Ava de quê?

— Banks — abri um sorriso fraco.

— Senhorita Banks, tem hora marcada?

Meu sorriso murchou no mesmo instante. Claro que eu não tinha hora marcada.

— Não, mas é um assunto urgente. Preciso falar com ele agora mesmo — a senhora ruiva começou a balançar a cabeça em negativa antes mesmo de eu terminar a falar.

— Sem hora marcada, não tem como eu deixar a senhorita entrar. Está bem?

— Ainda mais com o irmão encenqueiro dele aqui para tirar nosso chefe do sério — o homem resmungou em tom de fofoca para ninguém em específico.

— E se eu esperar? Posso esperar o tempo que for necessário — insisti com a mulher ruiva.

— Isso seria abrir uma exceção e, se eu fosse abrir uma exceção para todas as garotas bonitinhas de São Francisco que gostariam de falar com o Sr. Volkmann sem hora marcada, ele precisaria contratar mais duzentos funcionários só para dar conta da demanda.

— Sem falar que ele está solteiro agora — a outra mulher quem disse dessa vez. A pele morena reluzia, assim como a cortina de cachos em sua cabeça.

Abaixei os olhos pensando em desistir e voltar outro dia depois que ligasse para o Sr. Collins e avisasse que eu viria. Também, o que me deu na cabeça para aparecer aqui no serviço dele e ainda por cima achando que ele iria me atender na maior simpatia?

Ri mentalmente de mim mesma.

Meu Deus, como eu posso ser tão burra?

A porta no final da recepção abriu com um estrondo. Todos se assustaram. De lá saiu um homem esbravejando ameaças. Ele estava enlouquecido. Um tempo depois, Dion surgiu, com certeza muito, mais muito bravo. Eu até conseguia ver uma veia saltando em sua testa, porém ele não estava gritando como um doente como o outro homem.

— Eu vou acabar com você! Espero que guarde bem essas palavras: Eu vou acabar com você! — O homem gritou de longe, sem se aproximar de Dion.

Dion não respondeu nada, mas percebi que ele estava cerrando o maxilar. O mais provável era que ele não queria fazer uma ceninha na frente dos funcionários.

O homem foi embora e lembrei-me instantaneamente que o recepcionista falou que Dion estava com o irmão. *Apesar de terem olhos de tonalidade parecida, eles não se pareciam em mais nada*, pensei depois de reparar um pouco mais no homem que saía dali transtornado.

— Se esse cara aparecer na minha sala novamente sem eu ser avisado, eu demito os três! — ele apontou amplamente para os funcionários atrás do balcão. A voz dele não saiu gritada, mas mesmo assim transmitia uma fúria contida. Ele se virou para voltar para a sala de onde saiu, mas evitou o próximo passo e virou-se novamente. — Ava? O que você está fazendo aqui? — sua voz não era nem um pouco amistosa.

Ai, que merda!



CAPÍTULO 10

Dion escancarou a porta para que eu entrasse. Após fechar, as suas mãos foram até o pescoço afrouxar a gravata e tirar o paletó. Afastei meus olhos dele por achar que estava lhe causando constrangimento. *Droga*. Eu não podia ter escolhido dia pior para aparecer ali.

Peguei-me a olhar discretamente o local, mas, quando me dei conta do quão suntuoso era o escritório dele, não consegui segurar minha língua.

— Como você teve coragem de aparecer no meu apartamento em Tenderloin? — perguntei indignada, sem esperar por uma resposta.

A sala de Dion era toda decorada nas cores preto e marfim. Mesa de mogno no centro, sofá de couro encostado na parede, prateleiras espalhadas estrategicamente por toda sala. No entanto, o grande destaque era a janela/parede de vidro onde era possível ver quase toda a ponte Golden Gate, uma vista tão esplendorosa que os meus olhos lacrimejaram.

Dion aguardou pacientemente meu ataque de deslumbre.

— Já percebi que gostou da vista — comentou, ficando ao meu lado. Passei as mãos nos olhos para dissipar as lágrimas se acumulando.

Ele já estava sem o paletó e com as mangas da camisa levantadas. Forcei-me a olhar para ele só para espiar como estava a sua expressão. Estava fechada como sempre, porém parecia mais calmo.

— É... eu resolvi vir aqui, mas não sabia que era um dia ruim — expliquei sem conseguir encará-lo.

— Está tudo bem — respondeu suavemente. — Você veio aqui porque já tem uma resposta pra mim?

Balancei a cabeça e disse que sim. Abaixei os olhos e brinquei com meus dedos. O cheiro do perfume dele me entorpecia, elevando a minha libido sem precisar me tocar. Percebi tardiamente que ele estava próximo demais de mim quando Dion pegou meu queixo e o levantou. Aquele era o segundo hábito que captei dele só pela linguagem corporal, Dion não gostava quando eu não olhava diretamente em seus olhos.

Abri a bolsa e tirei o contrato todo rabiscado, entregando a ele para conferência.

— Essas partes marcadas...

— São as partes que eu não concordo.

Ele assentiu. Virou a folha e passou os olhos procurando por minhas anotações.

— O que há de errado com essa cláusula?

— Qual? — perguntei me aproximando mais.

— Sobre as conversas pessoais. Acho importante termos conversas honestas para nos conhecermos melhor.

Eu também acho, mas essa parte só faz referência a mim e não a nós dois.

— Ava, eu sou uma pessoa pública. Minha vida inteira está exposta na internet sem que eu possa controlar.

— Você sabe que não é mesma coisa, não sabe? — Ele olhou novamente o contrato e ficou pensativo.

— Tudo bem, vou mandar Andrew rever essa parte também. Mais alguma coisa que eu devo levar em consideração?

— Tem — respirei fundo sem saber onde aquilo iria dar. — Antes de assinar o contrato, eu gostaria de um período de experiência.

Ele deixou o contrato em cima da mesa e sorriu. Aquele era um momento histórico: a primeira vez que vi Sr. Collins sorrindo. Um sorriso

malicioso, enigmático, encantador.

— Tudo será arranjado, porém, no período de experiência, você ficará instalada em um local de minha indicação, tudo bem?

— Tudo — minha voz quase saiu inaudível.

Não sabia se Dion tinha noção do quanto aquele lugar me intimidava, eu me sentia totalmente deslocada, como se aquele local me rejeitasse por eu não pertencer a ele. Olhei ao redor e apreciei cada mínimo detalhe daquela sala. Do lado oposto ainda tinha uma espécie de bar executivo. Pensei em explorá-lo, mas me veio à cabeça que eu estava sendo invasiva demais e que Dion tinha muita coisa pra fazer além de ficar me vigiando para que eu não quebrasse nada em seu escritório.

Voltei meus olhos para ele que ainda estava com um sorriso no rosto, mas esse sorriso já era de diversão.

— Eu já estou indo para você poder trabalhar em paz. — Dion esticou as mãos e me puxou pra ele. Meu coração acelerou, fiquei sem reação.

— Já que você está aqui... — Ele desceu as mãos pela minha cintura até chegar no meu traseiro.

— Oh — cerrei meus olhos, fingindo choque com o gesto dele.

— Nessas roupas, você nem parece aquela mulher sacana que faz coisas que até Deus duvida — ele me virou de costas contra seu peito, mantendo a aproximação com seu pau duro roçando a minha bunda e falando baixinho próximo à minha orelha.

— Aquela é a minha irmã gêmea, Sr. Collins. Ela se chama Tayla. — A risada grave dele tomou os meus ouvidos. Fiquei feliz por lhe trazer um pouco de descontração.

Abri os braços dele, libertando-me, e saí andando pela sala. Fazer sexo no escritório do meu cliente não era minha intenção, pelo menos não hoje.

— Você já sabia quem eu era no primeiro dia?

— Não. Eu sabia que te conhecia de algum lugar, mas não conseguia ligar o seu rosto a nenhum nome conhecido. Daí, no domingo eu estava voltando da Ross e vi um *outdoor* com sua foto.

— E saber que eu sou dono de uma rede bancária ajudou na sua decisão? — perguntou, encostando-se na mesa e cruzando os braços.

— Pelas suas roupas e pela educação que você tem, não é difícil deduzir que tem bastante grana. Mas você foi gentil comigo todas as vezes em que apareceu no meu apartamento, isso que mais pesou na minha decisão de aceitar um *período de experiência* — frisei a última parte para deixá-lo ciente de que a proposta ainda não estava aceita.

— Gentil? — havia um claro tom de provocação na voz dele.

— Você sabe do que eu estou falando — respondi, sentindo um calor intenso subindo pelo meu corpo. — Agora eu preciso ir embora.

— Não, só mais um instante — ele esticou o braço e pegou o telefone em sua mesa. — Stacy, contate Andrew e peça para ele vir aqui agora mesmo.

Dion não tirou os olhos de mim enquanto esperávamos o advogado chegar. Parecia um leão cuidando da presa, aquela que ele comeria só mais tarde.

— Eu tenho uma pergunta a fazer — falei repentinamente. Sentei no sofá e cruzei as pernas tentando me fazer de fina.

— Então faça.

— Como devo te chamar a partir de agora?

— Isso faz diferença? Me chame como quiser. — Assenti. Ele me olhou confuso.

O advogado de Dion chegou e estranhou a minha presença.

— Hum, você não deveria estar em reunião agora, *senhor Collins*? — questionou com o desprezo saltando da sua voz.

— Desde quando faço reuniões na hora do almoço? — o rosto do homem se transformou em uma carranca no mesmo instante. — Preciso de um novo contrato, mas agora revendo alguns pontos. — Dion empurrou o contrato velho e rabiscado para o advogado. — É um contrato com os mesmos termos só que de experiência.

— Certo. E qual será o período de experiência? — Andrew olhou pra Dion, Dion olhou pra mim.

— Uma semana. Uma semana eu acho o suficiente.

— Entendeu? — Dion questionou Andrew, este balançou a cabeça em sinal positivo a contragosto.

— Amanhã eu te trago ambos os contratos prontos. Preciso autenticar em cartório antes.

— Você pode fazer isso ainda hoje. Até o final do expediente eu quero os contratos prontos na minha mesa.

O advogado deixou a sala, eu quase consegui ver os ouvidos dele soltando fumaça de tanta raiva, assim como nos desenhos animados.

Tão logo o advogado saiu, Dion veio na minha direção e, pelo seu olhar, eu sabia o que ele queria: ele *me* queria.

O leão deve estar com fome agora!

— Dion, eu preciso mesmo ir — levantei-me e fui na direção contrária da dele, sentindo-me caçada. Não sabia se conseguiria resistir se ele chegasse mais perto de mim.

Resistir? Pra quê?

Próximo à saída, ele conseguiu me agarrar pela cintura e me prensar na porta. A respiração dele estava ofegante – *ou era a minha?* Eu não tinha neurônios o suficiente naquela hora para pensar sobre aquele detalhe.

— Espero que aproveite a sua última noite em casa porque, quando você estiver em meu território, Tayla... Eu não vou te dar nenhum descanso. — Sorri, sentindo o pau dele já rígido pouco acima da minha barriga. Respirei fundo para conseguir forças e abrir a porta.

— Então guarde isso pra mim, Senhor Collins — falei, pegando no meio de suas calças, deixando-o sem ar.

Abri a porta e peguei o caminho do elevador.

O pessoal no balcão ficou petrificado quando me viu saindo, apostaria que eu estava com o rosto corado e todos os sinais de quem acabou de dar

uma rapidinha. Antes fosse. Acenei para eles antes de ir embora e consegui ouvir a insatisfação de uma das funcionárias:

— Safado, nem esperou a certidão de divórcio esfriar — arrisquei que foi a ruiva quem disse.



CAPÍTULO 11

Quando cheguei em casa, fui direto ao guarda-roupa fazer uma pequena mala. Ficaria fora por no máximo uma semana, por isso pretendia levar somente algumas peças que eu usava no dia a dia.

Do fundo do guarda-roupa, eu retirei a lata de biscoitos velha da Jacobsens, a qual eu utilizava para guardar tudo o que eu tinha de valor. O leve cheiro de ferrugem tomou o meu nariz enquanto revirava o seu conteúdo. Havia alguns dólares e, bem no fundo, uma fotografia onde se podia ver uma família. Um homem de cabelos loiros escuros e uma mulher morena com incríveis olhos castanhos esverdeados e entre eles uma garotinha que tinha puxado a cor de cabelo do pai e os olhos da mãe. Sorri melancolicamente para a foto, mas logo uma apreensão me veio. Onde quer que meus pais estivessem, eles provavelmente não gostavam do que eu me tornei. Sabia que não. Diversas vezes cheguei a pensar que teria sido melhor se eu tivesse morrido com eles naquele acidente.

A dor da perda nunca havia ido embora, a única coisa que tinha restado deles era aquela foto. Às vezes parecia que não era suficiente, já fazia tanto tempo que eles se foram que eu já não conseguia me lembrar de como era a voz da minha mãe ou do som da risada do meu pai. Mantinha a foto guardada como se fosse o mais precioso dos tesouros, pois tinha medo de que, se eu a perdesse, eu não conseguiria mais me lembrar de como eles eram.



O fim de tarde chegou trazendo um clima estranho. Na verdade, a minha repentina mudança era o que estava me causando uma estranheza incomum. Eu simplesmente estava virando a ninfetinha de um banqueiro lindo e gostoso pra caramba da noite para o dia. Tudo aquilo era loucura, eu estava ciente disso, mas era uma loucura boa.

Depois do banho, percebi o toque estridente do meu celular em cima da cama.

— Alô?

— Tayla, sou eu — abri um sorriso instantaneamente ao ouvir aquela voz.

— Oi, Senhor Collins — eu queria passar a chamá-lo de Dion, porém ainda levaria um pouco de tempo.

— Ahn, eu estou ligando pra avisar que eu já sei onde você vai ficar. Amanhã de manhã mandarei meu motorista te buscar e levar para a sua nova casa.

— Nova casa por sete dias — lembrei a ele. Um suspiro impaciente ecoou do outro lado da linha.

— Espero que esteja pronta pra ficar um pouco mais que isso. — Sentei na cama me encostando na cabeceira, ficando completamente imersa naquela conversa.

— Isso é o que vamos descobrir — retruquei em tom de brincadeira.

— Eu vou te mostrar — ele respondeu na ponta da língua, até consegui imaginar os seus lábios prepotentes se contraindo de malícia. — Amanhã na hora do almoço conversaremos mais sobre isso. Preciso te deixar a par de tudo que eu tenho planejado para você.

Ele desligou depois de se despedir e eu fiquei tentando descobrir o que ele viu em mim e, conseqüentemente, o que ele queria de mim. Tinha absoluta certeza de que havia garotas mais bonitas na cidade, prostitutas ou não.

Enfiei-me dentro de um *baby doll* e deitei de barriga pra cima, esperando o sono chegar. Senti uma onda de pensamentos otimistas invadir

minha mente e meu corpo. O que se passava no meu coração não tinha explicação. Nunca estive emocionalmente envolvida com nenhum homem, portanto eu não sabia nada sobre sentimentos. Eu poderia ter me apaixonado algum dia sem ao menos saber. Eu poderia estar apaixonada naquele exato instante e também não saberia.



Ouvi batidas na porta na manhã seguinte e soube na mesma hora que era o motorista de Dion. Eu havia desmarcado com todos os meus clientes, suspendendo os meus “serviços” por tempo indeterminado.

O senhor de pele bronzeada mostrou a sua careca brilhante ao tirar o quepe para me cumprimentar. Fiquei sem reação, não sabia se agarrava na barra do meu vestido e flexionava os meus joelhos ou se apenas apertava a mão dele. Aquele foi um momento embaraçoso.

— Bom dia, o senhor é? — perguntei, tentando dar a volta na situação.

— Bom dia, senhorita Ava. Eu sou o motorista do Sr. Volkmann. Pode me chamar de Carl — ele estendeu a sua mão e eu fiquei feliz em apertá-la. — Onde está a sua bagagem?

— Ah, sim. Vou pegar.

Entrei em casa e conferi se estava tudo fechado. Peguei a pequena bolsa de viagem e a entreguei para Carl. Saímos do prédio e logo saímos também de Tenderloin.

Minutos depois, estava vislumbrando a paisagem de Pacific Heights, a vizinhança mais cara de São Francisco. As ruas eram íngremes e as casas pareciam ter saído de um filme romântico do século passado, em contraste com a modernidade do setor imobiliário cheio de prédios contemporâneos e muita área verde.

Senti a mesma coisa quando entrei no escritório do Senhor Collins. Aquele lugar não era pra mim. Luxo e Ava eram coisas que não combinavam.

O motorista parou em frente a um prédio com a fachada de cor clara. Pelo que consegui ver, o prédio tinha pelo menos dez andares e a área de

cada andar parecia bem grande. Carl abriu a porta do carro, mesmo eu lhe dizendo que não era necessário, e pegou a minha mala.

Como eu já esperava, aquele prédio era totalmente o oposto do meu. Limpo, bem cuidado, bem frequentado e com um toque renascentista. Decoração feita para agradar quem tinha como lazer visitar exposições de arte.

O homem no balcão nos cumprimentou, ele parecia já conhecer Carl.

— A senhorita é nova na cidade? Parece que não conhecia o bairro — perguntou enquanto subíamos de elevador.

— Não, eu moro aqui já há alguns anos. Eu só... não sou muito de sair. — O motorista concordou com a cabeça.

Aparentemente, ele sabia o que eu era, mas a sua gentileza e simpatia não deixaram eu me sentir uma mulher desprezível.

Saímos no sétimo andar. Carl me guiou até a porta no final do corredor. Ele a abriu e eu respirei fundo antes de entrar. A sensação era de que eu estava deixando tudo pra trás, prestes a começar uma nova vida.

O motorista entrou primeiro, fui logo atrás engolindo seco a cada ponto daquele apartamento que os meus olhos conseguiram captar. Fiquei parada por dois, três minutos, tentando assimilar a ideia de morar em um lugar tão... tão caro!

— Essa é a sua chave. O senhor Volkmann pediu para você se instalar sozinha. Entre onze horas e meio dia ele estará aqui — fez uma pausa. — Senhorita, está tudo bem? — Carl perguntou, provavelmente percebendo a minha expressão incrédula.

Claro que não! O seu patrão é louco!

— Está sim. Obrigada, Carl — foi o que respondi.

Esperei ele sair para explorar o restante do apartamento. Só a sala era do tamanho da minha casa inteira. A decoração era toda em tons sóbrios, o sofá que poderia abrigar um time de futebol era cinza e parecia muito confortável, a luminária no teto descia em uma pequena cascata de cristais. Havia quadros aos montes, desde rabiscos sem qualquer nexo a caricaturas

realísticas.

A cozinha não era tão grande. Uma geladeira de inox de porta dupla em um canto e a pia e o restante dos eletrodomésticos em outro. Uma gama de potes de vidro estava espalhada em cima do balcão de mármore fosco. A parede foi decorada com pequenos azulejos nas cores preta e branca intercaladas.

Do lado da cozinha, havia um pequeno banheiro social. No mesmo rumo, tinha um quartinho decorado em bege claro e branco, uma cama de solteiro jazia no centro e um pequeno armário próximo à janela. O outro quarto do apartamento era infinitamente maior que o anterior. No lugar da cama de solteiro estava uma cama *King Size*. A decoração não destoava do restante do apartamento. Edredom em uma tonalidade de cinza escuro quase preto, fotos monocromáticas e abajures modernos para todos os lados, mesmo assim, a luz naquele cômodo parecia ter sido propositalmente diminuída. *Era assim que quartos masculinos deviam parecer*, pensei. Eu não tinha muita experiência no assunto.

Sentei na cama e apreciei por um instante a maciez fora do normal do edredom. Afundei as minhas mãos nele, pensando em como tudo aquilo era demais pra mim.

A proposta do Sr. Collins não era a primeira que recebi, mas foi a primeira que eu realmente me senti tentada a aceitar. Não por causa do dinheiro, nem porque ele era tão lindo que às vezes me faltava o ar, era por algo mais. Algo que eu ainda não sabia explicar.



CAPÍTULO 12

Fiquei em alerta quando escutei a porta se abrir. Corri direto para a sala e deparei-me com Dion parado próximo ao sofá, segurando uma sacola na mão.

— Com fome? — perguntou, tirando o paletó, depois se virou e deu uma boa olhada em mim. — Está tudo bem?

Afirmei com a cabeça.

— Eu só estava pensando em como tudo isso é demais pra mim — abri os braços, desajeitada.

— Isso tudo ainda pode ser seu — insinuou, afrouxando a gravata.

Parei para pensar em quão gorda devia ser a conta bancária de alguém para querer presentear uma estranha com um apartamento daqueles.

— Não, obrigada. A minha meta de vida é conseguir as coisas por esforço próprio.

— E não é isso que você está fazendo?

Refleti por um breve instante.

— Tecnicamente, sim, mas o que eu faço não é um emprego decente.

— Então, estou certo em achar que você não gosta do seu “estilo de vida”?

Sorri fracamente, sentindo-me corar de nervosismo.

Inferno!

Eu não sabia lidar com Dion Volkmann. Lidar com Senhor Collins era tão mais fácil.

— É, eu estou com fome — falei, mudando de assunto. Ele sorriu, sabendo exatamente o que eu estava fazendo.

Fomos para a cozinha. Dion abriu os armários, mostrando-me onde ficavam os mantimentos para caso eu quisesse preparar alguma comida quando ele não estivesse ali, tudo isso depois de eu informá-lo que não havia explorado quase nada do apartamento. Ele parecia já familiarizado com o ambiente. Eu não sabia se achava aquilo bom ou completamente estranho.

Almoçamos em silêncio. Depois de terminar o refrigerante, Senhor Collins me levou para uma sala próxima a sacada. Eu sequer tinha notado aquele cômodo. Era um escritório bem aconchegante e já estava em uso.

Realmente estranho.

— Aqui está o contrato de experiência — ele deslizou um montinho de papéis sobre a mesa. — Leia e assine quando quiser — dei uma breve olhada para ver se os termos que eu tinha pedido para mudar haviam mudado e, sim, haviam. Assinei na linha pontilhada e devolvi para Dion, ficando com a cópia. Ele conferiu e também assinou. — Perfeito. Agora, deixe-me explicar algumas coisas que não estão no contrato, mas acho que poderia ser benéfico para nós dois.

Um pensamento safado atravessou a minha mente. Mordi a boca imaginando aqueles lábios prepotentes nos meus, ele me jogando em cima da mesa, pressionando seu corpo contra mim. Amassando os papéis, derrubando as canetas.

— Ava? — Desfiz meu devaneio envergonhada e sinalizei pra ele continuar. — Primeiro de tudo, esse contrato não quer dizer que você é minha submissa nem nada disso. Eu não vou incorporar no nosso dia a dia práticas sexuais envolvendo BDSM. — Concordei com a cabeça. — Você pode e deve me dizer o dia que não estiver a fim de fazer sexo. — Fitei os seus olhos poderosamente azuis, lógico que ele sabia que aquilo não iria acontecer. — Não há dia nem hora para eu chegar aqui e solicitar os seus serviços, como

também haverá dias que eu vou solicitar que você vá para o meu escritório, por exemplo. — Arregalei os olhos. Fazer sexo em um escritório seria uma novidade pra mim. Uma novidade bem excitante, aliás. — Por fim, eu vou querer a sua companhia para comparecer em eventos, então é importante que você se comporte como alguém do mesmo nível do meio que está sendo inserida. Desse modo, eu vou apresentá-la para os meus amigos e sócios como sendo minha assistente pessoal. — Dion analisou o meu rosto. — Ficou claro, tem dúvida sobre alguma coisa?

Uma ansiedade me pegou de jeito. Eu custava sair do meu apartamento, sair para as festinhas dos magnatas da Califórnia seria um desafio e tanto.

— Não, está tudo claro — assegurei.

— Por falar em eventos, eu tenho um importante nesse fim de semana. Vou te manter atualizada.

Ele olhou no relógio e se levantou. Já na sala, ele pegou o paletó em cima do sofá.

— Ah, já ia me esquecendo — retirou algo do bolso, tirando um cartão de dentro de um envelope e me entregou. — Isso é seu. — Observei o cartão de crédito dourado com o meu nome escrito. — Use-o para comprar qualquer coisa de que precise. Ele está vinculado à minha conta, então você não precisa mais frequentar a Ross Dress for Less — abri a boca para protestar, mas ele logo continuou. — Eu sei. Isso é demais pra você, mas não se preocupe com nada disso, apenas aproveite.

Entortei a boca concordando, porém não muito satisfeita.

— Você volta ainda hoje? — questionei antes dele sair. Aquele era o único assunto que me interessava.

— Se tudo der certo, sim.

Os seus lábios se curvaram em um sorriso convencido e ele foi embora.



Ainda na sala, eu liguei a TV e aconcheguei-me no sofá, constatando que ele era tão macio que eu me sentia flutuando em uma nuvem. Fiquei embasbacada com a quantidade de canais disponíveis. *Talk Shows*, músicas, filmes e gastronomia. Escolhi um programa sobre caçadores de crocodilo e caí em um sono confortável.

Acordei assustada sem nem saber onde estava, mas logo me localizei. Sem olhar as horas, eu me levantei e fui para o quarto. Procurei algo confortável para vestir antes de Dion chegar. Abri a porta de correr, descobrindo que ali era o closet. Puxei a porta um pouco mais e vi algumas peças dentro: ternos, camisas brancas e alguns pares de sapato.

Eu deveria perguntar ao Senhor Collins o motivo de ter tantas roupas masculinas ali?

Abri a outra porta do quarto e finalmente encontrei o banheiro. E *que* banheiro! Era todo decorado em branco e dourado. Alguém poderia morar ali dentro de tão espaçoso. Abaixo das janelas tinha uma banheira quadrada e, mais à frente, estava o boxe do chuveiro encostado a parede.

Despi-me e dobrei o vestido recém-tirado. O chuveiro era de ativação automática, descobri isso quando cheguei mais perto e a água começou a jorrar em cima de mim. Ensaboei-me tranquila, sem nenhuma pressa, enquanto a água morna massageava minha pele. O tempo passou sem que eu sentisse. Estava tão fora de mim que não escutei Dion chegar, virada para a parede eu também não o vi. Só percebi a sua presença quando já era tarde demais, quando as mãos dele tomaram posse do meu corpo. Arfei ao senti-lo tão próximo, constatando que cada pelo meu, dos meus pés à cabeça, se arrepiou.

Suas mãos firmes desceram pela minha barriga e trilhou um caminho flamejante até o meu centro.

— Você não faz ideia do quanto eu senti falta dessa coisinha deliciosa que você tem entre as pernas — ouvir aquilo foi como ser acariciada no ponto mais sensível do meu corpo.

Recuei um pouco para colar o meu corpo ao dele e senti o seu poder viril enrijecer com a nossa proximidade.

— Parece que não foi só você, Sr. Collins — falei, rebolando suavemente contra o seu pau escorregadio atrás de mim.

Dion explorou com as mãos cada parte da minha intimidade, massageando, circulando. Tirando meu fôlego.

Prensada contra a parede, segurando-me no vidro, eu o deixei se deliciar com o meu corpo. O meu desejo era o desejo dele. O meu corpo era dele. A única coisa que ele ainda não possuía era os meus lábios. Eu poderia quebrar a cabeça pensando no porquê. Ele já conhecia o sabor de cada mínima parte da minha estatura, mas a boca permanecia uma parte inexplorada por ele.

Provavelmente aquilo era uma regra dele, uma regra que eu estava abrindo caminho para quebrar.



CAPÍTULO 13

— Sobre o evento que eu havia comentado com você mais cedo — balancei a cabeça para ele continuar —, vai acontecer no sábado. É uma festa da qual eu participo desde que eu me lembro. — Observei ele retirar uma calça jeans do closet. — A propósito, o momento exige uma roupa de gala.

Encarei-o preocupada e vi Dion fazer o mesmo comigo.

— Você sabe que eu nunca participei de festas assim, não sabe?

— Hm... sei, mas não é um bicho de sete cabeças. Você só precisa de um vestido longo e disposição para ouvir velhos falando sobre caridade.

Soltei uma risada mesmo sabendo que ele não estava tentando ser engraçado.

— Isso pode até ser fácil, mas não pra mim — ponderei.

Ele colocou um suéter preto e um sapato social.

— Não precisa ir se não quiser. Espero que isso esteja claro.

— Eu até quero, só tenho medo de te envergonhar — minha voz saiu baixa ao dizer a última palavra. Dion parou o que estava fazendo e me analisou.

Sem jeito, eu me emaranhei ainda mais nos lençóis que havíamos acabado de estrear.

— Por que você acha que pode me envergonhar?

Ele se aproximou e ficou me olhando com o seu olhar inquisidor, o tipo de olhar que fazia inocentes confessar um crime. Eu poderia até ficar com medo se não me sentisse tão confortável perto dele.

— Porque você é um cavalheiro e, olha pra mim, eu estou longe de ser uma dama.

Eu realmente não queria ser a caipira que não sabia se comportar em uma festa de gala.

Dion respirou fundo e tocou o meu rosto, contornando o canto dos meus lábios. Segurei o braço dele para ele manter o toque e demonstrar que eu apreciava aquele gesto.

— Eu não penso dessa forma. Além do mais, acho pouco provável que alguém vá falar mal da minha assistente — disse, tentando me tranquilizar. — Ava, independente de tudo, eu quero você nesse evento comigo. Consegue fazer isso por mim? — Balancei a cabeça dizendo que sim.

Aquela foi a primeira vez, desde que tudo começou, que eu não me sentia uma prostituta.



Era tarde de sexta-feira e Carl me levou até o shopping Westfield, seguindo a indicação de Dion para que eu pudesse experimentar alguns vestidos. Eu havia saído sozinha um dia antes com o mesmo objetivo e foi um completo desastre.

Caminhei pelo conglomerado de lojas onde as peças de roupas eram estranhas e os preços salgados. Tracei uma rota dentro do grande e luxuoso centro comercial com o motorista de Dion a tiracolo.

Fui em algumas lojas reconhecidas mundialmente e me senti pequena para tanta pompa e garbo. Quando eu entrava, uma enxurrada de vendedoras vinha me orientar, perguntar do que eu precisava e se eu gostava do meu champanhe puro ou com frutas.

Tentei não deixar transparecer que eu tinha medo de tocar em uma blusa e essa rasgar nas minhas mãos ou sujá-la de suor, porém não consegui.

Ao passo que as vendedoras se davam conta de que eu tinha afinidade com a pobreza, elas se afastavam lentamente e cancelavam o pedido do champanhe.

Aquilo não era nenhuma humilhação pra mim. Eu não tinha como expectativa de vida ser como aquelas mulheres que passavam a maior parte do dia passeando em lojas cuja maior alegria era ser bajulada pelos vendedores. Então, pensando por esse lado, elas só estavam me ajudando.

Westfield era tão grandiosa, mas tão grandiosa, que no primeiro andar eu já estava querendo voltar pra casa de cansaço. Para a minha sorte, Carl me falava onde tinha lojas com o tipo de roupa que eu precisava.

No terceiro andar, eu entrei em um ateliê e dispensei Carl porque gostei do que vi logo de cara e talvez demorasse mais que o necessário. A loja fazia a ponte entre sofisticação e sensualidade, entre o retrô e o moderno.

Ao entrar naquele lugar, as vendedoras não vieram até mim como um cardume, aquilo fez com que eu não me sentisse pressionada. O ambiente tinha a elegância britânica tanto na decoração quanto na beleza das peças. Era um local apropriado tanto para escolher roupas quanto para tomar um chá com a rainha.

— Posso ajudar, senhora? — uma jovem perguntou. Ela usava um terninho e parecia uma comissária de bordo.

Senti-me ainda mais à vontade ao perceber que a vendedora não tinha um sorriso forçado no rosto.

— Bem, acho que sim. Quero um vestido de gala que eu não precise ajustar, porque eu vou usá-lo amanhã.

— Entendi. Qual é o seu tamanho? — Ela saiu andando e eu a acompanhei.

— Médio — *eu acho*.

— E a senhora tem preferência de modelo ou cor?

— Não, eu só não quero nada muito chamativo.

A vendedora me levou até outro ambiente. Naquele lugar havia um enorme espaço aberto e algumas portinhas, todas elas cobertas de espelhos, eu deduzi que fossem os provadores. Mais ao fundo, havia uma mulher – que

eu chutaria ter pouco mais de cinquenta anos – alisando o vestido dourado no corpo, inspecionando os seus mínimos detalhes.

— Peço que a senhora aguarde aqui enquanto eu busco algumas peças. Fique à vontade.

Sentei-me na poltrona aveludada, pensando se eu poderia ou não pegar uma xícara de café na bancada ao lado do assento ou se aquilo era apenas para os clientes Vips.

Que droga, nem de café eu gosto!

Por alguns instantes, o único som no recinto era a outra cliente reclamando do que ainda não tinha ficado bom no vestido que ela escolheu. Eu quase conseguia ver o suor de desespero brotando na testa da modista.

A vendedora que havia me atendido, da qual eu não sabia o nome, voltou empurrando uma arara cheia de roupas ainda com as capas de plástico.

— Pode vir comigo, senhora...?

— Banks.

A vendedora foi abrindo peça por peça e eu falava as que eu havia gostado. Ela então me encaminhou para o provador e pediu que eu saísse após cada troca para que eu pudesse observar melhor o vestido nos espelhos do lado de fora. Assim eu fiz.

O primeiro vestido era todo coberto de pequenas pedrinhas verdes parecidas com lantejoulas. Ele tinha um modelo simples, alcinhas finas e acinturado. Saí para me olhar no espelho e vi que o vestido talvez fosse simples demais para a ocasião. Troquei-me novamente, o vestido da vez era o vermelho que eu não fazia ideia que tinha uma fenda tão grande e um decote tão farto. Desisti dele no mesmo instante em que me olhei no espelho do lado de fora para ver mais detalhadamente. Aquele com certeza era um pouco demais para a ocasião. O último vestido era de um tom de rosa claro perolado, decote frente única e com uma fenda comportada, mas sexy. Não tive dúvidas ao me olhar no espelho. Aquele era o vestido perfeito.

— Se eu tivesse o seu corpo, eu com certeza escolheria o vermelho — alguém falou.

Virei-me para ver quem havia dito aquilo e, para a minha surpresa, era a outra cliente. Ela havia sentado no mesmo lugar que eu estava minutos antes.

Olhei para ela e a mesma devolveu o olhar tentando me encorajar.

— Não, acho que o vermelho não combina com o evento que eu vou.

A mulher se levantou e veio na minha direção. Provavelmente estava esperando o ajuste do próprio vestido.

— Qual é o seu nome? — questionou amigavelmente.

— Ava.

— Ah, que nome mais bonito — ela sorriu, ou tentou. A expressão dela quase não se modificou. *Devia ser Botox*, concluí.

— Obrigada, e o seu?

— Camille. — Também achei o nome dela bonito, mas não disse nada. Eu não era boa com elogios.

Voltei-me para o espelho. Nem a minha “anca gorda”, como diria Olga, foi capaz de estragar o caimento do vestido.

— Qual evento você vai? Talvez eu possa te ajudar com isso — ofereceu.

— É um evento de caridade promovido pelo Banco Volkmann.

— Oh, — a mulher fez, ou tentou fazer, uma expressão chocada — parece que vamos nos ver novamente.

— Sério? — perguntei repentinamente, feliz em saber que pelo menos uma pessoa eu conheceria naquela festa.

— Sim. Dion Volkmann, dono do banco, é meu filho.



CAPÍTULO 14

Dion não apareceu na sexta à noite. Ele não me ligou e eu também não tive coragem de ligar só para dizer que eu havia conhecido a mãe dele. De fato, ele me avisou que ficaria atarefado ao trabalhar e discutir alguns aspectos da festa beneficente.

Com isso, o sábado logo veio descarregando um caminhão de ansiedade nas minhas costas. A tensão para a festa só aumentava.

Eu e Camille havíamos combinado de ir para o mesmo *spa* de beleza, com muito custo ela me convenceu a passar aquele tempo juntas. Resolvi aceitar, pois Camille, apesar de não parecer, era muito descontraída e aquilo me ajudaria a não ter um ataque de nervos. Contudo, eu teria que conversar com ela tomando cuidado para não pisar em ovos e, sem querer, dizer a ela que eu era uma prostituta contratada pelo filho da própria.

Ela não me perguntou por quem ou por que eu fui convidada a comparecer no evento e eu também não senti a necessidade de dizer a ela que era assistente - de mentirinha - de Dion. Pelo menos não precisei mentir sobre aquela parte.

Ainda em casa, eu fui avisada de que Carl estava à minha espera. Peguei o vestido envolto em uma capa e saí. Quando cheguei ao *spa*, uma funcionária me guiou até a sala onde Camille estava seminua em uma maca recebendo massagem.

— Olá, querida — falou sem nem me olhar. Perguntei-me como ela sabia que era eu. Bem, talvez ela nem soubesse.

Cumprimentei de volta com afeição. A massagista que estava à minha espera pegou o meu vestido e indicou uma salinha, falando para eu tirar a roupa e colocar um roupão.

Camille levantou o pescoço quando voltei para a sala e olhou-me com semblante desapontado, como se tivesse perdido uma ótima oportunidade para algo que eu não sabia o que era.

— Você é tão linda, pena que meu filho acabou de se divorciar.

— Desculpa, o quê? — perguntei, deitando-me na maca e suprimindo uma vontade inevitável de rir devido à situação.

— É Dion. O meu filho não é feliz — disse com muita convicção. — Ele não é feliz porque ainda não encontrou uma mulher que dê a ele um novo horizonte. Um motivo pra viver, entende?

Camille esticou o braço para pegar a taça de champanhe na mesinha ao lado e eu entendi por que ela estava com a língua mais solta.

— Não... — respondi para ela me explicar melhor.

— Você não o conhece. Ele tenta carregar o problema do mundo inteiro nas costas. Às vezes, eu preferia que ele não fosse tão rico e tivesse uma vida normal, sem se cobrar tanto — ela fez uma pausa e continuou. — Meu filho criou muitas barreiras em torno de si, eu não consigo quebrá-las sozinha. — Notei que seu semblante estava entristecido.

Era estranho pensar em Dion daquela forma, contudo, admitia que ele parecia meio perdido na primeira vez que o vi. Apesar de toda a fortuna, de toda a fama, ele aparentava ser um homem solitário. Cheio de dinheiro, mas vazio de muitas outras coisas.

Fiquei em silêncio, torcendo para que Camille falasse mais de Dion. Quando percebi que ela não iria continuar, perguntei:

— Você acha que, encontrando uma mulher que ele ame, Dion poderia ser mais feliz?

— Hm... Eu achei que, tendo uma família, ele seria feliz, porque isso de certa forma foi tirado dele. Pensei que, se ele tivesse o que não teve enquanto crescia, ele seria um homem mais alegre. Achei também que Amber

daria filhos a ele, mas ela não conseguiu. O maior sonho dele é ser pai.

Meu coração se encheu de ternura ao imaginar um garotinho de olhos azuis e pequeninos lábios prepotentes.

— Ele ainda é jovem, pode encontrar alguém e ter a própria família — respondi sem nada mais a acrescentar.

— Sabe, é estranho dizer isso, querida. Quando eu te vi, eu pensei instantaneamente que você e meu filho poderiam se dar bem. Você tem um fogo... uma coisa contagiante — disse entusiasmada —, mas ele se divorciou há poucos dias. Dion precisa de tempo para superar a separação.

Algo me diz que ele já superou, querida sogra.

Escondi a minha boca para Camille não ver o sorriso que se formou na minha cara. Aquilo era tão irônico.



Camille se mostrou uma mulher mais humilde do que eu pensava. Os olhos bem negros e o sorriso com preenchimento labial não davam a impressão de quem ela era mãe. O cabelo preto com corte Chanel emoldurando o rosto quadrado era a única semelhança dela com o filho.

Pensei no que Camille disse sobre Dion. Ao que tudo indicava, os pais dele eram separados ou talvez ele não tivesse uma relação saudável com nenhum dos dois. Perguntei-me também se ele havia se separado porque a ex-mulher não lhe deu filhos ou porque eles não se amavam. Havia também a hipótese de que a ex não quisesse filhos.

Bem, a verdade era que eu estava viciada em saber tudo sobre a vida do meu cliente.

Eu e Camille desfrutamos de tudo o que o *spa* oferecia. Fiz limpeza de pele, depilação, passamos uns minutos na banheira de hidromassagem e na sauna, tentando disfarçar muito mal que era a minha primeira vez em um lugar como aquele. Bem próximo das cinco horas nos dirigimos para o salão.

Depois de quase uma dezena de taças de champanhe, Camille parecia a

maior fofoqueira do estado da Califórnia. Ela me contou quem traía quem, quais amizades estavam abaladas e quem eram as mulheres mais falsas de São Francisco. Eram pessoas que eu não conhecia, mas ela me tirou boas risadas.

— Sabe, Ava, nós mulheres não podemos ser tolas quando o assunto é homem. Há concorrência por aí e ela sempre será desleal — Camille começou mais um desabafo. — Não adianta você dar tudo de si, renegar o próprio sucesso em prol de uma pessoa que no fim vai preferir outra que saiba chupar um pau melhor do que você — arregalei os olhos e as pedicures aos nossos pés fizeram o mesmo.

Mantive uma cara de desentendida.

Será que ela sabia sobre mim?

— O que quer dizer com isso, Camille? — comentei, mapeando o terreno.

Na verdade, eu sabia com exatidão o significado daquelas palavras. Se os homens valorizassem as suas esposas, não existiriam prostitutas no mundo.

— Você só precisa entender que eu estou farta disso — declarou em um tom sério, mas logo depois soltou uma risada bêbada.

— Certo. — Uma funcionária trouxe outra bandeja com champanhe e Camille aceitou. — Ei, que tal esperar a festa? — insinuei, sorrindo para não dar um tom de advertência, mas Camille já bebera demais.

Ela fez uma careta e deu um gole em sua taça.



— Olá, parece que temos uma garota nova no pedaço — uma mulher de cabelo ruivo chegou perto e falou diretamente pra mim. — Meu nome é Regina e, meu Deus, você vai me dar trabalho. Muito trabalho — continuou suspirando e pegando no meu cabelo sem nenhum cuidado, depois me encaminhou para o local onde outras clientes arrumavam o cabelo.

Olhei para Camille com receio e ela me deu um sorriso como se pedisse pra eu relaxar.

— Qual é o seu nome, meu bem?

— Ava.

Ainda era estranho ter que falar meu nome a cada lugar novo que eu ia, era como se eu realmente fosse nova na cidade.

— Legal. Você já tem um nome bafônico. Agora, vamos dar um jeito nesse ninho de passarinho sobre a sua cabeça.

E eu nem podia reclamar. Regina estava totalmente certa. Eu cuidava do meu cabelo sozinha. Pintava, cortava e escovava às vezes. E pelo visto fazia as três coisas bem mal.

— Você tem alguma sugestão de corte, meu bem? Ou prefere deixar à escolha do chefe?

Sorri pra ela através do espelho.

— Faça o que tiver que ser feito — repliquei sem nenhuma sombra de hesitação.

— Eu realmente gostei de você, Ava — piscou.

Ao sentir a água levemente morna molhar meus cabelos, eu comecei a imaginar a tinta marrom avermelhada deixando os meus fios, como no filme “As patricinhas de Beverly Hills”, perguntei-me se Regina iria preferir deixar meu cabelo com a cor natural dele – se aquilo ainda fosse possível.

Ela terminou de lavar o meu cabelo, logo depois escutei o tilintar da tesoura trabalhando. Só esperava que ela não me deixasse careca.

Em um lavatório próximo, vi Camille sendo tratada por outra cabeleireira que parecia constrangida com algo, provavelmente com os desabafos dela. O constrangimento da mulher se transformou em horror e observei brevemente a cabeleireira segurando um maço de cabelos negros entre as mãos. *Parece que alguém vai ser demitida.* No entanto, Camille nem pareceu se importar.

Regina me liberou, secando levemente meus cabelos, avisando que

faria um penteado especial nele depois que eu tomasse banho e colocasse o vestido da festa. Percebi que o meu cabelo estava com uma cor diferente, ainda assim não era possível afirmar se tinha ficado bom ou não.

Avisei Camille que iria para o quarto ao passar perto dela.

— Claro, já são seis horas. Descanse e tome seu banho. Depois daqui eu vou embora, falei para a minha ex-nora que iria ajudá-la com os últimos preparativos para a festa.

— Tudo bem, nos vemos mais tarde então. — Ela beijou a minha face e eu retribuí.

— A sua suíte é a 104, ok? As maquiadoras aparecerão às sete. *Bye* — falou, acenando enquanto eu acenava de volta.



Fechei a porta do quarto no mesmo instante em que meu telefone tocou. Era Dion.

— Oi.

— *Oi, está tudo bem?* — perguntou, parecendo afobado.

— Sim, por quê?

— *Fiz outras tentativas antes de você atender.*

— Ah, me desculpa, Dion. O lugar que eu estava é muito barulhento.

— *Não precisa se desculpar, só liguei pra saber se está tudo certo para mais tarde.*

Senti uma ansiedade em sua voz. O meu lado iludido dizia que ele estava louco para me ver, já o lado pessimista dizia que ele estava com medo de apresentar para seus colegas milionários a versão moderna da Julia Roberts – antes do banho de loja - no filme “Uma Linda Mulher”.

— Está, está tudo sob controle — falei com uma ponta de animação.

Eu estava animada para vê-lo e mostrar que não iria decepcioná-lo.

— *Ótimo, quando estiver pronta, ligue para Carl* — escutei um suspiro do outro lado da linha. — *Espero que entenda que não podemos chegar juntos.*

Era fofo a forma como ele se preocupava com o que eu achava de suas atitudes.

— Eu entendo, sim.

Quando o relógio na parede chegou às sete horas, eu tomei banho e aguardei minha fada madrinha. Não que eu fosse uma Cinderela, mas naquele dia eu sentia como se fosse.



CAPÍTULO 15

Para aquele dia, o Palácio das Belas Artes foi reservado. A festa anual “Cuidar” acontecia sempre no mesmo local, exceto no período de 2007 a 2009 em que o palácio fechou para reformas.

A Cuidar havia sido criada pelo meu pai através de uma boa dose de persuasão da minha mãe. Como advogada e assistente social, ela não conseguia fechar os olhos para os problemas do mundo. Por inúmeras vezes sentava-se à mesa de jantar e não conseguia comer, dizendo que outras pessoas naquele mesmo momento não tinham a mesma sorte que nós.

Inicialmente, a instituição ajudava crianças do sul do oriente, pois eram as mais necessitadas de cuidado. Depois, com a guerra na Síria, o mundo voltou a atenção para as crianças refugiadas e nós também.

Fazer caridade foi um processo de aprendizagem, sair da minha realidade e entender que o mundo precisava de ajuda. Aquilo foi um grande passo para a minha formação ética, estimular outras pessoas a fazerem o mesmo, também. Era insuficiente, eu sabia, mas pelo menos já era algo. Eu estava fazendo a minha parte. A Cuidar foi um acerto extraordinário. Aquela era a única coisa da qual eu me orgulhava sobre meu pai.

Entrei no salão em que estava ocorrendo a festa. As mesas estavam dispostas em círculos, deixando o meio livre para quando começasse a música os convidados dançarem. Uma vez não fizemos isso e recebemos uma enxurrada de críticas de senhorinhas corcundas e senhorzinhos de bengalas.

Algumas mesas já estavam tomadas, passei para cumprimentar cada

um dos convidados. Encontrei Amber e minha mãe ao fundo. Minha ex-esposa fechou o semblante ao me ver, sua expressão estava quase cômica, como se estivesse segurando uma boa quantidade de ar na boca. Já minha mãe fez o contrário e caminhou na minha direção com uma taça de champanhe entre os dedos.

— Mãe... — repreendi.

— Eu sei, eu sei. Deixa a sua mãe se divertir um pouco, sim?

— A senhora pode se divertir sem beber uma taça a cada minuto. — Ela riu. Peguei a taça de sua mão enquanto ela enganchava o braço no meu e andamos em direção a Amber. — Está tudo certo? — perguntei a minha ex-mulher.

— Sim, está tudo certo — ironizou sem tirar os olhos do arranjo de rosas brancas em que estava mexendo.

— Hum, vou deixar os pombinhos a sós. Quem sabe vocês não se resolvem — minha mãe instigou e eu revirei os olhos. Ela saiu, pegando a taça das minhas mãos.

— Sabe que não precisa mais fazer isso, não sabe? — questionei.

Minha mãe e Amber eram quem se responsabilizava pela decoração do Palácio todo ano. Aquela foi a forma que encontrei de aproximá-las. Antes disso, elas não podiam ficar no mesmo ambiente sem causar um incêndio. Agora, eram inseparáveis.

— Eu não estou fazendo isso por você, estou fazendo pela Cuidar. — Concordei com a cabeça, admitindo que não tinha mais nenhum assunto a tratar com ela, e fui atender os convidados que estavam chegando.

Aos poucos, a nata da Califórnia chegou em seus carrões, como uma disputa não declarada para ver quem tinha mais dinheiro. Tive uma pequena conversa sobre futebol com homens da minha idade aqui, um diálogo sem muita emoção sobre a bolsa de valores com homens mais maduros ali, e assim os minutos foram passando.

Verifiquei no meu relógio, já eram quase oito da noite e não encontrava Ava em lugar nenhum. Pensei em ligar pra ela, mas antes recebi

um tapinha camarada nas costas, não precisei nem me virar para saber quem era.

— Pai — um sorriso falso surgiu nos meus lábios. Os convidados não precisavam saber que os Volkmann tinham uma relação conturbada.

— Quanto tempo, filho — disse, puxando-me para um abraço. Logo o empurrei gentilmente para ele não prolongar o gesto.

Analisei a loira ao seu lado. Os seios quase pulavam do decote do vestido vermelho. Ela me lançou um sorrisinho sem graça. Virei-me para cumprimentar outras pessoas, eu não gostava de estar na presença deles, mas meu pai pediu que eu esperasse.

— Posso falar com você em particular, Dion?

Encaminhei ele para um corredor com pouca iluminação, cheirando a alho e temperos franceses. A cozinha ficava próxima dali.

— Fala logo o que você quer — disparei.

Paul Volkmann me olhou como se fosse um velho mendigo pedindo migalhas. Na realidade, ele era um velho podre de rico que vivia pedindo migalhas, mas não era de comida nem dinheiro.

— Bruce, ele... — não permiti que ele terminasse.

Puxei o ar, mas mesmo assim não consegui conter a raiva.

— É claro que você quer conversar sobre ele. Sobre o que mais seria, não é mesmo?

— Ele me disse que foi até o banco com uma proposta e você o enxotou de lá.

Respirei fundo, sentindo um sorriso de escárnio ascender aos meus lábios por não saber reagir a tamanho absurdo.

— Sim, ele foi. Ele foi me pedir um emprego, mas acontece que ele nunca cursou uma faculdade, sequer já trabalhou na vida apesar de ter praticamente a minha idade. Ele não quis um emprego que correspondesse ao currículo dele. Ele queria estar no mesmo patamar que eu, assim — estalei os dedos — da noite para o dia, simplesmente porque o sobrenome dele é o

mesmo que o meu.

— Uma oportunidade é tudo de que ele precisa — comentou calmamente.

— É sério que você vai insistir nisso? Você consegue se ouvir falando?

Meu pai me olhou como se eu estivesse lhe ofendendo. Apesar de minhas ofensas serem o mínimo que ele e Bruce mereciam.

— Porque tanto ódio assim comigo e com seu irmão? — Dei uma risada engasgada.

Ainda sobre aquela história do mendigo, meu pai era um mendigo de aceitação. Vivia mendigando empatia e aprovação para Bruce, o seu filho bastardo, já que o homem em questão não tinha competência pra conseguir sozinho.

O patriarca Volkmann sempre foi o tipo de homem focado no trabalho, a família vinha sempre em segundo plano. Ele viveu no mundo real e nos deixou – eu e minha mãe – vivendo em uma bolha, uma maldita vida perfeita. Minha mãe parou de trabalhar para fazer trabalhos voluntários e eu ficava o dia inteiro enfiado em um colégio, aprendendo sobre números.

Não me lembrava bem ao certo quando tudo começou a mudar, só sabia que a bolha foi se desfazendo aos poucos. De uma hora para outra, começamos a receber visitas de uma mulher viúva – ela era muito bonita na época – que sempre levava o filho para brincar comigo.

Demorou alguns meses para minha mãe fazer a conexão. Ela começou a desconfiar que a mulher não era viúva coisa nenhuma e que o filho dela se parecia demais com o meu pai.

Bum. A bolha havia estourado.

Ainda não me vem à cabeça o que levou meu pai a fazer aquilo. Qual foi o intuito dele ao fazer a esposa, a amante e os dois filhos conviverem por meses? Minha mãe, obviamente, pediu o divórcio depois daquele acontecimento.

Meu pai escolheu sua outra família. Para nós, ele deixou a mansão em que morávamos e uma pensão gorda para que eu não precisasse sentir a sua

falta. Não recebia a visita dele no Natal ou no dia do meu aniversário, apenas caixas e mais caixas de presente com os brinquedos da moda. Com o passar dos anos, nem isso.

Já minha mãe criou um complexo de beleza inalcançável. Passou a preocupar-se demais com a aparência por se sentir rejeitada. Começou com preenchimento labial, depois Botox para suavizar as linhas de expressão. Ela agora parece uma caricatura de si mesma, perdeu a naturalidade. Vivia tentando disfarçar que a culpa desse complexo não era pela traição do meu pai. Acreditar naquilo seria a mesma coisa que acreditar que o céu era verde e não azul.

Durante a minha faculdade, o mundo foi assolado com boatos de crise no banco Volkmann. Quando me formei, a empresa do meu pai abriu falência. Ele esperava uma solução cair do céu. Eu apareci.

Acabei fazendo um acordo com ele. Ele me passava a parte da empresa que lhe pertencia, em troca eu daria tudo de mim para salvá-la, além de um valor considerável para ele manter o alto padrão de vida, já que ele já estava se dando por vencido. Foi um momento tenso. Não éramos pai e filho naquele instante e sim dois homens de negócios. Aquela foi a nossa primeira conversa em anos.

O resultado daquilo era evidente. Quanto à parte de Bruce, bem, eu fiz ele me vender a sua fração da empresa por uma mixaria.

— Hein, Dion? Por que tanto ódio com a sua família?

— Eu não odeio vocês. Eu só odeio o fato de ter o mesmo sangue que vocês dois correndo nas minhas veias — respondi enfim.

Saí da penumbra e deixei meu pai lá, falando sozinho. Olhei no relógio, eram oito e vinte oito. Ava já devia ter chegado. Disfarcei a minha vontade de vê-la o quanto antes. Espiei por todo o salão e não encontrei seus olhos espertos em lugar nenhum.

Um dos diretores do banco chegou para me cumprimentar e eu não consegui me concentrar na conversa. Tentei de tudo para me livrar daquele diálogo desnecessário sobre investimentos, mas fracassei.

Mirei no relógio novamente e, quando me volvei para o diretor, o rosto

dele estava virado para a entrada. O rosto de todos estava virado para a entrada. No momento em que olhei para o mesmo lugar, vi o motivo de todos estarem alarmados.

Putá-que-pariu!

A minha festa havia oficialmente começado.



CAPÍTULO 16

Eu nunca quis saber qual era a sensação de ter a alta sociedade de São Francisco e região me olhando. Eles não só me olhavam, eles me analisavam como se eu fosse a participante de um concurso de beleza.

Senhoras e senhores, bem-vindos ao concurso Miss Prostituta.

O meu senso de humor deu alarde em um momento inoportuno. Como sempre.

Fiquei uns bons dois minutos parada na entrada enquanto todo mundo estava paralisado observando a desconhecida – eu – chegar. Os *flashes* das câmeras eram poucos, mas o suficiente para eu desejar não aparecer em nenhuma coluna de jornal.

Sorri fracamente, sentindo a insegurança vir me abraçar. A minha vontade era de enfiar meu rosto entre as mãos e sair correndo dali, até ver Camille chegar perto para me acudir.

— Querida, você está des-lum-bran-te! — A taça de champanhe chacoalhou em sua mão ao passo que ela gesticulava. Parecia que ela e a bebida eram companheiros inseparáveis. — Vem, vou te apresentar a alguns solteiros endinheirados.

Só me interessa se for seu filho, pensei comigo mesma.

Afinal de contas, onde estava ele? Sentia o olhar de Dion em mim, desnudando-me mesmo sem conseguir vê-lo.

Minha sogra secreta me levou para conhecer os seus amigos abastados. Quando ela falou “solteiros endinheirados”, eu pensei em jovens bonitinhos que passavam o dia inteiro jogando golfe. Os homens a quem ela me apresentou eram todos quarentões com cara de tarados.

— Com licença — estremei ao ouvir a voz de Dion atrás de mim. Fechei os olhos e respirei fundo para dissipar a carga elétrica que subiu pela minha espinha quando ouvi a voz dele —, eu não sabia que vocês já se conheciam.

Disfarcei sem encará-lo diretamente. O tom dele demonstrava curiosidade.

— Você a conhece também? — Camille perguntou abalada.

— Sim, ela é a minha nova assistente — Dion respondeu sem tirar os olhos de mim.

As chamas azuis poderiam me queimar, mas a verdade era que eu entrava em combustão toda vez que ele me olhava daquele jeito, como se nada nem ninguém importasse, fazendo-me sentir a única garota no mundo inteiro.

— Oh, por que você não me contou, Ava?

— Eu iria te contar só se você me perguntasse. Não achei que era algo importante — falei, utilizando a minha melhor cara de inocente, as feições de Camille suavizaram na hora.

Era estranho ter que enganar a mãe de Dion, ela era uma boa pessoa. Eu já me importava com Camille e tinha medo do momento em que ela descobrisse que eu era uma destruidora de lares, como as pessoas costumavam falar.

— Olha só pra ela, olha esses olhos. — Camille tocou o meu rosto, fazendo-me enrubescer.

— A gente se conheceu ontem em uma loja — expliquei para Dion, percebendo que a pergunta dele havia ficado sem resposta.

Permiti-me olhá-lo com mais cuidado pela primeira vez.

Ele usava um smoking que cobria com perfeição os seus músculos e

sua silhueta. Dion definitivamente deveria ser proibido de sair em público exalando apelo sexual. Perguntei a mim mesma como as mulheres da festa conseguiam se segurar para não o agarrar e lambar cada parte de seu corpo.

— *Porra!* — ele deixou escapar baixinho.

Seus olhos desceram e subiram pelo meu corpo, ciente de que eu estava vendo-o fazer aquilo, devorando-me silenciosamente. Olhei para o lado e percebi que a mãe dele havia se afastado.

— Você está perfeita — Dion falou, contornando os lábios com a língua, o brio entoava em sua voz séria. — Mas loira?

Tentei disfarçar o magnetismo que ele causou em mim, mas simplesmente não consegui parar de olhá-lo. Nossos olhos pareciam ferro e ímã, uma força de atração assustadora. Fechei os olhos para conter a sensação.

— Acredite ou não, essa é a cor natural do meu cabelo. A cabeleireira só fez algumas luzes — respondi casualmente, olhando os convidados. — Eu estou tão diferente assim?

— Parece outra pessoa.

— Você também está bem bonito dentro desse smoking. — Ele riu, mas fiquei insatisfeita por não conseguir lhe fazer justiça.

Não tinha jeito, eu era péssima com elogios.

— Que bom que você veio — ele agradeceu ainda sem desviar sua atenção de mim.

Enquanto eu corava com seus olhares, uma mão surgiu no ombro dele e uma cabeça loira, a suas costas.

— Não vai me apresentar a sua assistente? — a loira falou no ouvido dele, demarcando território descaradamente.

Dion olhou estranho para a mulher e, depois de suspirar longamente, me apresentou a ela, retirando a mão da loira de cima dele.

— Amber essa é Ava, Ava essa é Amber.

Tive um pequeno baque ao me dar conta de que aquela era a ex-esposa.

Tinha me esquecido dela. Amber saiu de trás de Dion, revelando o seu vestido preto comportado, e beijou a minha bochecha.

— Camille tem razão, o seu nome é bastante exótico.

— O seu também é muito bonito — respondi, tentando ser agradável.

— Há quanto tempo vocês se conhecem? — Amber perguntou, novamente me olhando como se tivesse captado um sinal de perigo em mim.

Dei uma olhadela para Dion. Aquele encontro não estava sendo menos tenso para ele.

— A minha entrevista foi na sexta retrasada, mas eu só fui contratada nessa quarta-feira.

Dion escondeu um sorriso pelas referências que eu havia feito. Faziam oito dias que ele apareceu na porta do meu apartamento e na quarta foi o dia em que eu assinei o contrato de experiência.

— Com licença, Amber. Preciso apresentar Ava para os meus sócios.
— A cara dela fechou como um tempo nublado. Desprezo era o que eu apostaria que ela estava sentindo.

Dion pegou o meu braço e enganchou no dele. Ele me conduziu para longe da ex. Vi mais alguns flashes, porém não vi nenhum fotógrafo. Eu estava apreensiva, sentia as minhas pernas travando, não porque eu estava fora do meu “habitat natural”, tirando o impacto de ser recepcionada com cada rosto virado para mim, eu estava tranquila. O fato de ter uma chance, mesmo que remota, de ter um ex-cliente ali ainda tirava um pouco do meu sossego, fazendo-me às vezes querer fugir pela primeira porta que eu encontrasse.

No entanto, o que me dava mais medo era o tratamento diferencial que eu estava recebendo do meu cliente. Ele parecia ter se esquecido que eu era uma prostituta e me tratava como se eu fosse alguém especial, dando margem para algo que ambos sabíamos que não iria acontecer.

— Você está tremendo — Dion falou ao pegar minha mão e sentir a tremedeira. Olhei pra ele aflita. — Vai ficar tudo bem. — Concordei com a cabeça.

— O que foi aquilo com a sua ex-esposa? — questionei depois de me sentir um pouco mais confortável.

— Eu não sei o que aconteceu com ela. Até pouco tempo atrás ela não estava nem me olhando nos olhos.

— Ela está com ciúme, com muito ciúme — sorri me divertindo com a situação.

— Que seja — deu de ombros.

Conheci alguns homens e mulheres do círculo de convivência de Dion. Recebi algumas cantadas baratas ao lado dele, outras nem tanto. Aquela situação o deixava incomodado, mas não ao ponto de perder a cabeça e querer criar uma confusão.

Quando partimos para cumprimentar um casal perto da cozinha, Dion apertou levemente o dorso da minha mão.

— Siga por esse corredor e entre na quarta porta à direita — ordenou no meu ouvido.

Invadi o corredor escuro que se estendia à minha frente quando não tinha ninguém vendo e entrei onde Dion havia me indicado. Era uma saleta de leitura com mobílias que cheiravam a lustra-móveis. Tinha uma pequena escrivaninha e uma estante cheia de livros e objetos que poderiam ser expostos em museu de tão antigos que eram.

Tracei com os dedos uma linha imaginária entre eles, ao mesmo tempo que tentei ler o título dos livros que eram todos em língua estrangeira. Virei-me quando Dion abriu a porta e depois trancou a mesma atrás de si.

Ele me olhou de cima abaixo segurando o queixo.

Como pode ser tão gostoso?!

— Sabe quão difícil foi para não socar aqueles imbecis que te comeram com os olhos lá fora? — falou, tirando o cinto e se aproximando. Olhei para cima como se estivesse pensando na resposta. — Bem, não foi fácil se quer saber — ele me rondou, tirou o paletó e parou atrás de mim.

A cada suspiro intenso que ele soltava, eu sentia uma inquietação crescente no meu sexo. Aquele homem poderia me fazer gozar sem ao menos

me tocar.

Após algum tempo, senti suas mãos erguendo o meu vestido e deslizando pela minha pele devagar. Com o meu corpo se contorcendo, segurei firme na beirada da mesa e me curvei. Dion descobriu a minha pele nua, sem nada de peça íntima.

Uma risadinha descrente surgiu nos meus ouvidos.

— Onde está aquele fio de renda que você chama de calcinha, Ava? — sussurrou às minhas costas, o calor de sua voz emanou para o meu corpo todo.

— Ficou em casa, Sr. Volkmann.

Eu sabia que era muito atrevimento ir a uma festa como aquela sem roupa íntima, mas aquele vestido foi feito para ser usado sem nada por baixo.

— Que safada — entooou com a voz embebida em tesão. A umidade entre as minhas coxas só aumentou. — Separe as pernas um pouco mais. — Fiz o que ele pediu. — Assim — ele circulou a minha cintura com seus braços, com a barra do vestido levantada, e passou o seu pau pela minha abertura, só por fora.

Arfei de vontade.

— Dion, por favor — deitei a minha cabeça sobre os braços em agonia.

Ele continuou com a sua tortura por algum tempo e só depois me possuiu. Logo percebi que foi diferente das outras vezes. Ele estava mais possessivo, como um lobo salivando por um pedaço da minha carne.

— Aqueles malditos lá fora queriam fazer isso com você, o que estou fazendo agora. Queria que eles pudessem me ver nesse momento — disse no vai e vem dos nossos corpos. — Mas isso nunca vai acontecer porque você é só minha. Não é?

— Sim. — Senti o vestido querer descer de volta, mas Dion foi mais rápido e o segurou com mais força enquanto se apoderava de mim.

— Então diz. — Fiquei em silêncio, querendo provocá-lo. — Diz, Ava!

Ele diminui o ritmo, mas eu não parei. Comecei a me empurrar para trás e a rebolar quando bem entendia. Aquilo foi o suficiente para ele soltar a minha cintura e cobrir a boca para não gritar os palavrões que ele estava falando baixinho.

Eu estava cumprindo o que havia dito. Eu estava enlouquecendo Dion Volkmann.

Ele retomou o controle novamente, só que agora em um ritmo mais forte. Cerrei os dentes para não gritar quando senti o orgasmo querer me sucumbir. Dion gozou, mordendo o meu ombro. Eu entendia o que ele queria fazer, ele queria deixar a sua marca em mim, mesmo que ninguém a visse. Ele precisava saber que eu era dele e não podia ser de mais ninguém naquela festa.

— Aqui tem um banheiro, você pode se limpar. — Confirmei com a cabeça. — Precisa de ajuda?

Disse que não. Ele afivelou o cinto e colocou o paletó, destrancando a porta logo depois.

— Eu sou sua, Dion. A qualquer momento, em qualquer lugar — falei antes de ele ir embora.

— Eu sei, Ava, mas foi muito bom escutar isso.

Claro que ele sabia. Eu estava sendo paga para fazer exatamente aquilo.



CAPÍTULO 17

— Quando eu vi o seu nome na lista, eu percebi que ainda não tínhamos definido a sua mesa. Porém a mesa ao lado da nossa estava faltando uma pessoa, então te coloquei perto do melhor amigo do meu filho. Você vai gostar dele. Ah, ele é solteiro. — Camille piscou e sorriu mostrando seus dentes brancos demais.

— Certo. Obrigada, Camille.

Ela ficou um tempo em silêncio, depois a percebi me olhando intrigada.

— Ava, você está bem? Seu rosto está tão corado.

O rubor em meu rosto só aumentou. Camille havia me fisgado logo depois que saí da salinha onde eu estava com Dion minutos antes.

— Eu só não estou acostumada a ser o centro das atenções — respondi sem graça.

— Acostume-se, querida, com a sua beleza e simpatia, nunca passará despercebida. — Camille olhou ao redor para se localizar. — Ah, é aqui.

Chegamos perto da mesa e avistei quem era o melhor amigo de Dion. Era simplesmente o advogado dele, o homem que não foi com a minha cara e nem eu com a dele. Na mesma mesa, estava Amber e um casal de idosos bem peculiar.

Pela cara que o advogado fez, parecia que ele teve um miniataque

cardíaco ao me ver.

— Andrew, meu querido, esta é Ava, assistente de Dion.

Ele se levantou para me cumprimentar, como um fantoche obrigado a fazer as coisas pelo seu chefe.

— Ava, que bom encontrá-la de novo — falou com muita animação e pouca sinceridade.

— Vocês também já se conhecem? — Amber perguntou interessada do outro lado da mesa.

— Sim, fui eu que redigi o contrato dela — Andrew respondeu.

— Ela não é linda? — Andrew apenas balançou a cabeça no automático, concordando. Fechei os olhos de vergonha. Camille me apresentando para os homens da festa parecia uma criança mostrando para todos a sua nova bonequinha. Logo depois de acariciar o meu rosto, ela saiu de perto me deixando sozinha com o melhor amigo e a ex-esposa de Dion.

Acomodei-me na mesa, segurando as minhas pernas para elas não correrem para longe dali. Não havia lugar pior para Camille me enfiar.

O advogado e Amber engataram uma conversa junto com o outro casal da mesa, todos agiam como se eu não existisse. A interação entre Andrew e a ex de Dion era excepcional, para não falar suspeita. Eles se davam realmente bem.

Comecei a contar os minutos e a mexer no celular, eu já estava acostumada a ser deixada de lado. De vez em quando, Dion passava por nós e eu só o observava sem demonstrar interesse.

— Com licença — escutei Amber falar, se levantando.

— Aonde você vai? — Andrew perguntou confuso.

— Vou para a mesa do anfitrião. Os convidados ainda não se conformaram com o divórcio — ela falou, me olhando diretamente. Sorri com simpatia, mas querendo puxar os cabelos dela em pensamento. Aquela era uma provocação clara pra mim.

Todos se sentaram em suas respectivas mesas, minutos depois, o jantar

foi servido.

A comida dos ricos consistia em um prato de porcelana e bem no meio alguma comida estranha, feita de alguma coisa estranha, resultando em um prato de nome estranho.

Pelo menos não era ruim.

Enquanto Andrew e o casal de velhinhos conversavam amenidades, eu olhava despidadamente na direção da mesa de Dion só para observá-lo e sempre via Amber quase se jogando no colo dele. Atitude estranhíssima. Estava claro que ela tinha ciúmes dele, mas será que se arrependia do divórcio também?

Assistir Amber agarrada a Dion como se fosse um papagaio de pirata me causou uma sensação estranha, uma reação complexa. Ela era muito bonita e estava à altura dele, mesmo assim eu queria que a atenção dele estivesse cem por cento em mim.

Sim, eu queria estar no lugar dela e, sim, eu estava com ciúmes. Admiti, como se uma luz tivesse acendido no meu cérebro.

Merda! Eu estou com ciúmes de um cliente!

Evitei refletir sobre aquele assunto, senão ficaria paranoica de vez.

Após o jantar, algumas pessoas subiram no palco para discursar. Eles falaram sobre temas realmente importantes, mas não consegui evitar ficar com sono. Só fiquei mais alerta quando Dion começou a falar.

E, meu bom Deus, como ele era lindo.

Olhar para o meu cliente era uma emoção que ficava pior a cada dia. Eu estava certa de que não deveria desejá-lo tanto quanto eu o desejava naquele momento, mesmo depois do nosso pequeno encontro secreto.

Postura ereta, olhos abrangendo todos os convidados, fala calma e confiante. Ele definitivamente nasceu para aquilo: comandar. Ter todos a seus pés. Ele me fitou algumas vezes enquanto estava na frente, ou pelo menos eu achava que sim, não dava para ter certeza.

Camille bateu palmas fortemente quando ele terminou. Ela era uma mãe orgulhosa. Perguntei-me onde estaria o pai dele. Até o momento, eu não

tinha sido apresentada a nenhum outro Volkmann.



A banda começou a tocar e uma voz melancólica entoando sucessos do *Blues* foi ouvida. A pista de dança estava oficialmente aberta.

Um homem me tirou para dançar e eu não sabia se podia aceitar. Acabei indo devido à insistência dele.

O nome do homem era Daniel. Chutei que ele tinha entre cinquenta e sessenta anos. Ele ficava me fazendo elogios o tempo todo, sobre como os meus olhos lhe chamaram a atenção e como havia gostado do meu penteado. Senti algumas vezes a mão dele deslizando pelo tecido fino do meu vestido e eu educadamente a recolocava na minha cintura.

Daniel reclamou diversas vezes de como era solitário, ganhando rios de dinheiro enquanto passava suas férias infinitas no Caribe. *Pobre velho rico*. Eu esperava que ninguém me visse rolar os olhos.

— Ava — ouvi a voz de Dion do meu lado —, está tudo bem?

Ele olhou com desconfiança para Daniel, este disfarçou e em um piscar de olhos sumiu da nossa frente.

— Ele sempre faz isso, não é? — perguntei, achando que ele era uma espécie de tarado, toda festa tinha alguém como ele.

— Você é nova por aqui, só peço que não dê mole pra essa gente.

— Entendi.

Dion envolveu minha cintura e entrelaçou nossas mãos.

— Dança comigo?

— Só se você não pisar no meu pé — brinquei.

Tivemos um momento divertido, dançando e comentando sobre a festa, até outra pessoa chegar e tirar ele de mim.

Sem ter ideia do que fazer, decidi ir tomar um ar fresco. O ambiente da festa estava me dando uma sensação claustrofóbica e eu entendia que Dion

não podia me dar atenção o tempo todo.

No meio do caminho, vi uma cabeleira loira extremamente lisa atravessando a multidão para me encontrar. Parei quando Amber entrou na minha frente.

O rosto dela não era nem um pouquinho amigável de início, mas ela logo forçou um sorriso doce.

— Ava, eu estava pensando... já que você é a assistente de Dion agora, talvez eu possa lhe dar algumas dicas. Te falar do que ele gosta de comer, quais são as lojas preferidas dele, essas coisas que uma assistente pessoal deve saber sobre o patrão.

— Oh, seria muita gentileza sua, Amber. Agradeço a ajuda. Eu realmente vou precisar dessas dicas. — Avistei Dion a uns dois metros de distância com um senhor de cabelo branco, ele me olhou de volta, abrindo um breve sorriso. Tentei não reagir como uma adolescente bobinha já que a ex dele estava bem na minha frente.

Desconfiava – e muito – da atitude de Amber. Pelo jeito que ela me olhava, as suas intenções não pareciam ser muito boas, mas acabei aceitando, sabendo que ela não sairia da minha cola. Ela foi embora depois de dizer que pegou meu número com Camille e que iria entrar em contato comigo em breve.

Finalmente consegui chegar do lado de fora do Palácio. Havia algumas pessoas fumando e outras entre beijos e amassos. Fui para o lado onde não tinha ninguém. Observei as colunas envolvidas por trepadeiras e flores da estação, deduzi que, durante o dia, o local deveria se assemelhar a um templo grego. O lugar era muito bonito, mas era onde eu nunca havia pensado estar mesmo que fosse servindo mesas ou limpando a sujeira dos ricos da cidade.

Escutei alguém se aproximar a passos vagarosos e macios.

— Está uma noite linda, não está? — Virei-me ao saber pela voz que não era Dion.

Observei a silhueta mediana chegando perto de mim. Analisei o cabelo jogado para trás e as feições tão serenas quanto as de um bebê. Sob a luz suave da lua, eu podia afirmar que não o conhecia.

— Sim, está — respondi somente por educação e passei por ele para voltar pra festa, não queria ser vista ali fora com outro homem.

Para a minha surpresa, o homem me segurou pelo braço. Olhei para ele com inquietação, tentando me soltar.

— Não precisa fingir que você está à vontade no meio desse monte de gente que nasceu em berço de ouro e, acredite, eu sei como se sente.



CAPÍTULO 18

Puxei meu braço de forma brusca e saí andando para longe daquele homem. Eu não queria dar trela pra estranhos, ainda mais do lado de fora. Mesmo que confusa sobre o que ouvi momentos antes, eu voltei para dentro e fiquei em um canto do salão onde poucas pessoas conseguiam me ver, mas eu tinha uma visão privilegiada de quase todos os convidados.

Meus olhos revezavam para observar Dion e Camille. A mãe dele estava cada vez mais com uma alegria contagiante causada por champanhe em excesso e Dion continuava cercado de figuras femininas. Todas peitudas.

Olhei para o meu busto e soltei um suspiro de insatisfação.

Ele poderia ter qualquer uma delas se quisesse, uma por vez ou todas ao mesmo tempo. Tive a impressão de que aquelas mulheres se matariam para ter uma noite com ele, seria como ser agraciada com o bilhete premiado. Pelo menos era assim que eu me sentia.

Dion era solteiro, não tinha filhos, não precisava dar satisfação para ninguém. Muito menos pra mim. Comecei a temer o dia em que ele iria conhecer uma garota legal e querer um relacionamento sério com ela. Ele merecia. Um dia iria querer se casar e ter seus filhinhos maravilhosos. Pelo o que Camille disse, só aquilo o deixaria inteiramente feliz. No entanto, o que deixaria ele feliz talvez me deixasse triste. Eu não estava disposta a perder Dion, nem agora nem a longo prazo. Mesmo assim, eu trabalhava com a possibilidade de que ele uma hora ou outra não iria me querer mais.

— Está vendo? Você não consegue se misturar porque não é como eles

— uma voz soou atrás de mim como um pensamento tormentoso.

— Ainda não ficou claro que eu não quero conversa? — respondi sem me mover.

— Tudo bem. Eu falo por nós dois — a voz dele continuou paciente. — Está vendo aquele homem ali? — O cara desconhecido se pôs ao meu lado e apontou para um senhor na pista de dança. — Ele tem um grau de deficiência auditiva causado pela idade, quando a música acabar, você ainda vai vê-lo dançando. Aquela mulher ali do lado tem mania de limpeza. Consegue vê-la olhando despistadamente para o chão, conferindo se ele ainda está limpo o suficiente? — Meu queixo caiu quando vi a mulher fazer a mesma coisa que ele disse. Por fim, ele apontou para o homem com quem eu havia dançado mais cedo. — Ele adora seduzir jovens falando sobre as férias no Caribe e sobre não precisar trabalhar para ganhar dinheiro, mas, na verdade, ele é viúvo e vive da herança da esposa morta.

Credo!

— Como sabe essas coisas? — virei-me, perguntando e olhando para o homem.

Era estranho. Assim como aconteceu com Dion, eu sentia que o conhecia de algum lugar.

— Anos de convivência. Eu cresci frequentando festas assim.

— E qual é a sua relação com os Volkmann? — questionei curiosa, já suspeitando da resposta.

Procurei Dion com os olhos e não o achei, nem Camille.

— Eu me chamo Bruce, meu pai é o fundador do banco — respondeu com vaidade e eu fiz a conexão. Era ele no escritório de Dion no dia que eu fui visitá-lo, porém estava bem diferente daquele dia, estava apresentável e não soltava fogo pelas fuças.

— Ava, querida. Pode vir comigo um instante? — Camille apareceu do nada, me pegando de surpresa. Ela me afastou de Bruce e me encaminhou para um local mal iluminado.

— Está tudo bem? Onde está Dion? — não consegui conter minha

preocupação.

— Você sumiu, não te encontrei em lugar nenhum.

— Eu apenas fui tomar um ar.

Eu não sabia bem onde, mas o fato era que comecei a ouvir gritos e, pela voz grave, eu soube que uma delas era de Dion. Camille tornou a falar outras coisas, deixando claro que estava tentando me distrair para o que acontecia em alguma sala dos fundos.

— Vamos voltar pra lá. Quem sabe dançar mais um pouco — ela disse, me guiando para entrar no salão de novo, mas eu a impedi.

— Camille, o que está acontecendo? — insisti, percebendo o meu coração palpitar.

— Não é nada. É só um penetra que não deveria estar aqui.

Os gritos ficaram mais intensos e eu temi que algo ruim acontecesse. Soltei-me de Camille e corri direto para o corredor, procurando a origem das vozes exaltadas.

— *Isso é, sim, sobre você. Sobre você ter essa mania podre de querer a vida dos outros, como um parasita!* — um Dion furioso gritou.

Encontrei uma sala com a luz saindo da porta semiaberta. Observei por alguns instantes pela fresta.

— *Não, isso não é sobre mim. É sobre você não ter gostado de eu estar conversando com aquela mulher. Isso que te deixou bravo.*

— *Para começo de conversa, você não deveria nem estar aqui. E qual é o problema de eu tentar livrá-la do desprazer de estar na sua presença?*

Droga. Eu estava causando aquela briga?

— *Problema nenhum pra mim, mas pra você com certeza. Você veio até mim porque percebeu que ela estava comendo na minha mão. Antes de você chegar, nós estávamos discutindo para onde iríamos depois dessa festa tediosa.*

Ao ouvir tamanho absurdo, eu escancarei a porta e encarei os dois homens que estavam muito perto de partir para as vias de fato. Dion me

olhou com sua íris queimando de ódio e Bruce fez um gesto desdenhoso ao me ver, ele nem parecia incomodado de ter mentido sobre mim.

No meio daquela tensão, percebi que alguém estava vindo pelo corredor. Pelo bater do salto no piso, deu para deduzir que era Camille.

— Dion, está tudo bem? — perguntei sem conseguir pensar em nada melhor pra falar. Ele colocou as mãos na cintura e fitou o chão penalizado.

Bruce deu uma risada forçada, mas que me arrancou calafrios de temor.

— Meu Deus, Dion! Agora eu estou entendendo tudo. Você está envolvido com essa moça, não está? Não, não, espere. Há quanto tempo vocês estão juntos? Você ao menos esperou o divórcio? — o tom dele era acusatório e cínico.

— Cala a *porra* da sua boca! — a voz de Dion trovejou pela sala, pensei que nunca havia visto alguém tão furioso quanto ele.

— Você vive falando mal do nosso pai, mas no fundo você é *igual* a ele — Bruce provocou mais um pouco, fingindo desgosto.

Era muito claro o seu objetivo. Tirar Dion do sério parecia ser o passatempo preferido dele.

Camille entrou na sala às pressas, tentando segurar a fúria de Dion. O problema era que fazer aquilo seria a mesma coisa que tentar controlar a força de um vulcão. Totalmente inútil.

Comecei a ver tudo em flashes. Em um momento, Dion afastou a mãe para o lado. No outro, as mãos dele estavam em punhos e, por fim, o som seco do choque entre a sua mão e a boca do irmão. Bruce não tentou nada contra ele, sequer se defendeu.

Àquela altura, ficou entendido que a briga entre eles era muito mais complexa.

Eu não consegui reagir ao ver Dion se preparando para bater no irmão novamente, apenas tapei a boca com as mãos trêmulas ao mesmo tempo em que mais pessoas entraram na sala. Um homem mais velho e Andrew seguraram Dion e uma mulher com um vestido vermelho segurou Bruce. Eles

gritaram coisas que eu não conseguia entender direito devido a algazarra. Saí do lado de fora e encostei as costas na parede, tentando regular minha respiração.

Fiquei lá sem decidir se eu entraria novamente e faria alguma coisa ou se apenas aguardava os ânimos se acalmarem.

Andrew saiu da sala e ficou do outro lado da porta me observando.

— Olha só o que você conseguiu fazer em seu primeiro evento — o tom de incriminação da voz dele me deu repulsa. Andrew devia achar que todas as tragédias que aconteciam no mundo eram culpa minha.

Não respondi. Apenas engoli em seco, meu coração continuava acelerado.

— Eu não sei o que você fez com Dion. Ele e o irmão são como gato e rato, mas eu nunca os vi brigarem dessa forma, foi só você aparecer.

— O que você está tentando dizer?

A gritaria na sala foi sumindo aos poucos.

— Eu estou tentando dizer que você não deveria ter dado conversa para o irmão louco dele. Se não, isso não teria acontecido.

— Mas eu não dei conversa pra ele, foi ele que ficou atrás de mim.

— Não importa, o estrago já está feito. — A porta da sala se abriu e todos saíram ao mesmo tempo. Bruce e o casal mais velho foram para um lado, Camille e Dion foram para o lado oposto do corredor. Estiquei o pescoço para observá-lo, ele ainda estava bastante atordoado. Andrew descolou da parede para ir atrás, eu fiz o mesmo, mas ele me parou. — Vá para casa e pense melhor sobre essa relação entre vocês dois. Dion não pensa mais com a cabeça de cima e eu tenho plena certeza de que essa brincadeira de vocês não dará certo, então seja sensata, Ava, e não assine o outro contrato para não arranjar mais problemas pro meu amigo.



CAPÍTULO 19

Nem esperei chegar no apartamento para desabar em lágrimas. Carl, muito cavalheiro, me ofereceu um lenço no carro, perguntando se estava tudo bem.

Tomei banho quando cheguei em casa para desfazer o penteado e tirar a maquiagem. Depois, deitei na cama para esperar o sono vir, mas eu só conseguia chorar. Chorei porque, no final das contas, eu ajudei a provocar aquela briga mesmo sem intenção e estava realmente considerando a insinuação de Andrew de não assinar o contrato definitivo. Eu não estava pronta para sobreviver em meio a tubarões.

Bruce parecia legal no começo, mas depois se revelou um mentiroso de mão cheia. Aquilo poderia ser reflexo de uma vida vivendo nas sombras do irmão, mas também poderia ser mau-caratismo puro. O sono veio após eu chorar mais algumas vezes, porém a angústia não permitiu que eu dormisse.

No meio da noite, comecei a ouvir passos pelo apartamento. Levantei calmamente para verificar e, assim como eu desconfiava, era Dion. Ele estava sentado no sofá com um copo de uísque na mão. O seu olhar estava tão distante que durante algum tempo nem percebeu a minha presença.

— Me desculpe por acordá-la — falou ao me ver.

— Eu não estava conseguindo dormir mesmo — amenizei. — Você está bem?

Ele deu um gole na bebida, com o olhar fixo no tapete felpudo aos

nossos pés.

— Dion, fale comigo. Eu estava preocupada.

Ele não queria falar e eu também não queria ficar insistindo.

— Tudo bem — falei conformada. — Tem algum problema se eu ficar aqui com você?

Os seus olhos me seguiram quando eu me sentei no sofá do outro lado da mesinha de centro.

— Não, aqui. Sente-se aqui comigo — pediu.

Fiz o que ele disse. Sentei ao seu lado, colocando os pés em cima do sofá, absorvendo a magia que era olhar para ele. Os cabelos estavam levemente desalinhados, ele ainda usava a camisa branca do smoking, as pernas abertas abrangiam um bom espaço do sofá. Tentei de tudo para não o tocar, mas falhei miseravelmente. Coloquei minha mão sobre a dele e entrelacei nossos dedos. Ele não falou nada, apenas observou o gesto, ficando pensativo.

— Ava... — se manifestou depois de um tempo, tentando recolher a mão, mas eu não soltei.

— Dion, por favor... Olha pra mim. Me deixe tentar fazer você se sentir melhor. — Ele suspirou forte. — E eu não falo só de sexo, falo de conversas, companheirismo. Nós dois somos péssimos no quesito comunicação e talvez a gente possa mudar isso — minha voz saiu confiante.

Ele finalmente me deu a sua atenção. Dion me analisou com calma e eu não consegui evitar de ter uma carga elétrica passando pelo meu corpo, me esquentando nos lugares certos.

— Me diz o que está pensando.

Raciocinei rápido e decidi dar voz ao que estava na minha mente já há algum tempo.

— Seria como um jogo ou um sistema de trocas. — Dion virou o corpo pra mim e me deu liberdade para continuar falando. — Há coisas sobre mim que você quer saber e eu idem. Pensei que nós pudéssemos ser recompensados por cada pergunta respondida. Por exemplo, eu te pergunto

algo pessoal, se você responder e se eu ver que você está sendo sincero, você tem direito a me pedir qualquer coisa.

— Deixa-me ver se entendi. Se eu te perguntar alguma coisa e você responder com sinceridade, você me pede algo, é isso?

— Sim, quem responder pede. Simples.

— Hm, parece interessante — os lábios prepotentes estavam de volta.
— Eu começo.

— Não, eu começo — a feição de Dion mudou de convencido para assustado. — Não se preocupe, pra essa primeira rodada eu vou pegar leve com você — pisquei e ele suavizou a expressão. — Ok, lá vou eu. Por que “Senhor Collins”? — perguntei, jogando os cabelos pra trás.

Uma gargalhada grave tomou o apartamento na escuridão. Fiquei olhando pra ele com cara de boba sem entender nada.

— Qual é o problema? — questionei ofendida.

— Você gastou a sua primeira pergunta em algo muito bobo — ele continuou rindo. — Ava, não há nenhum mistério por trás desse nome. — Deixei meus ombros caírem em desânimo.

— Sério? Pensei que Senhor Collins fosse a sua personalidade *libertina* — nós dois rimos.

— Não. Na verdade, esse é o sobrenome de um personagem em um filme que eu via muito quando criança. Ele era foda em todos os sentidos, me lembro de querer ser como ele quando crescesse.

— Aposto que você ficou ainda melhor — Dion me olhou e depois fitou o chão, balançando o copo em uma de suas mãos. Parecia encabulado.

— Então, fui sincero na resposta?

— É, a resposta não foi a que eu queria ouvir, mas sim. Pode fazer o seu pedido.

— Ótimo! Coloque uma roupa. Nós vamos sair.

Quando eu pensei que ele ia me pedir para tirar a roupa, ele me pediu para colocar. Dion era mesmo um mistério.

Alguns minutos depois, estávamos no McDonald's do bairro vizinho, ele dava mordidas generosas em seu sanduíche – que, por sinal, era o maior do cardápio – enquanto eu me contentava somente com a porção de batatas fritas.

— Você não gosta de *fast food*? — perguntou entre uma mordida e outra.

Nunca poderia imaginar que o pedido dele da nossa brincadeira fosse me levar até uma lanchonete em plena madrugada.

— Ah, eu gosto, sim, mas ao contrário de você, eu jantei.

— Eu também jantei, mas você acha que aquele prato principal sustentaria um cara do meu tamanho? — o senso de humor dele estava perfeito.

— Claro que não — respondi rindo. — Aliás, bom saber que você tem fetiche em comer *fast food* de madrugada. — Dion me olhou intrigado.

— Eu estou tentando pensar em alguma maneira em que você poderia usar isso contra mim.

— Talvez seja para usar a seu favor — deixei no ar.



A minha mão suave pelo contato prolongado com o mármore do balcão da cozinha. Estava apoiada nele enquanto Dion me fazia gozar pela segunda vez seguida.

A noite não poderia terminar diferente.

Ele permaneceu dentro de mim, me pressionando contra o balcão e distribuindo beijos calorosos no meu pescoço suado. Ficamos assim por um bom tempo.

— Bruce disse que você estava caindo na lábia dele.

Suspirei lentamente. Sabia que uma hora ou outra ele tocara naquele assunto.

— Você confia nele? — perguntei em contra partida.

— Nem um pouco, mas...

— Espere, essa já é a sua pergunta da primeira rodada?

— Pode ser.

— Bem, ele foi atrás de mim duas vezes e em ambas às vezes eu o dispensei, mas ele continuou a falar.

— Seguir ordens não é o forte dele.

— Não consigo entender. Dion, qual é o problema entre voc... — Ele me interrompeu antes de eu concluir.

— Eu sei o que você vai perguntar. Guarde essa para a próxima rodada. Só queria te pedir para ficar longe dele, está bem? — Ele saiu de dentro de mim e eu senti sua falta instantaneamente. — Mas eu gostei do seu jogo, parece promissor — continuou ele, fechando a calça.

Depois de pegar suas coisas, ele foi em direção à porta. Acompanhei-o com vontade de pedir pra ele não ir.

Dion parou do lado de fora e eu encostei na soleira da porta.

— Sinto muito sobre a festa mais cedo. — Ele afundou as mãos nos bolsos da calça. — Eu... não queria que você me visse daquela forma.

— Não precisa se preocupar sobre o que eu penso ou não de você.

— Mesmo assim, eu não deveria ter me comportado daquela forma na sua frente.

Ele foi embora após me deixar um sorriso gracioso. Vi seus passos lentos, quase hesitantes, ao se afastar. Queria gritar pra ele voltar e passar a noite comigo, mas as palavras ficaram presas na garganta.



CAPÍTULO 20

Acordei com uma sequência de mensagens de Dion.

Bom dia, espero que tenha dormido bem.

Uma foto nossa está em circulação, a mídia está na minha cola.

Esfreguei os olhos para ter certeza de que era aquilo mesmo que estava lendo. Como assim uma foto nossa? Senti um mal-estar tomar todo o meu corpo.

Peço que não faça nenhuma aparição pública hoje enquanto eu resolvo isso. Também vou evitar ir até aí por alguns dias.

Te ligo mais tarde.

Com as mãos trêmulas, eu abri o site de busca no celular e joguei o nome de Dion. Infinitos resultados apareceram. Os mais recentes realmente tinham uma foto nossa, mas não mostrava o meu rosto, apenas nos mostrava em um momento descontraído: Dion sorrindo pra mim e nossas mãos se tocando levemente.

“Quem é a garota misteriosa que fez Dion Volkmann sorrir?”.

Era a manchete de um site de fofoca.

Fui rolando a página, pensando em como aquilo deveria pegar mal pra ele, pois Dion se divorciou na semana passada.

— Droga! Eu sabia que não deveria ter ido àquele evento — lamentei.

Por favor, me diz como posso ajudar?

Mandei para Dion de volta, querendo fazer algo para ajudá-lo, porém não sabia como. Aparentemente, nem ele, porque não obtive retorno.

“Parece se tratar de uma mulher nova na cidade, uma vez que ninguém nunca ouviu falar dela antes”, dizia a matéria.

Pelo menos o meu rosto não apareceu, imaginei, Se o meu rosto tivesse aparecido e algum cliente me reconhecesse, iria dar um problema muito maior para Dion. Ele ficaria, na melhor das hipóteses, desmoralizado no seu meio de trabalho.



Os dias se passaram, eu e Dion apenas tivemos contato por telefone. Acreditava que ele viria hoje já que era o último dia do contrato de experiência.

A campainha do apartamento tocou, era a primeira vez desde que eu cheguei. Saí para atender, ciente de que era a faxineira que Dion havia contratado para limpar o local.

O meu descontentamento foi instantâneo ao abrir a porta. Meu corpo começou a tremer quando dei de cara com Olga e sua pose imponente habitual. Poderia acontecer um dilúvio ou o apocalipse que ela estaria daquele mesmo jeito, como se nada pudesse derrubá-la.

Belisquei-me para acordar do pesadelo que era estar em sua presença novamente. Minha mente não queria acreditar no que meus olhos viam. Dei alguns passos para trás hipnotizada e sem saber o que fazer.

— Todo mundo ficou se perguntando quem era a acompanhante do magnata Dion Volkmann. Já eu nem precisei ver a sua cara pra saber que era você. Eu reconheceria essa sua anca gorda em qualquer lugar — a voz dela tomou os meus ouvidos, fazendo todo aquele pesadelo se tornar real.

— Como... como você conseguiu me achar aqui? — o meu desespero era perceptível.

— Eu sei seguir rastros como ninguém e você sabe muito bem disso.

Ah, eu sabia mesmo. Olga era uma mulher bem assessorada, ela conseguia tirar informações de qualquer um, utilizando de simpatia e gentileza; perversidade se fosse preciso. Apesar de minhas pernas terem virado purê, literalmente, eu fui até a porta e a escancarei.

— Dê o fora daqui!

— Eu sabia que você iria longe, mas um banqueiro, Ava? — Olga falou impressionada, ignorando o meu pedido.

Ela caminhou em torno da sala, deixando-me ainda mais angustiada. Olga nunca me ouviu, não seria agora que iria ouvir, mesmo assim, eu tinha que tentar.

— Já disse para você sair! — meu tom era mais agressivo, ela sabia bem como tirar a minha estabilidade mental.

— Não, meu amor. Eu não vou sair daqui até conseguir o que eu quero — disse, tirando suas luvas de crochê que eram de uma delicadeza que ela não tinha.

Olhei para o chão, as lágrimas já rolavam pelo meu rosto, mas eu sequer as percebia. Não conseguia sentir nada além de ódio naquele momento. Meu corpo parecia anestesiado para qualquer sentimento bom.

Fechei a porta e me virei para ela com total aversão. Seria muita ingenuidade minha achar que Olga saiu do outro lado do país por algum motivo que não fosse lucrar nas minhas costas.

— E o que você acha que pode conseguir de mim?

— Eu quero tudo o que você me tirou — sua voz era carregada de rancor. — Quando você fugiu, eu fiquei na miséria. Demorei muito tempo para me reerguer.

— Não é de se espantar, você tinha perdido a sua galinha de ovos de ouro e é incapaz de ganhar dinheiro honestamente — retruquei.

— Se não fosse por minha causa, você não estaria com Dion hoje. Você sabe disso, não sabe?

— Não, Olga, se não fosse por você, hoje eu seria uma pessoa digna — fiz uma pausa, mas o nó na minha garganta pediu que eu falasse mais. — Você tem noção do quanto você destruiu a minha vida? Ao menos sente algum remorso?

Todo o sofrimento que eu havia passado com ela de repente tomou voz. Ali ela não podia me dizer o que eu deveria fazer ou não. Vivi muitos anos mantida sob suas correntes invisíveis e as artimanhas que ela fazia para convencer a minha mente a ser o que ela queria que eu fosse. Eu fui fraca naquela época. Não serei mais.

Pelo menos, esperava não ser.

Ela saiu de trás do sofá e veio na minha direção. Balancei a cabeça quando ela segurou o meu queixo, mas ela segurou forte demais, tornando a minha escapada impossível sem que eu sentisse um bocado de dor.

— Eu não sinto nem um pouco de culpa, sabe por quê? Porque, como você bem disse, você era a minha galinha de ovos de ouro, mas agora você é o mapa do tesouro — seus olhos castanhos brilharam ao falar a última palavra.

Demorei para associar uma coisa com a outra. Meu estômago revirou quando entendi que ela estava se referindo a Dion.

— Você me deve, Ava. Você me deve muito dinheiro.

— Eu não te devo nada! Muito menos ele.

— Mas vai dever. Eu ainda não estipulei o valor da dívida, mas você vai me pagar cada centavo. Acho que essa é a parte que você fala “senão...”.

— Você não tem esse direito — peguei as mãos dela para implorar, talvez adiantasse alguma coisa. — Por favor, só nos deixe em paz.

— Não é uma questão de direito, Ava. É uma questão de justiça. — Ela soltou as minhas mãos como se tivesse desgosto. — Acho bom você já ir pedindo para o seu cliente abrir o bolso, ou melhor, o cofre — deu uma risadinha cínica —, senão o mundo todo vai ficar sabendo que a acompanhante de Dion Volkmann na verdade é uma prostituta. Se para atores famosos e estrelas do rock isso já pega mal, imagine para um homem de

negócios.

Sentei no sofá, sentindo a consternação tomando conta da minha mente. De repente, era como se eu tivesse doze anos de novo; uma garotinha desnorteada pela falta de opções.

Daquela forma minhas suspeitas se concretizaram. Olga não me procuraria se não fosse para lucrar às minhas custas.



CAPÍTULO 21

Saí do banheiro quando escutei a porta do apartamento abrir. Havia feito uma maquiagem leve apenas para esconder o meu rosto inchado pelo choro de mais cedo. Olga já tinha ido embora, prometendo que iria voltar para conseguir o que queria.

Forcei um sorriso e atravessei o quarto em direção à cozinha, onde Dion estava.

— Senhor Collins — observei-o abrir a geladeira e tirar uma cerveja de lá.

— Ei, está tudo bem? — Ele mudou a expressão quando me viu, largando a garrafa de lado. — Você parece... diferente.

Fui até ele e agarrei seu pescoço, trazendo-o pra mais perto. Precisava sentir o seu cheiro. Distribuí beijos audaciosos ali enquanto desfazia o nó da gravata. Logo, abri os botões da camisa branca do terno.

Fitei Dion que estava com seus olhos azuis escuros repletos de confusão e desejo. Eu tive mais vontade de fazer o que eu iria fazer. Ficamos dias sem nos ver, queria mostrar o quanto havia sentido a sua falta.

Peguei a mão dele e o puxei atrás de mim, guiando-o para o quarto. Ele não conseguiu se conter e apanhou meus seios por cima da camisola de tecido fino, acariciando para cima e para baixo.

— Deus, Ava! O que você quer? — perguntou quando chegamos ao pé da cama.

— Eu quero você, senhor Collins. Agora — minha voz de pidona reverberou nele.

Dion passou a mão no meu bumbum sem nenhuma pressa, mas com uma vontade incontrolável. Depois, puxou a calcinha como se ela fosse um obstáculo pífio para o seu objetivo, a camisola permaneceu no meu corpo, contornando as minhas curvas da forma mais sensual possível. Então, ele me pôs de quatro na cama e eu deitei a minha cabeça sobre os meus braços. Escutei a fivela do cinto dele balançando atrás de mim, não precisava ver para saber que suas mãos trabalhavam agilmente para retirar o resto de sua roupa.

Dion correu os dedos pela minha abertura molhada e eu não evitei de balançar meu corpo no ritmo de sua mão.

— Eu fico duro só de imaginar você aqui, toda molhadinha me esperando. — Percebi o peso dele mais próximo. — Como você quer isso, Ava?

O ritmo de sua respiração demonstrava o quanto ele também havia aguardado para me ter novamente.

— Forte e rápido — respondi sem hesitar.

— É o meu jeito favorito também.

Soltei um gritinho quando ele puxou o meu cabelo de leve, me penetrando. Ainda não havia me acostumado totalmente com o seu tamanho.

— Tudo bem, vamos começar devagar...

Dion iniciou um ritmo torturante, mas eu precisava gozar desesperadamente após a visita repugnante de Olga horas antes.

— Mais rápido — sussurrei como uma gatinha no cio.

— Calma... — pediu, encontrando o nosso ritmo aos poucos.

Ele segurou a minha cintura com mais firmeza, enterrando os dedos na minha pele sensível. Os movimentos dele ficaram mais intensos gradativamente. Forcei-me a levantar mais o bumbum e ele prendeu os meus braços para trás com o intuito de ir mais fundo. Eu não ligava se parecíamos dois animais irracionais que só pensavam em praticar o pecado da carne. Ali,

naquela cama, podíamos ser o quiséssemos sem nos preocupar com o julgamento alheio.

— Você quer me enlouquecer, Ava? — a pergunta de Dion soou mais como uma afirmação pra si mesmo. Ainda assim, não quis deixá-lo sem resposta.

— Não, você já está louco por mim — minha voz saiu por um fio enquanto o meu corpo explodia do mais genuíno prazer.

Com Dion ainda deitado, eu me agarrei a ele como se ele fosse a minha última esperança e fui marcando o seu peito com meus beijos vermelhos de batom. Ele ensaiava um cochilo com a aparência tranquila ao mesmo tempo que passava suas mãos suavemente pelas minhas costas, abaixo da malha fina da camisola. Por um bom tempo, eu fiquei apenas o tocando, sentindo-o e beijando o seu corpo. Não demorou muito para que o nosso desejo viesse à tona novamente, até o ponto que as carícias tornaram-se insuficientes.

Alisei o pau dele e o posicionei abaixo de mim. No momento em que fiz isso, ele se sentou e eu enrosquei minhas pernas em torno dele, cruzando meus braços em seu pescoço. Dion abraçou minha cintura, me trazendo para mais perto. Cavaleguei-o lentamente; minha intenção era aproveitar o máximo que podia aquele momento.

Toquei Dion no rosto, fazendo-o estremecer, mas ele não reclamou. Contornei a sua fisionomia perfeita, os seus olhos impenetráveis, seus lábios prepotentes. Tinha certeza de que ele entendia muito bem o que eu queria dizer com aquilo tudo, mas não me deu um sinal verde e eu não iria ultrapassar seus limites, pelo menos não agora.

O contato visual era intenso; não dissemos nada. O momento não era de falar e, sim, de apreciar. Sentir meu corpo unido ao dele da maneira mais primitiva, ser preenchida de forma suave pelo homem que fazia o meu corpo agir por contra própria.

Momentos depois, Dion tirou a camisola pela minha cabeça e analisou os meus seios, conferindo a forma e a textura e, depois, os envolveu com suas mãos. Ele me venerava, venerava meu corpo, a maneira como eu me mexia. Era um favor para a autoestima transar com aquele homem.

Mudei o ritmo conforme bem entendia, às vezes mais rápido, às vezes lento, porém mergulhando em um mar de prazer que só acabaria quando eu quisesse.



Voltei do banheiro, encontrando Dion ainda preguiçoso na cama.

— Você é linda *pra caralho!* — disse em tom de humor ao me ver passear nua.

Desde a noite da festa, ele falava o que bem queria sem pensar duas vezes.

— São seus olhos — retruquei fazendo charme.

— Falando sério, eu não soube nem como reagir quando te vi na festa. — Ele me puxou quando eu cheguei mais perto da cama, a meia luz do quarto escondeu o meu rosto corando. — Mas...

Dion contornou a minha cintura, me deixando de costas contra o peito dele.

— Mas o quê?

— Você está diferente hoje. Quer me contar o que está acontecendo? — o tom de voz dele se tornou mais sério.

Meu coração começou a pular dentro do peito quando Dion me virou para que eu o encarasse.

— Eu não estou diferente, por que estaria?

— É o que eu quero saber. Me diz, qual é o problema? — Olhei pra ele, depois abaixei os olhos. — Essa é a minha pergunta de segunda rodada. — Mergulhei meu rosto nas mãos, totalmente derrotada.

Não, isso não...

— Não tem nada de errado, Dion — menti com o coração em frangalhos.

— Tem, sim, Ava. Você que não quer me contar. É sobre o contrato?

Você não vai aceitar, é isso? Se for a questão da nossa foto na internet, já está tudo resolvido. — Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Me diz — pediu, depositando um beijo terno na minha cabeça.

Agora era eu quem estava sem reação. Não estava nem um pouco acostumada com aquele tipo de demonstração de carinho, ainda mais por parte dele.

— Não é nada — dei minha palavra final.

— Hum, certo. — Ele se levantou, me dando uma bela visão do seu traseiro. — Não vai ter recompensa pra você essa rodada. Uma pena...

Entristeci-me por não ser honesta com ele. Àquela altura, eu ainda não sabia o que faria sobre Olga. Não tive tempo hábil para pensar sobre o que a ameaça dela implicava. Se eu contasse a Dion o que estava acontecendo, provavelmente ele cederia à chantagem dela e eu não queria deixar aquilo acontecer.

Deitei de barriga pra cima na cama, observando Dion se arrumar para ir embora novamente. Refleti sobre se um dia seria diferente, sobre um dia em que ele não precisasse ir.



CAPÍTULO 22

Outro dia nasceu e eu ainda não havia decidido sobre o contrato. Dion precisaria de uma resposta hoje, provavelmente na hora do almoço. Eu também não havia decidido sobre Olga. Uma questão interferia na outra. Se eu não aceitasse o contrato, provavelmente Olga desistiria de me chantagear ou, na pior das hipóteses, ela chantagearia Dion.

Droga, aquilo era a cara dela!

O pior de tudo seria perder Dion, uma vez que ele não ficaria comigo se não tivesse exclusividade. Ele era possessivo demais para me dividir com outros clientes. Eu não podia falar por ele, mas, falando por mim, eu não estava disposta a perdê-lo.

Se eu aceitasse o contrato, seria como quebrar a corrente de manipulação que Olga exercia sobre mim, mostrando que ela não podia mais me controlar. Com Dion, eu vivia um momento em que eu fazia as minhas próprias escolhas exatamente por terem sido me apresentadas opções. Com Olga, nunca havia opções. No entanto, eu teria que pagá-la, senão, como ela bem disse, iria expor o meu relacionamento secreto com o dono da instituição bancária mais bem-sucedida do continente.

Tudo aquilo porque eu ainda levava as coisas de forma otimista. Afinal, Olga era problema meu. Seria muita falta de caráter empurrá-la para Dion como um presente de grego. Cheguei a imaginar a reação dele na minha cabeça: "Eu te contratei pra me dar sexo e não problemas".

A última coisa que eu queria era prejudicar mais pessoas, mas

infelizmente não conseguia ver outra saída senão envolver Dion nisso.

Organizando as coisas na minha mente, decidi aceitar o contrato e contar sobre Olga para Dion de forma breve, sem citar nomes e os meus piores dias antes de chegar a São Francisco. Contaria sobre a chantagem de acordo com a sua resposta e, caso ele estivesse disposto a ajudar, talvez encontrasse uma solução para nos livrar dela.

Dion chegou no apartamento e me olhou. Eu consegui ver um sorriso contido atravessar seu rosto.

— Bom saber que não tenho que ir te buscar em Tenderloin. — Sorri toda boba.

— Então... eu decidi que iria permanecer um pouco mais no bairro dos ricos — respondi, aceitando a atmosfera de humor que ele trazia.

Ele entrou mais e deixou as sacolas em cima da mesa da cozinha. Pelo formato da embalagem, hoje iremos de comida japonesa.

Antes do almoço, ele me levou para o seu escritório. Eu assinei o contrato e ele também. O prazo determinado era de seis meses. Durante aproximadamente cento e oitenta dias, eu seria só dele. E eu não podia estar mais feliz com isso.



— Você morava aqui antes de decidir que eu viria pra cá? — perguntei, já na bancada da cozinha.

Aquela era uma dúvida que martelava na minha cabeça.

— Segunda rodada? — Assenti com a cabeça. — Você está pegando leve nas perguntas. Eu não vou mais amenizar pra você.

— Ah, é? Bom saber. — Fiz careta enquanto pegava outro *hossomaki*, quase deixando-o cair. Comer com aqueles palitinhos japoneses não era a minha especialidade.

— Respondendo a sua pergunta, eu não sei se posso falar que eu morava aqui antes de te trazer pra cá. Eu vivia com a minha ex-esposa, mas

mantinha esse apartamento para me afastar. É complicado duas pessoas ficarem na mesma casa sem ao menos se suportar. — Olhei pra ele durante todo o momento, se ele estivesse mentindo, era definitivamente um ótimo ator.

— O que aquela mulher tem para não querer lutar por você? — pensei comigo mesma.

— O que você disse? — Dion cerrou os olhos. Percebi que falei o pensamento em voz alta.

Direcionei meus olhos para a comida, sentindo meu rosto em chamas.

— Perguntei se você está morando com a sua mãe agora — respondi sem graça, quase me engasgando com o arroz.

Estava claro que Dion sabia que não foi aquilo que eu disse e eu só piorei a situação. Ele tombou o rosto e me analisou, depois meneou a cabeça e soltou um risinho brincalhão.

— Agora eu moro sozinho. — Peguei mais um bolinho de arroz e o afoguei no molho escuro – que eu não lembrava o nome – e o joguei na boca. — Olha pra mim. — Fiquei paralisada, me perguntando o que eu estava fazendo de errado agora. Dion tirou um guardanapo da sacola e o passou suavemente pelo canto da minha boca. — Olha isso, você está toda lambuzada de molho shoyu — ele falou, como se estivesse cuidando de uma criança travessa.

Cerrei os olhos pra ele um pouco irritada.

— E você acha que a sua boca não está suja? — perguntei, me divertindo com a cara dele realmente achando que estava lambuzado também. — Eu estou brincando. — Dion fechou a cara, parecia não acreditar em mim.

Que homem desconfiado, meu Deus!

Peguei o guardanapo da mão dele e passei no entorno de sua boca. *Esses lábios, Cristo! Esses lábios.* Limpei os cantinhos e mostrei o guardanapo limpo, mas ele parecia não se importar. Com o olhar fixo na minha boca, ele tornou a tocar o meu rosto, acariciando suavemente. Aquilo me pareceu um pedido ou uma permissão. Sendo assim, eu me aproximei

ainda mais dele, mantendo nosso contato visual, observando se ele queria mudar de ideia. Lágrimas quase vieram aos meus olhos quando percebi que ele queria aquilo tanto quanto eu.

Estar prestes a sentir o gosto de seus lábios prepotentes era como um lembrete de que a coisa toda estava ficando mais séria do que deveria.

No meio daquele vendaval de emoções, a imagem de Olga me veio à cabeça e, conseqüentemente, as coisas que eu deveria conversar com ele também.

— Eu... — fechei meus olhos, sofrendo por quebrar aquele clima — preciso te falar sobre uma pessoa.

Um suspiro saiu dele instantaneamente.

— Tudo bem, eu já esperava por isso — assentiu.

Olhei para ele, tentando detectar algum tipo de controvérsia, mas, muito pelo contrário, tinha conforto e paciência. Estava tudo ali. Era o momento perfeito... até a campainha do apartamento soar. Por um instante, fiquei aliviada de poder ter mais algum tempo para me preparar.

— Eu vou atender — Dion falou, levantando-se rapidamente e indo em direção à porta, pisando duro.

Enquanto ele não estava, fiquei formando frases na minha cabeça, tentando achar a melhor forma de contar aquilo sem parecer que eu era uma aproveitadora.

— Ava? — escutei Dion me chamando momentos depois. — É pra você.

Surgi na sala rapidamente. Uma onda de medo passou pelo meu corpo quando vi Dion olhando para a mulher loira de meia idade com estranheza.

Era Olga.

Por Deus, o que ela está fazendo aqui?

Pensei em fingir que não a conhecia, no entanto ela passou pela porta, vindo em minha direção antes de me abraçar. Senti-me sufocada por uma cobra cascavel prestes a dar o bote.

Parado próximo à porta, Dion ainda me olhava como se me pedisse uma explicação. Afinal, ninguém podia saber onde eu estava morando.

— Querida, é tão bom reencontrá-la. — Naquele momento, Olga começou a fazer um teatrinho nojento pra Dion. — Não vai me apresentar para o seu namorado, filha? — Ao ouvir "filha", ele cruzou os braços e, com cara de quem mataria alguém com as próprias mãos, veio até mim.

— Mãe? Eu pensei que você fosse órfã, Ava.

A forma como ele me olhou me deu calafrios, não do tipo bom.

— E ela é, mas eu fui a escolhida para cuidar desse pequeno anjo quando os pais dela morreram — sua voz era visivelmente falsa.

Olhei para Olga sem demonstrar nenhum tipo de afeição. Talvez Dion matasse a charada por si só.

— Você não é da cidade, é? — Investigou.

— Não, eu não sou. Meu nome é Olga. Você ainda não falou de mim pra ele, meu amor? — Cutucou-me de forma irritante.

— Não, eu não falei e você sabe muito bem que ele não é meu namorado.

Dion observou a minha reação, depois se afastou por alguns instantes, tirando o celular do bolso. Ele caminhou de um lado para o outro enquanto aguardava ser atendido, parecia impaciente.

— *Stacy, eu preciso que você cancele a minha reunião das duas horas. Não, eu não sei quando eu volto* — desligou e guardou o celular.

Eu o vi voltando para a sala, com uma expressão brava e decepcionada. Olga estava sentada no sofá, mexendo nas unhas distraidamente, como se esperasse que alguém lhe trouxesse uma xícara de café. Já eu, encolhi-me como se aguardasse a força.

— Sente-se aí, Ava — ele pediu com firmeza.

— Dion, por favor, me escute... — tentei falar algo, nem sabia o que dizer. Provavelmente eu perguntaria por que ele parecia tão zangado comigo.

Sentei ao lado de Olga quando percebi que ele não iria ceder. Dion

sentou-se na mesinha bem na nossa frente.

Observei, com temor, ele passar as mãos pelo rosto e depois juntá-las em frente ao nariz.

— Essa é a hora em que vocês duas me explicam que *merda* está acontecendo aqui.



CAPÍTULO 23

— Por que você acha que está acontecendo alguma coisa, senhor Volkmann? — Olga questionou, como se não entendesse o motivo dele falar aquilo. — Eu sou apenas uma mãe vindo visitar a filha.

Dion não deu atenção para o que ela disse. Seus olhos permaneciam em mim, mas não consegui encará-lo.

Meu sangue fervia de raiva e arrependimento de não ter contado para ele a minha versão antes, mas uma pessoa não colocava um dedo na própria ferida sem ter medo de sentir dor. E eu tive medo de toda a amargura que a presença de Olga trazia. Nunca seria só uma chantagem, ela daria um jeito de se enraizar entre nós até conseguir o poder e o status que ela tanto queria, semeando dor pelo caminho.

Se antes eu não sabia como lidar com Olga, agora parecia um caso perdido.

— Eu pensei ter deixado bem claro no contrato que esse endereço não deveria ser informado para ninguém, Ava — a fala fria de Dion me fez fitá-lo de relance.

— Contrato? — a voz de Olga soou estridente. A mulher se inquietou como uma hiena diante de uma presa fácil.

— Eu não falei esse endereço pra ela, nem pra ninguém — defendi-me.

— Então como a senhora chegou aqui? Como conseguiu entrar? — ele

perguntou, se virando para Olga.

Virei para ela também, queria saber como conseguiu me achar.

— Não precisa brigar com ela, está bem? — pediu, acariciando uma mecha do meu cabelo, me deixando enojada. — Ava fugiu de mim. Há anos eu não a via. Então contratei algumas pessoas para encontrá-la e cheguei nesse prédio. Aliás, o porteiro de vocês entendeu muito bem a minha situação quando disse que eu era a sua sogra.

— O quê? — a voz dele subiu algumas oitavas acima. — Acho que eu não entendi. Você disse o que para o porteiro?

Ai meu Deus, ela vai estragar tudo...

— Sim, eu disse: “Você não vai querer barrar a sogra de Dion Volkmann, vai?”, mas pedi pra ele guardar segredo — piscou.

Dion me olhou com suas órbitas azuis em chamas, muito provavelmente montando um cenário em sua mente que não refletia a realidade.

— Espere, você não pode dar ouvidos a ela, Dion. — Precisava deixá-lo ciente de que Olga era muito boa no quesito persuasão e seu poder de convencimento era algo assustador.

Dion gesticulou na minha direção, dispensando qualquer tentativa minha de fazer algo para amenizar aquela bagunça.

— Você disse que Ava fugiu de você. E por qual motivo ela fugiria? — Dion ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Ah, Ava sempre sonhou alto, sempre foi ambiciosa. Eu nunca consegui dar o que ela queria, então ela deu um jeito de conseguir as coisas por conta própria.

Que papo é esse?

— Chega de mentiras, Olga! Diga logo o que você está fazendo aqui! — gritei, com a minha taxa de indignação já esgotada.

— Concordo, chega de papo furado. Eu já percebi que você não veio conferir o bem-estar da Ava. Diz logo o que você quer e resolveremos isso —

Dion disse com urgência na voz.

— Pode parecer que não, mas eu vim aqui pra saber da minha filha, sim. — A cada vez que ela me chamava de filha, o meu estômago dava uma cambalhota e me vinha uma ânsia de vômito instantânea. — Foram quatro anos sem que eu tivesse uma notícia dela. Sequer sabia se ela estava viva ou morta — Olga tornou a tentar se fazer de boa mãe.

Fechei os olhos, percebendo que, se eu deixasse Olga dizer o que quisesse, ela iria envolver Dion. Aquela mulher sabia exatamente as armas que tinha em mãos.

— Ela quer dinheiro — disse para cortá-la. — Seu dinheiro — olhei diretamente para Dion, percebendo a sua expressão de desgosto, como se já esperasse por aquilo.

Ele balançou a cabeça algumas vezes e contraiu a boca em sinal de repúdio. Eu nunca esqueceria aquela cena.

Não pude permanecer mais nem um minuto perto dele, sabendo que estava lhe contaminando com toda a sujeira em que Olga me colocou. Voltei para a cozinha, peguei um copo d'água, mas não consegui beber. O nó na minha garganta estava sufocante demais com a força que eu fazia para não soltar um grito de raiva.

— *Quanto você quer?* — ouvi a voz de Dion na sala depois de um longo silêncio.

— *Esse valor aqui.* — Até consegui imaginar Olga deslizando um papel sobre a mesa pra ele com uma quantia.

— *Qual a garantia que eu tenho de que você nunca mais vai aparecer? Ou que você não vai sair contando para todo mundo a relação que eu tinha com a sua filha?*

Tinha?

Uma imagem veio à tona. Olga me levando, obrigada, de volta a Massachusetts. Eu me vestindo feito uma bonequinha de luxo enquanto ela me servia, literalmente, para os homens ricos da cidade, como se eu fosse um fresco e suculento pedaço de carne.

Meu coração pulou dentro do peito enquanto eu sufocava o choro.

— *Não tenho como garantir isso. Você vai precisar confiar em mim*
— Olga respondeu com sua voz mais séria, como se estivesse prestes a fechar um negócio.

Sentei no chão frio da cozinha com as mãos nos ouvidos para não conseguir ouvir a chantagem ocorrendo na sala. Ela o tinha onde queria. Dion não arriscaria sujar a sua reputação por minha causa.

As lágrimas caíam sem parar, molhando todo o meu rosto. Não sabia ao certo quanto tempo se passou, até eu perceber os sapatos de Dion parados no limite da porta da cozinha.

Enxuguei o rosto e me levantei, indo em sua direção.

— Dion, olha pra mim. Você não está achando que eu tive alguma coisa a ver com isso, está?

Ele ficou com o rosto abaixado, nem reagiu ao meu toque, depois me olhou brevemente e voltou a vista para o chão.

— Eu... — ele tentou me olhar de novo sem sucesso. — Desculpe, eu não consigo sequer olhar pra você agora.

Fiquei petrificada, observando os passos apressados dele para me deixar, logo escutei a porta da sala se abrindo e se fechando com um estrondo. Tampei a boca com as mãos e soltei um grito abafado.



Dion não precisou dizer que achava que eu tinha tramado junto com Olga para tirar dinheiro dele, ele havia demonstrado aquilo.

Esperei que ele voltasse à noite para que eu me explicasse, mas Dion não voltou. Aquilo bastou para que eu sentisse uma nuvem de pessimismo pairando sobre mim.

Após muito refletir, senti a necessidade de deixar tudo pra trás e ir ao lugar onde tudo começou. O apartamento de Dion era confortável e elegante, mas não era meu. Não ajudava que eu estivesse no apartamento de alguém

que disse que não conseguia nem me olhar nos olhos.

Saí de lá levando no bolso o que eu tinha de mais precioso e parti direto para Tenderloin. Recusei o motorista e fui de ônibus, atravessando as ruas da cidade.

As lágrimas retornaram ao meu rosto quando percebi como era bom estar de volta a minha casa. Pensei por um instante em como eu me tornara aquela mulher sensível demais, que chorava por qualquer coisa. Eu definitivamente era mais forte que aquilo tudo.

O lugar parecia horrível e sujo em contraste com o apartamento de Dion, no entanto era assim que eu me sentia: horrível e suja. Jamais pensei que sentiria falta das infiltrações e do odor de desinfetante de rodoviária que emanava do banheiro. Dion havia se comprometido a continuar pagando o aluguel para que eu não ficasse desamparada caso não aceitasse o contrato.

Sentei no carpete surrado aos pés do sofá. A noite estava fria. Não me preocupei em pegar um cobertor ou uma roupa mais quente, pensando que eu merecia sentir frio. Achava-me a rainha do drama por ter aquelas ideias autopunitivas.

A questão era que Dion não deveria pagar uma chantagem por minha culpa. Não diretamente minha culpa, mas, se Olga não me conhecesse, não teria como ela chantageá-lo. Ou eu deveria ter contado o meu lado antes. Pelo menos, ele não acharia que eu estava tramando um golpe com Olga.

Ignorei os roncos da minha barriga. Eu não havia comido mais nada durante o resto do dia, tudo o que consegui fazer foi chorar. Deitei a cabeça sobre os braços, sentindo mais lágrimas deixarem uma trilha quente no meu rosto. Eu me sentia perdida no escuro, sem conseguir ver uma luz no fim do túnel.

Eu queria ter coragem para ir correndo atrás de Dion e me explicar, mas o meu medo era de que ele não quisesse me ouvir e me entregasse a rescisão de contrato junto com sua caneta tinteiro especial, pedindo para eu assinar. Não sabia se suportaria. Eu não suportava nem pensar naquela possibilidade.

Tirei a foto dos meus pais do bolso e fiquei olhando por minutos. Eles

eram a minha preciosidade, mesmo que tivessem partido e me deixado neste mundo para sobreviver sozinha.

— Por que fizeram isso comigo? Por que não me levaram junto com vocês?

Aguardei por uma resposta, como se eles estivessem sentados no sofá observando o meu sofrimento.

— Por favor, mãe... Me diz o que eu faço agora?

Me diz.

Repeti aquilo como um mantra até a minha mente se perder no sono.



Acordei na superfície macia da minha cama. Precisei de alguns minutos para entender o que houve e o que eu estava fazendo em Tenderloin. Desci a coberta até minhas pernas, me sentindo confusa. Não me lembrava de ter pego um cobertor ou de ter vindo pra cama.

— Você gosta mesmo de fugir, não é? — a voz de Dion ressoou da porta. Tornei a subir a coberta para me esconder, pensando no que diabos estava acontecendo ali. Escutei ele colocar uma sacola na mesinha de cabeceira. Julguei que eram pretzels, pelo cheiro de canela. — Levanta para tomar café. Seu estômago roncou a madrugada inteira.

— Eu não quero falar com você — comecei quando o sentimento de humilhação tomou conta de mim. *É agora que ele fala que vai quebrar o contrato?* Abaixei o cobertor novamente para olhá-lo. — Aliás, como você entrou aqui?

— Um homem chamado Juan me deu a cópia da chave quando eu disse que estava preocupado com você.

Ele abriu a sacola e me deu um copo de chá com tampa. De alguma forma, Dion sabia que eu não gostava de café. Depois abriu uma caixa de pretzel ainda quentinho e colocou no meu colo. O cheiro estava delicioso e a

minha barriga começou a roncar sem cessar, criando um momento constrangedor.

— Por favor, faça parar — implorou em um tom de voz engraçado.

Peguei um pedaço de pretzel e o levei à boca. Depois de saboreá-lo, eu me volvei para Dion.

— Você me odeia, por que está fazendo isso?

Observei-o sentar aos meus pés com uma expressão fatigada.

— Claro que eu não te odeio, Ava, mas ontem eu fiquei bastante confuso com aquela mulher dizendo ser sua mãe e me cobrando dinheiro para não dizer aos tabloides sobre nossa relação.

Então ainda tínhamos uma relação? Evitei me animar.

— Ela não é minha mãe! — falei com a boca cheia. — E eu não achei que deveria te contar sobre ela. Olga é problema meu.

— Me explique melhor.

Olhei para Dion apreensiva, eu definitivamente não estava em bom estado psicológico para conversar sobre aquele assunto apesar de saber que eu lhe devia explicações.

— Ava, eu não sei o que está acontecendo e eu preciso saber para me preparar para o que ela pode ou não fazer — a voz dele estava tão suave, talvez tenha caído na real e percebido que eu não tive nada a ver com a chantagem de Olga.

— Eu não quero falar sobre isso agora — implorei com as lágrimas brotando sorrateiramente.

— Acho que você não está entendendo, nós não podemos deixá-la sair ganhando.

— Eu também não quero isso, Dion, mas, por favor, só me dê um tempo.

— O que ela fez com você, Ava? — Ele captou meu olhar com ternura, talvez uma ponta de pena. — Eu só quero entender.

— Isso não importa mais — minimizei, dando de ombros.

— Importa pra mim.

Senti seu dedão roçar levemente a minha mão.

Segurei a minha vontade crescente de chorar, daquela vez por um motivo bom. A impressão que eu tinha era de que Dion estava se esforçando para me entender apesar de eu não dar motivos para aquilo.

O assunto "Olga" consistia em uma ferida profunda que doía até hoje. Eu estava prestes a arrancar o *band-aid* e não faria aquilo por mim, faria para mostrar que eu era digna da confiança de Dion. Tudo o que eu queria era que ele tivesse mais um pouco de paciência.

Sem dizer nada, eu deixei o lanche de lado, engatinhei pela cama e o abracei. Suas mãos não demoraram para me envolver.

— Confie em mim — sussurrei em seu ouvido, esperando do fundo do coração que ele confiasse.



CAPÍTULO 24

Depois de alguns dias convivendo com uma tensão estranha, as coisas voltaram ao normal entre Ava e eu. Começamos a passar mais tempo juntos, ela vinha comigo para o escritório de dois em dois dias e ninguém poderia desconfiar de nada já que ela era oficialmente minha assistente pessoal e eu havia especificado que ela trabalharia à distância a maior parte do tempo, controlando os meus afazeres fora da empresa.

Ensinei a ela algumas funções de secretária, a organizar arquivos e outras coisas básicas. Percebendo a sua inteligência e dinâmica, peguei no pé dela durante semanas para que ela voltasse aos estudos, fizesse uma boa faculdade e conseguisse a independência com a qual ela tanto sonhava. Ava ainda era muito jovem e desejava vencer na vida. Eu não tinha a menor dúvida de que iria vê-la conseguir atingir seus objetivos.

Conversávamos mais. O jogo que ela havia inventado foi muito importante para conhecermos melhor um ao outro. Sem aquela brincadeira, eu jamais saberia que a família de Ava era minúscula. Ela não tinha tios, os avós já estavam mortos, sem primos. Ela estava literalmente sozinha no mundo e fugindo da pessoa que teve a sua guarda por anos.

Por milhares de vezes eu quis dizer a ela que não estava sozinha, ainda tinha a mim. O nosso contrato, apesar de parecer algo pervertido, envolvia suporte e proteção. Ava tinha medo e eu não podia ajudá-la por sequer saber do que ela tinha medo, pelo menos na teoria, pois na prática eu ignorei aquela parte.

A presença de Olga ainda era constante. Cada vez que ela aparecia no meu escritório, a minha conta bancária ficava menor. Ela era articulada, sabia bem o que estava fazendo. Poderia jurar que eu não era a primeira pessoa que ela chantageava.

Ava ainda não abriu o jogo comigo. Tinha uma breve ideia do motivo que a levou a fugir da mãe adotiva, porém não queria pressioná-la e ao mesmo tempo pedia aos céus para que não fosse o que eu estava pensando.

Saber que ela escondia coisas de mim não me irritava, na verdade eu tinha pânico em saber que ela sofreu gravemente nas mãos daquela mulher, porém não podia tomar decisões precipitadas, muito menos tomar as decisões por ela.

Eu prometi confiar em Ava. Só esperava que ela fizesse o mesmo por mim quando a hora chegasse. Se ela poderia ser uma caixinha de segredos obscuros, eu também tinha a minha parcela de mistérios.

Mesmo assim, eu mantinha em sigilo a investigação que solicitei contra Olga com ajuda de um amigo que trabalhava no FBI. Nenhum aspecto sobre o caso era bom. Havia informações demais, que no final não chegavam a lugar nenhum. Eu torcia para que nada naquele caso fosse verdade, mas, se estivesse certo, poderia ser o estopim para desmontar uma grande rede criminosa que deixaria até o americano mais imoral enojado.

Antes de tudo, eu precisava de um aval de Ava, precisava saber o que ela sabia sobre as atividades ilícitas de Olga, ainda que eu não quisesse envolvê-la ainda mais naquilo. A minha vontade era de construir uma redoma ao seu redor para protegê-la de todo o mal do mundo; o meu receio era de que ela já tivesse sofrido todo aquele mal.

— Eu não sabia que donos de banco eram tão populares. — Observei Ava com a revista Times da qual eu fui capa nas mãos.

Ela estava exatamente onde eu queria que estivesse. Sentada no sofá do escritório com as pernas maliciosamente cruzadas enquanto fingia tédio. Só aquilo me fazia parecer um cachorro de rua olhando a máquina de frango giratória.

— Apenas os melhores são — notei ela abaixar a revista, revelando

seus olhos cerrados. Apostaria que estava me achando esnobe.

— Quando é o seu aniversário? Você precisa de uma sandália da humildade urgente. — *Sandália da humildade? Que porra é essa?* — Não sabe o que é isso, né? Pois é, você precisa mesmo de uma.

Segurei uma risada irônica olhando no meu relógio, estava quase na hora de encerrar o expediente. Os funcionários da recepção foram dispensados mais cedo depois de eu avisá-los que não precisava mais deles por hoje.

Fechei a planilha de seguros que eu analisava e fui na direção de Ava.

— Sabe que horas são? — perguntei, percebendo ela descruzar e cruzar as pernas, subindo um pouco a saia descaradamente, permitindo-me apreciar suas coxas envoltas em uma meia-calça sensual.

— Hora de dar atenção para a sua assistente?

— Tão perspicaz, não é à toa que você é minha... — abaixei para dizer no ouvido dela — assistente.

Ela sorriu, umedecendo os lábios, seu rosto enrubesceu instantaneamente. As mãos dela agarraram ferozmente o cinto da minha calça, mas eu disse que não. Seus olhos pendiam mais para o verde do que para o castanho e brilhavam de expectativa.

— Você está pronta? — perguntei, olhando-a nos olhos.

— Estou, você está? — Assenti.

Ava se levantou e retirou o meu paletó como se soubesse o que estava fazendo.

— Aquela sua funcionária ruiva ainda está aqui?

— Não, mandei todos embora. Por quê?

— Acho que ela não gosta de mim.

— Stacy não gosta de ninguém, provavelmente nem de mim.

Ela relaxou o corpo, depois me empurrou para o sofá.

— Consegue esperar mais um minutinho? — questionou esbanjando

persuasão.

— Só mais um minuto, senhorita Banks. Não me deixe esperando mais que isso — respondi desapontado, sabendo que teria que esperar mais um pouco para a nossa brincadeira começar.

Ava saiu do meu campo de visão e foi em direção ao bar, aonde eu levava os meus sócios mais importantes depois de uma reunião para relaxar.

Antes do prazo solicitado, ela voltou com um copo de uísque na mão.

— Agora, sim, você está pronto! — comemorou depois de me dar a bebida.

Foi impossível esconder um sorriso de satisfação.

— O que está esperando? — perguntei, levantando uma sobrancelha.

A mulher à minha frente parecia desorientada.

— É que... é a minha primeira vez. — Cerrei os olhos e a analisei.

Eu conhecia aquela cara, ela estava atuando.

— Como isso é possível? — Ela ergueu os ombros de forma engraçada. — Está jogando comigo, não está?

Portando um sorriso arteiro, Ava tirou o celular da bolsa em cima do sofá e colocou para tocar uma música do Eric Clapton, a mais perfeita possível para a ocasião.

Dei um gole no uísque sem tirá-la da minha mira. Pude perceber ela se balançando conforme a batida da música e começar a desabotoar alguns botões de sua blusa, sempre com as feições de uma virgem puritana, mas com ações de uma deusa do sexo.

— Eu só estou tentando me justificar antes que você veja que eu sou um desastre nisso — comentou antes de se aproximar e jogar a blusa na minha cara.

Peguei a peça e a cheirei por alguns segundos, sabendo que, sim, aquela mulher estava jogando comigo e ela não jogava para perder.

Ela passou a mão pelo próprio corpo de forma provocadora até

alcançar o zíper da saia. Ava me olhou de soslaio e se virou para tirar a peça com pura sensualidade. Dei mais um gole no uísque, pensando que talvez eu não conseguiria esperar ela tirar a roupa toda para atacar.

As roupas dela iam para o chão uma por uma, enquanto balançava o traseiro, me deixando hipnotizado. Pouco depois, ela se virou pra mim e eu tive que afrouxar a minha gravata.

Santa Mãe de Deus!

Quase soltei em voz alta quando me deparei com Ava vestida apenas com lingerie e cinta-liga. Ela chegou ainda mais perto e colocou um pé no meio das minhas pernas para retirar a meia-calça vagarosamente.

— Tá vendo? Eu não sou boa nisso, senhor Collins — comentou, fazendo um biquinho e me olhando bem de perto.

Mordi o lábio quando um pensamento torto cruzou a minha mente. Eu nunca imaginei que pensaria naquilo. Ava estava merecendo uma surra, mas uma surra de uma parte bem específica do meu corpo.

— Você está se saindo bem — respondi, engolindo seco com a provocação.

Não queria dar indícios para ela achar que eu estava subindo pelas paredes.

Após se livrar da outra meia-calça, ela se afastou um pouco novamente e puxou as alças do sutiã para baixo. E, então, exibiu um belo decote, balançando os ombros para chamar a atenção para aquela parte, e, só depois de me deixar babando por mais tempo, retirou o sutiã por inteiro, fazendo com que seus seios pulassem livres diante dos meus olhos cheios de cobiça.

Como recompensa por ter respondido a uma pergunta dela, eu pedi que Ava fizesse um *striptease* exclusivo pra mim. Nós merecíamos uma quebra na rotina.

— Vem aqui — pedi com a voz séria, porém a verdade era que eu não estava mais aguentando ver Ava maravilhosamente seminua na minha frente e não poder tocá-la.

Sentei ela de frente pra mim sobre as minhas pernas, sem esperar mais

nenhum segundo para encostar em suas curvas minuciosamente moldadas para tirar qualquer homem do sério. Coloquei os cabelos dela para trás e toquei-lhe o corpo até chegar na exuberância dos seus seios, contornando-os com muita malícia.

Merda, aquilo tudo era meu?!

— Eu ainda não terminei — disse ela suspirando longamente, tentando ignorar seus instintos.

— Deixe que eu te ajudo com isso.

Coloquei ela de pé, ainda admirando o seu corpo. Peguei a lateral de sua calcinha e a despi totalmente, subindo os meus dedos bem devagar e observando Ava apertar as coxas.

Mantendo-me sob seu feitiço, Ava me conduziu pela sala enquanto tirava minha camisa. Quando chegou até a minha mesa, ela me largou e subiu na mesa, se esparramando nela, como um banquete a ser consumido. Eu já não conseguia mais segurar o monstro insaciável dentro das minhas calças.

Deixei meu copo de lado e abaixei a calça, puxando as pernas dela mais pra perto. Admirei-a por um instante, a pele macia, a bocetinha extremamente deliciosa e molhada. Coloquei meu pau pra fora e a penetrei da forma obsessiva que eu sempre fazia, permitindo que seus gritos intensificassem os meus sentidos.

Quando eu contratei Ava, eu pensei em algo como ter sexo com uma mulher sem me incomodar em dar satisfações, levar para jantar, muito menos alimentar a promessa de um futuro, ou seja, percorrer um caminho que eu definitivamente não queria trilhar. Marcar um horário com ela foi o primeiro passo. Quando eu a vi pela primeira vez, eu só pensava em fodê-la de todas as maneiras possíveis. Agora, era ela quem estava fodendo com meu psicológico e nem sabia.



CAPÍTULO 25

— Amanhã, eu vou precisar sair — avisei depois de observar Dion sair do banho.

— Ótimo.

— Eu vou me encontrar com Amber — continuei, vendo as feições dele mudarem em milésimos de segundos. — Está tudo bem pra você?

— Hum — contraiu a boca de um jeito fofo. — Se estiver pra você... Eu realmente gostaria que você sáísse mais, mas se encontrar com Amber talvez não seja algo lá muito agradável.

— Eu sei — deixei meus ombros caírem, concordando —, mas eu já aceitei o convite dela.

Levantei da cama exibindo o meu corpo nu e fui em direção ao banheiro. Dion parou o que estava fazendo e me vigiou a cada passo dado, me deixando até envergonhada.

— Você acha que ela desconfia de algo? — perguntou.

— Eu tenho certeza que ela desconfia.

— Então não vai.

Parei na porta do banheiro.

— Também pensei em não ir, só que isso vai só aumentar as suspeitas dela.

— Tudo bem, mas prefiro que você não dê a entender o que acontece aqui nesse apartamento. O fato de eu ter te procurado antes do meu divórcio será algo que vou ter que contar a ela com cuidado.

— Foram três dias de diferença — amenizei.

— Mas eu estava tecnicamente casado com ela nesses três dias de diferença. — Concordei, mesmo sem entender como aqueles dias seriam importantes para um casal se divorciando.

O fato era que ele era realmente um homem incrível por se preocupar com os sentimentos da ex-esposa – e até comigo – mesmo que não fosse da alçada dele.

Nossos olhares se cruzaram e, no meio daquilo, Dion apreciou um pouco mais do meu corpo, fazendo-me lembrar o que havia acontecido no escritório mais cedo e há poucos minutos na cama. O calor instalado no meu rosto irradiou para o restante da minha pele.

Segui até o box do chuveiro, com Dion ainda falando. Estranhamente, a voz dele, ao invés de ficar mais baixa, ficou cada vez mais alta enquanto eu me afastava. Entendi o porquê quando o vi tirar a calça que havia acabado de colocar para ir embora e vir atrás de mim, fechando a porta.

— O que está fazendo aqui? — questionei sem entender. — Acabou de sair do banho.

— Percebi que não tomei banho direito.

Dion entrou no box, parando bem próximo.

— E onde você ainda precisa se limpar? Talvez eu te ajude com isso — coloquei um dedo na boca, percebendo as suas mãos capturando seu membro.

— Bem aqui. — Fitei seus olhos persuasivos com um sorriso, sabendo exatamente aonde ele queria chegar.



— Agradeço por ter vindo, Ava.

Respirei o ar salgado de Marina *District*, bairro costeiro da cidade. A brisa me encontrava na confeitaria onde Amber me pediu para esperá-la. Antes de ela chegar, eu pensei na reação de Dion no momento em que eu disse que tinha um encontro com a ex-esposa dele.

— Imagina, por que eu não viria? — falei, olhando bem em seus olhos escuros para não deixar ela me intimidar.

Depois de um tempo me encarando, Amber abaixou os olhos e eu tive certeza de que o assunto que ela queria tratar comigo não era o que tinha me falado na festa.

— Eu vi a foto de vocês dois — começou.

Bingo!

— Olha, Amber, as coisas não são bem assim... — Tentei tomar o controle da situação.

— Não, olha você, Ava. Apenas uma semana depois do divórcio e eu preciso ver Dion cheio de sorrisos para você publicamente — sua voz não tinha ódio, talvez mágoa.

— Eu realmente não sei do que você está falando.

— Você está com ele — não foi uma pergunta.

Sim, eu estou, mas não posso dizer, obviamente.

— Não, eu não...

— Nem tente negar — ela me cortou, não me deixava terminar uma frase. Vi seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu só quero saber há quanto tempo isso está acontecendo, porque eu nunca imaginei que Dion pudesse me trair. — Amber abriu a pequena bolsa Louis Viton e retirou um lenço de lá, enxugando as lágrimas delicadamente.

Olhei atônita aquela cena. Eu cheguei a pensar que nosso encontro se resumiria em baixaria, puxões de cabelo e palavrões.

— Eu conheci Dion pouco antes de vocês se divorciarem.

— E não aconteceu nada antes do divórcio?

— Ahn... — gaguejei. — Não.

Dion já havia me orientado que ele conversaria sobre aquilo com ela depois.

— Você jura? — ela me colocou na parede tão delicadamente quanto um rolo compressor. — Jura que não aconteceu nada antes do divórcio, Ava?

— Juro, Amber — respondi, enfim me sentindo mal por mentir, mas aquele assunto não era meu.

A expressão de Amber suavizou imediatamente com a negativa e logo surgiu um sorriso em seu rosto.

— Obrigada — agradeceu, encontrando a minha mão em cima da mesa.

Ela desfez o toque quando percebeu que havia me deixado desconfortável. Pouco depois, fizemos nossos pedidos.

A conversa que se sucedeu dali em diante tinha o mesmo assunto da primeira, porém o clima já não estava mais tenso, atingindo momentos cômicos às vezes. Dion parecia o centro do nosso mundo, no entanto não deveria ser, nem meu, nem dela. Ele não era nosso.

Apesar do papo ser descontraído, eu me vigiava para não pisar em ovos. Amber aparentemente sabia sobre a nossa relação, porém eu não confirmei aquilo em nenhum momento e ela parecia querer muito me pegar na mentira.

Escutei atentamente sobre os tons de gravatas que Dion mais gostava. Estampa, nunca; tons básicos, sempre. As suas frutas preferidas eram as cítricas e ele tinha asco por banana e abacate. Coisinhas simples do dia a dia, mas que uma assistente pessoal deveria saber, segundo Amber.

Ela não parecia ser má pessoa, só estava em um momento ruim. Colocando-me no lugar dela, eu provavelmente reagiria bem mal se visse meu ex-marido se engraçando com outra na minha frente. Aquilo me fez levantar um questionamento.

— Você ainda o ama? — a pergunta saiu sem que eu pudesse registrar.

Amber abaixou sua visão, depois olhou pela janela.

— Bem, eu e Dion nos casamos por pressão de nossos pais, mas... com ele, eu vivi os melhores momentos da minha vida, aprendi as vantagens e dificuldades de uma vida a dois. O amor cresceu conforme o tempo, mas diminuiu conforme o tempo também.

Ela ainda o amava. O brilho em seus olhos denunciava.

— Estamos separados há pouco mais de um mês agora, mesmo assim eu fiquei com uma ponta de inveja, pois ele demonstrou mais afeto com você naquela festa do que em cinco anos de casamento comigo. — O sorriso dela era infeliz. Pensei em algo pra falar, mas não pensei rápido o suficiente. — Não precisa falar nada. Está tudo bem.

Pagamos as nossas contas sem que eu replicasse o que Amber havia falado por último. Apenas me lembrei que na festa eu era quem estava invejando-a por estar ao lado de Dion, como uma pessoa importante em sua vida.

— Ava, eu quero me desculpar se por acaso eu te tratei mal, realmente não foi a minha intenção — saímos da confeitaria, prestes a nos despedir.

— Está tudo bem, Amber. Eu também nunca tive a intenção de te ofender de nenhuma forma.

Ela se aproximou mais um pouco.

— Manda um abraço para Dion por mim. Cuida bem dele — ela deixou um beijo seco na minha bochecha e se afastou com a mão na boca, parecia estar chorando novamente.

Fui para o lado contrário, sabendo que aquela foi a conversa mais estranha de toda a minha vida.



Tentei de todas as formas digerir a conversa com Amber enquanto voltava para casa. Peguei táxi para ir e voltar; aparecer naquele encontro com o motorista de Dion seria malvisto.

O mais inusitado foi perceber que ela ainda o amava. Podia não

parecer, mas e se Dion ainda a amar também?

Ah...

Entrei no apartamento com a cabeça explodindo de tanto pensar. Às vezes, me vinha a ideia de estar atrapalhando algo entre eles ou simplesmente servindo de tapa buraco na relação dos dois e que em um momento ou outro Dion descobriria que ainda amava a ex-esposa e voltaria para ela.

Fui para o quarto tirar a roupa e colocar uma mais confortável. Eu ainda não tinha adquirido o hábito de usar saia lápis e muito menos blusas sociais, combinado ao calor de São Francisco era praticamente uma tortura térmica.

Escutei a campainha tocando poucos minutos depois de chegar. Abotoei rapidamente os botões que eu havia desabotoado e tirei o salto. Fui em direção a porta pensando em quem poderia ser. Aquele apartamento tinha de tudo, menos um olho mágico para espiarmos quem estava à frente da porta.

Girei a maçaneta para me deparar com a figura patética de Bruce. Olga estava atrás dele.



CAPÍTULO 26

— Ava, meu bem. — Ela foi empurrando a porta e entrando. — Você passou por nós na recepção e nem viu.

— O que ele está fazendo aqui? — questionei, olhando de um para o outro.

Era o que estava parecendo?

— Ah, eu encontrei esse pobre rapaz lá embaixo. Ele disse que queria falar com você.

— Olga, você...?

— Tá querendo saber se eu contei que você é a cadelinha do nosso querido Dion? — disse no meu ouvido. — Claro que não, até parece que eu iria denunciar a minha fonte de riqueza.

Andei pela sala até pegar o interfone na parede da cozinha. Antes que eu discasse o número da recepção pedindo ajuda dos seguranças para escorraçar aquela velha dali, Olga apareceu por trás e arrancou o telefone da minha mão.

— Não se preocupe, meu amor. Só estou aqui pra avisar que em breve eu vou dar um pouco de sossego pra você. Daqui uns dias, vou voltar para Massachusetts para resolver algumas pendências, mas não pense que me esquecerei do nosso acordo. Ah, e avisa Dion que está sendo muito bom fazer negócios com ele.

Olga pegou o meu pulso e me puxou para o meio da sala. Bruce ainda estava lá, olhando para baixo como um maldito submisso, coisa que ele não era.

— Muito bem, agora deem o fora daqui.

— O meu recado já está dado, mas Bruce ainda precisa falar com você.
— Olga pegou a sua bolsa em cima do sofá e se encaminhou para fora. — Prazer em conhecê-lo, querido — acenou para o irmão de Dion.

Assim que Olga fechou a porta, eu voltei para pegar o interfone. De forma alguma eu iria ficar sozinha com aquele infeliz.

— Ei, espere — pediu ao me ver colocar o fio de volta. — Eu quero falar com você.

— Já eu não quero ouvir nada que você tenha a dizer.

— Só queria pedir desculpas por aquele dia na festa.

Olhei para o homem cerrando os olhos, totalmente em dúvida se ele era o tipo de pessoa que pedia desculpas.

— Você mentiu para o seu irmão sobre mim.

Procurei o número da recepção, mas sequer tinha ligado pra lá ainda.

— Podemos conversar sobre isso se quiser.

— Não, não podemos. Muito menos aqui.

— Está com medo de Dion pensar alguma besteira? — Visualizei o homem novamente.

— Porque eu teria medo? A minha relação com seu irmão é apenas profissional — blefei.

Bruce concordou com a cabeça, mas as feições dele denunciavam que ele não tinha engolido a minha história.

— Tudo bem. Eu só quero conversar. Dion ficará sabendo só se você quiser.

Tirei o interfone do gancho depois de achar alguns números de ramais anotado em um papel.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Eu não sabia, vim aqui porque um dos moradores é meu amigo e vi sua mãe perguntando sobre você na recepção.

— Ela não é a minha mãe. — Ele me devolveu um olhar de desculpas.

— Ava, eu estou aqui porque queria pedir desculpas por ter mentido que nós teríamos um encontro depois da festa, mas é que... Dion me tirou do sério.

— O que eu vi foi o contrário.

— Eu e meu irmão temos as nossas diferenças e, por mais que eu tente reparar, ele sempre dá um jeito de aumentar essas diferenças.

— Ah, você tenta? Como?

— Eu tento conversar, trabalhar com ele, estar o mais próximo que eu posso porque, querendo ou não, Dion é tudo o que eu gostaria de ser.

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu quando comecei a captar algumas coisas no discurso dele.

— Por que vocês são tão distantes? — queria ter feito a mesma pergunta para Dion, mas acabei não fazendo, achando que não era a hora certa.

— Porque eu sou o filho bastardo e nosso pai preferiu ficar comigo e com minha mãe. — Desviei os olhos, pensando que aquilo poderia fazer um pouco de sentido. — Ele me odeia porque pensa que eu e minha mãe acabamos com a família dele.

— E o que eu tenho a ver com isso tudo?

— Meu irmão demonstrou um grande interesse em você na festa. Queria que tivesse cuidado. — Voltei-me para ele. — Dion não é assim tão bom quanto parece.

— Ah não? — questionei com falsa preocupação. — Como ele é, então? Tipo “A Rainha Má”?

— É o tipo de pessoa que não mede esforços pra conseguir o que quer. Nesse ponto até que somos iguais — desviou os olhos.

— Sabe o que está parecendo?

Bruce deu alguns passos e se sentou no sofá sem ser convidado.

— Não. O que está parecendo?

— Você parece um fofoqueiro oportunista. Veio aqui só para falar mal do seu irmão e não para se desculpar.

O homem me mediu de forma asquerosa e ali eu soube que tinha achado o ponto para trazer aquele Bruce da festa beneficente de volta.

— Mas não sou eu quem está escondendo segredos... — disse como se ponderasse, mas foi mais como uma isca e ele conseguiu me pegar.

— Do que você está falando?

— De pessoas que tentam esconder as próprias sujeiras de forma bem porca. Agora, Tayla, venha aqui e me conte. — *Tayla? Por que ele me chamou de Tayla?* Fechei os olhos, tentando achar o ar enquanto saía de perto do sofá. — Vamos lá, *Tayla* — ele disse novamente, levantando a sobrancelha como provocação. — O que uma *prostituta* faz aqui no apartamento de um banqueiro?

Cruzei os braços e o olhei desafiadoramente.

— Isso não é da sua conta — percebi que não adiantaria negar as concepções que ele já tinha tomado para si. — Você veio aqui para choramingar sobre seu irmão e conseguiu. Agora, por favor, vá embora. Ou vou ter que chamar os seguranças? — apontei para a porta em vão.

— Seguranças? Pode chamar, eu conheço todos eles e faço você ser a errada da história em um instante. Eu só quero conversar.

Meu celular. Onde está meu celular?

Tentei lembrar, porque, de fato, aquele homem começou a me assustar.

— Eu não quero mais conversar. Você nem deveria estar aqui.

— Nem você — retrucou debochado.

Tentei novamente lembrar onde havia deixado meu celular, porém não consegui pensar friamente.

— Apesar de que faz sentido você estar aqui. Talvez você consiga fazer dele um homem completo. — Ainda sentado no sofá, ele colocou o indicador no queixo como se tivesse resolvido um grande enigma. — Ah, sim, agora faz sentido. Deixe-me adivinhar, você assinou um contrato e agora é a prostituta oficial dele — não perguntou, afirmou. — E se eu te disser que existe uma intenção subliminar por trás desse acordo?

Cruzei os braços e o observei melhor, sem acreditar em sua audácia.

— Acho que você está ficando maluco. Não, na verdade, você já é maluco.

Fui para perto da porta para abri-la e mandá-lo cair fora, mas parei no meio do caminho quando ele continuou com suas insinuações.

— Que horas seu cliente chega? — engoli em seco tentando imaginar o que faria para aquele homem ir embora. Bruce não tinha cara de que iria ceder tão cedo. — Acho que vou aguardar ele se juntar a nós.

Uma sensação aflitiva passou pelo meu corpo. Aquilo não tinha um aspecto bom. Tinha certeza de que ele faria Dion perder a cabeça novamente. Estávamos em um momento tão bom pra ser estragado por seu irmão problemático.

— Quem você pensa que é pra infernizar a vida das pessoas dessa forma? Você vai embora e vai deixar Dion em paz! — gritei, apontando o indicador pra ele.

— Oh, há pouco tempo estava me chamando de louco, mas agora parece estar dando razão à minha loucura — ele se levantou e veio na minha direção, fazendo-me recuar.

— Deixe ele em paz, é tudo o que eu peço.

— Talvez exista um preço pra eu fazer isso...

— Então me diz logo o que é preciso!

— O que você está disposta a fazer para eu deixá-lo em paz? — ele disse, cobrindo meu corpo com olhares nojentos.

Dei mais um passo pra trás, aterrorizada pelo rumo que aquela conversa havia tomado.

— Talvez eu faça você pagar algum dia, mas hoje o que você precisa saber é que Dion está te enganando, te usando para atingir seus objetivos. E, quando conseguir, ele vai te devolver para a sarjeta de onde te tirou.

As palavras equivocadas dele me pegaram de surpresa, ainda assim estava muito tentada a questioná-las.

— Ele está tentando me enganar como exatamente? Hipoteticamente falando, é claro.

— Ah... algo como um sonho, — continuou em tom de fofoca — o que Amber não conseguiu dar a ele. Um herdeiro, por exemplo — ele analisou a minha expressão incrédula.

— Um filho? Não, Dion e eu não vamos ter uma criança — ri como se tudo aquilo fosse uma piada sem graça.

Ele estava mesmo louco. Eu nunca ouvi Dion falar comigo sobre filhos. Além do mais, eu tomava anticoncepcional, não teria lógica ele querer que eu engravidasse tomando pílula.

— Você é ridículo, não é à toa que é um fracassado — usei na voz todo o desprezo que tinha por ele.

Ao terminar a última palavra, Bruce me alcançou e me empurrou até a parede de forma agressiva. Minha cabeça bateu enquanto ele me prendia com os braços. Lutei em vão sem consegui me soltar.

— Posso até ser, mas em algum momento você vai dar razão a esse fracassado. Há um motivo bem podre por trás desse contrato. Como eu sei? Dion adora enganar as pessoas que não estão no mesmo nível intelectual que ele. Você não o conhece direito, garota. Dion não sairia com uma prostituta sem ter um plano bem sujo por trás, confie em mim — ele cuspiu as palavras na minha cara. — Daí, quando você der a ele uma bela e saudável criança e achar que está tudo bem, mesmo ele dizendo que te ama, ele tomará a criança de você. Porque ele é da elite, faz milhões em dinheiro por dia e você... bem, você é a vadia de Tenderloin, destruidora de lares, mulher imoral. Dion não vai deixar uma *prostituta* criar o filho precioso dele.

Ele continuou me segurando contra a parede, tentando forçar o meu corpo e minha mente a acreditar nele. Impulsionei a minha perna direita e

mirei meu joelho no vão de suas coxas. Segundos mais tarde, ele estava no chão, agonizando e falando maldições sobre mim.

— Você vai pagar por isso, sua puta nojenta! — Revirei os olhos.

Já haviam me chamado de coisa pior.

— Então você vem até aqui causar confusão e queria que eu fizesse o quê? Sentasse e abanasse o rabinho como um animal adestrado?

— Você pode fingir que não, mas eu consigo ver a sementinha de dúvida ser plantada na sua cabeça. Sei que fará a coisa certa, Ava, sei que você irá atrás da verdade e então vai ver que eu não estou mentindo.

— Eu não vou nem perder o meu tempo — dei de ombros.

Bruce se ajoelhou no chão, bufando ao ver que seu veneno não teve efeito.

— Eu detesto aquele homem, mas devo admitir, ele é um gênio. — Abri a porta enquanto ele se levantava. — Olha, você é bem bonitinha, mas eu não pagaria pra te comer — ri. — Aliás, eu *nunca* pago.

Fechei a porta após ele sair, só assim pude respirar aliviada.

Direcionei-me automaticamente para o telefone, disquei o número da recepção assim que o localizei no pedaço de papel pregado na parede.

— Alô, meu nome é Ava, do 714. Eu gostaria de saber se é possível eu conseguir que uma pessoa nunca mais entre nesse prédio sem autorização.

— Senhora, todas as pessoas que entram no prédio são autorizadas.

— Engraçado, porque acabaram de aparecer duas pessoas aqui sem serem convidadas?

— Reconheço que pode haver falhas na segurança. Qual é o nome da pessoa que gostaria de colocar na lista negra, senhora?

— O nome dele é Bruce. Bruce Volkmann.

— Lamento, senhora, mas a entrada do senhor Volkmann foi autorizada por outro morador.

Droga!

Desliguei o interfone quando me dei conta de que a minha reclamação de nada adiantaria.



Mesmo não confiando em Bruce, ele estava certo em dizer que conseguiu colocar uma pulguinha incômoda atrás da minha orelha. Por causa disso, eu acabei dando mais uma olhada no contrato para verificar se algum detalhe tinha passado despercebido por mim. Não havia nada de suspeito. A raiva que eu sentia do irmão de Dion se direcionou para mim mesma.

Como eu pude ser estúpida de quase acreditar naquele crápula?

Ainda presa em pensamentos, notei a porta do apartamento se abrir de forma brusca.

— Ava? — escutei Dion chamar lá da sala, a voz dele estava tensa.

— Oi, o que está acontecendo?

Ele estava afobado, consegui ver o suor em sua camisa. Parecia até que ele subiu os sete lances de escada correndo em vez de subir de elevador.

— Você está sozinha? — perguntou ele, olhando pelos cantos da sala e da cozinha.

— Estou, não tem mais ninguém aqui.

— Ah, graças a Deus... — falou, finalmente suspirando aliviado. — Desculpa se te assustei, mas me ligaram dizendo que havia um intruso no andar. — *Ele estava falando de Bruce?* — Veio alguém aqui?

Pensei rápido, me questionando se diria tudo a ele.

— Antes de mais nada, eu queria te perguntar uma coisa. É totalmente aleatório, mas muito importante pra mim.

Dion cerrou os olhos sem entender nada. O seu peito subia e descia velozmente de cansaço.

— Se é importante pra você...

— Há algo que você não me contou sobre o nosso contrato ou qualquer

que sejam os seus planos para comigo?

— Como assim, não estou entendendo.

— Situação hipotética: se por acaso você quisesse ter um filho comigo pelo contrato, você me diria, certo?

— Essa é a situação hipotética mais esdrúxula que já ouvi, mas não, Ava, eu não pretendo fazer nada além do que está no contrato, que inclusive você leu e assinou.

— Eu sei, como eu disse, isso é só um cenário hipotético para saber se você me contaria caso decidisse fazer algo assim.

— Eu diria — assegurou. — Algo mais que queira me contar?

Se Dion não estava planejando me engravidar pra depois me jogar na sarjeta, quem me disse aquilo não tinha a menor importância.

Neguei com a cabeça e me aproximei dele, brincando com os botões de sua camisa.

— Você ainda precisa voltar para o serviço? — olhei para ele com compaixão e vi os seus olhos voltarem ao azul límpido e sereno, como os ventos que sopravam para desfazer o tempo nublado.

— Não, faltava pouco tempo pra eu largar.

— Que notícia ótima. Vem comigo. Vou te dar um banho. — Aqueles lábios maravilhosos se curvaram em um sorriso encantador. — Você precisa de um, com todo respeito.

— Eu vou querer mais do que um banho, senhorita Banks.

— Não sei se você merece, — me fiz de difícil, percebendo que, quando eu estava com ele, todos os problemas pareciam desaparecer — mas, me fala, você subiu as escadas correndo? Porque parece que subiu.

— Digamos que sim. Um elevador não é rápido o suficiente quando queremos salvar uma donzela em apuros — falou galanteador.

— Acho que você deve continuar procurando a sua donzela, Sr. Collins, porque eu definitivamente não sou uma — declarei, puxando-o para o quarto.



CAPÍTULO 27

Naquela noite, Dion e eu continuamos com a nossa brincadeirinha de perguntas e respostas. Eu perguntei sobre o lance entre ele e o irmão e ele respondeu sinceramente ao falar em como foi difícil reerguer a empresa do pai para Bruce querer se apropriar sem ter nenhum direito.

O irmão dele gostava de chamar atenção e só conseguia fazer aquilo incomodando as pessoas. Eu sentia orgulho de Dion por ter conseguido conquistar o seu espaço por esforço próprio, sem usar ninguém de degrau. Ele tinha uma bela história. Teria um belo futuro também.

Futuro. Aquela palavra me fazia sonhar de olhos abertos. Cansei de me pegar fantasiando em ser a Sra. Volkmann ou Sra. Collins, sei lá. Casa, filhos, família. Um campo verdejante que seria palco para piqueniques e brincadeiras ao ar livre de nossos filhos. Sentia-me ridícula com aqueles pensamentos, mas tudo ficou pior quando Bruce deu a entender que Dion queria muito um filho. Poderia até ser verdade, porém me escolher para ser a mãe seria um pouco demais. E eu não queria me iludir sobre ter o mérito de ser mãe de um filho dele.

Apesar disso, não pude deixar de notar que havia alguns assuntos em que Dion, mesmo sendo sincero em suas respostas, deixava lacunas para outras interpretações ou simplesmente as deixava vazias. Naquele aspecto, não éramos diferentes.

Dion era um homem riquíssimo, já eu era uma prostituta, então como obter um parâmetro sobre as coisas que deveríamos falar um para o outro?

Não era como se tivéssemos virados amigos de infância, confidentes de qualquer hora. Havia um contrato no meio e eu não pretendia contar todos os dias da minha vida pra ele se o nosso objetivo não era aquele. Talvez algum dia avançássemos aquela etapa, mas enquanto isso eu me contentava com o que tinha.

— Minha vez de perguntar. Você já se apaixonou por um cliente? — Estranhei a pergunta e passei a olhá-lo com inquietude.

— Olha, — fitei o teto, pensando em como responder aquilo — acho que paixão é uma palavra muito forte se tratando da vida que eu levo.

— Sim ou não?

— Não — fui enfática, mas ele entortou as sobrancelhas como se discordasse.

— E algum cliente já se apaixonou por você?

Soltei uma risada e pensei nos ex-clientes que juraram que iriam largar as esposas pra ficar comigo.

— Tenho uma lista interminável.

A expressão dele era de choque.

— Sério? — Assenti com um sorriso afetado.

— Ficaria impressionado.

Observei Dion se levantar e, antes que ele sumisse na escuridão, me olhou acima dos ombros.

— É... faz sentido — não entendi o que ele quis dizer.

Pensei sobre o assunto no qual ele havia tocado. Logo pude ver a silhueta dele voltando. Ele trazia uma jarra de água e, antes de deitar na cama, me deu um copo.

— Acho que Amber te ama ainda — comentei quando ele descansou ao meu lado.

— Acha? — perguntou de forma irônica. — Ela sabe fingir muito bem.

Arregalei os olhos, percebendo uma conotação sexual.

— Talvez seja boa em esconder os sentimentos. E você, ainda a ama?

— Essa não é a pergunta certa, porque eu *nunca* amei minha esposa.

— Então por que se casou com ela?

— Negócios — respondeu friamente.

Observei sua expressão, achando que ele poderia estar mentindo, mas não.

— Quer dizer que você faz qualquer coisa por negócios?

Dion relaxou na cama, colocando um braço pra trás. Deitei minha cabeça ali de forma automática.

— Fui assim quando era mais jovem. Me casei porque geralmente os investidores não confiam em empresários novatos e solteiros, por não passarem a impressão de responsabilidade que eles querem. Então, eu me casei. Ascendi com o banco, porém, quando eu chegava em casa e para Amber, eu olhava ao redor e pensava “é só isso?”.

Quando eu era pequena, meus pais sempre diziam que dinheiro não trazia felicidade, hoje aquela frase fez total sentido pra mim.

— E quanto a filhos, vocês nunca quiseram ter? — Ouvi ele suspirar e soube que estava entrando em um terreno perigoso.

Ainda não consegui tirar da cabeça as acusações de Bruce. Eu não tinha motivo nenhum para acreditar nele, mas e se por algum motivo superbizarro ele estivesse falando a verdade?

— Não acho que deveríamos estar falando disso. É complicado... — desconversou, virando-se e cobrindo meu corpo com o dele.

— Complicado como? Você quem não quis ou ela?

— Acho que nós dois queríamos, mas acabou sendo tarde demais.

Ajeitei meu corpo para encaixar melhor aos braços de Dion, com a constatação de que ele com certeza queria ter filhos.



No relógio já se passavam da meia noite, e Dion não havia ido embora. Eu agradecia aos céus a cada minuto que eu tinha a mais com ele. Eu queria adormecer sabendo que pela manhã o teria por perto, mas aquilo nunca iria acontecer, deveria me conformar. Não era difícil deixar a minha imaginação fluir quando ele estava abraçado a mim de conchinha. Nem me lembrava quando nos abrimos para aquele tipo de afeto e, obviamente, eu não era louca de reclamar.

Quase não me mexia para ele adormecer ou "esquecer" de ir embora, porém ainda sentia seus suspiros no meu pescoço. Ele não dormiria tão cedo e aos poucos fui sentindo-o querendo se animar de novo e me estimular junto.

As luzes do quarto estavam apagadas, mas a lua cheia enchia o cômodo de luz, criando um ambiente romântico sensual. Virei a cabeça para fitá-lo, apenas senti o seu hálito tão perto de mim. O seu pau rígido se moveu perto do meu bumbum, acendendo desejos estranhos.

Continuei procurando por seus lábios na penumbra, mas os perdi. Eu queria tanto beijá-lo.

Dion parecia perdido em seus próprios desejos. O pau dele roçando onde ele nunca ousou me dizia o que ele queria, mas não tinha coragem de dizer ou fazer.

Peguei a mão dele e a guiei até onde a minha vontade por ele transbordava, orientei os seus dedos até a minha abertura e mexi meus quadris junto com ele, deixando o desejo acender nossos instintos. Com a mão direita, eu peguei na grossura do seu membro e o acariciei brevemente, depois o posicionei entre o meu bumbum na pequena abertura.

Dion retesou quando percebeu o que eu estava fazendo.

— Não é isso que você quer? — virei a cabeça para observá-lo.

— Eu não quero te machucar — ele respondeu com o rosto bem perto do meu, com a voz baixa como se estivesse sussurrando um segredo.

Tive uma vontade imensa de rir.

— Você não vai me machucar — disse para tranquilizá-lo, esfregando o seu membro bem no centro do meu traseiro. Ele soltou o ar vagarosamente quando fiz aquilo. — Não é a minha primeira vez.

— Eu quero muito te foder por aqui, Ava, mas e se eu não conseguir me controlar?

— Eu não quero que você se controle, Dion.

Peguei o seu pau e o introduzi dentro de mim, a princípio, bem superficialmente e, depois, deixei que ele fizesse por si só. Levantei a perna um pouco para ele ver que poderia ir mais fundo, mas não tirei os olhos dele. Mesmo no quarto escuro, eu conseguia ver o quanto ele estava afobado, tentando se segurar. Deixei transparecer que eu também sentia prazer sendo tomada daquela forma por ele.

Dion me penetrou graciosamente, segurando a minha perna para controlar as investidas. Experimentou ir mais longe e eu sabia que ele não iria durar muito. Orientei ele a ir mais rápido e ele concordou. Nossos corpos extremamente suados deslizaram com perfeição um sobre o outro.

— Assim — gemi quando percebi que o orgasmo estava chegando pra mim também.

Ele se segurou o quanto pôde, aproveitando cada momento daquela agradável descoberta.

— Ava, eu vou gozar pra caralho — mal acabou de gritar e explodiu dentro de mim e o simples fato de ouvi-lo se perder me levou a minha própria libertação.



— Você não fez seu pedido ainda — falei, vendo Dion se arrumar para ir embora. Infelizmente.

— Vou pensar em algo. — Percebi o quanto ele estava distante e fiquei me questionando o que eu fiz de errado.

Provavelmente, deve ter achado que eu peguei pesado nas perguntas.

— O que é? — questionou, me olhando sério.

Desviei meus olhos dos dele. Não conseguia pensar em nada quando ele me olhava daquele jeito. Saí do meio da cama e sentei na beirada, colocando o meu robe.

— Eu, às vezes, queria perguntar algumas coisas para você, mas sei que você se sentiria tão desconfortável quanto eu falando de determinados assuntos.

— Por isso você criou o jogo, não foi?

— Sim, porém tem certas coisas que, se forem perguntadas de forma tão mecânica, tornam-se banais. — Um ponto de interrogação pairou na cabeça dele.

Ok, nem eu sabia que podia falar tão formalmente assim.

— E o que você quer saber?

— É que... a gente já fez todo o tipo de coisa em cima dessa cama, mas nunca... nós nunca... — *Que inferno!* A palavra não saía.

— Nos beijamos, é isso? — ele completou e eu concordei com a cabeça.

Logo depois, os seus lábios se curvaram em prepotência, não da forma que eu gostava. Ele não sorriu.

— Olha, Ava... eu te contratei por um motivo bem óbvio e isso não inclui ficar de beijinhos e abraços por aí feito namorados, o que nós não somos.

— Eu sei disso, Dion, mas um simples beijo pode tornar tudo muito melhor — argumentei.

Desci da cama para ficarmos frente a frente.

— Pode ser simples para você, mas não é pra mim. Uma transa não precisa envolver amor ou sentimentos necessariamente. No entanto, do meu ponto de vista, beijos são mais especiais. Eles requerem mais do que uma simples troca de saliva — ele realmente acreditava naquilo, não parecia ser uma desculpa. — Eu não sei se você me entende, Ava, e eu sinto muito não

poder te oferecer isso, mas eu não quero envolver duas coisas que pra mim são completamente diferentes.

Ele me analisou por alguns instantes.

A minha vontade de chorar só não era maior que a minha vontade de que um buraco se abrisse aos meus pés e me engolisse.

— Espero que entenda — finalizou, pegando a chave do seu carro em cima da mesinha de cabeceira, encaminhando-se para fora do quarto.

— Não, eu não entendo, — virou-se pra mim — mas respeito.

Voltei-me para o banheiro tentando parecer desinteressada com o resultado da conversa. A verdade era que eu sentia a esperança se rompendo dentro de mim, como um cristal falso se quebrando depois de cair ao chão. Era a minha ilusão de que talvez eu virasse mais que uma prostituta para Dion se desfazendo.



CAPÍTULO 28

Sinto o frio do quarto me tocar. Minha cabeça está dolorida e a minha visão turva. Ergo-me na cama, percebendo uma sombra parada em frente à porta, massajeio meus olhos para ver se a visão se desfaz, mas a sombra fica cada vez mais perto. Encolho-me instintivamente quando sinto o colchão se afundar na altura dos meus pés.

— Dion, é você? — Fico sem resposta.

Estou confusa demais e com medo demais para fazer algo. Minha cabeça pesa como se eu tivesse tomado uma garrafa inteira de uísque e meu corpo não reage com a mesma rapidez aos comandos do meu cérebro.

O que está acontecendo?

Acorda, Ava!

Meu corpo é puxado para o meio da cama e eu sinto minhas pernas serem abertas sem que eu consiga fazer parar.

— Dion, por que... por que você está se escondendo?

Pergunto novamente, sem a certeza de que algum som sai da minha boca, enquanto sinto aquelas mãos segurarem os meus braços para que eu não proteste. Lágrimas deixam os meus olhos e uma tristeza me domina.

Por que ele está fazendo isso comigo?

— Por favor, Dion. Você está me deixando com medo — tento me soltar, mas meu corpo permanece sem forças, inútil.

Um olhar tormentoso vem até mim enquanto eu me desespero tentando entender o que está acontecendo.

— Dion não está aqui.

A resposta da sombra flutua na escuridão, assim como minha mente.



Acordei assustada com mais um pesadelo que tem tornado as minhas madrugadas tenebrosas. Livrei-me rapidamente do *baby-doll* suado e fui para debaixo do chuveiro. Lá, eu pensei em como o nosso subconsciente poderia pregar peças mesmo em sonhos. Havia uma semana que eu sonhava com uma sombra invadindo a minha intimidade.

Eu nem queria entender aquela maluquice, só queria que parasse logo.

Os últimos dias foram basicamente eu e Dion fingindo que a conversa sobre o beijo nunca aconteceu. Havia dois dias que conversávamos apenas o essencial. Eu tentava transparecer ao máximo que não estava chateada nem nada do tipo, mas, a cada momento passado, parecia uma tortura perceber que funcionaríamos melhor daquela forma: corpos quentes se satisfazendo na cama e sentimentos dignos de um robô.

Ainda não tinha certeza se algo mudou pra ele, no entanto havia mudado para mim. Eu comecei a vê-lo somente como um cliente, um cliente qualquer. Apesar de ser extremamente difícil não me deixar envolver pelo seu toque ou pela forma que ele me tratava na cama ou não.

Eu estava ciente de que não devia exigir nada dele no que se referia a romance, mesmo assim eu tirei as vendas dos meus olhos, permitindo enxergar que a nossa relação não era um conto de fadas.

O que não mudou foi o sexo. Transávamos com o mesmo furor do primeiro dia. Eu dava o que ele queria, o satisfazia como e quantas vezes ele quisesse, porém, se eu podia ter somente o seu corpo, era justo que eu lhe oferecesse apenas o meu corpo.

Vez ou outra, Olga voltava no apartamento para me atormentar e me tomar dinheiro. O valor que eu recebia de Dion na conta ia todo pra ela

porque ela não aceitava menos. A minha mãe adotiva dizia que ainda me rondava como forma de me lembrar que ela permanecia sendo uma ameaça. Sabia que Dion estava tramando uma retaliação contra ela, mas não me contou nada até o momento.

Se antes eu pensava que, caso alguém tentasse me fazer algum mal, Dion vestiria uma armadura de super-herói e me salvaria, hoje eu pensava que tudo o que ele poderia fazer contra Olga seria dar um jeito de reverter a "dívida" que ele se propôs a pagar a fim de obter seu dinheiro de volta.

A ex-esposa de Dion me ligou várias vezes tentando marcar mais encontros comigo. Como eu acreditava que ela queria chorar as pitangas no meu ombro, eu não aceitei nenhuma vez, com medo de *eu* acabar chorando no ombro dela, apesar de que eu queria muito montar um grupinho das garotas que tiveram o coração partido por Dion Volkmann. Eu ficaria estarecida com a quantidade de gente que apareceria.

Em compensação, saí bastantes vezes com Camille e, aos poucos, fui traçando um perfil psicológico para a mãe de Dion. Ela era uma mulher triste que só se alegrava quando era regada com bebida alcoólica. Por outro lado, nossos encontros eram sempre agradáveis.



— Eu quero que você passe o fim de semana comigo — Dion falou depois de sair do banho. Dei uma olhada interrogativa pra ele, afinal sempre passávamos o fim de semana juntos. — Mas não aqui.

Concordei sem pedir maiores explicações. Afastei-me depois de fitar a sua fisionomia masculina da melhor espécie. Os cabelos molhados, a postura de macho alfa, os olhos famintos de algo insaciável.

Deus! Ele não deveria ser assim tão bonito!

Ele me olhou de soslaio, percebendo algo em mim enquanto eu ia para a cozinha esquentar comida congelada como pretexto para me afastar dele.

Dion tinha aparecido de manhã e eu sequer tinha conseguido dormir direito na noite anterior. A minha cabeça parecia querer explodir. Eu sempre

ficava assim depois da noite de um pesadelo. Resumindo, eu estava bem impaciente.

— Por favor, Ava... — falou com uma voz arrastada.

— Por favor, o quê?

— Até quando vai ficar desse jeito? Você está me punindo por eu não te dar algo que nunca prometi.

Cometi o erro de olhar diretamente pra ele e me deparar com uma expressão chateada, como se fosse um cachorrinho sem dono. Ele era perfeito até naquilo.

Foco, Ava!

— Eu não estou te punindo, Dion. De onde tirou isso? — Troquei o peso da perna, me fazendo de desentendida.

— Você me olha diferente, me trata diferente... — argumentou.

— Mas e quanto ao sexo?

— O que tem?

— Continua bom?

— Isso nunca mudou.

— Ótimo, porque isso é tudo que importa — finalizei com um sorriso que não refletia nos meus olhos.

Bang!

Dion ficou sem ter o que dizer. Aquela era uma das raras vezes que eu o deixava sem palavras em uma conversa. A única coisa que escutei foi a sua respiração pesada.

— Esse fim de semana é importante pra mim. Se você quiser ficar aqui, tudo bem, mas eu vou precisar sair.

Abri o micro-ondas e enfiei uma lasanha congelada nele.

— Não, eu vou com você — fitei minhas unhas. — Esse é o meu trabalho.

Ele me observou por um longo tempo sem dizer nada. Seus olhos pareciam assustados.

Bang! Bang!

— Então tá. Te pego à tarde — disse, não muito satisfeito, e foi embora.



Dion não especificou para onde iríamos, sendo assim fiz uma pequena mala com roupas básicas e uma de festa, não queria estar despreparada. Saí do prédio trajando um vestido de verão branco com estampa em azul *royal*.

Avistei Dion encostado em sua BMW esportiva. Realmente, o carro era muito bonito, no entanto eu só tinha olhos para a máquina que usava jeans surrado e óculos aviador. Não tinha jeito, eu era louca por aquele homem, mesmo com todas as incertezas que nos rondavam.

Toda vez que eu o via, sentia uma energia grandiosa passando pelo meu corpo, como uma supernova explodindo no meu coração, estremecendo minhas estruturas. Eu admitia que estava completamente apaixonada por ele e, falando sério, seria muito estranho se eu não estivesse. Contudo, cair de amores por Dion era a mesma coisa que desejar uma bolsa de grife na vitrine e não ter dinheiro para comprar. Estava ali bem pertinho, mas eu não podia ter.

— É só isso? — ele perguntou, pegando a bolsa da minha mão, e eu respondi que sim. — Você é uma mulher estranha, qualquer outra teria enchido duas malas.

— Só para um fim de semana?

— Uhum.

Aquilo me pegou de surpresa, será que eu deveria ter enchido duas malas também? Refleti brevemente.

Depois de guardar a mala, Dion abriu a porta do carro pra mim.

— E tem gente que diz que o cavalheirismo morreu — comentei

brincando.

Ele sorriu.

— Enquanto houver cavalheiros, haverá cavalheirismo. — Analisei a sua estatura, ele estava cheio de si.

— Menos, Dion, bem menos — gesticulei pra ele baixar a bola.

Alegrei-me por saber que o bom humor estava entre nós novamente. Dion estava certo, eu queria puni-lo e, no processo, eu acabei punindo a mim mesma.

O trajeto foi tranquilo. Dion comentou, durante a viagem, que estávamos indo para a casa da mãe dele, o lugar onde ele havia crescido. O que me fez sonhar acordada. Em outra vida, nós poderíamos ser pessoas normais que namoravam e conheciam a casa dos pais um do outro.

Ele me explicou mais tarde que a propriedade, na verdade, era um rancho, pois a casa de Camille tinha um terreno de larga escala onde antes foi um domínio rural.

O aspecto cinza da cidade ficou para trás, dando espaço para uma paisagem verde. Dion passou pela portaria e manobrou o carro, me permitindo ter um belo vislumbre do local.

Pude ver a mansão principal, duas casas adjacentes, um campo de golfe, piscinas para todo lado, mais afastado tinha um lago muito bem cuidado e mais afastado ainda se via a costa marítima.

— Ah, meu Deus — comentei, impressionada com a vista quando chegamos. — Esse lugar é muito lindo!

Ele pegou a minha mão, provavelmente sem perceber, e me levou para a vasta varanda de onde Camille acenava freneticamente para nós.

— Estou muito feliz que veio, querida — ela disse, me abraçando fortemente.

— Sim, eu também estou feliz por vir — respondi, olhando diretamente para Dion como forma de mostrar a minha gratidão.

Camille me apresentou toda a mansão. Mostrou-me onde Dion dormia

quando era pequeno e onde o colocava de castigo quando ele desobedecia. O quarto em que ele viveu depois de adulto era o mesmo de um universitário nerd e ainda tinha o seu cheiro. Logo depois, voltamos para a varanda e ficamos observando Dion e Carl interagindo perto do lago, como se fossem pessoas próximas. Um tio e um sobrinho talvez.

Dion tinha virado outro homem desde que pusemos os pés na casa da mãe dele. Ali parecia ser o seu refúgio, onde mal nenhum podia tocá-lo.

— Amanhã, Dion vai te mostrar como é lá fora, hoje não temos mais tempo.

O sol ainda não havia se posto. Sem conter minha curiosidade, eu tive que perguntar a Camille o que o filho dela estava aprontando.

— Dion me disse que esse fim de semana era especial — puxei o fio da meada.

— Olha, eu não sei por que você e ele ainda insistem em dizer que são patrão e empregada.

— Pode acreditar que não, mas eu sou, sim, a assistente dele — nem a pessoa mais tola acreditaria em mim apesar de que, para todos os efeitos, eu era realmente a assistente pessoal dele.

— E como uma assistente pessoal não sabe o dia do aniversário do próprio chefe? — colocou-me na parede.

— É hoje? — perguntei espantada, sem me importar com as insinuações de Camille.

— Sim. Nem consigo acreditar que, nesse mesmo dia, trinta e um anos atrás, eu estava tendo a maior alegria da minha vida — declarou emocionada.

Avistei Dion ao longe, ele estava de costas para mim. Era o aniversário dele e ele queria me ter por perto. Como reagir a isso?

Um sorriso surgiu no meu rosto de forma involuntária.

— Desde que me separei do pai dele, sempre passamos essa data sozinhos. Somente nós dois, mas hoje Dion trouxe você.

Olhei assombrada para Camille e ela sorriu percebendo o choque em

meus olhos.

— Ele não trazia nem a ...

— Amber? — Ela balançou a cabeça em negativa, me deixando ainda mais sem reação. — Parece que ela não era especial o suficiente.

Bem, isso deve significar alguma coisa.

Tem que significar alguma coisa.



CAPÍTULO 29

— E, então, ele chegava da escola apaixonado por uma garota diferente todos os dias.

— Mãe, eu tinha sete anos! — Dion se defendeu, envergonhado diante das revelações engraçadas que a mãe dele fazia.

Eu ria sem parar com as histórias de Camille sobre Dion quando este era apenas um garotinho. O jantar estava sendo servido; aquela era uma noite muito agradável. Dion e Camille me deixavam confortável, nem parecia que eu estava ao lado de um CEO podre de rico e da sua mãe *socialite*.

— E quanto a você, meu bem? Aposto que seus pais têm ótimas histórias para nos contar.

Antes que eu dissesse alguma coisa, Dion capturou minha mão por cima da mesa como forma de me tranquilizar. Olhei para ele dizendo obrigada.

Eu não sabia direito o que estava acontecendo, mas eu apreciava a forma como tudo estava se construindo naquela noite.

— Eu não tenho mais meus pais, Camille.

— Oh, sinto muito, Ava. Eu não fazia ideia — o tom de voz dela era carregado de desculpas.

— Está tudo bem.

Abri um sorriso sem graça, eu não queria ninguém com pena de mim.

A partir dali a conversa tomou rumos mais alegres. A hora da sobremesa chegou e as cozinheiras trouxeram um bolo de aniversário enorme, escrito "Parabéns" em cima. Os funcionários saíram de onde eles estavam e todos se aproximaram da mesa para celebrar mais um ano de vida de Dion. Percebi que ele estava sem graça, mas ainda assim feliz.

Cheguei mais perto dele e o abracei fortemente, desejando felicitações como todos estavam fazendo. Dion me apertou em seus braços, me abraçando mais forte ainda. O gesto foi prolongado e um coro de "hummm" entoou ao nosso redor. Afastei-me dele, sentindo o meu rosto queimar de vergonha.

A impressão que eu tinha era de que todos sabiam do nosso segredinho e Dion parecia não se importar nem um pouco.

Empanturrei-me com bolo e refrigerante, eu adorava aquelas gordices. Enquanto isso, formou-se uma pequena festa com música e grupinhos de bate-papo. As pessoas da mansão eram todas entrosadas; patrão e empregado falavam sobre assuntos aleatórios. Até eu me socializei com um grupo de mulheres mais velhas que diziam ter segurado Dion no colo quando ele era bebê.



— Crianças, eu vou me retirar — a mãe de Dion falou tranquilamente, nos deixando sozinhos na sala de estar.

A festa já havia acabado e todos já haviam dispersado. Observamos Camille se afastar com sua alegria alcoólica, depois de nos brindar com suas histórias hilárias.

— Você já está com sono? — Dion me perguntou e eu disse que não.

— Por que você não me contou?

Queria saber por que ele não me informou sobre o seu aniversário antes para eu não o induzir a pensar que eu estava ali pelo contrato.

— Eu não sei, fiquei com remorso de vir comemorar meu aniversário e você ficar lá no apartamento sozinha. Ao mesmo tempo, eu não queria que você se sentisse obrigada a vir, já que o clima não estava muito legal entre a

gente. — Ele apanhou uma mecha do meu cabelo e a colocou atrás da minha orelha como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Permanecemos agindo como se estivéssemos em uma versão paralela de nós mesmos, mas a sensação de que algo não se encaixava era bastante incômoda. Eu tinha medo de trabalhar algumas hipóteses de por que ele me trouxe na casa da mãe em seu aniversário, uma semana depois de praticamente me desprezar por ter perguntado por que nós ainda não havíamos nos beijado.

Dion continuou com os seus olhos em mim e o clima foi ficando cada vez mais claustrofóbico. Era um saco não conseguir respirar direito só por tê-lo me olhando daquela forma predatória. Fechei os olhos, me livrando do seu feitiço, e voltei à nossa pequena conversa.

— Acho que você não me contou que hoje é seu aniversário para eu não comprar as sandálias da humildade pra você.

Vi ele concordar.

— É, você está certa — ele me deu o seu melhor sorriso. — Foi por isso mesmo.

— Você conseguiu se safar por enquanto — avisei.

Depois de contar brevemente sobre a história da família Volkmann, Dion me levou para o quarto de hóspedes. Camille já havia guardado a minha mala lá. O cômodo era amplo e decorado de madeira branca. Um sonho de quarto.

Quando Dion entrou, eu fui em direção à porta, a tranquei e fiquei encostada nela como se eu estivesse a protegendo.

— Você está me trancando aqui? — questionou de uma forma engraçada, tentando entender a situação.

— Não, eu só estou forçando você a ficar aqui comigo — respondi, como se o que ele perguntou anteriormente fosse uma acusação muito grave. — Mas... a sua mãe tem sono leve? — Vi um sorriso safado cruzar o rosto dele.

— Dorme como uma pedra.

— Ah...

Dei um passo em sua direção, alcançando o zíper do vestido e deslizando-o para baixo. Dion me olhou silenciosamente, acompanhando os meus movimentos.

— Deite-se aí — pisquei pra ele.

— O que você vai aprontar, senhorita Banks? — queria saber, levantando uma sobrancelha em desafio.

— Hoje é o seu aniversário — virei de costas para tirar o sutiã, ouvi a respiração pesada de Dion atrás de mim — e você não me deu a chance de te dar um presente, então vou ter que improvisar.

Fiz com que ele afastasse as pernas e coloquei as minhas entre as dele. As mãos de Dion se apressaram em me tocar.

— Só de ver esse seu corpo maravilhoso é um belo presente.

— Muito gentil da sua parte, mas digamos que eu quero te *dar* mais que um simples vislumbre do meu corpo, *Sr. Collins*.



Escutei batidas na porta, logo depois Dion entrou. Ele me viu mexendo na minha bagunça. O conteúdo da minha bolsa estava todo espalhado em cima da cama, mas não falei nada.

Não dormimos juntos e, mesmo assim, eu não tive nenhum pesadelo. Quando Dion foi para o quarto dele, o dia já estava amanhecendo.

— Eu não consigo achar — disse distraída.

— Não consegue achar o quê? — Dion questionou intrigado.

Eu jurava que tinha colocado a cartela de anticoncepcional dentro da bolsa, mas agora não achava em lugar nenhum. Pensei em talvez não explicar a situação para Dion, porém talvez ele pudesse me ajudar, me levando para comprar uma cartela nova. Não queria arriscar perder o horário da pílula e ela não fazer mais efeito.

— É o meu anticoncepcional, não estou conseguindo achar. Pensei que tivesse colocado na bolsa, mas não encontrei até agora — expliquei, ainda mexendo nas minhas coisas.

— Você usa anticoncepcional? — Dion perguntou com estranheza.

— Uso — respondi com mais estranheza ainda.

— Pensei que você não usasse.

— E como acha que eu evito gravidez?

— Eu não sei — replicou dando de ombros.

— Você é bem leigo nesse assunto, hein? Na verdade, acho que todos vocês homens são.

— Posso até ser, mas, Ava, você não precisa tomar pílula comigo. Minha mãe está lá fora nos esperando para tomar café da manhã — ele falou rápido, emendando uma frase na outra.

— O que você disse? — indaguei, sem entender a parte do "você não precisa usar pílula comigo".

— A minha mãe está nos aguardando para tomar café — percebi que ele estava fugindo do assunto.

As minhas suspeitas ficaram mais evidentes quando ele colocou as mãos no bolso da bermuda cargo e ficou olhando para o chão.

— A outra parte. Você disse que eu não precisava tomar anticoncepcional com você. — Cruzei os braços. — Dion, a gente já não usa preservativo e, se não fizermos sexo seguro, você sabe as consequências disso, não sabe?

Ele olhou pra mim e balançou a cabeça dizendo que sim, ele sabia do que eu estava falando.

Subitamente a fala de Bruce me veio à tona, ele e Camille já haviam me alertado para a ambição de Dion em tentar conceber um filho.

"Algo como um sonho, o que Amber não conseguiu dar a ele. Um herdeiro, por exemplo."

Aproximei-me dele, tocando em seu peito.

— Dion, isso quer dizer que...

— Prefiro que você não faça essa pergunta — me repreendeu.

— Mas não é justo! — gritei irritada. — Isso diz respeito a mim também — falei mais baixo daquela vez.

— Eu entendo, mas o assunto da Olga está pendente até hoje. Você me pediu para confiar em você, agora sou eu quem peço um voto de confiança — ponderou.

Fiquei olhando para ele, tentando entender tudo o que estava se passando ali. Era tudo tão surreal. Ao medir a minha consternação, Dion tentou resolver as coisas de forma sensata.

— Aqui perto tem uma farmácia, depois do café nós vamos lá e compramos seu remédio, está bem?

Ele tocou brevemente o canto da minha boca e se virou, indo em direção à porta.

— Espera, e se eu não quiser mais tomar pílula? — perguntei do nada, pegando a ele e a mim de surpresa.

Dion cruzou os braços, me analisando.

— Essa é uma decisão somente sua.

Como eu queria que ele fosse mais aberto comigo, mas como eu poderia cobrá-lo se eu também escondia coisas dele?

O fato era que eu estava tão apaixonada por aquele homem que me imaginava fazendo inúmeras loucuras só para que ele me desse um espaço maior em sua vida, mesmo tendo a certeza de que sairia machucada.

Depois daquele bate-papo enigmático, saímos para o jardim, onde Camille estava deslumbrante com um vestido claro e esvoaçante. O clima entre mim e Dion não estava pesado. No entanto, eu sabia que tinha uma importante decisão para tomar.



CAPÍTULO 30

Eu estava exausta depois de uma longa caminhada pela mansão de Camille. Dion me mostrou tudo, desde a casa dos funcionários até a quadra de esportes. Ele estava feliz, tinha um sorriso de menino no rosto e um brilho nos olhos que nunca percebi antes. Após o café da manhã, passamos um tempo na piscina com a mãe dele. Como eu não tinha trazido biquíni, Camille me emprestou um, alegando que ainda não tinha usado.

Por diversas vezes, eu me preocupei com ela. Parecia mais magra a cada dia e, se não estivesse sob efeito do álcool, Camille parecia deprimida, distante da realidade. Questionei Dion sobre aquilo e ele também demonstrou preocupação ao me falar que a mãe fazia visitas regulares ao médico, porém nunca descobriram qualquer tipo de enfermidade.

Algumas horas depois do almoço, eu e Dion descemos para a costa. Onde Camille morava tinha um acesso exclusivo para o mar. Ali a família de Dion possuía uma praia só pra eles.

Para nosso deleite, estava um dia californiano perfeito. O sol brilhava forte e a brisa vinha de encontro a nós, proporcionando um equilíbrio quase mágico. Dion ao meu lado caminhava com as mãos no bolso, ele estava sem camisa e eu tentava ao máximo evitar olhá-lo demais. Eu chegava a salivar só de ver o seu abdômen à mostra.

Ele começou a me examinar e a trazer sua essência prepotente à tona, depois riu como se tivesse algo de engraçado em mim.

— O que foi? — olhei para ele com bom humor.

— Eu sou um perverso.

Era mesmo.

— Por que acha isso? — sondei.

— Porque eu estou desejando uma mulher que está com o biquíni da minha mãe no corpo.

Parei de andar e comecei a rir, pensando no embate psicológico que ele estaria tendo.

— Está tão ruim assim? — perguntei, olhando para baixo e observando a peça.

O biquíni tinha um modelo inusitado, como se tivesse duas partes de baixo e duas partes de cima entrelaçadas, misturando as cores branco e preto. Era um modelo sexy, sem dúvida. Camille insistiu para que eu escolhesse aquele e não um mais simples.

— Você continua linda. — Dei de ombros, mas o coração iludido foi a mil por hora.

Dion parou na beira da praia e observou a paisagem. A ponte Golden Gate ao longe era um suprasumo para a nossa visão. Sentei na areia que estava quentinha e olhei as ondas quebrarem no mar, me questionando quando eu poderia imaginar aquele momento: eu, uma praia particular e um homem maravilhoso do meu lado. Nunca, mas nunquinha mesmo.

Quando Dion se sentou, eu fui automaticamente para perto dele, hesitando instantes depois, porém ele me puxou, me deixando entre suas pernas e me abraçando por trás. Cruzei os braços tentando evitar nosso toque, porque meu corpo de repente resolveu virar uma britadeira de tão trêmulo.

— Por que você está tremendo, Ava?

Engoli seco. Tinha duas opções: ou falava a verdade ou fingia que estava tudo bem.

Um suspiro deixou o meu peito.

— Acho que porque situações como essa não acontecem com mulheres como eu.

— O quê, nunca ninguém te abraçou assim?

A voz dele tão perto do meu ouvido tinha o poder de arrepiar cada parte do meu corpo.

— Hum, não... — falei sem graça.

— Olha, desse jeito eu vou pensar que você nunca teve namorado. — Fiz uma careta de assustada. — Você nunca teve namorado? — Balancei a cabeça em negativa e não me virei para olhá-lo. Pelo seu suspirar percebi que aquilo não lhe parecia normal. — Você quer que eu te solte? — Balancei a cabeça novamente.

Ficamos em um clima estranho por alguns minutos, até que eu me permiti segurar os braços dele em torno de mim e, só assim, consegui relaxar.

— Sabe aqueles momentos que você deseja que dure para sempre?

— Sei — senti as mãos dele me segurarem com mais firmeza, como se o mar pudesse me levar se ele me soltasse.

— Eu nunca senti isso, até agora.

Ele não tinha noção do que as suas palavras poderiam causar em mim.

O ar foi ficando pesado e o meu coração errou algumas batidas. Eu teria um treco a qualquer momento. *Que Deus me ajude*. Porque não era justo falar aquilo para uma pessoa que você pode descartar facilmente. Nosso relacionamento era tão firme quanto prego na areia, ele podia me deixar a qualquer momento se assim fosse a sua vontade.

— Você sabe ser muito fofo quando quer — brinquei para tentar quebrar a tensão, fingindo que o que ele acabou de falar não era nada demais.

— Eu posso ser muitas coisas, Ava, apenas me dê oportunidade. A propósito, você está me devendo um pedido.

— Espera, pensei que o seu pedido foi me chamar pra vir pra cá.

— Não, não foi, não.

— Tudo bem, como eu sou boazinha e ontem foi seu aniversário, eu vou deixar passar. Qual é o seu pedido? — Girei o corpo para olhá-lo, me sentindo mais descontraída.

O rosto dele estava sério e sem precedentes para brincadeiras. Os seus olhos que refletiam o brilho do mar se direcionaram para a minha boca.

— Isso.

As mãos de Dion emolduraram o meu rosto brevemente antes de ele se aproximar mais, até os nossos lábios se tocarem. Fiquei atônita, olhando pra ele enquanto sua boca se movia contra a minha. Naquele momento, eu parecia uma tola que nunca beijou na vida.

Subi minhas mãos e as enrosquei em seu pescoço. Ele me beijou suavemente a princípio, saboreando cada mínimo centímetro de meus lábios, passeando suas mãos pela minha cintura. Segurei a nuca dele, trazendo-o para mais perto, e aprofundei nosso beijo, abrindo passagem para a sua língua esperta.

Conseguia ouvir o meu coração batendo dentro do peito. Não havia autocontrole, não havia dúvidas. Perdermos o ar sem perder o desejo, recuperamos o fôlego sem recuperar a sanidade e começamos tudo de novo e de novo, como se não fosse possível obter o suficiente daquilo.

Dion gemia cada vez que eu puxava o seu corpo para mais perto, tocando-o com ternura e queimando de anseio. Os seus lábios prepotentes exerciam uma pressão perfeita sobre os meus, delicados e ao mesmo tempo ferozes. A sensação de ter aquele homem maravilhoso me cobrindo com seus músculos me fez estremecer, não de prazer, mas porque eu sabia que, se um dia eu perdesse o calor de seu abraço, eu estaria perdida.

Ele parou de repente e me olhou ofegante, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Era uma emoção sem igual olhar em seus olhos e perceber neles a mesma coisa que eu estava sentindo.

— Eu sabia que ia me arrepender de não ter te beijado antes. — Agarrei o corpo dele, sentindo seus pelos se arrepiando contra a minha pele.

Sentei sobre as pernas e abaixei os olhos quando Dion continuou me olhando. Ele logo pegou o meu queixo, fazendo com que eu levantasse a cabeça. Eu já sabia que ele faria isso, Dion não gostava de submissão. Ele me deu mais alguns selinhos e eu apoiei as mãos no seu peito, tentando controlar a minha respiração que continuava pesada e para ter certeza de que aquilo

estava realmente acontecendo.

Contemplei-o, focando em seus olhos estritamente azuis; o que eu via me assustava. Nos instantes seguintes, eu soube que não importava o que aconteceria entre a gente, eu o amaria até o último dia da minha vida.

Ficamos em silêncio nos entreolhando enquanto as ondas nos envolviam por todos os lados, porém logo eu estava nos braços dele de novo, recebendo sua afeição em forma de beijos.

— Dion, é a sua mãe! — a voz de Carl soou atrás de nós, fazendo Dion levantar com um sobressalto.

Ele saiu correndo em direção à mansão e, pela voz do motorista, eu fiquei temendo pelo bem-estar de Camille.



Naquele dia, Carl me levou de volta ao apartamento enquanto Dion acompanhou a mãe ao hospital. Quando cheguei em casa, a primeira coisa que vi foi a cartela de anticoncepcional em cima da cama. Analisei a embalagem, pensando se eu seguiria o plano de fazer do meu ventre o abrigo para o filho de Dion. Ele me disse que eu não precisava tomar pílula com ele e, pela primeira vez, eu coloquei a minha confiança cem por cento em alguém. Então, após um tempo, fui ao banheiro e descartei todos os comprimidos dentro do vaso sanitário, dando descarga logo em seguida.

Só consegui dormir quando Dion me enviou uma mensagem dizendo que a mãe estava bem e que tinha sido apenas um susto. Dion ainda me pediu desculpas pelo nosso momento interrompido e, claro, respondi que a saúde de Camille vinha em primeiro lugar.

Pensei que seria uma noite tranquila, até o pesadelo vir me perturbar.



CAPÍTULO 31

É ela!

Definitivamente é ela!

Aquele pensamento não me saía da cabeça. Eu não conseguia analisar um relatório ou responder as dezenas de e-mails no computador. Só conseguia relembrar o fim de semana fantástico que havia passado com Ava e minha mãe.

O sorriso me fugiu dos lábios quando meus pensamentos se desviaram para a saúde da mulher que me deu a vida. Aparentemente, estava tudo bem com ela, porém, em questão de meses, eu a vi definhar bem na minha frente e ninguém foi capaz de achar o motivo.

Mal ouvi Andrew abrir a porta.

— Cara, o que está acontecendo? Estou recebendo uma ligação a cada minuto procurando por você.

Continuei olhando para a paisagem lá fora.

— Alô, Terra chamando... — Andrew continuou. — Consegue me dizer o que está acontecendo?

Olhei para ele calmamente, depois desviei os olhos. Eu não sabia como falar aquilo.

— Você se lembra de quando estávamos na faculdade, você me disse "eu espero que você se apaixone um dia e só assim você vai colocar o seu

coração em jogo para ser partido da mesma forma que..."

— "...que você parte o coração dessas garotas". — Ele me fitou, ficando pensativo. — Você está apaixonado?

Era aquilo que eu também queria saber.

— Estou aberto a segundas opiniões.

— Hum, me deixe adivinhar, é aquela prosti... — Repreendi-o com o olhar. — Ava?

— Quem mais seria? Você sabe que eu nunca fui apaixonado por Amber. Isso é bem constrangedor, na verdade — ponderei.

Pensar que eu havia me casado sem um sentimento concreto me fez lamentar, porque, no fim, eu havia gastado cinco anos de vida para cumprir uma vontade que não era minha.

— Realmente — concordou. — Há quanto tempo você e a Ava estão juntos?

— Fez três meses agora, no último dia 7. — Andrew arregalou os olhos como se estivesse assustado, a sua boca miúda acompanhou o movimento.

— Você sabe até o dia correto? — a voz dele era de incredulidade. — Essa porra tá séria mesmo!

— E aí? O que eu faço agora?

Andrew nunca foi bom em me aconselhar, mas naquele momento eu realmente precisava do meu amigo. Não sabia como prosseguir naquela situação.

— O primeiro de tudo é você não deixá-la perceber que você está caidinho por ela. Quando acabar o contrato, você vai levá-la de volta a Tenderloin e vai esquecer que ela existe.

Cocei a barba. Não era aquele tipo de conselho que eu estava esperando.

— Mulheres são pegajosas, elas te enlouquecem e te manipulam. São o demônio em forma de gente. Se você der mole, Ava vai te jogar no fundo do

poço depois de pisotear o seu coração com salto quinze, o suficiente para você não conseguir mais se reerguer.

Analisei a figura sem fôlego de Andrew depois do relato assustador. Ele parecia querer externar as suas frustrações amorosas com o sexo oposto.

— Ainda estamos falando de mim? — Ele concordou com a cabeça sem muita certeza.

— Sintetizando, mulheres são todas iguais. — Dei de ombros, sabendo que não deveria levá-lo a sério. — E Camille como está?

— Já está em casa, conversei com ela agora pouco. Ah, já estava me esquecendo. Eu quero que você peça a gravação das câmeras do prédio onde Ava está.

— Quer? Por quê?

— Eu tenho a impressão de que Bruce tem ido lá. Tenho medo dele ameaçar ou querer fazer alguma coisa com ela.

— Tudo bem, então.

Liberei a linha do telefone e aguardei a enxurrada de ligações que viria a seguir enquanto Andrew se encaminhava para a porta.

— Pois não, Stacy — falei com a recepcionista. — FBI? Mande entrar agora. — Fiz um gesto para Andrew aguardar.

Levantei-me e fiquei aguardando o agente, muito ansioso para saber o que ele tinha descoberto.

— Senhor Volkmann — o policial me cumprimentou, logo depois ele cumprimentou Andrew.

— Quais são as novidades?

— A senhorita Webber acaba de ser presa — respirei fundo, tentando administrar as proporções a que aquilo chegaria.

— Ela foi presa aqui?

— Foi presa enquanto tentava sair da cidade.

— Então tudo aquilo de que vocês suspeitavam foi confirmado?

— Sim, senhor.

Meu Deus! Cobri os olhos com as mãos.

Olga Webber já estava sendo investigada há alguns anos, porém as investigações nunca saíam do lugar. Precisei estimular – com alguns montantes de dólares – a polícia federal a seguir a fundo os rastros que ela e sua quadrilha deixavam.

A mãe adotiva de Ava estava envolvida desde redes de prostituição infantil até tráfico de pessoas e ela era apenas uma das cabeças daquele conluio nojento.

Uma sensação de soco no estômago me pegou quando comecei a imaginar tudo o que Ava sofreu até o ponto de não aguentar mais e fugir. Naquele momento, tudo o que eu queria era cuidar das suas feridas, entendendo por que ela nunca falou daquele assunto comigo antes.

Eu seria a sua salvaguarda se ela quisesse. Independente do nosso contrato, eu a deixaria saber que nunca a deixarei desamparada. Agora eu precisava colocá-la a par da situação.

— Agente Foster, eu realmente aprecio tudo o que você e sua equipe fizeram. Eu só preciso de mais um favor. Eu preciso que uma pessoa seja deixada de fora do julgamento e peço que não levem em consideração qualquer chantagem que Olga Webber fizer — olhei para Andrew. — Você sabe de quem eu estou falando, por favor, cuide disso pra mim.

Peguei o paletó pendurado na minha cadeira e pedi licença para os dois homens, que ficaram desconcertados com a minha saída. Liguei para o meu motorista, avisando-o que eu estava descendo. O trajeto até o prédio onde Ava ficava não foi demorado.

Antes de pegar o elevador, eu percebi uma silhueta que não me era estranha. O nariz arrebitado e os olhos tão azuis quanto os meus desceram pelas escadas. O elevador chegou antes de eu ver quem era aquele homem; eu tinha assuntos maiores para resolver.

Peguei as chaves do apartamento quando cheguei ao andar, elas nunca saíam do meu bolso.

— Ava?

Permaneci na sala, ainda procurando as palavras certas para dizer tudo que rodeava a minha mente. Cheguei à conclusão de que a forma direta era mais limpa e não deixava espaço para outras interpretações.

Ava apareceu, trazendo consigo o cheiro doce do seu sabonete de banho que já tinha virado o meu cheiro preferido no mundo todo. Ela vestia apenas um roupão e seus cabelos estavam pingando água. Meu coração sofreu um pequeno abalo quando ela sorriu ao me ver.

— Chegou mais cedo... não conseguiu parar de pensar em mim de novo, Senhor Collins?

Tentei dissipar a sensação calorosa que, só de ouvir a voz dela, me dava.

Claro e limpo, Dion.

— Olga acabou de ser presa.



CAPÍTULO 32

Dion aguardou a minha reação. Demorei alguns segundos para me dar conta de que eu era incapaz de emitir algum ruído e as lágrimas pareciam ter secado. A única coisa que consegui fazer foi olhá-lo totalmente imóvel.

— Eu tomei a liberdade de procurar os podres de Olga depois que ela veio aqui vasculhar nossa vida e sou capaz de jurar que nunca vi um ser humano tão repulsivo — era notável o asco em sua voz.

— O que você sabe sobre ela? — perguntei com receio.

— Eu sei de tudo, Ava. Eu já tinha uma ideia, mas hoje tudo foi confirmado. — Abracei o corpo fortemente, sem conseguir olhá-lo. *O que ele vai pensar de mim agora?* — Eu só queria ouvir a sua história.

Balancei a cabeça fortemente.

— Não, você não quer ouvir.

— Eu quero, sim. Tudo o que diz respeito a você diz respeito a mim também. — Olhei ao redor, sem enxergar uma saída. — Ava, se vamos fazer isso, eu preciso e quero saber tudo sobre você, inclusive as partes ruins.

Engoli em seco, sentindo meu corpo esmorecer. A vida havia me ensinado, da pior forma, que eu estava sozinha no mundo, pois a única pessoa que sobrou para me proteger fez do meu corpo moeda de troca. E aquela pessoa me ensinou a ter medo, me fez temer que todos ao meu redor fossem como ela.

Só que ele apareceu. Um homem que me fazia estremecer da cabeça aos pés somente com um olhar. Suas órbitas azuis eram como um farol, me colocando de volta no caminho certo.

— Você quer perguntar como se fosse parte do nosso jogo? — Observei as suas feições e percebi que falei uma grande besteira.

— Não, eu quero que você seja espontânea comigo e, depois disso, você pode me pedir até o Taj Mahal que eu vou ficar feliz em te dar.

Fui em direção ao sofá maior próximo à televisão e sentei na beirada. Olhei o chão, pensando no que eualaria primeiro. Levei as mãos até a boca, percebendo, pela primeira vez, que elas estavam trêmulas. Logo senti as mãos de Dion envolvê-las e foi como se o seu toque me acalmasse, um toque capaz de acalantar a tormenta dentro de mim. Olhei em seus olhos pacientes e deixei transparecer todo o meu desespero.

— Desculpe, eu não sei como começar.

— Está tudo bem, eu nem consigo me imaginar no seu lugar. Você não precisa passar por isso sozinha, você já aguentou demais. Preciso que entenda que nada do que você disser vai diminuir o meu afeto, certo? — Concordei. — Você quer um copo d'água? — Respondi que não, então Dion se acomodou no *puff* à minha frente e aguardou meu corpo relaxar. — Quando foi a primeira vez que... Olga te obrigou a fazer aquelas coisas?

Respirei fundo para não me afundar no pesadelo se formando aos meus pés. A pergunta catalítica havia sido feita.

Eu queria poder dizer a ele que, com doze anos, eu era uma miniadulta. Queria poder dizer que eu concordei com tudo que Olga me induziu a fazer. Queria poder dizer que não doeu e que eu não fiquei madrugadas ao relento, pensando em mil maneiras de tirar a minha própria vida.

Não foi apenas abuso do meu corpo, a minha alma também foi violentada sucessivamente enquanto eu não tinha a mínima noção da gravidade daquilo.

— Eu tinha acabado de completar doze anos. — Olhei para o chão para não ter que encarar a face de horror de Dion. — Antes disso, Olga já me perturbava com seus discursos, falando que não tinha dinheiro para comprar

comida ou pagar as contas. Ela exigiu que eu desse jeito na situação, sempre reclamando que já estava velha demais para trabalhar.

Percebi que Dion desviou sua atenção de mim, diminuindo um pouco da tensão.

— Não sei quando eu mudei de ideia, mas eu simplesmente fiquei cansada de dizer não, achando que ela tinha se conformado. No início, eu sempre batia de frente com ela e dava um "não" incisivo, — enxuguei as lágrimas com a manga do roupão, que ainda estava molhado do banho — porém, com o passar do tempo, Olga foi entrando na minha cabeça com seu discurso desagradável; as coisas que ela dizia começaram a fazer sentido. E quando ela me propunha, eu apenas ficava calada e ela entendia aquilo como um consentimento. — Sorri, não um sorriso de alegria e sim de vergonha e desespero. — Certa noite, um homem entrou no meu quarto, — as mãos de Dion apertaram as minhas — eu sabia o que ia acontecer mesmo antes do amigo de Olga começar a me tocar. Eu não gritei. Eu não saí correndo. Eu achava que, de alguma forma, aquilo era necessário.

Doía muito ter que reviver aquela noite, mas, se por pra fora tudo o que eu passei com Olga significasse superar, então era aquilo que eu faria.

— Passei muitos anos em conformidade com aquela situação. Eu não vivia naquela época, apenas sobrevivia, mas, em um certo dia, eu achei a foto dos meus pais que Olga havia tirado de mim e, naquela imagem, eu encontrei um motivo para lutar. Depois disso, eu comecei a juntar dinheiro sem Olga perceber. Eu me dei conta de que não merecia ter uma vida daquela. Então, eu fugi e, mesmo que nada tenha sido da forma que eu achava que seria, eu ainda tenho alguma esperança de ter uma vida normal de novo. Com Olga eu não tinha nada, nem a mim mesma — fechei os olhos com a triste constatação.

Dion se levantou e foi direto para a janela da sala, parecia um chefe de estado tendo que definir o futuro de seu país. Devia ser duro pra ele ouvir aquilo de mim e não poder fazer mais nada a respeito. Pouco tempo depois, ele voltou e me encontrou da mesma forma que havia deixado. Olhando para o seu semblante, era fácil perceber que ele não estava sabendo lidar com a situação e eu realmente não esperava que ele soubesse.

— Vem aqui. — Dion me puxou para cima e envolveu o meu corpo em um abraço afetuoso sem segundas intenções. As lágrimas voltaram ao meu rosto quando eu me senti totalmente segura em seus braços; eu me sentia em casa. — Me desculpe por não saber o que dizer, tudo o que eu queria agora era poder consertar isso. Infelizmente, é impossível lutar contra o passado, mas quero que saiba que eu não vou deixar Olga te machucar de novo e que Deus me ajude para não fazer nenhuma besteira no processo. — Ele distribui beijos suaves no topo da minha cabeça. — Te prometo, Ava. Eu não vou deixar mais ninguém te machucar.

Abracei-o mais forte, quase que querendo que as nossas peles se fundissem, talvez assim eu tivesse algo dele pra sempre.

Afaguei o rosto de Dion com as mãos, olhando-o fixamente. Sua visão era de um homem angustiado, afundado em determinação. Seus dedos longos limpavam as minhas lágrimas. Ficamos daquela forma por um breve momento. Ele cuidando de mim e eu tentando demonstrar uma força que não tinha.

Pensei ter ouvido o interfone tocar, mas Dion parecia não ter ouvido nada, então acreditei ser ilusão da minha cabeça.

— Você não tem que fazer isso — expliquei com calma.

— Tenho sim. Minha mãe sempre diz que devemos proteger as pessoas que amamos. — Abri um sorriso, agradecida, sem me apegar ao significado simbólico daquela frase. — Eu vou cuidar de você, você querendo ou não.

Continuamos nos entreolhando com afeição, como se tudo tivesse se resolvido. Eu ficava cada vez mais hipnotizada pelos olhos dele e pela forma como ele contornava o meu rosto com a mão levemente. Dion me beijou, massageando o meu cabelo como se eu tivesse uma dor ali que precisava ser curada. Eu amava tanto aquele homem.

A campainha do apartamento tocou, daquela vez tive certeza de que não era imaginação da minha cabeça.

Dion se esquivou de mim e eu segurei o seu braço. Queria que ele não fosse atender, estava um momento tão bom entre nós dois e, sempre que alguém aparecia no apartamento, as coisas ficavam nebulosas.

Ele foi atender mesmo assim; fui logo atrás. Dion abriu a porta e fomos surpreendidos por Amber, que entrou enfurecida, vindo na minha direção. Mal consegui me preparar para o seu ataque, apenas me dei conta quando senti a minha face queimando depois do tapa que ela me deu.

— Você me jurou, Ava! — gritou magoada.

Seus olhos correram pelo meu corpo. Eu estava usando apenas um roupão e o ex-marido dela estava sem o paletó. Ela sabia juntar dois mais dois.

Dion segurou Amber ao perceber o que estava acontecendo.

— Como você chegou aqui? — ele perguntou exaltado, puxando a ex-mulher para longe de mim.

— Bruce tinha razão, você é igualzinho seu pai!

Foi a última coisa que ela falou antes de sair pela porta suspirando ódio. Eu e Dion nos olhamos confusos depois que ela se foi.

Ele me deu uma olhada triste e murmurou algo sobre tomar as rédeas da situação. Com alguns passos, ele se aproximou de mim e deixou um beijo na minha testa. Não disse nada, mas meus olhos imploraram que ele não saísse, porém só Deus sabia o que Amber poderia aprontar com a constatação de que eu e Dion não éramos patrão e empregada.

— Tranque essa porta e não deixe ninguém entrar.

Ele saiu atrás dela, me deixando sem norte.



CAPÍTULO 33

— Agora não precisa mais vir atrás de mim, Dion.

Corri para tentar alcançar Amber, já que ela saiu gritando todo o seu descontentamento pelos corredores. Só consegui alcançá-la perto do elevador.

— O que Bruce disse a você?

Na mesma hora, a lembrança de ter visto um homem muito parecido com ele no prédio me veio à tona.

Inferno!

Só o fato de ele não ter ido perturbar Ava no apartamento já me deixava um pouco tranquilo.

— Ele disse que você tinha contratado uma vagabunda e que a mantinha a pão de ló nesse apartamento — os olhos dela eram puro fogo, queimavam de fúria. — Pensei que você mantinha esse lugar porque queria espaço e não que usava para me trair.

Comecei a organizar as coisas na minha cabeça. Eu teria que resolver a lambança de pessoas entrando no prédio sem serem anunciadas, provavelmente comprar outro lugar pra Ava ficar. Contudo, no momento, deixei de lado as acusações de Amber e foquei no que mais me assustava naquela história. Bruce sabia mesmo de Ava. A informação avançou pelo meu cérebro com o toque de uma sirene.

Apertei o botão do térreo enquanto Amber despejava todo seu aborrecimento em cima de mim.

Respirei fundo para lidar com aquela situação da melhor maneira possível. A minha ex-esposa era o menor dos meus problemas. Eu estava sedento para ter uma conversa particular com Bruce e mostrar a ele porque ele não deveria se meter no meu caminho.

— Primeiro de tudo, Ava não é uma vagabunda. Nós nos conhecemos e... aconteceu.

— Eu não me importo. Ela dormiu com você enquanto ainda éramos casados e teve a audácia de me jurar que não. Além de vadia, é uma mentirosa!

— Já chega, Amber! — vociferei, deixando-a espantada. — Se você precisa de alguém para culpar, então culpe a mim. Ava não sabia que eu era casado quando ficamos pela primeira vez.

Acompanhei seus gestos, a zanga dela só aumentava.

— Você quebrou a sua promessa, então, e não teve a mínima decência de me contar? — O olhar negro dela logo foi tomado por lágrimas de rancor.

Soltei um suspiro lentamente, sem saber como tudo aquilo poderia chateá-la tanto. O nosso casamento havia terminado há meses; não era como se eu tivesse dito que a amava em um dia e no outro procurado Ava. Eu me lembrava de ter falado com ela que não sairia com nenhuma mulher até o divórcio ser finalizado, mas não prometi nada.

Amber usou a parede do elevador de suporte enquanto murmurava seus desalentos.

— O que eu poderia fazer para te manter comigo, Dion? O que ela tem que eu não tenho?!

Olhei para o teto, balançando a cabeça. Uma discussão como aquela era tudo o que eu não precisava.

A porta do elevador se abriu na recepção do prédio.

Quando chegamos ao lado de fora, eu orientei Amber a entrar no carro onde Carl aguardava. Percebendo a situação delicada, o motorista não

questionou o nosso destino, apenas partiu e perambulou o precioso Maybach pela cidade.

O clima tenso foi se desfazendo aos poucos.

— Éramos jovens demais, Amber — comecei com a voz mais suave que conseguia fazer. — E você pode tentar se convencer que não, mas nós dois nos casamos apenas para suprir um acordo de negócios.

Ela concordou com a cabeça sem olhar pra mim.

— Você é uma mulher maravilhosa, mas... o que eu posso dizer... eu não te amei durante os cinco anos do nosso casamento e não te amo agora — admiti.

As fungadas dela durante o choro eram sufocantes, mas eu precisava dizer o que tinha que ser dito.

— Eu estou disposta a ser quem você quiser que eu seja. Você não me ama, mas eu te amo, Dion. Sei que nunca te disse isso, mas eu te amo. Me diz se vale a pena lutar por você?

Virei-me para a janela, ignorando aquela súplica tardia. Percebendo a minha indiferença, ela retirou o cinto de segurança e se atirou aos meus pés.

Merda!

— Amber! Por favor, não faça isso consigo mesma — repreendi sua atitude. — Não vale a pena, não existe a menor possibilidade de nós rearmos. — Peguei em seu braço e a puxei de volta para o banco. Ela escondeu o rosto atrás das mãos, provavelmente se sentindo humilhada. — Eu não posso sentir nada que o meu coração não queira sentir. O amor é mais do que promessas, Amber. Ele queima, às vezes machuca, mas ele acontece. Consegue entender o que eu quero dizer? O amor não aconteceu para nós dois e eu realmente espero que você encontre alguém para ser correspondida. Agora, olha pra mim. — Relutante, ela fez o que pedi. — Você vai encontrar uma pessoa com as peças certas que se encaixam no seu coração e essa pessoa não sou eu.

Eu, com certeza, falei aquilo mais pra mim do que pra ela. Eu definitivamente não sabia muito sobre amar outra pessoa como mulher. Lá no

fundo, eu desconfiava que estava prestes a aprender.

Aquele pensamento sobre amor me deixou com mais dúvidas do que respostas. Eu já tinha em mente quem procurar para falar sobre aquilo, mas no exato momento pedi que Carl deixasse Amber em sua nova casa e, depois, ele me levou até a casa do meu pai.

Bruce estava com gana de irritar os meus dias. Ele queria jogar comigo, mas naquele jogo eu já era mestre.



— Cadê ele? — falei, invadindo a mansão do meu pai.

As empregadas dele andavam apressadas atrás de mim, dizendo que eu não deveria estar ali.

— Dion, o que faz aqui? — a voz de Paul surgiu de uma das portas.

— Eu vim ter uma conversinha com o seu bastardo.

— Olha a forma que você se refere ao seu irmão, essa é a casa dele.

— Ele está lá em cima? — questionei, olhando para a escada.

— Claire, peça que Bruce desça aqui agora, — meu pai pediu para uma das empregadas — mas, se você veio aqui atrás de confusão, fique sabendo que...

— Ficar sabendo do quê? Só estou fazendo o que ele sempre fez comigo. É ele quem gosta de invadir a propriedade das pessoas.

Vi meu pai suspirar fortemente, mas no fundo ele concordava.

— Como está sua mãe? Soube que ela tem ido bastante ao hospital — falou baixo, como se não quisesse que ninguém mais ouvisse.

— Agora ela está bem; você nunca se preocupou com ela, não vai ser agora que vai, não é...

Procurei a janela mais próxima para não respirar o ar pesado que ficava sempre que nos encontrávamos.

— Eu queria ter feito mais por vocês — Paul comentou, abaixando a cabeça. — E aquela garota bonita da festa, ela é sua namorada? — questionou, mudando de assunto.

— Isso não é da sua conta.

Ele resolveu se afastar e passou a me olhar de longe com um ar infeliz.

Eu só queria entender porque eu me sentia tão mal bloqueando o meu pai nas nossas conversas. Não deveria me arrepender, afinal ele foi um grande babaca durante uma boa parte da minha vida, mesmo assim, era desconfortante ignorar o meu próprio pai. Eu não me sentia bem quanto aquilo.

— É uma pena, porque ela parecia ter te deixado feliz naquela noite. — Fitei-o com uma expressão interrogativa. — Você pode pensar que não, Dion, mas a minha única preocupação até o dia da minha morte será a felicidade dos meus filhos.

Abri um sorriso debochado.

— Não vem com essa, isso serve perfeitamente pra Bruce, não pra mim.

E por falar nele...



CAPÍTULO 34

— Olha só quem veio me ver — a voz irônica de Bruce surgiu no topo da escada.

Ele desceu com a aparência de alguém que passou o dia inteiro em cima da cama sem fazer nada produtivo.

— Eu preciso do seu escritório emprestado — avisei Paul e fui em direção ao cômodo onde meu pai ainda fazia algumas reuniões.

Entrei na sala que era bem ampla e confortável. Meu pai veio junto e logo atrás, Bruce.

— Essa conversa não inclui você, pai.

— Da última vez que vocês conversaram, Bruce saiu com alguns dentes a menos. — Sorri internamente de satisfação.

— Não vai ter agressão hoje — deixei claro.

A não ser que ele mereça.

Paul deixou o escritório e fechou a porta. Bruce já estava atrás da mesa, sentado na enorme cadeira executiva, tentando manter uma pose confortável, mas conforto era tudo o que ele não tinha quando eu estava por perto.

— Me deixe adivinhar, você está aqui por causa de uma bela moçoila de olhos verdes acastanhados ou seriam castanhos esverdeados? — Colocou a mão no queixo, fingindo dúvida.

Aproximei-me da mesa e coloquei uma palma da mão sobre ela, a outra permaneceu no bolso lutando para não ir de encontro ao rosto do meu irmão. Não gostei das palavras que saíram de sua boca, muito menos de como elas foram proferidas.

Se controle!

— Quem diabos você está pensando que é? Achei que tivesse deixado claro que eu não queria saber de mais nenhum vestígio da sua existência, e o que você faz? Invade o meu escritório, a festa do meu banco e o meu prédio. Queria tentar entender por que você ainda insiste nessa história ridícula de querer me desafiar. — Uma sobrançelha dele se ergueu em sinal de audácia. — Você sabe que a única coisa que consegue com isso é me irritar.

— A gente se contenta com o que pode, irmão.

— Bruce, o que você faz durante o dia além de fofocar como uma velha? Aposto que deve ter um alvo com a minha cara no seu quarto, onde você tenta me acertar com um dardo pra diminuir a sua frustração. — Ele não disse nada, parecia ter murchado completamente. — Onde está a sua coragem agora?

— Você acha mesmo que a minha vida gira em torno de você, não é?

— Então me diz o porquê de conversar com Amber dando a entender que eu dormi com outra mulher antes do nosso divórcio?

— E por que não contar? — Cerrei os olhos para observar até onde iria aquela insolência. — Você traiu sua esposa com uma prostituta. Tem sorte de eu ter contado só pra ela.

— Você achou que iria conseguir o quê? Me difamar? Você já tentou fazer isso em outras ocasiões e não deu certo.

Bruce fez uma pausa e me olhou de forma misteriosa.

— Você vai se dar mal se continuar olhando apenas a superfície — ele suspirou e olhou para o teto, filosofando. — O estrago maior pode já ter sido feito, mas você ainda não se deu conta porque não enxerga um palmo abaixo do seu nariz.

— Diz logo onde você quer chegar — pedi impaciente.

— Não, Dion... você é o filho prodígio. Logo vai entender.

— Por que você tem que ser assim? — Abri os braços, lutando para manter o equilíbrio. — Sabe muito bem que eu não fui mais privilegiado do que você. Tivemos as mesmas oportunidades.

— Você nunca foi filho bastardo, então não, não tivemos as mesmas oportunidades.

— Mas tem o sobrenome Volkmann, não é disso que você se orgulha? — Ele assentiu sem raciocinar muito. — Então por que você se tornou... isso? — Apontei em sua direção. — Por quê, Bruce? Nosso pai nunca te ensinou o que é certo e errado?

Enquanto ele se levantava e contornava a mesa, me lembrei que, quando éramos apenas adolescentes, Paul achou uma boa ideia tentar nos aproximar de novo. Aquela foi a última tentativa e fracassou como sempre. Bruce teve o apoio do meu pai em momentos que eu não tive e, mesmo assim, ele cresceu com uma inclinação para a maldade.

Captei a visão dele circulando e se apropriando dos gestos e do tom de voz que fazia dele uma das pessoas que eu menos suportava no mundo inteiro.

— Tudo isso por causa de uma puta que você pegou no bairro mais podre da cidade?

Minhas mãos reagiram àquele veneno e, momentos depois, eu estava com Bruce na parede, apertando o seu pescoço como se fosse um animal pequeno e fraco. Ele tentou escapar, mas empurrei o corpo dele na parede e voltei a segurá-lo pelo pescoço.

— Do que você tem medo que eu faça com ela, Dion? — perguntou com dificuldade. — Me responda! Do que você tem medo?!

— Nunca mais apareça na minha empresa, no meu prédio ou em qualquer outro lugar que eu coloque os meus pés — aumentei meu tom de voz. — Eu já estou cansado dos seus joguinhos. Da próxima vez que você pisar na bola, eu vou te colocar no lugar de onde você *nunca* deveria ter saído.

Escutei a porta ser aberta e nosso pai entrar feito um furacão.

— Por que você está fazendo isso, Dion? Ele já foi inocentado, não deve mais nada pra justiça — ele gesticulou com o indicador no alto. Quando viu que eu estava estrangulando seu precioso filho, ele arregalou os olhos. — Solte ele! Você quer matar seu irmão?!

Soltei Bruce e o deixei de lado para responder meu pai.

— Foi inocentado porque o dinheiro que você me pediu emprestado foi usado para calar a boca de todas aquelas vítimas. Você foi tão culpado quanto ele e ainda teve coragem de me arrastar junto — explanei, desenterrando todos os podres que aqueles dois viviam tentando esconder.

— Eu não te arrastei pra nada, por isso que não te contei naquele dia.

— Mas eu sabia, desde o momento que você colocou os pés no meu escritório, que esse daí tinha feito algo de muito grave, senão você não iria me procurar — coloquei a mão na cabeça, sabendo que trataria de um assunto que ainda me tirava o sono. — Simplesmente não posso acreditar em como você consegue deitar à noite e dormir sabendo que tem um criminoso sob seu teto. — Cerrei os olhos. — Cadê a sua esposa, Paul, para me dizer como ela se sente apoiando um maníaco dentro da própria casa?

Era difícil até pra mim acreditar naquelas palavras, não entrava na minha cabeça que o meu pai armou toda uma situação para que o seu filhinho querido não fosse preso, utilizando o meu dinheiro como escudo. Era intragável.

— Já chega, Dion!

Nesse momento, Bruce se levantou e tentou mostrar alguma valentia.

— Eu ferrei você! — gritou detrás do nosso pai, soltando uma risada mórbida. — Eu ferrei você!

As palavras saíram pesadas, havia um certo tom de exaltação.

— Fantasie isso quantas vezes quiser, porém a realidade é que eu estou no melhor momento da minha vida e você nunca, escute bem, nunca saberá o que é isso.

— Dion, saia daqui e nunca mais apareça aqui de novo! Não quero mais você aqui na minha casa.

— É, eu vou mesmo. Não suporto respirar o mesmo ar que vocês por muito tempo. Você já está avisado que, da próxima vez que chegar perto da minha casa, do meu apartamento ou de qualquer pessoa com quem eu mantenho contato, eu não vou ter piedade em mover céus e infernos pra te colocar dentro de uma cadeia, que é onde você deveria estar agora. Não deveria ter me provocado, Bruce. — Virei novamente para Paul. — Quanto a você, fique sabendo que a sua parcela de culpa é tão grande quanto a dele por deixar esse cara à solta.

Deixei a sala com a impossibilidade de permanecer mais um segundo na mesma atmosfera que eles.

Saí da casa do meu pai ainda transtornado por ter que tirar do baú uma história que eu deveria ter enfrentado há alguns anos e fui direto para a casa da mulher que poderia me aconselhar sobre qualquer assunto, da melhor maneira.

Minha cabeça latejava, ainda sentindo os efeitos da conversa na casa do meu pai. Quando avistei minha mãe na varanda à minha espera, o desconforto se desfez.

— Eu preciso conversar com você — informei antes de ela dizer qualquer coisa.

— Sobre?

Respirei fundo.

— Amor. — Um sorriso atravessou o rosto dela, como se já esperasse aquilo.

Depois de me aconchegar em uma poltrona na sala de estar, a minha mãe me deu sinal verde para começar. Senti-me um pouco tonto ao lidar com dois assuntos completamente diferentes em um curto espaço de tempo.

— Eu me sinto estranho, mãe. Há um monte de coisas na minha cabeça... Preciso de ajuda pra fazer a coisa certa.

— O que você quer dizer com isso, filho?

— Não sei ao certo, só sei que desde que... — não soube como continuar.

— Ava entrou na sua vida, você se sente diferente — ela completou, organizando as minhas ideias em palavras.

— Mãe...

— Dion, me diz o que é tão complicado? Você está perdidamente apaixonado por ela, por que não aproveitar isso?

— Ava é o tipo de mulher que não é muito bem aceita na sociedade, muito menos na nossa.

Eu não queria dizer diretamente que Ava era prostituta.

— Seja claro comigo. Por que a nossa sociedade não aceitaria um relacionamento entre vocês?

Remexi-me na poltrona, pensando no que eu diria.

— Eu paguei para ir pra cama com ela.

— Oh! — A expressão de assustada da minha mãe já era esperada. Ela olhou de um lado para o outro e deu sorrisinho nervoso. — Olha, se você não tivesse me dito, eu nunca imaginaria que Ava fazia essas coisas para sobreviver.

— Ela gosta tanto de você, mãe. Por favor, não a trate diferente a partir de agora.

— E como eu poderia não gostar da mulher que faz os olhos do meu filho brilharem desse jeito? — Ela se levantou e veio até mim, ergui-me diante de seus braços estendidos. — Eu sou tão grata por ela ter entrado em sua vida. Nada vai mudar, Dion.

— Ela provavelmente está me esperando e eu não sei o que fazer.

— Filho, você já supriu as vontades dos seus pais para se sair bem diante dos outros empresários dessa cidade. Você se casou, não por amor, mas por achar que uma aliança com a família de Amber era tudo o que precisava para fazer a sua empresa crescer. Você já ouviu essa parte — cutucou a minha testa suavemente — e não deu certo. Agora, você precisa dar voz ao seu coração — disse, por fim, tocando o meu peito. — Diz pra mim o que ele está dizendo, o que o seu coração está pedindo para você fazer?

Eu não estava acostumado a falar dos meus próprios sentimentos, por isso optei por ter aquela conversa com a minha mãe. Ela me conhecia como ninguém e poderia preencher as lacunas de dúvidas que eu tinha, sem que eu precisasse sequer questionar.

— Eu sei exatamente o que ele quer fazer.

— Então faça! — reforçou ela.

Abracei-a com cuidado, sentindo o seu corpo mais debilitado do que deveria.

— Mãe, já não está na hora de procurarmos outro médico? A senhora parece tão fraca.

— Está tudo bem, querido. Só estou precisando de algumas vitaminas. Agora, vá. — Analisei as suas feições, ela parecia despreocupada com qualquer coisa.

Peguei o celular do bolso enquanto me despedia dela, mandando uma mensagem para Carl logo em seguida.



CAPÍTULO 35

Faziam algumas horas que Dion havia saído. Horas de incerteza.

Ele sabia agora sobre o meu passado. Dion merecia mais do que eu poderia oferecer e talvez Amber tenha mostrado aquilo a ele. O próximo passo era me jogar para escanteio, afastar-me como se eu fosse uma sujeira que podia ser facilmente varrida para debaixo do tapete.

A minha insegurança era algo fora do comum, mas era tão difícil acreditar que coisas boas aconteceriam comigo depois de tudo.

Abrir-me com Dion deveria ter sido um processo reconfortante, parecia ter sido no começo, só que agora não tinha certeza de mais nada. Eu abri o meu coração e esperei que Dion o curasse, que o fato de eu ter sido abusada desde a adolescência fosse pequeno diante de um sentimento maior. Eu o ouvi dizer que tudo ficaria bem, mas ele sequer estava ali comigo.

Na medida em que o tempo passava, o sentimento de rejeição foi tomando cada vez mais espaço dentro do meu coração e aquilo fazia com que eu voltasse a me sentir suja como antigamente, suja de algo que nunca se limparia.

A cada minuto passado, eu olhava no relógio para ver o quanto eu tinha conseguido ficar sem Dion. Eu precisava dele mais que tudo; eu murchava sem tê-lo por perto; ele me tirava o ar até quando estava longe.

A noite caiu sem que eu pudesse aquietar o caos em meu coração.

Enquanto olhava pela janela e deixava meus pensamentos flutuarem

para longe, percebi meu celular tocando; era uma mensagem de Carl. O motorista de Dion me aguardava para me levar até ele. Fiquei olhando para a tela um bom tempo, tentando adivinhar o que iria acontecer.

Coloquei uma roupa e desci. Cumprimentei Carl enquanto ele ligava o motor do carro.

Nem me virei para admirar a estrada, parecia que o chão foi tirado de mim e eu estava a caminho da confirmação. Levou aproximadamente dez minutos para o carro estacionar diante da portaria de uma mansão exorbitante. Carl falou brevemente no telefone e o portão foi aberto.

Por favor, que não seja o que eu estou pensando.

O veículo parou bem perto da porta principal, logo depois, o motorista pediu para eu descer. Minhas pernas bambearam ao deixar o carro, fiquei parada esperando o que viria a seguir.

Meus olhos captaram a estrutura moderna do lugar. Como já era noite, eu não conseguia pegar muitos detalhes, mas a mansão era toda branca e tinha inúmeras janelas de vidro refletindo a luz que vinha da lua.

Carl foi em direção à porta, fui junto.

— Que lugar é esse?

— É a casa do Sr. Volkmann.

Ah, droga!

— Ele está aqui?

— Sim, ele me pediu para buscá-la.

Engoli seco, tentando imaginar o que de tão grave devia ter acontecido para Dion pedir pra me trazer até sua casa.

Entramos e, logo depois, Carl me orientou a ir com outra mulher. Ela estava na meia idade e se vestia como as empregadas de novela mexicana. Evitei fazer perguntas ou reparar no lugar ao meu redor, a única visão que tive foi os meus pés enquanto eu subia as escadas.

— O Senhor Volkmann pediu para que você o aguardasse aqui. — A mulher abriu a porta do cômodo, me incentivando a entrar. Após isso, ela

fechou a porta e saiu andando sem ao menos me dar a chance de questionar algo.

Legal, Dion escolheu o quarto dele para me dar um pé na bunda, lamentei em meu subconsciente.

Cinco minutos se passaram, mas pareceram uma eternidade. Cansei de ficar em pé e sentei na cama, na mesma hora uma porta se abriu e Dion saiu por ela, usando uma calça moletom e uma toalha em volta do pescoço.

— Oi — falei, levantando-me rapidamente.

Fiz minhas pernas ficarem quietas para eu não correr até ele.

— Não sabia que você chegaria tão rápido — ele deu uma última enxugada no cabelo e se livrou da toalha, parecia cansado. — Ava, desculpe não ter te ligado antes.

— Não se preocupe — olhei para baixo, depois o encarei de novo. — Acho que precisamos conversar.

— Eu sei. Eu não apareci antes porque eu precisava ajustar meus pensamentos e, de alguma forma, resolver tudo isso que está acontecendo.

Ele foi se aproximando à medida que eu também fui me aproximando dele, sendo atraída feito ímã. Dion parou quando estávamos a um palmo de distância.

— Me deixe falar primeiro, porque eu preciso por pra fora tudo o que está na minha cabeça, senão vou enlouquecer. — Ele colocou as mãos dentro dos bolsos da calça, depois tirou e olhou pra mim, parecendo desconfortável. Comecei a pensar no pior. — Ava, você talvez não perceba, mas, toda vez que estou com você, eu sinto como se nada pudesse me atingir ou nada pudesse me fazer mais forte. — Olhei para ele confusa, pendendo a emoção. — E toda vez que você me olha como está olhando agora, eu não sei como agir. Ao mesmo tempo que é uma sensação encorajadora, eu tenho medo, porque eu nunca me senti assim antes. — Abri a boca para tentar dizer algo, mas ele encostou um dedo em meus lábios delicadamente. — Por favor, me deixe terminar — suspirou. — Eu decidi comigo mesmo que, a partir de agora, eu vou fazer as coisas que eu quero e não o que as pessoas exigem de mim. E eu quero estar com você, ser o homem que você merece, o homem

que vai te respeitar, te proteger, entender os seus limites, te impulsionar, te inspirar... Eu já queria isso antes, mas agora está *tão* claro pra mim.

Estremeci com a verdade sendo transmitida em sua voz e em seus olhos. Eu não estava pronta para ouvir algo daquele tipo de Dion.

— Não sei o que isso significa ou o que será de nós daqui pra frente — ele continuou parecendo espantado ou encantado. — Só sei que isso é algo que eu quero descobrir. Resta saber se você aceita descobrir comigo — perguntou, parando na minha frente.

Percebi minhas sobrancelhas se contraindo, eu tinha mesmo escutado tudo aquilo ou estava apenas sonhando?

Se fosse sonho, eu gostaria de viver nele.

Diminuí a distância entre nós. De forma tranquila, acariciei sua nuca e ele reagiu suspirando, puxando a minha cintura. Nossos lábios estavam perigosamente perto, tomei a iniciativa e avancei, mesmo ele se mostrando relutante, querendo uma resposta.

Dion afundou suas mãos em meus cabelos e, antes de nossas bocas se fundirem, ele me parou e fixou o seu olhar em mim.

— Consegue ver? — Segurei mais forte em seu corpo. — Você está me deixando louco e, *porra*, eu gosto disso.

Meus olhos aflitos não conseguiriam suportar as lágrimas por muito mais tempo, a minha voz não saía.

— Por favor, diz alguma coisa — ele me pediu com humor.

— O que você quer que eu diga? Eu nunca nem pensei na possibilidade de que isso acontecesse algum dia e agora eu não sei o que dizer.

— Só diz que eu não estou ficando louco em imaginar nós dois juntos independente do contrato.

Neguei incessantemente.

— Não, você não está louco — suspirei, abrindo um sorriso. — Dion, você foi o único homem que fez o meu corpo e o meu coração sentirem algo

verdadeiro. Eu quero a mesma coisa que você.

Ele segurou o meu rosto entre suas mãos de uma forma que mostrasse toda a sua devoção.

— Eu vou te beijar agora e, quando isso acontecer, não haverá mais escapatória, senhorita Banks. Tem certeza que não quer fugir? — Balancei a cabeça dizendo que não. Ele acariciou o meu rosto, traçando seus dedos de cima abaixo.

— Fugir é a última coisa que quero agora. — A ansiedade em seus olhos se transformou em ternura, então, ele me beijou com carinho. Um beijo carente, molhado e demorado.

O choro descendo pela minha face deixava nosso beijo com um leve sabor salgado, mas nada daquilo importava. Eu o amava.

Sua língua se movimentou mais ferozmente contra a minha e o calor que subiu em mim era fruto do nosso desejo. Dion me ergueu do chão e eu abracei a cintura dele com as pernas.

Nossos lábios não se separaram – quem precisava de fôlego? Eu só precisava dele.

Dion me colocou na cama e retirou a minha blusa. Corri as mãos pelo seu peitoral ao mesmo tempo em que ele acariciava meus seios por cima do sutiã.

Ele me devia um pedido, mas pensei que podia pedir algo mais elaborado devido a interação que estávamos tendo aquela noite, sem fazer parte do jogo.

Capturei o rosto dele, forçando-o a me olhar.

— Faça amor comigo. — Fitou-me confuso.

Eu não queria só sexo. Eu queria sentimento, gestos carinhosos e tudo mais que eu achava que tinha direito.

— Por quê?

— Porque... — senti uma lágrima brotar. — Porque eu quero me sentir pura de novo.

Dion me analisou, captando a minha expressão corporal, entendendo que aquilo não foi um pedido e, sim, uma súplica.

Será que era cedo demais para aquele pedido?

Após alguns olhares enigmáticos, os seus lábios cobriram os meus e se movimentaram lentamente. O toque de sua boca percorreu todo o meu corpo, eram suáveis e cheios de carinho. Enfim, ele se pôs entre as minhas pernas e entrou em mim devagar, capturando meus gemidos com seus beijos enquanto eu fechava meus olhos dolorosamente por nunca ter sentido nada como aquilo. O ardor daquele momento sublime explodiu em minhas veias e transbordou pelos meus olhos.

As mãos de Dion moldavam o meu corpo, como se ele fosse capaz de tirar todas as minhas incertezas por onde o seu toque percorria em minha pele, transformando o meu medo em amor. Eu jamais imaginei que poderia sentir algo tão poderoso quanto estava sentindo no momento. Jamais imaginei que seria amada daquela forma.

— Dion, eu amo você — falei, sabendo da minha necessidade de externar os meus sentimentos enquanto ele estocava suavemente. — Amo tanto...

Ele pairou sobre mim, mantendo o contato dos nossos corpos e direcionando o seu olhar azul para o meu. Seus lábios tocaram os meus novamente, depois de dar um sorriso satisfeito, e ele me fez transbordar de prazer. Nossos corpos entrelaçados, suados, tornando-se um só.

Cheguei a pensar que, com ele ao meu lado, eu não precisava de mais nada. Ele me completava, me fazia acreditar que a minha história não estava perdida e eu poderia voltar a ser a Ava de antes, uma que tinha fé nas pessoas.

Passamos a noite nos dedicando um ao outro com sorrisos bobos e declarações de amor. Eu estava no céu. Entre beijos sonoros e carinhos trocados, eu acabei deitada sobre o corpo dele enquanto Dion alisava o meu cabelo delicadamente. Eu sempre imaginei nós dois daquele jeito, como nos filmes românticos, e agora tinha chegado o momento.

Meu olhar e o dele não se desencontravam e não nos sentíamos

intimidados com aquilo.

— Como vai ser daqui pra frente? — sussurrei.

— Ainda não sei. — Olhei para ele com receio. — O que foi?

— Eu tenho uma coisa importante pra te dizer.

— Então diz.

— Eu fiz a minha escolha e não estou mais tomando anticoncepcional.
— Houve um silêncio antes de Dion virar meu corpo para ele ficar por cima.

— Você confia em mim, então? — Balancei a cabeça positivamente, percebendo um sorriso grandioso tomar seus lábios. — Ava, isso é tudo o que eu queria. Sua confiança.

Dion deu um beijo no dorso da minha mão antes de voltar a relaxar. Deitei a cabeça abaixo de seu pescoço, ainda sem acreditar nas coisas que aconteceram.

— Eu tenho medo de dormir e acordar sabendo que foi tudo um sonho — confessei, sem ter motivos para esconder meus sentimentos dele.

— Durma e não se preocupe. Quando você acordar, eu vou estar bem aqui. — O silêncio reinou durante um tempo, até a voz de Dion se sobressair. — Ava?

— O quê?

— Eu também te amo.

Ele me deu um último beijo antes de eu cair no sono com um sorriso no rosto, embalada pelo som das batidas do seu coração.



Ao abrir os olhos, a primeira visão que eu tive foi Dion de cueca box carregando uma bandeja de café da manhã.

É aqui o paraíso?

— Bom dia. — Ele deixou a bandeja no meio da cama e me beijou,

alisando meu rosto e abrindo um sorriso gigante. — Dormiu bem?

— Perfeitamente bem, e você? — Espreguicei-me.

— Como um recém-nascido. — Ele ainda tinha um sorriso prepotente quando foi em direção ao armário e pegou um terno. — Eu preciso trabalhar. Você quer ficar aqui ou quer voltar para o apartamento?

— Eu quero ir aonde você for. — Tirei uma torrada e passei geleia de morango, sentindo-me boba ao extremo.

Faria qualquer coisa desde que fosse com ele. Na verdade, eu queria sentar e conversar sobre aquela nossa nova situação e esclarecer tudo o que ainda não tinha ficado claro.

Depois de colocar a roupa, Dion se pôs ao meu lado. Tomamos café e ele sempre me olhava de soslaio, parecia preparar terreno para fazer uma grande revelação.

— O que é? — questionei já um tanto preocupada.

— Eu vou precisar viajar para Nova Iorque. Ficarei lá por algumas semanas.

— Semanas?

— Sim. — Olhei para baixo, tentando me encaixar naquela equação.

Dion suspirou, fazendo suspense.

— Você não conhece Nova Iorque, conhece?

— Não. — Balancei a cabeça freneticamente. — Só nos meus sonhos.

— Então vai conhecer.

Coloquei as mãos na boca para abafar o gritinho que soltei.



CAPÍTULO 36

Beijei o rosto de Ava antes de sair da cama. Por mais que eu tentasse fazer do nosso voo o mais confortável possível, ele foi bastante cansativo, principalmente pra ela que nunca tinha viajado de avião.

Enviei uma mensagem para o motorista pedindo que ele fosse a alguma loja comprar algo para tomarmos café, já passava das quatro da tarde. Não demorou muito até que Robert, o motorista que eu havia contratado para me servir ali em Nova Iorque, chegasse com o meu pedido. Depois de dispensá-lo, eu peguei um copo de café e fui apreciar a vista de Nova Iorque através da janela panorâmica.

Podia parecer estranho, mas nunca gostei muito da cidade. Sempre preferi São Francisco por ser o meu lar, a cidade em que eu cresci e que vi se transformando. Havia semelhanças entre as duas, em São Francisco tinha a ponte Golden Gate, ali em Nova Iorque tinha a Brooklyn Bridge. Ambas tinham sua porção costeira e o ar de cidade grande, mas Nova Iorque conseguia ser mais em tudo. Populosa demais, caótica demais, fria demais. Mesmo assim, era praticamente inevitável trazer a administração do banco para lá.

Havia tempo que eu vinha recebendo propostas indecorosas dos empresários da cidade e eu não tinha muitas opções além de fechar negócio. No mundo empresarial existia uma regra muito simples: ou você cresce ou você recua. Recuar não fazia muito meu estilo.

Bebi mais um gole do café, observando Ava se revirando na cama.

Pensei em acordá-la para comer alguma coisa, já que ela não comeu nada durante o voo.

O meu telefone bipou na mesa da cozinha. Fui até lá e vi que era uma mensagem de Andrew. Deixei o copo em cima do balcão e peguei o celular.

"Conseguí as gravações do prédio, devo enviá-las para o seu e-mail?"

Soltei o ar devagar.

Eu sabia que Bruce andara rondando o nosso prédio, mas perguntei diversas vezes a Ava se alguém além de Olga e Amber apareceu no apartamento e, em todas as vezes, ela negou. Olhar a gravação do prédio era realmente necessário?

Queria acreditar que ela não esconderia algo assim.

Enquanto me perdia em pensamentos, senti as pequenas mãos de Ava abraçarem meu corpo por trás. Virei-me e encaixei-a no meu abraço.

— Bom dia, dorminhoca — brinquei.

— O quê? Já é outro dia? — perguntou alarmada com sua habitual voz de sono, olhando para a janela de vidro.

— Não, eu estava brincando. — Beije o topo de sua cabeça suavemente. — Está com fome? — Observei ela fazer uma careta.

Seus lábios encontram os meus, circulei os meus braços em sua cintura, aceitando o beijo.

Minha mãe nunca poderia estar mais certa. Há alguns dias, quando eu perguntei-lhe sobre o que eu deveria fazer quanto a Ava, ela foi enfática ao dizer que eu deveria seguir o meu coração. Eu fiz o que ela me orientou, eu segui o meu coração. A cada batida era como se ele gritasse por Ava. E, em apenas uma noite, a primeira noite que ela passou na minha casa, eu mostrei a ela todo o amor que eu sentia.

Percebi suas mãos fomentando o desejo insaciável que eu tinha por ela e parei antes mesmo de cair em seu jogo.

— Não é desse tipo de fome que eu estou falando. Vem comigo.

Segurei em sua mão, trazendo-a para o balcão da cozinha, e a fiz

sentar. Quando sentei na cadeira ao lado, ela andou sorrateiramente até sentar no meu colo, me fazendo sorrir. Ava sabia que eu adorava aquele tipo de molecagem.

— Acho que você vai gostar do que o motorista trouxe.

Empurrei a caixa contendo alguns paparicos para perto dela.

— *Pretzels*? Impressão minha ou você está querendo me agradar, senhor Collins? — Ela lambeu os lábios, abocanhando o pobre biscoito logo em seguida.

Será que amor era aquilo? Querer agradar outra pessoa o tempo todo? Porque definitivamente era aquilo que eu vivia fazendo desde que me declarei pra ela.

— Coma e fique bem satisfeita. — Aproximei meu nariz de seu cabelo e me entorpecí com o cheiro. — Vamos sair mais tarde.

— Pra onde?

— A boate de um amigo. Não vamos ter muito tempo para sair enquanto estivermos aqui, então vamos aproveitar que ainda é sábado.

Enquanto Ava se deliciava com o café da tarde, eu respondi a mensagem de Andrew pedindo pra ele descartar as gravações do prédio. Durante a semana, ela demonstrou de diversas formas que confiava em mim, então eu deveria confiar nela e eu confiava.



— E aí, cara — Dylan veio nos cumprimentar. — Que bom poder receber o homem que tornou esse lugar possível.

— Bom te ver também — apertei a mão do meu amigo. Observei ao redor da Fênix Club e entendi o porquê de a boate ter virado referência para badalação dos riquinhos de Nova Iorque. — Você fez um bom trabalho aqui.

Dylan foi meu amigo de curso na faculdade e ajudei a financiá-lo na abertura de sua boate. Tinha que admitir, ele fez valer o investimento.

Percebi Ava desconfortável ao meu lado, peguei a mão dela e a puxei mais pra perto.

— Essa é a Ava. Ava, esse é o Dylan.

— É um prazer conhecê-la — ele esticou a sua mão grande para o lado dela, mas eu o repreendi com o olhar enquanto Ava aceitava o cumprimento. — Oh, eu entendi cara. — Brincou sem graça, levantando os braços em rendição. — Tem uma sala VIP reservada para você, suba quando quiser e fique à vontade.

— Sala VIP? — Ava perguntou confusa quando ele se afastou. — Pensei que a gente veio aqui para dançar.

— Não se preocupe, meu amor. Essa noite foi feita para realizar todos os seus desejos — falei bem próximo ao seu ouvido.

Aqueles lindos olhos esverdeados vieram de encontro aos meus.

— Tudo o que eu desejo está bem aqui na minha frente. — Respirei fundo, sabendo que eu era o cara mais sortudo do universo.

Ava me puxou pela multidão enquanto a batida suave continuava ao fundo. Havia corpos dançantes para todos os lados, pessoas demais para uma boate exclusiva. Aquilo não era bom. Não quando eu tinha uma bela jovem com um vestido tão apertado que parecia uma segunda pele rebolando o quadril bem na minha frente.

— Ava, acho melhor nós subirmos — pedi, quase implorando, sentindo uma animação irrefreável dentro da calça.

— Só cinco minutinhos, por favor. Preciso de uma bebida. — Eu não deveria colocar os meus desejos na frente dos dela. Ava adorava dançar e eu a trouxe ali exatamente pra isso. — Pode me trazer uma? — pedi por último.

Parei o primeiro atendente que vi e pedi dois copos de uísque, sem tirar Ava da minha vista. Com as duas bebidas na mão, eu me aproximei do estofado em que ela estava sentada e lhe entreguei um dos copos.

— Você não vai dançar? — questionei, vendo-a bebericar o uísque.

— Prefiro só olhar por enquanto.

Analisei-a por um instante, captando seu olhar enigmático. Depois de terminar a bebida, ela se levantou e se virou para me olhar.

— Hora de dançar? — Ava balançou a cabeça dizendo que sim, eu a encorajei a encarar a pista de dança.

— Não quero mais dançar aqui. Agora eu... quero dançar só pra você.

Put a que pariu! Nunca pensei que ficaria excitado com uma frase.

Sem perder tempo, orientei-a na direção da escada para o segundo piso, onde havia algumas salas particulares. Tentei me manter passível, mas a minha vontade era jogá-la sobre os meus ombros tal qual um homem das cavernas, só para subirmos mais rápido.

Fechei a porta da sala VIP e fui a passos pesados ao encontro de Ava. Puxei-a para o lugar que ela pertencia, que era perto de mim. Minhas mãos correram pelo seu corpo até pararem na protuberância acima das coxas. Entre beijos, apertos e carícias, eu senti falta de algo.

— Ava, você continua perdendo as suas calcinhas? — a pergunta saiu séria, mas compreendi a risada dela.

— Esse vestido não combina muito com calcinhas — sentenciou.

Àquela altura, achava que nenhum vestido combinava, ela sempre dava a mesma desculpa.

— Isso não importa, não precisamos dela. — As mãos de Ava trabalharam na retirada das minhas calças. — Espere aí, você não disse que queria dançar pra mim? — provoquei assim que ela me deixou nu da cintura para baixo, enquanto eu retirava a camisa.

— Sim, eu quero dançar com o meu corpo sob o seu.

Daquela forma, ela me colocou em inteira confusão, não era à toa que ela estava me deixando louco. Seu rostinho angelical em contraste com os convites luxuriosos que saíam de sua boca era algo que fazia a minha imaginação bombar com visões pornográficas.

A sala tinha um bar, sofá e vários assentos, mas naquele momento não precisávamos de nada daquilo. Apertei o corpo de Ava contra o meu, friccionando o meu pau entre suas pernas. Ela gemeu nos meus braços, me

abraçando forte.

Vi ela tirar o vestido sem qualquer cuidado e literalmente pular em cima de mim. Agarrei-a e, com o contato de nossos corpos nus, eu a penetrei de uma única vez. E, assim mesmo, em pé, nós nos satisfizemos em um desejo que crescia a cada dia, como uma fonte inesgotável.

A pressão que eu exercia poderia machucá-la, mas como eu podia parar quando ela continuava me pedindo por mais e os seus gritos de prazer estavam cada vez mais ensandecidos?

— Você quer morar em Nova Iorque comigo? — gritei em meio à confusão dos nossos corpos.

Dormir com ela parecia loucura até pouco tempo atrás, agora viver sem ela era o que tinha se tornado algo que fugia do normal.

— O quê?

— Se eu me mudar pra cá, você vem comigo? — questionei novamente com dificuldade, sentindo meu corpo se incendiar com a aproximação de um orgasmo.

Estoquei ainda mais rápido e minhas pernas bambearam quando me libertei dentro dela. Ava continuava se balançando sobre o meu corpo, dançando sobre o meu pau, assim como havia prometido. Apoiei suas costas enquanto ela se deliciava com o próprio orgasmo, fitei encantado a sua expressão de dor e satisfação.

— Eu não acho sensato um empresário andar pra cima e pra baixo com uma prostituta — desdenhou e eu sabia que ela estava jogando verde.

— Não como uma prostituta. Como minha mulher!



CAPÍTULO 37

Acordei com flocos de neve caindo atrás da janela. Estávamos há mais de um mês na cidade mais imponente do mundo. As três semanas acabaram virando cinco e sem previsão de retorno. Olhei no relógio do celular, eram mais de dez horas da manhã. Dion avisou que não almoçaria ali.

Antes de sair da cama, eu abri a galeria do telefone e revi as nossas poucas aventuras pela cidade, como o nosso passeio ao parque e o dia em que navegamos pelo Rio Hudson. Eu cheguei a revelar dois álbuns inteiros. Momentos maravilhosos que foram eternizados em fotos.

Estava tudo perfeito. Eu não tive mais pesadelos. Dormíamos e acordávamos um em cima do outro, sem conseguir nos desgrudar. Eu estava feliz por fazer o homem que amava feliz.

As coisas só melhorariam.

Dion pediu que eu me mudasse para morar com ele ali em Nova Iorque, porém não como prostituta. Não que ele tenha me pedido em casamento, ele realmente não pediu, mas deixou claro que não viria se eu não viesse junto.

Seria um desafio gigantesco. Eu estudaria, depois encontraria um emprego legal. Eu finalmente teria a vida que sempre quis. Claro que eu aceitei. Entretanto, ainda tínhamos tempo para cuidar dos detalhes, a mudança aconteceria somente no próximo ano.

Depois de tomar banho, eu circulei no apartamento que pertencia a

Dion vestida apenas com uma camiseta dele. O local era semelhante ao apartamento de São Francisco, porém mais luxuoso e com uma vista privilegiada do Central Park, que estava com a sua tonalidade normalmente verde tingida de branco pela neve.

Parei no balcão da cozinha, pensando no que faria hoje.

Não tinha ideia de como continuar fazendo nada enquanto Nova Iorque fervia do lado de fora, aquilo já estava me deixando louca. Talvez eu já estivesse louca, porque o que eu decidi fazer era uma maluquice. Um sorrisinho travesso marcou meus lábios. Eu não tinha culpa se o homem dos meus sonhos saía para trabalhar e me deixava em casa como se eu fosse uma dondoca.

Primeiro, eu mandei uma mensagem para Robert, o motorista que Dion contratou especialmente para atendê-lo na cidade. Perguntei a ele em qual prédio Dion estava trabalhando. Quando a resposta chegou, eu o avisei que estaria pronta em breve pra ele me levar a um determinado lugar.

Pesquisei na internet qual era o número de atendimento da empresa do prédio, liguei para ele, mas fui transferida e retransferida para vários setores, como se os atendentes estivessem brincando de batata quente.

Advinha quem era a batata?

Eu estava prestes a desistir quando uma voz feminina extremamente educada me atendeu. Fingi que era alguém importante e ela me passou o local onde os executivos em reunião almoçariam.

Com o endereço anotado, eu coloquei a minha melhor roupa, que era um vestido branco colado, escarpins e um sobretudo de couro na cor creme. Uma rápida olhada no espelho me fez pensar que eu parecia uma nova iorquina descolada.

O motorista me levou até o local que eu solicitei, avisando que o estabelecimento que eu procurava ficava no décimo andar.

Entrei em um restaurante luxuosíssimo, desses que até o ar devia ser cobrado. Um atendente veio até mim e pegou o sobretudo, depois me dirigiu até a bancada do bar, onde eu avisei que estava ali apenas para tomar um drinque.

Pedi uma batida de frutas sem álcool, já que eu não havia comido nada até então, e aguardei. Minutos depois, o barman retornou com a bebida. Fiquei olhando para a taça e a única coisa em que consegui pensar foi "eca". O emaranhado de frutas vermelhas degradadas e o cheiro de refrigerante fez o meu estômago dar piruetas e pular como se fosse carnaval.

Ai Deus, eu devia ter tomado café antes de sair.

Empurrei a taça na direção contrária, com repulsa, sentindo uma ânsia de vômito subir. Minhas mãos começaram a soar frio, porém, após eu respirar fundo por quatro vezes, a sensação horrível passou e eu consegui ver Dion e sua trupe chegar ao restaurante.

A mesa deles já estava preparada. Eram cinco executivos no total, jovens e homens de negócios experientes e o meu homem no meio. Ele estava incrivelmente maravilhoso, parecia prestes a dominar o mundo.

Esperei os empresários se instalarem e pedirem seus pratos. Mexi no celular, percebendo que Dion me mandou pelo menos três mensagens. Ele avisava que estava liberado depois do almoço e não via a hora de me encontrar.

Soltei um suspiro apaixonado.

Eu estava nas nuvens, como um pássaro reaprendendo a voar. No entanto, eu sabia que quanto mais alto o voo mais alta era a queda. Por isso, sempre que Dion estava no trabalho, eu ponderava e pesava a nossa relação. Se estivéssemos indo rápido demais, eu colocava o pé no freio e, quando estávamos juntos, eu deixava a racionalidade de lado e me entregava a ele de corpo e alma, sentindo o mesmo da parte dele.

Calculei mais ou menos o tempo que Dion gastaria para comer e pedi que o barman entregasse um *Dry Martini* para ele. Solicitei também que o garçom não falasse o meu nome, somente que ele apontasse para mim quando levasse o drinque até Dion. Como eu estava de costas para a mesa em que ele estava, ele teria que vir até mim.

Não demorou muito para eu senti-lo se aproximar, como um sexto sentido, uma coisa de pele.

— Eu agradeço a gentileza, senhorita, mas eu tenho uma bela garota

em casa e ela não vai gostar nem um pouco de saber que estou recebendo drinques de outras mulheres — ele falou, já olhando pra mim.

— Ah, me desculpe, senhor. Eu saí de casa e resolvi que iria distribuir drinques aleatórios para homens bonitos.

— Então você me acha um homem bonito? — puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado, interessando-se pelo meu joguinho.

— Eu diria que você é acima da média. Mas, me conta, você vem sempre aqui? — Levantei uma sobrancelha e ele caiu em uma risada deliciosa.

— Não, mas, por você, eu estou disposto a vir mais vezes — disse, tomando um gole do seu drink sem tirar os olhos de mim.

Depois de uma longa brincadeira em que eu e Dion flertávamos como se não nos conhecêssemos, ele se despediu de seus colegas de trabalho e partimos para casa.



Dion abriu a porta do apartamento com um autocontrole incrível, porém, quando ele a fechou, tratou logo de me prensar contra a parede, puxando o vestido para cima enquanto eu trabalhava desabotoando sua calça.

— Espere — reuni forças para separar nossos lábios e espalmei minhas mãos no peito de Dion, que subia e descia velozmente. — Quem respondeu por último?

— Você — ele me agarrou novamente.

— Ah sim, verdade. — A última pergunta de Dion para mim foi: "Qual é o seu maior sonho?", lembrei que respondi que o meu maior sonho era ter uma vida normal. — Bem, eu tenho um pedido pra você.

Desvencilhei-me dele, depois me joguei no sofá e me sentei como a Cleópatra sentaria. Passei o indicador por meus lábios ao observar Dion parado na minha frente, totalmente pilhado.

— Devo ficar com medo? — perguntou em um tom engraçado.

Ele cruzou os braços e me olhou de um jeito que qualquer outra pessoa poderia achá-lo perigoso, porém eu só conseguia achar sexy. Hoje, eu exploraria um pouco mais os seus talentos.

— Digamos que, em alguma realidade paralela, eu sou uma mulher riquíssima recém-separada de um marido que não me dava atenção. — Fiz cara de coitadinha e Dion já foi captando aonde eu queria chegar. — Então, em mais um dia solitário, eu decido sair à procura de um corpo jovem e sarado para curar a minha frustração amorosa e, então, essa Ava de uma realidade paralela, é claro, bate na porta de Senhor Collins, um garoto de programa muito, muito esforçado.

Ele se segurou para não rir, eu mesma me segurei para não estragar a diversão.

— Então, Senhor Collins, você pode começar retirando esse seu terno quente e pesado.

Observei, com êxtase, os seus olhos escurecerem.

— Seu pedido é uma ordem, Senhorita Banks — ele respondeu, já entrando na brincadeira.



CAPÍTULO 38

Assisti Dion desabotoar os botões, cheio de estilo, sem tirar os olhos dos meus. Quando ele retirou a camisa por inteiro, eu fiquei fascinada com seu abdômen sarado. Ver aquele tanquinho nunca era demais. Lambi mentalmente cada curvatura daquele peito musculoso.

As mãos dele foram para a calça terminar o serviço que eu havia começado; ele deslizou o zíper da calça social para baixo, mas parou no meio do caminho, me fazendo reclamar.

— A senhorita ainda está com roupa demais — falou, cruzando os braços.

Não seja por isso.

Abri o zíper lateral do vestido e fiquei seminua. Dion observou, sem fôlego, a minha quase nudez; ele poderia babar ali mesmo se não fosse tão impassível.

— Sua vez agora, mas tira logo tudo — pisquei pra ele.

Dion enfiou as mãos dentro da calça e a empurrou para baixo, levando junto a cueca boxer.

— Uau! Senhor Collins... — comemorei abobalhada, olhando para a coisa maravilhosa no meio de suas pernas.

Pisquei, absorvendo sua visão; mordi o lábio inconscientemente, salivando por todos os lugares possíveis. Foram raras as vezes que eu pude

vê-lo assim, totalmente pelado e em exibição. As coxas dele eram torneadas e grossas na medida certa. O corpo todo era resultado de esforço e dedicação na academia. Ele sempre pedia para que eu o acompanhasse nos exercícios físicos e eu sempre respondia que o único exercício que eu gostava de fazer era com ele, na cama.

Coloquei os pés no chão depois de tirar o salto e fui na direção dele, rodeando, beijando cada lado de seu ombro, tocando levemente sua cintura.

— O que você vai fazer comigo agora? — já estava cheia de expectativas.

— Eu vou te comer — respondeu sem jeito.

— Não é assim que os prostitutas sacanas falam, Senhor Collins. Tente de novo — parei na frente dele.

Dion segurou minha cintura, trazendo-me para mais perto, colando sua boca na minha. Eu o afastei, porém mantive certa proximidade. Eu queria que ele sentisse a mesma vontade que um dia eu tive de beijar a sua boca.

Ele desceu os seus lábios prepotentes até o meu pescoço.

— Eu vou te foder tão forte que você vai ter dificuldade de andar nos próximos três dias — meu corpo todo se arrepiou em resposta àquela carga de virilidade.

Sim, por favor!

Dion me segurou por trás e me empurrou até o sofá. Ele me deixou de joelhos. Agarrei a borda do móvel, me contorcendo em razão das possibilidades que viriam a seguir.

Antes de tudo, ele trilhou o meu pescoço e minhas costas de beijos ardentes.

— Quero que me sinta dentro de você, Senhorita Banks. Quero que perceba o quão duro você me deixa — a voz grave dele parecia um feromônio que agia diretamente na minha intimidade. — Quero que veja até onde eu posso ir só para te ter gritando em meus braços.

Quando ele conseguiu me deixar do jeito que queria, Dion acariciou o meu bumbum de maneira possessiva, o que fazia a minha pele pedir por mais.

As mãos eloquentes dele correram pelas minhas costas e desabotoaram o meu sutiã, depois me desnudou por completo, puxando a minha calcinha para baixo.

Apreciei as suas carícias indo e voltando, tomando a minha boca no processo. Gemi quando os dedos dele alcançaram o meu sexo. Dion distanciou o rosto e me observou morder os lábios e implorar com os olhos para que ele continuasse. Ele ficou ali, estático, portando um sorriso atrevido e curtindo a minha necessidade dele e de seu toque flamejante.

— Onde você quer o meu pau? Aqui primeiro — ele esfregou o seu membro pelo meu centro molhado — ou aqui? — daquela vez, ele foi de encontro a outra abertura que quase sempre era deixada de lado nas nossas brincadeirinhas.

— Eu tenho certeza que estou te pagando o suficiente para você fazer o serviço completo, Senhor Collins — provoquei.

— Confie em mim quando digo que vou fazer esse dinheiro valer a pena, senhorita.

Enquanto me olhava intensamente, Dion agarrou minha cintura e meteu tudo de uma única vez, me fazendo gritar de êxtase. Segurei mais forte no encosto do sofá para não desabar, aquele seria o dia em que testaríamos nossos limites.



O sofá da sala ficou pequeno para tanta putaria.

Horas depois, eu ainda pulava feito louca no colo de Dion, me sentindo uma leoa no cio. O meu desejo sexual havia crescido de forma considerável nos últimos dias e o maior beneficiado era ele.

Senti o suor escorrendo pelas minhas costas ao mesmo tempo em que ele segurava suas mãos firmemente na minha cintura. Nevava lá fora, mas fazíamos a temperatura subir ali dentro. Nossos corpos se chocavam frequentemente e o som de gemidos reverberava pelo apartamento.

Minhas pernas começaram a tremular e, antes que eu tivesse um

espasmo, Dion me segurou e me puxou pra ficar junto dele, mas eu continuei; meu corpo não parava, parecia movido a sexo. Arranhei tudo o que estava ao alcance da minha mão, sentindo mais um orgasmo me abater.

Passei a olhar para Dion e ele pra mim enquanto nossos corpos voltavam ao estado normal. Minha boca encontrou a dele várias vezes entre as diversas juras de amor e palavras sacanas que dizíamos.

— E então, você me chamaria de novo para um programa? — ele perguntou em tom de brincadeira.

— Eu faria melhor, eu redigiria um contrato — respondi, arrancando-lhe uma risada.

E eu não menti. Se os nossos papéis se revertissem, eu iria querer aquele homem todinho só pra mim.

Deixei um beijo provocante na boca dele antes de levantar para ir ao banheiro.

— Onde você vai? — Dion me olhou mendicante.

— Acho que podemos fazer uma pausa — comentei, beijando-o de novo. — Caso não tenha percebido, já está anoitecendo.

Dion me liberou e, no momento que eu me levantei, senti uma onda de tontura que quase me derrubou se não fosse por ele.

— Ava, está tudo bem? — perguntou preocupado, me colocando em seu colo.

— Eu não comi nada até agora — respondi com um sopro de voz, envergonhada.

— O quê? — Dion gritou alarmado, olhando para o relógio na parede. Já passavam das cinco da tarde. — Meu Deus, Ava! Você estava em um restaurante e não comeu nada? — ele estava realmente bravo. — Eu vou pedir alguma coisa pra você agora.

— Eu não estou com fome.

— Mas você precisa comer.

— Ok — concordei depois de um longo silêncio. — Só preciso de um

banho agora — projetei um biquinho chateada.

Dion acabou atendendo meu pedido e preparou um banho de banheira pra nós dois; aquilo não poderia ter sido melhor. Meu corpo relaxou gradativamente no tempo em que eu estava deitada de costas sobre o corpo dele, com minha cabeça encostada em seu peito.

Ele brincava com a superfície da água e eu somente descansava entre seus braços.

— Quando voltarmos pra São Francisco, eu quero que tudo seja diferente. Eu quero que você comece uma vida nova.

— Do que você está falando?

— Eu não quero mais esconder isso que nós temos. Nem quero que você pense que estamos juntos por causa do contrato. Eu quero te apresentar a todos, sócios e amigos próximos, como minha namorada assim que chegarmos na Califórnia.

Nós já havíamos conversado sobre o assunto. Eu tinha um enorme receio quanto a Dion tornar o nosso relacionamento público, por causa do meu passado. A possibilidade de aparecer um ex-cliente para desmoralizá-lo não era lá muito pequena. O irmão dele também seria um grande empecilho.

— Isso é tudo que eu mais quero, mas, Dion, você sabe que é arriscado. As pessoas são ruins e chantagistas, Olga é a prova disso.

— Eu não estou preocupado, meu amor. Se tivermos que enfrentar alguma coisa, faremos isso juntos.

— Tem certeza? — perguntei, olhando pra ele. Dion confirmou beijando meu ombro. — Eu te amo demais.

Virei-me um pouco mais para abocanhar seus lábios, arrancando beijinhos sonoros.

— Também te amo muito. — O nosso beijo se tornou quente em um piscar de olhos. — Opa, nem vem, sua safada — ele me repreendeu depois que eu esfreguei o meu corpo no dele. — Eu preciso te alimentar primeiro. — Rolei meus olhos.

As mãos de Dion começaram a ensaboar o meu corpo e, sem querer —

ou não –, ele fez aquilo utilizando de segundas intenções.

— Eles parecem maiores.

Ele estava hipnotizado, manipulando os meus seios com as mãos. Parecia uma criança descobrindo um brinquedo novo.

Franzi a sobancelha. Pensei que só eu tinha percebido o quanto eles estavam maiores e pesados.



CAPÍTULO 39

Inchaço, vontade incontrollável de fazer xixi, alteração de humor – que só Dion percebia –, cólica e náuseas em vários momentos do dia. Aqueles sintomas poderiam ter sido facilmente diagnosticados por qualquer mulher, já eu não. Eu não conseguia acreditar que o sonho de Dion tinha finalmente se tornado realidade.

— A senhora vai pagar no dinheiro ou no cartão?

— Cartão de débito.

Observei atentamente o homem atrás do balcão ensacar as quatro caixinhas de teste de gravidez que eu solicitei. Decidi comprar de quatro marcas diferentes para evitar erro.

Passei meu cartão e logo estava liberada para ir pra casa e tirar aquela dúvida perversa da minha cabeça.

Caminhei pelas ruas de Nova Iorque, que ficava mais fria a cada dia. Era época de Natal e as lojas estavam perfeitamente enfeitadas em seu tom vermelho típico e a cor branca da neve.

Minutos depois, cheguei em casa e retirei quase toda a minha roupa, ficando apenas com um vestido de linho e meias sete oitavos. Apesar do frio, o aquecedor do apartamento tinha um climatizador perfeito.

Fui na geladeira, enchi um copo de água e tomei para me ajudar na micção. Abri a embalagem de cada teste e os espalhei em cima da cama. Li

brevemente as instruções de cada um, não demorou muito para eu querer ir ao banheiro e, assim, a execução dos testes foi rápida.

Após algum tempo, eu já tinha todos os quatro testes prontos.

Entre traços e painel digital, a interpretação dos resultados foi unânime.

Grávida, grávida, grávida e grávida.

Joguei-me na cama sem compreender totalmente o que aquilo implicaria. O meu ventre estava gerando uma vida, o filho do homem que eu amava, o herdeiro ou herdeira que ele tanto sonhou.

E, assim tão de repente, nós construímos uma família.

Minha mente trabalhava para tentar encaixar uma criança na nossa rotina. Uma ponta de arrependimento me pegou quando me lembrei que eu e Dion nos conhecemos há cinco meses e, há apenas um mês e meio, nós passamos a viver plenamente como um casal.

O celular vibrou na cama, tirando-me dos meus devaneios. Atendi a ligação de Dion com um sorriso enorme no rosto, mas a minha alegria logo se desfez.

— Com calma, Dion. Eu não estou conseguindo entender. O que houve com Camille?

— *Eu não sei, eu acabei de receber uma ligação de Andrew informando que minha mãe está internada há dois dias e só agora eu fiquei sabendo* — ele estava desesperado, nem tentava esconder, e eu apreciava aquilo, a sua fragilidade quando o assunto era a mãe dele.

— Ah querido, por favor, fique calmo.

— *Comece a guardar suas coisas, eu vou passar aí somente para te pegar, já mandei prepararem o jatinho.*

— Tudo bem, vou agilizar as coisas. Logo você estará com ela, ok?

— Ok — ele respondeu depois de um suspiro cheio de incerteza.

A nossa viagem de volta não poderia ser mais tensa. Fiquei o tempo todo tentando acalmar os ânimos de Dion, que pensava em todas as coisas

ruins que poderiam ter acontecido com a mãe, e lutando contra a minha ânsia de vômito. Estar a não sei quantos mil pés do chão não ajudava muito.

Chegamos na Califórnia ao amanhecer. Dion insistiu para que eu fosse direto para o apartamento descansar, mas eu não conseguiria fazer aquilo sem ter notícias de Camille. Ela era a mãe dele e era minha amiga também.

Andrew estava na clínica quando chegamos. Fiquei na recepção e Dion foi a seu encontro para conversarem brevemente sobre o estado de saúde de Camille enquanto aguardavam serem liberados para visita.

Percebi os olhares desprezíveis de Andrew para mim. Ele tentava me dizer de todas as formas que eu não era bem-vinda ali, mesmo sem usar palavras. Apenas o ignorei, pensando na reação dele quando Dion me oficializasse como sua namorada.

Mais tarde, a visita foi autorizada. Dion me pediu para ir junto. Eu respirei fundo e tentei abstrair de como aquele ambiente estéril e o cheiro típico de hospital me nauseavam, porém de nada adiantou. A cada passo dado, eu me sentia cada vez mais fraca.

— Ava, olha pra mim. Ava? — Minha visão escureceu vagarosamente. Senti minha testa molhando de suor, mesmo com uma sensação gélida passando sob a minha pele. — Ajuda! Eu preciso de ajuda! — ouvi o desespero na voz de Dion e instantaneamente percebi um falatório no meu ouvido, mas sem entender o que era dito.

Havia braços me puxando pra lá e pra cá, até me sentarem em uma cadeira. Não conseguiria dizer se Dion estava por perto, somente tive a impressão de que eu iria ter um treco no hospital em que a mãe do meu namorado estava internada.

Pensei em Andrew na mesma hora. Ele com certeza acharia que eu estava competindo com Camille pela atenção de Dion.

Outra sensação de ânsia de vômito me pegou e quase não consegui segurar. Parecia que a comida no meu estômago estava sendo empurrada de volta pela minha garganta.

— Pressão arterial sete por cinco — uma voz disse. Eu ainda sentia a minha boca salivando, mas fiz de tudo para evitar sujar o belo piso branco

espelhado do hospital. — A pressão da senhora é sempre baixa?

Balancei a cabeça em negativa.

— Ela vai ficar bem? — distingi a voz de Dion no meio do burburinho.

— Ela precisa de um pouco de espaço agora, senhor — ouvi a mulher responder.

— Deixaremos a senhora deitada com as pernas pra cima para melhorar a circulação do sangue — uma voz masculina falou dessa vez.

Fui encaminhada para uma maca e, após deitar, alguém colocou uma almofada debaixo dos meus joelhos.

— Logo o mal-estar vai passar, mas eu aconselho a investigar melhor a situação, tudo bem, senhora? — a mulher continuou.

Não. Não estava nada bem. Fechei os olhos, desejando que aquela sensação passasse logo.



Abri os olhos, percebendo que Dion estava do meu lado segurando a minha mão e me olhando com inquietude. Devia ter cochilado. Não me lembrava dele se aproximar, contudo eu já me sentia melhor.

— Você me assustou — ele afagou o meu cabelo e me deu um beijo na testa.

— E a sua mãe? — coloquei a mão na cabeça, recordando-me dos fatos. — Nossa, quando nós entramos no corredor, tudo escureceu.

— Não se preocupe. Minha mãe está bem! — Suavizei a minha expressão.

— Quando ela poderá ir embora?

— Amanhã já terá alta. Ela disse que queria te ver e, quando eu falei que você estava no quarto ao lado, ela não se aquietou até eu trazê-la aqui, mas você estava dormindo.

— Desculpa — falei, com a visão ainda se acomodando à claridade da lâmpada. — Eu não queria que isso acontecesse logo aqui, quando nós dois estávamos preocupados com sua mãe.

— Não se desculpe por passar mal. Aliás, você está estranha ultimamente. Como a enfermeira disse, seria interessante investigar o que está acontecendo.

Um pensamento me veio à tona. Eu tinha me esquecido que havia um bebê dentro de mim, mudando a fisiologia do meu corpo. Eu já tinha decidido que contaria sobre a gravidez para Dion depois que me consultasse com um obstetra para atestar que tudo estava ocorrendo bem.

A enfermeira que ficou me acompanhando mediu a minha pressão novamente e me liberou depois de ver que tinha normalizado.

Antes de me descer da maca, Dion me abraçou, me questionando se eu realmente estava bem. Quando eu lhe assegurei que sim, ele me levou até o quarto ao lado.

— Ah, querida, que bom te ver bem.

Fui atraída por Camille sentada em seu leito como se estivesse na sua própria cama. As grossas olheiras e a falta de charme que não lhe eram características, indicavam que ela tinha passado por maus bocados.

Aproximei-me mais e abracei-a, sentindo sua fragilidade.

— Bom te ver também — respondi com um sorriso.

— Vou ali buscar um café e vocês duas podem conversar abertamente sobre o próximo plano que colocará a minha sanidade mental em cheque. — Dion arrancou algumas risadas de nós duas. — Você quer alguma coisa? — perguntou, tocando na minha cintura. Neguei com a cabeça. — Mãe? — Camille também negou.

Logo, ele se afastou para buscar o café.

— Ava, você está grávida? — Camille olhou pra mim com as mãos contornando o rosto, ela estava incrivelmente entusiasmada.

Olhei de um lado para o outro, sem entender como ela sabia.

— Como você sabe, Camille? Foi Dion? — questionei desesperada por sua resposta.

Será que estava tão evidente assim? Nem barriga eu tinha ainda.

— Não, querida. Qualquer mãe que olhar pra você vai perceber que você está esperando um filho. Meu neto.

— Sim — minha voz saiu embargada. — Eu estou grávida.

Experimentei passar a mão no meu ventre da mesma forma que eu via outras grávidas fazerem, apesar da minha barriga continuar reta. A sensação que eu tive só Deus poderia explicar.

Meu bebê.

— Dion ainda não sabe, né? — Assegurei que não e expliquei como planejava lhe contar. Camille também encostou a sua mão na minha barriga e alisou-a de leve. — Ele vai ser o melhor pai do mundo.



CAPÍTULO 40

Poucos dias após a nossa volta para São Francisco, o natal chegou. A festa que acontecia todo ano na casa da minha mãe aconteceria na minha mansão daquela vez e eu tinha um motivo para tal. Abri a pequena caixinha aveludada, encontrando o anel de noivado que eu colocaria no dedo de Ava naquela noite. O anel em ouro puro tinha um diamante lapidado em forma de floco de neve; o brilho que sobressaía dele dava ao acessório inúmeras nuances.

Desci as escadas, passando pela árvore de natal gigantesca que havia sido montada com a ajuda de Ava. Ela optou por uma árvore tradicional, cheia de papais noéis de pelúcia, bolas brilhantes penduradas e, no topo, uma bela estrela reluzente.

A transição de uma vida engessada, moldada de forma que tudo fosse impecável, para uma nova onde eu me sentia à vontade para viver os meus próprios sentimentos sem me preocupar com a opinião alheia não poderia ter sido mais gratificante.

Tirei o celular do bolso e disquei o número dela.

— Bom dia — falei, sorrindo ao telefone.

— *Bom dia.*

Absorvi com uma careta a voz mal-humorada dela.

— Te acordei de novo?

— *Não, eu só estava deitada* — respondeu, tentando esconder sua irritação.

— Tá tudo bem, não precisa ficar brava — amenizei, afinal Ava estava com um pavio curto nos últimos dias.

— *Mas eu não estou brava!*

Bem, se ela não estava brava antes, agora com certeza estava.

De fato, Ava aderiu a um comportamento estranho ultimamente. Dormia mais que a cama, vivia emocionalmente estável, às vezes ficava brava sem motivo, às vezes chorava sem motivo. E o sexo, *meu Deus*, em alguns momentos, pensei que precisaria de um reforço vitamínico para dar conta do fogo da minha própria mulher.

Uma probabilidade para aquilo tudo passou pela minha cabeça, deixando-me um pouco ansioso.

Não, impossível, concluí comigo mesmo.

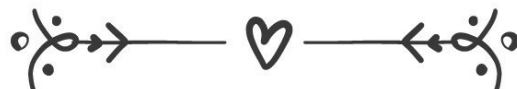
— Será que eu poderia te ver mais tarde? — pedi esperançoso.

— *Claro que sim* — ouvi a resposta, imaginando seu sorriso. Era aquilo que eu precisava para saber que estava tudo bem.

Ava mudou o rumo da minha história pouco a pouco. Quando fui me dar conta, eu já estava obcecado para ter cada minuto ao seu lado. Eu precisava dela mais do que eu gostaria de admitir.

Eu consegui me abrir e Ava foi a primeira mulher para quem eu disse "eu te amo" sem ser minha mãe. Após nossa volta de Nova Iorque, eu pedi que ela viesse morar comigo. Ela recusou, para o meu desespero, porém aquilo não impediu que ela passasse um bom tempo do seu dia aqui.

Retomei o foco quando notei a empresa que eu contratei para fazer a decoração da festa de natal trabalhando a todo vapor ao meu redor. Imaginando uma noite agradável de comemoração, parti para o lado de fora da mansão onde Carl me aguardava.



— Por quê? — perguntei confuso e totalmente desanimado ao escutar a recusa de minha mãe em ir à festa. — É porque Paul vai estar lá?

— Eu não tomo decisões baseada nas escolhas de seu pai, Dion — o tom dela foi duro.

Aquilo não diminuiu as minhas incertezas.

— Você sabe que todos os anos nós convidamos ele por uma questão estritamente comercial, de aparências — comentei. — Eu não gosto da presença dele tanto quanto você.

— Não fale assim do seu pai, meu filho. Ele errou totalmente conosco, mas ninguém pode tirar o mérito dele de ser seu pai.

— Por que você está defendendo ele?

— Porque um dia você vai ser pai e vai entender isso.

— Não, acho que nunca vou entender.

— Olha pra mim, Dion. Você tem uma bela garota que te ama e você a ama de volta. Apenas aproveite isso enquanto vocês podem.

A conversa permanecia um quebra-cabeça que eu não conseguia compreender.

— Eu vou assumir Ava, mãe. E, se tudo der certo, em breve ela será a minha esposa — disse sério, com a minha decisão já tomada.

Um sorriso surgiu em seu rosto e ela logo se aproximou para me abraçar e felicitar.

— Você não poderia deixar a sua mãe mais feliz, querido. Estou tão orgulhosa — soltou um suspiro emocionada. — Sinto que fiz um ótimo trabalho na sua criação.

— Essa noite é muito importante pra mim, por isso eu preciso que você esteja do meu lado.

Eu sentia uma sensação apavorante. As pessoas saberiam a partir de hoje que eu tinha um ponto fraco, uma demônia de rosto angelical e olhos que faziam o meu coração bater mais forte. Eu mostraria para as pessoas que, assim como eles, eu também tinha fraquezas.

— Você precisa se acostumar a viver sem a minha orientação, Dion. Não vai me ter para sempre.

— Não foi você quem disse que precisamos aproveitar enquanto podemos?

Minha mãe fechou os olhos e balançou a cabeça, me fazendo parecer ingênuo diante de uma situação da qual eu não estava ciente.

— Sua mãe está tão cansada — ela pegou as minhas mãos, apertando-as um pouco. — Eu posso não parecer tão velha, mas estou cansada. Chega um momento em nossas vidas que a única coisa que queremos é descansar.

Olhei com adoração para a mulher mais forte que eu conhecia, mesmo que naquele momento ela parecesse mais frágil que um bebê. Nenhum médico sabia dizer o que estava consumindo sua saúde daquela forma e ela nem parecia querer lutar.

Tendo em mente que a saúde da minha mãe não era das melhores no momento, decidi respeitá-la e não a expor a um maior desgaste físico e mental.

Depois de me convencer que não iria à festa, minha mãe se despediu e eu senti uma coisa estranha, uma sensação incomum que tirou todo o meu otimismo após aquela conversa.

— Eu te amo, mãe — beijei ternamente o seu rosto.

— Eu também te amo, filho. Nunca se esqueça disso.



— Você está melhor hoje? — falei, abraçando a cintura de Ava por trás enquanto ela passava um bife na frigideira.

Depois de sair da casa da minha mãe, eu fui direto para o apartamento obter uma dose da mulher da minha vida.

— Estou, só estou nervosa — respondeu insatisfeita. — Muito nervosa.

Observei ela se virar e me dar dois beijos carentes.

— E eu estou ansioso para que todos saibam que a mulher mais linda do mundo é minha.

— Que bobo — Ava me correspondeu com o seu sorriso mais inocente.

— Você não quer ir pra minha casa, levar suas coisas e se arrumar lá? Aí, enquanto a noite não chega, eu ajudo você com seu nervosismo e você me ajuda com a minha ansiedade.

Seus olhos cerraram em minha direção, captando as minhas segundas intenções. Cerrei os meus de volta para informá-la que era realmente aquilo que ela estava pensando.

— Eu já combinei de encontrar uma cabeleireira e uma maquiadora aqui, mas, quanto a sua ansiedade e o meu nervosismo — as mãos dela subiram para o meu peito —, nós podemos tentar resolver isso agora mesmo.

— Eu achei uma ótima ideia — sinalizei, tocando sua perna, ascendendo até suas coxas abaixo do robe rosa.

Ava esticou o braço para desligar o fogo da frigideira, agarrando-se ao meu pescoço logo depois. Uni-me ao corpo dela para ela ficar sabendo o quanto me deixava excitado só por tocá-la.

Desamarrei o robe e apreciei os seus seios que pareciam maiores dia pós dia. Tomei um de cada vez com a boca enquanto levantava o corpo de Ava para cima da bancada, deixando o robe cair no chão.

— Eu quero isso todos os dias, mas eu quero na minha casa. Ou em qualquer outro lugar desde que estejamos juntos.

— Esse é o meu único desejo, mas temos que tomar cuidado.

— Algum dia você vai querer que sejamos mais que namorados secretos, não vai?

Eu só precisava de um “sim”.

Abaixei a calça, revelando o meu pênis tão duro que doía. Passei meu pau por entre sua entrada, que já estava tão molhada quanto poderia estar.

— Por favor, Dion. Isso é jogo baixo! — reclamou docemente.

— É, eu sei.

— Você pode e vai ter tudo o que quiser de mim, mas, por favor... — Ava choramingou um pouco mais.

— Você quer isso dentro da sua bocetinha linda?

— Sim... sim... — apreciei ela se esfregar em mim para aumentar a fricção entre nossa pele sensível.

Tentei torturá-la mais, porém eu mesmo não conseguia me aguentar.

— Que se foda! — grunhi.

Enterrei-me nela ainda sem entender como ela poderia ser tão perfeita. Parecia ter sido criada sob medida especialmente pra mim. Um presente que nem de longe eu merecia.

Percebi suas mãos agarrem minha camisa de botão e abri-la com apenas um puxão.

— Eu te amo, Sr. Collins. Desde o primeiro dia, eu amo você — disse, apreciando os músculos do meu braço se contraírem cada vez que eu entrava nela.

Deitei meu tronco sobre ela, como se estivesse a prendendo em cima daquele balcão, para que ela entendesse de uma vez por todas que ela me tinha por completo e passei a estocar mais forte. Ava falava que me amava baixinho, entre gemidos, com nosso corpo se desfazendo em prazer.

Em um desses momentos, eu segurei seu rosto em minhas mãos, acariciando seus traços.

— Nunca pare de me amar, Ava. Porque eu nunca vou parar de amar você.

Naquele instante, eu não poderia ser mais sincero.



CAPÍTULO 41

As nove semanas de gravidez começavam a deixar o meu corpo mais redondo. Há dois dias, eu fui ao ginecologista e ele confirmou a gestação, atestando que estava tudo bem comigo e com o bebê. Daquela forma, eu me sentia mais segura pra contar a Dion.

O médico me pediu para voltar a consultá-lo após o período de festas, pois ele desconfiava que eu teria uma pequena surpresa depois de um segundo ultrassom. Às vezes, eu me perguntava o que ele queria dizer com aquilo, mas não me preocupei.

No mesmo dia, eu passei em uma loja e fiquei um bom tempo na sessão infantil, apreciando os modelos de cada cor. Suspirei só de lembrar das roupinhas maravilhosas que vi. Naquela ocasião, eu comprei apenas um par de sapatinhos de crochê amarelo.

Hoje eu daria a notícia para Dion; aquele era o meu presente de Natal pra ele.

Após a visita da equipe de maquiadora e cabeleireira, eu estava pronta para encarar a minha nova realidade. Namorada de um banqueiro lindo de morrer e que me fazia enlouquecer na cama, no sofá, no chão ou em qualquer outro lugar.

O vestido da vez era um vermelho de decote quadrado e alças largas que se cruzavam nas costas, dando um charme todo especial. O modelo era colado e eu conseguia perceber um pequeno abaulamento no meu ventre, mas era praticamente imperceptível aos olhos alheios.

Antes de sair, eu peguei a caixinha prateada em cima da cama envolvida com um laço dourado. O presente do meu namorado.

Quando entrei no carro, percebi que não era Carl. Dion havia me avisado que seria outro motorista, pois naquele dia ele liberava todos os seus empregados para participarem da festa de natal.

No caminho até o bairro de Dion, eu comecei a refletir sobre como as coisas mudaram. Ano passado, eu estava neste mesmo instante vestida vulgarmente de mamãe Noel enquanto os meus ex-clientes se divertiam comigo antes de voltarem para suas famílias.

Toda aquela mudança ainda me assustava. As coisas aconteceram tão rápido. Hoje, eu seria apresentada como namorada, e não prostituta ou assistente. Hoje, eu seria alguém na vida. Alguém normal.

Saí do carro com o motorista segurando a porta para mim. Do lado de fora da mansão, as luzes de natal piscavam, iluminando a noite. Andei pela pequena estrada de ladrilhos até os braços de Dion que estava no último degrau da escada à minha espera.

Depois de me beijar calorosamente e me apreciar por longos instantes, ele me olhou orgulhoso.

— Meu Deus, como você é linda —observou-me mais um pouco. — Vamos, então?

Dion me notou com mais cuidado. O frio na minha barriga de antes se transformou num iceberg. Eu estava tão nervosa que, por um momento, não sabia se seria capaz de me mover, mas, durante aquela conexão, Dion se mostrou confiante para enfrentar qualquer coisa que viesse a seguir e eu decidi fazer o mesmo.

— Vamos.

Segurei forte em suas mãos, permitindo que ele me conduzisse para dentro. E, então, o pontapé inicial para deixar o passado pra trás e construir o meu futuro havia sido dado.

Fui contagiada instantaneamente pelo espírito natalino assim que vi a decoração grandiosa que foi feita. O tema usado foi um tom de prata lustroso,

o verde e o vermelho foram pouco utilizados. Havia duas grandes mesas de jantar postas lado a lado e outra que guardava uma enorme variedade de petiscos e tira-gostos, tudo no tema natalino. Em destaque, estava a árvore que eu havia ajudado a montar, a primeira que eu montava desde a morte dos meus pais.

Passamos por cada grupinho de pessoas e Dion nem precisou falar que nós tínhamos um relacionamento diferente agora, as pessoas conseguiam ver nas entrelinhas a nossa química.

Paul Volkmann chegou perto de mim, fazendo Dion fechar a cara instantaneamente, mas me apresentou ao pai com o mínimo de cordialidade apesar da relação deles não ser nem um pouco cordial. O homem queria saber mais sobre mim, porém Dion reprimia todas as tentativas dele.

Depois que Paul saiu de perto, Dion passou a observar a caixinha nas minhas mãos com curiosidade.

— Esse presente na sua mão é pra mim? — Balancei a cabeça e ele se mostrou muito interessado em descobrir o conteúdo.

— Eu estou orgulhoso de você, não pense que não — assustei-me ao ouvir Andrew puxando Dion para um abraço. — Ava, eu estou feliz por você também — ele pegou a minha mão, tentando transparecer sinceridade. Não caí na dele em nenhum momento, mesmo assim abri um sorriso sem graça.

— Posso abrir agora? — Dion se voltou pra mim, já que Andrew havia se afastado, mas não ficou longe o suficiente.

Eu não queria que Dion soubesse da minha gravidez no meio de todo mundo, principalmente perto do melhor amigo dele que me odiava.

— Podemos ir para o seu escritório primeiro? — pedi, desejando que ele não perguntasse o porquê.

Ele me levou para a sua sala no segundo andar. Entrei e me encostei na mesa executiva. Na hora que Dion fechou a porta, ele se aproximou de mim, me medindo com os olhos. Logo depois, senti sua pegada alucinante enquanto uma dorzinha gostosa tomava o meio das minhas pernas.

Ele me beijou, acariciando o meu rosto de forma tão suave que eu me

senti uma santa imaculada.

Logo eu.

— Eu me sinto como um garoto do colegial apaixonado. — Ri com os lábios dele próximos dos meus.

Peguei a caixinha em cima da mesa atrás de mim e lhe entreguei. Ele se afastou, tirando o laço e, antes de tirar a tampa, abriu um sorriso delicioso.

— Não sei se você sabe, mas eu sou bem exigente com presentes. — Amava quando ele se fazia de prepotente. — O que é isso? — perguntou, tirando os sapatinhos de dentro da caixa com os dedos.

— Tem certeza que não sabe o que é isso?

— Eu sei o que é, só não estou entendendo o porquê de você ter me dado — ele parecia realmente confuso.

— Se fossem azuis seria menino; rosa, menina; mas esse é amarelo porque ainda é cedo para saber o sexo.

Observei seus olhos fitarem a caixa ainda hesitantes.

— Sexo de quê?

— Do bebê, Dion — falei com obviedade. — Nós vamos ser pais.

Meu Deus, como ele pode ser tão ingênuo?

— O quê? — a forma como a sua voz saiu foi avassaladora. A expressão era de humor, mas havia algo mais, uma obscuridade. — Me diz que isso é uma brincadeira de mau gosto. Pelo amor de Deus, Ava, você não pode estar falando sério!

A minha confiança e alegria foram reduzidas a cinzas. Se ter um filho era o sonho dele, como ele poderia estar tão assustado?

— Pelo amor de Deus, você, Dion — falei ainda com um pouco de esperança de que ele estivesse brincando com a situação. — Todo mundo me disse que o seu sonho é ter um filho e você me pediu para parar de tomar anticoncepcional. Por que você está agindo dessa forma?

— Não, você não entendeu. Está tudo errado, Ava. — Raiva e

desespero era tudo o que eu via em seus olhos, que começaram a marejar, e só aí que eu me dei conta de que algo estava muito errado. — Eu não posso ter me enganado esse tempo todo com você.

Olhei tudo aquilo atônita, querendo saber onde estava o meu erro.

— Do que você está falando? Dion, eu não estou entendendo...

— Andrew me disse que uma hora ou outra você faria algo assim, e eu fui tonto em acreditar que você não era igual às outras mulheres da *sua* classe.

Soltei um suspiro exausto.

— Minha classe? — A voz saiu estrangulada.

Próximo à mesa, Dion permanecia me olhando como se eu fosse uma espécie de monstro asqueroso. As palavras pareciam presas em sua garganta. Tudo o que eu enxergava em sua imagem era ódio e dor.

Houve uma batida na porta e o rosto de Andrew apareceu na fresta.

— Já está quase no horário da virada de Natal, quando você vai descer? — No fundo, nós sabíamos que ele apareceu ali para bisbilhotar.

— Não vai mais ter festa. Avise a todos.

Dion me deu as costas, assumindo de vez um semblante obscuro.

— Você não vai me dizer nada? — Puxei ele pelo braço para fazê-lo me olhar. — É só isso? Me diz por que ficou tão bravo. O que eu fiz de errado, Dion?

— Não errou em lugar algum, o erro foi meu esse tempo todo — a decepção fluía de sua voz. — Leva ela daqui, Andrew.

— O quê? Me diz o que foi e resolveremos isso — aproximei-me dele, percebendo seus olhos vermelhos.

O advogado entrou na sala e esperou que o amigo tomasse uma decisão mais concreta. Alcancei Dion e ele se desvencilhou facilmente.

— O que aconteceu? Você simplesmente me mostrou o que eu sempre me neguei a ver, Ava. Uma pessoa que faz tudo por dinheiro, até o

impossível acontecer.

Minhas mãos tremeram violentamente e a minha respiração se tornou ofegante. Não consegui me concentrar em mais nada. A ideia de que eu teria um ataque de nervos estava no centro das minhas atenções.

— Está tudo bem, cara? — Andrew perguntou baixo enquanto inúmeras lágrimas deixavam os meus olhos.

— Leva ela daqui, não temos mais nada pra conversar — Dion disse incisivo, dispensando-me da forma mais covarde possível.

— Não! — reclamei ao sentir a força deixar o meu corpo. — Você não me disse nada!

Queria poder rebater cada acusação, mas eu estava muito frustrada pra isso, ao mesmo tempo eu não queria ir embora sem saber o que houve para Dion falar comigo daquela forma depois de eu dizer que ele seria pai.

Andrew se aproximou e me puxou pelos braços. Tentei exercer resistência, mas não consegui fazer frente diante dele. Observei Dion ficar distante e tampar os ouvidos para não escutar os meus gritos de agonia enquanto eu era arrastada para longe. Uma explicação era tudo o que eu precisava, porque eu não fazia nem ideia do que tinha acabado de acontecer.



O advogado me levou pelo caminho dos fundos. Andei atrás dele como um zumbi, sem conseguir parar de chorar.

— O que você fez dessa vez, Ava? Eu não te avisei que esse negócio entre você e Dion daria merda?

Aquela foi a única coisa que ele disse antes de parar em frente ao prédio do apartamento de Dion. Quando o carro estacionou, eu fui direto para o cesto de lixo da calçada vomitar todo o meu almoço. Fiquei lá por alguns instantes, sem ter forças para parar em pé e, pior, sob o olhar julgador de Andrew.

Ele nem esperou eu me recuperar e me puxou para dentro do prédio,

apoiando-me enquanto eu ficava olhando para o nada, sem qualquer coisa em mente que não fosse Dion.

Ao entrar no apartamento, a primeira coisa que fiz foi procurar o banheiro. Andrew ficou encostado na soleira da porta do cômodo, me observando.

— Mas que droga! Você está grávida, não está? — perguntou exasperado. Não lhe dirigi a palavra. — Claro que está, e você acha que o filho é de quem? Do Dion?

Voltei meus olhos para ele com a certeza de que estava me julgando novamente. Depois de um tempo tirando suas conclusões precipitadas, ele tornou a falar.

— Sabe, Ava, quando eu fiquei sabendo que você cresceu com uma mulher que fazia do abuso de menores um negócio, eu dei uma carta de confiança pra você, mas agora você me faz isso...

No meio de tantos problemas, eu consegui rolar os olhos, tamanha era a minha repugnância.

— Por que é tão difícil pra você acreditar em mim?

— Porque é impossível você estar grávida de Dion. Ele é estéril — respondeu secamente.

Meu cérebro demorou para processar tal informação.

Estéril?

— Não, não pode ser! A única pessoa com quem eu me relacionei nesse tempo foi com ele. Dion me falou que eu não precisava de pílula e Camille disse que esse é o sonho dele.

— Camille, assim como Amber, não sabe que Dion não pode ter filhos. Ele confidenciou essa informação somente a mim.

— Não — balancei a cabeça freneticamente, finalmente entendendo o desespero de Dion na hora que eu contei sobre o bebê. No entanto, não havia outra possibilidade de a criança ser de outra pessoa que não fosse ele. — Vocês estão enganados. Por esse motivo que eu preciso falar com ele. Um simples teste de DNA pode provar o que eu estou dizendo.

— Será mesmo? — Ele colocou a mão abaixo do queixo. — Você pode dizer o que quiser, Ava, mas eu pedi à administração do prédio a cópia das gravações das câmeras de segurança, a pedido do próprio Dion. Caso não tenha percebido, esse prédio está cheio de câmeras. O intuito dele era verificar quem Bruce veio visitar em um certo dia. Ele estava com medo do irmão maluco dele ter vindo até aqui para te ameaçar, chantagear ou coisa pior, e, quando eu enviei pra ele, Dion disse que eu poderia descartar as gravações porque ele confiava no que você tinha dito — fez uma pausa e eu, até o momento, não entendi o porquê daquilo. — Mas eu assisti. E eu vi Bruce entrar por sua porta, madrugada após madrugada, por duas semanas consecutivas e você tem a coragem de me dizer que Dion é o único homem que pode ser o pai do seu filho?

As coisas começaram a ficar claras na minha mente como um quebra-cabeça doentio.

Bruce. Madrugada. Olhos azuis.

Pesadelo.

Meus pelos se arrepiaram dolorosamente com uma constatação.

Não foram pesadelos!

Meu estômago se contraiu, no entanto já não havia mais nada nele. Encostei na parede do banheiro e deixei meu corpo trêmulo deslizar até estar sentada no chão ao lado do vaso sanitário, absorvendo o choque.

Eu tinha dúvidas se o ar ainda entrava nos meus pulmões. Senti-me paralisada, incapaz.

Minha visão captou a saia do vestido de grife que havia comprado para a noite mais feliz da minha vida. Como as coisas acabaram daquela forma?

Saí de casa para comemorar a minha mudança de vida e agora eu estava jogada no banheiro como um lixo mal descartado, completamente destruída.

Talvez eu entendesse de uma vez por todas que contos de fadas não foram feitos para "garotas da minha classe".

— Faça um favor pra gente, Ava, some daqui. Some dessa cidade ou

vai dar o golpe da barriga em outro. — Andrew abriu sua carteira e jogou algumas notas no chão. — Use esse dinheiro para pegar um ônibus ou algo assim, mas deixe Dion em paz. Ele não merece passar por isso.



CAPÍTULO 42

— Outra festa associada ao banco terminando repentinamente, o que aconteceu, filho? — voltei-me para a porta ao ouvir a voz do meu pai, nem prestei atenção na aproximação dele.

— Que merda você está fazendo? Dê o fora daqui você também — rugi.

— Eu também? — perguntou confuso. — Com quem você estava brigando, Dion?

Cruzei as mãos em frente ao rosto enquanto a minha mente continuava trabalhando para entender como eu pude ter sido enganado daquela forma.

— Cadê a sua namorada que você trouxe aqui pra cima? — respirei fundo, sabendo que ele estava falando de Ava. A minha vontade era de gritar.

— Não tenho paciência pra você agora, pai. — Bastou um olhar maligno em sua direção para ele perceber que a sua presença ali era totalmente inútil.

O homem tomou o rumo da porta, só que antes ele se virou para me observar com cara de poucos amigos. Paul não tinha por que me culpar por tratá-lo assim. Eu apenas estava fazendo o que ele fazia comigo quando eu era criança.

— Espere — pedi. — Onde está Bruce?

— Seja lá do que você vai culpá-lo agora, ele não está na cidade já há

alguns dias. Bruce se mudou.

Meu pai saiu porta afora depois de eu deixar um olhar intimidante nele.

Bruce continuava dando sorte. Eu não poderia nem imaginar o que faria com ele se o visse por aí.

A imagem de Ava veio na minha mente novamente. Nunca poderia prever uma traição por parte dela, aquilo não entrava na minha cabeça de forma alguma; porém como seria possível ela estar grávida de um filho meu se eu não podia ter filhos?

Queria poder ter dado aquela informação pra ela antes, mas me acovardei porque sempre ouvi dizer que um homem que não tinha filhos não era homem de verdade. Já era difícil o bastante saber que eu nunca seria capaz de deixar um herdeiro no mundo. Muito menos um herdeiro com a mulher que eu amava.

Peguei meu celular inconscientemente e disquei para o Doutor Sullivan, o médico que me indicaram para cuidar da minha situação. Ignorei totalmente que daqui a pouco era a virada de Natal e que ele devia estar com a família comemorando.

O celular chamou duas vezes antes de atender.

— *Dion?*

— Ei, Doutor Sullivan. Desculpe pelo horário e me desculpe pelo dia, mas eu preciso urgente do seu auxílio.

— *Pois não, me diz como eu posso ajudá-lo?*

Fiquei um pouco aliviado com sua solicitude.

— Você já disse que é improvável eu conseguir engravidar uma mulher, mas eu queria saber se existem chances, mesmo que mínimas, de eu conseguir ter um filho por meios tradicionais.

O homem do outro lado da linha demonstrou que não esperava aquele tipo de questionamento.

— *Bem, a genética não é uma ciência exata, por isso existem margens de erro. No seu caso, a proporção te dá uma desvantagem de 99,9% contra*

0,1% de chance. É impossível você ter um filho biológico por meios tradicionais, Dion. Sinto muito ter que te falar isso, de novo.

Um sorriso nervoso despontou no meu rosto.

— Obrigado, doutor, e desculpe.

0,1%!

É tão ruim quanto parece?

Liguei no celular de Ava, no entanto o aparelho tocou bem em cima da minha mesa. Ela havia esquecido ele.

Ao ouvir ela me dizer que estava grávida, só me veio uma palavra em mente: traição. Não consegui pensar em mais nada. Minha cabeça só trabalhava com a possibilidade de que Ava tinha me traído e o bebê em seu ventre era a prova daquela traição. Meu lado iludido pesou mais naquele momento e, no fim, refleti que aquilo tudo poderia ter outra explicação. Sendo assim, eu precisava ouvir o outro lado.

Iria confrontá-la pessoalmente para saber o que ela tinha a dizer em sua defesa. E eu não tinha por que querer me enganar, tudo o que eu mais desejava no momento era que ela estivesse certa.

Andrew surgiu em meu escritório assim que eu me levantei para ir à procura de Ava. Tentei me esquivar dele, pois sabia exatamente o que ele iria dizer.

— Aonde você vai?

— Você levou Ava para meu apartamento? — perguntei em contrapartida.

— Levei, nesse momento ela está fazendo as malas. Pedi pra ela nunca mais aparecer aqui de novo — havia um certo tom de orgulho em sua voz.

— E por que você fez isso? — vociferei, desejando juntar minhas mãos em torno do pescoço dele.

— Você estava indo atrás dela, não estava? — Andrew fez uma careta de vergonha. — Sente-se aí, você não sai dessa sala sem ver o que eu vou te mostrar.

Tapei o meu rosto, já aguardando o pior.

Porra, o que será agora?

Andrew abriu uma sequência de vídeos em seu celular e me mostrou um por um. Lá estava ele, Bruce, entrando em plena madrugada no apartamento que eu batia ponto quase todos os dias. Ele não enfrentava qualquer dificuldade, tinha inclusive a própria chave da porta.

Andei pela sala por alguns momentos, agora tudo fazia sentido. O meu sangue ferveu ao mesmo tempo em que eu imaginei Bruce encostando suas mãos imundas em Ava ou como era o tom de suas risadas enquanto me faziam de tolo.

Por mais que eu tentasse me manter pacífico, a minha fúria estourou como um vulcão em erupção.

— Desgraçados! — Esbravejei, mandando o meu celular na parede.

Bruce me disse uma vez que acabaria com a minha vida, devia parabenizá-lo porque ele acabou de conseguir.



O sono demorou a vir enquanto minha cabeça tentava fugir da realidade. Eu precisava encontrar uma maneira pra conseguir seguir em frente depois daquela noite.

Não sonhei nem tive pesadelos, minha mente era só escuridão.

Senti um toque brusco no braço.

Ava?

— Dion, acorda. Preciso que venha comigo — era a voz de Carl.

— São quantas horas agora?

— Quase quatro da manhã.

Meu coração parou dentro do peito. As coisas ruins costumavam acontecer de madrugada. Coloquei uma camiseta e questionei para onde ele estava me levando, Carl me deu apenas desculpas. Rapidamente, entramos no

carro.

— O seu pai me ligou depois de tentar diversas vezes te contatar sem sucesso.

Aquilo tinha fundamento. Meu celular estava espalhado aos pedaços no chão do escritório.

— O que ele quer comigo de madrugada? — As coisas nublaram na minha mente quando o motorista se aproximou do hospital em que minha mãe ficou internada diversas vezes. — É a minha mãe? — Ele não respondeu nada.

Passei a mão no rosto, tentando tirar qualquer vestígio de sono, e pulei do carro indo em direção à recepção do hospital.

— O que você faz aqui? — perguntei, olhando para meu pai que estava sentado em um dos bancos.

— Eles me chamaram quando não conseguiram contato com você — sua voz era mórbida e os olhos estavam vermelhos como se tivesse chorado.

— Onde está a minha mãe? — perguntei, tentando tirar uma dúvida que se agarrava a mim com mais força a cada segundo.

— Dion Volkmann? — um homem chamou às minhas costas.

Segui os passos do homem até uma sala, sem perceber que Paul vinha comigo. Quando me acomodei no sofá de canto, o homem me olhou com receio e começou a falar.

— Sua família tem uma parceria conosco e sinto em dizer que falhamos. Sua mãe foi tratada por um excelente médico, mas ele não demonstrou ter a ética que todo profissional deveria ter.

— Desculpe, quem é você e do que você está falando? — gesticulei para ele ser mais claro.

— Eu sou o diretor do hospital. — Ele olhou para os papéis em sua mão, parecendo desconfortável. — Camille chegou até nós com um quadro de câncer de mama. Ela foi submetida a radioterapia, mas a doença não regrediu e ela não quis seguir com tratamentos mais invasivos.

— Não, minha mãe não *tem* câncer — afirmei piamente. — Diversas vezes, nós viemos aqui e o médico nada encontrava que justificasse o mal-estar dela.

— O médico que tratava de Camille foi demitido justamente por ele não ter informado o quadro da paciente para a família, ele ainda alegou que fez isso porque a própria paciente pediu.

— Me deixe conversar com ela, eu realmente não estou entendendo nada. — Levantei-me, sentindo um suor frio descendo pelo meu rosto.

Meu pai me puxou de volta.

— Senhor Volkmann, sua mãe deu entrada no hospital às 2:28 com parada cardiorrespiratória, não houve sucesso ao tentar reanimá-la — o diretor continuou falando, mesmo eu implorando para que ele parasse. — Confirmamos o óbito somente às três da manhã.

Aquela frase não fazia sentido nenhum pra mim. Parada cardíaca? Reanimação? Óbito?

Meu pai espalhou seus braços em torno de mim, como se quisesse me proteger de algo.

— Não — falei, tentando me livrar dele. — Eu não acredito em você! — gritei para o médico, apontando um dedo ameaçadoramente pra ele. — Me deixe vê-la agora!

— Dion, meu filho... a sua mãe se foi.

Relutei com aquela informação batendo na minha mente, sem deixá-la entrar.

— Não, não. Não ela, pai. Não a minha mãe!

— Sinto muito, filho — senti os braços dele me cobrirem. Resisti, observando as paredes brancas, me questionando que tipo de pesadelo era aquele que parecia tão real.

— Não, pai. Não pode ser! Me diz que é tudo mentira — implorei enquanto meu rosto era tomado de lágrimas e dor.

Ele apertou o seu abraço; continuei resistindo até o meu corpo não

aguentar mais. Somente quando as minhas defesas caíram de vez que eu me permiti chorar pela minha segunda perda da noite.



CAPÍTULO 43

E, quando as coisas ficaram ruins pra mim, eu fiz o que eu fazia de melhor: eu fugi.

Saí de São Francisco deixando tudo pra trás, pegando apenas a lata de biscoito em que eu guardava algum dinheiro pra emergência, junto com algumas fotos e uma mochila com poucas roupas.

O dinheiro me permitiu chegar até San Carlos, uma cidade pequena, mas que não ficava longe o suficiente de São Francisco. Sem dinheiro para pagar um hotel ou sair da cidade, eu fui acolhida em um abrigo feminino.

Havia duas semanas que eu passava o dia inteiro revezando entre a cama e o banheiro. Os vômitos frequentes despertaram a curiosidade da supervisora que descobriu minha gravidez logo em seguida. Ela foi bem clara quando disse que mulheres na minha condição não eram aceitas ali.

A mulher em questão me deu duas escolhas: retirar-me ou cortar o problema pela raiz.

Foi como voltar ao passado, no tempo em que outras pessoas tomavam as decisões por mim.

Naquele exato momento, eu estava em uma clínica de controle de natalidade, uma clínica de aborto para ser didática. Olhei para a mesa à minha frente, a médica estava atrasada. No fundo, eu achava bom que ela se atrasasse, pois quando ela chegasse, não haveria mais espaço para arrependimentos.

Eu vivia desde o natal bem distante da realidade, evitando ver noticiários ou acessar a internet para me forçar a não procurar informações sobre ele. A vontade que eu tinha de ver Dion e descarregar todo o meu rancor era grande, mas como eu poderia fazer aquilo se nada do que estava acontecendo era culpa dele?

Ele poderia ter me procurado, poderia ter mandado seu motorista me buscar e me deixar fazê-lo me entender, mas eu não dei chance. Eu fui embora tão logo Andrew saiu do apartamento, em plena virada de Natal, deixando apenas um bilhete.

Poderia me sentir covarde por não encarar os fatos, mas não foi aquele o motivo da minha fuga, e sim, medo. Se Bruce entrava no apartamento quando bem entendesse e abusava de mim como se nunca pudesse ser pego, eu jamais continuaria ali. Dion talvez me entendesse, talvez acreditasse em mim quando eu dissesse que eu não permiti Bruce entrar no apartamento nenhuma vez, ou talvez não. Talvez ele estivesse tão cego de ódio pelo irmão que não acreditaria em nada que saísse da minha boca. Na melhor das hipóteses, eu não submeteria Dion à humilhação de ter engravidado da pessoa que ele mais odiava.

A vontade de vomitar veio forte quando eu me lembrei dos pesadelos. Aquela sombra que me imobilizava na cama e se apoderava de mim sem que eu conseguisse me mexer ou gritar. Eu ainda não entendia como ele me deixava sem forças e com a visão turva, o que me impossibilitava de lutar. No dia seguinte, era como se eu estivesse de ressaca.

Se eu não conseguia explicar como o irmão estuprador de Dion agia, como eu faria ele acreditar em mim? Como eu daria a volta por cima se eu me neguei diversas vezes a reportar a visita de Bruce ao apartamento?

Eu nem sabia se o que Bruce fez comigo foi real ou se realmente foi um pesadelo. Entretanto, como se explicaria a gravação dele entrando no apartamento em plena madrugada, praticamente todos os dias?

Eu estava completamente perdida.

— *Como está o preparativo para a mudança? Ok. O quê? Por quê?*

A médica surgiu, falando ao telefone. Ela devia ter em torno de trinta e

poucos anos, tinha olhos azuis e cabelos loiros num tom bem claro.

— *Meu Deus, Vivi* — pela cara, a notícia não devia ser boa. — *Como encontraremos outra pessoa tão em cima da hora?*

Ela parecia bastante preocupada, enrugando a testa. Quando a doutora se acomodou na cadeira à minha frente, eu consegui ver o seu nome estampado no jaleco "Jenna K. Hall".

— *Eu sei, meu amor, nós vamos conseguir resolver isso, está bem?*

A doutora Jenna desligou o telefone depois de acalmar os ânimos da pessoa do outro lado da linha.

— Desculpe por isso. Sou a doutora Jenna Hall — ela esticou a mão pra me cumprimentar, logo depois folheou os papéis em sua mão. — Você deve ser a Ava. — Balancei a cabeça em concordância. — Vamos ver, completou onze semanas de gravidez recentemente, sem gestações anteriores — falou para si própria. — Fez algum acompanhamento pré-natal?

— Não.

Eu não sabia se a minha primeira consulta com o ginecologista contava como pré-natal, então resolvi dizer que não.

— Ok, Ava — ela digitou em seu computador. — Qual a sua idade?

— Vinte e dois. — A doutora conferiu em seu computador, depois deu uma olhada no calendário pregado na parede.

— Aqui no meu sistema consta que seu aniversário é dia nove de janeiro, hoje. — Eu não pude sustentar o olhar da doutora por muito tempo e abaixei os meus. — Você não se lembrava de que hoje é o seu aniversário, Ava?

Não havia a menor possibilidade de eu me lembrar, sendo que eu perdi a noção do tempo, literalmente.

Jenna encostou-se na cadeira, deixando sua caneta de lado.

— Ava, o que te levou a vir até mim? — ela assumiu um tom mais sério. — Foi o pai do seu filho? Ele não queria a gravidez, é isso?

Tentei evitar, mas, toda hora que pensava sobre o bebê, a minha mente

se enchia de imagens minha e de Dion nos nossos melhores dias, misturadas a imagens do pesadelo. Encolhi-me, abaixando a cabeça e sentindo as lágrimas molharem o meu jeans.

— Você realmente deseja seguir com o aborto?

Aquela palavra doía tanto em meu coração. A minha parte racional dizia que sim, pois aquele ser dentro de mim foi fruto de um crime, mas meu coração dizia que não, que o impossível tinha acontecido e o serzinho dentro do meu ventre era do homem que eu amava.

— Ava, eu preciso de uma resposta — falou incisiva. — Se você estiver com dúvida, aconselho voltar quando você tiver se esclarecido — ela fez uma pausa e depois suspirou. — Mas eu claramente vejo que você não quer isso. Você não tirou as mãos da sua barriga desde que eu cheguei aqui.

— A supervisora disse que eu não podia voltar pro abrigo se ainda estivesse grávida — soltei as palavras presas na garganta.

Jenna juntou as mãos na boca, parecendo entender a minha situação.

— Eu desconfiei mesmo que sua vida não estava sendo fácil, Ava. Acho que pessoas que já passaram por situações ruins se reconhecem e eu te reconheci. Vamos deixar a consulta de lado e vamos conversar um pouco, tudo bem? — Concordei, sentindo-me aliviada, e aguardei o que a doutora Jenna tinha pra me dizer. — Muitas vezes entramos em caminhos tortuosos para chegarmos até onde sonhamos, no entanto há muitas pessoas que sequer sabem onde querem chegar. Você ainda é jovem e bonita, mas até onde você quer chegar, Ava? E o que você está disposta a fazer para conseguir isso?

Balancei a cabeça, sem ter ideia do que responder. Eu queria ir até onde Dion estivesse e me jogar à sua frente de joelhos, implorando para que ele me ouvisse, mas não tinha certeza se estava preparada para estar frente a frente com ele e explicar que talvez estivesse grávida de Bruce.

— Eu não queria estar aqui, mas entendo que talvez seja necessário — respondi.

— Você trabalha, Ava? — Dei uma resposta negativa. — Quais são as suas qualificações profissionais? — ela continuou, percebendo a minha confusão com o intuito daquelas perguntas.

— Eu não tenho nenhuma.

Ela continuou batendo nas teclas do computador e o som era tão macio que o meu corpo começou a relaxar. Jenna parou o que estava fazendo e me olhou. Pela forma que ela fez aquilo, deixou claro que ela era o tipo de mulher cujas as emoções eram transmitidas pelos olhos. Sendo assim, ela parecia estar com pena de mim, muita pena.

— Você tem experiência com serviços de escritório? — percebi que ela perguntou aquilo de supetão, como se soubesse que a resposta seria não.

— Não, — olhei pra cima, pensando. — Quer dizer, já me ensinaram uma vez a arquivar documentos e algumas outras coisas do tipo.

Respondi, recordando da vez que Dion tirou um pouco do seu precioso tempo para me ensinar a fazer algumas funções básicas de secretária.

— Certo. Você tem família aqui ou alguém próximo com quem você possa ficar?

— Não.

— E como você pretende sustentar você e uma criança, sem trabalho ou algum tipo de apoio? — Olhei pra ela assustada, sentindo mais lágrimas brotando.

Aquele choque de realidade surtiu efeito.

— Eu não... eu não sei — as palavras quase não saíram. Eu tive vergonha de dizer aquilo.

A médica soltou um gemido engraçado.

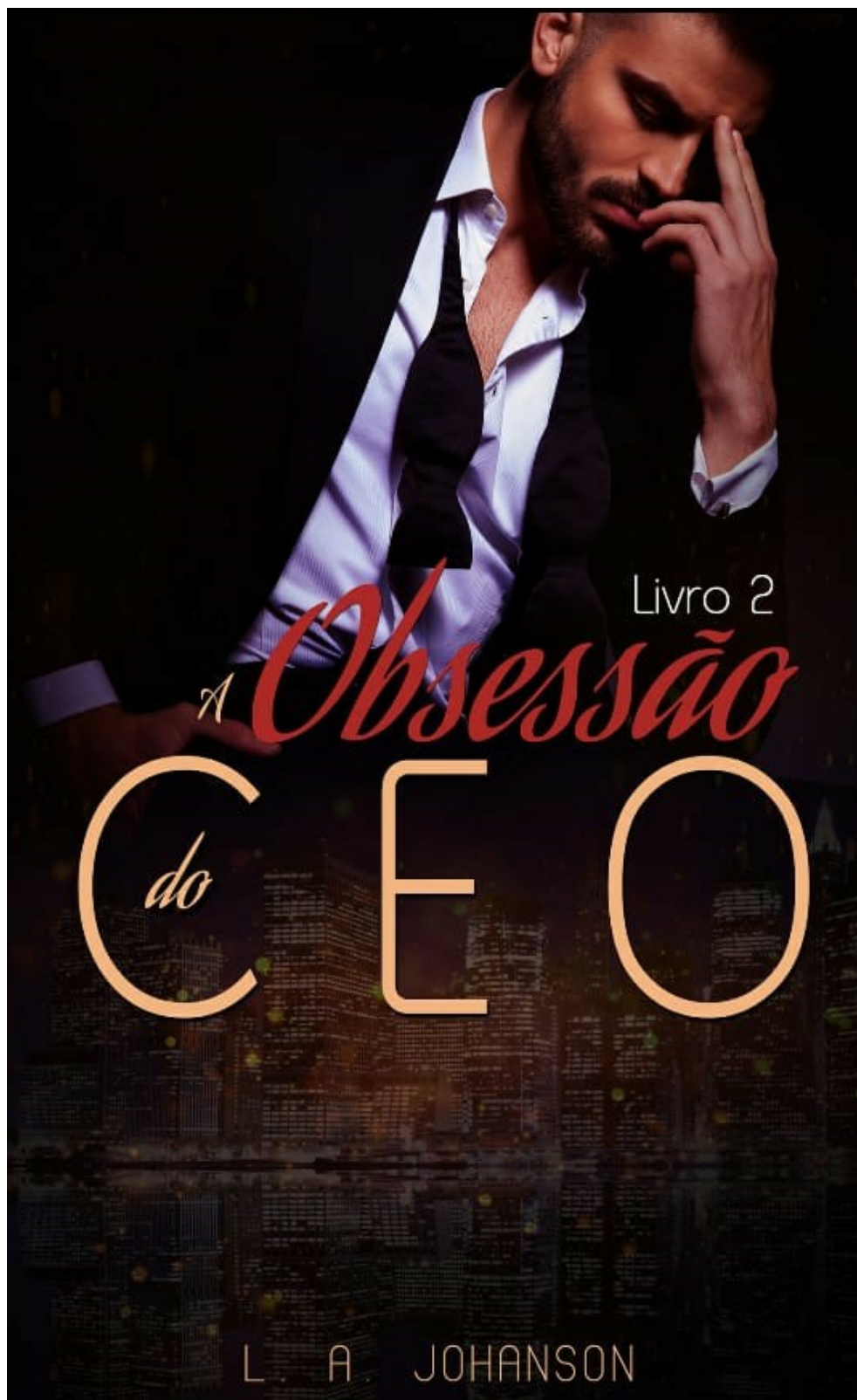
— Vivian vai me matar — disse distraidamente. — Bem, nesse caso, eu vou te oferecer uma oportunidade. E faço isso porque um dia alguém me estendeu a mão quando eu mais precisei e vou fazer o mesmo por você. Eu e minha esposa estamos nos mudando para Nova Iorque. Vivian recebeu uma proposta irrecusável de emprego. Ela é uma executiva de mão cheia — disparou com orgulho — e estamos nos mudando. Acontece que uma das nossas ajudantes não aceitou ir conosco. Se você quiser, pode fazer um teste para preencher a vaga. — Levantou um dedo em advertência. — Tenha em mente que não contrataremos uma funcionária grávida. Agora, eu preciso

saber, você quer realmente seguir com a gravidez, Ava?

Antes de responder, eu fiz uma pequena oração. Não pedi por mim – Deus havia me virado as costas há muito tempo –, mas pelo pequenino que crescia no meu ventre, pois ele, sim, não merecia qualquer tipo de sofrimento e era aquilo que deixava a minha decisão ainda mais dolorosa.

FIM

LIVRO 2: OBSESSÃO DO CEO



L.A. Johanson

A Obsessão
do CEO

Duologia Insaciáveis: Livro 2

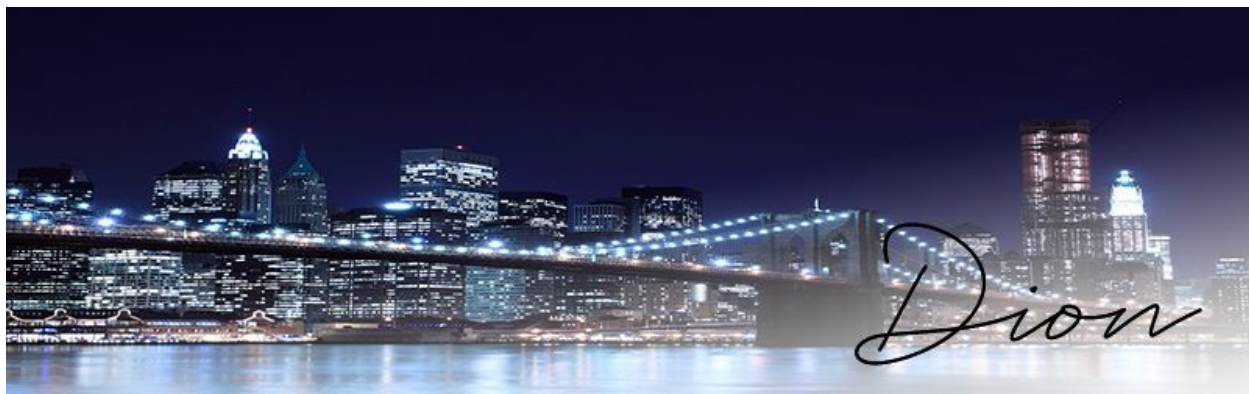


Quatro anos após tomar a decisão mais difícil de sua vida, Ava vive em Nova Iorque. Ela conquistou a tão sonhada independência e finalmente conseguiu se livrar do mundo da prostituição. Trabalhar nessa selva de pedra será um desafio que ela terá que mostrar que está preparada para vencer. No entanto, a sua maior batalha será confrontar as escolhas do passado.

Dion Volkmann se tornou o homem com a maior fortuna do mundo, porém a perda da mãe e da mulher que amava o transforma em uma capa vazia de sentimentos. De dia, ele veste a sua bela máscara de empresário de sucesso e todas as noites ele afunda em recordações do pior dia de sua vida.

Ava e Dion deverão lidar com traumas do passado que nunca foram superados. Confiar ainda é difícil, mas, entre obstáculos, mentiras e um desejo incontável, eles terão que correr atrás do que realmente importa.

OBS: É indicada a leitura total do livro para entender o encerramento da história.



CAPÍTULO 1

— O que posso fazer por você hoje, Dion? — Dr. Parker questionou assim que entrei em seu consultório.

— Bem — balancei as mãos nervosamente por ter que falar aquilo de novo —, eu não consegui dormir.

Já havia se tornado rotina. Eu passava diversas noites em claro contando os minutos literalmente para que o sol brilhasse e me tirasse daquela tortura silenciosa. Só uma visita ao terapeuta podia fazer a minha mente desacelerar.

Era pelo menos quatro da manhã, as ruas estavam movimentadas e alguns comércios já trabalhavam a todo vapor. Por um bom salário, convenci Leonel Parker a fazer plantões somente para me atender.

Ele se assemelhava muito ao meu pai. Cabelos no rosto, fartos e brancos, e um ar de sabedoria que só a idade poderia trazer.

— E o que não estava te deixando dormir?

— O passado — respondi de pronto.

— A morte da sua mãe?

Balancei a cabeça, sentindo instantaneamente algumas lágrimas de tristeza quererem inundar meus olhos. Ainda era difícil ter que lembrar dela e de como as coisas aconteceram bem debaixo do meu nariz sem que eu pudesse enxergar.

Naquela madrugada de natal, quando eu ainda não conseguia pensar corretamente após a perda, eu recebi o laudo médico sobre a morte dela. O motivo do óbito foi parada cardiorrespiratória em decorrência da grande quantidade de comprimidos que ela havia ingerido. Minha mãe tinha tirado a própria vida.

O médico que “cuidava” dela estava preso, garanti que ele não tivesse sua liberdade de volta tão cedo. No momento em que consegui ficar frente a frente com ele sem querer socá-lo até a morte, eu me forcei a ouvi-lo. Ele disse que minha mãe ficou psicologicamente estável quando o tratamento contra o câncer parou de fazer efeito, ela implorou que ele forjasse os prontuários, fazendo parecer que não tinha nenhuma doença. O médico jurou que não sabia que a minha mãe planejava tirar a própria vida, mas notou a sua falta de esperança, pois ela sempre dizia que não queria que eu sofresse com o último estágio da doença.

Eu ainda não tinha certeza se acreditava no tal médico. De qualquer forma, não julguei minha mãe em nenhum momento, mesmo ficando com um enorme sentimento de culpa.

Percebendo o meu silêncio, o doutor continuou:

— Certo, vamos voltar no tempo então. Vamos voltar ao natal — Leonel percebeu que o natal era a raiz do problema. Vinte e cinco de dezembro estava chegando novamente para me fazer lembrar de tudo que eu lutava para esquecer. — Vejo que você já fez um progresso enorme quanto ao trauma causado pela morte de sua mãe e sei que esse não é o único assunto que te atormenta — ele fez uma pausa. — Tem alguma coisa a ver com *Ava*? — Perguntou com cautela, conferindo o nome em suas anotações.

Meus olhos assustados se direcionaram até o homem sentado casualmente na sua posição de doutor.

— Como você...?

Havia tocado no nome de Ava somente um par de vezes para comentar o que eu estava prestes a fazer naquela maldita noite de natal, o dia que quase coloquei um anel de noivado em seu dedo. Lembrar daquilo me fazia pensar no quão idiota eu era.

— Você sempre menciona esse nome durante as sessões, mesmo que não perceba. — Levantei, sentindo um desconforto no peito, e fui em direção à janela. — É uma opção sua não querer falar sobre, mas eu preciso deixá-lo ciente de que o seu estado emocional conturbado de agora não é em decorrência da morte de sua mãe. Quanto a Camille, você veio até mim, chorou e se permitiu viver o seu luto. Quanto a essa outra mulher, Ava, você não me deu nada e eu preciso entender o que se passou para que possa ajudá-lo — a voz dele estava calma, mas persuasiva.

Apreciava a forma que o doutor Parker conduzia a terapia. Havia buscado por outros profissionais antes dele, mas ele me conquistou quando fez da nossa consulta uma conversa casual entre amigos.

Ainda de costas, alisei o meu rosto, entendendo onde ele queria chegar. Eu estava um trapo. Tinha chegado a tal ponto que não me reconhecia mais ao olhar no espelho. Um corpo sem alma perambulando por aí sem nenhuma expectativa. Ele só conseguiria me ajudar se eu lhe desse um ponto de partida.

— O que você quer saber sobre ela? — Perguntei enfim.

Ele suspirou e pensou um pouco.

— Como você se sentia quando estava com ela?

Juntei as mãos com força e as levei até o rosto, apertando os meus olhos. Eu teria que fazer aquilo para me livrar daquele assunto, para me livrar dela de uma vez por todas. Puxei o ar, determinado a dar todas as informações que o doutor queria.

— Quando eu... quando eu olhava pra ela era como olhar em um espelho e ver só as coisas boas em mim. Ela era uma completa bagunça, tinha uma franja mal cortada e um cansaço que ela tentava disfarçar em vão quando a vi pela primeira vez — lembrei-me dos seus olhos assustados e curiosos ao abrir a porta pra mim. — Ava parecia tão inocente apesar da profissão que tinha. Acho que foi isso que me fez voltar no dia seguinte. Ela escondia sua fragilidade e tudo o que eu queria naquele momento e nos momentos seguintes era cuidar dela.

Olhei para o terapeuta que escrevia disfarçadamente na prancheta. O

seu olhar me encorajou a continuar.

— Após alguns meses juntos, eu vivi como se nada no planeta importasse mais do que ela. Eu tinha novas concepções para o futuro e um sentimento que extrapolava qualquer limite. Me vi perdidamente apaixonado, onde nós éramos peças que se encaixavam perfeitamente.

O doutor fixou os olhos em mim sob as lentes dos seus óculos de grau.

— E como você se sente agora?

— Agora eu não vejo nenhum sentido nessa *porra* de mundo! — Suspirei. — Porque nada faz sentido sem ela...

Bufei tentando amenizar a carga emocional que eu estava carregando aquele tempo todo. Fiquei em silêncio até que Parker me pediu para contar o que houve aquele dia.

— Por que guardou esses sentimentos, Dion?

— Eu não gosto de pensar nela.

— E por que você não gosta de pensar na Ava?

— Porque, sempre que faço, isso os meus piores pensamentos vêm à tona. — Ele me fitou com preocupação.

— Você ainda está tomando os antidepressivos?

— Não, eu parei.

— Por que você parou?

Soltei o ar com um pouco de irritação.

— Porque os remédios estavam me impedindo de sentir dor e sentir isso é o único lembrete de que eu ainda estou vivo, porque eu não sinto mais nada além disso.

Desabafei sem nenhum tipo de drama na voz.

A sala ficou silenciosa por algum tempo.

— Iremos trabalhar esse aspecto. Esteja ciente de que você não vai se livrar desses sentimentos de uma hora pra outra. — Assenti, sabendo que ele queria a minha permissão. — Você chegou a conversar com Ava depois do

natal?

— Não, Andrew tinha me falado que ela havia fugido.

— E você sabe onde ela está nesse momento? — Balancei a cabeça negando. Parker retirou os seus óculos e cerrou os olhos para focar em mim. — Dion, você já deve ter ouvido falar que uma história tem três pontos de vista: o seu, o meu e a verdade, correto? Já parou pra pensar que Ava pode não ter te enganado e tudo o que aconteceu pode ter uma explicação?

Fuzilei o doutor com o olhar.

— Não, não há a menor possibilidade de ter algum mal entendido nessa história — rebati com rispidez.

— E como você sabe se não conversou com ela? — Uma risada de escárnio escapou dos meus lábios.

Levantei novamente e andei um pouco pela sala. Minhas mãos suaram com toda aquela conversa. Eu não havia me preparado para digerir aquela possibilidade.

— Você ainda a ama? — Questionou com cuidado.

— Não, o que eu sinto por ela hoje se aproxima mais do ódio do que do amor.

— Existe alguma razão para você não estar sendo sincero comigo agora? Diga-me, você ainda ama essa garota?

Respirei ruidosamente, olhando pela janela.

— Talvez eu odeie amar a mulher que arruinou minha vida!

Ele balançou a cabeça, parecendo entender algo.

— Eu discordo de você, isso não é ódio. É um pouco cedo para diagnósticos, mas creio que o que você tem por Ava nesse momento é obsessão. — Olhei pra ele, aturdido. — Você está obcecado, Dion. A obsessão não se manifesta somente de forma física, mas em pensamentos também, na maioria das vezes desencadeada por medos — falou com mais firmeza. — Você está obcecado por uma mulher que você diz odiar, mas ao mesmo tempo deixa a imagem dela te perturbar exaustivamente. Se você quer

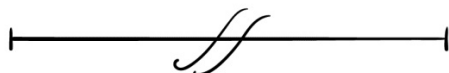
resolver isso, você terá que procurá-la e tirar todas as suas dúvidas. Caso contrário, você deve deixá-la no passado e seguir em frente, conhecer outras pessoas e deixar o trabalho de lado um pouco para viver. Pelos seus relatos, você passa vinte e quatro horas do dia trabalhando e odiando uma pessoa, que só agora eu fiquei sabendo que é a mulher que supostamente te enganou e que você *nunca* foi atrás para ter outro ponto de vista. — Não neguei nada. — E sabe por que você não consegue dormir à noite? Porque você teme ter cometido um erro, mas o seu orgulho é tão gigantesco que te impede de fazer alguma coisa sobre.

Passei algum tempo olhando pra ele com assombro. Doutor Parker tinha acabado de entrar na minha mente e expôs tudo aquilo que eu tentava desesperadamente esconder.

Permaneci em pé do outro lado do sofá sem saber como proceder diante das verdades atiradas sobre mim sem nenhuma pena.

— Na semana passada, você comentou comigo que estava de mudança. Faça essa mudança ser completa. — Virei-me para ir embora, sem mais nada a dizer. — Dion, você sabe do que eu estou falando.

Olhei pra ele e concordei com a cabeça, sabendo exatamente o que ele queria dizer.



Saí do consultório remoendo toda a consulta.

Ao chegar em meu quarto, eu conferi o celular e me deparei com inúmeras mensagens de Lauren, a nova executiva do banco. Ela parecia sofrer de insônia também. Relutei ao máximo que pude em lhe dar o meu número pessoal, mas ela descobriu mesmo assim.

O dia amanheceu enquanto eu estava na academia levantando pesos e refletindo sobre a terapia da madrugada. Doutor Parker me aconselhou a voltar ao passado e revirá-lo até que não sobrasse nenhum resquício de que eu estava cometendo um grande engano, que a mulher que dizia que me amava não me traiu com o desgraçado do meu irmão.

Pensando em Bruce, eu nunca mais o vi. Paul disse que ele estava

trabalhando em Miami. Esperava que ele permanecesse por lá por muito tempo, eu definitivamente não responderia por mim na hora que o encontrasse.

Meu pai vivia ao meu redor agora, alegando que eu precisava dele, já que não tinha mais minha mãe. Ele tentava me aconselhar tanto profissionalmente quanto socialmente, no entanto eu não conseguia pertencer em um ambiente familiar com ele de novo.

Peguei-me a pensar na consulta mais uma vez. Além de voltar ao passado, eu tinha a opção de esquecer tudo o que passou e seguir em frente. Aquela opção era a que mais me atraía. No mesmo momento, meu celular tocou em cima do banco.

“Hoje parece ser um dia legal para tomar aquele vinho que você me prometeu?”

Era Lauren. De novo. Analisei a situação. Lauren era uma havaiana de parar o trânsito e nunca escondeu o seu interesse por mim, contudo eu nunca dei abertura a ela. Talvez fosse hora de deixá-la entrar.



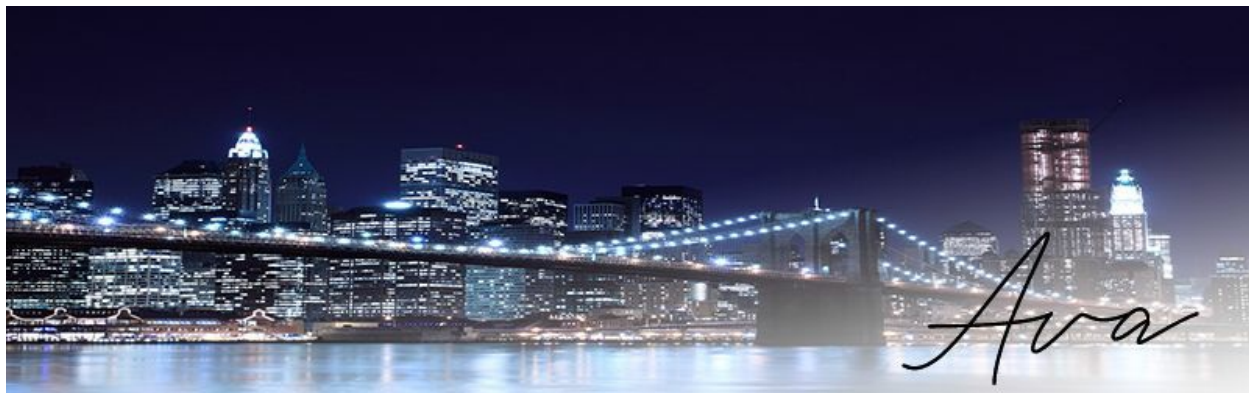
Após o banho, eu fiz a mesma coisa que sempre fazia desde que encontrei um bilhete feito às pressas em cima da cômoda do quarto em que Ava ficava. Abri a gaveta ao lado da minha cama e de lá tirei o pedaço de papel surrado, quase se desfazendo entre meus dedos.

“Eu pediria desculpas, mas nada disso foi minha culpa e eu vou te mostrar algum dia, de alguma forma.”

Eu li aquele bilhete tantas vezes que memorizei cada curva de cada letra. Vivi esse tempo todo com o prelúdio de um reencontro e da necessidade de que ela me dissesse o que realmente aconteceu. Era aquilo que me mantinha vivo e aquele era o motivo para que eu não fosse atrás de seus passos como um cão farejador, mas o tempo não parava e eu precisava de uma resposta.

— Vamos lá, Ava. Já faz quatro anos — falei em voz alta. — Eu te desafio a me mostrar.

Eu preciso que você me mostre.



CAPÍTULO 2

O táxi passeou pela cidade antes de parar em frente ao prédio da Carter Inc. Eu ainda podia sentir um friozinho na barriga sempre que passava pelo império comercial da Quinta Avenida ou quando via a Estátua da Liberdade ao longe, mesmo depois de quatro anos.

No entanto, o que mais me encantava em Nova Iorque era os nova iorquinos. A primeira impressão que tive deles era de gente esnobe que vivia em uma grande bolha social chamada Manhattan. Aos poucos, comecei a perceber que pessoas de todos os países se mudavam para a cidade mais populosa do mundo em busca de um lugar ao sol. Para isso, eles lutavam como gladiadores em busca de seus objetivos.

Infelizmente, eu não tinha aprendido a ter ambição, nem sabia se brigar por um status privilegiado na cidade era o que eu realmente queria. Sentia-me bem onde eu me encontrava, estava feliz com tudo o que havia conquistado. Nem tudo se resumia a bens materiais. Eu finalmente fazia parte de algo maior, encontrando o meu lugar dentro de uma sociedade.

Saí do táxi após pagar o motorista e adentrei o hall da empresa que eu trabalhava. A palavra do dia era recomeçar. Cada manhã era um novo começo, uma nova chance de fazer tudo dar certo, apesar de saber que no final do dia estaria remoendo algumas escolhas que havia feito.

— A senhora não vai sentar nessa cadeira se não tiver trazido aquilo que jurou que ia trazer! — Exclamou Tracy de sua cadeira.

Observei suas bochechas rosadas e olhos tinindo de advertência, ela parecia falar sério.

— Isso mesmo, mostre ou volte agora para o seu apartamento e busque! — Virei a cabeça para ver Bonnie gritar do outro lado da sala.

Parei onde estava e olhei de uma para a outra, usando de todo o suspense que consegui demonstrar.

— Ok — falei com uma voz engraçada, erguendo a sacola que trazia comigo.

Ambas levantaram e vieram correndo até mim. Bonnie retirou a peça de dentro da sacola e levantou no ar, descobrindo o vestido preto, curto e apertado.

— Uau! Ava, você vai passar o rodo com essa coisa — Tracy disse totalmente animada.

— Eu nem sei se ele ainda me serve. — Aproximei o vestido ao corpo conferindo seu comprimento.

— Não sabe porque você o comprou há dois anos, na primeira vez que combinamos de sair juntas — a acusação de Bonnie caiu em mim feito uma luva.

Elas queriam a todo custo me livrar de uma vida monótona e sem graça. Ambas eram muito bem casadas e estranhavam o fato de que eu não tivesse nenhuma diversão entre a casa e o trabalho.

— O que tem pra hoje? — Perguntei ligando o meu computador, tentando mudar de assunto.

— Vem negócio dos grandes, tenho certeza — Bonnie especulou, juntando as mãos em frente ao corpo.

— Também acho, Bonnie. A nossa diretora passou a semana inteira almoçando com uma executiva da Califórnia. Se tudo der certo amanhã, eles fecharão negócio — Tracy concordou.

— Califórnia? — perguntei.

— Sim, você já morou lá uma vez, não foi?

— Uhum — respondi com desconforto, sem tirar os olhos da tela do computador.

— Foi lá que você conheceu aquele cara, não foi?

— Sim, foi sim, Bonnie. — Elas lamentaram em voz baixa. — Está tudo bem, meninas — dei de ombros.

A sala da Carter Inc. que eu dividia com Tracy e Bonnie já foi palco de inúmeros desabafos partidos de todos os lados. Nós três éramos unha e carne. Eu havia sido contratada primeiro, porém nunca me dei bem com os demais funcionários porque eu era muito fechada a amizades desde sempre. Tracy era a mais velha de nós três e tinha um senso de humor incrível que me conquistou instantaneamente. Já Bonnie demorou um pouco mais para ser contratada, mas era tão divertida quanto Tracy, mesmo que aquele não fosse o seu objetivo. A sua imagem de dona de casa dos anos cinquenta era apenas uma fachada para a grande profissional que ela era.

Elas sabiam de toda a minha vida. Desde o acidente dos meus pais, o período que eu me prostituía para pagar um apartamento ruim no Tenderloin, até Dion sob o nome de Sr. Collins.

Eu não sabia por onde Dion andava e nem tinha interesse em saber — pelo menos era aquilo que eu dizia pra mim mesma. Às vezes tinha vontade de conversar com Camille e pedir desculpas a ela pela fuga repentina, no entanto eu tinha perdido todos os meus contatos no celular que havia deixado na casa de Dion e nenhuma vez procurei seu nome na internet, sabendo que notícias do seu filho viriam para bombardear o meu psicológico.

Fiquei imersa em reflexões por um tempo que nem percebi as meninas se aproximando. Tracy e Bonnie me abraçaram juntas. Queria desabar, mas elas nunca deixariam isso acontecer. Não importava o motivo, sempre estávamos ali uma pela outra.

— Ava, não é assim que as coisas se resolvem — a expressão de Tracy era serena e tranquilizadora. — Você precisa ficar bem. Aposto que ele está lá em São Francisco feliz da vida, sem nem se preocupar com você.

— Eu sei e é isso que me machuca — lamentei enquanto algumas lágrimas se formavam.

— Nós sabemos que é difícil, por isso que existem as amigas — Bonnie amenizou, acariciando o meu rosto.

Naquele momento, eu queria chorar e rir ao mesmo tempo, a minha ideia de recomeço tinha ido por água abaixo antes da hora do almoço. Eu era uma farsa.

— Obrigada — apertei as mãos delas depois de dissipar o choro e me recompor.

— De qualquer forma, hoje nós vamos para a balada e que Deus tenha misericórdia de todos os homens de Nova Iorque, porque Ava, Bonnie e Tracy vão incendiar a noite.

Elas comemoraram. Por mais que eu tentasse, aquela alegria nunca me contagiava. Era como se meu coração estivesse morto, e de certa forma estava. Uma parte de mim havia morrido quatro anos atrás.

— Garota, tu não sabe da maior! — Arregalei os olhos quando Tracy alardeou.

— Sente-se aí que vamos jogar uma bomba no seu colo — Bonnie falou séria e eu fiz o que ela me pediu.

— Diana foi demitida!

— E agora a nossa querida diretora precisa de uma nova secretária.

Os olhos das duas se insinuaram para o meu lado como setas gigantescas em neon.

— Não... Não! Vocês sabem que eu não tenho qualificação pra isso — comentei para minar as expectativas delas.

— Como não? Aqui do nosso setor, você é a mais experiente e é a única que tem um contato mais próximo com a diretora — os olhos verdes e assustados de Bonnie tentaram me convencer.

Fiquei com a pulga atrás da orelha quando me dei conta de que o que elas estavam falando não era nenhum absurdo.

Será?

— Bom dia, garotas. — O rosto de Vivian apareceu na porta

inesperadamente. — Chega de experimentar roupas e vamos trabalhar, está bem! — As meninas correram para seus lugares. Guardei o vestido rapidamente. — Ava, na minha sala, por favor — ela fechou a porta, deixando-me petrificada no lugar.

Minhas amigas bateram palmas audíveis como se já estivessem me parabenizando pela promoção. Eu queria estar feliz, porém estava aterrorizada.

— Vai lá, Ava, e não se esqueça das suas amigas — Bonnie disse com um risinho. Tracy me desejou boa sorte.

Levantei-me, percebendo as pernas travarem, logo me endireitei para encarar Vivian. Eu podia estar errada, mas desconfiava que as notícias que Vivian tinha pra mim não eram boas.

Foram ela e Jenna que me ajudaram a chegar em Nova Iorque e muito mais do que isso, elas me ofereceram suporte no momento que eu mais precisei. Ofereceram-me uma solução para os meus problemas deixando claro quais seriam as consequências. Nunca me prometeram um conto de fadas, apenas a realidade nua e crua.

Eu tinha uma boa vida agora, um emprego que pagava muito bem, um apartamento em um bairro legal da cidade e amigas. Pela primeira vez, eu tive amigas. Um dia, há quatro anos, Vivian me disse que a minha vida mudaria drasticamente e realmente mudou. Ela me qualificou, me recolocou no mercado de trabalho para eu ter um emprego digno e a única missão que eu tinha era mostrar a minha competência e reconstruir o meu coração peça por peça.

Encaminhei-me para a maior sala do andar, bati na porta antes de entrar, encontrando Vivian já acomodada em sua cadeira. Ela era diretora de finanças da Carter Inc., uma das grandes empresas de logística no país, e estava no maior nível organizacional, uma vez que o presidente dava as caras no prédio uma vez ou outra.

— Sente-se, por favor — ela indicou a cadeira.

Vivian passou as mãos pelo rosto evidenciando um cansaço mental. Não devia ser diferente, ela havia acabado de demitir a sua secretária que a

acompanhava antes mesmo de vir para Nova Iorque.

— Está tudo bem com você? — Eu tinha intimidade o suficiente para perguntar aquilo.

Seus cabelos negros e curtos perfeitamente penteados com uma franja sobressaindo pelo lado dava a ela um quê de impetuosidade. Ela era uma verdadeira dama de ferro.

Vivian não me respondeu, só fez um gesto dando a entender que não queria falar daquilo. Ela não tratava de assuntos pessoais com funcionários.

— Ava, acho que já está sabendo que Diana foi demitida. — Assenti. — Estamos no meio de um grande negócio e o futuro da Carter Inc. depende de uma reunião que acontecerá amanhã.

Com aquilo, a minha neura começou a tomar forma.

— Quão ruim é isso? Por favor, Vivian, seja clara comigo. Você sabe que eu não posso perder esse emprego — despejei com inquietação.

— A empresa está sendo vendida — disse olhando bem nos meus olhos, avaliando a minha reação.

— O quê?

— Calma, preciso que você guarde esse segredo por enquanto. Nos últimos meses, eu e o presidente fizemos reuniões com os demais empresários do país e até estrangeiros. A venda da empresa é real, mas estamos buscando alguém que não mudará a nossa dinâmica. Entendeu?

— Não — respondi piscando freneticamente.

— Buscamos por empresas que poderiam comprar a Carter Inc. sem que demitisse ou desfizesse tudo o que construímos nessa empresa até hoje. A empresa seria vendida, mas a única coisa que mudaria seria o dono. Consegue me entender agora?

— Sim, mas por que está me contando isso?

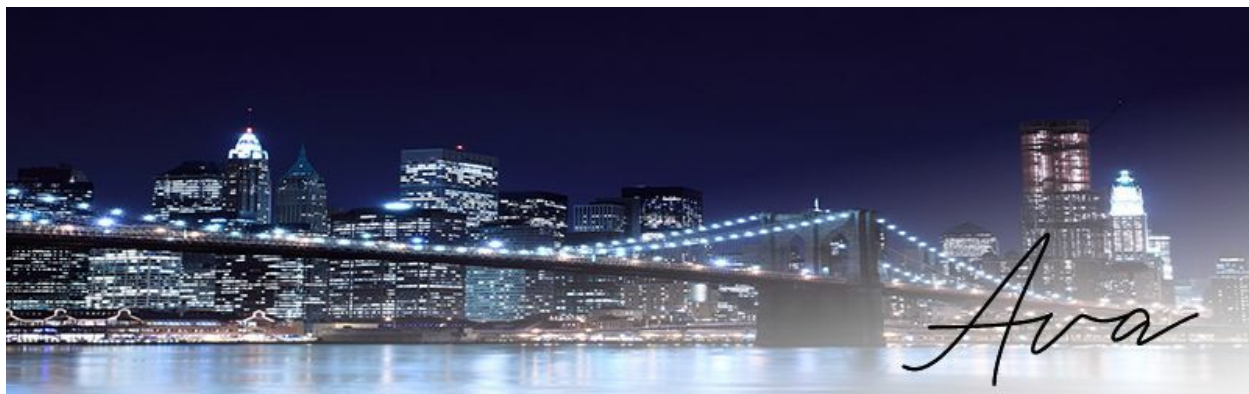
— Diana era uma das duas pessoas que eu confiava nessa empresa, a outra é você. — Respirei fundo, imaginando o que ela diria a seguir. — Eu estou te promovendo, Ava. Você tem a opção de não aceitar e continuar na

sua zona de conforto ou você pode ascender na sua carreira e lutar pela Carter Inc. comigo.

Ela abriu uma pasta de papel e indicou onde eu deveria assinar. Hesitei, porque eram informações demais e eu me via bem no olho do furacão. A oferta era tentadora, claro, mas não havia garantia nenhuma.

— Se não por mim ou por essa empresa, faça por eles — a voz de Vivian soou como uma súplica ao empurrar um porta-retrato para o meu campo de visão.

A foto de dois pequenos anjos foi capaz de acalantar o meu coração e a minha ansiedade em questão de segundos. Percebi que não era hora de retroceder, eu não deveria pensar somente em mim. O emprego de todos os funcionários dependeria de uma reunião da qual eu deveria participar e ajudar a persuadir o comprador a não sucatear a nossa empresa. No entanto, eu tinha uma razão maior, então, por Mason e Aiden, eu assinei.



CAPÍTULO 3

Após uma reunião intensa com Vivian, estava na hora de ir embora e descansar física e mentalmente para o dia de amanhã. Andando para o elevador, encontrei Tracy e Bonnie animadíssimas para a minha surpresa.

Nós já havíamos comemorado a minha promoção durante o almoço e não entendi o motivo delas terem me aguardado. Porém, observando o visual de Bonnie que tinha colocado a sua roupa mais ousada e um salto alto e Tracy com um vestido solto brilhante, eu me lembrei do que havia prometido a elas. Só que infelizmente hoje não seria possível, assim como das outras vezes.

Aproximei-me delas e soltei o ar com pesar.

— Acho que não aguento encarar uma boate lotada agora, meninas — falei encolhendo o corpo, sentindo-me culpada.

Dei o meu melhor olhar “Por favor, tenham pena de mim e me deixem ir embora”. Elas se entreolharam e depois semicerraram os olhos na minha direção.

— Não. Você não tem escapatória, querida. Não hoje — Tracy me intimidou balançando o indicador no alto.

— Qual é, Ava? Você acabou de ser promovida — Bonnie complementou cruzando os braços.

Fitei o teto e concluí que aquele era um bom argumento e, apesar de nossos empregos ainda estarem em risco, eu aceitei ir em nome da nossa

amizade.

— Tudo bem. Só vou trocar de roupa — ergui a sacola, encaminhando-me para o banheiro.



Um frio gélido passou pelo meu corpo ao me dar conta de que eu já conhecia aquela boate. Era a Fênix Club.

— Pensei que esse lugar era só pra gente rica e famosa — comentei alarmada para as duas mulheres na minha frente.

— E é, mas o primo do meu primo me ofereceu algumas cortesias.

Meu semblante murchou. Eu já não estava muito animada, agora teria que ficar na mesma boate que Dion me trouxe na nossa viagem a Nova Iorque.

— O que foi, Ava? Você está branca feito papel — Bonnie me fitou, preocupada.

— Eu já estive aqui.

— Com o Sr. Collins? — Fiz que sim com a cabeça, tentando não deixar que as minhas lembranças estragassem a noite.

As duas me consolaram, mas eu lembrei o motivo de estar ali.

— Isso não importa agora. Quero deixar tudo isso pra trás.

Eu já estava cansada de trocar os meus travesseiros devido aos choros noturnos. Eu estava cansada de achar que iria reencontrá-lo e que tudo ficaria bem. Eu já estava cansada de ser *tão* tola.

Tomei a frente e fui direto para a pista de dança. Eu não sabia bem como fazer aquilo, apenas deixei a música me levar.

Safe and sound começou a tocar e por um momento soube que estava no lugar certo.

Tracy chegou do meu lado balançando o corpo em um ritmo engraçado. Levantei as mãos para o alto e dancei, colocando em prática todos os passos de dança que eu fazia durante as faxinas do meu apartamento.

Bonnie me estendeu um drinque.

— Não tem álcool, tem? — Ela balançou a cabeça negando.

Peguei a taça e diminuí o ritmo dos movimentos, bebericando. Um homem passou por nós e depois voltou, olhando-me com mais atenção.

— Acho que eu conheço você — disse.

Ele realmente me conhecia. Aquele era o dono da boate. Dion havia nos apresentado.

— Acho que não — virei-me quase lhe dando as costas para dispensá-lo.

— Conheço sim, é difícil não lembrar de olhos como os seus.

Mesmo com as luzes psicodélicas da boate, ele ainda conseguiu reparar nos meus olhos?

— Desculpa, mas não — reforcei sem fazer contato visual.

— Tá interessado? — Tracy apareceu atrás dele. O homem ficou encabulado, porém balançou a cabeça em sinal positivo. — Qual é o seu número de telefone? Vou garantir que ela te ligue.

Eu queria sumir. A temporada de “Caça a um namorado para Ava Banks” estava reinaugurada.

— Garantimos sim, talvez você mostre a nossa amiga aqui que nem todos os homens são babacas — Bonnie endossou o pedido.

— Parece uma proposta atraente. Eu sou Dylan, a propósito — ele apertou a minha mão e as da dupla dinâmica que queria nos juntar. Depois sussurrou o seu número de telefone para Bonnie. — Está aí, então. Por favor, faça ela me ligar. E se precisarem de alguma coisa, podem me procurar também, eu estou aberto a reclamações e elogios dos clientes.

Ele falou a última parte olhando diretamente pra mim. Dylan era um homem bonito, não dava pra negar. Tinha cabelo ruivo, olhos azuis escuros e pele excessivamente branca. Lembrei-me de que o achei parecido com o príncipe Harry quando o vi pela primeira vez. Parecia ser um cara legal, porém eu não conseguia seguir em frente quanto a Dion. Mesmo depois de

quatro anos, a minha vida girava em torno dele.

— Ele deve ser gerente da boate, não é? — Tracy questionou quando Dylan se afastou.

— Ele é o dono na verdade — esclareci, percebendo o impacto daquelas palavras sobre elas.

— Ah, você vai ligar pra ele, sim! — Ambas espernearam batendo palmas. Balancei a cabeça dizendo que não, fazendo birra.

As minhas pernas imploraram para que eu dançasse quando Avicii começou a tocar.

— Obrigada! — Abracei as minhas amigas que me abraçaram de volta. — Vocês são as melhores amigas do mundo! — Gritei para que elas me escutassem alto e claro.

Eu estava certa de que faria aquilo mais vezes. A minha vida tinha se tornado um mar de responsabilidades e ter um pouco de diversão não soava tão mal agora.

Não foram poucas as vezes que eu percebi Dylan me olhando e, por incrível que pareça, o meu olhar procurava por ele, dando-me momentos constrangedores, porém ele não tentou se aproximar de novo e eu fiquei grata por isso.

Dançamos até o momento que eu decidi ir embora. As meninas me imploraram para ficar, mas insisti que precisava ir e elas sabiam o porquê. Pedi que aquelas malucas tivessem juízo e me afastei.

Antes de passar pela saída, eu me atentei para um homem alto vestindo terno encostado ao balcão, ele tinha uma morena espetacular a tira colo, alta, cabelos longos e usava um vestido que mostrava seus atributos, mas ao mesmo tempo evidenciava que ela não era para qualquer um. Por incrível que possa parecer, o homem a ignorava.

Entre as luzes da boate e a zoação dos clientes, eu fitei os lábios dele. Eram metidos e arrogantes e só eu sabia que prepotência e lábios eram uma combinação perigosa. Um arrepio subiu pela minha espinha e saí da boate cambaleante. Do lado de fora me dei conta de como estava sendo estúpida.

Não era a primeira vez e nem seria a última que eu via um homem parecido com Dion.

Peguei um táxi e parti para o meu apartamento no SoHo. Eu me sentia renovada, enxergando uma luz no fim do túnel. Saí de casa esperando mais um dia monótono e voltei com uma promoção e as energias recarregadas para a minha excepcional vontade de vencer. Paguei o motorista e subi para o meu apartamento – ele não era exatamente meu, mas eu me sentia imensamente feliz por pagar por um lugar bacana. Destranquei a porta, deparando-me com a senhora Woods assistindo a sua novela mexicana que reprisava todos os anos, e todos esses mesmos anos ela assistia como se fosse a primeira vez.

— Eles estão dormindo? — Perguntei depois de cumprimentá-la.

— Na hora que eu fui ao quarto, eles não estavam. — Deixei a minha bolsa em cima do sofá e tirei os saltos. — Como foi o dia?

— Diferente. — Mônica captou o meu otimismo e sorriu. — Aiden? Mason? — Chamei, andando pelo corredor.

Parei quando dois garotinhos vieram correndo na minha direção.

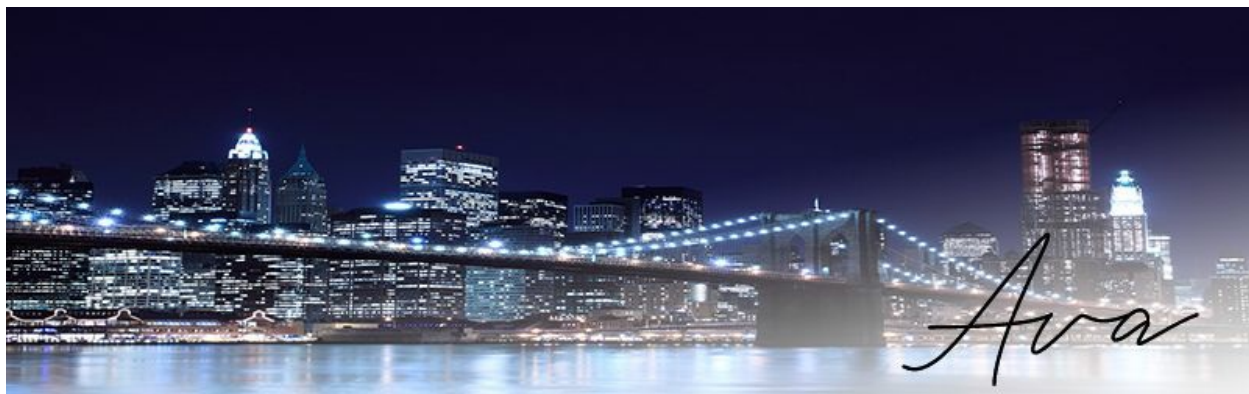
— Mamãe! Mamãe! Mamãe!

Agachei para segurá-los nos meus braços ao mesmo tempo e sentir o cheirinho deles.

Acariciei o rosto de Mason e depois o de Aiden. A emoção de vê-los alimentados e seguros depois do trabalho era o meu momento preferido do dia. Meus bebês eram o meu coração e alma fora do corpo. Por eles eu faria tudo.

Ao me tornar mãe, eu encontrei uma nova filosofia de vida. E eu sempre me lembrava disso quando as responsabilidades do mundo pesassem nas minhas costas.

Faça por eles.



CAPÍTULO 4

Gritei pela milésima vez segurando a beirada da maca. Minha garganta tinha uma ardência incômoda e eu sentia meus cabelos grudando na testa devido ao suor excessivo. Estava tudo dando errado e uma montanha de incertezas pesava na minha mente.

— Respire, Ava. Eu preciso que você respire! — O grito de Jenna me trouxe um grande alarde.

Eu já estava a ponto de desistir. Quanto mais eu tentava respirar, mais o ar me faltava e quanto mais força eu fazia, mais o meu corpo doía. Se eu soubesse que era tão doloroso dar a luz, nunca teria parado de tomar as malditas pílulas!

“Está tudo errado.”

Eu já estava a tempo demais em trabalho de parto, procedimento esse que ocorreria por cesárea quando chegasse a data certa, mas inesperadamente meus filhos quiseram vir ao mundo alguns dias mais cedo.

Jenna, que era médica obstetra e acompanhou toda a minha gravidez de perto, pediu a minha confiança. Ela poderia ter feito o aborto meses atrás, mas hoje ela seria a mão que daria a vida aos meus filhos. Bem, assim eu esperava. As coisas não estavam progredindo de maneira favorável pelo clima de preocupação dentro da sala.

Senti um aperto na mão e olhei pra cima. Quase não acreditei quando vi minha chefe pairando sobre mim.

— Vamos lá, garota. Respira! Um, dois, três... — Vivian me olhou com compaixão.

Ela parecia tão apavorada quanto eu, como um treinador à beira do campo apoiando o time que estava prestes a perder o campeonato. Aquele ambiente hospitalar não combinava com ela, mas mesmo assim Vivian optou por me dar suporte — novamente — em um momento crucial da minha vida. Tentei imitá-la, mas não pude afastar os pensamentos pessimistas da minha cabeça.

— Eu não consigo — sussurrei choramingando.

Encostei-me na cama, sentindo a exaustão me comandar.

— Ava, me escute — a voz de Jenna soou novamente. Ergui os olhos para fitá-la. — Você lembra da primeira vez que nos vimos? — Falei que sim. — E você lembra de quando eu te perguntei se você queria um emprego novo ou ser mãe aos vinte três anos, sozinha, sem dinheiro e sem a ajuda do pai? — Balancei a cabeça afirmando. — O que você me respondeu?

Desencostei da cama, apoiando meu corpo sobre os cotovelos.

— Eu respondi que não sabia como, mas eu buscaria forças para dar ao meu bebê uma vida melhor que a minha.

Não foi uma decisão fácil, mas naquele dia eu decidi que não desistiria da vidinha que crescia dentro de mim. Eu tentaria fazer tudo sozinha, sofreria primeiro antes que ele sofresse e, na pior das hipóteses, eu me rebaixaria e pediria ajuda do pai, fosse ele quem fosse.

Aquilo de alguma forma conquistou Jenna, a minha determinação. E foi aquilo que me fez agradecer a ela e a Vivian da única maneira que eu pude: trabalhando incansavelmente e sem aceitar regalias por causa da minha condição de grávida. O único dia que não cumpri a minha carga horária de trabalho foi o atual, onde as contrações ficaram insuportáveis e a minha bolsa estourou bem em frente à máquina de café, para desespero de meia dúzia de funcionários.

— É isso, Ava. Eu preciso que você me mostre essa força agora.

Respirei fundo algumas vezes, segurei mais forte na mão de Vivian e

empurrei. Não me dei por vencida até escutar o primeiro choro. Agudo e desesperado. E assim não tão de repente, eu já não estava mais sozinha no mundo.

Não foi fácil no começo. Uma mulher do interior de Massachussets na cidade mais populosa do muito, inexperiente e com duas crianças nos braços. Era para dar tudo errado, certo?

Não no meu caso.

Eu tinha o que poderia ser resumido em fada madrinha, duas, na verdade, que eram Jenna e Vivian. Jenna omitiu a minha gravidez para Vivian no começo e ela me contratou mesmo não indo muito com a minha cara, deixando claro que estava fazendo aquilo pela esposa. Elas praticamente me adotaram por saber que eu iria precisar de auxílio no começo e, quando a gravidez de gêmeos foi descoberta, eu fui convidada a morar com elas que já estavam com a vida praticamente estruturada em Nova Iorque.

Eu vivi com elas durante toda a minha gravidez e até alguns meses depois de dar a luz. Elas só me deixaram partir quando eu encontrei um lugar bacana para morar e estava recebendo o suficiente para pagar por uma babá.



Depois de vestir os gêmeos para a escola, eu fui para a cozinha, seguindo o rastro do cheiro de panquecas feitas pela Senhora Woods. Ela era viúva e os filhos a visitavam somente em épocas especiais. Monica Woods foi um achado. Babá e cozinheira de mão cheia e que ainda por cima morava no apartamento ao lado.

Mason veio correndo atrás de mim e logo depois Aiden apareceu.

— Cuidado, vocês dois! — Gritei quando eles passaram por mim feito um furacão.

Entrei na cozinha hipnotizada pelos quatro pezinhos balançando de forma distraída na cadeira. Mason e Aiden eram gêmeos idênticos. Ainda assim, eu conseguia ver que Aiden tinha o rosto um pouco mais cheio e Mason era alguns centímetros mais baixo que o irmão.

Durante a gravidez eu tentei, mas não consegui parar de pensar em

quem seria o pai deles. Um monstro ou o homem que destruiu meu coração. As opções não eram boas. Porém, antes de dar a luz, eu estava decidida que eu os amaria incondicionalmente e de forma independente. Eles eram meus e ponto.

Logo após o nascimento, eu percebi que meus filhos tinham olhos azuis, tão azuis quanto o fundo do mar. Aquela não era uma boa dica. Bruce e Dion tinham tonalidades de olhos azuis diferentes e nenhum era naturalmente escuro. As dicas começaram a ficar explícitas somente após o terceiro mês de vida dos gêmeos, onde eu percebi a textura de seus cabelos menos lisa e as orelhas um pouco mais descoladas da cabeça. Mas a prova cabal veio num domingo antes de um passeio pelo parquinho do quarteirão com Vivian e Jenna. Eu vi Aiden projetando sua boquinha pra frente de forma engraçada e Mason a imitá-lo, enxerguei ali a marca registrada do pai deles em seus pequeninos lábios prepotentes.

Naquele dia, eu soube que os meus bebês não eram filhos de um monstro.

As semelhanças deles com Dion só aumentaram com o tempo e eu não podia dizer que fiquei chateada por eles não terem nada da minha aparência. Mônica me disse que aquilo era resultado de uma gestação inteira odiando o pai das crianças e eu concordava com ela.

Às vezes, perguntava-me se Dion realmente achava que era estéril ou se ele definitivamente não queria filhos e inventou aquela história para se livrar de mim. Só sei que o meu conceito de recomençar, que eu tentava todas as manhãs, consistia em tirar Dion da minha cabeça, mas como poderia não pensar nele ou como eu poderia seguir em frente sendo que tinha duas cópias perfeitas dele correndo pela casa?

— Já estão prontos? — Questionei quando percebi que minha duplinha havia deixado o prato de lado.

— Mamãe, posso levar meu boneco do Naruto?

— E eu do Ben 10?

Balancei a cabeça enfaticamente, dizendo que não.

— Por favor — eles disseram juntos, levantando da cadeira para vir me

adular.

Olhei para a babá de relance, ela riu da cena. Logo eles estavam escalando o assento para me alcançar. Quando conseguiram, eu os aconcheguei no meu colo.

— Olhem pra mamãe. — Eles olharam e fizeram silêncio. — Aiden, o que aconteceu com o Ben 10 da última vez que ele foi passear na escola? — Meu menino me fitou com olhinhos tristes.

— Ele voltou sem a cabeça.

— Isso mesmo, e quanto ao seu boneco do Naruto, Mason? — Abaixou os olhos envergonhado.

— Ele não voltou.

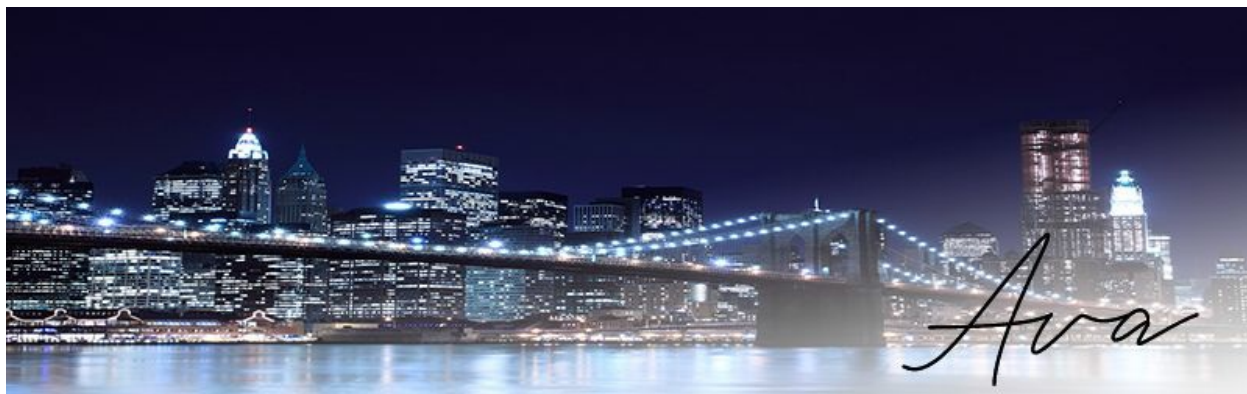
— Se vocês levarem seus bonecos hoje novamente e perderem ou voltarem com eles decapitados, eu não vou comprar outro, entenderam?

— O que é “depitacado”, mamãe?

Suprimi um riso com a tentativa dele de dizer “decapitado”.

— Esqueça isso, Maze, e podem ir lá pegar seus brinquedos.

Eles saíram correndo em direção ao quarto, então gravei na minha memória para deixar dinheiro reservado para comprar mais um boneco do Naruto e outro do Ben 10, sabendo que os atuais não passariam de hoje.



CAPÍTULO 5

Encontrei Vivian no hall do prédio da Carter Inc. enquanto lia os arquivos sobre a venda da empresa. Eu havia estudado os documentos praticamente a noite toda, mas ainda assim queria tirar algumas dúvidas antes da reunião.

— Ava, você ainda está lendo esses papéis? — Repreendeu-me antes de pegarmos o elevador.

— Qual o problema? Eles já chegaram?

— Deus me livre, ainda não. Só chegarão às dez horas. — Senti meu corpo relaxar, ainda teríamos algum tempo até a chegada do comprador.

— E o presidente?

— Ele não vem. A única coisa que ele fará é assinar o contrato de compra e venda. — Assenti com desagrado.

Enquanto subíamos de elevador, Vivian aproveitou para me dar algumas dicas de comportamento durante uma reunião daquele porte. Ela me disse que eu deveria arrumar a sala, disponibilizar todos os documentos referentes a pauta que seria discutida e que eu só podia abrir a boca para apresentar algum dado caso necessário ou quando a minha opinião fosse solicitada.

Obviamente, ela havia me preparado para tudo aquilo. Já estava ciente das coisas que poderiam ser levadas em consideração durante a reunião, assim como as nossas estratégias.

Sáímos no último andar, fui rapidamente preparar a sala de reunião. Fiz cópias dos documentos que Vivian havia me dado e ajeitei-os em cima da mesa em frente a quatro assentos: meu, de Vivian, do comprador e da executiva com quem Vivian manteve contato.

Por fim, liguei para a cozinha para assegurar que as copeiras fizessem café no horário da reunião, caso os nossos convidados pedissem. Apenas uma precaução.

Minha chefe estava fazendo anotações e lendo em voz alta tudo que nós tínhamos discutido no dia anterior. Conforme os minutos passavam, a minha ansiedade crescia. Eu não conseguia fazer minha mente sossegar, então passei a reler as minhas anotações. Foi só começar a ler que uma insegurança me tomou em cheio. Tudo o que estávamos fazendo e faríamos poderia ser em vão, além de depender muito do humor do comprador naquele dia. E eu definitivamente não podia perder aquele emprego.

Parei de ler ao ver um ponto de interrogação em cima do nome da empresa.

— Vivian, qual é o nome da empresa compradora? Aqui só aparece o número jurídico e, quando pesquisei na internet ontem, apareceu um nome estranho — indaguei após me lembrar que eu não sabia o nome da empresa com a qual iríamos nos reunir.

— São algumas letras engraçadas mesmo, acho que é VKN Incorporated. Você sabe como eu sou ruim de memória — ela conferiu e confirmou. — Sim, é isso mesmo. VKN Incorporated.

— Ok — anotei em um pedaço de folha em branco para não esquecer.

Houve um breve silêncio antes do celular de Vivian apitar e ela me olhar sombriamente.

— Eles chegaram.

Observei os papéis em meus braços e minha visão parou novamente na anotação do nome da empresa.

— VKN...

Por que aquelas letras soavam tão familiar?

— É, se eu não me engano, é a abreviação do sobrenome do dono. Aliás, ele é de São Francisco também.

— Como é? — Minha voz subiu algumas oitavas.

Vivian saiu da sala me deixando para trás. Fui correndo atrás dela para ouvir o que responderia.

— Sim, ele é de São Francisco igual você. Ainda não o vi pessoalmente, mas dizem que ele é um bilionário que não sabe mais onde enfia tanto dinheiro.

— Qual é o nome dele? — Perguntei com um imenso receio.

Parei ao lado dela a alguns metros da porta do elevador. Vivian não havia me dito que iríamos recepcionar o comprador ali. Escutei um pequeno toque e então as portas do elevador se abriram.

— Dion. Dion Volkmann — ela respondeu à medida que as portas deslizaram para revelar o que eu duvidaria se não visse.

Tudo aconteceu tão rápido, porém foi como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Por um segundo, fiquei incapacitada de mexer um músculo, sequer conseguia respirar. No momento seguinte, os sentidos vieram todos de uma só vez, balançando-me como um barquinho frágil num maremoto.

Permaneci parada e assustada. Tudo rodopiava ao redor enquanto meus olhos e os de Dion se atraíam feito ímãs.

— Ela está bem? — A mulher ao lado dele perguntou com semblante preocupado e só assim eu senti o chão abaixo dos meus pés.

— Desculpe, eu preciso ir ao banheiro — avisei Vivian.

Saí cambaleante dali, a procura do banheiro. Era a minha primeira vez naquele andar, a minha desorientação era quase cômica. Senti uma mão envolver meu braço com cuidado e me direcionar ao banheiro mais próximo. Eu sabia que era Vivian pelo bater dos seus Louboutins no piso.

Fui direto para a pia jogar água no rosto. Fiz com cuidado, minhas mãos estavam tão trêmulas. Tinha separado a minha roupa preferida para aquela reunião, uma camisa de cetim e uma saia lápis cor salmão. Não queria arruinar tudo.

— O que está acontecendo aqui, Ava?

— Eu não sei.

— Não sabe? O nosso cliente é a cara dos seus filhos e você não sabe de nada?

— Vivian, por favor. Eu preciso respirar — falei com dificuldade, sentindo-me sufocada.

— Certo, não vou te pressionar agora porque preciso de você nessa reunião. Consegue fazer isso?

Não, eu não conseguiria, mas não tinha escolha.

Ainda segurava a borda da pia firmemente quando a porta do banheiro se abriu de novo. A disritmia do meu coração voltou por um momento, achando que poderia ser Dion, porém vi que não era ele e o ritmo normalizou. Era a mulher que estava no elevador com ele e que havia me perguntado se eu estava bem depois da loucura que tinha acabado de acontecer.

— Com licença — ela entrou sem jeito —, o senhor Volkmann pediu para conferir se está tudo bem.

— Está sim, Lauren — Vivian respondeu por mim. — Já estamos indo, não é mesmo, Ava?

Dei uma última olhada no espelho, sentindo os olhos de Lauren me analisando. Lavei e enxuguei minhas mãos e me virei para ambas.

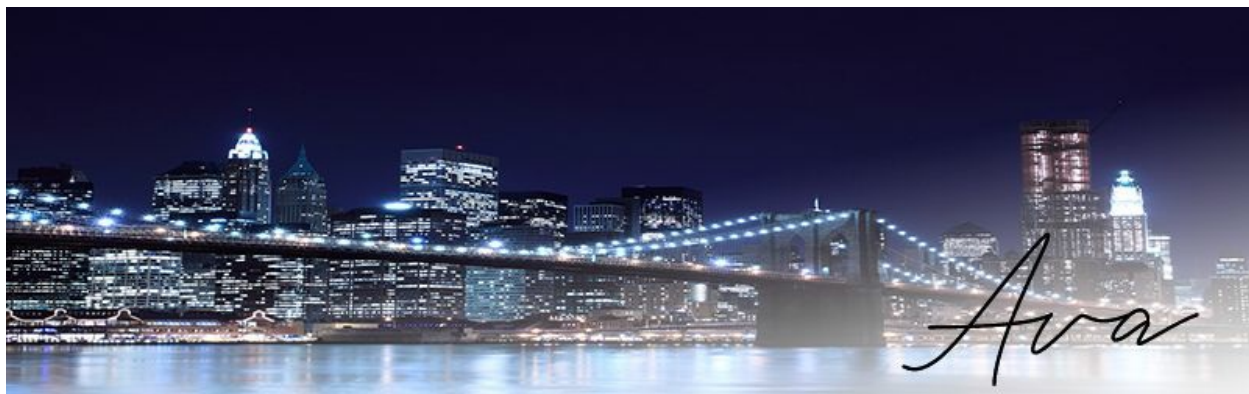
— Sim, vamos lá.

— Depois da reunião, eu quero você na minha sala para me explicar o que diabos aconteceu agora há pouco — Vivian cochichou, com Lauren longe.

Era válida a solicitação dela, mas eu iria enfrentar problemas maiores agora. Já imaginava as conversas que teria com Dion, as explicações que teria que dar a ele sobre os gêmeos e a suposta traição.

Hesitei antes de entrar na sala de reunião. Na minha mente, ali não era um território executivo e sim um campo de batalhas. Eu odiava me sentir

vulnerável da forma que estava naquele momento, mas como deveria me sentir entrando numa guerra sem nenhuma arma? Era aquilo que eu iria descobrir.



CAPÍTULO 6

Entrei na sala atrás de Vivian com os olhos baixos e sem olhar para os lados. Sentei no lugar reservado a mim rapidamente enquanto minha chefe cumprimentava Dion. Concentrei-me brevemente para acalmar a minha respiração. Se eu não fizesse aquilo, ficaria parecendo alguém se afogando em desespero.

Os outros integrantes da reunião deram início aos trabalhos. O meu coração dava um pequeno baque toda vez que escutava a voz de Dion, mas eu não fui capaz de olhá-lo.

Fiquei a maior parte do tempo com o antebraço apoiado na mesa com alguns papéis entre eles, olhando para a janela que se estendia à minha frente. Como eu poderia pensar em outra coisa se Dion estava ali? O homem que jurei meu amor. O homem que me salvou e depois me descartou tão facilmente como um saco de lixo. O pai dos meus filhos.

Dei um sorriso aflito, sem acreditar onde eu havia me metido.

A conversa fluía entre os três, não consegui acompanhar. Só conseguia sentir o olhar de Dion em mim, despedaçando-me vagarosamente. Ao menos era isso o que eu pensava. Dei uma olhadela para a cabeceira da mesa só para ter certeza e lá estavam aqueles olhos que não me deixavam dormir tranquila à noite em um olhar matador, não sei se no bom ou no mau sentido. Se fosse para apostar, eu apostaria na segunda opção.

Endireitei-me na mesa e comecei a prestar atenção na conversa de fato. Não queria que Dion pensasse que eu estava afetada com a sua presença.

— Realmente entendo o seu ponto de vista, Lauren, no entanto a Carter Inc. já está solidificada como uma das melhores empresas de logística dos Estados Unidos.

— Eu sei disso, Vivian — sorriu como alguém que não iria se dar por vencida tão cedo. — A Carter Inc. é grandiosa e foi isso que nos chamou atenção. O problema é que nós não queremos manter mais uma empresa. E colocar o comando dessa em mãos desconhecidas não seria um bom negócio para o senhor Volkmann.

A mulher olhou para Dion procurando por sua aprovação, mas o encontrou olhando pra mim. Ela seguiu o rastro dos olhos dele e me encontrou também. Como num passe de mágica, a sua expressão mudou de encanto para desagrado. Eles tinham algo. Definitivamente, Lauren e Dion tinham algo.

Uma sensação ruim queimou dentro do meu peito.

— Essa empresa tem tradição, uma ótima relação com instituições internacionais e...

— Pode ser ótima em tudo, mas não é a melhor — Lauren cortou minha chefe e o que mais me irritou foi o fato de Vivian não ter rebatido.

Por que ela estava sendo tão conivente com aquilo?

Vivian era a pessoa mais sagaz que eu conhecia. Ela carregava a Carter Inc. sozinha em seus ombros há pelo menos dois anos, que foi quando o nosso presidente simplesmente resolveu nos dar as costas. Foram poucas as vezes que pude participar de uma reunião em que ela estava presente e nunca a vi baixar a guarda como estava acontecendo hoje.

Talvez fosse a presença de Lauren, a executiva era tão perspicaz quanto Vivian, mas não sabia ao certo. Ela sempre usava um tom irritante na voz como se achasse ser superior. Vivian não suportava ser tratada daquela maneira, provavelmente ela estava se segurando para não falar cobras e lagartos para nossa *querida* Lauren.

— Eu concordo com Lauren — ouvi a voz de Dion se erguer. O rosto da executiva se iluminou e eu quis enfiar o dedo na garganta para vomitar. — A única forma que vejo de manter a empresa como está, seria construir uma

projeção de lucros maior do que a VKN Incorporated ganharia com a venda dela — ele pareceu perceber a tensão entre Lauren e a minha chefe.

Segurei o meu olhar nele por um tempo, perguntando-me quando ele se tornou aquele homem que só pensava em lucros. Talvez ele não tivesse mudado, talvez sempre fora assim, afinal, Dion era banqueiro.

Vivian analisou os papéis à sua frente e lamentou. Era isso? Tínhamos perdido?

Soltei o ar, vendo que Lauren se preparava para o bote final.

— Essa é a proposta de compra aprovada pelo Sr. Volkmann. Iríamos apresentar para o presidente da empresa se ele estivesse aqui — Lauren mostrou o documento a Vivian e ela ficou exasperada.

— Vocês realmente não querem um “não” como resposta, não é mesmo?

— É isso. Alguém tem mais alguma coisa pra falar? — Lauren perguntou.

Ela olhou em torno da sala e parou seus olhos em mim como se me desafiasse.

Não me deixei intimidar. Se Vivian não queria tirar uma carta da manga, eu tiraria então. Não tínhamos mais nada a perder àquela altura do campeonato.

Mantenha suas pernas no lugar, Ava!

O alerta da parte lúcida da minha mente não surtiu efeito.

— Bem, eu tenho.

Levantei-me e olhei diretamente para Dion. Ele se mexeu na cadeira e me olhou como alguém observando um tsunami se aproximando.

— Se a VKN pensa unicamente em lucros, nós podemos dar isso a vocês — falei de uma forma natural que demonstrasse que eu fazia aquilo o tempo todo. — Nós temos um presidente que aparece na empresa a cada três meses. — Percebi Vivian tampando a boca em choque. Eu sabia que não podia falar mal do presidente, mas ele era um babaca totalmente

antiprofissional e a Carter Inc. estava indo por água abaixo por culpa dele. — E, mesmo assim, nós somos a segunda empresa de logística mais procurada em território americano. Imagine se tivéssemos um presidente comprometido com as metas da empresa?

— O senhor Volkmann já tem um banco para administrar — Lauren respondeu incomodada, levantando-se também.

— Mas eu não estou falando dele. — Olhei para Vivian que parecia não acreditar no que estava acontecendo. — Eu estou falando dela.

Vivian e Dion se levantaram e todos naquela sala ficaram se entreolhando confusos.

— O senhor disse pra fechar negócio a qualquer custo — a executiva cochichou para o chefe ao perceber que ele estava em dúvida.

Dion colocou as mãos nos bolsos da calça – ele não havia perdido aquele hábito – e continuou me encarando.

— É uma manobra bastante arriscada, senhorita Banks. — Lauren suspirou com cisma. — Isso exige confiança de ambas as partes e não estou certo disso — a forma que ele falou deu um toque pessoal demais à conversa.

Vi-me discutindo a relação na frente da minha chefe e a provável namorada do meu ex. Aquilo estava parecendo uma das cenas da novela mexicana que a Senhora Woods assistia.

— Pode haver confiança se ambas as partes forem verdadeiras perante o contrato. — Os olhos deles cresceram feito luas tingidas de azul.

Os seus lábios, lábios esses que um dia percorreram todo o meu corpo, se formaram no sorriso mais perverso que eu poderia ver um dia. Dion estava sendo instigado pela ex-namorada que o traiu com o irmão – isso na visão dele. Era o meu futuro em suas mãos e em hipótese alguma ele iria perder a chance de brincar com isso.

Dion desviou os olhos para Vivian.

— Você está disposta a assumir a presidência da Carter Inc. e me apresentar resultados superiores ao do concorrente?

Minha chefe titubeou, havíamos considerado diversos desfechos, mas

nunca passou pela nossa cabeça a possibilidade de a reunião terminar daquela forma.

— Eu assumo com todo o amor e dedicação que eu tenho por essa empresa.

Ele voltou os olhos pra mim.

— Quando fecharmos negócio com o presidente, nós entraremos em contato com maiores detalhes.

Minha chefe concordou e eles se cumprimentaram. Dion me deu um último olhar e se encaminhou para a porta com Lauren bufando às suas costas.

— Ava, o que você acabou de fazer? — Vivian olhou pra mim e vi estampado nela um tipo de preocupação que ela não deixava transparecer facilmente.

— Tentar trazer um pouco de justiça pra dentro dessa empresa? — Falei como se aquilo fosse óbvio, e era pra mim.

— Eu não estava preparada pra isso e eu simplesmente não podia dizer não.

— Eu sei que não devia ter feito isso sem a sua aprovação, mas era isso ou nada, Vivian. Nós tínhamos perdido.

— Mas você assumiu um compromisso praticamente inatingível, Ava. Eu não sei se eu sou capaz...

— O quê? Meu Deus, Vivian. Se existe alguém que pode fazer essa empresa crescer o tanto que ela merece, essa pessoa é você — eu estava ficando assustada, nunca vi Vivian insegura daquela forma. — Pode dar certo, pode ser que não dê, mas, de qualquer forma, nós vamos trabalhar duro como sempre fizemos.

Ela respirou e se acalmou aos poucos.

— Tem uma coisa que você precisa me explicar direito. Dion sabe de Mason e Aiden?

— Não — sussurrei. — Ele sabia da minha gravidez, mas não achou

que fosse dele.

— Você tentou contato com ele alguma vez depois de saber que os meninos eram dele? — Balancei a cabeça em negativa.

Minha chefe me olhou aterrorizada. Ela sabia o quão grave era aquilo, eu também.

— Devo achar que ele nos deu essa chance por sua causa?

— Como você já deve saber, nós não terminamos muito bem. — Vivian deu de ombros.

— De qualquer forma, você surpreendeu todos aqui nesta sala. Você lutou bravamente pela nossa empresa, Ava. Sabe o que isso significa, não sabe? — Assenti.

Eu era uma gladiadora agora. Pelo menos tinha um motivo para me vangloriar naquele dia.

Vivian pediu licença para ligar pra Jenna e contar sobre a reunião. Eu fui direto para a minha sala que, na verdade, era um cubículo minúsculo e mal iluminado. Ela ainda não tinha a minha personalidade.

— Então é aqui que você esteve esse tempo todo? — A voz de Dion surgiu assim que abri a porta.

Congelei no lugar, literalmente. Apenas ergui os olhos procurando de onde a voz vinha. Ele estava próximo a pequena janela com os braços cruzados. Caminhou na minha direção e parou bem diante de mim. Minhas mãos começaram a tremer só de estar a sós com ele novamente.

Com Dion mais perto, eu pude perceber que ele parecia ter envelhecido mais do que os anos que se passaram e, pior, o desgraçado estava ainda mais bonito do que eu me lembrava.

Fechei meus olhos para conter aquele momento de euforia.

— Qual o seu interesse em saber onde eu estive ou deixei de estar? Por que isso agora, Dion? — Mapeei o terreno.

Observei seu maxilar se contraindo.

— Achei melhor não começar com as perguntas que eu queria te fazer

de fato.

Pensei que teria tempo para me preparar e lidar com a chegada inesperada de Dion, mas pelo visto precisaria ter aquela temida conversa ainda hoje.

— Você quer conversar? — Ele assentiu prontamente. — Certo, mas esse é um ambiente empresarial, não serve para uma troca de farpas entre uma ex-prostituta e um banqueiro.

— Me diz então o horário e lugar?

Fechei meus olhos e raciocinei rapidamente.

— Virando o quarteirão tem um bar executivo. Você pode me encontrar lá depois do expediente. — Se iríamos conversar, eu gostaria que não fosse ali e sim em um lugar neutro.

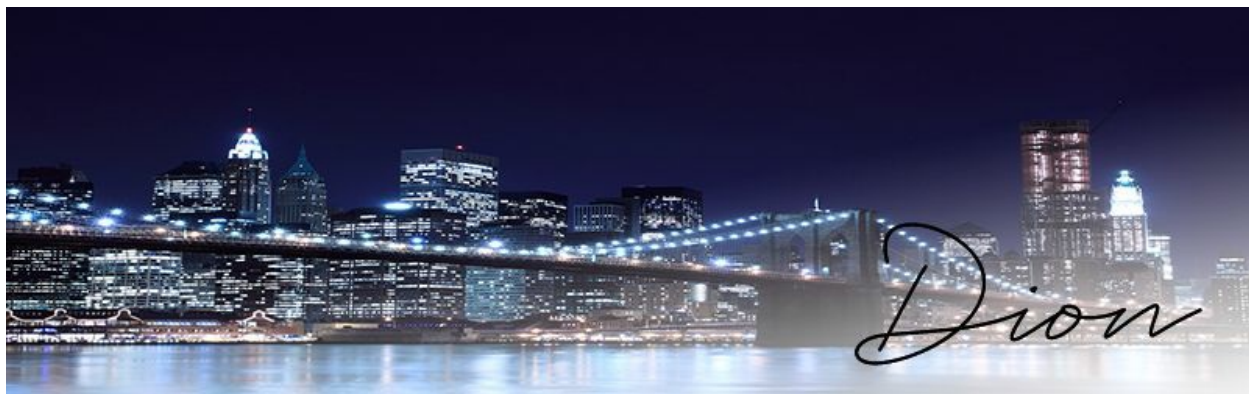
Abri a porta para que ele saísse e eu me livrasse do ambiente pesado que havia ficado. Eu não estava pronta, mas concordava que nós precisávamos conversar sobre muita coisa.

Antes de sair, Dion deu mais um pequeno passo na minha direção, cobrindo-me com a sua estatura, e roçou seus dedos levemente nos meus, o suficiente para despertar um carnaval de sentimentos em mim.

Ele amoleceu a expressão e quase vi a sombra de um sorriso ser formado em seus lábios.

— É bom te ver, Ava.

Fiquei imóvel até ele passar pela porta. Só então eu pude respirar.



CAPÍTULO 7

— Eu vou me encontrar com ela hoje — o telefone tremia em minha mão. — Na verdade, eu já me encontrei.

Afrouxei o nó da gravata, uma vez que a senti me estrangulando. Eu estava dentro do carro voltando pra casa após a reunião. Os prédios lá fora pareciam apenas borrões e se confundiam com os meus pensamentos.

— Que ótima notícia! Você chegou a conversar com ela? — Dr. Parker perguntou do outro lado da linha.

Aquele era o primeiro contato com ele desde a minha mudança para Nova Iorque. Combinamos que durante aquela transição manteríamos contato por telefone até que eu encontrasse outro terapeuta que pudesse lidar com os meus problemas.

— Sim, ela trabalha na empresa que eu vou comprar.

Carl dirigia pelo caos que era o trânsito de Nova Iorque, tive sorte de conseguir trazê-lo comigo, pois eu estava longe de querer depositar a minha confiança em um motorista desconhecido.

— Poderia o destino ser mais conspirador, Dion?

Eu não diria conspirador, diria traumático. Quando eu poderia imaginar que encontraria a mulher que deixou o meu coração em pedaços naquele lugar, daquela forma?

Minha mente repassava a todo o momento a forma como ela se ergueu

para lutar pelo seu emprego. Ava estava mudada e eu com certeza gostava mais de sua nova versão.

O carro entrou na garagem subterrânea. Fui direto para o elevador privativo do meu novo prédio.

— Você está bem?

— Estou bem, doutor, eu só não sei o que fazer ou como reagir quando eu me encontrar com ela de novo.

— Primeiro, você precisa relaxar e organizar tudo o que você quis perguntar a ela durante esses quatro anos. Agora você tem chance de obter respostas.

Pensei no que eu perguntaria primeiro. Talvez se foi divertido brincar com meus sentimentos daquela maneira.

— Eu sei no que você está pensando agora, Dion, e vou te dizer o óbvio. Se você ficar de sentimentalismos, esse reencontro não vai terminar bem. Por isso, respire, conte até três e deixe que ela conduza a conversa. Deixe que ela conte a sua versão e só depois você aprofunda o diálogo dizendo como você se sentiu traído e humilhado e, se achar que o terreno está favorável, conte a ela que você perdeu Camille no mesmo dia que ela foi embora.

O doutor estava muito otimista, achando que uma conversa havendo morte e traição seria favorável. Subi as escadas do apartamento duplex que eu havia comprado e fiquei parado diante da minha cama.

— Faça isso e, quando terminar, entre em contato comigo para podermos analisar a situação. Precisa de mim para mais alguma coisa? — Respondi que não e desliguei.

Tirei o paletó junto com a gravata e observei ao redor. Eu não reconhecia aquele apartamento como lar ainda, tive pouco tempo pra tal. De qualquer forma, nunca seria mesmo. Nos últimos anos, eu descobri que ter um lar é muito mais do que ter um teto sobre a minha cabeça.

O prédio do Banco Volkmann e da VKN Incorporated ficaria pronto em breve, então, por enquanto, eu trabalhava em casa. Desci e fui para o

escritório. Lá eu tentei de todas as formas focar na montanha de trabalho que precisava fazer, mas os meus pensamentos sempre fugiam para um lado.

Ava.

Deitei minha cabeça sobre a mesa, pensando em como a vida foi pontual em me dar uma rasteira. Logo agora que eu tinha decidido seguir em frente e esquecer o que aconteceu.

Foi a primeira vez em anos que eu estive diante de Ava e precisei me controlar para que eu não a tocasse da forma que queria ou perguntasse que porra ela estava pensando quando deixou Bruce atrapalhar o que a gente tinha.

Liguei para Vivian, a então diretora da Carter Inc., perguntei a ela algumas bobagens antes de perguntar quando o expediente da diretoria terminava, ela respondeu que não havia horário certo, mas na teoria era às cinco horas da tarde.

Olhei para o relógio do computador, eram pouco mais de onze da manhã ainda. Coloquei as mãos atrás da nuca e deixei minha cabeça cair sobre elas. *Merda de relógio!*



Após as quatro da tarde, eu tomei banho e chamei Carl. Pedi que ele me levasse ao bar que Ava havia mencionado. Fiquei esperando no carro até que ela aparecesse. Distraí-me com as músicas da rádio local, fugindo da ansiedade que só crescia. Pouco depois das cinco, pude perceber uma figura pequena e elegante entrar no estabelecimento.

— Aquela é a Ava? — Carl perguntou alarmado.

— Sim. — Ele me deu uma boa olhada como se digitalizasse a minha expressão facial.

— Boa sorte, garoto.

Pulei pra fora do carro e fui em busca de respostas.

Dentro do bar, o ambiente era muito agradável. Estava quase cheio de marmanjos engravatados e mulheres em vestimenta empresarial. Escaneei o

local para, no fim, encontrar Ava de costas em uma mesa afastada da algazarra.

Aproximei-me dela, sentindo uma tensão estranha tomar conta dos meus músculos.

— O que você tem a dizer sobre isso? — Deslizei em cima da mesa o bilhete que ela tinha me deixado.

Ava me olhou assustada, depois puxou o pedaço de papel para si. Puxei uma cadeira e me peguei a analisar suas feições.

Estar frente a frente com ela era um turbilhão de emoções. Raiva, dor, rancor. Mas também era como se eu tivesse encontrado a peça faltante da minha vida.

— Isso foi quando eu queria desesperadamente que você acreditasse em mim.

— Agora você não quer?

— Eu finalmente entendi que as coisas acontecem por uma razão e o que aconteceu entre a gente me trouxe até aqui.

A sua voz não vacilou em nenhum momento, mas os seus olhos... os olhos não transmitiam a mesma segurança.

— Então, você não se arrependeu? É isso que está tentando me dizer? — Perguntei para tentar decifrá-la.

— Eu estou tentando dizer que não importa mais o que aconteceu porque eu consegui chegar onde eu sempre quis.

Umedeci meus lábios, incomodado com o teatrinho bem à minha frente.

— Por que você está mentindo? — O desconforto possuiu seu corpo.

Ava suspirou, jogando o cabelo para trás. O cheiro que emanou dela me fez sentir como um viciado em abstinência. Aquele pensamento era horripilante, no entanto era exatamente assim que eu me sentia, um viciado exposto a sua droga favorita. Não havia mais nada que eu pudesse comparar para expressar a minha fissura naquela mulher.

— Não importa o que eu te diga, você não vai acreditar em mim mesmo.

Recolhi o bilhete em cima da mesa e o rasguei lentamente.

— Tente.

Ava mordeu os lábios e me olhou. Vi toda aquela aparência de mulher decidida se desfazer em ruínas e uma nova, de vulnerabilidade, ser formada.

— Primeiro de tudo, eu nunca traí você.

Eu queria rebater e dizer que sim, ao que tudo indicava ela me traiu, mas me lembrei do que Dr. Parker me disse: “respire, conte até três e deixe que ela conduza a conversa”. Permiti que ela continuasse.

— Por que eu faria isso? Eu amava você mais do que tudo que há nesse mundo. Eu nunca, nunca machucaria você, não depois de tudo que você fez por mim.

Um sorriso sem graça escapou da minha boca.

— Eu te procurei depois daquela noite, mas você não estava em lugar nenhum. Por que você fugiu então?

— Tive medo de que você não acreditasse em mim, como está acontecendo agora. E eu não podia ficar naquele apartamento mais nem um dia, eu... A minha cabeça estava uma bagunça, eu não sabia o que fazer.

Seus olhos brilharam de apreensão. Desviei para a janela para não olhar. Era difícil não acreditar nela daquela forma. No entanto, eu precisava manter meus pés no chão. Havia muitas perguntas sem resposta.

— Você disse que me amava, mas ficou grávida de outro homem. Qual é o nome disso? Aliás, o que você fez com a criança que me disse que estava esperando? — Observei o movimento de sua garganta engolindo seco. — Pelo menos havia uma criança?

Ava desviou o olhar novamente e procurou as palavras certas.

— Bem, eu... — ela fechou os olhos fortemente, entendi o que estava se passando.

— Você abortou, não foi? — Interrompi, fazendo-a arregalar os olhos.

— Qual seria o propósito de dar a luz a uma criança se você não poderia ganhar rios de dinheiro com a pensão do pai? Era esse o seu propósito o tempo todo, não era?

Ela me fitou furiosa.

— Foi pra isso que você pediu pra se encontrar comigo? Pra me mostrar o quão cruel você pode ser?

— Eu estou aqui pelas respostas que *você* disse um dia que iria me dar. E a questão em pauta é que você ficou grávida e eu não posso ter filhos!

Como era ruim admitir aquilo.

Vi nela a imagem do constrangimento.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Depois daquele dia, eu saí procurando qualquer profissional que pudesse me dar uma opinião diferente, mas a cada diagnóstico igual ao anterior, a esperança se esvaía até não sobrar nada. Eu queria, por Deus, Ava, como eu queria acreditar em você.

— Você está errado. Estão todos errados — ela disse confiante, enxugando o rosto.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo, Dion!

— Então me diz como você supõe que eu acredite em você sendo que todas as circunstâncias apontam o contrário, Ava?

— Não é algo que eu consiga te provar assim tão facilmente. Eu não esperava te ver tão cedo, muito menos hoje.

— Então me explique. — Ela abraçou o corpo em ação defensiva. — Ou confesse que você não tem nada a dizer porque é tudo verdade.

Eu estava cansado de vê-la dando voltas e mais voltas sem responder o que eu havia perguntado.

— Não posso fazer isso... — disse, querendo se levantar. Ela era a personalização da angústia naquele momento. — Não agora.

— O quê?

— Tudo o que você fez até agora foi me acusar. De que adiantaria te explicar alguma coisa? — Sua voz estava exaltada. — E não, eu não vou confessar nada, porque eu não te traí!

A minha paciência já havia se esgotado assim como a dela. Eu conseguia ver o plano do Doutor Parker indo por água abaixo.

— Traiu sim, Ava! Você era uma *prostituta*, caso não se lembre!

Minha voz subiu mais que o necessário. As palavras flutuaram pelo ambiente já que toda a algazarra se dissipou e cada rosto cansado e bêbado parou para nos observar.

Eu queria engolir cada letra de volta, mas era tarde demais.

Ava me olhou incrédula, com a decepção descendo pelo seu rosto em forma de lágrimas. Antes que eu pudesse pedir desculpas ou contornar a situação, ela saiu correndo em direção à saída. Passei as mãos pela cabeça, pensando que merda havia acabado de fazer.



Com um copo de uísque na mão, eu olhei para a tela de celular que se acendeu ao receber uma mensagem.

Mercer Street, SoHo, Edifício Philip, apart. 34

Eu pedi para Carl descobrir o endereço de Ava somente para alguma emergência e não para que eu fosse atrás dela, batesse em sua porta e me ajoelhasse pedindo perdão.

Não, de forma alguma eu faria aquilo. Bufei. Mas talvez eu devesse ir lá só verificar se ela chegou bem. *Isso mesmo. Perfeito.*

Minha mente me recriminava a cada segundo pelo que eu fiz com ela. Chamá-la de prostituta no meio de um bar lotado foi uma péssima forma de mostrar a minha impulsividade.

Levantei do sofá e senti uma pequena vertigem passar por mim. Olhei para a garrafa de uísque vazia em cima da mesinha e entendi o porquê.

A campainha tocou, fazendo minha cabeça latejar. Voltei ao sofá com a incapacidade de permanecer em pé. Julia, a governanta, foi atender. Segundos depois, ouvi a voz de Lauren. Apertei meus olhos em descrença.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei, colocando a mão na testa como se eu pudesse deter a dor de cabeça.

— Eu vim discutir aqueles contratos com você, não está lembrado? A gente combinou isso — sentou-se ao meu lado.

— Sim, combinamos, mas não hoje e muito menos no meu apartamento.

— Por que você está bebendo?

Senti a mão de Lauren escorregar pelas minhas coxas. Segurei seu braço e o soltei em seu colo.

Era fácil explicar como o meu corpo reagia a Lauren: ele não reagia, simples. E aquilo a irritava de uma forma tão grande que ela decidiu não sair mais do meu pé até que eu cedesse a seus encantos.

— Por que você está me afastando? — Vendo que não iria obter uma resposta, ela continuou. — É ela, não é?

— Ela quem?

— A garota da reunião. — Abri meus olhos em alerta.

— Desde quando isso te diz respeito?

— Desde quando você me prometeu que iria tentar esquecê-la. Se eu bem me lembro, foi você que pediu minha ajuda pra conseguir isso.

Não podia negar aquilo. Há alguns meses tinha decidido seguir em frente, aceitei as investidas de Lauren, deixei que o tempo falasse por si só. Agora precisava admitir que falhei.

— Eu não tenho por que falar sobre essas coisas com você, Lauren.

— Sei lá, é estranho pensar nela e você juntos. Ela é tão “básica”. — Mesmo sem olhar pra ela, eu conseguia imaginar a sua expressão de tédio.

— Deve ser por isso que você não conseguiu nada de mim até hoje.

— Pode até ser, mas quem vai estar aqui quando ela te decepcionar de novo vai ser eu.

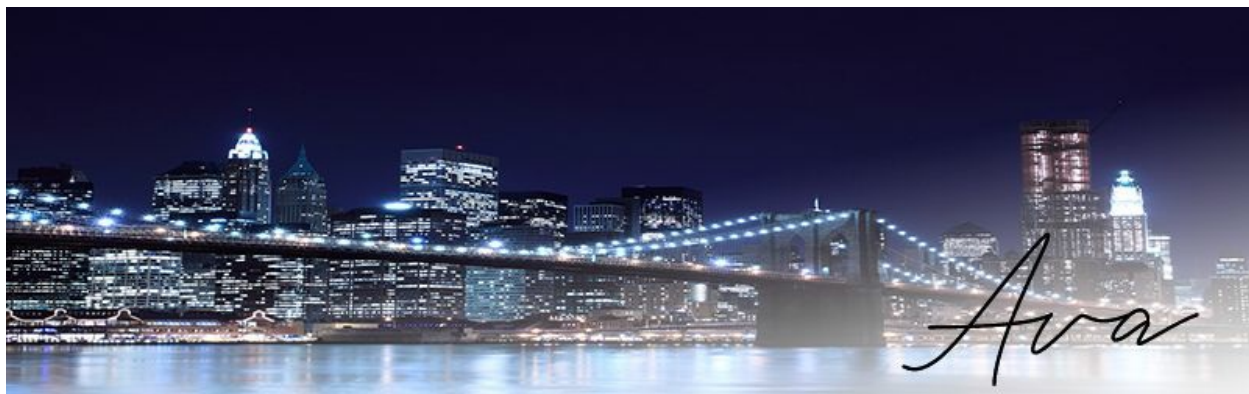
— Se você quiser continuar a ter um emprego, saia daqui agora mesmo — ameacei.

Insatisfeita, vi Lauren se levantar e sumir atrás da porta. Cambaleei em direção ao bar e abri outra garrafa de uísque. Depois peguei o elevador e desci até o subsolo.

Carl tentou disfarçar o nervosismo quando me viu chegar na garagem.

— Pra onde, senhor?

— Aquele endereço que você me mandou mais cedo — respondi, dando um gole na garrafa que eu trazia comigo.



CAPÍTULO 8

Deitei na cama depois de fazer os gêmeos dormirem. Sabia que não teria a mesma proeza. Um dia atrás eu estava trilhando o difícil caminho de tentar varrer Dion da minha mente e agora ele estava de volta à minha vida, em carne e osso e trazendo mais problemas do que eu conseguia lidar.

Por um breve momento, pensei que poderíamos ser civilizados e resolver nossas diferenças para oferecer o melhor para nossos filhos, porém nunca cogitei que veria o meu passado sendo trazido à tona em um ambiente cheio de pessoas de forma tão cruel.

O que foi tudo aquilo? Parecíamos duas crianças com a idade dos gêmeos.

Só houve retrocesso numa situação que já não era boa. Dion tinha guardado uma grande quantidade de rancor dentro de si, ele criou a situação “Ava traidora e exploradora” e a alimentou por quatro anos. Eu sabia exatamente o que fazer para destruir aquela minha imagem distorcida, o problema foi que eu sequer tive chance de introduzir o assunto “estupro + filhos gêmeos”. Dion não me deu abertura para tentar mostrar a ele uma visão diferente das coisas em meio a tantas acusações.

Para ser sincera, nem sabia como abordar aqueles assuntos em um bar executivo. Deveria ter me dado o tempo necessário para saber a melhor forma de contar a Dion aquilo tudo. Afinal, só contar não seria suficiente, eu teria que provar da forma mais didática possível.

Ainda imersa em pensamentos, escutei a porta do meu quarto ranger –

eu nunca a deixava completamente fechada. Instantes depois, senti quatro mãozinhas envolverem cada lado do meu corpo.

— Tá dodói de novo, mamãe? — Era a voz cheia de preocupação de Aiden.

Algumas vezes era difícil esconder o meu abatimento deles. Peguei uma mão cheia de dedinhos e levei até a boca, enchendo-a de beijos.

— É, acho que a mamãe está dodói, meu amor.

— Onde que está doendo, mamãe? — Quem perguntou agora foi Maze.

— Aqui — falei, colocando a mão sobre o coração sem conseguir segurar o choro.

Aiden e Mason acariciaram o meu rosto e o meu cabelo da mesma maneira que eu fazia quando eles estavam doentes. E durante muito tempo, fiquei ali sob a administração do melhor remédio que uma mãe com o coração partido poderia querer.



O toque estridente da campainha do apartamento me fez despertar com um pulo. Após olhar no celular, vi que eram dez da noite. Desvencilhei-me com cuidado dos corpinhos que me abraçavam, olhei para o meu conjunto de moletom e não me preocupei em trocá-lo. Com certeza era a senhora Woods que devia ter esquecido algo e voltou para pegar.

Abri a porta e não vi ninguém. Dei um passo para fora e enxerguei Carl no topo da escada. Franzi a sobrelancelha em confusão. Fiquei sem entender nada até que o motorista indicou o outro lado com os olhos. Quando olhei para o local, vi Dion apoiado na parede, com dificuldades de se manter em pé. Havia uma garrafa de uísque no chão, então pude entender o que estava se passando.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei cruzando os braços.

— Ah... — ele ficou um longo tempo pensando no que diria. O cheiro de álcool subiu forte no ar. — Eu vim ver se você chegou bem em casa.

— Como você soube que eu moro aqui?

Será possível que ele me seguiu?

Dion esticou o pescoço para olhar para dentro do apartamento. Fechei a porta atrás de mim na mesma hora.

— Cadê ele?

— Ele quem? — Rebatí com o coração em disparada.

— Seu namorado. Me deixe falar com ele. Quero saber se ele te trata bem, já que eu claramente não consigo fazer isso — sua voz arrastada assumiu um tom melancólico.

— Não tem nenhum homem na minha casa e acho melhor você voltar para a sua — pedi, sem querer prolongar aquela discussão.

Estava certa de que nunca tinha visto ele tão bêbado quanto estava agora.

— Mas por quê?

— Porque você está bêbado, Dion! — Falei como se estivesse dando um sermão em um dos meus filhos.

— Eu posso dormir no seu sofá, por favor... Eu só quero... ficar com você.

O quê?

Ele veio com toda a sua estatura me abraçar e eu fiz o mesmo, caso contrário ele iria se esborrachar no chão. Fitei a expressão engraçada do motorista.

— Por que você fez aquilo comigo, Ava? — Ele questionou no meu ouvido. — Só me diz o porquê...

Pude perceber a sua voz mudando como se ele não tivesse colocado uma gota de bebida na boca. Afastei ele, mas ainda assim consegui ver a desolação em seus olhos que me fez querer puxá-lo de volta e falar que nada era o que parecia. Como ele era cabeça dura e estava bêbado, eu me contive.

Pedi para que Carl o levasse embora, antes que os gêmeos acordassem

e conhecessem o pai daquele jeito. Dion relutou e resolveu ir embora somente depois que eu prometi que conversaríamos amanhã.

Voltei para dentro. Antes de deitar, eu analisei a situação. Por que as coisas entre nós não poderiam ser menos complicadas?

Aninhei-me com meus meninos e passei a imaginar como seria se eu e Dion não tivéssemos nos separado. Durante aqueles anos, eu sonhava com diferentes versões e finais alternativos para a nossa vida. O fim era sempre feliz, possivelmente porque no fundo eu sabia que nunca conseguiríamos ser felizes juntos.



Acordei tomando cuidado para não esbarrar o cotovelo ou o joelho na minha duplinha que ainda dormia. Antes do banho, conferi meu celular. Ainda estava cedo, mas havia algumas mensagens de Vivian avisando que a compra da Carter Inc. estava sendo finalizada naquele instante e que Dion solicitava a presença de todos para que ele tivesse uma reunião com cada setor e explicasse as novas diretrizes.

Dei pulinhos de alegria por saber que a compra da empresa era uma realidade e que tínhamos chance de manter o emprego de todos. Meu humor logo foi embora quando me lembrei que durante algum tempo eu teria que encarar Dion perambulando pelo meu local de trabalho.

O homem tinha aparecido na minha porta totalmente embriagado. O que ele queria? A humilhação de me chamar de prostituta não havia sido suficiente? Um sorriso escapou do meu rosto quando imaginei a cara de ressaca dele dando palestra para os funcionários.

Liguei para a Senhora Woods pedindo que ela viesse mais cedo. Tomei banho e me arrumei. Dei um beijo em cada bochecha gorducha dos gêmeos dorminhocos e saí quando a babá chegou.

Cheguei na Carter Inc. passando na diretoria antes de subir para o andar da presidência para falar com minhas amigas.

— Oh, olha ela aqui, Tracy. — Fiz uma careta quando percebi que a recepção não seria como imaginava.

— Olha só quem apareceu! Senhorita Ava Banks... — Tracy se aproximou cruzando os braços. — O que você vai nos explicar primeiro? A venda da empresa ou sobre os seus filhos parecerem clones do novo dono?

Meu Deus, o meu cérebro não estava dando conta de tanta encrenca que eu precisava resolver.

— Err... Ok. Eu fiquei sabendo da venda da empresa no mesmo dia em que fui promovida e, como vocês devem imaginar, eu não podia falar para ninguém.

— E?

— E sim, Aiden e Mason são filhos de Dion Volkmann que vocês conhecem como Sr. Collins. — Aguardei que elas falassem algo, mas não aconteceu devido ao choque de seus rostos. — Podemos conversar depois?

Saí ao receber um leve menear de cabeça delas.

Peguei o elevador e subi para o último andar para procurar Vivian. Ainda não sabia qual seria a minha função naquele dia caótico. Logo o elevador se abriu e meus olhos caíram na sala do presidente da empresa. Antes de abri-la, eu vi a maçaneta girar e Andrew sair lá dentro.

Meus olhos rolaram pra cima de forma automática e, como um reflexo, ele fez o mesmo. Atrás dele eu vi Vivian, Lauren, o antigo dono e o atual, Dion. Este último abriu espaço entre os demais e chegou mais perto de mim, olhando-me de uma forma indecifrável.

Eu conseguia ver os vestígios de uma ressaca intensa em seus olhos, porém ele estava disfarçando bem.

— Merda, vai começar tudo de novo — a fala coberta de insatisfação do advogado não foi o suficiente para Dion tirar os olhos de mim.

— Eu preciso falar com você — ele disse afinal.

As pessoas que estavam ali logo se dispersaram. Momentos depois, vi-me sozinha com Dion na sala da presidência.

— Você ao menos percebe como isso soa estranho para as pessoas lá fora? — Questionei de forma não muito amigável, apontando para a porta.

Era estranho tratá-lo com indiferença, porém mais estranho seria se eu o tratasse bem depois de tudo.

— Não tenho que dar satisfações pra ninguém.

— Nem pra Lauren? — As palavras escorregaram da minha língua tão facilmente que não fui capaz de deter.

Dion me olhou com mais cuidado. Ele se ergueu diante de mim como fosse me cobrir com sua estatura, foi assustador até ele tocar a minha mão. E, de repente, assim como num passe de mágica, parecia que nada tinha mudado, nenhum segundo parecia ter se passado desde o momento que eu o tive sob a minha pele.

— O que você quis dizer com isso?

— Que você e Lauren tem algo. — Ele concordou com a cabeça.

Senti minhas pernas fraquejarem. Então era verdade?

— Você tem razão. Nós temos algo sim. Nós temos uma quase saudável relação de patrão e empregado.

— Quase?

— Sim, ela está tentando mudar isso — provocou.

— E você não?

Ele contraiu a boca.

— Depende do meu humor.

Uma imagem de Lauren entre as pernas dele dando-lhe prazer se materializou na minha mente. Ficou claro que ele a usava como válvula de escape para os seus dias mais tediosos.

Afastei a mão dele e cruzei os braços.

— O que você quer de mim?

— Eu queria te pedir desculpas — suspirou, exalando remorso.

— Hum, por ter me xingado em um bar lotado ou por ter aparecido na porta da minha casa bêbado?

O remorso dele virou nervosismo. Eu sabia bem que ele não gostava de ser posto contra a parede.

— Eu não deveria ter feito aquilo, a culpa foi toda minha.

— Concordo.

Voltei-me para a janela dando as costas pra ele.

— Por que você não facilita as coisas pra gente, Ava? — Percebi a alteração em sua voz.

— O quê? Você quer que eu massageie o seu ego e assuma a culpa por tudo que aconteceu no passado?

— Não, eu só quero que me dê uma razão para acreditar em você.

Pensei em despejar na cara dele que ele havia me dado duas crianças maravilhosas e que o seu irmão havia me violentado da forma mais covarde possível, mas não, eu queria tocar naqueles assuntos com um terreno preparado e não durante uma discussão no meu trabalho.

— Para isso, você teria que confiar em mim e ter a capacidade de saber me ouvir.

— Eu confio, Ava. Tanto é que eu comprei essa empresa e a estou colocando nas mãos de uma pessoa que eu nunca vi na vida para salvar seu emprego.

Um sorriso incrédulo surgiu nos meus lábios.

— Para salvar meu emprego ou me manter sob seu controle? — Os olhos dele encontraram os meus, mas vi eles brilharem com ofensa.

— Entenda como quiser — ele fez uma pausa. — Então eu devo acreditar que, quando eu saía do apartamento que você morava, Bruce já estava à espreita para fazer o mesmo caminho que eu fazia pelo seu corpo? — O desgosto estava estampado em seu rosto. — É nisso que você quer que eu acredite?

Meu estômago ameaçou embrulhar com as lembranças do pesadelo invadindo a minha mente. Balancei a cabeça como se aquele gesto pudesse desfazer as memórias.

— Então me diz, o que aconteceu? — Dion se aproximou e tocou meu queixo levemente, trazendo-o para cima. — O que está te afligindo, Ava? Me deixe saber, por favor.

— Você vai ter que ver a verdade com os seus próprios olhos. Pra ser bem sincera, você está muito longe de merecer isso, mas infelizmente esse não é um caso de merecimento. — Dion fechou o semblante, pronto para contra-argumentar. — Mas pode ficar tranquilo, quando for o momento certo, eu te aviso.

— O que é tão complicado?

— O fato de isso não ser mais sobre eu e você.

Enquanto Dion tentava achar sentido no que eu disse, a porta da sala se abriu com urgência e Lauren passou por ela. Ele se afastou de mim rapidamente e examinou a executiva com um olhar tempestuoso.

— Desculpe interromper, mas os funcionários do RH já estão te aguardando para a primeira reunião, Sr. Volkmann — a voz de Lauren assumiu um tom furioso por trás do tom profissional.

Dion me arrastou um olhar de desculpas enquanto deixava a sala. Depois que ele passou pela porta, eu me movi para sair também, porém Lauren a fechou antes, deixando apenas eu e ela no local.

Olhei em seus olhos castanhos escuros e selvagens. Analisei a sua estatura e, *droga*, ela era muito bonita. Eu não poderia culpar Dion por estar com ela. Lauren era o tipo de mulher que faria até um robô sentir tesão.

— O que você está fazendo? — Perguntei já sabendo que ela queria confusão.

Lauren saiu de perto da porta, encarando-me, e cruzou os braços após eu cruzar os meus.

— Dion e eu nos conhecemos há poucos meses e durante esse tempo eu tive que lidar com o fantasma de uma mulher de seu passado. Uma mulher que o traiu, que o humilhou de diversas formas, mas por incrível que pareça ele não consegue esquecer a *maldita* cadela.

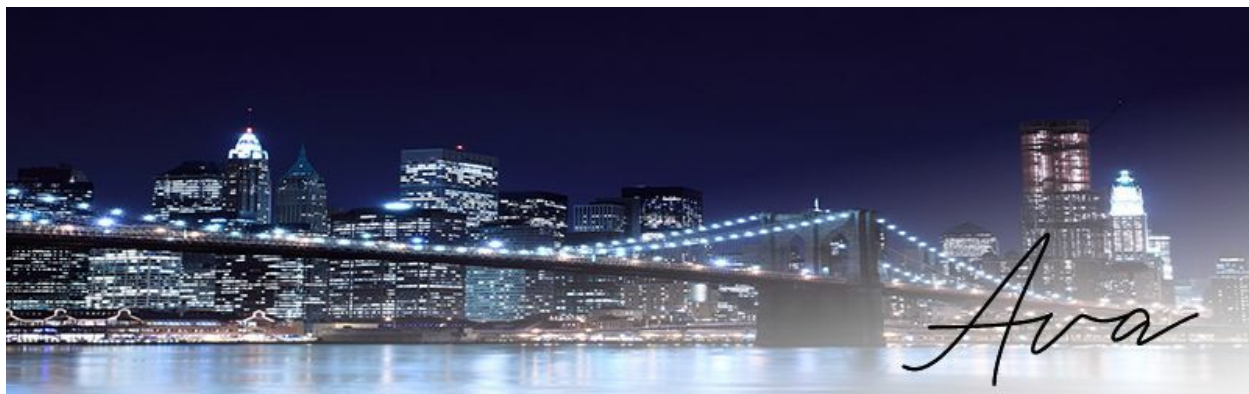
Meus olhos se arregalaram diante da ousadia daquela mulher.

— Por que está me contando isso?

— Porque talvez você conheça essa mulher, e eu realmente espero que conheça, para dizer que a vez dela já passou. É a minha vez agora.

Lauren saiu triunfante e eu fiquei na sala querendo explodir de tanta raiva.

Como se eu já não tivesse problemas o suficiente, agora tinha que adicionar uma mulher ciumenta no meu pé.



CAPÍTULO 9

Eu ainda preciso falar com você.

A mensagem que surgiu na minha tela de celular não estava assinada e era de um número desconhecido, mas eu suspeitava de quem era. Não respondi.

Voltei aos meus afazeres, mas a minha mente resolveu não me acompanhar. Com Vivian se tornando presidente, eu exerceria um papel ainda maior dentro da organização da empresa. Aceitei de bom grado o desafio, o meu único medo era ter menos tempo para os meus filhos.

— Com licença, será que a nova secretária da presidência pode nos receber? — A cara de Tracy espiou pela porta, atrás dela estava Bonnie.

— Claro — levantei.

Elas abriram os braços para me receber. Aquelas mulheres eram o meu ponto de referência ali dentro. O meu confessionário, minhas conselheiras.

— Já estamos sabendo que deu tudo certo na reunião, mas e quanto a você?

— Eu estou bem — respondi com um sorriso falso.

— Ava... — Bonnie me fitou com ternura. — Nós somos as suas melhores amigas, você não consegue esconder nada da gente.

— Vamos almoçar daqui a pouco e você vem junto para tirar esse peso do seu coraçãozinho, tudo bem? — Assenti para Tracy.



O restaurante mexicano próximo da Carter Inc. era um dos meus lugares favoritos em Nova Iorque. Diante de tantas opções, eu me vi descontando a ansiedade na comida.

— Ei, querida... — Bonnie me chamou de volta pra Terra. — O restaurante não vai sair do lugar. Amanhã ou mês que vem, quem sabe, você volta para terminar com o estoque de nachos.

Vi o braço roliço de Tracy retirar discretamente o prato da minha frente.

— Chega de comer e vamos conversar — decretou.

— O que vocês querem que eu diga? Eu reencontrei o pai dos meus filhos. É isso — descansei meu rosto entre as mãos.

— Pai dos seus filhos que é dono de metade dos Estados Unidos e agora é o dono da nossa empresa também.

— Sem falar que ele é o homem mais *gostoso* que eu vi na minha vida — Bonnie completou, sonhando acordada.

— Nos conte como foi?

— Ah, Tracy, depois de quatro anos, eu achava que nunca mais o veria. Foi um choque quando o vi dentro do elevador, mal consegui me manter em pé.

— E ele?

— Ele me reconheceu na hora e ficou tão perdido quanto eu.

— Ouvi dizer que ele e a executiva gostosona estão de rolo.

— Já estou sabendo disso — deixei meus ombros caírem em desânimo ao lembrar a conversa com aquela vaca.

Vaca? Estranhei meus pensamentos.

— E agora, como vai ser? — Bonnie abriu bem os olhos, esperando pela resposta.

— Eu vou tentar conversar civilizadamente com ele. A nossa primeira tentativa foi desastrosa. Na segunda, não houve diálogo porque ele estava bêbado e hoje não conseguimos falar direito porque eu não quis tocar no assunto em ambiente de trabalho. Mas vou tentar isso pelos nossos filhos. — Estiquei a mão para pegar outro nacho. — Agora que ele está aqui, eu quero que Dion conheça os gêmeos, porém não vou cobrar qualquer responsabilidade dele. Não quero prendê-lo.

— Você nem mesmo quer ele de volta?

Não podia negar que queria, mas queria somente a parte boa. O carinho, o desejo que incendiava. A falta de confiança e de empatia eu descartava.

— Eu e Dion já tivemos bons momentos juntos, mas agora parecemos dois estranhos — aquela era uma triste verdade. — Tem dois dias que eu o revi e já aconteceu tanta coisa.

Onde você está?

Podemos ao menos almoçar juntos?

Aquelas mensagens me deixaram desconfortável perante a conversa e as meninas perceberam.

— É ele?

— Por favor, Tracy. Onde está a sua bola de cristal? — Zombei por ela sempre saber de tudo.

Bonnie deu sua risada de porquinho, fazendo-me rir também.

— Olha, Ava, homens como o Dion não ficam atrás de ex como cães farejadores.

— Ele não está atrás de mim por isso que você está pensando. Dion está à procura de explicações e eu realmente devo algumas a ele.

O que aconteceu agora?

Podemos conversar no meu apartamento para que eu não fale nenhuma besteira em público se é esse seu medo.

Ignorei as duas mensagens recebidas.

— Você precisa falar com ele sobre os gêmeos, não é? Argh, queria estar lá quando você disser que a “condição de estéril” dele te deu dois principezinhos.

— Sim. Se há uma coisa que eu preciso falar com ele, é sobre os nossos filhos.

E eu ainda não sabia como fazer aquilo. Precisava conversar com meus bebês antes de tudo para preparar suas cabecinhas cheias de expectativas.

— E se ele for um pai maravilhoso, te pedir perdão, se ajoelhar e lambe seus pés?

Engasguei ao imaginar a cena de Dion lambendo meus pés.

— Meu Deus, Bonnie. Não!

— O quê? Você não iria querer ele de volta?

O meu celular tocou em cima da mesa. Encerrei a ligação quando percebi que era o mesmo número das mensagens.

Por favor, fale comigo!

— Na verdade, é o contrário. Eu só não quero dar espaço para ele entrar no meu coração novamente.

O meu querer estava condenado desde o começo. Eu nunca quis me apaixonar por ele. Eu nunca quis amá-lo. Eu nunca quis precisar dele. Ou seja, o meu querer não servia de nada.

— Então, nesse caso, eu vou apresentar uma solução para os seus problemas.

— Parece interessante — coloquei as mãos sobre o queixo, aguardando o que viria a seguir.

— D-Y-L-A-N — Tracy soletrou e Bonnie empurrou o seu aparelho celular com o número dele na tela.

Cerrei os olhos na direção daquelas doidas.

— Há quanto tempo vocês duas estão tramando isso?

— Desde o dia que conhecemos o príncipe Harry americano.

— Espere aí, não existe uma regra que diz que não devemos esquecer um macho com outro macho? — Perguntei fingindo confusão.

— Você não será a primeira e nem a última a fazer isso, querida. Agora, para de arrumar desculpa e grava esse número no seu celular.

Fiz o que Tracy me orientou, já pensando em apagar o número mais tarde.



Nunca pensei que ser secretária da presidência me daria tanto trabalho. E agora em plena sexta-feira, eu era uma das poucas pessoas no prédio. Tracy e Bonnie já deviam estar em casa, Vivian tinha acabado de ir embora. Fiquei para organizar a papelada gerada com a transição de poder. Só queria chegar em casa e ter uma boa noite de sono se aquilo fosse possível.

Disquei o número da babá depois de juntar as minhas coisas.

— Oi, Mônica, está tudo bem?

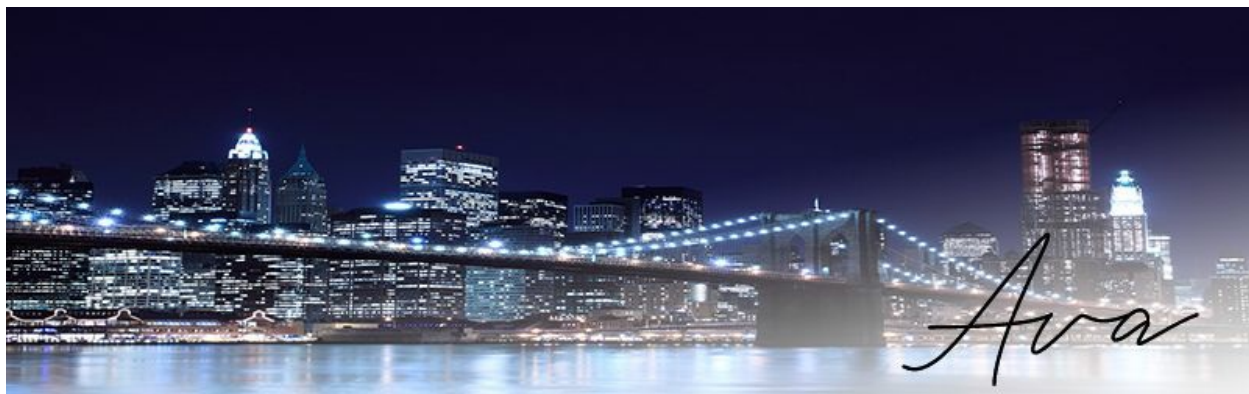
— *Está tudo ótimo.*

— E os meninos?

— *Os meninos acabaram de jantar, estão vendo desenho.*

— Que bom, daqui a pouco eu chego em casa — avisei.

Peguei minha bolsa e parti para o elevador. Ele demorou algum tempo até chegar e, quando chegou, eu me arrependi de não ter pego as escadas.



CAPÍTULO 10

Atrás das portas estava Dion. Logo imaginei que o dia deveria ter sido pesado, pois ele parecia bastante cansado.

— Entre aí — pediu, segurando o elevador após perceber a minha hesitação. — Não vou te morder.

— Nem o seu cão de guarda? — Dei um passo, averiguando o elevador.

— E quem seria o meu cão de guarda?

— A bonitona que vive te seguindo. — Ele deu uma risadinha sem vergonha.

— Não sei, nem quero saber.

Entrei no elevador, tendo consciência de que lamentaria amargamente.

— Dia difícil? — Perguntei, tentando ser simpática.

— Não, apenas cansativo — olhou-me depois de apertar o botão no painel. — E o seu?

— Também.

Que diálogo mirabolante é esse?

Onde está o rancor?

Vamos lá, Dion. Seja um babaca!

Olhei para frente e tentei estimar até qual andar a filosofia de boa vizinhança iria durar. Como previsto, Dion apertou algum botão que fez o elevador parar e cruzou os braços, olhando pra mim.

— O que foi dessa vez?

— Eu estive a tarde inteira refletindo sobre o que eu deveria fazer pra você se abrir comigo.

— E o que concluiu? — Tentei não fazer contato visual.

— Eu percebi que quando uma coisa não está dando certo, a gente precisa voltar ao começo para tentar encontrar o erro.

— Conseguiu descobrir?

— Vamos ver — ergueu os ombros. — Você ainda me ama? Alguma vez me quis por perto nesses últimos anos?

— Não — balancei a cabeça. — Não mesmo. — Voltei-me para a frente para esconder o quão nervosa eu estava.

Dion caminhou para perto de mim e, a cada passo dele, parecia que o meu coração iria falhar e eu iria morrer ali mesmo. Que droga! Como ele vai acreditar em mim daquele jeito?

— Tem certeza, Ava?

Fui para o fundo do elevador até encontrar a parede.

— Tem certeza de que não tem saudades do meu corpo sobre o seu? Ou da forma que eu te pressionava na mesa da cozinha? — O ar faltou a cada vez que ele falava aquelas atrocidades.

A reação do meu corpo foi a melhor ou pior possível dependendo do ponto de vista. Foi como abrir uma torneira que estava travada há quatro anos entre as minhas pernas.

Dion colocou os braços na parede do elevador ao meu redor, mantendo-se muito perto. O calor que emanava do seu corpo era um teste psicológico para que eu não o agarrasse e montasse em cima dele até a minha libido vir a zero.

— Ou da minha boca trilhando as suas curvas até você gritar o meu

nome? — Ele puxou o meu rosto pra cima e aproximou os seus lábios dos meus. Fechei os olhos, aguardando aquela boca prepotente sentir o meu gosto. Segundos se passaram sem que nada acontecesse. Abri meus olhos e caí na realidade nua e crua. Ele não iria me beijar, fez aquilo de propósito. — Você pode não me amar, mas o seu corpo diz o contrário — falou, distanciando-se. Endireitei-me e cruzei os braços para não deixá-lo se aproximar de novo, sentia-me mal por ter dado abertura a ele. — Você está mentindo de novo, e foi isso que nos matou, Ava. A falta de confiança.

Sem conseguir dizer nada, fiquei imóvel aguardando os segundos pra me libertar daquela tensão.

Dion respirou fundo, esticou o braço e apertou o botão, fazendo o elevador andar novamente. Fomos até o fim calados, mas a vontade era de gritar. Eu não gostava daquele clima.

Logo que o elevador chegou no hall, esperei que Dion saísse primeiro. Ele hesitou, olhando-me brevemente por cima dos ombros. Devolvi o olhar, tentando achar a resposta para uma dúvida: o que ele queria?

Prendi o ar ao ouvir sua voz novamente.

— Houve apenas duas pessoas que eu amei incondicionalmente nesse mundo. Eu consegui perder as duas. Uma se foi pra sempre, mas a outra, eu sou capaz de tudo para tê-la de volta.

Absorvi aquelas informações observando-o ir embora. Eu precisava dizer algo pra ele. Qualquer coisa. Sentia que precisava dizer alguma coisa.

Deixei o elevador e corri atrás dele.

— Você está livre no domingo?

Foi a primeira coisa que me veio na cabeça.

— Por quê? — Ele me olhou com um ar arrogante, achando que estava por cima.

— Porque precisamos conversar — frisei o “conversar” caso ele interpretasse o convite de outra forma.

— Tenho muita coisa pra fazer no fim de semana.

— Sério? Você tem agenda para seguir até no domingo? — Ele balançou a cabeça.

Os fins de semanas dele eram melhores comigo. Ah, com certeza que eram.

— Eu gostaria que você fosse na minha casa. — Virei-me para pedir um táxi, depois olhei pra ele novamente. — É importante.



O sábado passou num piscar de olhos. Fiquei praticamente o dia todo no parque com os gêmeos. No domingo, Jenna e Vivian nos fizeram uma grata visita.

— Cadê aquele pinguinho de gente que eu tenho como afilhado? — Perguntou Vivian ao me cumprimentar.

Apontei para o quarto e ela seguiu pelo corredor procurando as crianças. Era um supassumo ver a transformação de Vivian, minha chefe, para Vivi, minha amiga e madrinha de Mason.

— Ava, como está? — Um sorriso surgiu instantaneamente no meu rosto ao ouvir a voz de Jenna.

— Ah, meu Deus! Que saudade de você — abracei-a forte.

Jenna fazia um plantão atrás do outro e era raro ela vir nos visitar.

— Dindinha? — Aiden cutucou a perna dela esticando os braços.

— Oi, meu amor. Nossa, como você está grande! — Ela o pegou em seu colo e o mimou como sempre fazia.

Sentamos no sofá quando os meninos se distraíram com os brinquedos.

— Você já resolveu aquele assunto, Ava? Sexta-feira Dion ficou louco procurando por você na empresa. Ele disfarça muito mal — Vivian deu uma risadinha.

— Eu encontrei com ele algumas vezes, mas nossas conversas estão acontecendo de forma tão inesperada. E não, eu ainda não contei pra ele.

— Por que não? — Jenna perguntou preocupada.

— Porque eu precisava preparar os gêmeos primeiro e também porque tenho medo do que possa acontecer. Até achei bom que vocês vieram hoje para me orientar melhor.

— Com o quê, por exemplo?

— Questões jurídicas — tentei disfarçar a minha ansiedade. — Vocês acham que Dion poderia tirar os meus filhos de mim?

Elas se entreolharam.

— Só se acontecer alguma coisa muito grave que a justiça veja que você não tem condição de criá-los.

— É o que eu também penso, no entanto Dion tem dinheiro. Ele pode ter um tribunal inteiro nas mãos se quiser.

— Olha, Ava, eu não pensaria assim. Acho que a relação de vocês será saudável pensando no bem dos garotos — minha chefe tentou me tranquilizar.

— Mas e se ele não gostar da ideia de eu ter escondido os filhos dele por três anos?

— Espere aí, você não escondeu nada. Você disse a ele que estava grávida. Essa responsabilidade não é sua, ele que decidiu dar as costas para você, não o contrário — Jenna ponderou novamente.

As nuvens de incerteza que me rondavam se dissiparam completamente.

— Obrigada — apertei as mãos das duas. — Eu precisava ouvir isso.

— Você não está sozinha nessa, Ava — Vivian acrescentou.



Houve apenas duas pessoas que eu amei incondicionalmente nesse mundo. Eu consegui perder as duas. Uma se foi pra sempre, mas a outra, eu sou capaz de tudo para tê-la de volta.

Lembrei das palavras de Dion, elas ecoavam na minha cabeça. Duas mulheres, uma se foi pra sempre? Quem era essa mulher, um antigo amor?

Ela estava morta?

Peguei o celular e joguei o nome de Dion na busca, talvez eu conseguisse aquela informação sem ter que perguntar-lhe diretamente.

Os primeiros resultados eram sobre a sua transição para Nova Iorque e a compra da Carter Inc. Bufei quando apareceu sites de fofocas especulando o relacionamento com a “grande executiva” Lauren Fox.

Rolando a página, uma notícia me chamou atenção: “O natal em São Francisco nunca foi o mesmo desde que perdemos a grande socialite Camille Turner”.

As minhas mãos começaram a tremer e, com muita dificuldade, eu consegui clicar no link. Abri a notícia com medo de descobrir que era a Camille que eu conhecia.

“Há exatos quatro anos, nas primeiras horas do dia 25 de dezembro, a sociedade californiana perdeu um dos seus pilares. A ex-esposa de Paul Volkmann e mãe de Dion Volkmann, do banco que leva o seu sobrenome, era uma estimada advogada e assistente social cuja necessidade de ajudar o próximo a levou a criar projetos humanitários como a Cuidar.”

Encarei o telefone sem conseguir ler mais nenhuma linha. As letras na tela embaçaram com a minha vista se enchendo de lágrimas. Comecei a imaginar a dor de Dion ao perder a própria mãe. Eu sabia como era, dilacerava, drenava as esperanças. Meu coração partiu mais uma vez quando eu me dei conta de que a morte de Camille foi na madrugada de Natal, horas depois de eu ter fugido, deixando-o para trás acreditando que eu havia lhe traído com a pessoa que ele mais odiava no mundo.

Abracei meu corpo em cima da cama, perguntando-me como as coisas chegaram a tal ponto. Em meu coração havia uma ferida gigantesca, mas eu nunca tinha parado pra pensar que o coração de Dion poderia estar machucado também. Acima de tudo, doía saber que eu nunca mais veria Camille com uma taça de champanhe entre os dedos, chamando-me de querida e me confidenciando seus desalentos.



Eu estava na cozinha observando os gêmeos de longe. Eles ainda estavam sonolentos após o cochilo da tarde daquele domingo. Preparei um bom lanche pra eles com muito cereal e frutas. E agora eu precisava ter uma conversa séria com os meus filhos de três anos.

Fui ao quarto e peguei uma caixinha no meu guarda roupa onde guardava algumas fotos e a cópia do álbum deles.

Desliguei a televisão sob protestos e pedi para que eles se sentassem no sofá lado a lado. A minha sorte era que meus meninos eram obedientes. Retirei uma foto da caixinha e me agachei na frente deles depois de depositar um beijo em cada narizinho.

— Sabem aquela figura alta e forte que vocês tanto reclamam que não tem?

— Um papai, mamãe? — Aiden perguntou, esperto como sempre.

— Isso mesmo, um papai. — Mostrei a foto para eles. Era uma das que eu tinha tirado com Dion ali mesmo em Nova Iorque antes de descobrir que estava grávida. — Aqui está o de vocês.

Mason pegou a foto em suas mãozinhas e eu não consegui segurar as lágrimas diante da alegria inocente dos meus filhos.

Agora que estavam na pré-escola, a pergunta sobre o pai deles se tornou cada vez mais frequente. Eu tentava contornar a situação dizendo que eles tinham um pai e que não podia conhecê-los naquele momento, mas não adiantava nada. Eles continuavam achando que não tinham um pai. Matava-me ver aquela preocupação nos olhinhos deles a cada vez que estavam prestes a encarar mais um dia de aula. A única preocupação que uma criança de três anos deveria ter era em brincar o máximo de tempo possível, no entanto os meus pequeninos queriam mais, eles queriam um pai. Eu conseguia ouvi-los cochichando um para o outro na mesa de jantar que pediria um pai de presente para o Papai Noel, já que no último natal não havia dado certo.

Mesmo naquela situação desfavorável, eu agradecia aos céus por eles terem um ao outro.

— Onde que ele está, mamãe? — Maze perguntou com os olhinhos

cheios de expectativas.

— Ele está na cidade. Vocês gostariam de conhecê-lo?

— Sim! — Meus meninos gritaram e correram para os meus braços.

— Tudo bem. Já entendi que vocês querem *muito* conhecer o papai. Agora deixa a mamãe ligar pra ele e perguntar se ele pode vir hoje, tá bom?

Fui até a cozinha e peguei meu celular. Refleti um pouco antes de discar o número dele.

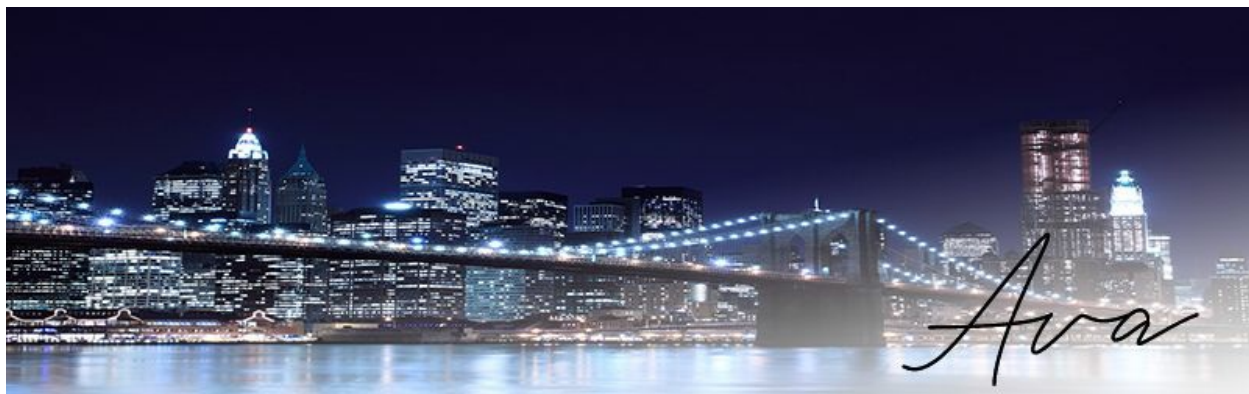
— *Ava?*

— Sou eu — respirei vagorosamente. — Dion, eu estou na minha casa agora, você poderia vir até aqui? — Virei para observar os gêmeos separando os brinquedos que mostrariam para o pai e rezei para que ele não me decepcionasse.

— *Claro. Aconteceu alguma coisa?*

— Não, está tudo bem. Eu só quero que você conheça duas pessoas.

Desliguei quando Dion falou que viria. Há quatro anos, eu fugi deixando apenas um bilhete dizendo que tudo seria explicado, que provaria a minha inocência. Hoje eu começaria a fazer aquilo.



CAPÍTULO 11

Fiquei em dúvida se o meu nervosismo não permitiu ver o tempo passar ou se Dion chegou rápido demais. O fato era que minutos depois da ligação a campainha do apartamento tocou e a senhora Woods, que estava ali me ajudando, atendeu a porta. Ao acompanhar a expressão facial da babá, nem precisei perguntar quem estava à porta.

— Vocês estão prontos? — Repentinamente, a certeza fugiu do olhar dos meninos, mas agora não tinha mais volta. — Estão com medo?

Eles balançaram a cabeça dizendo que sim. Queria poder falar que eu também estava com medo. Medo do pai deles não se comportar como um pai de verdade ou simplesmente rejeitá-los. No entanto, eu era a mãe. Precisava ser o porto seguro dos meus filhos, mesmo que segurança fosse tudo o que eu não tinha naquele momento.

Levantei do sofá e fiquei olhando em direção à porta quando a senhora Woods permitiu a entrada de Dion. Segurei Mason e Aiden em cada mão.

— Tudo bem, a mamãe está aqui — sussurrei pra eles.

Ergui a cabeça quando Dion entrou. Os seus olhos caíram em mim primeiro, depois desceram rapidamente, olhando da minha esquerda para a direita. Então subiram pra mim de novo enquanto eu percebia a cor sumindo do seu rosto.

Os gêmeos soltaram a minha mão e correram para se esconder atrás de mim.

— Ava... — Tentei desesperadamente decifrar o olhar dele. — O que está acontecendo aqui? — A voz dele saiu como um sopro.

A inquietude do azul dos seus olhos era contagiante. Puxei o ar com dificuldade.

— Eu te chamei aqui pra você conhecer os seus filhos, Dion. Os filhos que eu te disse que estava esperando quatro anos atrás.

Por um momento, a única coisa que se ouviu foi a minha respiração pesada por ter tirado aquela confissão das minhas costas e os meninos cochichando um pro outro.

— Por que só agora? Por que você não me ligou antes, Ava? Por quê? Eu não consigo entender — Dion gesticulava sem parar.

— Medo, raiva. Por tudo!

Aiden pegou a minha mão, agachei quando ele disse para eu me aproximar.

— Ele é grande, mamãe — meu bebê falou com preocupação.

— Sim, a mamãe disse que ele era alto. — Percebi Mason deixando escapar um olhar curioso para Dion, mas recolhendo a cabeça atrás de mim logo depois. — Vamos lá, vocês não são tão tímidos assim.

Antes de Dion, chegar a palavra “papai” era dita 500 vezes por minuto, mas os gêmeos estavam acanhados agora.

Peguei os dois no colo, encaixando-os na minha cintura. Eles finalmente resolveram olhar para o pai, sem nenhuma preocupação agora que Dion não parecia tão alto.

— Você quer um teste de DNA? Parece não acreditar no que está vendo.

Dion arriscou um passo na nossa direção.

— Eu não sei o que dizer. Passei os últimos anos achando que era incapaz de ter um filho e agora... — sua voz falhou. — Ava, isso me assusta, mas é... maravilhoso — ele abriu um sorriso ao final.

Então, pude ver a desconstrução da máscara de ferro impenetrável que

Dion havia passado a vestir nos últimos anos. Consegui ver um homem destruído pela queda das próprias crenças e finalmente vi a sua fragilidade. Primeiro, somente como uma vermelhidão em seus olhos, mas logo após transbordando em forma de lágrimas.

Os meninos desceram do meu colo e foram correndo na direção dele, eu sabia o que eles iriam fazer. Os gêmeos não suportavam ver alguém triste ou chorando, eles queriam curar e cuidar do pai assim como fizeram comigo algumas noites atrás.

Dion apoiou um joelho no chão e ficou olhando pra eles com a adoração de alguém que tinha encontrado o mais rico dos tesouros.

— Tá doente, papai? — Aiden pegou a mão dele.

Cobri a boca ao ouvir meu bebê chamando Dion de papai, tentando em vão conter a minha emoção. Estava acontecendo. O momento que eu temia e ansiava estava acontecendo. Mason pegou a outra mão dele e afundou o rostinho nos braços de Dion como um filhote carente.

— Eu estava, mas não sabia — ele abraçou os meninos e estes se agarraram ainda mais no pai. — Agora tudo vai ficar bem.

Dion perguntou o nome de cada um e quis saber mais sobre eles. A afeição entre pai e filhos foi instantânea.

— Acho que vou deixar vocês a sós para que se conheçam melhor — enxuguei o rosto.

— Não, por favor, fique. — Dion se levantou com os meninos no colo. — Eu não tenho a menor ideia do que devo fazer agora.

Dei um meio sorriso, contente por ele ter admitido aquilo.



— E então? — Olhei para os meninos no chão. — O que acha de tudo isso?

Dion focou nos gêmeos também, ainda com o mesmo olhar incrédulo.

— Ainda não consigo acreditar. Eles são perfeitos, se parecem tanto

comigo. — Fitou-me com alguma reserva. — Fisicamente, eles são iguais a mim. Ava, como isso é possível? Como você conseguiu se eu não posso?

— Não sei como aconteceu de você achar que não podia ter filhos, mas veja bem, ali tem duas provas de que não é verdade.

— Como foi pra você criá-los? Em algum momento de dificuldade você pensou em me ligar?

— Não houve dificuldades financeiras nem nada do tipo. Vivian e Jenna foram como duas mães pra mim. E sim, muitas vezes eu quis te ligar, mas não por isso. Eu sabia que você deveria saber, eu queria muito te contar...

— Então por que não me contou antes? — Dion fechou os olhos, levando a mão à boca, medindo o rancor em sua voz.

— Eu não sei, eu... combinava um dia para te ligar, inclusive tinha um discurso pronto, mas nunca consegui levar adiante.

— Se eu não tivesse aparecido onde você trabalha, me contaria algum dia?

— Provavelmente — respondi com pouca segurança. — Os gêmeos já tem três anos, Dion, e são os únicos na sala de aula que não tem um pai. Já que você estava na cidade, eu pensei que pudesse conhecê-los e mostrar a eles o contrário. Eles queriam tanto um pai.

Dion observou mais um boneco voando para seu colo, ele já segurava dezenas deles e os gêmeos continuavam esbaforidos correndo de um lado para o outro para mostrar ao pai os seus brinquedos.

— E quanto a nós dois? — A pergunta dele me pegou desprevenida.

Apertei os olhos dolorosamente.

— O que tem a gente?

— Você sabe o que eu quero dizer.

Engoli em seco e olhei ao redor, buscando um pouco de ar.

— Nós não terminamos muito bem, você sabe disso. Você me machucou, eu machuquei você e eu aceito isso. Acontece que agora não é

mais sobre a gente. — Desviei os olhos para os dois rapazinhos brincando de lutinha com seus bonecos em mãos. — Eu consigo aguentar qualquer coisa, Dion, mas eu não suportaria se os nossos filhos saíssem machucados.

Segundos depois, mais um boneco voou para o colo de Dion.

— Maze, já chega! Aiden, você também! — Repreendi o pequeno que já estava pronto para arremessar outro brinquedo para o pai. Os meninos começaram a choramingar e ameaçaram abrir um berreiro. — Sentem no tapete e brinquem quietinhos e quem sabe mais tarde eu deixe vocês mostrarem o quarto para o papai.

Eles correram para o tapete com um sorriso no rosto de satisfação. Voltei-me para Dion e o encontrei com uma expressão engraçada.

— O que foi?

— Você parece ser uma mãe durona — um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

Meu rosto entrou em ebulição pelo simples elogio.

Era um elogio?

Dion apreciou os gêmeos brincarem com um sorriso afetuoso, um que eu nunca tinha visto antes. Algum tempo depois, o semblante dele fechou.

— Sei que preciso aprender muito ainda para tentar ensiná-los alguma coisa.

— Ser pai ou mãe não é algo que se aprende em livros ou na escola, Dion. Quando peguei os gêmeos pela primeira vez, eu pensei “o que eu faço agora?” e aí percebi que a resposta estava na pergunta, o agora. Eu aprendi a ser mãe a cada dia desde que eles nasceram, e continuo aprendendo. É um processo conjunto entre mim e eles.

— Quando eu vou poder vê-los? Como vamos fazer isso?

— Você vai ficar aqui em Nova Iorque em definitivo?

— Era uma questão a ser pensada, mas acabei de decidir que sim. Vou mandar Andrew entrar com a papelada de reconhecimento de paternidade o quanto antes. Quero fazer isso, Ava. Quero ser um bom pai pra eles. — Senti

a sinceridade naquelas palavras e no olhar dele.

— Você vai ser — afirmei.

Os meninos chegaram perto e puxaram cada mão de Dion e o levaram até o quarto deles. Lá, os gêmeos começaram a tagarelar, apontando para cada coisa.

— Eu mal consigo entender o que eles estão falando — Dion me falou o que eu já desconfiava, no entanto ele parecia preocupado.

Aos três anos de idade, meus meninos já falavam de tudo, porém às vezes era bem difícil decifrar a pronúncia de algumas palavras.

— Às vezes, nem eu consigo — confidenciei e ele relaxou.

O passeio pelo quarto foi rápido, não havia muito a se mostrar. O cômodo era pequeno, tinha só as duas camas, o guarda-roupa e a estante cheia de bonecos.

Os gêmeos deitaram em uma cama e insistiram que o pai lesse uma história pra eles, os pequenos lutaram contra o sono pela vontade de estar mais tempo com Dion, mas acabaram perdendo.

Enquanto eles dormiam, eu contei um pouco mais sobre a personalidade e as preferências de Mason e Aiden. Ele visivelmente ficou encantado com os filhos.

Assegurei que Dion pudesse visitá-los sempre que quisesse antes de a documentação de reconhecimento de paternidade ficar pronta. Ele não queria ficar longe dos meninos, mas eu mantinha os pés no chão, não criaria expectativas fora da realidade.

Depois de termos esclarecido algumas coisas, levei Dion até a porta. Ele ficou do lado de fora me olhando. Abaixei meus olhos para abordar um tema que doeria um pouco.

— Sabe, quando você disse que tinha perdido para sempre alguém que amava, eu não fazia ideia de quem estava falando e, quando pesquisei, descobri que era Camille. Eu não sabia, Dion. Se eu soubesse, eu teria esquecido por um instante tudo o que aconteceu entre nós só pra estar lá pra você. Sinto muito.

— Tudo bem — deu de ombros.

— Camille foi um dos motivos para que eu te chamasse aqui hoje. — Ele voltou a me olhar, curioso pelo que eu diria. — Uma vez ela me disse que você seria o melhor pai do mundo. Só queria que você tivesse a oportunidade de mostrar isso pra ela, onde quer que esteja.

— Ela disse isso? — Concordei com a cabeça.

Vi o seu semblante mudar e, percebendo que ele iria ceder à falta e à saudade da mãe, eu o abracei forte, tentando roubar a sua dor pra mim.

— Obrigado, Ava — ele relutou em soltar a minha cintura.

— Pelo quê?

Dion olhou pra cima e colocou as mãos no bolso.

— Você já mudou o rumo da minha vida uma vez e está fazendo isso de novo. Duas vezes eu me senti sendo empurrado para um precipício e nessas duas vezes você me deu uma razão pela qual lutar. — Ele cruzou os braços e olhou para o corredor do prédio, depois voltou pra mim. — Você é a minha maior contradição. A primeira vez que eu te vi, eu queria apenas uma noite de prazer para que eu pudesse me desligar da merda que era a minha vida e, meses depois, eu já queria te dar o meu sobrenome para dizer ao mundo o quanto você significava pra mim e, hoje... — ele suspirou. — Hoje, você me apresentou aos meus filhos, mesmo que eu tenha visitado vários especialistas e eles tenham me dito que isso nunca aconteceria — olhou-me de novo. — Você é especial, Ava. Eu não aceito que pense o contrário.

O que eu deveria dizer depois de ouvir aquilo? Obrigada?

Dion chegou mais perto, diminuindo a distância entre a minha boca e a dele. Ele não se contentaria com um “obrigada”. Agarrei sua jaqueta quando ele passou os lábios levemente pelo canto da minha boca. Aquilo me fez perder o controle e praticamente implorar com os olhos para que Dion me fizesse dele de novo.

Ele invadiu a minha boca com destreza, como se só ele tivesse passagem permitida para estar ali, e eu o aceitei. Suas mãos apertaram a minha cintura, fazendo cada pelo do meu corpo se arrepiar e cada pedaço da

minha pele desejar ser tocada por ele. O beijo lento e feroz do jeito que só ele conseguia fazer era uma deliciosa tortura. Praticamente dizia que eu pertencia a ele e ele a mim. E nada mudaria aquilo.

Dion parou e acariciou o meu rosto, a minha pele corada parecia perseguir a sua mão, mendigando por mais.

— Me diz que vamos tentar consertar essa bagunça que virou nossa vida? — Pediu, puxando-me para mais um selinho.

— Eu não sei, Dion. — Coloquei a palma da mão em seu peito, fazendo com que ele se afastasse. — Como eu te disse, há muita coisa em jogo. Eu machucaria a mim antes de machucar os meus filhos. Além de quê, ainda não te contei tudo o que eu tinha pra contar. Não quero definir nada antes que você saiba de toda a verdade.

— Nossos filhos — ele me lembrou. — E eu não estava brincando quando disse que faria tudo pra te ter de volta.

Era tão bom ouvir aquilo dele.

— Espere. — Entrei e peguei o álbum dos gêmeos. Eu tinha feito uma cópia de todas as fotos e fiz um outro álbum para o pai. — Isso é pra você — entreguei a ele.

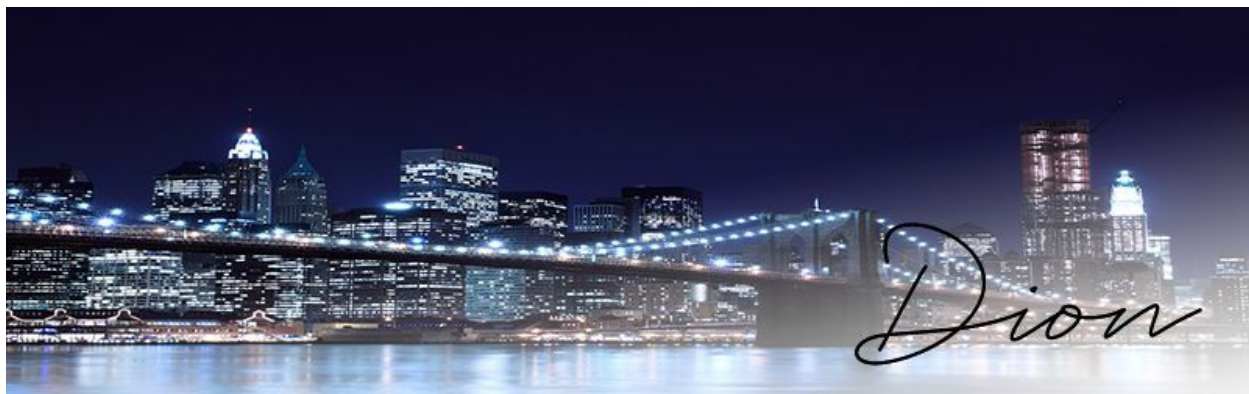
Os olhos de Dion brilharam ao se dar conta do que se tratava.

— Nunca pensei que teria um desses — fuçou o álbum brevemente com um sorriso lindo.

— Acho melhor você ir — falei antes que a minha mente tentasse pedir que ele ficasse.

— Tudo bem, mas eu só vou embora se você tiver entendido que eu não vou desistir deles nem de você. Eu não vou desistir da nossa família, Ava.

Concordei com a cabeça e o meu coração foi novamente afagado ao escutar Dion dizer exatamente o que eu queria ouvir, mesmo que no fundo eu soubesse que seria perfeito se ele tivesse dito aquilo quatro anos atrás.



BÔNUS

Olhei o relógio, já eram quatro horas da tarde.

Havia passado o fim de semana inteiro pensando no que Ava não queria me contar. Aquilo que ela achava que eu ainda não merecia. Na sexta, ela perguntou se eu estaria livre no domingo. E ali estava eu, de folga num domingo que dedicaria inteiramente ao trabalho.

Vislumbrei a vista do Central Park através da janela da sala. Pouco ao pouco me acostumava com aquela paisagem cinzenta.

Meia hora se passou. Dei-me conta de que Ava não ligaria. Subi, tomei banho e me arrumei. Na garagem, dispensei Carl e assumi o volante da Mercedes branca. Eu não esperaria Ava daquela vez.

Dirigi pelos bairros com uma certa ansiedade se manifestando dentro de mim. O que de tão grave ela não quis me contar até hoje? Algumas possibilidades flutuavam pela minha mente.

O toque do telefone fez meus pensamentos quebrarem. Olhando no visor, percebi que era ela. Atendi a ligação colocando no viva-voz.

— Ava?

— *Sou eu* — ouvi-a suspirar. — *Dion, eu estou na minha casa agora, você poderia vir até aqui?*

Por que ela parecia tão nervosa?

— Claro. Aconteceu alguma coisa?

— *Não, está tudo bem. Eu só quero que você conheça duas pessoas.*

Duas pessoas? Que merda...

— Daqui a pouco estou aí.

Não falei mais nada, esperei que ela desligasse.

Continuei dirigindo até parar em frente ao prédio de Ava. A ansiedade estava se tornando temor. E se ela tivesse se casado e tido um filho? Ela disse duas pessoas. E se estivesse querendo me mostrar que ela agora tinha uma família?

Poderia ter sido nós dois, Dion.

Não deixei que a negatividade se aprofundasse mais no meu subconsciente. Saí do carro e fui direto para o elevador. Seja lá o que for que Ava gostaria de me mostrar, eu encararia.

Uma mulher de meia idade abriu a porta pra mim. A expressão assustada dela me fez querer rir por um momento.

— Dion... Dion Volkmann? — Gaguejou.

— Sim, sou eu.

Ela me deu passagem. Continuei sentindo seus olhos assombrados em mim.

Vi Ava a poucos metros. Ela tinha um olhar corajoso, mas havia também alguns traços de receio. Logo percebi que ela não estava sozinha. Segurando suas mãos havia dois meninos incrivelmente parecidos. E olhar para eles era a mesma coisa que me olhar no espelho.

As crianças correram e se esconderam atrás dela. Voltei a olhar pra Ava, sentindo o sangue gelar dentro das veias, causando tremores no meu corpo.

— Ava... — busquei palavras pra tentar fazer algum questionamento coerente. Minha voz estava fraca. — O que está acontecendo aqui?

Eu era só confusão naquele momento. Havia dois meninos ali que eram exatamente iguais a mim. Sabia muito bem o que aquilo significava, contudo minha mente insistia em não querer juntar os pontos.

Fitei Ava intensamente, aguardando qualquer resposta.

— Eu te chamei aqui pra você conhecer os seus filhos, Dion. Os filhos que eu te disse que estava esperando quatro anos atrás.

Pisquei algumas vezes. Aquilo realmente era o que parecia. A bagunça na minha cabeça só aumentava. Inúmeras perguntas quiseram saltar da minha garganta.

— Por que só agora? Por que você não me ligou antes, Ava? Por quê? Eu não consigo entender...

— Medo, raiva. Por tudo!

Um dos meninos a cutucou e ambos ficaram cochichando. O outro me espiou por trás da perna da mãe e se escondeu novamente.

— Vamos lá, vocês não são tão tímidos assim.

Ava pegou os dois no colo e só então eles me olharam. Ainda pareciam um pouco envergonhados. Olhando com mais calma, peguei cada mínimo detalhe daquelas crianças e não havia dúvidas. Eles eram meus filhos.

Como isso era possível?

— Você quer um teste de DNA? Parece não acreditar no que está vendo — senti um toque de ironia.

Ignorei e dei um passo adiante. Hesitei dar o segundo passo para colocar as informações no lugar.

— Eu não sei o que dizer. Passei os últimos anos achando que era incapaz de ter um filho e agora... — queria sucumbir a emoção. — Ava, isso me assusta, mas é... maravilhoso — puxei os cantos da boca abrindo um sorriso inevitável.

Agora eu entendia o motivo de Ava não ter me contado durante a semana. Se ela tivesse apenas me contado, jamais acreditaria. Sempre deixei o pessimismo falar mais alto. Eu estava errado esse tempo todo. Devia ter acreditado nela naquele maldito natal.

Imaginei como teria sido se as coisas ocorressem de uma forma diferente. Se eu tivesse assumido a minha família e não a destruído. Imaginei

como seria sentir a barriga de Ava crescendo, carregando nossos filhos. Imaginei a sensação de segurá-los no colo quando eles eram bebês. Queria ter estado lá todas as vezes que eles choraram por ter ralado o joelho ou simplesmente por birra.

A emoção foi tomando conta, não a evitei. Perdi a habilidade de controlar meus sentimentos desde o momento que conheci Ava. Então, quando a primeira lágrima surgiu, deixei que ela rolasse.

Minha visão começou a nublur, ainda assim, vi os gêmeos descerem do colo de Ava e correrem na minha direção. Dobrei um joelho no chão, vendo-os se aproximarem.

— Tá doente, papai?

Papai. Nunca pensei que um dia seria chamado assim.

Um deles segurou a minha mão, o outro se aninhou debaixo do meu braço. Segurei os dois em um abraço bem forte. Agora eu não precisava mais imaginar como seria aquela sensação. A sensação do mais puro amor incondicional.

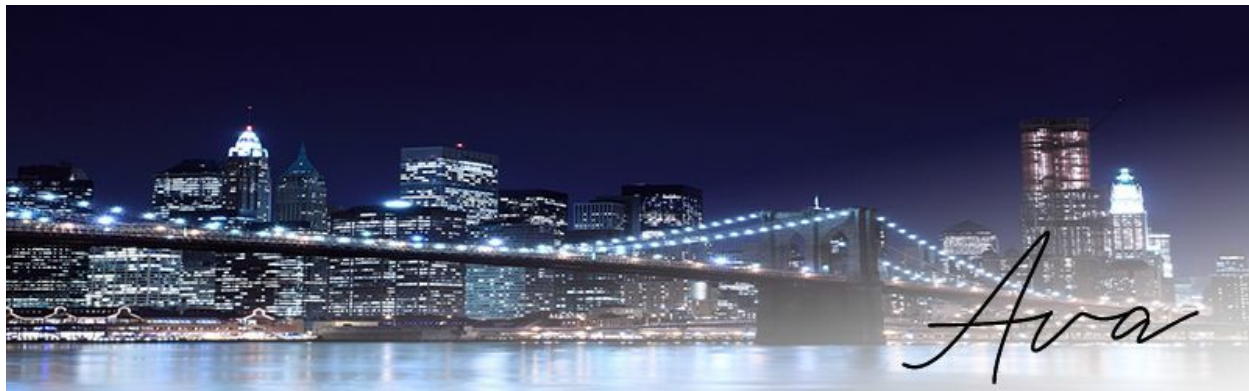
As lágrimas fluíam pelo meu rosto sem controle por estar realizando um sonho. Apreciei um pouco mais aquele momento e coloquei os pequenos na minha frente. Tão baixinhos, tão vulneráveis.

— Eu estava, mas não sabia. — Doente de ódio, rancor, orgulho. — Agora tudo vai ficar bem.

Conversei com os garotos por alguns instantes. Queria conhecê-los, queria que eles me conhecessem. Ava optou por não interferir no nosso momento.

Eles vieram para os meus braços novamente. Abracei o inacreditável. Dois milagres. Meus dois filhos. Aiden e Mason.

Minha vida agora teria um novo significado, com a certeza de que o vazio que eu tinha dentro do peito havia sido finalmente preenchido.



CAPÍTULO 12

No dia seguinte, eu fui acordada pelos gêmeos caçando o pai por todo o apartamento. Eles começaram a chorar quando não encontraram Dion e só se acalmaram quando eu disse que o pai deles iria voltar depois.

Os meninos foram pra escola loucos para contar a novidade aos amiguinhos. Fui trabalhar tranquila por eles estarem felizes.

Eu ainda não defini se a conversa de ontem me dava uma nova perspectiva de vida ou família, como Dion havia dito. Sentia-me mais perdida do que nunca, apesar de saber muito bem o que queria. A questão era se eu seria capaz de assumir as consequências depois.

Ao chegar na Carter Inc., fui até a minha sala depois de cumprimentar brevemente as minhas amigas malucas.

Durante a manhã, eu e Vivian fizemos uma pequena reunião para definirmos como seria o nosso trabalho dali em diante. Ao final da reunião, vi a mensagem recém-enviada de Dion.

Almoça comigo?

Respirei fundo tentando raciocinar. Já havia combinado de almoçar com Tracy e Bonnie para contar a elas o que aconteceu.

Não posso, vou almoçar com as minhas amigas.

Ele insistiu:

Tudo bem, e depois do almoço?

Depois do almoço eu preciso trabalhar.

Sua resposta veio logo em seguida.

Avise Vivian que depois do almoço você vai trabalhar comigo.

Descarado...



— E foi isso. Dion conheceu os meninos e caiu de amores por eles e vice versa.

Tracy e Bonnie suspiraram apaixonadas.

— E agora?

— Depois daqui eu vou até ele para podermos conversar sobre tudo isso. Para solicitar novas certidões de nascimento e coisas assim.

— E vocês dois pensam em se reconciliar? — Bonnie deu uma última garfada no seu prato cheio de salada.

Balancei o canudinho nas minhas mãos para mexer o suco que estava tomando, com um turbilhão de coisas passando pela minha mente.

— Se dissesse que eu não penso nisso o tempo inteiro, estaria mentindo — respondi, sendo o mais sincera possível.

Tracy pegou as minhas mãos por cima da mesa.

— Olha só pra esse olhinho brilhando, Bonnie. — Corei ao perceber que era impossível esconder as minhas vontades delas. — Vamos combinar uma coisa, se Dion magoar você de novo, eu não estou nem aí se ele é riquíssimo ou se é o nosso patrão, nada disso me importa. Sabe o que vai acontecer se ele te machucar de novo? — Bonnie ao lado dela fez sinal de tesourinhas com os dedos e Tracy logo fez o mesmo, as duas com uma expressão engraçada e maquiavélica no rosto.

Segurei uma risada com a mão. No mesmo instante, recebi a mensagem de Carl comunicando que já tinha chegado ao restaurante.

— Bem, eu vou indo — avisei. — E não se preocupem, se Dion chegar a me magoar de novo, eu mesma dou a tesoura pra vocês.



O prédio em que Dion havia instalado a nova central do banco ainda passava por pequenas reformas, mas já estava noventa e cinco por cento pronto. Ficava a dois quarteirões da Carter Inc., bem no coração do centro comercial.

Na recepção, havia apenas uma funcionária. Eu me lembrava bem dela, o seu cabelo de um ruivo extremo e sua fala indiferente continuavam os mesmos.

— Onde a senhorita pensa que vai? — Ela perguntou.

— Ah, oi. Qual é o seu nome mesmo?

— Stacy, mas sou eu quem deveria perguntar o seu nome.

— O meu é Ava, não deve se lembrar de mim — contei reflexiva. — O senhor Volkmann está?

— Sim. Você tem hora marcada? — A voz dela ficou alta ao me ver andando em direção à porta sem lhe dar atenção.

— Não, não tenho — sorri pra ela, despreocupada.

Entrei sem bater na porta. A primeira visão que tive foi de uma mesa grandiosa com vários montinhos de papel empilhado. Dion estava atrás dela sem o paletó e a camisa com as mangas levantadas.

— Espero que não esteja pensando que vou redigir esse monte de coisa no computador — falei frustrada.

— Não, claro que não. Isso é serviço pra Lauren.

Um sentimento de satisfação se formou para afagar o meu ego.

Dion se aproximou, fazendo frente a mim com a sua parede de músculos. Passei meus olhos pela estatura dele, lembrando de como era bom tocá-lo e beijá-lo em cada limite incandescente de seu corpo.

— Achou o que procurava? — Olhei pra ele assustada, sem me dar

conta do quão na cara estavam sendo os meus pensamentos.

Tomei uma lufada de ar, no fim não falei nada. A prepotência surgiu em seus lábios e ele se encaminhou para onde estava antes, com um sorriso de êxito.

— Esqueça isso. Vem aqui, quero te mostrar uma coisa. — Dion procurou algo entre a bagunça que estava em sua mesa. Ele tirou um par de folhas grampeadas e as estendeu pra mim.

— O que é isso? — Perguntei ao não entender bulhufas do que estava lendo.

— É a solicitação de reconhecimento de paternidade. Essa é a cópia, o original já foi enviado pra justiça.

Deixei um sorriso escapar dos meus lábios, surpreendendo-me com a velocidade que ele fez aquilo.

Coloquei os papéis de volta na mesa e Dion me alcançou em frente a ela. Virei a cabeça para trás para olhá-lo. Seu olhar impiedoso era uma fonte de luxúria. Dizia muito sobre o desejo dele naquele momento.

Lambi os lábios, sentindo o seu gosto sem ao menos ser tocada. Observei Dion afrouxar a gravata como se estivesse com um calor sufocante. Por um momento, pensei em me debruçar em cima da mesa e deixar-me ser dominada por ele. Seria apenas colocar em prática o que já estava rolando no ar.

Foi quando pensei que não conseguiria mais segurar a inquietação no meio das minhas pernas que Dion soltou um pigarro seco, nos tirando daquele transe magnético.

— Eu queria te fazer um pedido. Gostaria de buscar os meninos na escola e levá-los até a minha casa hoje.

— Ok — falei me abanando.

— Na verdade, o meu pedido é que você venha com a gente porque acho que eles se sentiriam mais seguros com você por perto.

— Certo, eu vou ligar para a babá avisando que ela não precisa buscá-los na escolinha hoje. Eles saem às quatro.

— Obrigado. — Meneei a cabeça e me movi em direção à porta, mas parecia que quanto mais rápido andava, menos distância eu percorria. — Espere, Ava! Só mais uma coisa.

Aquela aproximação foi fatal. Quando me dei conta, a língua dele já estava dentro da minha boca ajudando a persuadir os meus desejos. Suas mãos assumiram o controle do meu corpo e eu fiquei a mercê dele, sem exercer nenhuma resistência, sem resistir aos seus lábios que desceram para meu pescoço fazendo a minha estrutura ameaçar vir abaixo. Nem às suas mãos que subiram por debaixo da minha saia alcançando o tecido fino que cobria minha intimidade.

— Me diz que você sentiu falta disso tanto quanto eu? — A sua voz grave correu feito um arrepio da cabeça aos pés.

— Eu... Preciso ir embora — saí sem deixá-lo dizer qualquer coisa.



Na parte da tarde, eu tentei arquitetar algumas estratégias visando o crescimento da nossa receita bruta, uma vez que deveríamos fazer a empresa crescer de forma anormal em um mês. Estávamos sob uma vigília nem um pouco flexível.

O alarme do meu telefone tocou para me lembrar de ir buscar os meninos na escola. Avisei Vivian que estava saindo mais cedo, porém que compensaria as horas depois. Acalmei o meu coração para encarar o pai dos meus filhos depois do momento insano de mais cedo. Do hall da empresa, eu conseguia ver o carro de Dion. Ele estava do lado de fora com a ansiedade tomando a sua expressão e seus gestos.

— Você que está dirigindo? — Perguntei ao chegar perto dele.

— Sim, por quê?

— Eu esqueci de um detalhe. Geralmente a babá os busca de carro próprio e, para andar de carro, eles precisam usar cadeirinha.

Dion não parecia nem um pouco preocupado. Abriu a porta de trás do seu SUV para me mostrar o carro equipado com duas cadeirinhas apropriadas para a idade dos gêmeos.

Olhei para ele desconfiada.

— Como você sabia disso? — Perguntei.

— Tenho um amigo que foi pai recentemente, peguei algumas dicas com ele. — Levantei uma sobrancelha.

— E quem seria esse seu amigo?

— Andrew — Dion captou minha reação. — Você nem imagina quem é a mãe — atçou mais um pouco.

— Quem?

— É uma longa história.

Dion abriu o carro pra mim, disfarçando seu semblante de vitória. Ele não quis me contar sobre Andrew e eu só queria saber quem era a coitada que teve um filho com aquele enxerido. Dion deu a partida no carro enquanto eu falava o endereço de onde os meninos estudavam.

— Eles adoraram você — confidenciei, olhando Dion ao volante.

— Sério? Eu não fiz absolutamente nada para eles gostarem de mim — respondeu com modéstia.

— Você é o pai deles, já fez muita coisa — fiz uma pausa. — No começo, eles ficaram com medo porque te acharam alto.

Dion soltou uma risada suave.

— E eu achei eles tão... pequenos, ainda mais quando vi as fotos do álbum — ele estava com falas e gestos despretensiosos. Havia muita autenticidade nele. — Eu amei tudo sobre ontem. Nunca imaginei um momento como aquele.

Martirizei-me por ter tirado aquela alegria dele por tanto tempo. Se eu tivesse sido menos orgulhosa, eu poderia ter promovido aquele encontro bem antes.

— É ali — aponte logo mais à frente, onde algumas pessoas estavam aglomeradas.

— A escola é particular?

— Sim, as municipais são boas também, mas acabei optando por essa.

Descemos do carro e fomos para mais perto da entrada.

— Você quer entrar e fazer uma surpresa? — Propus.

— Acha que eles ficarão felizes em me ver?

— Eu tenho toda certeza. Vai lá. — Imaginei a carinha de felicidade dos meus bebês. Eles mereciam aquilo.

Dion abriu passagem entre as mães que estavam ali para buscar os seus filhos e vi cada rosto se virar para observá-lo.

Distraí-me mexendo no celular, algum tempo depois, me dei conta de que Dion estava demorando lá dentro. A multidão na porta estava se dispersando e muitas mães já saíam com os seus filhos.

Guardei meu celular e fui verificar o que tinha acontecido, provavelmente a professora não liberou os gêmeos para irem com Dion. No entanto, quando subi a rampa, pude vê-lo com os meninos no colo e meia dúzias de mães ao redor dele. Ele estava tentando ser simpático, porém as outras senhoras claramente queriam tirar não uma casquinha, mas um pedaço gigantesco dele.

Aproximei-me com o cenho franzido, observando a cena. Mason pulou para o meu colo ao me ver. Fitei Dion, ele parecia feliz de eu livrá-lo daquelas mães sedentas.

— Vamos lá, então? — Disse pra ele se apressar.

— Vamos.

— Nossa, elas não vão parar de falar de você até os gêmeos entrarem no colegial — comentei quando nos afastamos.

— O quê, não! Elas só estavam tentando ser solidárias com um pai inexperiente feito eu, Ava.

— Ah tá — ele riu e eu também ri daquele absurdo.

Dion colocou os gêmeos nas cadeirinhas com uma habilidade incomum para um pai iniciante.

Não queria dar o braço a torcer tão cedo, mas parecia que ele tinha feito um curso intensivo de como ser pai de gêmeos de ontem pra hoje.

— Tudo bem, eu precisei ver alguns vídeos na internet para não passar vergonha — confessou.

O que eu estava vendo naquele dia era completamente diferente do que já havia vivenciado. Dion estava mais compassivo, mais humano. Não parecia mais aquele homem inatingível.

Fomos para a área mais nobre de Nova Iorque para conhecer o apartamento de Dion. Ele fez o caminho todo dividindo a sua atenção entre a nossa duplinha no banco de trás e mim. Ele tinha muito jeito com crianças, parecia ter nascido para ser pai.

No momento em que Dion entrou na garagem subterrânea, eu estranhei por não ser o mesmo apartamento que ele tinha e eu conhecia. Deixei o carro e fui atrás dele segurando Aiden no colo, ele levava Mason. No elevador, os meninos falaram sem parar sobre a reação dos coleguinhas ao contarem que eles também tinham um pai. Então Dion nos encaminhou para a única porta do seu andar.

A governanta veio nos receber, ela tinha um sorriso simpático e ficou boquiaberta quando viu as crianças.

— Júlia, esses são os meus filhos. Esse é o Mason e esse é o Aiden — falou apontando para cada um, porém com um pouco de receio. Até eu confundia quem era quem às vezes.

— Que crianças adoráveis, eles são iguaizinhos a você. — Dion olhou orgulhoso para os meninos.

— E essa é a Ava. Você deve se lembrar dela. — Ofereci um sorriso gentil. Nós já nos conhecíamos de São Francisco.

Dei uma olhadela pelo apartamento conforme os gêmeos começaram a explorar o local.

— Gostou? — Dion sussurrou ao meu ouvido, achei que iria desabar como um castelo de cartas.

— É o lugar perfeito para um homem solteiro e sem filhos.

— A gente pode sair agora mesmo e procurar um lugar que seja perfeito para nós quatro.

Olhei na direção dele, percebendo sua persuasão.

Os meninos passaram correndo por nós. Chamei-os e, com muito custo, eles vieram até mim.

— Era isso que você queria mostrar? — Perguntei.

— Não. Na verdade, eu não queria mostrar e sim contar o que eu estou pensando em fazer — ele começou a subir as escadas com as crianças atrás. Não pude fazer nada senão seguir.

No segundo andar, se estendia um corredor enorme com diversas portas, Dion abriu uma delas. Era um cômodo vazio, somente com algumas caixas no canto.

— Essa é uma das suítes. Eu queria fazer um quarto para os gêmeos aqui.

Adentrei o cômodo para ter noção do quanto ele era grande. Os meninos entraram e ficaram pulando próximo a janela, pedindo pelo quarto.

— Você ainda não me falou o que acha — Dion chamou a minha atenção, o ignorei.

Voltei para a porta e encostei a cabeça na soleira, percebendo a alegria dos meus pequenos. Pensei no que seria melhor pra eles, mesmo que o meu coração de mãe não quisesse dividi-los com mais ninguém.

— Eles nunca dormiram longe de mim — confessei desanimada.

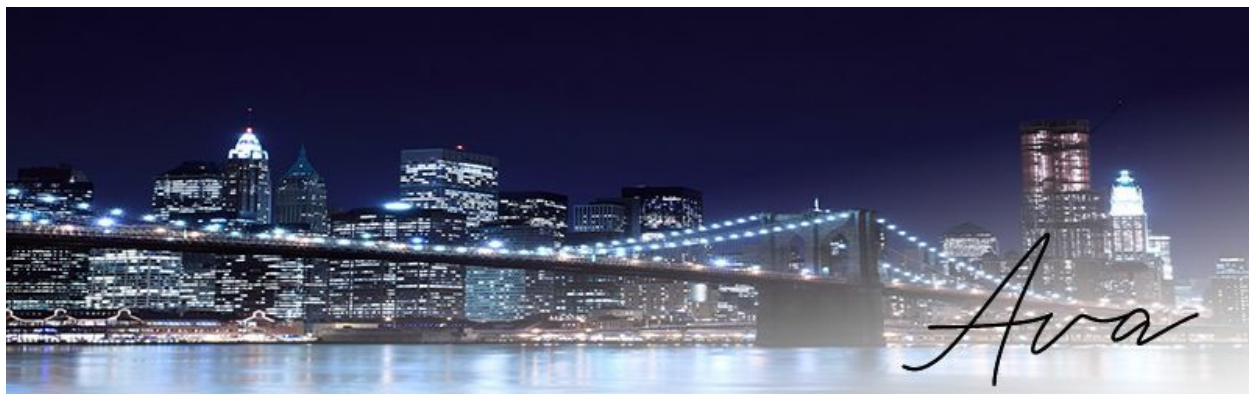
Dion percebeu a minha apreensão e fez a sua mão encontrar a minha, fazendo-me sentir o calor e a maciez do seu toque.

— Você não precisa dormir longe deles, Ava.

A minha mente vagava longe. Eu só pensava nos aspectos bons de tudo aquilo que ele falava e, quando os ruins começaram a chegar, eu soltei a mão dele e me afastei. Dion parecia achar que era só colocar um band-aid por cima do nosso passado que tudo seria curado, agora eu precisava mostrar-lhe que as coisas não se resolviam fácil da forma que ele estava pensando.

— Eu já percebi que você está tentando, Dion. Mas você vai ter que se esforçar mais.

Chamei os meninos de volta e o deixei lá.



CAPÍTULO 13

Dezenas de ligações não atendidas, mensagens sem respostas e vários “nãos” para as tentativas de me chamar pra sair. Na última semana, tive Dion em minhas mãos e, pior, eu estava gostando daquele joguinho do desprezo.

Quanto mais negativas ele recebia de mim, mais louco ficava. Encarei tudo como uma vingancinha. Se Dion quisesse ficar comigo, deveria me mostrar que não desistiria na primeira oportunidade.

Nos últimos dois dias, ele teve contato com os gêmeos e a babá, mas há três expedientes não me mandava mensagens e nem inventava desculpas pra eu aparecer na empresa dele.

Meus pensamentos dispersaram quando recebi uma mensagem de Dion avisando que precisava falar comigo e Carl já estava a minha espera lá embaixo.

Peguei minha bolsa e desci para encontrar o motorista. Nem sei por qual motivo Dion o mandou, dali até o banco eram cinco minutos a pé e não precisávamos encarar o trânsito.

O prédio do banco Volkmann se encontrava pronto e perfeito, estava tão movimentado quanto a sua antiga central. Entrei na sala onde Dion parecia já estar a minha espera, sentado na beirada da mesa com os braços cruzados.

— E então? — Perguntei, mantendo uma determinada distância.

— Está tudo acertado. Mason e Aiden são oficialmente meus filhos.

— Você só precisa ver e assinar o acordo de pensão e os dias de visita do meu cliente — Andrew apareceu no meu campo de visão segurando um copo de uísque.

— Ah claro — bufei, percebendo o pequeno complô.

Segurei o documento e li brevemente. Nele falava sobre a mudança no sobrenome dos meninos e que no domingo era obrigatório que Dion ficasse com eles, mas poderíamos discutir sobre aumentar os dias de guarda. A única coisa que me chamou atenção foi o valor exorbitante da pensão alimentícia.

— Lembra da conta que eu abri pra você alguns anos atrás? — Mexi a cabeça respondendo que sim. — Eu a transferi pra cá. O valor combinado da pensão será depositado nela.

— Eu não tenho mais o cartão. Ficou em São Francisco.

Dion pegou o acordo e me deu um envelope, senti pelo conteúdo que era um cartão. Poderia ele ser mais eficiente?

— Tomei a iniciativa de fazer uma conta poupança pra eles. Ela também constará em seu nome e eles poderão movimentá-la quando atingirem a maioridade.

Imergi minha visão em Dion. Toda aquela conversa sobre dinheiro me dava repulsa, mas não podia culpá-lo por querer oferecer o melhor para os filhos. Ele me devolveu um olhar flamejante de impetuosidade, perguntei-me onde estava o homem acessível que eu tinha conhecido dias atrás.

— Nos dê licença, Andrew — Dion pediu com cuidado.

O amigo dele nos deixou, sem esquecer o olhar arbitrário pra mim.

Apesar de não gostar da ideia, eu cogitei conversar com Andrew depois. Ele tinha as gravações do prédio e talvez pudesse me ajudar a provar o que aconteceu nas madrugadas em que Bruce invadia o apartamento em São Francisco.

Um momento de silencio claustrofóbico tomou o ambiente. Precisei cortá-lo.

— O que aconteceu, Dion?

— Eu resolvi te dar um tempo. Não era isso que você queria? — Soltei o ar pesadamente.

— Eu queria que você parasse e pensasse em tudo o que estava fazendo. Você achou mesmo que me seduzir e arranjar um quarto na sua casa para os meninos faria tudo se resolver como num passe de mágica? — Os olhos dele se desviaram para o chão enquanto cruzava os braços.

Ah meu Deus, ele realmente achou.

— Na verdade, eu achei que em algum momento você pararia de me culpar. Já passou pela sua cabeça que essa situação poderia ter sido evitada se você tivesse me procurado antes? Mason e Aiden têm três anos, Ava! *Três* anos! — Sua voz aumentava o tom gradativamente. — Não é como esconder uma carta ou um segredo. São crianças! Eu não acho justo que você tenha escondido eles de mim. Não, muito longe disso, mas nem por isso eu estou pedindo que você rasteje aos meus pés para, quem sabe talvez, eu possa perdoá-la.

Pisquei algumas vezes.

— Você só se esqueceu que eu nunca escondi a minha gravidez. A única coisa que faltou foi você acreditar em mim em vez de me expulsar da sua vida daquela forma — respondi, segurando as lágrimas como podia.

Percebi Dion abaixar a cabeça em penitência. Ele caminhou um pouco pela sala.

— Passado algum tempo da morte da minha mãe, eu procurei por você para ouvir uma explicação ou o que fosse e, quando não te encontrei, eu passei a acreditar que toda aquela história era o que parecia. É fácil demais apontar o dedo e colocar a culpa em alguém, não é? Eu pelo menos assumo os meus erros. Eu estava errado o tempo todo — suspirou. — Errado por não acreditar em você, por não ter te procurado até o fim do mundo, por ter aceitado a derrota tão facilmente para no final amargurar os anos sem ter acompanhado o crescimento dos meus filhos.

Desviei os olhos para a janela, fechando-os em seguida. Sabia que esconder os gêmeos dele não fez justiça nem aos meninos e nem ao pai. Foram anos perdidos que poderiam ter sido aproveitados se eu não tivesse

sido tão medrosa e egoísta.

— Eu só queria que você se colocasse no meu lugar ao menos uma vez, Ava. As coisas foram ruins pra você nesses quatro anos, pra mim também não foi às mil maravilhas — falou suavemente. — O que você faria se descobrisse que a mulher que você ama está grávida, mas a possibilidade de você ter um filho é inexistente? Não, melhor, o que você faria se a mulher que você ama diz estar grávida, mas você não pode ter filhos e um tempo depois assiste uma gravação mostrando uma possível traição dela?

— Eu não sei, mas com certeza não faria o que você fez — olhei pra ele, falhando em não deixar que as lágrimas rolassem.

Sem mais nada a dizer, fui embora após assinar o acordo de pensão. Eu estava em pânico por ter que lidar com tanta coisa de uma só vez. E a culpa era toda minha. Devia saber que nada naquele mundo ficava encoberto, sempre tinha uma ponta solta que, se puxada, podia causar uma grande catástrofe. Hoje eu estava aprendendo isso e, sim, a mensagem foi compreendida com sucesso.



Duas semanas depois, o quarto dos gêmeos na casa de Dion ficou pronto e aquela seria a primeira noite que eles iriam dormir fora de casa. Eu e ele combinamos que, quando estivéssemos com os meninos, o centro das atenções deveria ser eles e nunca nós mesmos e funcionou.

— Quem é que vai dormir na casa do papai? — Perguntei ao ouvir a campainha.

— Eu! — Os bracinhos deles balançaram no ar.

A Senhora Woods abriu a porta para Dion. Os meninos saíram correndo para a sala com a mochila nas costas.

Cumprimentei-o, segurando os ursinhos dos gêmeos.

— Vamos então? — Todos concordaram.

Partimos para o apartamento de Dion. Havíamos planejado que eu ficaria lá até verificar que os gêmeos se sentiriam confortáveis para dormir

longe de casa. Se não desse certo, ele nos traria de volta.

— Você está bem? — Dion me olhou preocupado quando chegamos.

Tudo aquilo estava sendo novo pra mim. Não queria nem pensar na sensação que teria ao chegar em casa sabendo que os meus bebês foram deixados em outro lugar, mas precisava admitir que daquela forma era melhor. Os gêmeos haviam conhecido o pai e este estava sendo maravilhoso para eles. Eu tinha que reconhecer que os meus filhos não eram só meus, ainda assim eu não podia controlar o que o meu coração sentia ou deixava de sentir.

— Acho que tudo será uma questão de costume — tranquilizei.

Aiden e Mason já estavam descobrindo o quarto novo que tinha tudo o que eles precisavam e um pouco mais. A decoração era perfeita e baseada nos personagens que eles amavam. Foi impossível não se contagiar com a alegria deles.

Júlia fez um jantar delicioso e logo chegou a hora dos meninos irem para a cama. Certifiquei-me de que eles escovassem os dentes antes de dormir e orientei Dion a conferir quando terminassem porque eles não gostavam nem um pouco de escovar os dentes.

Fiquei na beira do colchão, os pequenos decidiram dormir juntos na mesma cama. Meus olhos se encheram de ternura ao observar Dion lendo um livro de histórias fantásticas pra eles, fazendo teatro e tudo o que tinha direito. Pensei que seria difícil, mas eles logo dormiram abraçando um ao outro.

Levantei-me para ir embora depois de ficar um bom tempo olhando pra eles, conferindo se estava tudo bem.

— Deixe a porta do seu quarto e a do deles entreaberta — pedi.

Dion me parou quando eu estava indo rumo à escada.

— Durma aqui. — Olhei pra ele levantando as sobrancelhas. — Tem um quarto de hóspede preparado caso queira. Pelo que percebi, você não vai conseguir dormir longe deles.

— Hum...

— Não tem segundas intenções. Eu juro.

Não? Meu subconsciente reclamou.

— Hum... É, talvez seja melhor — fingi que não tinha cogitado aquela possibilidade.

Ele me vigiou até eu entrar no quarto ao lado. Tirei o casaco e entrei no banheiro procurando minha escova de dente dentro da bolsa. Fiz a higiene bucal e pulei para debaixo do edredom, depois de tirar o restante da roupa. Virei de um lado para o outro na cama como se estivesse em uma chapa quente.

Dion estava dormindo a duas portas dali e entre nós havia os dois pequenos anjos que tínhamos feito. Imaginei como ele estava se sentindo comigo e com os filhos dormindo sob o mesmo teto. Aquele fato colocou um sorriso no meu rosto. Há um mês eu não acreditaria que aquilo poderia acontecer.



O frio nos meus pés me fez despertar. Levantei para procurar outro cobertor e ouvi a voz dos meus meninos bem baixinho. Peguei um roupão no banheiro e saí para ver o que tinha acontecido. Cheguei até o quarto ao lado, seguindo as vozes.

Os gêmeos estavam chorando e Dion tentava acalmá-los. Eles balbuciavam coisas impossíveis de entender. Fiquei parada na porta, observando Dion tentar lidar com eles. Estava ajoelhado próximo a cama e os gêmeos sentados na beirada abraçando-o. O pai sussurrava pra eles que iria ficar tudo bem.

Provavelmente Mason ou Aiden teve um pesadelo, daí, ao acordar em um lugar desconhecido, ficaram aterrorizados.

— Papai, *quer* mamãe — Aiden pediu chorando. Mason soluçava do lado.

Dion olhava os dois com pena, sem saber o que fazer.

Com o coração em frangalhos, eu me aproximei da cama para que os

meus filhos vissem que eu estava lá.

— Eu estava tentando contornar a situação sem ter que te acordar — ele explicou.

Julia apareceu à porta trazendo duas tigelas de mingau. Dion devia ter interrompido o sono dela. Os meninos se acalmaram depois de se deliciar com o lanche da noite e eu assegurar-lhes que estava tudo bem.

Após isso, coloquei os gêmeos na cama de novo e velei o sono deles por um tempo, beijando as suas bochechinhas angelicais.

Parei para assistir Dion no outro lado da cama se segurando para não roer as unhas de tanta ansiedade. Era a primeira noite dele com os filhos, eu podia ver a sua preocupação em tentar fazer tudo certo.

— Vai ser melhor das outras vezes. Essas coisas levam tempo, Dion. Você vai errar e vai acertar. Não existe receita a ser seguida — senti a necessidade de dizer aquilo.

— É por isso que preciso de você. A única coisa que eu sei sobre paternidade foi o que aprendi com o meu pai e não quero ser igual a ele.

— Você não é como ele e não vai ser um pai como ele.

Dion respirou com alívio e se levantou, fiz o mesmo. Despedimo-nos no corredor. Antes de entrar no quarto de hóspedes, eu quis levantar uma bandeira branca e colocar um pouco de paz nas nossas vidas.

— Eu admito que estava errada.

— O quê? — Ele parou de supetão e me olhou, franzindo os olhos.

— Eu estava errada por não ter falado sobre os meninos antes e também estava errada por não fazer isso por ter medo de você rejeitá-los ou não ser o pai incrível que você está sendo.

— Por que está dizendo isso?

Dion se aproximou até ficar a um passo de mim.

— Porque eu me preocupo de a gente tentar reparar os nossos erros com mais erros.

Ele concordou.

— O que você sugere então?

— Acho que precisamos determinar o que será de nós daqui pra frente.

Dion tocou o meu rosto, olhei-o sem reservas, talvez aquela fosse a primeira vez que me afundei no azul dos seus olhos sem medo do que encontraria.

— A minha resposta você já tem, basta agora saber o que você quer.

— Resposta sobre o quê?

— Desistir ou tentar de novo — esclareceu.

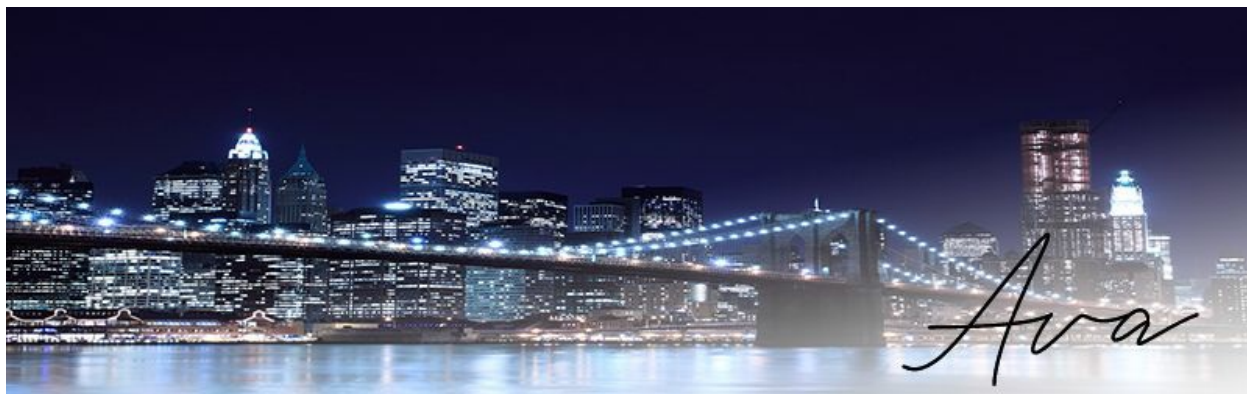
Vi seus olhos beirando o limite do desespero, esperando por uma resposta.

— Você acha que vale a pena voltar e começar de novo? — A agonia também se fez perceber na minha voz.

— Eu acho que se nos encontramos aqui depois de tanto tempo é porque alguém lá em cima acha que *nós* valemos a pena.

Suspirei, fechando os olhos. Dion segurou as minhas mãos e deixou um beijo suave no topo da minha cabeça. Ele falou as palavras que eu queria ouvir novamente.

Quando Dion reapareceu na minha vida, eu vivia em uma constante batalha entre o sim e o não, entre a dor e o desejo, entre o certo e o errado. E, naquele momento, o meu lado otimista falou mais alto.



CAPÍTULO 14

Qual roupa você usaria em um jantar romântico com o seu ex?

Mandei a mesma pergunta para as minhas amigas.

Espere aí. Vamos conversar mais sobre isso, mocinha. É quem eu estou pensando que é? — Tracy respondeu primeiro.

Depende, qual é a imagem que você quer passar? “Estou desesperada para ter o seu corpo nu novamente” ou “Sabe esse salto? É com ele que eu vou pisar em você.” — A mensagem de Bonnie chegou logo depois.

Quem você pensa que é? — Mandei pra Tracy.

Talvez os dois? — Respondi pra Bonnie.

Analisei o meu guarda-roupa para ver as opções que eu tinha. A grande maioria era roupas de trabalho, consegui achar somente dois vestidos que poderia usar naquele encontro. O azul *royal* e um preto que eu tinha usado na boate. Acabei escolhendo o azul.

“Eu usaria o azul então, acho que é o único vestido sexy e requintado que você tem mesmo.” — Bonnie respondeu, debochada como sempre.

“Começa com D e termina com N, Dylan.”

A mensagem de Tracy me arrancou algumas risadas. Ela sabia que não era a Dylan que eu estava me referindo.

“Dylan e eu nunca namoramos, sua louca!” — respondi esclarecendo.

Lembrei-me do porquê tinha mandado mensagem pra elas. O vestido era o de menos, eu estava muito ansiosa para aquele encontro. Eu e Dion concordamos em recomeçar a nossa história. Não havia para onde correr, já havíamos chegado ao fim e agora voltaríamos para o começo.

Os gêmeos estavam distraídos na casa da babá e optei por Dion não subir até o apartamento para não os tirar do foco. Despedi-me das meninas depois de ter anotado mentalmente todas as dicas delas. Olhei no espelho após colocar o vestido que elas me orientaram. Escovei a raiz do meu cabelo e mantive as pontas onduladas.

Eu tinha saído com alguns caras desde Dion, mas não levei nenhum para os finalmente. Trazer homem na minha casa estava fora de questão, também ficava insegura de sair para algum lugar mais privado. Eu sempre tive sérios problemas de confiança e com o tempo aquilo só piorou.

Minutos depois, recebi a mensagem de Dion avisando que já tinha chegado. Fui até o apartamento ao lado e dei um beijo nos meus filhos, jurando que não demoraria.

Ao chegar no hall do meu prédio, vi Dion parado próximo a recepção. Ele usava um sobretudo preto por cima de um terno também preto. Soltei uma lufada de ar para transpirar o calor que eu senti instantaneamente ao vê-lo.

Dion se virou para me observar me aproximando. Parei os passos no mesmo instante que ele subiu os olhos pelo meu corpo e fixou no meu rosto. Sua expressão fechou em um furor indomável e seus pés vieram apressados para o meu lado.

O furor de antes se transformou em suavidade quando a boca dele tocou a minha e as suas mãos reivindicaram a minha cintura. Os lábios de Dion assumiram o controle dos meus e sequer pensei em reagir. A única coisa que pensei foi que eu precisava de uma calcinha seca.

— Você é a segunda coisa mais linda nesse mundo — disse, abaixando seus olhos e focando no meu decote.

— Segunda? — Perguntei intrigada.

— Sim — sorriu. — O primeiro lugar está empatado.

Meu bom humor me permitiu rir ao me dar conta de quem estava no topo.

Dion pegou a minha mão e me levou até o carro. O ronco do motor me deixou um pouco assustada. O carro esportivo parecia muito potente e perigoso, assim como o dono.

— Os gêmeos já estão dormindo? — Perguntou.

— Não, estão com a babá vendo filme.

— Me lembre de levá-los ao cinema ou assistir algo lá no meu apartamento.

— Claro. — Fitei-o por um instante. Não precisava de um espelho para saber que os meus olhos estavam brilhando de encanto.

A viagem de carro foi rápida enquanto conversamos trivialidades do dia a dia.

Dion me levou a um restaurante no bairro em que morava. A fachada enganava um pouco, mas por dentro havia uma estrutura que dizia muito sobre o charme da cidade. Havia gente rica por toda parte, mas o ambiente era bem humilde e acolhedor.

Uma mulher nos encaminhou para a mesa do canto, ao lado da janela.

Olhei curiosa quando Dion puxou a cadeira pra mim. Nós nunca tivemos um encontro oficial. Estávamos fazendo aquilo pela primeira vez depois de termos nos apaixonado, nos separado e tido dois filhos. Era estranho, mas achei um bom recomeço.

— Gostou? — Dion perguntou depois de observar a minha expressão.

— Esse lugar é incrível!

Ele cobriu as minhas mãos com as dele.

— Bom saber que eu ainda sei um pouco sobre os seus gostos.

O *maitre* se aproximou de nossa mesa e fizemos nossos pedidos.

— E então, me deixe conhecê-la melhor, senhorita Banks — Dion perguntou de forma engraçada.

— O que quer saber? — Decidi entrar na jogada dele.

— Me conte como é ser uma mulher linda, de negócios e mãe de dois.
— Um sorriso de canto de boca surgiu no meu rosto.

— Longa história...

Ele pegou a taça que o garçom havia acabado de encher e saboreou o vinho que tinha escolhido.

— A noite está apenas começando. — Dion me olhou por cima da taça com seus olhos libertinos e a última coisa que eu queria fazer com ele naquele momento era conversar.



Após uma agradável conversa sem tocar em questões delicadas para ambos os lados, Dion encerrou a conta e me levou de volta pra casa.

— Você já contou pra alguém sobre os gêmeos?

— Só para Andrew — Dion observou a minha reação —, porque, além de meu amigo, ele é meu advogado e me ajudou com a parte jurídica — justificou.

— E para o seu pai?

— Não. — Meneei a cabeça.

— Olha, pra mim tudo bem se contar — esclareci. — Ele deve ficar feliz em saber que tem dois netos.

— É, talvez — deu de ombros.

Cheguei à conclusão de que ele não queria que Mason e Aiden tivessem contato com o avô.

Na porta do meu apartamento, Dion pediu para ver os gêmeos. A babá estava na sala quase adormecendo e deu um pulo quando nos viu. Ela foi embora após me confirmar que os meninos haviam se comportado bem.

Tirei o meu sobretudo, peguei o de Dion e coloquei no cabideiro perto da porta. Antes de chegar ao quarto dos meninos, ele me agarrou por trás e distribuiu beijos pelos meus ombros e pescoço. Lutei para não me entregar a

ele naquele instante, mas, se Dion esqueceu que tinha dois garotinhos no quarto mais próximo, eu me lembrava.

Empurrei-o suavemente e peguei em sua mão.

— Vem aqui.

Abri lentamente a porta semiaberta dos nossos filhos e puxei Dion atrás de mim. Ele se pôs às minhas costas e me abraçou, fazendo o mesmo que eu: admirando a perfeição dos nossos meninos.

— Eu amo esses momentos — disse no meu ouvido, parecia realmente orgulhoso pelo simples fato de observar nossos pequenos anjos dormirem.

Fui até a beira da cama de cada um e beijei o rostinho deles, desejando que tivessem bons sonhos. Fechei a porta ao sair, deixando apenas uma fresta.

Momentos depois, Dion me prensou na parede, segurando os meus braços no alto e pressionando a sua ereção em mim.

— O que você está fazendo? — Perguntei procurando o fôlego.

— Tem certeza que não sabe o que estou fazendo?

— Somos pais agora, não dá para fazer sexo em qualquer canto da casa — expliquei.

— Tudo bem — ele me pegou no colo e empurrou a porta do meu quarto.

Dion me deixou na cama e arrancou o paletó, depois me prendeu debaixo dele, logo senti uma das mãos subir pela minha perna até se enfiar no meio das minhas coxas.

— Você cuidou bem disso pra mim? — Perguntou, acariciando-me por cima da calcinha.

Arfei com a tensão tomando o meu corpo. Agilizei o processo ao tirar a camisa dele com aflição.

— Há quanto tempo você não faz isso? — Questionei sem timidez.

— Não há menos tempo que você — replicou abrindo um sorriso

sacana.

Não contive uma risada. Ele não poderia estar falando sério.

— Não minta pra mim. Está tudo bem se você tiver passado o rodo em São Francisco.

— Eu não estou mentindo.

Franzi as sobrancelhas.

— E quanto a Lauren?

Ele saiu de cima de mim e se deitou, frustrado. Fiquei no mesmo lugar, olhando para o teto com as paranoias rondando a minha mente.

— Não quero falar sobre os meus funcionários agora.

— Quer dizer que você e a Lauren nunca...?

— Não. Por que é tão difícil acreditar que não? — Questionou chateado.

— Porque você é solteiro, ela dá em cima de você o tempo todo e...

— E? — Interrompeu-me.

— E é só juntar dois mais dois.

— Confesso que já pensei nessa possibilidade, mas ele não quis — Dion apontou para o meio de suas pernas sem jeito.

Sentei na cama e olhei para onde ele havia apontado.

— Oh, pobre garoto — estendi a mão para tocá-lo.

Passei a mão superficialmente por cima, a reação dele foi imediata, ficando duro feito pedra.

— Olha a felicidade desse bastardo — disse com descontentamento apesar de eu ter percebido o humor em sua voz. — Você escravizou ele!

Suprimi uma risadinha.

— Sorte sua que pretendo resolver isso agora — pisquei.

Fiquei por cima dele e trilhei o seu peito com beijos molhados

enquanto Dion puxava o meu vestido para cima. Desabotoei a calça e acariciei o seu pau abaixo de mim, absorvendo os seus gemidos que aumentavam ainda mais o meu apetite.

Vi-me ansiar por ele dentro de mim logo, não queria perder tempo com preliminares.

— Ainda não — ele solicitou antes de eu consumir o nosso desejo. — Deixa eu ver você. — Fitei-o sem entender nada. — Tira a roupa, quero ver você.

Desci da cama com relutância por ter que me afastar da sua pele quente e puxei o fecho lateral do vestido, empurrando-o pra baixo. Tive um pouco de ansiedade, pois dei a luz a duas crianças e o meu corpo não era mais como antes, porém não me envergonhei – sei que não foi pelo meu corpo que Dion se apaixonou por mim.

Desabotoei o sutiã e tirei a calcinha. Fiz tudo com Dion na minha frente sem ao menos piscar. Seus olhos passearam por cada parte do meu corpo, o olhar dele era tão intenso que momentos depois eu já queria me cobrir com algo para desviar a atenção dele.

— Sei que não é como antes... — comecei, referindo-me ao meu corpo.

— Realmente não é. — Minhas mãos partiram imediatamente para cobrir as partes essenciais. — Você está ainda mais gostosa. — Soltei o ar que estava prendendo e dei um sorriso aliviado. — Agora, vem pra mim.

Conforme eu voltava para a cama, ele tirava o restante das roupas. O seu membro totalmente ereto apontando para a barriga fez a minha boca salivar.

Dion trouxe as suas mãos até os meus seios e os acariciou sem pressa, tomando os meus lábios com beijos cheios de volúpia. As minhas mãos também brincaram com ele, percorri o seu rosto, costas e braços, apreciando a sua musculatura que tiraria qualquer mulher do sério.

Quando o atrito entre a minha abertura e o pau dele já não estava mais sendo suficiente, eu quis dar fim àquela espera. Endireitei o seu delicioso membro bem abaixo de mim. Com a ponta, rocei ele pra cima e pra baixo algumas vezes, pegando Dion de surpresa e fazendo ele me agarrar ainda

mais forte, percebi que aquilo era uma ordem para que eu fosse além.

Comecei a deslizar sobre o seu pau e me agarrei ao seu pescoço, sem tirar os meus olhos dos dele. Eu senti uma pontada de dor à medida que ia mais fundo, mas era totalmente suportável. Reuni todo o meu autocontrole para não acabar com a nossa festinha rápido demais.

Fechei os olhos e, por um momento, fiquei com medo de abri-los novamente e descobrir que o que estava acontecendo era fruto da minha imaginação, como havia acontecido várias vezes antes.

Dion apoiou as suas mãos para trás, dando-me mais espaço para poder me movimentar. Fui me mexendo conforme o meu desejo aumentava. Eu trazia o meu corpo junto ao dele como uma dança sensual.

— Puta que pariu, Ava — rosnou. — Você é tão boa nisso.

Mordi os ombros de Dion sempre que meus gemidos ameaçavam sair altos demais e abafava as súplicas dele com meus beijos.

O controle escorregava das minhas mãos, a vontade de chegar logo ao clímax me sufocava, mal percebi quando os movimentos aumentaram e Dion forçava o quadril pra cima para aumentar a nossa conexão.

Aquele orgasmo se formando em mim era violento, mas viria para libertar o meu corpo da agonia de não ter o homem que eu amava por quatro anos.

Dion pegou minhas coxas e as puxou, obrigando que eu aumentasse o ritmo dos movimentos. Toda a delicadeza evaporou e eu me permiti perder o controle. Eu me esqueci de como era ter compostura na hora do sexo – se é que já tive algum dia – e fiz somente o que o meu corpo mandou. A partir daí, já não havia mais pudor, eu me mexia desengonçadamente com o único objetivo de sentir o orgasmo me possuir. Dion amassava o meu bumbum, ouvi cada vez que ele puxou o ar entre os dentes. Ele também estava quase lá.

Quis gritar quando a onda de prazer veio, fazendo eu me contrair em torno dele. Com o corpo em espasmos, eu abracei Dion, arranhando suas costas e aproveitando cada incomparável segundo daquela sensação deliciosa. Senti o seu gozo subir quente por entre minhas pernas e então ele me abraçou de uma forma que poderia cobrir o meu corpo com o dele.

O entusiasmo foi diminuindo, beijei-o no rosto ternamente até chegar nos seus lábios prepotentes. Beijamo-nos sem pressa a medida que o suor do nosso corpo secava.

Olhei brevemente pra ele e uma risada surgiu de forma espontânea. Passei o indicador pelo nariz dele e desci para a boca, então Dion beijou o meu dedo e ficou me observando.

— Eu te amo — falei, como quem diz “oi” ou “olá”. — Mas você precisa ir.

— Ah não! — Ele se enroscou a mim como uma criança fazendo pirraça. — Por quê?

— Porque não quero que os gêmeos acordem e criem expectativas com você aqui.

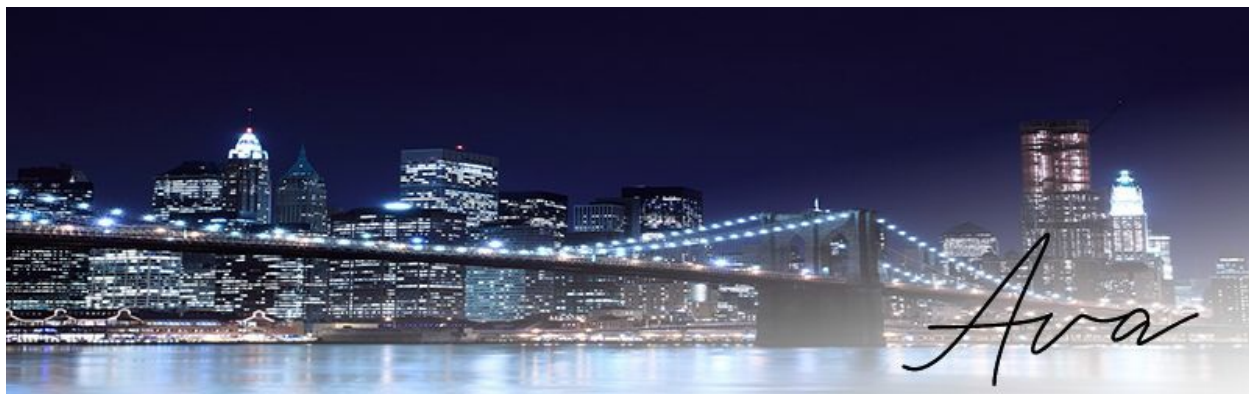
Dion respirou fundo, entendendo que aquilo também não era a minha vontade. Ele concordou com a cabeça ainda que com hesitação e me beijou.

— Eu te amo também — seus dedos percorreram o canto da minha boca. — Amo tanto que às vezes dizer “eu te amo” parece não ser suficiente. — Abri um sorriso enorme com algumas lágrimas pretendendo cair.

Levei Dion até a porta depois de ele se vestir. Ele me deu um último e apaixonado beijo antes de sair. Quando foi embora, fiquei me questionando tudo o que eu ainda precisava esclarecer sobre o passado. Havia pequenas coisas, mas o que mais me incomodava era tudo sobre Bruce.

O maldito Bruce!

Dion não reagiria bem quando soubesse o que ele fez comigo, aquilo era um fato. No entanto, eu buscaria todas as maneiras de diminuir o impacto daquela revelação. E era por isso que eu precisava falar com Andrew.



CAPÍTULO 15

Coloquei o telefone da minha sala no gancho após ligar para o Banco Volkmann e marcar um horário com Andrew. Eu o veria mais tarde para tentar encontrar uma melhor forma de me abrir com Dion e tirar o último segredo de nossas vidas.

— Ava? — Vivian apareceu na porta segurando um bufante buquê de flores vermelhas. Pedi que ela entrasse. — Os números dos últimos dias chegaram, nós estamos quase lá — disse com a alegria de uma criança, chacoalhando o ramalhete em suas mãos.

A felicidade dela logo me contagiou.

— Então vamos bater a meta?

Vivian deixou o buquê em cima da pequena mesa que eu usava para guardar arquivos antigos e deu dois passos na minha direção.

— Não só vamos bater a meta como também vamos bater antes do prazo — finalizou com um grande e genuíno sorriso.

Demos as mãos e pulamos feito colegiais.

Dion havia nos dado um prazo de trinta dias para fazer a empresa crescer com uma projeção de lucro maior do que a empresa que concorria com a Carter Inc. pelo topo. Não importava se o nosso momento como casal estava bom, nem que eu era mãe de seus filhos. Eu queria que ele visse que nós conseguiríamos levar a nossa empresa adiante.

— Está vendo? Nós conseguimos. Eu disse que você iria conseguir. — Minha chefe estapeou o ar como se dissesse “deixa disso!”.

— Você fala como se não tivesse nada a ver com isso. Somos uma equipe, Ava. O sucesso dessa empresa reflete o esforço de todos os funcionários, não só o meu — piscou. — Agora eu preciso entrar em contato com o seu namorado para avisar que ele não vai tirar essa empresa das nossas mãos — falou com bom humor. Concordei com um sorriso.

— Ei, espere. — Peguei o ramallete para entregar a Vivian. — Está se esquecendo — estendi o buquê na direção dela.

Ela olhou do buquê pra mim ainda com um sorriso no rosto.

— Jenna tem cara de quem me envia rosas vermelhas? — Balancei a cabeça dizendo que não, sufocando um risinho. — Isso é pra você, mandaram para o meu escritório por engano.

Vivian saiu. Fiquei com aquele ramallete enorme em minhas mãos, já sabendo quem havia enviado.

“Para a mãe dos meus filhos e a única mulher em minha vida.”

Li o pequeno bilhete com o coração palpitando. Nunca recebi flores de Dion ou de qualquer outro homem, mas entendia que ele queria me fazer lembrar dele após a noite maravilhosa e quente que compartilhamos. Eu desejei agradecê-lo e faria aquilo pessoalmente, mas antes precisaria conversar com o seu amigo petulante.



— Permita-me dizer que estou surpreso — Andrew disse após eu entrar em sua sala.

O ambiente era muito elegante, mas modesto se comparado ao escritório de Dion. Aliás, ele estava em uma reunião no andar de cima e não sairia de lá pela próxima hora. Mesmo assim, eu me sentia alguém fugindo da polícia ao entrar em uma delegacia.

Olhei para os lados tentando focar em algo. Eu precisava ter paciência para não bater boca com ele.

— Vamos lá, me diz a que devo a honra de sua humilde presença? — O tom dele era irônico, não imaginei que seria diferente.

Eu já estava me sentindo acuada e ele se aproveitaria da situação. Parei meus olhos nos seus sapatos com um questionamento pairando minha cabeça. Não se ele me ajudaria e sim se eu seria capaz de pedir ajuda a alguém que nunca se mostrou inclinado a pelo menos me tratar bem.

Andrew subiu as sobrancelhas, esperando que eu dissesse algo.

— Eu preciso de sua ajuda — falei logo.

Bom, se não desse certo, eu seguiria em frente. Não tinha nada a perder além de um pouquinho da minha dignidade.

— O quê? — Ele inclinou o ouvido para o meu lado. — Acho que não entendi.

— Eu disse que preciso da sua ajuda.

Andrew abriu os braços, procurando algum sentido no que eu disse.

— E pra quê você precisa da minha ajuda?

Tomei uma grande quantidade de ar e olhei em seus olhos de um verde sem graça.

— Sei que você nunca gostou de mim e, olha, a reciproca é verdadeira. O que eu gostaria de conversar com você é um assunto muito sério. Eu preciso de verdade que você me escute.

— Pode mandar, nenhum assunto é sério demais se tratando de você — finalizou com uma risada sem humor.

Meu Deus! O que eu fiz pra esse homem?!

Suprimi um palavrão e continuei:

— Há quatro anos você me contou sobre uma gravação do prédio em que Dion me colocou. — Ele cruzou os braços e me ouviu. — Eu queria saber se você ainda a tem?

Andrew pareceu insatisfeito, provavelmente ele esperava uma revelação mais dramática.

— Posso dar uma olhada se ficou salvo no meu e-mail — deu de ombros. — Por que você precisa delas?

— Porque eu queria analisar a situação, eu preciso delas para tentar entender o que me aconteceu.

Senti todas as lembranças ruins virem à tona e as lágrimas tomando forma.

— O que você pensa que está fazendo? — A voz de Andrew trovejou pela sala, assustando-me. — Qual é a desse teatro, Ava?

Meus olhos rolaram para cima, dando-me conta de que nunca conseguiria um diálogo produtivo com aquele homem.

— Esquece. — Peguei o rumo da porta, mas Andrew se apressou e se pôs a minha frente.

— Agora que está aqui, eu quero saber! — Fechou os braços em frente ao corpo.

— Não, você não vai ao menos tentar entender o meu lado — minha voz saiu irritantemente embargada.

— Eu posso tentar, mas não por você e sim por Dion. O cara está um pé no saco de tão feliz depois que descobriu que é pai de dois filhos. Hum, ele deu sorte de não pegar a fase das fraldas — completou sem muita empolgação. — Me diz o que aconteceu?

Acalmei-me para conseguir manter o tom da minha voz.

— No dia que você falou das gravações, eu sequer sabia que Bruce entrava no apartamento de madrugada.

— Você tá querendo me dizer que ele invadia o apartamento? — Concordei com a cabeça, assumindo que ele entendia o que eu queria dizer. — Mas...

— Espere, me deixe terminar. Bruce apareceu no apartamento somente uma vez que eu tenha visto. Eu nem sei como ele me achou, o fato é que ele foi até mim para me perturbar. Ele sabia o que eu era, o que eu e Dion éramos, sendo que eu tinha visto ele duas vezes apenas — percebendo a abertura que ele estava me dando, eu continuei. — Me arrependo até hoje de

não ter contado para Dion sobre a primeira vez que ele apareceu no apartamento, talvez nada disso tivesse acontecido.

Se arrependimento matasse...

Hoje eu via o resultado de uma informação omitida. Na época, eu achei que seria exagero contar a Dion a façanha do irmão bastardo. Achei que era coisa boba, no entanto eu percebi que, se eu tivesse contado, as coisas não terminariam como terminaram.

— O que não teria acontecido? — Ele encaixou a mão abaixo do queixo e aguardou que eu lhe desse maiores detalhes. — Talvez você não tivesse caído nas garras de Bruce, é isso? Talvez você não tivesse que escolher entre o banqueiro e o irmão vagabundo dele? — Andrew soltou um suspiro de desgosto. — Por que caralhos você acha que eu vou te ajudar?

— Porque ele me estuprou! — Rebatu como um corte de navalha.

A explosão veio e nem pensei em contê-la. Estava psicologicamente cansada para deixar Andrew me provocar ainda mais. Fitei-o a tempo de encarar a sua face de horror. Ele ficou parado na minha frente, sem piscar ou mexer um músculo.

— O que você acabou de falar? — Perguntou com cautela.

— Ele abusou de mim todas as noites que ele apareceu entrando no apartamento naquela gravação — respondi, ainda sentindo o impacto do que eu havia falado anteriormente.

Vi Andrew andar de um lado para outro tentando raciocinar algo. A sua risada esganiçada apareceu um tempo depois.

— Você é uma ótima mentirosa — falou com tamanha calma. — Eu quase caí nessa.

— Por que eu mentiria sobre uma coisa assim?

— Para fazer Dion acreditar que você não o traiu — a resposta de Andrew já estava na ponta da língua. — Se Bruce realmente fez o que fez, por que não reagiu? Por que não pediu ajuda a alguém? Como você pode ter sido violentada sem ao menos saber? Eu sou advogado, caso não se lembre — ponderou.

— É isso que eu quero tentar entender! Se você não tivesse mencionado a gravação, eu jamais saberia o que aconteceu.

Andrew parou por um tempo, coçou a cabeça tentando pegar todas as nuances da minha declaração.

— Vamos lá, me dê mais — gesticulou com as mãos pedindo para que eu continuasse.

— Após o dia em que Bruce apareceu no apartamento pela primeira vez, eu comecei a ter pesadelos. Pesadelos muito realistas. No dia seguinte, a minha cabeça ficava pesada e eu me sentia dolorida como se tivesse lutado a noite inteira e, no meio desses pesadelos, eu via olhos azuis bem grandes. De início pensei que era Dion indo me ver de madrugada, porém nada mais condizia com o jeito que ele me tratava.

— Isso é muita fantasia para a minha cabeça. Você diz que foi estuprada, mas não tem certeza. É isso mesmo?

Eu precisava reconhecer que a minha história era bizarra, ainda mais sendo contestada por um advogado. Porém eu tinha que ver as gravações para ter certeza de que elas existiam e que o lugar que Bruce entrava era de fato o meu apartamento.

— É — admiti sem resistência.

Andrew xingou baixinho várias vezes.

— Não tinha outra pessoa pra você procurar, não? Agora eu vou ter que lidar com essa merda!

— Apenas me dê a gravação e eu cuido do resto. Juro que serei grata pelo resto da vida.

Ele me analisou e levantou os ombros brevemente.

— Eu vou arranjar pra você — finalizou e me deu as costas, entendi o recado e saí o quanto antes de sua sala.

Estava me sentindo destruída por ter que revelar os meus segredos mais sombrios para alguém que me odiava, mas aquela ação me fez ter um pouco de esperança para o que ainda estava por vir.

Recompus-me e subi até o andar da presidência. Eu esperaria até Dion finalizar a sua reunião e talvez ficasse para almoçar com ele. Ao sair do elevador, vi Lauren conversando com alguém em frente a uma porta, quando ela me viu, dispensou o homem e se aproximou rebolando os quadris de forma pouco casual.

— Se perdeu na cidade, querida? — Questionou, colocando as mãos na cintura.

— Ah não, eu só vim ver o *seu* patrão — dei um sorriso mascarado de ódio.

Era só o que me faltava.

— Veio ver se Dion não estava me comendo em cima da mesa dele, não é? — Fechei meus olhos e mordi o meu lábio inferior ao ouvi-la dizer o nome de Dion de forma tão íntima. — Eu sabia! — Comemorou ao assistir minha reação.

— Olha aqui, *querida*. Você não quer mexer comigo hoje — falei cada palavra como uma ameaça iminente.

Não queria saber de suas paixões platônicas. Virei-me para tomar o rumo da sala de Dion, contudo Lauren ainda não se deu por vencida.

— Sabe, eu poderia facilmente acabar com esse romancezinho de vocês, mas eu não vou fazer isso porque é você quem vai acabar com tudo.

Parei de andar, respirei fundo e contei até três. Foi difícil me segurar para não ir lá arrancar os cabelos dela com as mãos.

Depois da conversa com Andrew, eu estava muito perto de perder a razão, então, para evitar que eu e Lauren rolássemos no piso, contive meus instintos.

A sala de reunião ficava ao lado da sala da presidência. Na recepção, havia os mesmos funcionários de São Francisco. Eles fofocavam tanto que nem perceberam minha presença. Entrei na sala de Dion sem ser interrompida. Sentei no sofá de couro e aguardei.

Esperei quase meia hora até que escutei a maçaneta girar. Dion apareceu à porta e sorriu quando me viu.

— Oi, meu amor — falei, sentindo-me com quinze anos.

Levantei e cheguei mais perto dele. Era impressionante como tudo ficava bem quando eu estava com ele. Como a bonança após a tempestade.

— Está tudo bem? — Perguntou depois de capturar os meus lábios com um intenso e demorado beijo.

Suas mãos desceram pelo meu quadril arrancando-me arrepios a cada curva.

— Está sim — menti.

— Tem certeza? — Concordei com a cabeça. — E os meninos?

— Estão na escola.

— Antes que eu me esqueça, posso pedir a babá para levá-los para o meu apartamento depois da aula? — Ele olhou para cima tramando alguma coisa. — Não, melhor. Eu saio um pouco mais cedo do escritório, busco eles e, quando você encerrar o seu expediente, você vai pra lá também.

— Eu vou adorar.

— Ótimo, só não se esqueça de avisar a babá.

Permaneci olhando pra ele, sentindo-me hipnotizada, e o trouxe para mais um beijo.

— Vivian já te disse que conseguiremos bater a meta?

— Sim, eu estou tão orgulhoso de você. Eu me lembro como se fosse hoje quando me falou que o seu sonho era conseguir suas coisas com esforço próprio, — Apreciei a sensação de ter alguém sentindo orgulho de mim. — Você está conseguindo isso, mesmo com o fator filhos gêmeos e pai babaca no caminho.

— Não fale isso novamente. Nós dois erramos e você sabe.

— Eu sei, mas você ainda não falou se me perdoa...

— E eu gostaria de te fazer a mesma pergunta, no entanto ainda não é a hora.

Pelo seu semblante que se fechou como uma porta na minha cara, ele

sabia muito bem do que eu estava falando. E como não era surpresa, o clima ficou tenso, mesmo que nem eu e nem ele quisesse que ficasse daquela forma.

Já que não faríamos votos de perdão naquele dia, decidi fazer outro tipo de voto, mas foi ele quem falou primeiro.

— Eu te amo. — Sorri e percebi toda aquela nuvem negra sumir de cima das nossas cabeças.

— Eu também te amo — respondi entre a maciez de seus lábios. — Aliás, eu amei as rosas vermelhas que você me enviou.

Dion me olhou com um sorriso enigmático.

— Ah, você amou? — Beijou o meu pescoço maliciosamente. — Só tem algo de errado nisso. Eu não te enviei rosas nenhuma. — Afastei-me um pouco para analisar a sua expressão, eu achava que ele estava brincando, mas não estava.

— Como não? Se eu me lembro, estava escrito “para a mãe dos meus filhos e única mulher em minha vida” — falei como se fizesse uma serenata.

Dion deu um risinho tosco.

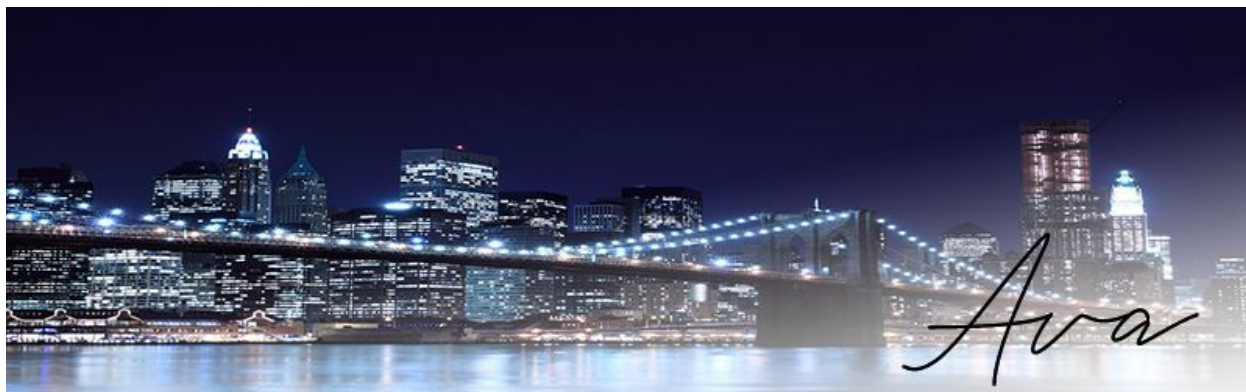
— Deve ter sido engano. Eu nunca te mandei flores porque lembro que me disse uma vez que não gostava dessas coisas.

Concordei com o olhar, mas entristeci um pouco. O bilhete parecia perfeito, as rosas também.

— Já que agora eu percebi que você *ama* flores, vou dar um jeito de fazer dos seus dias mais... floridos?

— Dion, você já faz isso sem precisar me enviar flores.

Rimos feito dois idiotas com aquela minha declaração de amor barata e melosa. Absorvi nosso momento de felicidade. Eu realmente não queria ter que perder Dion de novo. Se a falta de confiança nos separou uma vez, a verdade que viria à tona poderia ser muito pior.



CAPÍTULO 16

Carl já estava a minha espera quando saí da Carter Inc.

Escutei uma algazarra na cobertura antes mesmo de Júlia abrir a porta pra mim. Uma hora atrás, Dion havia me ligado informando que tinha buscado os gêmeos na escola e estava a caminho de seu apartamento e que ele e as crianças já estavam loucos para me ver.

Cumprimentei a governanta ao entrar, os gritinhos e um grito grave ficaram mais altos conforme eu adentrava o apartamento. Subi as escadas depois que Julia disse que Dion e os meninos estavam no andar de cima.

Parei os passos ao ver meus dois pinguinhos de gente correndo como baratas tontas e o pai atrás com a gravata amarrada na testa, fingindo ser um monstro ou algo assim, totalmente envolvido naquela diversão. Fiquei alguns segundos admirando a brincadeira, aquele era o meu sonho de família se tornando realidade.

— Mamãe! — Mason me notou primeiro.

Ele veio até mim, Aiden logo fez o mesmo. Dion ficou no mesmo lugar, parecia envergonhado de eu ter flagrado o seu lado pai brincalhão.

— Vocês estão se divertindo com o papai? — Agachei para abraçar e beijar as suas bochechinhas gorduchas.

As cabeças deles balançaram pra cima e pra baixo freneticamente. O brilho em seus olhos era perceptível.

— E o papai está se divertindo com os pequenos? — Perguntei enquanto Dion se aproximava de nós, tirando a gravata do topo da testa.

— O que eu posso dizer... eu sou o pai mais babão que existe — respondeu ele apontando para si mesmo.

Dion chegou mais perto e segurou o meu rosto, arrancando de mim um beijo afetuoso, quase fraternal.

— Chega de brincar por hoje, agora eu quero ver os meus dois bebês bem cheirosinhos — peguei os meus filhos pela mão e os levei para o quarto.

Eles reclamaram, afinal queriam brincar com o pai até capotarem de cansaço. Dion logo apareceu para incentivá-los a tomar banho, prometendo que eles veriam um filme mais tarde.

Depois de tomar o meu próprio banho e pegar uma camisa de Dion emprestada, eu fui para o quarto dele, onde os meninos já estavam acomodados na enorme cama forrada com um lindo jogo de lençol cinza chumbo. O próprio apareceu logo atrás de mim com dois baldes de pipoca que cheiravam longe. Ele deu um sorriso malicioso quando me viu usando as suas roupas.

— Os meninos costumam dormir durante os filmes? — Perguntou despretensiosamente, mas os olhos estavam cheios de expectativas.

Neguei e vi os seus ombros caírem.

Com o filme rolando, os gêmeos comentavam a cada cena e se divertiam para valer com a aventura de um leãozinho no meio da selva. Mason e Aiden estavam no centro da cama, comendo pipoca sem parar. Eu e Dion ficamos na beirada. Por diversas vezes, os meus olhos e os dele se encontraram.

— Obrigado — sussurrou para mim pouco tempo após os meninos terem adormecido.

— Pelo quê?

— Por tornar isso possível — havia emoção em seus olhos, tão sutis quanto fogos de artifício numa noite escura.

Observei-o de longe algum tempo. Como eu queria assegurar-lhe de

que não havia mais nenhuma tormenta para enfrentarmos. Gostaria de abraçá-lo e garantir que não tinha nada capaz de tirar a nossa paz, mas eu estaria errada se fizesse isso. Eu já havia bolado um plano para tirar o último empecilho de sermos plenamente felizes.

Aplaquei as minhas próprias emoções para pegar Aiden no colo e levá-lo para o quarto. Dion fez o mesmo com Mason. Esperamos um pouco para nos certificar de que eles não acordariam.

— O que tem de errado? — Dion questionou, percebendo a minha estranheza.

A sua habilidade de mapear as minhas emoções nunca falhava.

— Nada.

— Sei que te disse que seria paciente, mas não consigo ficar calado quando vejo o quanto esse segredo te faz mal. — Ele cruzou os braços na minha frente, dando um sorriso incompreendido. — Espere aqui.

Dion entrou no quarto e voltou com duas peças de roupa. Primeiro, ele me deu uma calça de moletom e depois uma blusa de frio. Vesti as duas e então ele me puxou para a escada, onde subimos até a cobertura.

O local era magnífico. À direita havia uma academia protegida com paredes de vidro, no centro tinha uma piscina com proteção, afinal ainda estávamos no inverno. Algumas cadeiras de praia próximas ao limite do prédio e uma estrutura parecida com mesas e alguns bancos altos.

Aquele seria o lugar perfeito para eu fazer um convite – não tão especial – para Dion.

— Sabe o que eu queria? — Comecei, aproximando-me do parapeito que batia pouco abaixo do meu ombro. — Um fim de semana em família.

— É uma ideia ótima. Me conte mais para eu poder planejar o nosso fim de semana perfeito.

Aquilo nocauteou o meu coração. A minha intenção era realmente aquela, um fim de semana perfeito para eu poder dar um golpe duro logo depois. Eu não queria ter que revelar aquelas coisas pra ele de qualquer jeito. Eu queria reduzir os danos o máximo possível, mas, se as coisas fugissem do

controle, eu não ficaria surpresa.

— Pensei em um lugar privado. Um chalé talvez. — Dion se aproximou e encostou o seu corpo no meu, fazendo-me transpirar por baixo de todo aquele moletom.

— Lugar calmo, longe da civilização, com muito verde e ar fresco. Gosto disso — comentou.

Dion afastou o meu cabelo e distribuiu beijos quentes e demorados ali, espremendo o seu corpo no meu, deixando-me ciente da animação incontida dentro de suas calças. Segurei na barra de ferro do parapeito para sustentar aquelas investidas.

Uma mão dele desceu pelo lado de dentro do meu moletom largo, apenas acariciando a minha pele com suavidade, me elevando nas alturas.

— Agora eu entendo o motivo de ter me arrastado pra cá.

— Eu não iria correr o risco dos gêmeos acordarem e se perguntarem por que a mãe deles está gritando — falou da forma mais natural possível.

Virei o rosto para fitá-lo todo cheio de si.

— Se a sua intenção é essa, o que está esperando? — Desafiei.

— Tudo bem pra você se alguém por um acaso nos ver fazendo... coisas impróprias para uma cobertura de prédio?

Olhei brevemente para os lados, constatando as inúmeras janelas com a luz acesa tanto na frente quanto ao lado, mas nas redondezas todos os prédios eram menores que o prédio dele.

Fiquei na dúvida, mas as carícias de Dion se intensificaram e logo suas mãos descobriram as partes mais interessantes. Ele puxou o meu pescoço para tomar os meus lábios. Eu não sabia como, mas os beijos dele pareciam ainda mais cheios de desejo. E o fato de eu ser a única mulher que conseguia fazer aquilo com ele brincava com os meus pensamentos indecentes. A partir daquele momento, soube que não conseguiria dar nem mais um passo sem senti-lo dentro de mim.

Enfiei a minha mão dentro da calça de Dion, ele se assustou com a minha ganância, no entanto os seus lábios sugeriram que ele gostou da ideia.

Segurei o pau dele, subindo e descendo levemente, com uma pressão controlada.

Suas mãos espertas aumentaram o ritmo dos movimentos na minha intimidade úmida e conseqüentemente meus gemidos ficaram mais altos.

— *Ava*, eu queria muito continuar assim, mas eu preciso estar dentro de você agora.

Meus olhos captaram os apartamentos ao redor, contudo o que me fez retesar foi o fato de que nós precisávamos de proteção. Havia séculos que eu não tomava pílula e alguns dias atrás tive que recorrer a esse método que não gostava muito.

— Dion, nós vamos precisar de preservativo. Não posso tomar pílula do dia seguinte de novo — resmunguei.

— Acho que os nossos pensamentos estão sincronizados, porque eu tenho tudo o que você precisa — ele afundou a mão livre no bolso, retirando algumas embalagens de camisinha.

Um sorriso bobo ficou escancarado no meu rosto até que Dion colocasse a proteção. Após isso, ele abaixou as minhas calças junto com a cueca dele e me orientou a deixar as pernas retas e segurar na barra de proteção.

Dion traçou os seus dedos por entre a minha abertura. Sem conseguir me controlar, eu mexi os quadris conforme os seus movimentos até o ponto de não aguentar mais. Puxei a perna de Dion para que ele acabasse com a minha tortura e assim ele fez, me penetrando vagarosamente até o ponto que dava e logo tentou de novo e foi até o fim.

— Você está incrivelmente molhada — falou no meio do movimento lento e agonizante dos nossos corpos deslizando um sobre o outro, as mãos foram ágeis ao encontrar os meus seios por dentro do moletom pesado. — Esse é um dos motivos por eu te amar tanto.

Eu estava me perdendo e levando a minha sanidade junto com aquela pressão agonizante. Por diversas vezes me questionei se encontraria um homem selvagem e carinhoso na cama como Dion era e sempre chegava à conclusão de que era errado fazer tal comparação, uma vez que nenhum outro

homem chegaria aos pés dele.

Dion resolveu que o momento de apreciar os nossos corpos havia chegado ao fim e, com um pedido dele, eu apoiei um joelho na barra do meio do parapeito, dando mais possibilidade para ele trabalhar o meu corpo. Ele passou a estocar mais rápido e mais forte. Segurei o seu rosto perto de mim para que eu dissesse o quanto estava excitada e como o seu pau era delicioso.

— É assim que você gosta?

O som dos nossos corpos se perdia diante da movimentação constante da cidade mais populosa do mundo.

— Sim... sim — gemi.

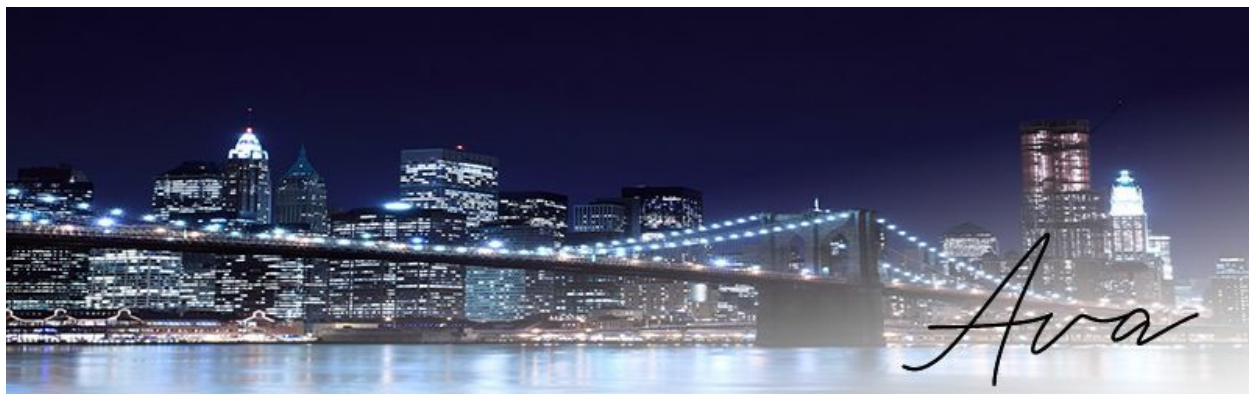
Dion alcançou o meu cabelo, o puxou sem usar muita força e continuou exercendo a sua pressão viril contra mim de uma forma que parecesse que ele estava domando um animal selvagem que nunca se dava por vencido, me preenchendo cada vez mais. E foi ali, entre a confusão de prédios, luzes e frio, que o prazer me arrebatou pela primeira vez naquela noite, com uma explosão insaciável.

Não me movi para me manter envolvida pelos braços dele, absorvendo todo o calor que ele emanava.

— Eu sei exatamente onde iremos passar o nosso fim de semana perfeito — Dion se adiantou, ainda ofegante.

A minha expressão de incômodo foi indisfarçável, após aquele momento prazeroso ser jogada num deserto de tribulação que era o nosso passado – não foi fácil.

— Ótimo — falei fria. — É lá que vamos conversar.



CAPÍTULO 17

Trabalhei nos dias seguintes com a preocupação de contar a Dion a história dos pesadelos no fim de semana sem ter nada de concreto, até uma visita inesperada naquela tarde de quinta-feira me trazer um turbilhão de problemas e inacreditavelmente uma luz no fim do túnel.

Um minuto atrás, Andrew havia sido anunciado na recepção. Autorizei a sua entrada na minha sala e naquele momento ele estava na minha frente. Era o mesmo de sempre: o jeito que me olhava me reduzindo à pior das criaturas e o semblante desgostoso, mas havia algo mais. Havia um conflito refletido em seus olhos.

— Deu um pouco de trabalho, mas eu consegui resgatar as gravações.
— Levantei-me com um imenso medo do que encontraria naquelas filmagens.

Andrew colocou um pequeno envelope laranja em cima da minha mesa. Ele parecia ter o tamanho perfeito para caber um *pen drive*. O advogado permaneceu com a mesma expressão indecifrável enquanto abria o envelope para mostrar que as minhas suspeitas estavam certas.

Encaixei o dispositivo no meu computador e aguardei a gravação ser iniciada. Sentei em frente a tela, percebendo pela minha visão periférica que Andrew sequer se mexia. Comecei a abrir os vídeos um por um, aumentando a velocidade até aparecer algo. Conforme os minutos foram passando, eu me sentia desconfortável com a presença do advogado.

O que ele queria? Um troféu por ter me dado aquelas gravações?

— São mais de trezentas horas de filmagens. Deixe que eu facilite as coisas para você. — Ergui meus olhos acima da tela de computador para tentar entender o que Andrew queria dizer com aquilo.

Ele girou uma pasta em suas mãos, que até então eu não tinha percebido que carregava, e tirou de lá alguns papéis. Voltei a ficar de pé para encará-lo melhor.

— Sabe qual é a melhor forma de pegar um estuprador? Você segue o rastro de vítimas que ele deixa e uma coisa que aprendi no meu estágio na delegacia de crimes hediondos é que um estuprador *sempre* irá agir de novo.

— Você está me dizendo que...

— Que Bruce já fez isso outras vezes? Bem... — Ele manuseou alguns documentos. — Temos a Brianna e a Samantha em Los Angeles. Lucy, Miranda e Louisa em San Carlos. Eu tenho aqui o processo da Regina, Alice, Emma e Katie. — Olhei para Andrew, me perguntando quando os nomes cessariam. — Estas foram em Santa Mônica. Depois, eu comecei a pesquisar casos semelhantes em todas as cidades que Bruce já havia visitado ou morado, mapeei todos processos e ainda não abri sequer a metade.

Engoli seco, mas parecia que o ar havia parado na minha garganta, impedindo-me de respirar adequadamente. As lágrimas não vieram, não valia a pena derramá-las por aquele ser miserável chamado Bruce.

— Com todos esses casos, como ele ainda permanece solto? — O meu tom de voz deveria ter saído severo, no entanto foi reduzido a um sopro.

— Escassez de provas, principalmente. Esses casos são bastante delicados e somente o trio de San Carlos foi tratado por uma equipe da divisão de crimes hediondos que é onde existe pessoal qualificado para dar prosseguimento a processos como esse.

— O que aconteceu com elas?

Andrew me estendeu as folhas que continham os dados.

— Você vai ver algumas partes grifadas, são exatamente essas partes que me fizeram ligá-las ao seu caso.

Virando a folha eu pude ver algumas tarjas marcadas em verde neon.

“Eu não conseguia lutar, meu corpo parecia ter tido as forças drenadas.”

“No início, eu pensei ser uma sombra, mas uma sombra não é palpável.”

“Me senti vulnerável na minha própria casa.”

“Nos primeiros dias, eu me perguntei se aquilo tinha sido real, até os primeiros sinais de gravidez aparecer. Acontece que eu não tinha relações sexuais há quase um ano.”

— Uma das vítimas ficou grávida dele? — Perguntei horrorizada.

— Sim, a polícia fez um retrato falado com as poucas informações extraídas da vítima, juntamente com algumas imagens de câmeras de vigilância. Foi assim que chegaram até Bruce. Como resultado, um processo triplo foi instaurado contra ele.

— Isso tem quanto tempo?

— Quase dez anos.

Tentei calcular a quantidade de vítimas que Bruce poderia ter feito dentro daquele prazo de tempo.

— Então o processo não foi pra frente?

— Não. Alegaram provas insuficientes. De fato, não conseguiram achar provas sobre como ele imobilizava as vítimas. Corpo dolorido, confusão mental foram relatados por todas elas no dia seguinte do ato consumado. No entanto, nada explicava aquilo. Miranda, a vítima que ficou grávida, efetuou um aborto e os legistas confirmaram o parentesco do feto com Bruce. E nas outras vítimas os peritos também encontraram vestígios de sêmen na cama e roupa íntima.

— Como isso não foi o suficiente para colocá-lo na cadeia?!

— O caso foi extremamente estudado. Algumas substâncias que são componentes de anestésicos foram encontradas nos exames de urina das vítimas, mas foram consideradas evidências fracas, além de que Bruce reagiu afirmando que o sexo havia sido consentido.

— Meu Deus... — sussurrei frustrada, eu não tinha mais palavras para expressar tamanha monstruosidade.

— Esses casos em específico tiveram uma boa base e grandes chances de levar para o júri popular, só que algo inesperado aconteceu e todas as vítimas retiraram a acusação contra Bruce em um único dia.

— Sério? — Minhas sobrancelhas se arquearam. — Isso me parece...

— Que alguém pagou para elas “calarem a boca”? — Andrew fechou os olhos, concordando com a cabeça.

Parei por um instante para digerir aquelas informações. Como eu poderia imaginar que o que Bruce fez – e ainda fazia aquelas atrocidades – sem nunca ter sido punido? Não era justo nem comigo nem com as demais vítimas.

Andrew continuava me olhando, dei-me conta de que as revelações ainda não haviam acabado.

— Por que está fazendo isso? Por que está me ajudando? — Tentei chegar ao “x” da questão.

Ele trocou o peso de uma perna pra perna e colocou as mãos na cintura, olhando agora para um ponto fixo perto da janela. Puxou o ar fortemente e me encarou.

— Dion já deve ter mencionado com você que eu agora sou um homem casado e pai. — Eu sabia que ele era pai, mas não que era casado.

— Sim. Aliás, como Amber está? — Aquela foi a minha definição de jogar verde.

Quando vi um sorriso bobo deslanchar nos lábios do homem, eu soube que tinha colhido maduro.

Amber? Ora, ora...

— Ela está bem, apenas se adaptando a nova rotina. — Ofereci um sorriso gentil para que ele continuasse. — Sabe, eu tenho uma esposa e uma garotinha rechonchuda de sete meses, só isso já seria suficiente para ter medo de ver os meus bens mais preciosos vivendo em um mundo que tenha um homem que estupra mulheres desacordadas à solta. Só que aí eu me lembrei de algo que aconteceu muitos anos atrás.

Ele me fitou desconfiado, sem muita certeza se queria compartilhar

aquilo comigo, mas continuou.

— No dia do noivado de Amber e Dion, eu a encontrei quietinha em um canto. A aparência dela estava perfeita, mas havia um terror em seus olhos — já imaginei o rumo que aquela história tomaria. — Perguntei o que havia acontecido, mas ela não quis me dizer. Naquela noite, eu decidi que conseguiria a sua confiança para fazê-la se abrir comigo. Dion na época ainda estava se adaptando ao mercado, todos diziam que ele era jovem demais para conduzir uma instituição financeira, a desconfiança econômica com ele era grande e injusta e eu entendo o porquê de ele não ter percebido o que tinha acontecido.

— O que aconteceu?

— O pai e o irmão de Dion estavam na festa. Bruce parecia um carrapato grudado a Amber. Pensei que ali cresceria uma grande amizade. Acho que ela também pensou, antes de Bruce tentar agarrá-la a força em um dos quartos de sua própria casa. — Fechei os olhos e os apertei, sentindo o meu sangue ferver.

— O que você fez?

— Eu não fiz nada, sequer contei isso para Dion. Amber expôs a situação para o, até então, futuro sogro sobre o que Bruce havia feito, mas ele não deu importância e enfatizou que Amber não deveria dizer nada a ninguém para evitar “dor de cabeça desnecessária”. Eu ainda me lembro da voz desapontada dela ao me falar essa parte.

— Devo imaginar que foi aí que vocês se aproximaram — incentivei-o a dizer mais.

— É uma história um pouco complicada — Andrew coçou o queixo.

— Mais que a minha e do seu amigo?

— Hum — ele pensou. — É, talvez não.

— Como Dion reagiu a isso? Esse negócio entre você e Amber?

Nem me dei conta de como a nossa conversa havia mudado de rumo drasticamente. Eu nunca pensei que um dia teria interesse em ter um papo menos superficial com Andrew.

— Ele já desconfiava. Quando decidi assumir o meu relacionamento com Amber, eu assinei a minha carta de demissão e a entreguei a ele para evitar uma pequena guerra de egos, mas ele me surpreendeu. Dion disse que já sabia o que rolava nas entrelinhas, ele achava exagerado demais a forma que eu o incentivava a continuar casado e sabia de alguma forma que aquele seria o caminho que eu tomaria com o divórcio dele e de Amber. Ainda estou à espera de uma alfinetada ou uma discussão séria, mas ele nunca sequer me olhou diferente depois de tudo isso que te falei.

Amber parecia de fato responsiva aos “encantos” do advogado na festa beneficente do banco alguns anos atrás, porém a mulher disse que amava Dion e eu realmente achei que amava.

— Eu e Dion somos amigos desde que éramos dois garotos franzinos no colegial. Nós aprendemos juntos a compartilhar as responsabilidades. Apesar de ele ser alguns anos mais novo que eu, ele sempre foi muito adulto, muito pé no chão, mesmo com tanto dinheiro e um mundo de possibilidades a sua volta. Sei que ele trocava aquilo para ter o que sempre sonhou, uma família. Você e os seus filhos desafiaram a ciência e agora ele tem isso — Andrew fez uma pausa, rezei baixinho para que ele não percebesse a enxurrada de informações que estava me dando e parasse de falar. — Droga, como ele merece isso! De uns tempos pra cá, eu tenho pensado que estava errado achando que você faria dele um fantoche que agiria conforme as suas vontades, mas não. Hoje eu admito que você, Ava, foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele — o advogado me analisou percebendo a minha emoção. — Só para registro, fui eu quem deu seu número para ele.

Uma leve insinuação da minha cabeça de que possivelmente Andrew era quem contrataria os meus serviços de prostituta fez o meu estômago embrulhar. Olhei para os papéis em minha mão, sentindo-me envergonhada com os meus próprios pensamentos e pedi para ficar com os processos.

— O que você pretende fazer com essas informações?

— Eu ainda não sei, eu só... não quero que nenhuma outra mulher passe por isso que nós passamos. — Andrew concordou com a cabeça.

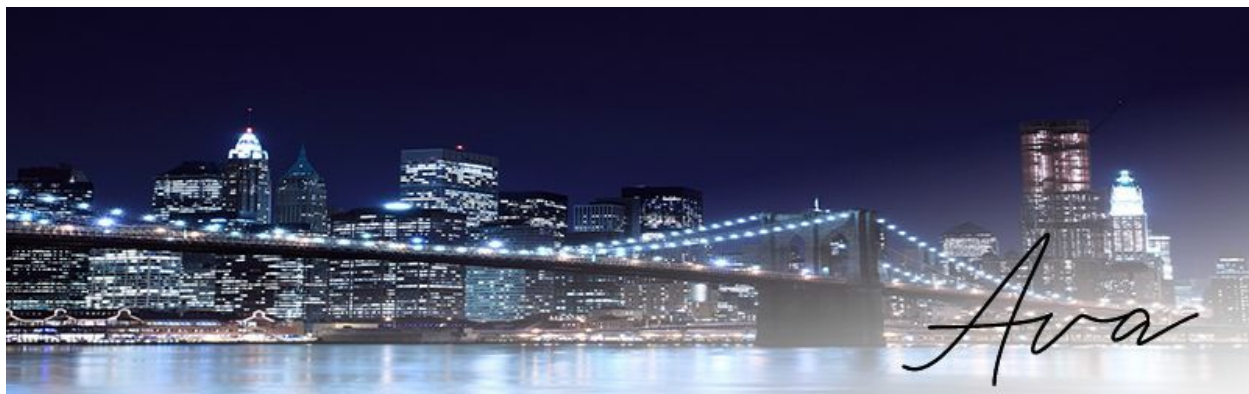
— Quando irá contar para Dion?

— Neste fim de semana.

Andrew me lançou um olhar de compreensão e se aprumou para deixar a minha sala. Quando abriu a porta, ele se voltou para mim com um brilho de arrependimento em seus olhos.

— Ava, eu sinto muito. Por tudo — esclareceu antes de deixar a sala.

Permaneci no mesmo lugar e suspeitei que talvez, só talvez, eu o odiasse menos agora.



CAPÍTULO 18

— O que foi? — perguntei ao perceber Dion se remexendo ao meu lado na cama.

Ele abraçou minha cintura, cheirando suavemente o meu pescoço.

— São oito da manhã e eu estou com muita preguiça de levantar. — Reagi com um risinho à sua voz rouca e desanimada.

Dion era do tipo que acordava junto com as galinhas para ter uma produção máxima durante o dia, mas eu sabia também que ficar deitado do jeito que estávamos era um convite indecente para não nos levantarmos tão cedo.

— Acho que é para isso mesmo que estamos aqui — ponderei. — Aliás, há quanto tempo você não tirava um fim de semana só para, você sabe, não fazer nada?

— Não me lembro agora — disfarçou.

No fundo, eu sabia que Dion não tirava folga com frequência e até os fins de semana ele dedicava ao trabalho constantemente.

Senti a mão de Dion entrando sorrateiramente na minha calça de dormir, acariciando-me com seu toque flamejante. O pouco de frio que eu estava sentindo desapareceu completa e instantaneamente. Logo concentrei a minha energia em seguir os movimentos de seus dedos explorando a minha intimidade de um jeito que só ele sabia.

Deitei de barriga para cima e coloquei a mão esquerda debaixo do edredom até alcançar o meio das pernas de Dion, e lá estava ele em todo o seu poder masculino. Passei a língua pelos lábios, esperando que Dion os tomasse. Ele suspirou longamente sem deixar de me tocar.

Seus olhos cerraram para o meu lado e uma ponta de divertimento me pegou em meio ao prazer que ele proporcionava ao meu corpo.

— Obrigado, Deus! — Murmurou com a voz grave. — Você continua sendo a mulher mais safada que eu conheço — disse, com um sorriso de orelha a orelha.

Comecei a rir e ele me calou com um beijo, tirando o meu fôlego. O frio já havia se transformado em suor e a preguiça em uma fonte inesgotável de energia.

Dion tirou o edredom de cima de nós e puxou a minha calça para baixo. Ele me observou exposta, completamente nua a partir da minha cintura. Puxei-o pelos braços até que a minha boca encontrasse os seus benditos lábios prepotentes.

Esfreguei-me nele, procurando pela extensão do seu grosso e ereto membro, mas Dion se esquivava sempre que eu chegava mais perto.

— Eu quero agora — pedi chorosa.

Murchei quando percebi que ele me faria esperar.

— Eu não quero fazer nada depressa. — As mãos dele subiram em direção aos meus seios, demonstrando a sua posse, e meu joelho foi suavemente em direção a parte avantajada da calça dele, fazendo-o se contorcer. — Droga, *Ava*, desse jeito nem eu vou conseguir esperar.

Deitei a minha cabeça no travesseiro, deixando Dion tomar controle da situação. Ele acariciou os meus seios, pegando os mamilos entre os dedos e puxando-os inesperadamente. Soltei um gritinho de surpresa e prazer, levantando a cabeça para observá-lo fazer o meu corpo flutuar.

— Eu amo o seu corpo, a sua pele. — Dion abocanhrou com vontade um dos meus seios sensíveis, sua mão direita deslizou para o meio das minhas pernas, invadindo a minha carne escorregadia.

Gemi à medida que Dion investia nos pontos mais saborosos do meu corpo. A língua dele pincelava os meus mamilos endurecidos num equilíbrio perfeito de ferocidade e ternura. Aquilo me tirava do sério, mas não era nem de longe suficiente.

Os lábios macios dele trilharam por entre os meus seios. Quando atingiu a metade da minha barriga, eu já havia perdido a briga pelo controle do meu corpo.

— Dion, por favor... — Ele me ignorou totalmente.

As mãos dele abriram as minhas pernas suavemente. Ele retirou o suéter que estava vestindo, depois me puxou para mais perto. Vi Dion lambe os lábios de uma forma que agiu diretamente sobre a minha libido. Ele estava prestes a me devorar.

Nem tive tempo de racionar alguma coisa antes que a língua dele tivesse acariciando o meu centro de prazer. Agarrei os lençóis com o máximo de força ao passo que Dion continuava me atormentando com a boca.

Quando ele ameaçou parar, eu o segurei pela nuca e obtive um vislumbre de sua face mais pecaminosa. Aquele olhar sombrio, quente. Um olhar que dizia que ninguém nunca faria eu me sentir daquela maneira.

Mexi-me, harmonizando nossos movimentos e preparando o meu corpo para o clímax. Meus gemidos saíam sem o mínimo de sentido. Eu só queria chegar lá.

— Consegue esperar? — Dion saiu da cama e abriu a gaveta mais próxima, me deixando em modo de espera. Ele voltou rapidamente e mais rapidamente ainda colocou um preservativo. — Eu quero ver você gozar quando eu estiver dentro de você.

Abri as pernas o máximo que pude e Dion as segurou no ar enquanto me penetrava de uma vez só. Ofereci a ele um sorriso tonto, entorpecida de desejo, segurando os braços dele e orientando-o a não parar. Dion capturou os meus lábios durante o vai e vem de nossos corpos.

Ele puxou o ar entre os dentes quando experimentou ir mais fundo, o nosso encaixe não era difícil já que cada parte da minha anatomia parecia ter sido moldada especialmente para ele.

A cama de madeira de lei estralava a cada estocada dele e eu estava muito próxima de um orgasmo explosivo. Dion apoiou as mãos acima dos meus ombros para conseguir olhar nos meus olhos e me ver me desfazendo de êxtase por sua causa.

Colei cada parte da minha pele nele, sentindo o seu calor impiedoso bombeando para dentro de mim. Então Dion se ergueu e começou a fazer movimentos mais intensos, o fio que me separava da minha libertação foi rompido e eu pude enfim apreciar a eletricidade daquele momento magnífico. Os movimentos de Dion não pararam até eu sentir um orgasmo fazê-lo esmorecer.

Demos um beijo cenográfico mesmo que nos faltasse fôlego. Disse que o amava enquanto ele envolvia meu corpo de forma carinhosa e reconfortante. Após o frenesi do momento, ficamos nos entreolhando com adoração como sempre fazíamos. Pensei que aquela foi uma ótima forma de começar o nosso fim de semana.

Dion desviou os olhos para um canto, pensando em algo. Antes que ele pudesse se distanciar ainda mais, eu o trouxe de volta.

— Te dou um beijo pelos seus pensamentos. — Ele retornou a sua atenção para mim. Antes de falar qualquer coisa, segurou o meu queixo e me deu um beijo molhado e terno.

— Eu só estou pensando em quando você me dará a honra de dormir e acordar ao seu lado todos os dias.

Dion abaixou os olhos e depois me olhou com determinação. Pude ver um brilho de humildade por trás do infinito azul dos seus olhos. Um sorriso tímido cruzou o seu rosto impecável logo depois.

Pus a mão no queixo e suspirei fundo, com as lágrimas querendo saltar dos meus olhos, porém me lembrei do porquê de estarmos longe de casa em um fim de semana em família. As lágrimas vieram, mas estas não eram mais de felicidade.

— Eu sei que nós precisamos conversar sobre aquela gravação — Dion continuou, percebendo a confusão da minha mente. — Mas, Ava, seja lá o que for o que você precisa me falar, eu não vou fazer a mesma coisa que fiz

quatro anos atrás. Eu só quero ficar com você e os nossos filhos — ele espalhou as lágrimas nos meus olhos com o dedo.

Em minha boca se formou um sorriso angustiado, pois eu queria realmente acreditar que ele não se afastaria.



Onde nós estávamos era conhecido como Hudson Valley, uma região que incluía várias cidades em torno do Rio Hudson. Eu já tinha ouvido falar daquela região, porém pouco imaginava que um lugar como aquele poderia ser encontrado perto da cidade de aço chamada Nova Iorque.

Dion havia dirigido durante todo o trajeto e, quando chegamos ao chalé de uma propriedade particular, os gêmeos ficaram encantados com a estrutura, dizendo que parecia uma casa na árvore, sonho de consumo de qualquer criança com menos de dez anos.

No sábado, fomos agraciados com bastante neve, o suficiente para ficarmos presos dentro do chalé. O filme dos Smurfs não foi o bastante para entreter os pequenos durante a tarde, obrigando os pais a elaborarem brincadeiras que todos pudessem interagir.

Entre pique e esconde, jogos de cartas e eu e Dion fazendo um teatro fajuto de fantoches para os nossos filhos, o sábado foi embora rápido e levou em sua bagagem a neve.

Um sol fraco refletia na janela enquanto eu vestia os gêmeos para tomarmos café da manhã fora naquele domingo preguiçoso. A refeição matinal foi um momento muito agradável, mas eu não consegui estar cem por cento imersa naquele instante. Sentia-me uma estranha observando de fora a minha própria vida. Eu sabia muito bem que a chance de aquilo nunca mais ocorrer era gigantesca.

De volta ao chalé, eu assistia de longe a diversão de pai e filhos quando Dion os levou para perto do pequeno lago. O cachorro do caseiro também estava presente para aumentar a alegria de Mason e Aiden. Eu nunca tinha visto os meus filhos tão felizes daquela forma. O ar fresco e o terreno grande para desenvolverem algumas distrações era melhor que festa pra eles.

Levantei do banco em que eu estava na varanda e me aproximei da escada de dois degraus. O frio continuava e continuaria mais algum tempo até o inverno findar. Olhando do outro lado do lago, tentei achar a resposta para as questões que invadiam a minha mente.

Como relatar um estupro? Um do qual eu não me lembrava?

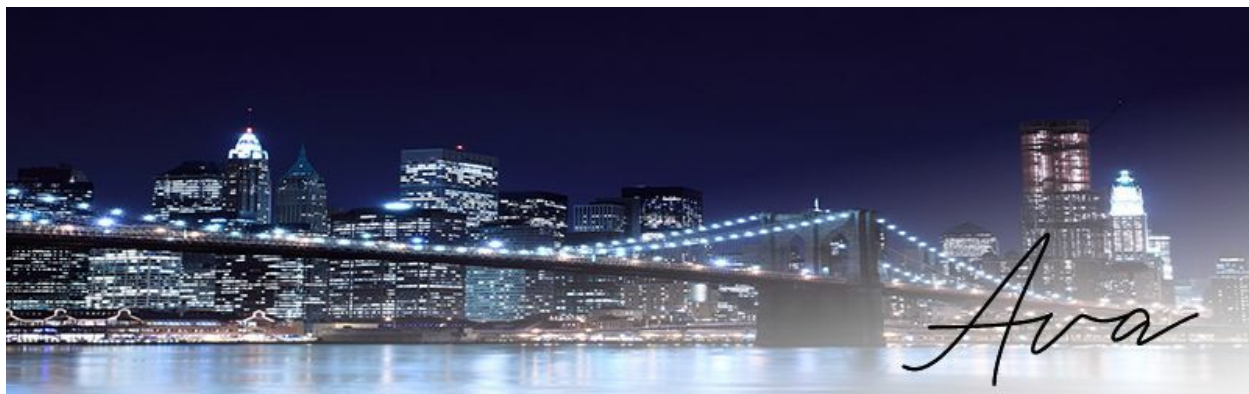
Por onde eu poderia começar? Como poderia fazer Dion entender que aquilo tudo foi real e não um pesadelo criado pela minha mente como eu achava que era?

Ele vai me odiar? Ele vai ter nojo de mim?

Eu precisava que Dion entendesse que jamais houve traição. Acima de tudo, eu precisava desesperadamente que ele ficasse quando não houvesse mais segredos entre nós.

As duas figurinhas continuavam pulando e correndo atrás do cachorro, mas o pai deles sentiu a minha presença e começou a caminhar na minha direção.

Respirei fundo, sabendo que o momento certo havia chegado.



CAPÍTULO 19

— Eu estou começando a ficar preocupado com você. — Dion beijou o topo da minha cabeça.

Segurei bem forte em suas mãos, juntei meu corpo ao dele e o abracei afetosamente.

— Preciso te falar algo importante. — Então me afastei, pensando em como começaria a esmiuçar a história dos pesadelos.

— Estou bem aqui.

Dion pegou as minhas mãos novamente, depositou um beijo carinhoso nelas e me olhou com seriedade. Respirei fundo para deixar o meu lado racional equilibrado. Eu estava machucada e machucaria o homem que amava. Eu tinha que ser racional naquele momento.

— Primeiro de tudo, queria que você soubesse que nunca me senti tão segura tendo você ao meu lado, tanto antes como agora.

Ele ficou desconcertado.

— Dion, eu menti naquele dia que você apareceu no apartamento todo suado após subir as escadas correndo. Se lembra? — Balançou a cabeça em sinal positivo.

— Menti sobre o quê? — Ele juntou as sobrancelhas ainda mais.

— Você ficou preocupado por Bruce ter ido até lá para me atormentar, me perguntou se ele tinha aparecido e eu respondi que não.

— Então ele apareceu — Dion concluiu o raciocínio. — E você gostaria de me dizer por que ele apareceu lá? — Sua voz permanecia calma, mas os olhos dele demonstravam o contrário.

— Ele queria fazer intrigas com o seu nome. Insinuou algumas coisas sobre você, sobre a gente.

— Como o quê, por exemplo?

— Ele disse que você me faria ter um filho e depois me descartaria — eu me lembrava muito bem daquela parte.

“O que você precisa saber é que Dion está te enganando, te usando para atingir seus objetivos. E, quando conseguir, ele vai te devolver para a sarjeta de onde te tirou”.

— Isso é um grande absurdo! — Dion me mostrou seu sorriso mais cético. — Mas você não caiu nessa, não é?

— Eu tive minhas dúvidas — confessei. — Só que, no fim, achei que você não faria algo desse tipo e também porque não fazia o menor sentido. Eu tomava anticoncepcional religiosamente, seria difícil ficar grávida sem querer.

— O que mais ele falou? — Cerrei os dentes ao me lembrar do jeito que ele me empurrou na parede e me fez sentir o pior ser humano da face da Terra. — Ele fez alguma coisa contra você? Ava, ele te machucou de alguma forma?

Havia urgência em sua voz, no entanto eu precisava voltar à cronologia dos fatos.

— Nas noites antes do seu aniversário e até depois, eu tive alguns pesadelos. Eu sonhava com um homem no quarto. De primeira, achei que era você, mas você nunca tinha me forçado a nada. No dia seguinte, eu ficava estressada e com o corpo dolorido por não ter tido uma boa noite de sono.

Olhei para Dion e não vi nada além de confusão, mesmo assim continuei.

— Os episódios de pesadelos aconteceram de forma regular, pelo menos três vezes durante a semana. Só não aconteceu no dia em que

dormimos na casa da sua mãe, mas continuou acontecendo depois daquela noite.

— Eu queria entender, mas não consigo. Me desculpe... — ele alisou a minha bochecha, me olhando com angústia.

— Eu também não entendia até ficar grávida e você dizer que aquilo não poderia ser verdade. Andrew me levou para casa naquele Natal. Ele viu o meu estado e juntou uma coisa com a outra para descobrir que eu estava grávida. Ele me disse que o filho não poderia ser seu porque você era estéril. Insisti que aquela criança não poderia ser de outra pessoa e o seu amigo me falou sobre uma gravação mostrando Bruce entrando no apartamento de madrugada quando você ia embora. Acontece que eu não sabia — mordi meus lábios para enganar o nó na garganta.

Naquele momento, percebi Dion se afastando, mas não fisicamente. Ele continuava olhando pra mim, mas sua mente não estava mais ali. Deveria estar imaginando a cena do irmão me tocando sem o meu consentimento e aquilo doeu mais do que eu esperava.

— Então... — Dion olhou para um ponto no chão ao meu lado, suas mãos tremulando subiam para a cabeça e desciam nervosamente para a cintura. — Bruce... ele...

— Ele me estuprou, Dion — falei baixo, porém com a voz firme.

Durante algum tempo, o que foi ouvido foi somente o som dos meninos brincando e do vento frio e sorrateiro. Quando ele voltou a olhar para cima, eu fiz o mesmo e não consegui enxergar nele a esperança que eu tinha tentado construir antes de fazer aquela revelação.

— Por que você escondeu isso de mim, Ava?

— Porque eu não tinha certeza. E foi por isso que fugi de São Francisco. Não sabia como te encarar sabendo que poderia estar grávida do seu irmão. Não podia continuar naquele apartamento sabendo de tudo que ele fez comigo.

Todas as lágrimas que eu pensei que derrubaria ao por aquelas atrocidades para fora não vieram, desconfiava que já tinha chorado o suficiente sobre aquele assunto. Eu não me sentia melhor por apenas sentir as

lágrimas rolando pelo meu rosto. Agora, mais do nunca, eu sabia que chorar não adiantava nada, sequer aliviava uma dor que eu mantinha enterrada no meu peito sem saber se um dia iria sarar.

O silêncio dele trazia calafrios gélidos para o meu corpo. Eu não sabia o que ele poderia falar diante das informações que eu lhe dei, mas eu precisava que ele dissesse algo.

Dion continuou me olhando como se eu tivesse instigado algo dentro dele. Ele respirou de tal forma que esperei que ele explodisse em fúria, mas nada aconteceu.

— Nós precisamos ir embora — sua voz estava perigosamente calma.

Observei Dion caminhar para longe de mim e ir em direção aos gêmeos. Perto dos garotos, ele pediu a eles que entrassem. Dion não deu margem para reclamação. Com a carinha emburrada, Aiden e Mason entraram no chalé.

Resolvi não o pressionar. Não iria exigir qualquer tipo de resposta ou reação sem que ele tivesse tempo o suficiente para absorver tudo o que aquilo implicava. O que o irmão dele fez foi algo assustador que havia tomado proporções gigantescas e, pior, não tinha começado comigo. Tinham muitas vítimas de Bruce por aí procurando justiça ou uma explicação para tudo o que ocorreu com elas.

A nossa volta a cidade foi pura angústia, longe de ser o ambiente harmônico que construímos na ida. A viagem acabou sem que eu e ele trocássemos uma única palavra. Por mais que eu tivesse tentado, a conversa foi totalmente unilateral, comigo na minha versão mais tola questionando e comentando coisas banais.

Quando ele estacionou em frente ao prédio, eu fechei os olhos dolorosamente por saber que não conseguiria encerrar aquele assunto como eu gostaria. Subimos para o apartamento ainda em silêncio, apesar de os gêmeos continuarem agitados.

— Vocês se divertiram? — Dion se agachou ao lado dos meninos após ele deixar as nossas coisas em cima do sofá. Os garotos esticaram os bracinhos ao redor dele.

— Quando vamos voltar lá, papai? — Aiden perguntou primeiro.

— Papai, eu quero um cachorro — Maze pediu depois.

— Olha, prometo que eu e a mamãe conversaremos sobre isso. — O sorriso nos rostinhos deles surgiu instantaneamente. — E, Aiden, nós conversaremos também sobre uma próxima ida ao chalé, tudo bem? Agora eu quero um abraço bem apertado — ele conseguiu o abraço e deixou um beijo em cada narizinho arrebitado antes de se levantar.

— Filhos, vão para o quarto tirar a roupa que daqui a pouco eu vou lá dar banho em vocês, tá bom? — Avisei.

Os pequenos se despediram do pai e saíram correndo para o quarto deles. Dion cruzou os braços e me fitou com olhos perturbados.

— Ava, eu...

— Não. Deixa que eu faço isso. — Entrelacei as minhas mãos. — Eu não tinha o menor direito de acabar com o nosso momento familiar daquela forma, mas eu tinha que fazer. Quero que entenda que eu não poderia continuar com aquela bomba relógio entre nós. E não me sinto no poder de exigir qualquer coisa de você agora. Apesar de tudo que o seu irmão me fez, eu estou bem. Não posso dizer que já superei, mas já estive bem pior. — Joguei uma mecha rebelde de cabelo pra trás da orelha, sentindo uma grande tristeza me aplacar sem me dar chance de defesa. — Dion, eu só espero que você saiba que ficar remoendo essa história não me fará bem.

Engoli o choro uma vez, porém naquele momento deixei as lágrimas rolarem.

— Não.... Não faça isso consigo mesma, Ava. — Ele se aproximou. Quando me dei conta, o meu rosto estava em suas mãos. — Eu amo você e nada nem ninguém vai mudar isso, mas agora eu só penso em conseguir justiça.

Segurei os seus braços enquanto ele me olhava da maneira mais intensa possível.

— Não foi somente eu, Dion. Existem dezenas de vítimas de Bruce.

— Eu sei — percebi a expressão dele mudar para algo mais obscuro.

— Sabe sobre o quê?

— Sobre as vítimas, Ava — engoli em seco, tentando encaixar aquela informação na história.

— Como assim? Eu não estou entendendo.

Ele soltou o meu rosto junto com um suspiro longo.

— Eu sabia que Bruce já tinha feito isso antes. Por isso que naquele dia no apartamento eu subi as escadas desesperado pensando no que ele poderia fazer a você.

— Ele te contou o que fazia? Ou você descobriu sozinho?

— Meu pai me pediu dinheiro emprestado alguns anos atrás. Uma quantia bem alta. Eu emprestei por ele dizer que aquilo era para uma urgência, um caso de vida ou morte. Algum tempo depois, descobri que o dinheiro era para comprar as vítimas de Bruce e encerrar um processo contra ele.

— Ah não... — tapei minha boca, consternada.

A recordação de Andrew contando sobre o caso das vítimas de San Carlos em que ele desconfiava que elas foram pagas para “calarem a boca” fez mais sentido agora.

— Então foi você que pagou aquelas mulheres para voltarem atrás no depoimento? — Minha voz saiu furiosa. Encarei Dion se encolhendo com o meu tom.

— Não, não. Você entendeu errado. Foi o meu dinheiro, mas não fui eu que fiz aquilo. Eu nem sabia pra que serviria aquele empréstimo.

— Mas isso não faz sentido. Você emprestou dinheiro para o seu pai sem saber o que ele faria? Meu Deus, se você não tivesse emprestado ou se ao menos soubesse para que o dinheiro serviria...

— Nada disso teria acontecido — completou por mim, porque eu não teria coragem de dizê-lo.

Agora eu entendia o motivo de Dion ter reagido de forma tão estranha após a revelação que eu lhe fiz. Ele sabia do que Bruce era capaz, só não

sabia que ele exerceria aquele crime doentio comigo.

— Qual foi a atitude que você tomou depois de descobrir o que Bruce fez? Ou você não fez nada?

Dion fechou o semblante e cruzou os braços na minha frente.

— Por que você está falando como se eu tivesse sido conivente com essa história?

— Fez ou não fez? — Insisti.

— Eu tentei. Eu entrei em contato com as vítimas depois que soube, mas não adiantava mais. Elas tiveram medo de serem desacreditadas. Meu pai havia deixado claro para elas que isso ocorreria se elas reabrissem o processo.

— O que faremos agora? Você tem alguma ideia de como resolveremos isso?

— Deixe isso comigo — respondeu decidido. — Eu errei em deixar passar essa história, mas não vou fazer isso de novo. Agora preciso ir.

Observei Dion sair pela porta. Se eu tivesse que fazer um ranking dos piores dias da minha vida – que já não foram poucos –, esse domingo estaria lutando pelo topo. Eu esperaria qualquer coisa, menos que Dion soubesse do que Bruce fazia. E mesmo que ele tivesse tentado consertar as coisas, eu ainda não achava suficiente. Querendo ou não, a ação dele me prejudicou diretamente, era para o irmão dele estar preso e sem cometer nenhum crime, muito menos comigo.

Dei banho nos meninos. A senhora Woods apareceu logo depois para eu fazer a janta e trazer um pouco de normalidade para o meu dia. Eu queria deitar e chorar até me sentir desidratada.

Os meninos comeram e não demorou nada para que eles tivessem sono, coloquei-os na cama assim que dormiram e voltei para o sofá. A babá tagarelava junto com a TV e eu só queria aquilo, alguém tendo um dia normal.

Conversamos um pouco até Mônica decidir ir embora.

Levantei junto com ela para pegar meu celular que começou a tocar.

Tive um mau presságio quando vi o nome de Carl na tela.

— Alô?

— *Senhorita Banks, desculpe incomodar a essa hora, mas eu preciso de você* — a voz dele não melhorou o meu sentimento de que algo muito ruim tinha acontecido.

— O que aconteceu, Carl? Você está me assustando.

— *Dion, ele...*

— Ele o quê? — Questionei afobada.

— *Por favor, senhorita. Eu estou na porta do seu prédio, poderia me acompanhar?*

— Sim. Só me dê um minuto.

Desliguei o telefone e corri para pegar um casaco, deixando a babá desorientada.

— Mônica, você poderia...

— Claro — ela não me deixou terminar. — Vá resolver suas coisas.

Desci as escadas com urgência para me encontrar com Carl no hall do prédio. Ele estava andando de um lado para o outro, nunca o vi tão nervoso desde o dia na praia quando Camille passou mal.

— Graças a Deus você veio — o motorista disse assim que eu cheguei perto.

No caminho até o carro, perguntei o que houve de diversas formas diferentes, no entanto só consegui o seu silêncio. Já com o carro em movimento, comecei a chorar ao pensar a infinidade de tragédias que poderia ter acontecido.

— Ele está bem?

— Eu não sei. Eu não o vi. A empregada disse que ele se trancou no quarto e um tempo depois ela ouviu algo se chocando contra a parede diversas vezes.

— Ah não, Dion...

Tive a impressão de que eu tinha pegado pesado nas acusações, sugerindo que ele ajudou Bruce de bom grado.

— A governanta tem uma cópia da chave do quarto, mas...

— Mas o quê? Por que não abriram logo para ver se ele está bem? — Não sabia mais se eu estava gritando ou falando no meu tom normal.

— Porque eles estão com medo. Pensei que só a senhorita poderia tentar conversar com ele e deixá-lo mais calmo.

A velocidade do carro diminui para entrar na garagem e uma incerteza me tomou. Como faria Dion se acalmar se o motivo dele ter enlouquecido era eu? Aquilo não deveria importar agora, só queria vê-lo e deixá-lo bem.

Desci do carro e corri para acompanhar o ritmo do motorista. Carl não tinha família e Dion era alguém muito próximo dele, eu entendia a sua apreensão.

Um falatório foi interrompido assim que entramos no apartamento. Os empregados estavam reunidos e comentando o ocorrido.

— Onde está a chave? — Perguntei, sem tempo para cumprimentos.

— A senhora tem certeza? — Júlia perguntou levantando uma sobrancelha.

— Mas é claro que sim — respondi irritada.

Ela me entregou a chave timidamente. Pedi que todos eles fossem dormir ou embora. Apenas Carl ficou.

Sem hesitar, subi as escadas com certa pressa, mesmo sem ter a mínima ideia do que encontraria. O motorista veio atrás. Quando cheguei em frente ao quarto de Dion, eu não escutei nada e aquilo me deu medo. Coloquei a chave na maçaneta, girando-a rapidamente. Carl me deu um olhar questionador. Antes que ele dissesse qualquer coisa, entrei no quarto e tranquei a porta novamente.

Ao me virar para observar o quarto, me faltou força nas pernas. Eu estava diante de uma cena de terror. Nada ali estava no seu devido lugar e as paredes brancas estavam pinceladas de vermelho. Meu estômago se revirou quando me dei conta de que aquilo era sangue. Outras partes da parede

estavam afundadas como se tivessem sido socadas incessantemente.

— Dion? — Chamei com a minha voz em apenas um sopro, meu corpo todo tremia ao me questionar se ele estaria muito machucado. — Eu estou aqui, por favor, me deixe te ver.

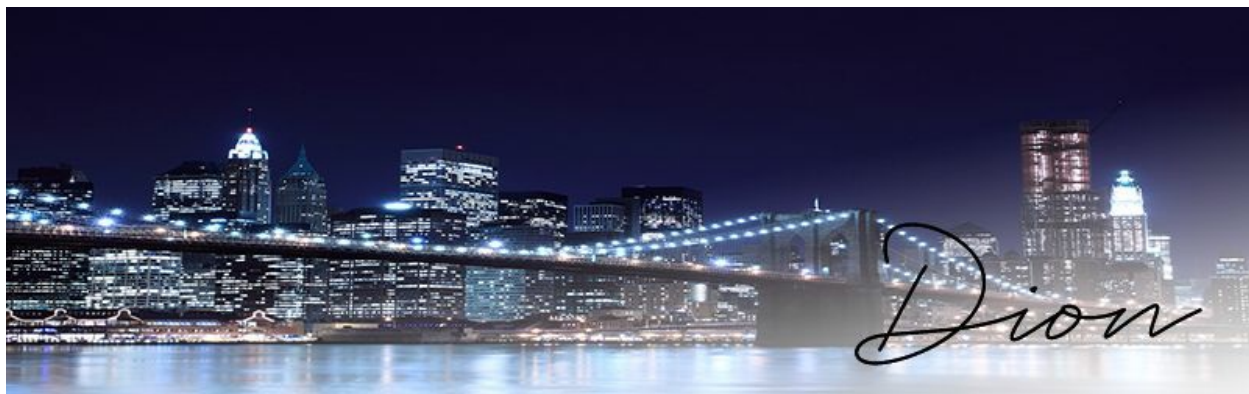
A cada segundo que ficava sem resposta o medo me abraçava mais fortemente. Caminhei pelo quarto até chegar do outro lado da cama. No chão, os lençóis se misturavam com cacos de vidro.

— Dion, vai ficar tudo bem — disse com mais firmeza daquela vez.

Demorei para localizá-lo e aquilo não me deixou mais tranquila. Ele estava no chão, no pequeno vão entre a porta de vidro e uma cômoda. Sentado com o cotovelo apoiado no joelho. Os olhos abertos sem perceber nada ao redor. As juntas das mãos estavam em carne viva, ainda escorrendo sangue. Peguei o pano mais próximo e as cobri, ajoelhando-me a seu lado.

Aquele homem estava muito longe de ser o Dion que eu amava. Aquele homem havia lutado. Não sabia qual a batalha ele estava lutando, mas, olhando na incerteza refletida em seus olhos, estava claro que ele estava perdendo.

No momento eu tive apenas uma certeza: eu realmente havia pegado pesado “culpando” Dion pelo que Bruce fez comigo, mesmo que eu não tivesse dito em claro e em bom tom. Pensando por aquele lado, não era difícil saber o que ele estava fazendo. Ele tinha assumido a culpa.



CAPÍTULO 20

— Dion, olha pra mim. Você está machucado em algum outro lugar?

Aquela foi a primeira vez que consegui focar na voz de Ava e os meus olhos finalmente captaram a sua expressão preocupada. As mãos dela estavam em torno do meu rosto e logo desceram para percorrer o meu corpo, procurando por alguma coisa.

— Não, eu estou bem — respondi, levantando-me sem levar em conta a dor nos dedos. — Onde estão os garotos? Você os trouxe?

— Os meninos ficaram com a babá. O que aconteceu? Você não está bem — falou em voz baixa.

Suspirei, sentindo-me um pouco mais tranquilo, pelo menos não tinha perigo dos meus filhos me verem naquele estado. Ava foi em direção à cama e se sentou na beirada, esperando uma explicação pela catástrofe no quarto.

— Eu só preciso de um banho — desconversei.

Retirei a roupa sob o olhar dela e me encaminhei para o banheiro. Ava veio atrás.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros — fitou-me como se tivesse sido pega fazendo algo errado.

Enquanto eu estava embaixo do chuveiro, Ava tentou achar a caixinha do kit de primeiros socorros em praticamente todos os lugares do banheiro. Eu sabia bem que o kit estava no armário debaixo da pia, onde todos os kits

de primeiros socorros costumavam ficar, lugar que inclusive ela já tinha olhado. Ficou claro para mim que ela estava ali me vigiando para que eu não fizesse nada estúpido.

Merda! Olhar pra ela e ver a preocupação estampada em cada parte do seu rosto era mais um aviso de que o que eu fiz não ajudou em nada naquela história.

Eu escolhi deixá-la em seu apartamento com os gêmeos e vir embora para a minha casa e enlouquecer sozinho. Queria estar longe da minha família para não demonstrar o quanto aquela revelação me quebrou por dentro e desfez a ilusão protecionista que eu tinha com Ava. Eu jurei que iria protegê-la, infelizmente não fui capaz daquilo e a minha incompetência teve uma dura consequência.

A dor fina feito agulhada nas juntas dos meus dedos não eram nada, o estrago maior já tinha acontecido e eu não poderia fazer nada para consertar agora. Apesar de tudo, ela ainda estava comigo, demonstrando preocupação com alguém que poderia ter impedido que toda aquela merda acontecesse.

— Oh, achei! — Ouvi a voz dela segundos depois de eu desligar o chuveiro. Então, retirou a caixinha branca com uma cruz vermelha do centro do armário debaixo da pia, exatamente onde eu sabia que estava e onde ela já tinha procurado.

Sáímos do banheiro e rapidamente coloquei uma camisa preta sem me importar com os hematomas na mão.

— Onde você vai? — Ava perguntou, observando-me colocar um sapato. — Já são dez da noite.

— Eu vou ficar aqui, mas tenho muitas coisas para resolver.

— Você precisa dormir. Seja lá o que você tem pra resolver, tenho certeza de que pode fazer isso amanhã — cruzou os braços.

— Acha mesmo que vou conseguir dormir?

Ava abaixou a cabeça, mordendo os lábios.

— Vem aqui. Pelo menos me deixa cuidar de você — seus olhinhos misericordiosos brilharam, não pude dizer não.

Sentei ao seu lado na cama e contemplei sua imagem mais de perto. Segurei a vontade de colar a minha boca em seus lábios macios, pois algo dentro de mim me dizia que eu não deveria.

Ava pegou a minha mão com cuidado e a colocou sobre seu colo. Primeiro, ela desinfetou os ferimentos, depois escolheu algumas gazes menores e cobriu os machucados, selando-os com esparadrapo.

— Você quer conversar? — Sondou ela.

Aquela pergunta interrompeu os meus pensamentos sobre o que eu faria com Bruce quando o encontrasse. A única razão de eu ainda estar em Nova Iorque era por eu não saber o paradeiro dele. O filho de uma puta vivia em Miami, porém, de uma hora para a outra, ele sumiu do mapa. Eu desconfiava que o meu pai sabia onde ele estava, porém ele nunca iria me dizer.

Eu não queria conversar sobre aquilo para não deixar extrapolar quais eram os meus planos com Bruce. Se aquilo acontecesse, Ava teria que chamar a polícia se fosse sensata. Aquele bastardo estava com os dias contados.

— Quando você vai entender que te ver sofrer me faz sofrer também? — Falou com um pouco menos de paciência.

Levantei a cabeça e observei o teto, um suspiro insatisfeito saiu de mim.

— É o mesmo com você — respondi de forma óbvia. — Eu não acho que você entenderia o que eu estou sentindo agora.

Ava se levantou quando o último esparadrapo foi colocado. Ela não gostava de se sentir fragilizada e frágil era tudo o que ela não era.

— Dion, não se afaste de mim de novo. — Fechei os olhos com a agonia ascendendo no meu interior, imaginando o quão difícil foi para ela aquele dia. Aquelas revelações. O estupro. O que só alimentava a minha ânsia de pegar aquele maldito. — Se eu dei a entender que você tinha culpa no que aconteceu, me desculpe. Eu não queria dizer aquilo.

Levantei de supetão, fazendo frente a ela. Peguei seu queixo e o trouxe

para cima.

— Ava, chega de se culpar! — Minha voz subiu algumas oitavas por não aguentar mais ela tentando achar alguma brecha para colocar a culpa em si mesma. — Você está certa, eu não estou bem porque não consigo lidar com essa situação. Eu não sabia na hora e ainda não sei as palavras certas que você precisa ouvir de mim. Não sei o que fazer e obviamente não vou saber me expressar para tentar te mostrar o quanto me tortura saber o que Bruce te fez. É meio óbvio, mas estou desesperado pra fazer alguma coisa. Tudo o que eu queria agora era estar lúcido para tomar as decisões de forma racional, mas não consigo — o cansaço mental queria tomar conta. — Essa história está me deixando louco por saber que eu não estava lá para impedir aquele filho da puta colocasse as mãos em você. Me deixa louco saber que eu deixei essa *porra* chegar nesse ponto. Me deixa louco saber que eu não posso voltar no tempo e mudar as coisas por você!

Alguna coisa coçava no meu rosto, passei a mão e percebi que eram lágrimas, lágrimas que também surgiram no rosto dela, mas por motivos diferentes. Ação e consequência.

Recuei até sentar na ponta da cama de novo, desejando arrancar aquele sentimento tomando conta do meu coração feito erva daninha. Poucos segundos depois, as mãos de Ava estavam nas minhas e ela forçou os meus braços a ficarem apoiados nos ombros dela, aproximando nossos rostos. Encostei a testa na dela e tentei encarar os seus olhos amedrontados. O cheiro dela já impregnava na minha pele, entorpecendo meus sentidos. Vagarosamente, Ava foi acariciando a pele do meu rosto com os lábios. A minha língua ficou inquieta para ir de encontro a tudo nela.

— Obrigada — ela disse após encostar nossos lábios delicadamente. — Você está sendo exatamente o que eu preciso nesse momento.

A vontade de desabar veio com força, mas tentei me manter firme. Cobri o seu corpo com meus braços e a puxei para cima até ela ficar sentada na minha perna direita. Não falamos mais nada. Apenas ficamos compartilhando carinho e calculando silenciosamente o quanto aquele dia nos mudaria dali em diante.

Ela se levantou do meu colo e imediatamente senti falta do seu calor.

— Já que você não vai dormir, eu vou embora ficar com os meninos. Promete que vai ficar bem?

Suas mãos vieram carinhosamente para o meu rosto.

— Prometo que vou resolver isso.

Ava deixou os ombros caírem, insatisfeita com a resposta.

— Se eu não te ver amanhã, venho atrás de você — eu não duvidava.

Tudo o que eu mais queria era curá-la, livrá-la daquele redemoinho de dor, como eu não poderia fazer aquilo, eu focaria em diminuir os efeitos colaterais.

— Ava, você e os nossos filhos são tudo pra mim. Nunca se esqueça disso — minhas palavras trouxeram um sorriso para o seu rosto, levando um pouco de luz para a escuridão que tinha se tornado a minha mente.

— Eu te amo, Dion — sussurrou. — E, por favor, não faça nada com Bruce que possa te prejudicar.

— Eu também amo você — beijei os lábios dela suavemente. — Não quero que se preocupe comigo, mas eu vou fazer o que for preciso pra pegar Bruce.

Não queria preocupá-la, entretanto não queria esconder as minhas intenções.



— Andrew está aqui — Júlia avisou.

Desci as escadas, indo direto para a sala de estar. Ava só foi embora depois de escrever um roteiro que a governanta e os empregados deveriam seguir na manhã seguinte para reduzir o caos no meu quarto.

A porta se abriu e um Andrew sério pronto para derrubar qualquer ameaça surgiu na minha frente. Eu o levaria a sério se não fosse pela bolsa rosa equipada com mamadeira e fraldas, o bebê conforto em sua mão e Grace em seu colo estapeando a orelha dele.

Andrew passou por mim, jogando toda aquela parafernália em cima do

meu sofá.

— O que houve com a sua mão? — Questionou contraindo as sobrancelhas.

— Acidente de trabalho.

— Você não voltou com aquela sua mania estranha de socar paredes, não, né? — Insinuou, dando um de seus olhares cirúrgicos.

— Isso não é da sua conta. — Observei-o retirando o notebook de dentro da bolsa rosa cheirando a morangos enquanto Grace captava cada coisa colorida e chamativa perto dela. — Você conseguiu alguma coisa?

— Aqueles contatos que Carl me passou são incrivelmente competentes — respondeu totalmente animado.

Antes de chegar em casa, pedi que ele entrasse em contato com os antigos colegas de trabalho de Carl. Meu motorista nem sempre teve como ofício dirigir um carro. Carl já fez parte do exército americano e a quantidade de patentes que ele tinha encheria um quarto. Exatamente por isso que pedi que ele levasse Ava para casa e não tirasse os olhos da porta dela. Eu não sabia onde Bruce estava e não daria mole para que ele aparecesse e a violentasse de novo.

Andrew esticou os braços para me entregar a filhinha e abriu o computador na mesa ali perto. Grace me olhou com seus olhinhos brilhantes e enormes, um sorriso banguela apareceu em seu rosto logo depois. Ela tinha os cabelos dourados da mãe e os olhos do pai.

Andrew ligava o notebook e tagarelava sobre os seus dias sem dormir e que aquele seria outro já que era a vez dele de cuidar de Grace.

— E aí, vai me contar que porra é essa na sua mão?

— Você sempre fala palavrão na frente da sua filha de sete meses? — Rebatu, olhando para ele horrorizado e mudando o foco da conversa.

— Falo sim, ela não entende nada mesmo. Não é, bolinho de arroz do papai? — Ele esticou as mãos para fazer cócegas na barriga da menina.

Fiquei pensando em quão demente ele deveria ser para chamar Grace de bolinho de arroz. Aquilo não parecia importar pra ela, o meu ouvido já

zumbia com as gaitadas que a bebê soltava.

— Quando a primeira palavra dela for um palavrão, você não se surpreenda — avisei em tom de brincadeira, mas a minha preocupação era real.

— Ok, vamos ao que interessa. — Coloquei Grace no bebê conforto e fiquei balançando. — Este é um relatório de tudo sobre Bruce nos últimos anos. O que você quer ver primeiro?

— O óbvio. Quero saber onde aquele desgraçado está! — Tapei a boca no mesmo instante e dei uma olhadela para o lado. Grace estava lá ouvindo tudo. — Desculpe, docinho.

— Bem, olhando os registros de passagens aéreas, ele viajou para São Francisco todos os fins de ano e datas especiais. E desembarcou em Miami há quinze dias. — Andrew colocou a mão no queixo matutando alguma coisa. — Foi nesse período que isso aqui veio à tona. Bruce chegou a Miami de avião, porém não tem registros de outros voos, provavelmente fugiu de ônibus ou de carro — ele mudou a tela do computador e apontou para a notícia de um portal jornalístico.

“Mulher de vinte e cinco anos relata ter sido estuprada enquanto dormia.”

Levantei do sofá quando imagens perturbadoras surgiram na minha cabeça. Que espécie débil de pessoa fazia uma coisa daquelas? Como aquele homem poderia ser meu irmão?

— Ela contou pra você, não foi? — Andrew questionou, percebendo a minha inquietude. Apenas concordei. — Imaginei. Ava pediu minha ajuda para esclarecer esse caso, queria ter certeza se realmente aconteceu com ela antes de dizer a você. Saber o que Bruce fez com ela te fez conseguir esses machucados aí?

Olhei para baixo e fitei as minhas mãos. A dor latejante ainda não havia me deixado.

— Eu só extravasei — falei baixo.

— Acho que qualquer um na sua situação faria isso.

— Não, é difícil imaginar outra pessoa na mesma situação — fiz uma pausa e olhei para ele. — Eu sabia de tudo, cara.

— O quê? Você já sabia o que ele fazia com a Ava?

— Não! — Rosnei. — Não com ela! Bruce já tinha feito isso antes.

— Bem, nesse caso eu também sabia — falou devagar, elucidando algo maior.

— Você o quê?

Eu estava aterrorizado em cavar mais fundo naquela história, a cada hora ficava mais macabra.

— Amber — Andrew disse e captei um horror escapando de sua face.

— Não — respondi incrédulo.

— Eu não sei a que ponto ele chegou com ela, mas Bruce já tentou algo com Amber também.

— E quando foi isso? Ela nunca me contou algo do tipo.

— Foi no noivado de vocês. Seu pai a convenceu de não contar para ninguém, apenas eu fiquei sabendo.

— Deus... Qual é o problema daquele filho da puta?!

Tapei o rosto, tentando evitar uma nova explosão.

— Ele é um estuprador do caralho! — Andrew reforçou.

Olhamos na mesma hora o conteúdo do bebê conforto. Minha afilhada dormia feito a mais sapeca dos anjinhos.

— Acho que afinal de contas você me entende um pouco — continuei.

Entendia o meu momento, mas seria impossível entender os meus sentimentos. Eu já tinha uma mãe morta debaixo do meu nariz e agora eu poderia adicionar o estupro de Ava e o quase estupro de Amber. Não era possível que alguém poderia entender o que se passava na minha cabeça.

— O que você vai fazer quando encontrá-lo?

— O que você faria? — Rebatí como se minha resposta já estivesse

explícita.

— Matá-lo só vai trazer mais problemas e mais sofrimento, principalmente para Ava e seus filhos.

— Mas talvez seja a solução de nossos problemas.

— Você resolve um problema e ganha outro com a justiça. Você se tornaria um assassino — Andrew disse em forma de bronca.

— Não me importo com isso desde que aquele desgraçado pague pelo que fez.

— Nós o faremos pagar, Dion, porém faremos isso de forma limpa, usando os meios legais. Agora pare de pensar nisso e vamos focar em encontrar Bruce primeiro.

Após outro momento que eu tive que respirar fundo para não enlouquecer de vez, tentei me manter tranquilo, porém a cada batida do meu coração, a cada suspiro, parecia uma chance perdida de envolver minhas mãos em torno do pescoço de Bruce até tirar-lhe a vida.

— Existem mais depoimentos sobre estupros causados por uma sombra enquanto a vítima estava supostamente sedada. Há relatórios e vídeos de segurança. Meu Deus, como ele é burro.

Um vulto de triunfo passou pelo rosto de Andrew, mas ele logo desanimou.

— Droga! Bruce está cobrindo o rosto — ele abriu os vídeos um por um. — Ele está se escondendo em todas, só não se escondeu... — fechou a boca e analisou a minha expressão.

— Quando fez com Ava. E você ainda não quer que eu mate esse miserável? Foi tudo planejado e calculado para eu ficar sabendo. — Joguei meu rosto entre as minhas mãos e cerrei os dentes, sentindo-me o ser mais impotente da galáxia.

O computador de Andrew fez um barulho engraçado. Olhei para ele a tempo de ver um e-mail subindo na tela.

— Merda, eles me responderam. E uma hora depois... — o tom dele era de comemoração.

— Do que você está falando?

— Sigilo telefônico. O contato de Carl acabou de me enviar os números que Bruce utilizava para se comunicar. Dion, onde Carl trabalhava? Eu estou começando a ficar com medo, cara. Espero que nunca me cobrem por isso — dei de ombros. A última coisa que eu queria falar no momento era do currículo do meu motorista.

— Vai ficar tudo bem. Não precisa ter medo.

Andrew abriu um arquivo com centenas de números. Olhamos um por um procurando por algo suspeito ou um número diferente que indicasse onde ele estaria. Percebi que a maioria dos números que ele entrava em contato era o do meu pai.

— Espere aí, sobe um pouco — Andrew acatou o meu pedido. — Acho que conheço esse número. — Andrew continuou descendo e mais números como aquele foram surgindo no prazo das últimas semanas. — Consulta este aqui, por favor.

— Certo — ele o fez, a sua resposta só confirmou a minha suspeita. — Puta que pariu!

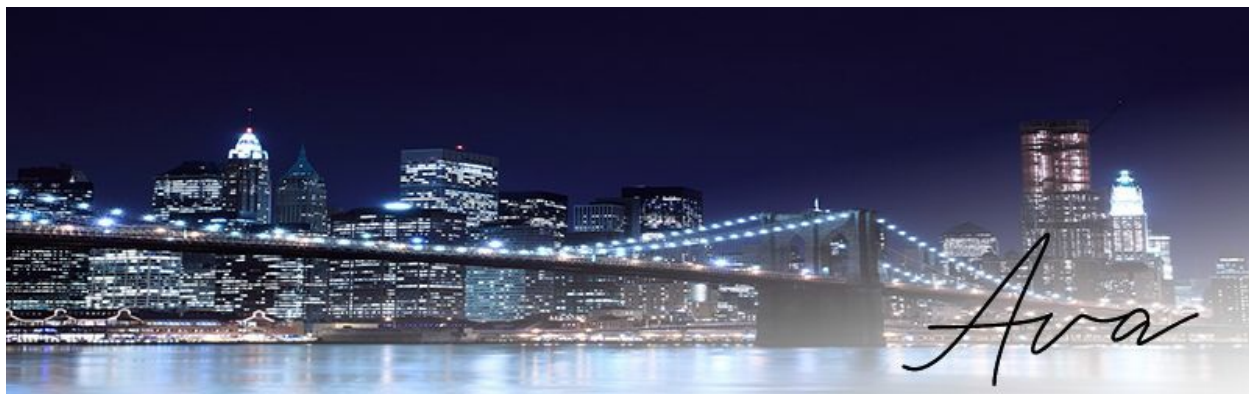
Boquiaberto, Andrew apontou o nome na tela. Senti a temperatura do meu corpo se elevando incessantemente de fúria ao ver o nome de Lauren.

— O que você vai fazer sobre isso?

— Eu vou fazê-la me dizer onde Bruce está — percebi o olhar de temor do meu amigo ao ouvir a minha voz tão calma.

— Espera... Se você for atrás dela e exigir a informação, provavelmente ela falará com Bruce e nunca mais o encontraremos. Como você vai fazer isso?

— Jogando como eles — respondi sem nenhuma sombra de dúvidas. Conseguir aquela informação era o menor dos meus problemas.



CAPÍTULO 21

Já eram duas da tarde e nada de notícias de Dion. Nem mensagem ou ligação. Nada.

Eu trabalhava em um dos projetos de Vivian, porém a minha mente sempre divagava para ele. Liguei para a secretária do seu escritório e a informação que tive era que Dion não foi para o banco hoje e provavelmente estava criando um plano maligno para pôr em prática quando encontrasse Bruce. Era aquilo que me preocupava.

Ao sair de casa pela manhã, percebi duas figuras estranhas rondando o meu andar e logo depois o prédio. Desconfiava que uma dupla de “seguranças” também acompanhou a babá com os gêmeos, obrigando-me a entrar em contato com Carl. Ele me assegurou que eu não deveria me preocupar.

Por isso eu precisava que Dion me dissesse o que ele andava pensando, não queria de jeito nenhum que ele caísse na tentação de uma vingança entre irmãos. Não havia ninguém que quisesse que Bruce pagasse por seus crimes mais do que eu, mas também queria que aquela justiça fosse feita dentro da lei.

O telefone em minha mesa tocou. Atendi rapidamente, criando expectativa que fosse Dion.

— Ei, Vivian, do que você precisa? — Tentei esconder o descontentamento na voz.

— Você está ocupada?

Oh, sim! Ocupada pensando se o pai dos meus filhos está planejando matar o irmão.

— Não, estou tranquila agora — respondi.

— Ótimo, então venha até a minha sala, preciso discutir algumas coisas com você.

Desliguei o telefone, encaminhando-me para a sala dela. Ao abrir a porta, Vivian me olhou de cima abaixo e tirou os óculos, fazendo aquela cara de sabe tudo.

— Você e Dion estão bem?

— Sei tanto quanto você — ironizei, ela riu disfarçadamente.

Sentei na cadeira em frente a ela e cruzei os braços, pedindo aos céus que a minha chefe não insistisse naquele assunto.

— Já escolheu sua fantasia para a festa? — Perguntou, separando alguns papéis.

Minhas amigas malucas já tinham me alertado que a festa da empresa se aproximava e eu nem dei bola. Não tinha cabeça ou clima para festejar.

— Não, creio que eu não vou poder ir.

— Hum, que pena. Eu tenho olhado na internet e tem fantasias incríveis para a idade dos meninos.

Sorri ao lembrar da fantasia dos gêmeos na festa do ano passado.

— Você e Jenna são madrinhas dele. Se não for incomodar, podem levá-los para a festa sem nenhum problema.

Vivian torceu o nariz.

— Eu não sei — ela ficou séria por um instante para logo depois um sorriso tímido iluminar a sua face. — Apesar de que eu e Jenna estamos pensando em uma temporada de testes — confessou.

Sabia exatamente do que ela estava falando e fiquei feliz por ter sido agraciada com aquela informação.

— Olha, sem querer me intrometer, mas eu acho que já está na hora. — Vivian me olhou e o brilho genuíno em seus olhos demonstrou que ela concordava comigo.

— Sim, talvez. Voltando ao assunto, quero que pense com carinho na festa. Nós representamos essa empresa agora e devemos passar o máximo de confiança para os funcionários.

Balancei a cabeça positivamente.

— Prometo que vou pensar, mas no momento a minha resposta é não.

— Certo. Bem, o outro assunto que eu queria tratar com você é sobre a sua posição aqui na empresa. Atualmente, você é minha secretária. Sei que você não tem diploma de faculdade, mas acho que está na hora de você alçar novos voos, Ava. Eu tenho conversado com vários setores da Carter Inc. e em todos eles você deixou uma ótima impressão. Vamos lembrar a sua trajetória. Qual foi a sua primeira função aqui?

— Servir café e tirar cópias — respondi de pronto.

Uma ponta de nostalgia encheu o meu coração de saudades. Eu cheguei à Nova Iorque com poucas oportunidades e consegui aproveitar cada uma ao máximo.

— E agora você está aqui e me ajudou a chegar na presidência quando eu nem sequer me atrevia a imaginar essa possibilidade.

— Isso tudo graças a você e a Jenna. Eu nunca vou esquecer o que fizeram por mim.

Nem em cinco reencarnações eu poderia expressar a minha gratidão por elas.

— Ava, você tem demonstrado um grande amor por essa empresa e não foi só naquele dia que você confrontou Lauren na frente de Dion, mas é por esse e outros motivos que eu acho que você está pronta. Eu estou apostando em você porque sei da sua capacidade e aposto minhas fichas que você vai conseguir.

— Meu Deus, Vivian. Espero que esse discurso não seja para me demitir — comentei num tom engraçado.

— Não. Eu quero que você seja minha assistente. — Vivian me olhou a tempo de ver o meu queixo caindo. — Você assumiria uma responsabilidade ainda maior, representando-me em lugares e encontros que eu não poderia estar presente. Discutiria e debateria sobre os interesses da nossa empresa. Não só isso, eu quero que você aprenda mais sobre negócios e sobre o nosso mundo em geral.

Meus olhos brilharam, imaginando cada coisa que ela falava.

— Seria importante continuar estudando, fazer *workshops*, ir ao máximo de palestras que conseguir, já que a sua agenda se tornará mais flexível.

— Ah... — gaguejei, procurando algo para falar. — Isso parece ser bem legal, mas — olhei de um lado para o outro — não faço ideia do que dizer — admiti de vez.

— Sim. Não. Talvez?

— Uau!

— “Uau” também serve — Vivian riu.

— Obrigada! Eu... fico lisonjeada com a oferta.

— Fique tranquila, eu não vou fazer como a sua última subida de cargo. Vou te dar um tempo para pensar, ok?

— Ok, mas me diz com sinceridade, teve algum dedo de Dion nisso?

Minha chefe cruzou as mãos embaixo do queixo e me deu o seu melhor olhar de desgosto. Só aquilo já respondia a minha questão.

— Dion pode ser o dono, mas quem manda nesse prédio sou eu.



Cheguei em casa percebendo os mesmos caras rondando cada ponto do meu prédio. Abri a porta e vi meus bebês pulando em frente à televisão. Era hora do desenho favorito deles. Enquanto os gêmeos ficaram entretidos, eu fui direto para o banho e dispensei a babá, mas avisei que talvez a chamasse de volta caso Dion não desse sinal de vida até determinado horário.

Fui para a cozinha preparar a janta enquanto mandava a milésima mensagem para Dion. Não tinha jeito, eu teria que ir até ele como prometido. Fiz os meninos jantarem, porém não consegui comer nada. Quando as minhas esperanças já estavam indo por água abaixo, eu escutei uma batida na porta. Olhei para os gêmeos e, antes que pudesse pensar em algo, eles correram para abrir a porta.

Senti uma apreensão ao ver que eles já davam altura para rodar a maçaneta.

— Mamãe, é o papai!

Aprumei-me e fui na direção deles.

— Ah, oi, papai — falei.

Os meninos saltitaram em torno dele, que logo os puxou para um abraço.

— Oi, Ava — Dion me cumprimentou com um tom de voz monótono.

Observei-o aconchegar os meninos em cada lado dele e perguntar coisas triviais do dia a dia de uma criança. Os gêmeos também o encheram de perguntas atropeladas.

— Aiden, deixa o papai respirar — pedi.

— Vem, papai, a mamãe fez macarrão — Mason pegou a mão dele e saiu puxando-o em direção à mesa.

Os meninos olharam curiosos para as bandagens nos dedos do pai, achando a coisa mais legal do momento.

— Maze, para com isso, ele está machucado e seu pai provavelmente já jantou — intervi quando vi o garoto cutucando os dedos do pai.

— O cheiro está bom — ele deixou um sorrisinho escapar. Era o primeiro desde ontem, aquele domingo amaldiçoado.

Senti meu corpo relaxar minimamente. Fui até o armário, retirei um prato e alguns talheres, entregando para Dion.

— Ainda dói? — Perguntei descontraída.

— Dói menos agora.

— Papai tá cheio de machucados, igual os super-heróis — os meninos comentavam entre si.

— Como foi seu dia? — Perguntei de novo.

— Cheio — respondeu de forma tão calorosa quanto um cubo de gelo, colocando uma quantidade generosa de macarrão na boca.

Eu torci incessantemente para que ele e os meninos terminassem logo a refeição. Precisava saber por que tinha homens rondando o meu apartamento e o que Dion pretendia fazer.

Pai e filhos passaram algum tempo juntos, brincaram e conversaram. Na primeira brecha que encontrei, eu mandei os meninos para o quarto com os brinquedos que eles tanto gostavam.

Quando voltei, Dion já estava sentado no sofá transmitindo os seus trejeitos de nervosismo. Cheguei mais perto e sentei perto dele, peguei suas mãos para analisar os curativos que eu havia feito.

O silêncio reinou por alguns minutos.

— Tudo bem, eu já entendi — havia uma mágoa mascarada na minha voz. — Não deveria ter contato nada pra você ontem.

Dion passou as mãos pelo rosto, respirando alto e fundo.

— Você precisa de ajuda, Ava — ele disse com firmeza e uma ponta de irritação. — Você não vê outra solução a não ser colocar a culpa em si mesma. Seria muito interessante você desabafar, contar a alguém como se sente. Alguém que possa fazer algo útil com isso.

— Você não veio aqui para me dar sermão — queria tirar o foco da conversa de mim.

— Você está certa. Eu vim aqui para te ver e ver nossos filhos.

— Espero que para me contar também quem são os brutamontes rondando o meu apartamento.

— Seguranças especializados.

— Isso tem haver com...

— Tem!

Ele me cortou como se tivéssemos feito um pacto de não proferir o nome de Bruce. Olhei para baixo para observar os pelos dos meus braços se eriçarem.

— Então ele está na cidade? — O nó na garganta deixou a minha voz baixa e temerosa.

— Eu ainda não sei, mas queria garantir que vocês ficassem seguros. Creio que não vai querer se mudar para meu apartamento agora. — Concordei.

Eu estava de um lado do sofá e ele de outro. Entre nós havia um abismo de segredos. O que ele não estava me contando?

A mão de Dion pousou na minha e eu a apertei. Logo ele me puxou para perto dele. Sentei em suas pernas e o abracei, percebendo o seu coração bater forte. Dion acariciou meu cabelo por incansáveis minutos. Levantei a minha cabeça e roubei um selinho. Com os olhos fechados, Dion percorreu com seus lábios o meu rosto até chegar na minha boca. Ele a tomou sem reversas. Naquele instante, voltamos a ser nós mesmos e não dois estranhos.

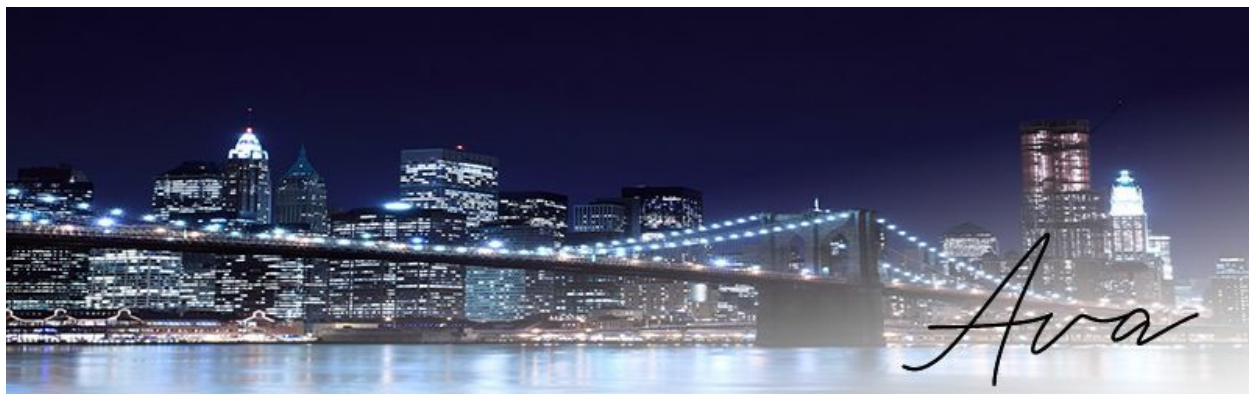
Com nossa respiração ofegante, passei as mãos pelas coxas dele, percebendo em sua pele o desejo por mim. Alcancei a barra da camisa e puxei pra cima. Como se saísse de um transe, Dion me afastou e se levantou transtornado. Nem ele pareceu entender por que fez aquilo. Contudo, a resposta era um tanto óbvia.

Não poderia imaginar como seria para ele me tocar tendo em mente o que o irmão dele fez.

— Eu preciso ir agora.

Ele foi embora sem nem olhar para trás.

Quando me deitei, o nó na garganta e a pressão das lágrimas ficaram insuportáveis. Eu refleti se conseguiríamos superar tudo aquilo. Talvez não houvesse cura para um casal com os nossos problemas.



CAPÍTULO 22

O meu dia de serviço foi cheio de reflexões. Desabafei com as minhas amigas sobre a situação e recebi alguns conselhos. Na parte da tarde, Vivian apareceu na minha sala buscando uma resposta.

— E aí? Já pensou sobre a sua promoção?

Vivian entrou, logo percebi uma caixa que ela deixou em cima da mesa.

— Você não está tentando me comprar, está? — Perguntei, sentindo o meu humor ser restaurado.

— Eu não, mas creio que alguém está. — Vivian passeou pela sala com as mãos nas costas. — Talvez um homem apaixonado e arrependido.

Minhas mãos correram em desespero para a caixa branca com uma fita vermelha.

— A propósito, eu aceito o cargo de sua assistente. — O sorriso da minha chefe demonstrou toda a sua inquietação por uma resposta.

— Perfeito. Vai se preparando que brevemente te darei novos desafios.

Senti um friozinho na barriga por antecipação. Eu queria aprender, trabalhar e gastar a minha mente e o meu tempo pensando em qualquer coisa que não fosse o pai dos meus filhos.

Desembrulhei o papel de seda que cobria o conteúdo da caixa. Bem abaixo havia um bilhete.

“Sei que sou um filho da puta quando quero, mas eu não consigo ser sensato quando o assunto é você. Tudo o que eu quero é te ter, PRA SEMPRE.”

Deixei o bilhete de lado e peguei uma peça de tecido tão delicado que parecia ter sido costurado todo a mão, a cor era vermelho e bem vivo. Puxei mais pra cima e descobri a camisola mais vulgar que já tinha visto na vida. *Argh!* Aquilo era algo que eu não usaria nem nos meus tempos de prostituta.

— Ah... nossa, tem alguém *realmente* arrependido — Vivian falou antes de deixar a minha sala com um pouco de pressa e uma expressão engraçada.

Fiquei confusa com a atitude dele. Se ontem ele não conseguia nem me tocar, como me mandou uma lingerie como aquela?

Ao chegar em casa, guardei a caixa de presente. Havia me convencido no caminho que, assim como as rosas, aquele presente foi um engano. A babá estava dando banho nos meninos, com isso fiz o mesmo. Saí do banho vendo que tinha uma mensagem de Dion avisando que logo chegaria. Minutos depois, assisti do sofá a animação dos meus pequenos ao receber o pai.

Ao longo daquele tempo, pude perceber algumas coisas bem sutis. Apesar de estarmos perto um do outro, a distância entre nós dois nunca foi tão grande. Dion de certa forma se esquivava de mim mesmo tentando demonstrar que estava tudo bem. No fundo, eu sabia que nós nunca mais seríamos os mesmos, mas ver a confirmação enchia meu coração de dor.

Logo os meninos dormiram e acompanhei Dion até a porta. Não falamos sobre o que aconteceu ontem, mas queria esclarecer algumas coisas antes de ele ir embora de novo.

— Olha, não tem um manual de instruções informando como devemos agir nessa situação, mas eu sei que isso te machuca mesmo que você não fale, e está tudo bem.

— Sobre ontem, eu sinto muito. Eu... não consigo tirar toda essa história da minha cabeça, só fico pensando em como ele te machucou... Me perdoe, Ava.

Ele virou a cabeça para o corredor. Será que nem me olhar mais ele

estava conseguindo?

— Dion, você está sendo tão incrível, mas provavelmente pensa em fazer o que é melhor pra mim quando na verdade devemos fazer o que é melhor pra gente. E eu acho que ficar perto de mim parece tortura pra você. Não quero nada disso — puxei o ar, sentindo meu coração ser esmagado por fazer algo que eu não queria. — Acho que devemos deixar o tempo fluir e só depois definir alguma coisa entre nós.

A incerteza possuía o seu olhar. Queria que ele tivesse batido o pé, falado que eu estava louca e que nunca se afastaria de mim. Um par de segundos depois, vi-o concordar com a cabeça. Então soube que aquilo era realmente o melhor a se fazer, embora aparentemente nenhum de nós dois quisesse.

Permaneci parada na porta enquanto ele resolvia se ia embora. Sem demora, ele se despediu, partindo para pegar o elevador. Após alguns passos, ele parou e me olhou.

— Nós vamos superar isso.

Será mesmo?



A quarta feira chegou. Com tantas coisas em mente, decidi colocar o foco em mim. Meu dia foi logo melhorando quando recebi a notícia que eu teria folga até a próxima semana para começar a me adaptar à nova função. Minha mente já estava a mil por hora, planejando tudo o que eu tinha que fazer para aproveitar ao máximo os meus dias.

Consultei-me com Jenna na quinta-feira e ela me indicou um novo anticoncepcional. Com Dion me colocando pra escanteio, eu previ a minha vida sexual desmoronando. Ainda assim, decidi começar a tomar, porque, bem, nunca se sabe.

Na sexta, estudei alguns possíveis clientes para a Carter Inc. que Vivian tinha me passado. Busquei os meninos na escola mais cedo. Depois do almoço, passei ótimas horas com eles. Noventa por cento do assunto era: “Dion”, “papai”, “nosso super-herói”. O último sempre me arrancava um

sorriso. Os meus filhos estavam bem. Aquilo me fazia bem.

Enquanto preparava um lanche na cozinha, o telefone fixo do apartamento tocou. Procurei brevemente na minha memória quem tinha aquele número. Lembrei que estava na lista telefônica e quem entrava em contato comigo naquele número geralmente eram pessoas que não me conheciam pessoalmente.

— Alô?

— *Boa tarde, nesse telefone eu consigo falar com a senhora Ava Christine Banks?*

— Sim, quem fala?

— *Meu nome é Rose. Eu sou assistente social na penitenciária feminina de São Francisco.* — Minha cabeça levou um tempo para me situar, mas logo me levou a pensar em Olga.

Eu não sabia o que aquela filha da mãe queria. Esperava que não me dissessem que iriam soltá-la.

— Pois não.

— *Estamos te ligando porque o seu nome consta na lista de contato de uma das detentas, Olga Weber.*

A moça do outro lado da linha fez uma pausa dramática.

— *Senhora Banks, a sua mãe estava na nossa unidade hospitalar com um quadro de pneumonia* — Rose novamente fez uma pausa. — *Lamento informar que ela não resistiu, veio a falecer essa madrugada* — a mulher aguardou a minha reação. Tudo o que ela conseguiu de mim foi um suspiro. — *Tentamos contato o dia todo até achar o seu número correto.*

— Tudo bem, obrigada por informar — respondi me despedindo.

— *Espera, senhora. A responsabilidade dos procedimentos do funeral e enterro é do familiar.*

— Desculpe, Rose, você ligou no número errado.

Desta vez, eu desliguei o telefone mesmo que a assistente social ainda estivesse gaguejando do outro lado da linha tentando argumentar. Retirei o

telefone do gancho, sabendo que muito provavelmente ela ligaria de novo.

Apoiei as mãos na mesinha, fechando os olhos, e estiquei o corpo. Respirei uma vez, depois de novo.

Deus, o que está acontecendo na minha vida?

— Mamãe? — Uma vozinha preocupada surgiu na minha mente.

Olhei para as duas criaturinhas que eram a razão de eu ainda conseguir sorrir.

— E então, quem quer ir até a confeitaria da tia Jessy? — Pensei rápido.

Precisava respirar um ar fresco.

Recebi a resposta com festa. Eles nunca negavam uma ida ao lugar onde eles se empanturravam de *cupcakes*. Peguei o casaco dos dois e o meu, depois partimos para a rua. Nosso destino não estava longe de casa, por isso optei por ir a pé.

A mulher com quem eu tinha vivido boa parte da minha vida estava morta. Era a minha mãe – adotiva, mas era.

Eu deveria chorar? Não por ela ter morrido, e sim de alívio por saber que ela nunca mais apareceria na minha frente para me pedir dinheiro ou trazer um dos seus amigos bêbados pela mão para abusar de mim?

Fechei os olhos com força. O vento frio me ajudou a manter uma expressão impassível.

Segurando na mão de cada gêmeo, atravessamos a avenida principal do bairro. Eles avistaram a entrada da confeitaria e saíram correndo até chegar à porta.

— Esperem a mamãe! — Gritei a pleno pulmões. Eles pararam imediatamente e consegui alcançá-los. — Lá dentro é para os mocinhos se comportarem, senão, da próxima vez, eu vou comprar só um cupcake pra cada um, entenderam? — Falei revezando o olhar para cada carinha.

Meus meninos balançaram a cabeça concordando.

— Ok, então podem entrar.

Deixei os nossos casacos na entrada, sem tirar os olhos de Mason e Aiden que saíram em disparada para atacar a tia Jessy com abraços e beijos. Eu e Aiden fomos olhar os novos sabores que estava à disposição e Mason foi guardar nosso lugar. Mantive os olhos nele e nos cupcakes ao mesmo tempo.

— Qual você vai querer, meu amor?

— Aquele ali — Aiden esticou o corpinho para apontar para o cupcake com cobertura branca. Baunilha era o seu favorito.

— MAMÃE!? — Senti que meu coração iria explodir no peito quando ouvi o grito de Mason.

— O que foi, filho? — Questionei assustada, vendo-o correr até mim com seu rostinho irritado.

— Tem gente no nosso lugar!

Ele pegou o meu braço, puxei Aiden pelo outro e fomos todos verificar.

Na mesa havia um homem e três crianças. Olhei primeiro para os dois meninos e a menina que estavam na minha frente, constatando que eram todos parecidos, provavelmente irmãos. Eram ruivos e tinham pintinhas por todo o rosto.

— Ava?

Olhei para o outro lado para dar de cara com Dylan.

— Ah, oi! — Respondi assustada.

— Esse é o nosso lugar! — Mason bateu o pé.

— Querido, você está errado. Essa mesa não é nossa, qualquer um pode sentar nela — falei com calma.

— Mas eu queria essa, mamãe — Aiden engrossou o discurso.

Dylan se levantou e tentou dar uma amenizada na situação. Quando os gêmeos concordavam em alguma coisa, era difícil reverter.

— Podemos resolver isso. Essa mesa é grande o bastante para todos

nós.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, os meninos soltaram a minha mão e sentaram na mesa, que tinha estilo das sorveterias antigas, uma grande roda acolchoada de cor vibrante.

— Você também está convidada — Dylan falou em voz baixa, aumentando o meu constrangimento.

— Obrigada.

Sentei na borda e me deparei com as três crianças me olhando do lado oposto.

— Permita-me. Ava, estes são Anthony, Liam e Olivia — ele falou apontando para cada um.

O menor, Liam, parecia ter a idade dos gêmeos e Olivia, a mais velha, tinha no mínimo oito anos.

Acenei para eles e os meninos acenaram de volta, menos Olivia.

— Eles são seus...

— São meus sobrinhos. Liv e Liam são da minha irmã Marge e Anthony do meu irmão mais velho.

— Eles são lindos — ofereci um sorriso encantado.

Jessy apareceu na nossa mesa e tomou nossos pedidos. Depois disso, eu me peguei a olhar a janela atrás dos meninos, desanimada em iniciar uma conversa com tantas coisas que eu tinha em mente. Mas Dylan começou, para o meu desgosto.

— É difícil não saber de quem eles são filhos.

— Ah, me desculpe. Este é Aiden e este aqui — aponte para o garotinho do meu lado — é o Mason.

— Uau, nomes legais!

— Pois é, algumas pessoas dizem que soa como nomes de estrelas de rock.

— Foi exatamente isso que pensei — ele concordou. — Dion que deve

ter escolhidos os nomes, não é? Eu nem fiquei sabendo que ele tinha filhos.

— Er... — fechei os olhos e respirei. — É complicado.

Os cupcakes chegaram e sem demora os meninos se lambuzaram com seus sabores favoritos. Comi apenas um e a contra gosto, empurrando os pedaços sem a menor vontade de comer.

Notei que os rapazes se entrosavam cada vez mais enquanto Olivia passou a me olhar com mais atenção. Eu não iria falar nada. A menina era mais arisca.

— Você é namorada do meu tio?

Olhei para ela tentando entender como tinha chegado àquela conclusão.

— Não, eu não sou. — A menina sorriu aliviada.

— Mas você tem namorado? — Balancei a cabeça em negativa, Olívia voltou a fechar a cara.

— Ah, eu pensei que você e Dion estavam juntos — Dylan quis saber.

— Não, é...

— Complicado?

Meneei a cabeça e fiz cara de quem não queria continuar naquele assunto.

— Ok, nós podemos falar de coisas boas. Tipo futebol, Fórmula 1, poker... — fez graça.

Olivia revirou os olhos e eu fiz o mesmo, só então a menina abriu um sorriso pra mim.

Os gêmeos se deram bem com os sobrinhos de Dylan, eu e Liv nos demos uma abertura e, ao contrário do que eu pensava, a menina era um doce, um doce bruto para ser mais exata. Apesar da pouca idade, ela sabia muito bem o que gostaria de ser quando tivesse idade para trilhar o próprio caminho.

Lembrei de quando eu também era pequena. Só pensava em brincar, achando que ficaria sob a asa dos meus pais pra sempre. Engraçado como as

coisas poderiam mudar de uma hora para outra. Um caminhão que fez uma curva mal feita e tirou a minha segurança quando eu era uma garotinha, mudou a minha vida toda para sempre. O que teria acontecido comigo se não tivesse perdido meus pais tão cedo?

Eu não tinha uma vocação, habilidades, nem sonhos para seguir. A única coisa de que tinha certeza era que, se meus pais ainda estivessem vivos, eu não teria sido explorada por Olga, nem conhecido Dion. Consequentemente, não teria tido os gêmeos. Suspirei com aquele paradoxo e me deparei com os olhos preocupados de Dylan em mim.

— Você está bem?

Olhei para os meninos ao meu lado e respondi que sim. As pessoas me faziam aquela pergunta com mais recorrência agora. Era estranho e me preocupava.

— Já está na hora de voltarmos. — Os meninos pediram para ficar mais. — Outro dia. — Levantei a mão para chamar Jessy, ela veio atender. — Fecha pra mim, por favor.

— Claro.

— Acho que essas crianças merecem brincar mais vezes — Dylan comentou.

— Sim. Outro dia talvez — respondi sendo simpática.

A situação estava realmente bizarra. Minha vida estava desmoronando e o que eu estava fazendo? Comendo cupcakes com o amigo de Dion depois de receber a notícia de que minha mãe adotiva tinha morrido.

Só conseguia pensar em voltar para casa, para a minha cama e ficar lá até que as coisas voltassem ao normal.

Meu celular começou a tocar no bolso da minha calça. Vi o nome de Dion no meio de dois coraçõezinhos na tela. Fiz uma anotação mental para editar aquela tolice depois.

Desliguei a chamada e coloquei no silencioso.

— Aqui está, Ava — Jessy me entregou a comanda.

Eu abriria a minha carteira para pagá-la se eu soubesse onde a bendita estava. Olhei em todos os cantos da mesa e da cadeira e nada achei. Era uma carteira de mão, não era difícil localizá-la. Pensei no meu casaco, porém não caberia nos bolsos da peça.

— Nós também já terminamos aqui. Se puder juntar tudo em uma só...
— Dylan falou, percebendo meu embaraço.

Tapei a cara, admitindo para mim mesma que a minha cabeça estava no mundo da lua.

— Obrigada. Se você puder passar no meu apartamento, eu posso te pagar hoje mesmo.

— Não será necessário, veja como uma cortesia.

— Não, eu prefiro pagar — insisti sem dar-lhe chances de dizer o contrário.

Minutos depois, deixamos a confeitaria. Dylan me convenceu a pegar uma carona, mesmo eu tendo falado mil vezes que morava perto dali. Ele me garantiu que havia espaço para todos e realmente tinha em seu luxuoso carro familiar. No caminho, perguntei como estava indo a boate e ele respondeu que iria levar os sobrinhos em casa antes de ir conferir seus negócios.

— Filhos, se despeçam dos sobrinhos do Dylan.

Assim eles fizeram quando consegui enxergar o meu prédio de longe.

— Liv, você poderia olhá-los pra...

— Uhum — a menina respondeu antes do tio terminar.

Despedi-me dos que ficaram no carro e conduzi Dylan até o meu apartamento.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Ele me perguntou no elevador.

— Eu achava que sim, mas agora eu já não sei — confessei pensativa.

Os meninos seguravam a minha mão, sentia-os me olhando com ternura.

— Tem alguma coisa a ver com Dion? Eu posso ajudar de alguma forma?

— Não, mas obrigada.

— Sabe... eu não estava brincando quando falei que nós poderíamos sair mais vezes. Nós e eles também... ou só nós dois mesmo.

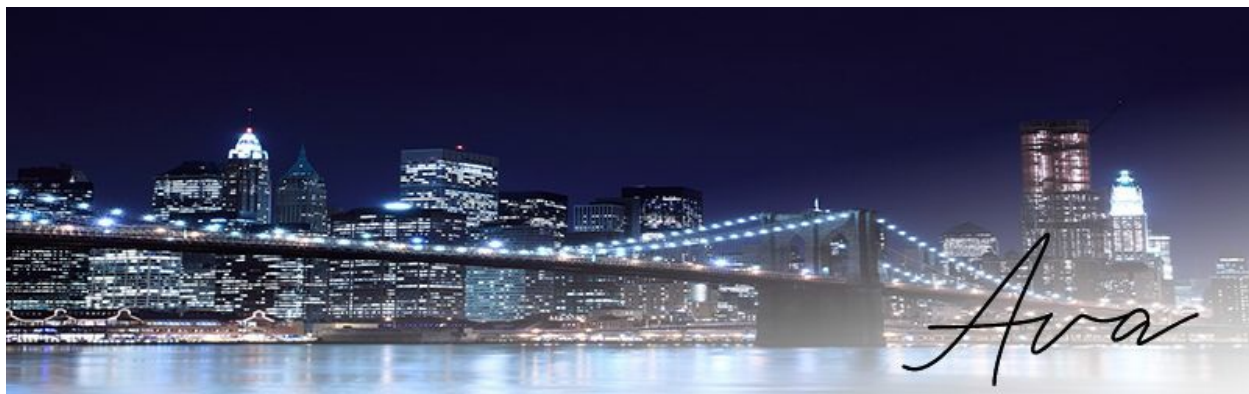
— Eu agradeço por isso Dylan, mas não.

— Está tudo bem, foi só um convite — ele ficou um pouco decepcionado.

— Talvez a gente consiga nos encontrar por acaso de novo — amenizei.

Chegamos no meu andar e os meninos correram na frente como sempre. Parei os passos quando eles começaram a gritar “papai” incessantemente. Continuei andando e vi os dois meninos montados nele como se fossem macaquinhos.

O sorriso de pai babão de Dion se desfez em um piscar de olhos a partir do momento que ele viu Dylan ao meu lado. O olhar dele se voltou para mim e eu sabia exatamente no que ele estava pensando.



CAPÍTULO 23

Os meninos desceram do colo do pai. Aproximei-me da porta, pegando as chaves.

— Dylan, se você puder esperar aqui fora, eu vou pegar seu dinheiro.

Dion permaneceu no lugar, sentindo-se à parte da história. Um objeto inanimado, só observando.

— Espero, não se preocupe — a voz de Dylan continuava simpática como sempre, mas tinha uma tensão ali.

Não deixei que os meninos entrassem, Dion não faria um circo na frente dos filhos. Entrei no apartamento correndo, tentando me lembrar onde estava a minha carteira. Achei-a em cima do braço do sofá. Tirei vinte dólares e voltei para fora com pressa.

— Então, Dylan, como estão os negócios? — Ouvi Dion dizer.

— Estão indo muito bem, e os seus?

— Também. Muito, muito bem.

Uma espiadela atrás da porta me fez perceber o quanto Dion poderia ser assustador às vezes, apenas com os braços cruzados e as sobrancelhas tão contraídas que poderiam fundir uma na outra. Eu não queria ser Dylan naquele momento.

— Aqui está — interrompi, entregando o dinheiro para Dylan.

Ele balançou a nota no ar e bufou, disfarçando com uma risada. Estava

na cara que ele gostaria de receber de mim bem mais do que vinte dólares.

— Não precisava, mas já que você fez questão.

Os dois homens se entreolharam, temi o que poderia acontecer. Dion encostou o polegar no queixo e ficou nos analisando por um tempo. Ele estava captando algo que nunca aconteceu. Além do mais, ele não tinha nenhum direito de fazer aquilo.

— Tchau, meninos, foi uma grande tarde. — Os gêmeos acenaram de trás da perna do pai. — Tchau, Ava. Espero te ver de novo.

O quê? Não! O que você está fazendo, Dylan?

Dion soltou o ar de forma brusca. Um som que poderia ser ouvido do térreo. Pensei que tudo estava perdido e meus filhos presenciariam um banho de sangue.

— Obrigada, Dylan — respondi rapidamente, sem dar um tom pessoal como ele tinha feito. — Por tudo.

Agora dê o fora daqui!

Dylan nos deu as costas e pegou o caminho do elevador. Dion não tirou os olhos dele até ver as portas se fechando e levando o até então amigo para bem longe de mim.

— O que ele estava fazendo aqui? — Sua voz estava mais alta do que o habitual. A expressão fria e autoritária.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei mais alto ainda.

— Você está saindo com um amigo meu, é isso?

— O que você está fazendo aqui? — Repeti.

— Eu tentei te ligar e mandei um monte de mensagens avisando que viria.

Olhei bem pra ele. Estava menos formal, mas ainda não era tarde o suficiente para o seu expediente no banco ter terminado.

— Andrew me avisou de uma ligação que recebeu de um presídio da Califórnia.

— Eu já sei sobre Olga.

— Sabe? — Ficou pasmo. — E mesmo assim saiu não sei para onde para se encontrar com Dylan?

— Eu não saí para encontrá-lo. Foi por acaso. — Ele continuava com um pé atrás. — E outra, eu não te devo nenhuma explicação.

— Certo. Vamos deixar essa discussão para outro dia. — Dion respirou e amenizou um pouco o estresse no ar. — Eu vim aqui pra saber se você está bem e se precisa de algo.

— Eu estou bem e não preciso de nada — cruzei os braços.

Bastou o vizinho da frente abrir a porta e nos espiar para eu lembrar que ainda estávamos no corredor do prédio. Entrei em casa, Dion veio atrás. Os gêmeos corriam pela casa, brincando.

— Ava, você já achou alguém com quem conversar e te orientar? Há milhões de coisas acontecendo na... — ele iria dizer “sua”, mas se corrigiu — nas nossas vidas e você parece nem tentar lidar com elas.

— Não sei o que você veio fazer aqui, mas não está ajudando.

— Ei, não! Olha pra mim — eu não o fiz. Um par de segundos depois, ele estava na minha frente. — Eu sei que ela te machucou de maneiras que não posso sequer imaginar. Se você está se sentindo feliz ou triste, não é sua culpa.

Dion segurou o meu rosto em suas mãos e me forçou a olhá-lo. Era ali que eu conseguia vê-lo claramente, sua alma pura e cristalina nunca escondia a verdade. Seus olhos me mostravam que ele queria pegar todas as minhas dores e colocar em suas costas, porque estava com medo de eu não conseguir suportá-las.

Dei-me conta de que eu estava em ruínas, meu coração e minha mente estavam caindo um por um. Eu tentava demonstrar que eu era forte, mas na verdade eu não era tão forte assim.

Dion me conduziu para o quarto. Quando senti a maciez do colchão segundos depois, eu quis chorar. As lágrimas não vieram, porém a angústia e o nó na garganta se fizeram presentes. Dion se deitou ao meu lado.

— Sei que estamos dando um tempo, mas nada vai me impedir de cuidar de você — absorvi tudo o que ele dizia.

Revezei olhando para o teto e para Dion. Sentia-me letárgica, sem forças para nada. No tempo oportuno, ele percebeu que eu queria falar algo e me incentivou com os olhos, pegando minhas mãos. Respirei algumas vezes e foi como se o meu coração doesse a cada vez que o ar deixava meus pulmões.

— Eu não sei o que estou sentindo — falei baixo. — Eu não sei...

Aquilo não seria pior? Não saber interpretar as próprias emoções?

Fragmentos do meu passado me assombravam sem uma janela de trégua. Estava me afogando, enlouquecendo aos poucos na minha própria vida, porque eu não conseguia controlá-la.

Vai ficar tudo bem.

Uma voz surgiu no meio do turbilhão de informações negativas que a minha mente gerava.

— Vai ficar tudo bem — Dion repetiu. — Logo ela será uma figura do seu passado e, quando pensar nela, talvez você sinta ódio, mas vai se lembrar que ela nunca mais vai poder te fazer mal.

Coloquei meus braços em torno dele e empurrei meu corpo para onde ele pertencia antes de afundar meu rosto em seu casaco. O seu perfume e palavras de carinho me ajudaram a dar vazão aos sentimentos, chorando e pensando que talvez eu realmente precisasse de ajuda. Mas naquele momento tudo o que eu precisava era me sentir cuidada por alguém.



Abri os olhos, ouvindo alguém me chamando. Era Dion perguntando se eu queria jantar. Neguei, mesmo com a insistência dele. Aceitei apenas um chá quando Mônica foi mais tarde no meu quarto oferecer.

Meus filhos me olhavam como se eu estivesse doente, Dion a mesma coisa. Comecei a achar que poderia estar mesmo, no entanto sabia que não era uma doença física.

Consegui dormir depois que Dion colocou os meninos comigo na cama

e disse que dormiria no sofá.



— *Papai, a mamãe odeia café.*

— *Eu sei, Maze. Só espero que ela ainda goste de pretzels.*

— *“Pre” o que, papai?*

— *Pre-t-zel.*

— *Mas o que a mamãe vai beber então?* — Eu conhecia aquela voz curiosa.

— *Sabe aquela garrafa na geladeira? É leite. Eu vou esquentar e jogar chocolate em pó dentro.*

— *Mas o leite é pra gente. A mamãe não é mais bebê.* — Também conhecia aquela outra vozinha atrevida.

— *Nem vocês* — debochou. — *Olha, vocês podem parar de falar e me ajudar aqui? O papai está em apuros.*

Houve algumas risadinhas de criança.

— *Eu já posso acordar a mamãe?*

— *Ainda não, Aiden. Lembrem-se que a mamãe está cansada, então, quando ela acordar, vocês vão dar um abraço bem forte nela e dizer o quanto a amam, certo?*

— *Mas, papai... a gente já faz isso todo dia.*

— *Que bom saber disso. Hoje o abraço será mais forte.*

A discussão continuou enquanto eu levantava da cama. Fui até o banheiro, evitando me olhar no espelho, e lavei meu rosto. Tomei um banho breve, o que me deu um pouco mais de força de vontade.

Depois de colocar uma roupa, saí do quarto para ver se a conversa que eu estava ouvindo tinha realmente acontecido ou era apenas um sonho. Quando surgiu na sala, Aiden e Mason correram até mim.

— *Mamãe, eu te amo!* — Eles disseram juntos, me entregando uma

florzinha de cada cor.

Segurei os dois nos meus braços, apertando-os enquanto eles me apertavam de volta em um abraço forte e carinhoso.

— Obrigada, a mamãe também ama os dois — distribuí beijos em seus rostos. — Agora me fala, como vocês conseguiram essas flores tão bonitas?

Os dois olharam para trás onde estava Dion encostado na pia.

— Ahn, nós pegamos em uma propriedade particular com autorização do dono — eles responderam juntos como se tivessem decorado aquilo.

Aquele discurso era algo que os meus filhos não diriam espontaneamente. Cerrei meus olhos para dentro da cozinha, bem onde Dion estava, e me virei para os gêmeos.

— Vocês roubaram do jardim daquela casa na esquina, não foi? — Perguntei, já sabendo o que tinha acontecido.

Os meninos ficaram calados, mas percebi que eles estavam se segurando para não rir.

— Peça a mãe de vocês pra esquecer isso. Está na hora do café da manhã.

Dion parecia ter o total controle da situação.

Um pano de prato estava pousado em um de seus ombros. Ele estava com a mesma roupa de ontem, mas parecia novo em folha. Fui para a cozinha, carregando os meus garotinhos, e fiquei frente a frente com uma mesa de café da manhã bem farta e decorada.

— Olha só, parece que alguém andou comprando as padarias do bairro.

Sim, eu estava vislumbrada.

— Esses carinhas aqui não entraram em um consenso quando perguntei o que você gostava de comer no café da manhã, então eu tive que improvisar. — Meneei a cabeça, sorrindo de forma propositalmente convencida.

— A mamãe vai sentar aqui e o papai aqui do lado — Aiden informou a logística da nossa mesa de café.

Levantei os braços me rendendo.

Sentei e servi os meninos. O ambiente estava calmo e feliz. A própria família de comercial de margarina que nós não éramos. Não pude suprimir a sensação de um desejo sendo realizado. Estar ali daquela forma, em família, era tudo o que eu queria.

Observei os gêmeos cochichando. Dion e eu nos entreolhamos com diversão enquanto os nossos pequenos tramavam algo bombástico.

— Mamãe, deixa o papai morar aqui? — A pergunta de Mason me pegou de surpresa.

— É, mamãe, deixa.

Comecei a rir do nada, percebendo os olhinhos azuis e esperançosos dos gêmeos. Eles achavam que aquilo resolveria tudo, como se fosse algo simples de se fazer.

— Meus príncipes, o papai não pode morar aqui e nós já conversamos sobre isso.

A chateação nos rostos deles não durou nada porque eles tinham um plano b.

— Papai, deixa a gente morar na sua casa, por favor? — Aiden pediu.

— Claro que pode, só precisam convencer a mamãe primeiro — Dion respondeu, deixando claro que ele concordava com os filhos.

Os nossos olhos se cruzavam rapidamente, desviei logo depois.

O resto da refeição ocorreu com os gêmeos fazendo planos para conseguir de alguma forma juntar eu e Dion em uma única casa pra sempre.

— Se você quiser um dia de privacidade, eu levo os gêmeos comigo.

— Hum, poderia ser amanhã? Hoje as madrinhas deles vão vir trazer a fantasia para a festa da Carter Inc. para eles experimentarem.

— Ah, eu recebi convite para comparecer nessa festa, mas, quando vi que era a fantasia, eu desisti no mesmo instante. De qualquer forma, não é um período que eu conseguiria me divertir.

— É, eu também não vou — contrái o canto da boca.

— Não vai?

— Não, eu já conversei com Vivian. Não tenho cabeça para festas ultimamente. Os meninos vão com ela.

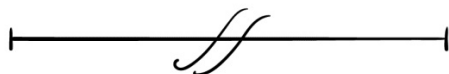
— Entendi.

Ele pegou o restante de suas coisas em cima do sofá depois de se despedir dos filhos.

— Dion, muito obrigada pelo o que você fez ontem e hoje — queria que ele soubesse que eu era grata. — Foi muito gentil de sua parte.

— Não tem que me agradecer. Eu só queria que você buscasse ajuda profissional. São problemas demais e você é uma só.

Balancei a cabeça para demonstrar que captei a mensagem. Dion foi embora e eu me senti mais leve, capaz.



E a semana começou novamente. Vivian me levava para todas as reuniões e me fazia participar de todas as decisões cruciais para o funcionamento da empresa. Por um momento, achei que eram muitas responsabilidades pra eu carregar, contudo agora achava que estava pegando o jeito da coisa.

Eu e Dion assumimos uma posição de amizade. Odiava como aquela palavra soava. Porém estávamos indo bem.

Desde domingo eu andava recebendo ligações de um terapeuta de São Francisco, doutor Leonel Parker. Ele disse que conhecia Dion e que de alguma forma me conhecia um pouco também, a ligação havia sido orientação do pai dos meus filhos.

Doutor Parker tinha uma forma muito eficaz de fazer as pessoas falarem sobre qualquer coisa. Desabafar com ele ajudou um pouco a amenizar a bagunça na minha cabeça. Ainda não havia tido tempo de conversar sobre toda a minha vida, mas falei sobre a morte de uma pessoa que tinha me feito muito mal e que após aquela notícia foi como se uma

camada invisível tivesse surgido sobre mim, me impedindo de sentir qualquer coisa. O terapeuta me fez entender que provavelmente eu estava reprimindo um sentimento de alívio, porque algum dia em algum lugar o meu raciocínio moral decretou que aquele gesto era errado, e também um pouco de remorso por não ter dado a mulher, a quem minha mãe confiou o meu cuidado, um funeral decente.



Já era quinta-feira, todos e qualquer andar do prédio só falavam da festa da Carter Inc., então evitei rodas de conversa para não contagiar ninguém com o meu desânimo. Minhas amigas cochichavam constantemente e, quando eu chegava perto delas, mudavam de assunto. O que Bonnie e Tracy escondiam não me intrigava o bastante para perguntar-lhes sobre.

E assim o resto da semana se passou.

— Olá — falei assim que Jenna abriu a porta.

Era tarde de sábado e eu tinha combinado de levar os gêmeos para se arrumarem na casa das madrinhas. Entreguei a pequena mala de viagem para a empregada, eles dormiriam ali aquela noite também.

Aiden abraçou Jenna e foi atrás de Mason que saiu correndo pelo apartamento procurando Vivian. Eles já conheciam aquele lugar, foi a primeira casa deles mesmo que não se lembrassem porque eram recém-nascidos.

— E então, onde está a sua fantasia? — Jenna perguntou.

— Em lugar nenhum. Eu não vou — respondi.

— Não, eu não acredito. Você está brincando, não está? — O tom humorado dela logo se transformou em revolta.

— Vivian deve ter te contado. Eu avisei a ela.

— Ouvi o meu nome? — Vivian apareceu na sala, com os meninos brincando atrás dela.

— Sim, estava falando com Jenna que avisei você que não iria à festa.

— Avisou mesmo, mas pensei que estava apenas indecisa.

Jenna me puxou para o sofá.

— Querida, nós sabemos que o momento não é o mais propício para festas, porém eu acho que você merece uma trégua. Você merece festejar algo que você ajudou a construir — Vivian começou.

— Uma coisa que me ensinaram na teoria, porém eu aprendi apenas quando pratiquei, é que, se algo não está indo bem na nossa vida, é uma ótima chance de aproveitar as coisas boas nela. Consegue me acompanhar?

Ouvir Jenna era algo valioso. Ela, assim como eu, já passou por maus bocados. Lembrei da vez em que ela me contou sobre a dificuldade de falar abertamente sobre sua orientação sexual com a família, ninguém ficou do lado dela e até hoje era renegada. Antes de terminar a residência médica, Jenna saiu de casa e começou a trabalhar na antiga empresa que Vivian dirigia, foi assim que elas se conheceram. Era sempre um aprendizado escutar o que ela tinha a dizer.

— É, Ava. A fase de tormenta vai passar uma hora ou outra, mas será mais fácil se você se apegar às coisas que podem te dar um pouco de alegria — Vivian continuou. — O que você vai fazer esta noite? Beber chá e assistir novela com a babá dos gêmeos?

Pra ser honesta, era exatamente aquilo que eu iria fazer, mas neguei.

Mais tarde, minha chefe mostrou a fantasia dos gêmeos, que era dos personagens favoritos deles, deixando meus meninos num frenesi contagiante. Ajudei a aprontá-los e, depois de algum tempo, o Ben 10 e o Naruto estavam correndo pelo apartamento.

— Ava, pode vir aqui, por favor?

Fui atender o pedido de Jenna. Cheguei ao quarto principal, vendo uma roupa estendida na cama, porém ambas já estavam fantasiadas. Jenna parecia uma rainha medieval, já Vivian, uma espécie de feiticeira ou maga.

— Nossa última tentativa — Vivian se apressou para dizer. — Na última festa da empresa, você disse que se fantasiaria da próxima vez com algo que remetesse ao seu passado. Lembro até que o filme “Uma Linda

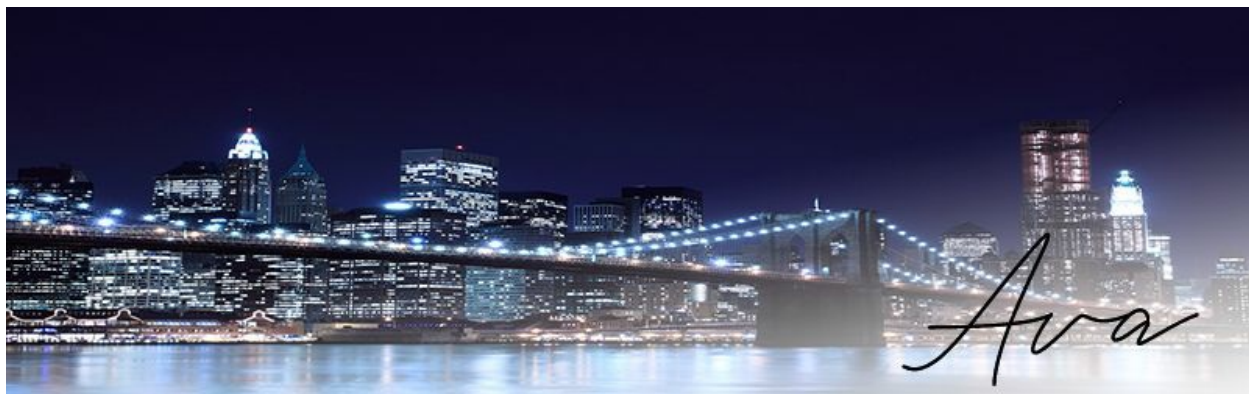
Mulher” veio na sua mente naquele instante. Porém, momentos depois, você voltou atrás dizendo que não, você não queria se fantasiar como prostituta porque os vestidos do filme ou eram muito bregas ou vermelhos, cor que você diz que não te dá sorte.

— Daí lembramos do filme “Bonequinha de Luxo” — Jenna retomou. Meus olhos marejaram só de imaginá-las maquinando aquilo tudo para me fazer ter uma noite de comemoração e boas risadas. — Bem, se você achar a Audrey Hepburn brega, nós desistimos aqui e agora de te levar para a festa.

Vivian pegou o vestido e me mostrou. Era uma versão idêntica ao original, inclusive o decote nas costas.

— É lindo! — Comentei sorrindo.

Vivian e Jenna comemoraram satisfeitas quando avisei que iria. Tomei um rápido banho e coloquei todas as peças da fantasia. O par de luvas, o colar e depois Vivian amarrou o meu cabelo em um coque para colocar a tiara. Em menos de uma hora, fiquei pronta e fomos todos para o hotel onde aconteceria a festa da Carter Inc.



CAPÍTULO 24

— Ava! Não sabia que você viria — Bonnie me abraçou quase emocionada ao me ver. Minha amiga já parecia um pouco alta.

— Pois é, nem eu.

Vivian e Jenna foram para o lado contrário cumprimentar outros funcionários.

— Vem, a Tracy tá bem ali — ela pegou a minha mão enquanto os meninos caminhavam na nossa frente. — James está aqui também, bom que eles brincam juntos — comentou apertando as bochechas dos gêmeos.

— Ah, sua safada! Passou esse tempo todo falando que não viria — Tracy reclamou um pouco brava, mas no fim me puxou para um abraço. — Você está linda!

— Obrigada. Vocês estão maravilhosas!

Não pude deixar de notar que, no meio da alegria de me encontrar ali, havia uma tensão entre elas. Preferi acreditar que se fosse algo grave elas me falariam.

— Vamos beber!

Tracy parou um garçom que estava passando e pegou três taças de champanhe. Reparei na fantasia de deusa grega dela. Combinava muito com a sua autoestima e ousadia.

— Vocês bebem. Eu só olho — lembrei.

— E então, como anda o coraçãozinho, Ava?

— Está batendo, Tracy. Agradeço a preocupação — respondi gozando da cara dela. Sua expressão mudou completamente e eu sabia que ela iria me dar uma resposta daquelas, para a minha sorte Bonnie interviu.

— Não é isso, bobinha. Ela quer saber se já podemos amolar a tesoura.

— Tesoura? Que tesoura?

— Aquela que falamos que íamos usar em Dion caso ele te machucasse de novo.

— Não se preocupem com isso — dei de ombros.

Nós três passeamos pelo salão, cumprimentando e entrando em rodinhas de conversa. Aquilo foi importante para eu saber que as pessoas estavam satisfeitas com a nova gestão. Após isso, pegamos um lugar fixo perto da bancada de onde aconteceria o sorteio de alguns brindes, sempre mantendo o olhar nos gêmeos.

— Ei, Ava? — Uma voz me chamou e eu fiquei um pouco receosa de me virar.

— Oi, Amber?

A mulher estava reluzente vestida de Alice do filme “Alice no país das maravilhas” e a bebê em seu colo vestia uma roupa idêntica.

— Que bom te ver.

Mordi minha boca, contrariada.

— Não sei se posso dizer o mesmo. A última vez que te vi, você me deu um tapa no rosto — respondi baixo.

— Porque você tinha acabado de transar com meu ex-marido. — Olhei para ela com horror porque as coisas não tinham acontecido daquela forma.

— Tracy, vamos no banheiro comigo? A minha asa está saindo do lugar — Bonnie falou, ajeitando a sua fantasia de fada, e as duas saíram de perto para nos dar um pouco de privacidade.

Tracy foi, mesmo a contragosto. Se alguém gostava de um barraco,

com certeza era ela.

— Nós nunca tivemos oportunidade de falar sobre isso depois do que aconteceu — comecei.

— Tivemos sim, mas você preferiu negar.

— Eu neguei porque aquilo não era assunto meu.

— Tudo bem, nem ligava mais pra isso até você me lembrar. — A garotinha no colo dela fixou os olhos no meu colar. — Andrew me mostrou os seus filhos na entrada. Meu Deus, eles são tão parecidos com o pai.

— É, eu sei — comentei sorrindo. — E essa garotinha? Ela é tão linda.

Amber concordou sorrindo também.

— Está gostando de Nova Iorque? — Sondei.

— Ah, eu não queria sair de São Francisco, mas, você sabe, Andrew e Dion são unha e carne.

— Você vai se acostumar. — Ela meneou a cabeça olhando ao redor.

O assunto ficou escasso, porém Andrew apareceu entre nós fantasiado de Arqueiro Verde. A fantasia era bem realista e bem feita, seria perfeita se não fosse o Andrew dentro dela.

— Ava? Pensei que não viria.

A forma que ele falou sugeriu que teria sido melhor se eu realmente não tivesse vindo.

— Quem te falou isso? — Perguntei curiosa enquanto ele abaixava os olhos embaraçado.

— Deixa pra lá — disfarçou. — Creio que já conheceu a minha pequena Grace.

— Conheci sim, aliás, parabéns! É a garotinha mais doce que eu já vi.

Andrew levou Amber e a filha para longe depois do meu elogio, permitindo que as minhas amigas voltassem.

— O que foi aquilo? — Tracy exigiu com expectativas.

— Uma pequena discussão entre esposa e amante?

— Não! — Elas reagiram boquiabertas.

— Não mesmo. Eu não fui amante de Dion, só falta a ex-esposa dele entender isso.

As meninas riram e eu também. A noite estava melhor do que eu pensava.

Vivian deu um breve discurso assegurando a todos que o ano na Carter Inc. seria o mais próspero possível e incentivou todos nós a trabalharmos juntos para atingirmos os nossos objetivos.

Ao fundo, a banda começou a tocar músicas mais agitadas. Fui obrigada a trazer meus filhos até a pista para poder dançar com eles. Rodopiei e fiz eles rodopiarem, elaborando passos e pedindo que eles me imitassem. Eles dançavam muito mal, aquilo me divertiu muito.

— Ava, vem aqui — ouvi Tracy me chamar. — Bonnie não está se sentindo bem.

— O quê?

— Ela está no banheiro, deve ter bebido demais.

Levei os meninos até as madrinhas e corri para o banheiro. Chegando mais perto, encontrei minha amiga encolhida perto da pia.

— Se sente bem para continuar ou quer ir embora? — Perguntei, analisando seu rosto.

— Eu quero ir embora, já avisei James.

— Você pode acompanhá-la, Ava? — Tracy questionou.

Suspeitei daquela pergunta, mas respondi que sim.

— Certo, eu preciso avisar Vivian que estou indo embora para ela poder ficar de olho nos gêmeos, eles vão dormir na casa dela hoje.

— O quê? — Bonnie arregalou os olhos. — Não, err... Tracy a avisa pra você.

— Sim, mas eu preciso falar com os meus filhos antes de ir embora —

expliquei calmamente.

— Tracy avisa eles também — Bonnie insistiu, mesmo sabendo que não havia lógica no que estava dizendo.

Aquilo parecia o velho jogo de distração, a conversa estava bizarra.

— O que vocês não estão querendo me contar?

— Nada. O que você acha que esconderíamos de você?

Elas balançaram a cabeça enquanto eu saía do banheiro para tentar achar alguma resposta.

— Não, Ava, volte! — Tracy gritou.

Virei-me para olhar as duas.

— Vão me dizer o que está acontecendo?

Minhas amigas se entreolharam. Tracy respirou fundo.

— Durante a semana inteira, ouvimos boatos de que Dion e Lauren estão... você sabe... — gesticulou.

— Eles estão vindo pra festa juntos, já devem estar chegando. Nós não queríamos que você visse.

— Desculpa, querida — as duas me abraçaram.

A inércia tomou conta dos meus movimentos, mas a minha cabeça continuou a mil por hora. Eu não queria me deixar abalar por aquela informação. Então, eu só podia encará-la.

— Está tudo bem — falei fria.

— Nós vamos ir embora com você se quiser — Bonnie disse.

— Mas eu não vou embora — respondi decidida. — Eu quero ver.

Provavelmente aquela seria a pior decisão da minha vida, mas eu iria pagar pra ver. Estava disposta a quebrar de vez a ilusão na minha cabeça de que eu e Dion ficaríamos juntos apesar de tudo.

— Se você prefere assim... — Bonnie concordou, um pouco abalada.

A minha decisão surpreendeu as duas. Há algumas semanas, eu não

pensaria assim, porém, se Dion quisesse me mostrar que estávamos acabados, eu assistiria de camarote.

De volta para o salão, dei uma boa olhada em cada canto do local, só não esperava que a pessoa que eu procurava estava a dois metros de distância me observando. Seus olhos estáticos focados em mim, examinando cada centímetro da minha estatura, onde o encanto e o espanto tomavam controle no mesmo momento como se não pudesse descrever o que estava vendo.

Mas, espere, ele está sozinho?

Não, não estava.

Não demorou nem um minuto para que Lauren aparecesse, engomando a sua gravata e forçando contato. Dion continuou me olhando sem reação, passivo às investidas.

Eu havia pensado em ficar na festa e encarar tudo o que viesse, mas definitivamente não conseguiria ficar ali nem mais um segundo. Os gêmeos já haviam corrido para Dion e a minha chefe estava bem ao lado dele. Precisava dizer a meus filhos que eu estava indo embora e amanhã pela manhã buscaria eles.

O problema era que, antes de chegar neles, precisaria passar pelo casal. Eu iria ser vista por Lauren. Pedi a Deus para tranquilizar o meu coração. Uma canção da Cindy Lauper começou a ser cantada, acalmei-me quase instantaneamente, então me pus a sair do lugar para chegar onde Vivian e meus filhos estavam.

— Olha só, se não é a mais nova assistente da presidência da Carter Inc. — a voz de Lauren saiu em um misto de deboche e cinismo.

Precisei respirar fundo antes de me virar para eles.

— Oi, Ava — Dion falou em voz baixa. — Pensei que não viria...

— Pensei o mesmo de você — respondi, sentindo o rancor controlando minha fala.

Ao perceber que estava sendo deixada de lado, Lauren grudou no corpo de Dion feito um carrapato sanguessuga e peçonhento. Tive repulsa e ódio.

Ainda não era crível pra mim ver Dion com outra mulher depois de

tudo o que vivemos, ainda mais aquela rampeira com embalagem elegante.

— Bom, não precisa mais se preocupar com a minha presença. Eu estou indo embora. Tenham uma boa noite — finalizei com um sorriso miserável.

— Ah, que gracinha. Tenho certeza de que você também terá uma *ótima* noite — Lauren respondeu por fim.

Fugi deles quando Dion passou a olhá-la de forma misteriosa.

Peguei os meninos e fui até Jenna. Avisei que estava indo embora, perguntei uma última vez se os gêmeos queriam mesmo dormir na casa das madrinhas e eles foram enfáticos ao responderem que sim. Ainda tive que ignorá-los perguntando quem era a mulher bonita com o pai deles.

Aconselhei e orientei Jenna e Vivian sobre algumas coisas e pedi para que me ligassem caso os gêmeos não se comportassem. Passei para me despedir das minhas amigas, elas viram a minha dificuldade em manter um sorriso no rosto apesar da situação ter partido meu coração.

Saí das dependências do salão com um enorme nó na garganta, praticamente correndo do local. Atingi o corredor com as lágrimas já caindo pesadas feito âncoras. Eu não pude evitá-las rápido o suficiente.

Firmei uma mão na parede para tirar os sapatos ao chegar numa parte deserta. Minhas pernas tremiam de uma forma que eu não entendia como ainda estava de pé. Encostei as costas na parede e deixei meu corpo deslizar pra baixo, escondendo o meu rosto e concentrando toda a minha angústia ali.

Alguns minutos se passaram até eu começar a ouvir passos apressados, não tive tempo nem de disfarçar a minha derrota, então permaneci do jeito que estava.

— Ava? — Aquela voz não! Por Deus, ele não.

Ao sentir um toque suave no meu braço, eu tive certeza.

— Você está bem?

— Já pode se afastar — pedi prontamente, ele fez o que eu pedi.

— Vem comigo, eu te levo pra casa.

Observei a mão dele estendida como oferta de ajuda.

— Não precisa, eu não vou estragar a sua noite com a Lauren — foi um comentário provocativo. Ele não respondeu, dando praticamente um atestado de culpa. Balancei a cabeça, sentindo a bile atingir a minha garganta. — Por que você está fazendo isso comigo, Dion? — Implorei enquanto meus olhos explodiam em lágrimas.

Revolta. De todos os sentimentos espremidos em meu coração, aquele foi o que mais sobressaiu. Eu não estaria tão abalada de ver Dion com outra mulher se ao menos ele tivesse demonstrado que queria seguir em frente.

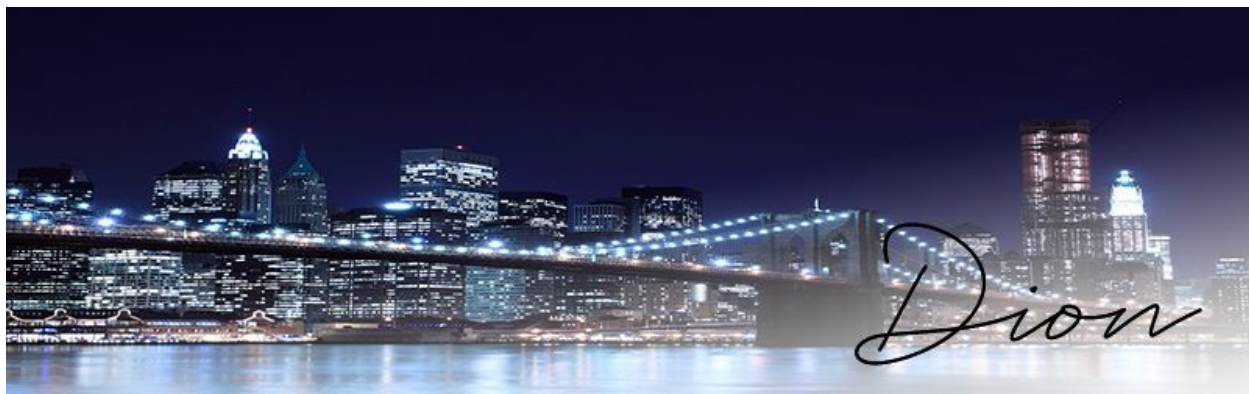
Ainda não sabia no que acreditar, se em seus olhos que demonstravam tons de desespero ao me ver sangrando com tantas feridas abertas ou em suas palavras e ações que queriam dizer que tudo aquilo estava sendo feito deliberadamente para me fazer sofrer.

O que quer que fosse, eu decidi que a lógica de morde e assopra não se aplicava naquele caso. Não importava mais o que acontecesse, eu nunca esqueceria aquele dia. Coloquei meus sapatos de volta e dei as costas pra ele, buscando a saída logo mais à frente.

Antes de virar no corredor que dava acesso à entrada principal do hotel, eu identifiquei a letra da banda Roxette que vinha da festa. Dali pra frente, aquela música teria um significado simbólico. Aquele foi o dia que eu descobri que o amor que eu sentia por Dion não era indestrutível.

Deve ter sido amor,

Mas acabou agora



CAPÍTULO 25

Que porra eu estou fazendo?

Observei Ava cambaleando para longe, sem conseguir pensar em nada além de que eu era um grande canalha. Passei algum tempo paralisado, olhando para frente, dividido entre o que eu queria desesperadamente fazer e o que eu havia planejado fazer.

— Não está pensando em ir embora sem mim, está? — Fechei os olhos para desfazer a minha frustração ao ouvir a voz nauseante de Lauren nas minhas costas.

Virei-me prontamente e me pus a assumir o personagem do homem perfeito, na visão dela. Aquele papel que eu estava fazendo era o culpado de eu estar ali, quando Lauren decidiu do nada que queria me exibir na festa da Carter Inc. como um troféu, onde ela provavelmente sabia que Ava estaria.

Eu devia saber que Lauren não cairia na minha rede apenas com lábias e promessas que eu nunca cumpriria. Ela era esperta, sabia muito bem o que queria obter. Não tive outra opção senão entrar em seu jogo.

Por diversas vezes, perguntei-me quem controlava quem, mas a certeza era de que ela era uma mulher ardilosa, usando de meios sujos para conseguir o que queria. Pensando por este lado, éramos muito parecidos. Por isso, em nenhum momento duvidei de que ela tinha se envolvido com Bruce para ferrar com a minha vida. Contudo, eu ainda precisava saber onde ele estava e o que estaria aprontando. Eu tinha o dever de pegá-lo antes que ele fizesse mais alguma merda.

— Não se preocupe, nós já estamos indo — controlei meu tom de voz.
Voltamos para a festa.

No momento oportuno, afastei-me de Lauren e fui até Andrew, que conversava com alguns colegas advogados. Pedi licença para os outros homens da rodinha e empurrei meu amigo para um canto.

— Tem que ser agora! Eu não aguento mais mentir pra ela!

Tentei tirar da minha cabeça o olhar de reprovação de Ava ao me ver ao lado de Lauren como se fossemos um casal de verdade. Eu só aceitei vir naquela festa porque Ava havia avisado que não viria.

Cocei a nuca, sabendo que aquela história estava indo longe demais.

— Tudo bem. Eu vou levar Amber e Grace pra casa e te encontro no seu apartamento, certo?

— Não se atrase — respondi.

— Relaxa, vai dar tudo certo — comentou, percebendo a minha apreensão. — Acredito que você quer ir correndo atrás dela, não é?

— Eu sinto que estou perdendo ela — falei, sentindo o ambiente ao redor abafado. — Porém eu preciso terminar o que comecei. Vou ter tempo de correr atrás dela depois.

Lembrei de mandar uma mensagem para Carl para acompanhá-la até o prédio, eu não queria que Ava ficasse sozinha na rua esperando por um táxi.

— Então, — Lauren disse, chegando ao meu lado. — Vamos lá?

Tratei de abrir um sorriso forçado antes de respondê-la.

— Vamos.

Passei na mesa de Vivian pra me despedir dos gêmeos. Durante o trajeto de volta, eu inventei diversas maneiras de afastar Lauren sem parecer grosseiro e o meu plano não ir por água abaixo.

Entramos em meu apartamento. Fiquei por entender de onde estava tirando estômago para atuar daquele jeito. Estava cruzando alguns limites que não deveria. Foquei em lembrar que tudo aquilo estava sendo feito para

mostrar um interesse integral em Lauren, que eu não tinha nem nunca tive, para um propósito maior.

— Finalmente. — Foquei em Lauren para tentar decifrar o que ela estava pensando. — Finalmente você quis se livrar do passado e dar uma chance para quem realmente se importa com você.

Observei as feições da mulher esperançosa a minha frente. Ela caminhava pelo apartamento como se o meu convite para estar ali a tornasse proprietária do lugar. Ou ela era muita ingênua ou eu era realmente um bom ator.

— Fique à vontade — disse.

Assegurei-me de que não tivesse ninguém na casa que pudesse questionar os meus métodos. Primeiro pensei em alugar um quarto de hotel, mas não conseguiria privacidade o bastante no caso de as coisas ficarem, digamos, complicadas.

— Vamos subir? — Ela pediu, segurando no meu paletó e insistindo para que eu ficasse mais perto.

Os lábios dela vieram em direção aos meus. Precisei fazer um malabarismo para não parecer que eu estava sendo rude. Só Deus sabia o quanto eu queria ser rude com ela.

— Sim, mas quero deixar uma coisa bem claro antes — segurei os braços dela e a afastei. — Beijar não é uma coisa que costumo fazer com as mulheres que trago para o meu apartamento.

O sorriso não saiu do seu rosto, ela apenas se sentiu desafiada.

— Certo. Farei você mudar de ideia ainda hoje. — Meneei a cabeça enquanto Lauren me puxava pela escada a fora. — Onde é o seu quarto?

Caminhei até o quarto de hóspedes que ainda não havia sido usado.

— Meu quarto está em reforma.

Seus olhos se voltaram para mim intrigados e, com uma ponta de desconfiança, ela abriu a porta em frente à escada e conferiu. O quarto não tinha móveis, contudo havia escadas e folhas de jornais para todo lado, evitando que a tinta branca, quase seca, entrasse nos lugares errados. Aquele

era realmente o meu quarto, eu tinha destruído ele algumas semanas antes, portanto estava em reforma. O que eu havia dito não era mentira. Ao menos aquilo não era.

Apontei para o quarto mais escondido no fim do corredor e acompanhei Lauren até lá. Ela abriu a porta e entrou, olhando cada canto do local.

— Este vai servir — concluiu.

Entrei e fechei a porta em minhas costas. Botei as mãos no bolso, pensando se Andrew ainda demoraria muito.

— Onde é o banheiro?

— À sua esquerda — apontei para a porta de madeira branca.

Lauren deixou uma bolsinha em cima da cama e, balançando o quadril, foi até lá.

Meus olhos observaram a pequena bolsa quadriculada que ela tinha levado para a festa. O celular dela devia estar lá dentro. Pensei por um instante nas informações que aquele aparelho escondia.

Aproximei-me da cama, mas, quando percebi os passos de Lauren voltando, eu me afastei rapidamente. Afundei minhas mãos no bolso e a observei pegar a bolsa e tirar o celular de dentro. O que ela faria com o celular no banheiro?

— Eu preciso disso — falou, levantando o telefone no ar e piscando para mim. — Só um minuto, querido.

Enquanto Lauren esteve no banheiro, eu aproveitei para mandar uma mensagem para Carl. O motorista disse que havia avistado Ava saindo de um táxi em frente ao seu prédio e entrado. Pedi que ele voltasse, pois talvez precisasse dele.

— Então... — olhei para o lado e me deparei com Lauren parada na porta.

Ela havia se despedido do vestido longo que estava, suas curvas se tornavam evidentes através da lingerie ousada. Nada nela me interessava, mesmo antes de eu saber que ela tinha conexão com Bruce, quando eu achava

que ela era apenas ambiciosa.

— Venha aqui — pedi.

Os passos dela vieram quentes para o meu lado. Ela me tocou, segurei os seus braços novamente e a encarei irritado.

— Já te falei que as coisas serão diferentes entre a gente. — Olhou-me desorientada.

— E como serão?

Sorri de forma enigmática e fui até a mesinha de cabeceira, abrindo a gaveta para retirar de lá duas cordas finas enroladas.

— Será do meu jeito ou nada feito.

Ela olhou preocupada para as cordas na minha mão.

— Não era assim que eu pensei que seria...

— Você quer um momento para pensar?

— Na verdade, eu queria saber o que você vai fazer com essa corda.

— Cordas são feitas para amarrar, Lauren. Raciocine direito — disse sem nenhum resquício de humor.

Aquele personagem que eu havia criado era cruel e tinha fetiche em prender mulheres na cama.

— Olha, não sei... Na cama, eu costumo querer ter um pouco mais de autonomia.

— Você pode ter isso com qualquer outro homem. Não comigo.

Abri a gaveta atrás de mim para recolocar as cordas.

— Espere! Eu não disse que não — falou apressada.

— O que é, então? Você precisa de um motivo? — Aticei.

— Ela... Aquela garota, mãe dos seus filhos... Ela fazia isso?

Fechei o semblante e a encarei, sorrindo por dentro.

— Ava? Sim, ela fazia.

Aquela mentira era justamente o que Lauren precisava. Depois de ela concordar com todas as letras, eu a amarrei na cama e deu para perceber que ela estava achando aquela prática bem excitante.

— Você vai vender meus olhos também?

— Não, quero que veja o que eu tenho pra te mostrar. — Sua língua desenhou os seus lábios provocando um efeito contrário em mim.

Desabotoei o paletó do Smoking e retirei também a gravata borboleta. Fiquei de pé na beira da cama, com Lauren sem conseguir tirar os olhos de mim. Permaneci no mesmo lugar, imaginando as coisas que ela e Bruce podiam ter conversado. Pouco a pouco, a fúria foi tomando conta de mim e o desejo de Lauren foi se transformando em receio.

— Está se sentindo vulnerável? — Minha voz estava rouca e baixa. Fiz uma pausa para que ela absorvesse a frase. — E se eu tivesse feito isso sem o seu consentimento? E se eu resolvesse me aproveitar de você no momento que estivesse mais indefesa?

— Do que você está falando? — Questionou com um nó na garganta. — Dion, você está me assustando.

— Não precisa ter medo, Lauren. Eu nunca faria algo desse tipo — respondi com a voz firme, indo até a mesinha em que ela havia deixado seu celular.

Peguei o aparelho e desbloqueei a tela. Ele era protegido com senha. Droga!

— Por que está mexendo no meu celular? Me solte agora! — Gritou, puxando as laterais da cama.

— Vou soltar. É só você me dizer onde Bruce está!

Lauren fez um gesto de cabeça e me olhou, fazendo-se de desentendida.

— Eu não faço a menor ideia de quem você está falando! — Ela tentou esconder nas feições, mas a sua voz estava muito dissimulada.

— Não sabe mesmo? Você tem mantido contato com ele nos últimos meses. Lauren, ele é um estuprador maldito que abusa das vítimas enquanto

elas dormem e você tem passado informações da minha vida e de meus filhos pra ele! Você tem noção da merda em que se meteu?

Lauren tinha seus olhos amedrontados em mim.

— Você está mentindo! — Cuspiu.

— Escutou o que acabei de dizer? — Insisti, percebendo nela um acobertamento cego. — Que parte você não entendeu que Bruce é um criminoso covarde?

Ela tentou esconder o jogo até o ponto que não deu mais.

— Não, ele não é nada disso! — Respondeu revoltada. — Você está completamente enganado.

— Estou? — Perguntei de forma irônica.

— Ele é a vítima. Todas as acusações contra ele foram infundadas. Aquelas mulheres mentiram para conseguir dinheiro.

— Como você sabe dessas coisas? — Olhei pra ela intrigado, abaixando o tom de voz. Assumi uma postura menos ofensiva. — Lauren, eu não quero te punir, mas você precisa me contar tudo o que sabe.

Vi-a engolir seco. Lauren já sabia que os seus planos seriam descobertos uma hora ou outra.

— O meu pai foi um dos advogados de defesa dele.

— Foi assim que vocês se conheceram?

Eu precisava entender aquilo.

— Sim, mas não mantivemos muito contato.

— Daí, depois de conspirar com o seu pai e Bruce, você decretou que ele era inocente sem entender a outra parte? Uma vez me disseram que isso é de uma ignorância...

— Aquilo não foi importante na época porque foi ele que me ajudou a chegar até você.

— Então você está pagando uma dívida a ele — raciocinei em voz alta. — Mas o que ele quer em troca?

— Ele me ajudou a estar perto do homem que eu amo, então eu o ajudei a estar perto da mulher que ele ama.

Que droga era aquela?

Até onde a mente doentia daquele merda era capaz de ir?

Os meus pensamentos foram interrompidos quando Andrew abriu a porta. Ele parou diante de mim enquanto Lauren pedia para soltá-la.

— E aí? Fez ela abrir a boca?

— Estou tentando juntar os pontos. Há muita fantasia no que ela fala, para pouca realidade — comentei, olhando para Lauren esperneando para fugir das cordas.

Eu não gostava nem um pouco daquela situação. Amarrar uma mulher para tirar-lhe informações era totalmente antiético, mas me propus a fazer aquilo pensando no bem de Ava. Só Deus sabia por onde Bruce andava e o que ele estaria tramando.

— Você é advogado, Andrew. Isso vai pegar muito mal para você — a fala de Lauren saiu como um esguicho de veneno.

— Não tão mal comparado a uma mulher acobertando um estuprador — rebateu sem muita paciência.

— Você viu Carl por aí? — Questionei meu amigo, com o celular em mãos.

— Vi sim, ele está na garagem.

Havia uma sensação no ar da qual eu não gostava.

Orientei Andrew a pegar o aparelho de Lauren e tirar o chip, ao mesmo tempo em que eu discava o número de Carl.

— Preciso que entre em contato com os seguranças que estão no prédio da Ava esta noite. Quero saber se está tudo bem — solicitei.

— Vou fazer isso agora mesmo — respondeu.

Desliguei a chamada e liguei para Ava, aguardei o telefone chamar até cair na caixa postal. Iria tentar outra vez, mas a ligação de Carl veio antes.

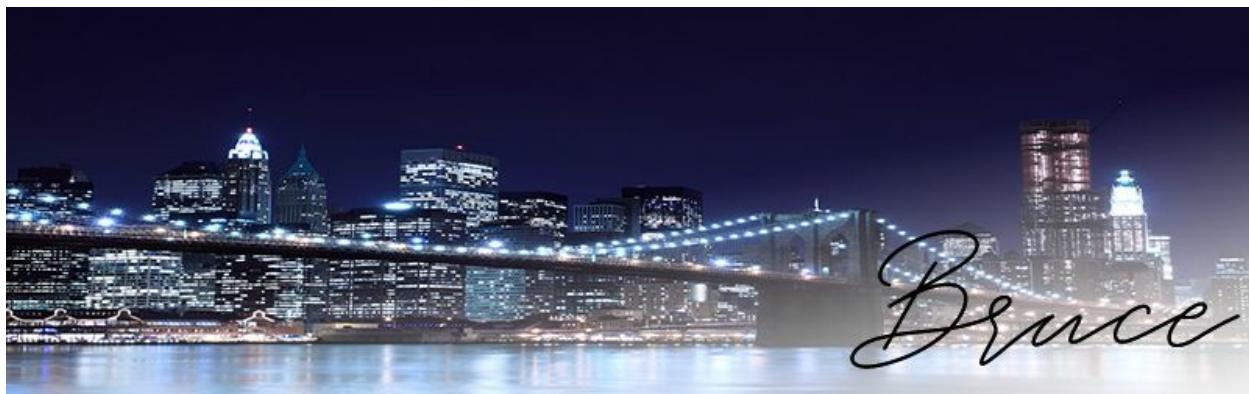
Supliquei mentalmente que ele me tranquilizasse, mas a resposta fez soar um alarme de perigo na minha cabeça.

— Eu não consigo contato com nenhum deles, senhor — a voz dele estava um tanto preocupada.

Desliguei a chamada depois de pedir que Carl subisse. Sentia meu coração pulsar descontroladamente.

— O que foi, cara? — Andrew perguntou preocupado.

Olhei para a cama, onde Lauren me recepcionou com um sorriso satisfeito. Ela sabia o tempo todo. Saí do quarto em disparada, com a ideia de que Bruce mais uma vez estava um passo na minha frente.



CAPÍTULO 26

Através da persiana, eu conseguia ver a grande movimentação de segurança no prédio à frente. Eram quatro no total, dois em escala de doze horas. Dois do lado de fora e dois dentro do prédio.

Já no primeiro dia, eu consegui decorar os hábitos de cada um. Considerando alternativas, descartando outras, tomando cuidado para que ninguém me notasse. E deu certo. Acumulei alguns dias em que estive no andar de Ava trocando ideia com sua vizinha. O que me permitiu estudar os seguranças que ficavam naquele local.

Aprendi que dois deles tinha um trabalho impecável, mas o restante tinha pontos fracos que eu saberia usar a meu favor. Dion continuava sem enxergar um palmo abaixo do nariz como sempre, deixando tudo mais fácil pra mim. Um incompetente que não sabia cuidar da própria mulher, quem dirá daquelas criancinhas mirradas dele.

Talvez eu fizesse Dion se sentir mal pelos três. A pobre mulher violentada e os filhos sequestrados. A ideia surgiu na minha mente como se eu fosse o diretor de um filme *trash*. Refleti um pouco mais e cheguei à conclusão de que não, aquele não era o meu estilo. Mas eu queria tanto que ele sofresse. Amargasse em culpa para nunca se esquecer de mim. Senti um entusiasmo no meu peito. Se o amor doía, o ódio machucava. Eu já tinha escolhido o meu lado.

Em Miami, as minhas ações criminosas estavam sendo descobertas. Sabia muito bem que não teria como me esconder por muito tempo, por isso

idealizei um plano. Se eu iria me ferrar, eu levaria algumas cabeças comigo.

Planejei um leque de opções e uma lista interminável de atividades a serem feitas antes de me entregar para a polícia. Todas elas envolviam aplicar dor. Como sangue espirrando para todos os lados, incapaz de deixar alguém limpo.

De volta ao momento presente, eu vi um táxi se aproximar e parar do outro lado da rua. Observei Ava sair do prédio carregando em cada mão um dos meus sobrinhos. Duas crianças inquietas e travessas. Eu odiava qualquer coisa que tivesse menos de um metro, mas às vezes eu pensava “Droga, aqueles dois poderiam ser meus filhos!”. Seria a minha última e derradeira vitória contra Dion.

Dois dos seguranças saíram atrás do táxi onde Ava estava, o que significava que haveria apenas dois seguranças. Um do lado de fora do prédio e outro no andar do apartamento. Saí do quarto onde estava, torcendo para que Perez, o segurança mais propenso a ser comprado, estivesse guardando o andar de Ava. O cara era um verdadeiro mercenário.

Deixei o prédio no qual eu estava hospedado há uns dias e fui em direção ao prédio da frente. As pessoas ali já me conheciam. A síndica do lugar era uma grande fã e passou a me apoiar quando eu inventei que o meu avô morava no mesmo andar da Ava e que eu era tudo o que ele tinha. Obviamente já tinha investigado com antecedência os moradores do piso.

Achava até que tinha escolhido a vida errada. Deveria ter escolhido ser investigador.

Havia uma mochila pendurada em meus ombros, mas nada chamou a atenção do segurança plantado em frente à porta que dava na recepção do prédio. Ele parecia o mais inexperiente de todos. Estava mais perdido que filho de puta no dia dos pais.

Peguei a viela logo ao lado onde ficava a entrada de serviço do prédio. Quando avistei a porta, vi Perez sentado em um banco na entrada.

A mão dele se estendeu, impedindo a minha passagem.

— Não tão rápido assim — disse ele, com um rosto entediado.

— Você não deveria estar lá em cima? — Indaguei.

— Por quê? Não tem ninguém em casa agora — explicou. — Trouxe o que eu pedi?

O homem se levantou para evidenciar a nossa diferença de massa corporal. Ele era enorme, maior até do que Dion.

— Chame o seu colega que está na frente do prédio e vamos negociar — respondi calmo.

Ele ergueu seu rádio comunicador na altura da boca, me vigiando com os olhos.

— Scott, preciso de você aqui na entrada dos fundos agora — o homem não deu oportunidade do outro segurança argumentar. Ele guardou o rádio comunicador e se pôs a me olhar como um pitbull analisando um filhote de vira-lata. — Por que você quer limpar a área?

— Isso não é da sua conta — retruquei.

— Apenas me diga que não fará nada com as crianças.

— Não, com as crianças não — olhei de forma a tranquilizá-lo, não sabia qual era a preocupação dele com os meus sobrinhos.

— Ótimo! — Deu de ombros.

O outro segurança apareceu logo em seguida com as mãos pousadas na arma escondida no coldre.

— Quem é esse aí? — Perguntou diretamente a Perez, fazendo referência a mim.

Era impressionante como ele parecia ter me visto pela primeira vez agora, sendo que eu sempre estava rondando o prédio.

— Ele quer conversar com a gente.

Os dois passaram a me olhar atentamente.

— Eu tenho dinheiro aqui — pus a mão na bolsa. — Esse é o pagamento para vocês darem o fora do prédio.

— Quanto você tem aí? — Perez perguntou.

— Primeiro, eu quero saber se vocês estão dispostos a aceitar.

— E nós queremos saber de quanto você está falando — rebateu, irredutível.

— Olha, cara, eu não faço esse tipo de coisa, ok. Eu preciso desse emprego — Scott disse se afastando, mas Perez o segurou pelo braço.

— Vamos só ouvir a proposta que ele tem pra nós.

O rapaz ficou a contragosto.

— Eu preciso que vocês deixem o prédio e, claro, que não comuniquem isso a ninguém. Quantos seguranças estão para chegar?

— Dois seguranças saíram com a mãe e as crianças.

— Bem, dentro dessa bolsa tem cinquenta mil dólares — percebi as feições daqueles homens sendo tomadas por ambição, soube naquele momento que eles fariam qualquer coisa pelo dinheiro. Eu imaginava que precisaria de muita grana para convencê-los e não poupei esforços para arrancar cada centavo do meu pai. — Vocês têm duas opções: convencer seus outros dois colegas e dividir o dinheiro em quatro partes ou dividir meio a meio e “dar um jeito” nos seguranças que estão para chegar.

Pelo brilho em seus olhos, a escolha deles já estava feita.



Subi as escadas do prédio, sabendo que não seria incomodado. Ali não havia câmeras, muito menos nos corredores do prédio.

Ao sair no andar de Ava, eu percebi a movimentação de sua vizinha.

— Olá, senhora Woods — cumprimentei, dando o meu sorriso mais simpático.

Havíamos trombado algumas vezes por ali. Uns dias atrás, eu a induzi a me convidar para tomar café enquanto os filhos de Ava estavam na escola e eu aceitei com o objetivo de tirar o máximo de informações dela sem que a mesma percebesse. A mulher jurava que já me conhecia e aquilo me ajudou no disfarce para caso ela resolvesse tagarelar que havia um estranho

rondando o prédio.

Assim como em São Francisco, as pessoas não desconfiavam de gente bem intencionada demais. Mas, ao contrário de São Francisco, eu tive que desembolsar muita grana para conseguir chegar até Ava, sabia que daquela vez minha lábia não seria suficiente.

— Olá, querido! Veio visitar seu avô?

— Sim, sim. Ele está lúcido esses dias — disse a ela, segurando a narrativa de que o meu avô doente e solitário morava a duas portas dali.

— Você é um ótimo neto, Calvin. Dê um oi para o senhor Mitchell por mim, por favor. — Concordei com a cabeça e esperei ela ir embora.

Calvin. Um nome falso foi preciso, apesar de que eu não tinha certeza que Ava abriria o jogo sobre mim para a babá dos filhos.

Esperei o elevador dela descer, então retirei a cópia da chave do apartamento de Ava que eu havia feito há apenas alguns dias através da chave da babá. Entrei no apartamento sem a menor preocupação.

Meus olhos observaram o local e só aquilo me fez perceber o quanto Ava havia ascendido financeiramente. Alguns anos atrás, ela era prostituta no pior bairro da cidade e agora ela trabalhava na presidência de uma grande empresa enquanto eu vivia de emprego em emprego procurando uma posição que me agradasse, que me fizesse sentir valorizado, e tudo o que consegui foi migalhas de homens feito Dion. Aquilo não estava certo.

Andei ao redor da sala e o corredor se abriu a minha frente. Tomei o caminho dele. Abri porta por porta. A última dava em uma espécie de área de serviço, a do meio em um quarto com decoração infantil em azul e laranja. Entrei por um momento, pegando o porta-retrato em cima da cômoda. Mãe e filhos no hospital, provavelmente a primeira foto deles juntos. Deixei o porta-retrato no lugar e saí para abrir a outra porta e lá eu encontrei o que queria.

Joguei minha bolsa em cima da cama e fui direto na caixa que me chamou atenção. Eu me lembrava dela. No final da estante, retirei-a e coloquei em cima da penteadeira. Abri a caixa e me deparei com o presente sujo que eu havia enviado a Ava alguns dias antes.

Um suspiro saiu longamente dos meus pulmões.

— Por que você ainda guarda essa camisola, Ava?

Só a possibilidade de que ela ainda guardava aquilo, mesmo tendo certeza de que Dion não lhe enviaria algo assim, fez transbordar uma excitação típica em minhas veias. Eu sabia me aproveitar daquela descoberta.

Abri minha mochila e notei que havia trazido o frasco em spray da droga que eu havia apelidado carinhosamente de “sossega vadias”. Eu não queria usar em Ava. Hoje eu a queria bem consciente do que eu faria. Trouxe apenas por precaução, caso ela não se comportasse. Afinal, apenas uma borrifada no ar daquela porcaria dava para sedar qualquer pessoa. Conferi se tinha trazido minha máscara pra não me anestesiarmos com aquilo também.

Deitei minhas costas na cama, retirando meu celular do bolso. Fiquei encarando a última mensagem que havia recebido.

“Aviso você quando estiver com ele.”

Na primeira vez que vi Lauren, percebi como era fácil manipulá-la. Ela acreditou em cada mentira que depus naquela cabecinha de vento e se dispôs a me ajudar caso eu fizesse o mesmo por ela depois. O dia havia chegado e estávamos ambos nos ajudando. O problema era que Lauren era muito emocional, poderia ser levada facilmente na conversa.

Era um inferno, porém naquele momento eu só podia contar com ela.

— Ok, Lauren — suspirei. — Me mostre que você não é uma cadelinha incompetente como eu acho que é — falei sozinho, examinando a tela do telefone.

Alguns minutos depois, o aparelho se iluminou para mostrar a mensagem recém-recebida.

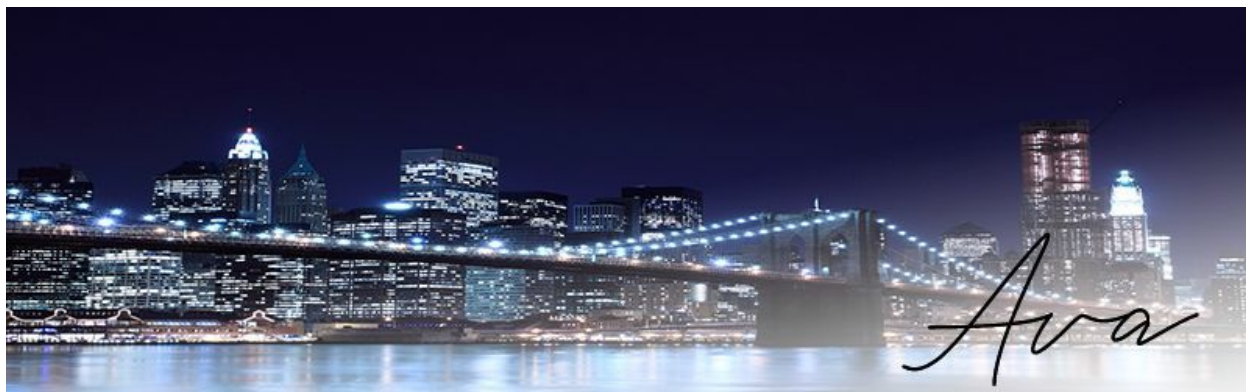
“Estou no apartamento dele. Ava foi embora sozinha, então os filhos não serão problema.”

Sorri satisfeito.

Aquelas eram ótimas notícias. Meu plano estava correndo perfeitamente como o esperado. Escondi minhas coisas e entrei debaixo da

cama. Ava estava para chegar, e junto com ela uma noite inesquecível.

Quanto à Dion, eu iria ensinar uma lição pra ele: o pastor que não cuidava direito do seu rebanho estava propenso a deixa-lo à mercê do lobo.



CAPÍTULO 27

Destranquei o apartamento e fui direto para o quarto. As lágrimas enchiam os meus olhos pela minha incapacidade de entender que as coisas comigo e com Dion nunca acabariam bem. Não importava o que fizéssemos, nunca seríamos felizes juntos.

Joguei as luvas em cima da cama e me sentei para tirar o salto. Peguei as joias de Jenna e as coloquei em uma caixinha na penteadeira para devolver-lhe depois. Meus olhos imediatamente foram atraídos para uma caixa de presente maior ali. Era a caixa que chegou com a lingerie mais sem pudor que eu já havia visto e não fazia a menor ideia de como tinha parado lá.

Aquilo me deixou com uma pulguinha incômoda atrás da orelha, porém eu estava com problemas maiores e não iria me preocupar com uma caixa fora do lugar, que muito provavelmente eu mesma tinha pego e não me lembrava. Devolvi-a para o seu lugar e tirei o resto da minha roupa. Peguei um pijama no armário e entrei no banho.

Enquanto a água caía sobre mim, pensei no quão decepcionante foi ver Dion e Lauren juntos, além de previsível. As informações estavam na minha frente o tempo todo, só não fui capaz de enxergá-las.

Fiquei durante alguns minutos remoendo a maldita cena do homem que eu amava com uma mulher desprezível. Quando me dei conta, estava encolhida no chão do box, completamente desolada.

Reconstruí minha autoestima para perceber que Dion não merecia que eu chorasse daquela forma por ele. Ele sequer era o homem que eu havia

conhecido. Não iria ouvir mais as suas desculpas. Ele havia me machucado profundamente daquela vez e não importava o que dissesse ou fizesse, eu não estava disposta a ter uma relação minimamente educada com ele. Se Dion não se preocupava com os meus sentimentos, eu deveria mostrar reciprocidade.

Ainda dentro do banheiro, eu enxuguei o meu cabelo, depois coloquei uma toalha na cabeça e pus a roupa de dormir, o que com certeza não aconteceria tão cedo.

Um barulho vindo do quarto me deixou em alerta e, pensando que talvez fosse Dion, saí do banheiro furiosa. No entanto, quem eu vi me fez desejar que Dion realmente estivesse ali.

Meu coração começou a bater forte no momento que percebi os olhos grandes de Bruce me olhando com agressividade. E em meio a tantos problemas, eu havia encontrado o maior deles. Tentei me acalmar e prever os passos que ele daria, mas aquele era um momento em que a racionalidade não funcionava bem.

Ele tombou a cabeça para o lado, talvez pensando no porquê de eu ainda não ter corrido, gritado ou feito qualquer outra coisa que não fosse ficar parada feito uma múmia. Queria ter coragem para perguntar o que ele estava fazendo no meu apartamento. A resposta era meio óbvia e me arrancava calafrios.

Entre mim e ele, havia no máximo cinco passos. Seria o suficiente para voltar ao banheiro e me trancar?

Hora de descobrir.

No primeiro movimento, ele chegou em mim tão rápido que eu me perguntei se não teria sido melhor ficar parada. Um grito de horror escapou da minha garganta enquanto Bruce me dominava sem muito esforço e cobria a minha boca com uma força anormal.

Ele trazia algo na outra mão, pois senti uma ponta arranhando minhas costas. Eu estava apavorada. Bruce devia ter percebido o meu pânico e pediu que eu me acalmasse, depois libertou a minha boca.

— Bruce, não! — Supliquei com a voz entrecortada de desespero.

— Promete que não vai gritar?

Segurei um soluço, pensando no que eu faria naquela situação. Como demorei a dar alguma resposta, ele me segurou novamente, revelando uma pequena faca.

A sensação gélida da lâmina passando em meu pescoço me fez entender que aquela era uma situação de vida ou morte. Só em saber que os meus meninos não estavam ali para presenciar algo assim, senti uma ponta de alívio.

Balancei a cabeça avisando que não gritaria, mesmo assim ele não aliviou a lâmina na minha pele.

— O que pretende fazer com essa faca? — Questionei temerosa.

— Nada, desde que você coopere. Você pretende cooperar? — Ele pressionou a lâmina um pouco mais forte, fazendo-me engasgar um “sim”.

Bruce retirou a faca quando ouviu a minha resposta.

— Se você for inteligente, você vai embora antes dos seguranças perceberem que tem algo suspeito e virem aqui, se não as coisas vão ficar bem ruins para você.

O homem fechou os olhos e balançou a cabeça, deixando sobressair um sorriso debochado de seus lábios.

— Não há nenhuma segurança essa noite, Ava — afirmou com muita certeza.

— Tem sim, eles estão por toda a parte — falei mantendo a confiança, mas não me lembrava de ver nenhum segurança no prédio quando subi.

— Não, não há. Ficaria impressionada em como as pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro — afastou-se um pouco. — Na verdade, acho que você entende isso perfeitamente.

A fala dele me fez fitar o chão por ter entendido aquela indireta.

— A minha vizinha passa aqui todas as noites — lembrei com um lampejo de felicidade. — Ela vai ver que tem algo errado!

— A babá daqueles franguinhos? Não, hoje é dia de vigília na igreja

dela. Ela até chegou a te avisar, caso não se lembre.

As informações dele eram precisas. Tão precisas que me deu medo de descobrir as conexões que ele tinha feito aquele tempo todo até conseguir me encurralar na minha própria casa.

Pensei em outra possibilidade, mas preferi não externar.

— Mas tem Dion, certo? Ele poderia muito bem vir aqui te salvar em cima de um cavalo branco. Poderia? Poderia. Mas ele não vem — a expressão dele se transformou em algo perturbador. — Ele está ocupado demais derrapando nas curvas de Lauren nesse exato momento. Isso significa que hoje somos só você e eu, Ava. Aqui e agora, eu vou poder fazer qualquer coisa que me dê vontade e ninguém vai se importar.

Abracei meu corpo a cada vez que ele explicava a situação.

— Por que você está fazendo isso se eu não tenho nada a ver com a briga entre você e Dion?

Eu o faria desabafar, precisava ganhar tempo para pensar no que fazer.

— Vamos lá, Bruce. Eu mereço saber.

Ele me fitou por um instante, analisando a expressão no meu rosto. Ele andou de costas até sentar em cima de um pufe perto da penteadeira.

— Você quer mesmo saber? — Concordei com a cabeça. Bruce manuseou a faca nas mãos. — Sempre houve muita competitividade entre nós. Dion nunca aceitou ter outro irmão para dividir a atenção do nosso pai. O desgraçado é estudado, mais inteligente e sempre conseguiu o que queria. Eu já não tive a mesma sorte. Enquanto ele ficava com o bolo, eu ficava só com as migalhas. Porém a gota d'água foi quando ele me fez perder muita grana, comprou a minha parte do banco a preço de banana, se aproveitando da minha ignorância — olhou-me de forma obscura. — Você foi a forma que encontrei de me vingar.

— Desculpa, o quê? — Perguntei depois de perder o raciocínio.

— Exatamente isso que você ouviu. Eu havia tentado de diversas formas ser uma pedra no sapato dele. Tentei fazer com que ele perdesse dinheiro, status, moral, mas de nada adiantou, ele sempre saía mais forte. Só

que, quando eu vi a reação dele ao ver você entrar naquela salinha da festa da Cuidar para defendê-lo, eu finalmente tinha encontrado o ponto fraco dele.

— Você quer fazê-lo sofrer usando a mim? — Ele balançou a cabeça concordando. — Mas isso não vai acontecer. Dion está com outra agora.

— É você quem ele ama — Bruce rolou os olhos, fez uma pausa, depois soltou uma risada estranha. — Você consegue ver que é tudo culpa dele? As coisas que aconteceram com você. Primeiro ele me sacaneou, depois eu fui obrigado a sacaneá-lo através de você.

Senti-me enojada depois de ter um breve vislumbre de como funcionava a mente insana daquele homem.

— Então tudo isso foi de caso pensado?

— Absolutamente. Mas você e Dion tiveram participações muito especiais.

Como se não fosse possível eu ter mais raiva, eu tive.

— O que você quer dizer com isso?

— Vocês eram tão previsíveis... Eu segui você depois daquela festa.

— Isso é impossível, você tinha ido embora e estava banhado em sangue.

— A curiosidade falou mais alto — ele abriu os braços, se justificando. — Depois de você, veio Dion e, aí, me lembro que vocês saíram juntos e voltaram feito dois pombinhos apaixonados. Como eu disse: tão previsíveis. Mas não é só isso, quando eu apareci pra você naquele apartamento praticamente te ameaçando, por que você não contou pra ele?

— Porque eu não sabia do que você era capaz.

— Mas Dion sabia!

— Sim, ele sabia. E tentou me alertar, me fazendo prometer que nunca deixaria você se aproximar de mim — lembrei com pesar.

— Então por que não contou pra Dion que eu sabia de vocês? Ele tinha ciência das coisas que eu era capaz e ele nunca me deixaria nem respirar o mesmo ar que você se você tivesse me dedurado. Então, naquele dia, eu vi a

abertura que vocês dois me deram.

Apertei os olhos, o arrependimento queimava meu coração.

— E então eu percebi que poderia fazer o que fiz com você — continuou. — Manipular as coisas para conseguir o que queria. Eu soube cada detalhe da sua vida através de Olga, manipulei as pessoas naquele prédio, manipulei Amber... Seu erro e o erro de Dion foi ter me subestimado.

Lágrimas surgiram, banhando todo o meu rosto. Bruce estava me culpando por ter me violentado e parte da minha mente estava começando a aceitar. Mas a outra parte só pensava em vingança.

Dei corda e ele passou a falar sobre como gostava de manter as mulheres sob seu poder, mesmo que desacordadas. Eu sentia o ácido fluando na minha garganta a cada vez que ele entrava nos detalhes. Aos poucos, fui perdendo o foco na voz dele e tentei procurar ao redor algo com que eu pudesse atacá-lo.

Meu semblante se iluminou quando me lembrei da toalha em minha cabeça. Eu poderia jogar no rosto dele para desorientá-lo e conseguir fugir. Mas como eu faria? Quando? Bruce estava mais perto da porta que eu. Era arriscado fazer aquilo agora, precisaria encontrar o momento certo.

— Você está procurando algo para me bater, não está? — A voz debochada dele voltou em foco. Disfarcei e o fitei. — Acha que não percebi seu joguinho? — Aguardou uma resposta e o meu sangue congelou. — Sabe de uma coisa, Ava, eu não quero mais brincar.

Ele se levantou e andou de costas até pegar a caixa que estava em cima da penteadeira antes de eu guardá-la novamente.

— Quero que você coloque isso — falou jogando a camisola em cima da cama.

Vislumbrei o pedaço indecente de tecido pousar em meus lençóis, tendo uma breve ideia.

— Tudo bem. Eu vou colocar no banheiro.

Aceitei rápido, achando que o convenceria a me deixar sozinha por algum tempo, me dando margem para conseguir achar uma arma para

empunhar ou coisa assim.

— Não, você vai colocar aqui, diante dos meus olhos. — A faca balançou viciosamente em sua mão.

Com hesitação, tirei a toalha da minha cabeça e larguei em cima da cama, lembrando que precisaria dela mais tarde. Coloquei a camisola por cima do pijama, depois o retirei com cuidado.

— Qual o motivo disso? Não há nada aí que eu já não tenha visto — Bruce tentou achar um pouco de humor no meu rosto.

— Acontece que eu não sou sua mulher e muito menos estou fazendo isso por vontade própria. Caso não tenha percebido.

— Aí está! A gata selvagem voltou — comemorou. — Tem razão, não é minha mulher, mas hoje vai ser *de novo*, você querendo ou não, Ava. — A consternação chegou ao meu semblante, me fazendo questionar se algum dia eu me veria livre daquele homem, isso se ele me deixasse sair viva hoje. — Agora, eu preciso que você pegue a minha bolsa debaixo da cama.

Com ele apontando a faca para mim, não era difícil acatar as suas ordens. Conforme ele mandou, eu retirei um aparelho de dentro dela e o entreguei a ele. Quando Bruce manuseou o pequeno aparelho, dei-me conta de que aquilo era uma câmera.

— Por que você trouxe uma câmera? — O horror saltava na minha voz.

— Você já vai descobrir.

Ele abriu a câmera e a apontou para mim. Engoli em seco, arregalando os olhos em descrença.

— Não! Não aponta essa coisa pra mim — pedi com a voz firme, porém as lágrimas me denunciaram. — Por favor, eu não tenho nada a ver com isso — falei de novo, amedrontada com a história que ia se desenhando ali.

— Venha até aqui, Ava — ele estendeu a mão para me puxar e me forçou a sentar em sua perna. O ar entrava e saía dos meus pulmões de forma desregulada. — Eu quero que você finja que eu sou ele. Caso contrário, eu

furo esse seu lindo pescocinho — sussurrou. A partir dali, ele introduziu uma história nojenta como se fosse um filme pornográfico amador. — Agora vá para a cama.

Hesitei, mas fui empurrada pelo frio gelado da faca. Um lembrete de que a minha vida estava por um fio.

— Pode não parecer, mas eu sou um homem cheio de arrependimentos, Ava. E o maior deles foi fazer o que eu fiz com você sem que Dion ficasse sabendo dos detalhes. Mas nunca é tarde demais, certo?

Deus, o que eu faria para parar aquele homem sem escrúpulos?

Deitei na cama, sentindo-me desprotegida. Não sabia o que fazer. Não sabia, até sentir uma umidade em um lado do corpo. A toalha!

Matar ou morrer, Ava.

Deixá-lo me violentar novamente com uma câmera enfiada na minha cara não era uma opção. E pensar para quem ele enviaria aquela filmagem me fez querer picá-lo em pedacinhos.

Antes que Bruce ficasse sobre mim segurando a câmera, num momento mínimo de distração, eu o empurrei para o lado, peguei a toalha que eu havia deixado no canto da cama e joguei em cima dele, tirando-me de seu campo de visão. Levantei e corri em direção ao corredor.

Eu ouvia Bruce atrás de mim como um louco, sua presença era como uma ameaça de morte iminente.

— Socor...!

Toquei a maçaneta da porta. Bruce conseguiu me alcançar e me puxou de volta, tapando minha boca, abafando o meu grito.

Mordi a mão dele, me libertando, mas ele continuava me segurando pela cintura. Logo eu fui novamente dominada, porém eu ainda não havia me dado por vencida. Debati-me ferozmente, tentando soltar meus braços, até conseguir acertar a minha cabeça na boca dele. A dor aguda que eu tive por ter dado aquele golpe não foi nada comparada ao que ele pretendia fazer comigo.

Bruce levou a mão à boca como reflexo para conferir se era realmente

sangue o que estava escorrendo por seus lábios. Com o movimento, ele deixou a faca cair no chão. Vi ali minha chance de liberdade. Joguei-me no piso, esticando o braço para pegar a faca antes dele e consegui.

Tentei me levantar, mas Bruce me empurrou para baixo, enrolando suas mãos em torno do meu pescoço.

— Eu vou te matar, sua vadia maldita!

Foi o tempo de eu acertá-lo pela primeira vez. Uma ferida superficial, pois eu não havia colocado muita força. O meu ato serviu apenas para ele ficar mais zangado e me estrangular ainda mais.

O ar fugiu do meu corpo, a dor era dilacerante. Eu sentia a minha mente querer apagar. Fechei os olhos com força para poder resistir, percebendo que morrer não era uma opção.

Reuni forças para acertar Bruce pela segunda vez, daquela vez um corte mais certo, com mais convicção. Ele colocou as mãos sobre a ferida e fitou com horror o sangue fluindo de sua barriga.

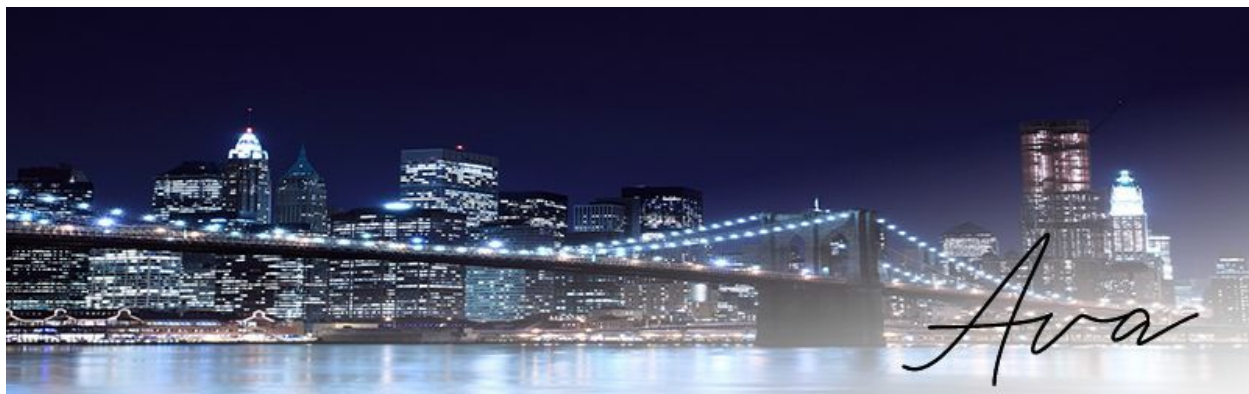
Bruce saiu de cima de mim e cambaleou do meu lado.

Fiquei alguns segundos deitada para recuperar o fôlego e dissipar a tontura. Até me dar conta de que Bruce estava ofegando, já jogado no chão.

Levantei, sentindo o piso escorregadio.

— Eu vou te matar, seu estuprador maldito! — Imittei o mesmo tom de voz dele enquanto me erguia em sua frente.

Depois daquilo, eu já não me lembrava exatamente o que aconteceu.



CAPÍTULO 28

— Ava?

Ouvi uma voz. Sabia que era de Dion, só não tinha certeza se ele estava realmente ali.

— Ava?

Após aquele segundo chamado, eu percebi as coisas ao meu redor. Eu estava em cima de Bruce e minha mão direita segurava firmemente um objeto afiado. Olhei para as minhas mãos banhadas em sangue assim como uma parte do chão da minha sala. Meus sentidos estavam funcionando perfeitamente, porém a minha mente parecia ter se perdido.

— Me dê isso. — Olhei para cima. Dion estava realmente ali, com o braço estendido na minha direção. — Vamos resolver isso. Não se preocupe.

A mão dele cobriu a minha para retirar o objeto do meu poder. Eu escutava uma voz ao fundo. Eu a conhecia, mas mesmo assim não fui capaz de relacioná-la a alguém no momento.

— Está sentindo dor em algum lugar? — O toque dele veio até meu rosto para conseguir uma resposta. Balancei a cabeça dizendo que não. — Vem comigo. — Dion me apoiou para eu ficar de pé. Escutei-o descarregar um repertório de palavrões ao me ver melhor. — Andrew, eu preciso do seu paletó.

Os olhos dele percorrendo a minha estatura tinha tons de pesar e desespero, mesmo assim tentou se manter no controle. Ele queria

enlouquecer, eu estava certa disso, porém ele sabia que tinha que ser a mente sã no meio daquela bagunça.

— Ele chegou a concluir alguma coisa contra você? — Questionou ao cobrir o meu corpo com o paletó do amigo.

O temor dele pela resposta era óbvio.

— Nós precisamos chamar a polícia, cara — Andrew demonstrou total preocupação diante daquela cena de horror.

— Sim, por favor, faça isso. Eu vou assumir a responsabilidade.

Captei o olhar de Dion com todas as incertezas estampadas ali.

— Eu o matei, não foi? — Perguntei calma.

Imagens do ocorrido vieram na minha mente em flashes. Eu tinha afundado a pequena faca na carne de Bruce até que meus braços ficassem fadigados. No entanto, eu não me convencia de ter alguma culpa naquele ato. Eu não sentia arrependimento, pelo contrário, eu faria tudo de novo.

Dion me puxou pela sala e me sentou no sofá.

— Fique aqui — ele não havia respondido minha pergunta. — Os meninos estão com Vivian, não estão? — Concordei com a cabeça. — Ótimo, vamos mantê-los lá.

Andrew estava ao telefone.

— A polícia logo estará aqui. Preciso que me diga o plano — pediu a Dion.

— Pretendo contar a verdade, mas não quero que a culpa dessa merda caia nas costas dela, está me entendendo?

— Eu estou, o problema é que vai ser difícil convencer os peritos disso.

Do sofá, eu vi Dion se agachar perto de Bruce e tocá-lo como se conferisse os seus sinais vitais. Ouvi-o cuspir alguns palavrões novamente.

— O desgraçado ainda está vivo! — Revoltou-se.

Dion começou a amaldiçoar meio mundo. Levantei do meu lugar e fui para perto dele.

— Isso não é possível, eu o matei! — Falei exaltada.

— Não matou, ele ainda tem pulsação.

O homem no chão soltou um engasgo de sangue e começou a respirar violentamente. Afastei-me, horrorizada pela cena.

— Podemos resolver isso agora mesmo, Ava. Antes que a polícia chegue com uma ambulância para salvar a vida dele.

Meus olhos encontraram os de Dion e, pelo seu semblante vingativo, a sua intenção estava escancarada.

— O quê? Vocês querem matá-lo de vez, é isso? — O questionamento de Andrew me trouxe um desconforto maior.

Em situações normais, eu não desejaria a morte de ninguém e aquela estava longe de ser uma situação normal. Bruce era um ser desprezível, carregava em si os piores tipos de sentimentos. Eu não seria capaz de mensurar o quanto ele ferrou a minha vida. Bruce tirou coisas de mim que talvez eu nunca conseguisse recuperar. Apesar de tudo, a minha parte sensata gritava na minha cabeça ao me dizer que eu não tinha direito sobre o destino daquele homem, mesmo que ele me tivesse feito muito mal. De qualquer modo, aquelas eram as circunstâncias. Eu tinha em mãos a vida do meu algoz, eu iria decidir o futuro dele.

E decidi que aquele não seria o seu fim. Eu ainda o veria em um tribunal depois que todos os seus crimes fossem revelados e compartilharia a vitória pela sua condenação junto com as outras vítimas.

— Não — respondi sob os olhares inquietos de Dion e Andrew. — Eu quero que ele viva.



— A senhorita tem todo o direito de resguardar a sua imagem ao não querer contar o que houve — o delegado afirmou, praticamente levantando uma bandeira branca depois de não escutar um sopro da minha voz. — Mas...

— Como você bem explicitou, a minha cliente tem todo o direito de permanecer calada — Andrew, ao meu lado, exercia o papel de me advogar.

Ele saiu do apartamento antes da polícia chegar, Dion sabia que precisaríamos dele.

Eu não iria abrir a boca até me sentir confortável. Não queria correr o risco de que tudo o que eu dissesse fosse distorcido de forma a me culpar depois. Eu via nos olhos daquele delegado que ele não tinha a menor pretensão de me entender.

Uma ideia brilhou no meu cérebro e pedi que Andrew chegasse mais perto. Cochichei no ouvido dele, pedindo que ele repassasse a informação para o delegado. O advogado limpou a voz.

— A minha cliente solicita falar com... uma delegada.

O homem na nossa frente levantou uma sobrancelha, intrigado.

— A delegada Wintour está na sala ao lado, interrogando o seu amigo, doutor Jones.

Imaginei que se tratava de Dion.

— Nesse caso, creio que a troca não será muito complexa. A minha cliente deixou bem claro que só vai falar com uma mulher.

O delegado se retirou depois de me olhar e olhar para Andrew como se dissesse “isso é sério?”. O humor dele desceu ladeira abaixo quando percebeu que não estávamos brincando.

Andrew se voltou para mim apreensivo.

— Nós temos uma versão a manter. E essa versão diz que Dion esfaqueou Bruce. Então, não assumo a culpa. Está me ouvindo?

— Você vai deixar seu melhor amigo responder por algo que ele não fez?

Olhei bem para ele, dando-me conta de que Andrew também não havia gostado do plano de Dion.

— E o que você vai dizer? — Perguntou.

— Eu vou dizer a verdade.

Antes que o advogado contrariasse a minha decisão, a porta se abriu,

dando passagem a delegada que eu havia pedido.

— Senhorita Banks, meu nome é Michelle Wintour — ela apertou a minha mão, depois deixou uma pasta em cima da mesa antes de se sentar na minha frente. — Soube que a senhorita solicitou uma pessoa do sexo feminino para contar a sua versão da história.

— Você está certa — olhei para Andrew para demonstrar que eu faria as coisas do meu próprio jeito.

— Ótimo. Só recapitulando o ocorrido, às 23:03 recebemos uma ligação anônima sobre um ataque com vítima em um apartamento no SoHo. Correto?

— Sim...

— A senhorita consegue me dizer passo a passo tudo o que aconteceu? — Concordei com a cabeça.

Ainda vestia a maldita camisola só com o paletó de Andrew por cima. Eu permanecia com o sangue daquele homem na minha pele. O odor metálico e nauseante enchia a sala de interrogatório. Minhas mãos ainda não haviam sido lavadas apesar de eu ter passado por um hospital para fazer exame de corpo de delito.

Wintour disse que Bruce tinha sido levado para o mesmo hospital que eu fui, que por sinal era o mesmo em que eu havia dado a luz aos gêmeos e o mesmo em que Jenna trabalhava. Rezei por um banho e continuei a falar e responder as perguntas da delegada.

O cansaço e o sono fluíam pelo meu corpo. A vontade de estar com os meus filhos era um sentimento desolador, mesmo assim eu queria que a verdade fosse revelada. Não queria que Dion assumisse a culpa por algo que eu fiz.

À medida que fui me sentindo mais confortável, eu fui contando para a delegada o que tinha acontecido naquela noite e também o que Bruce havia me feito anos antes. Não poupei nenhum detalhe e alguns deles deixaram Andrew boquiaberto.

— Se a sua versão é a correta, por que o homem na sala ao lado contou

uma história diferente? Ele disse que esfaqueou a vítima e você não teve nenhuma participação no ato.

A delegada parecia ter comprado a versão de Dion.

Abaixei os olhos ao me dar conta de que eu não sabia como Dion e Andrew haviam chegado ao meu apartamento. Dion deveria estar com Lauren, não entendi o que fez ele ir até mim como se já soubesse que eu seria atacada.

— Eu e Dion temos um passado, ele só está tentando me proteger. Porém eu afirmo com toda certeza que, quando ele chegou no apartamento, eu já tinha esfaqueado Bruce.

— Você não precisa falar o nome dele o tempo todo, pode dizer apenas “meu agressor”.

— Aproveitando a deixa, delegada Wintour, Bruce tem uma longa lista de vítimas. Não é de hoje que ele vem atuando — Andrew comentou.

— É uma colocação bem pertinente, doutor Jones. Eu puxei a ficha criminal do agressor e fiquei impressionada em como ele ainda estava à solta. Inclusive já estava sendo considerado foragido em alguns estados.

— A questão que fica é: a minha cliente poderá voltar tranquila para a sua casa? Uma vez que tudo o que ela fez foi lutar pela sua vida em legítima defesa?

Fiquei calada para ver Andrew fazer o seu trabalho.

— O homem está sendo monitorado e a situação clínica dele é muito ruim. Fiquem cientes de que, se ele vier a óbito, a acusação se agravará — ela disse muito séria. — Mas, Ava, quero que confie em mim. Em hipótese alguma, eu vou deixar que você pague por isso. Jamais ficarei contra uma mulher que tentou se defender de uma agressão sexual.

Quando pedi para falar com uma mulher, eu não queria me aproveitar da cumplicidade feminina, eu só queria que a pessoa que estivesse me ouvindo tivesse a capacidade de se colocar no meu lugar.

Mesmo assim, o meu coração ficou tranquilo com a delegada Wintour. Soube ali que o meu caso não sairia impune. Senti-me amparada pelas

palavras dela, coisa que eu não teria se permanecesse com o outro delegado a me interrogar.

Após darmos os nossos depoimentos, eu e Dion fomos liberados. As nossas versões eram totalmente divergentes, mas aquilo não impediu que o processo fosse resumido. Obviamente, sabia que estava rolando muito dinheiro nos bastidores. Caso contrário, eu já teria sido jogada em uma cela suja por ter confessado esfaquear uma pessoa a sangue frio.

Ao passar pelo corredor da delegacia, vi, através de uma janela de vidro, Lauren sendo interrogada. Precisei olhar mais de uma vez, porque aquilo não fazia o menor sentido.

— O que Lauren faz aqui? — Perguntei a Andrew.

— Ao que tudo indica, ela era cúmplice de Bruce.

Aquela informação me acertou em cheio. Por mais que eu a achasse descarada, nunca pensei que ela fosse aquele tipo de mulher.

Encontramos Dion no estacionamento conversando com Carl e o que eu acreditava que fosse um outro advogado dele. A camisa branca tinha alguns traços de sangue. O motorista me deu um olhar de compaixão e me abraçou, só quando senti o abraço de uma pessoa querida que percebi o tanto precisava daquilo.

— Carl vai nos levar pra casa — Dion disse depois de um tempo.

— Eu não quero ir para a sua casa — as palavras correram da minha boca e eu me achei totalmente estúpida. Afinal o meu apartamento tinha virado cena de crime.

— Creio que não tem muitas opções — concluiu ele.

O outro advogado se despediu, depois foi Andrew. Nem tive oportunidade de agradecer por tê-lo comigo no interrogatório.



No quarto de hóspedes, o mesmo que eu já tinha ficado antes, Dion se afastou, alegando que iria buscar um conjunto de roupas pra eu vestir. Sentei na cama brevemente e percebi que o cansaço e o estresse cobrariam o seu

preço em breve. Levantei e fui para o banheiro. Vi Dion na porta depois de alguns minutos, à espreita para ver se estava tudo bem.

Durante o banho, evitei desabar em lágrimas. À medida que o sangue foi lavado do meu corpo, fui me sentindo eu mesma, porém as feridas ficavam cada vez mais expostas. Quando eu achava que não aguentaria mais, ele veio para me manter de pé. Dion moveu-se às minhas costas e encostou o seu corpo no meu. Permaneci de costas, incapaz de encará-lo, e deixei que ele me ensaboasse até não sobrar mais nada do ocorrido daquela noite.

De forma inevitável, acabei chorando até soluçar. Com a certeza de que eu havia descarregado toda a minha angústia, ele me tirou do banho e me vestiu, após isso me deitou na cama e puxou um edredom sobre mim. Eu sabia que estava parecendo uma doente terminal, mas e daí? Eu não precisava esconder a minha fragilidade dele.

Aquilo tinha que acabar. Eu não sabia se conseguiria sobreviver a outra noite como aquela. Senti uma carícia suave no meu cabelo algumas vezes. Pedi que Dion deitasse comigo, ele o fez.

Dion havia ficado irritado por eu não ter seguido o plano dele e jogado a culpa do quase homicídio de Bruce em suas costas, mas eu não queria falar. Deixei bem claro no carro quando viemos que eu não queria conversar, só queria esquecer.

Pouco a pouco, o sono foi se apegando a mim, mas a minha mente não queria se dar por vencida. A cada vez que eu fechava os olhos, era como se ainda não tivesse acordado daquele pesadelo.



Abri os olhos horas depois, sentindo-me exausta e notando o outro lado da cama vazio. Uma rápida olhada para a janela e notei o dia amanhecendo. Procurei pelo apartamento desde o térreo até a cobertura. Dion não estava em casa.

Sentei no sofá da sala, o lugar estava deserto. O relógio chique na parede dizia que faltavam cinco minutos para as seis da manhã. O tempo passou, fiquei na dúvida se ligava para ele ou não. Logo depois, o meu

celular tocou. Abrindo a tela, vi que era uma ligação de Jenna.

Meu coração se apertou com o medo de que fosse algo com os meus meninos.

— Ava?

— Jenna, está tudo bem? — Havia um falatório em torno dela.

— Não sei, me diz você.

Fiquei apreensiva, pensando que as informações do ocorrido daquela noite havia vazado e se aquele era o motivo de Dion ter saído.

Passei a mão pelo pescoço onde ainda estava dolorido.

— Como assim?

— Bem, vi Dion há algum tempo atrás entrando aqui no hospital. Creio que era ele, não se confunde um homem como ele, certo?

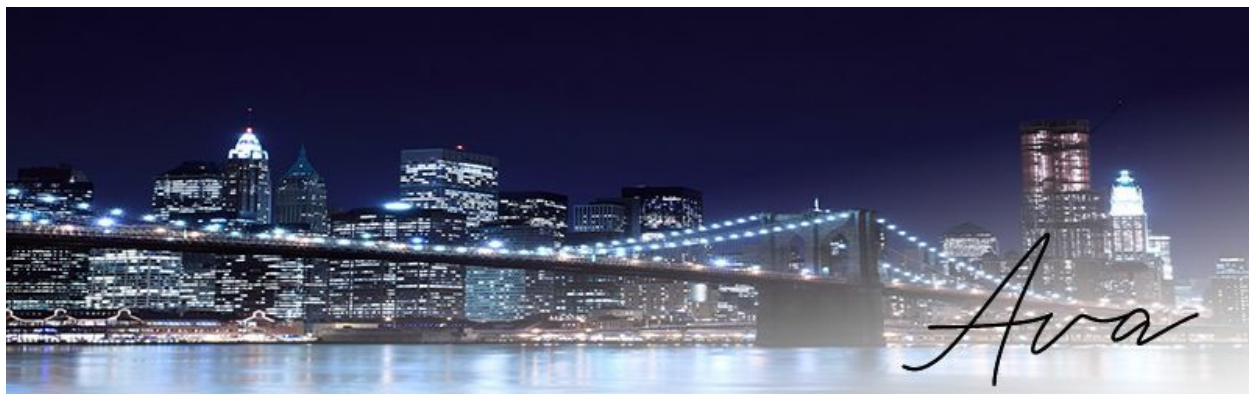
— Dion, no hospital?

— Sim, por isso pensei que, sei lá, tivesse acontecido algo com você.

— Conversamos com mais calma depois sobre essa noite, Jenna. Mas hoje não seria a sua folga?

— Ah, sim. Seria, mas eu tive que vir cobrir um plantão de última hora. Vivian está com os meninos, não se preocupe. Só liguei para saber se não aconteceu nada. Que bom que não aconteceu. Então, agora eu preciso ir.

Jenna desligou, deixando-me com mais pulgas na orelha do que já estava. Passou-se mais meia hora sem que eu entendesse o que diabos estava acontecendo e por que Dion não estava em casa. Tudo ficou evidente quando recebi a ligação da delegada Wintour dizendo que Bruce havia falecido durante a madrugada.



CAPÍTULO 29

Assisti Dion passar pela porta. Já tinha as palavras prontas na minha boca.

— Onde você estava? — Comecei.

— Eu estava resolvendo algumas questões sobre o nosso processo. Por quê?

Ele parecia impressionado em me ver de pé já nas primeiras horas do dia.

— Onde?

Dion largou a chave do apartamento em cima de uma mesinha e tirou o casaco sem nenhuma pressa.

— Por que isso importa?

— A delegada acabou de me ligar — fiz uma pausa e cruzei os braços. — Bruce está morto.

Analisei qual seria a reação dele. Não houve reação.

— Qual o motivo de você me olhar desse jeito? — Perguntou intrigado.

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — Escutei-o bufar e o vi colocar as mãos na cintura, desesperado para fugir do assunto. — Seja sincero.

— Não, eu não tenho.

O que seria motivo de alívio se tornou um precipício de desconfiança. Dion tomou o caminho das escadas, fui atrás dele antes que começasse a subir.

— Por que você está mentindo? — Questionei furiosa ao perceber que ele iria escapar.

— Do que você está falando, Ava?

— Jenna me ligou mais cedo falando que te viu no hospital, o mesmo em que Bruce estava internado.

— Então, você está insinuando que eu...? — Ele buscou em meus olhos a resposta que queria.

Eu realmente tinha noventa e nove por cento de certeza que Dion tinha articulado a morte do irmão.

— Precisa me dizer a verdade — minha voz foi sumindo a cada palavra pronunciada.

Dion voltou para a sala e se sentou no sofá gigantesco de couro. Seu corpo curvado para frente e as mãos envolvendo o seu rosto já eram grandes indícios.

— Você está certa — falou baixo como se só agora entendesse a gravidade de sua ação.

Deixei meus ombros caírem e me arrastei para perto dele.

— Por que você fez isso?

— *Sério?* — Havia muita ansiedade no ar.

— Dion, você não tinha que ter feito isso! E se alguém descobre? Você não pode ir preso por causa do Bruce. Pelo amor de Deus! — Gritei para dar voz a minha aflição.

— Eu não vou ser preso se é essa a sua preocupação — sentenciou.

A culpa já tinha fugido de sua face, o homem incontestável estava de volta.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu não deixei rastros.

— Mas...

Não queria nem imaginar como ele fez para matar Bruce em um hospital que provavelmente tinha policiais por perto.

— O médico me disse que havia uma chance real dele sobreviver. A maioria dos cortes foram superficiais e os órgãos atingidos foram reparados na mesa de cirurgia — ele tornou a me olhar, eu ainda conseguia ver resquícios de um homem vingativo. — Se serve de consolo, ele morreu como merecia. Só queria ter a certeza de que ele não sobrevivesse. Além do mais, não queria que você passasse o resto da sua vida com o fantasma da morte daquele crápula na sua conta caso acontecesse.

— Isso não diminui o fato de isso ser errado.

— Você pode ficar brava, pode gritar comigo, mas acabou, Ava. A gente nunca mais vai precisar se preocupar com ele. Eu o subestimei demais. Havia um esquema de segurança e não sei como ele conseguiu passar e chegar até você. Esteve esse tempo todo um passo na minha frente, o cara era manipulador como o diabo. Eu tive medo dele conseguir se safar, nunca iria conseguir dormir tranquilo de novo sabendo que ele estava vivo. A prisão não era pra ele. Bruce tinha que ser exterminado como a praga que era!

Ele se exaltou, demonstrando que realmente estava com medo que noites como aquela se repetissem. Eu consegui ver uma pequena parcela das coisas mirabolantes que Bruce era capaz de fazer. Nada o faria parar.

— Não era assim que eu queria que as coisas acontecessem, mas você está certo. Acabou — respondi de forma gélida e saí de perto dele.

No quarto, eu mandei uma mensagem para Carl pedindo para ele ver a situação do meu apartamento e pegar uma mala de roupa para mim. Menos de uma hora depois, eu estava dentro de algo que não era masculino ou estava coberto de sangue.

Liguei para Vivian avisando que chegaria no apartamento dela em breve. Eu precisava ver os meus meninos. Precisava ter certeza de que eles

estavam bem.

Desci as escadas, preparando-me psicologicamente para desistir da melhor coisa que já havia me acontecido. Eu já havia me decidido antes, aquela noite só deixou as coisas mais claras. Encontrei Dion no mesmo lugar de antes, com o celular colado na orelha.

— Espere, aonde você vai? — Perguntou ao me ver com a mala.

— Eu vou ver os gêmeos.

— Você não vai voltar pra cá?

— Não.

Continuei o meu caminho até a porta da sala.

— Ava? O que foi agora?

Dion chegou perto de mim com poucos passos. Antes de me virar para ele, eu fechei os olhos fortemente. Aquilo seria difícil.

— Tudo? — Ironizei.

— Acabamos de resolver o que estava pendente, você não precisa fugir de mim.

— Sei que não, mas nem por isso eu vou ficar aqui.

— O quê? — Questionou confuso, olhando com pesar para a marca roxa que se formava no meu pescoço. — Tudo o que eu quero agora é ficar em paz com você e nossos filhos. É pedir demais?

Subi meu olhar para observar sua expressão apreensiva.

— Isso é tudo o que eu quero também, mas paz? Desde que você voltou pra minha vida, paz foi a última coisa que eu tive.

Dion juntou as sobrancelhas e me fitou confuso.

— Não me diz uma coisa dessas, Ava.

— Então para e pensa. Olha pra trás e veja tudo o que a gente já teve que passar pelo simples fato de estarmos juntos. Você pode mais uma vez me dizer que tudo vai ficar bem, pode dizer que somos fortes e podemos superar qualquer coisa, mas diga isso por você, porque eu já não aguento mais!

Permiti que as lágrimas saltassem dos meus olhos.

— Não faz isso. Por favor, não faz isso. As coisas ainda estão muito recentes, Ava. Você não tem que tomar decisão nenhuma agora.

— Mas eu já tomei — engoli em seco.

— O quê?

— Eu não posso mais viver desse jeito, Dion. Eu não posso...

— Ava, olha pra mim e me escuta — segurou o meu queixo para olhá-lo. — Isso é algo que podemos dar a volta por cima, eu não tenho a menor dúvida. É a nossa chance de ter uma vida normal. Eu, você e os meninos.

— Eu seria uma tola em acreditar que teremos uma vida normal — captei o olhar dele. — Nós dois, como um casal... nunca deveria ter acontecido. De todos os nossos erros, esse foi o maior deles. Eu nunca deveria ter desejado ser mais do que uma prostituta para você.

Eu tinha a minha visão embaçada pelas lágrimas. Meu coração doía tanto.

— Não acredito que isso é por eu ter matado o cara que te violentou!

A única coisa que eu sabia era que a minha vida com Dion era uma tremenda tragédia. Éramos um chamariz para coisas ruins. Eu o amava mais do que era humanamente possível, porém infelizmente tudo à nossa volta se resumia em mentiras e dor.

— Não é por isso. Eu só não quero descobrir qual preço a mais nós vamos ter que pagar pra conseguir a paz que queremos.

Eu não queria que as coisas terminassem daquela forma, mas precisava de um pouco de paz, precisava respirar e eu não conseguiria isso enquanto estivéssemos juntos. O olhar perdido de Dion me afligia. Contudo, após aquela noite, sentia-me a um passo da loucura. Mergulhando em uma escuridão sem volta, eu necessitava de espaço para saber o que ia sobrar daquilo tudo.

— Eu vou embora — anunciei de forma fria. — Não quero que me procure, apenas siga com a sua vida que eu vou tentar seguir com a minha.

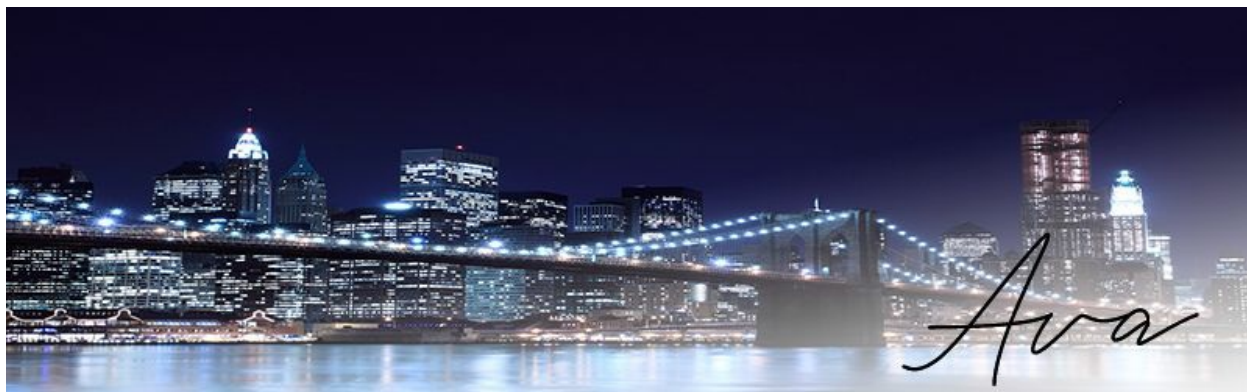
Dion me fitou como se fosse inacreditável tudo o que estava acontecendo ali.

— Está me pedindo para desistir de você?

Discordei com a cabeça, o nó na minha garganta machucava.

— Um dia você me disse que nunca desistiria de mim ou da nossa família e eu acredito. Sendo assim, sou eu quem está desistindo de você.

Enquanto Dion processava as informações, peguei a mala e parti, não sem a sensação de ter deixado o meu coração para trás.



CAPÍTULO 30

Após dois meses, a fase de luto havia passado. O amor que eu tinha por Dion foi sufocado dentro de uma caixa imaginária e enterrada dentro das minhas memórias. Eu estava longe de ser curada, mas as viagens pelas quais Vivian me deixara responsável não davam muito espaço para que eu sentisse tanto.

Há um mês, foi Dubai, na semana passada, Paris. Desconfiava de que aquelas viagens eram uma cortesia da minha chefe para que eu trabalhasse como uma condenada longe de Nova Iorque. A única parte ruim era ficar alguns dias longe dos meus meninos, fazendo-me perceber que o aprendizado nem sempre era fácil.

A delegada que acompanhava o meu caso me disse algumas semanas atrás que o processo contra Bruce era muito conciso. Através das filmagens da câmera que usou naquele dia, dava para vê-lo me ameaçando com uma faca. Sendo assim, os investigadores entenderam que a minha vida de fato corria perigo, configurando legítima defesa.

O fato era que, apesar de tudo, eu conseguia dormir tranquila à noite. Talvez não conseguisse se soubesse que Bruce ainda estava vivo, podendo me achar a qualquer momento. Eu não poderia confiar na justiça e, até que ele fosse condenado, eu ainda podia passar por maus lençóis. Aquilo não queria dizer que concordava com a forma que Dion fez as coisas, porém o que ele fez deixou a minha vida após aquela noite imensamente mais sossegada.

Para o bem de todos, Dion não se afastou dos nossos filhos. Ele não tomou o caminho mais fácil, apesar de acatar a minha vontade quando pedi que ele não me procurasse. A nossa relação era praticamente inexistente desde a nossa última conversa no apartamento dele, o que causou certa confusão na cabecinha dos nossos filhos. O que causou maior estranhamento ainda foi a mudança de prédio. Permanecemos no mesmo bairro, no entanto eu não poderia mais conviver com as lembranças impregnadas nas paredes do meu antigo apartamento.

— Mônica, eu vou descer até a recepção para ver o que anda acontecendo com as minhas correspondências. Já atualizei meu endereço, mas não recebi nada aqui até hoje — disse um pouco irritada. Voltei meus olhos para os gêmeos que brincavam cabisbaixos em frente à televisão. — Meus amores, prometo que quando eu voltar nós vamos fazer algo bem legal, tá bom? — Vi suas cabecinhas concordarem sem muito entusiasmo.

Saí do apartamento direto para o elevador. Dion havia viajado a negócios aquele fim de semana e claramente os gêmeos estavam sentindo falta do pai. Fiquei pensando em algo para divertir os meus pequenos até chegar na recepção.

— Bom dia, meu nome é Ava, do 614.

— Pois não, Ava. Como eu posso ajudá-la? — O recepcionista me olhou com um sorriso simpático.

— Bem, eu moro aqui há quase dois meses e ainda não recebi nenhuma correspondência.

— A senhora já atualizou o endereço?

— Atualizei no mesmo dia que mudei.

— Ok, me deixe dar uma olhada.

O homem digitou em seu computador e foi investigar o que estava ocorrendo.

— Ah, sim — suspirou. — Agora sei o que está acontecendo. O dono do seu apartamento pediu para enviar as correspondências para ele quando o apartamento estivesse vazio.

— Como assim?

— Provavelmente as suas correspondências estão com o seu locador. Ele mora aqui no prédio. 802. Eu posso ir até lá, mas a senhora terá que aguardar um pouco.

— Não, está tudo bem. Eu vou até lá — falei, percebendo que seria melhor resolver aquilo logo.

— Certo. Procure pelo senhor Harris.

— Obrigada.

Subi para o oitavo andar, procurando pelo apartamento do tal senhor Harris. Bati na porta onde indicava ser o 802 e aguardei.

Dei um último passo e aproximei o ouvido da porta, escutando uma confusão fora do comum ali dentro. Pareciam ser crianças. Afastei-me ao ver a maçaneta ser girada.

— Oi, eu sou... — comecei antes de ver a pessoa.

— Ava?

Fitei o homem de rosto pálido e cabelo vermelho a minha frente.

— Não me diga que você é o senhor Harris? — Perguntei a Dylan enquanto o mesmo me observava com curiosidade.

— Steve Harris?

— Não sei, acho que sim.

— Ele é o meu cunhado.

A porta foi escancarada e uma cabecinha ruiva surgiu ao lado de Dylan.

— É a garota da confeitaria, tio?

— Oi, Olivia — cumprimentei sem graça.

— Oi. Você veio atrás do meu tio?

— Não, eu vim atrás do meu locador — falei em tom esclarecedor.

Olivia não conseguia esconder os ciúmes de Dylan.

— Você mora aqui agora? — Dylan perguntou.

— Sim, eu me mudei há dois meses. Você também mora aqui?

— Não. — Comemorei internamente.

— Eu estou aqui porque me disseram na recepção que as minhas correspondências vieram pra cá.

— Ah, claro. Liv, vá chamar seu pai. Você quer entrar? — Dirigiu-se a mim.

— Não. Na verdade, eu estou com um pouco de pressa.

Ficamos em silêncio enquanto, dentro do apartamento, se ouviam vozes de todos os tipos. Parecia ter três famílias ali dentro e mais uma dezena de crianças.

— É a sua família? — Perguntei a Dylan, que ficou aguardando comigo.

— Sim. Família grande, sabe como é...

Não, eu não sabia como era.

— Legal — murmurei.

Senti um aperto no peito por constatar que eu nunca teria uma família tão grande como aquela. Meus pais eram filhos únicos, meus avós tinham morrido há muito tempo. A família Banks era praticamente uma árvore sem frutos.

— Senhorita Banks, não é? — Um homem careca me cumprimentou com algumas cartas na mão. Eu lembrava dele do dia que assinei o contrato de locação. — Desculpe pelo transtorno.

Ele me entregou as correspondências, depois olhou para Dylan, captando algo, e então riu.

— Está gostando do apartamento?

— Sim, obrigada por perguntar. Agora eu preciso ir — ofereci um sorriso fraco para os homens na minha frente antes de me virar.

— Ahn... Ava, o que vai fazer essa tarde? — Minhas sobrancelhas

subiram.

— Eu ainda não sei, Dylan. Provavelmente vou sair com os gêmeos.

— Você já tem filhos? — Harris perguntou curioso. Respondi que sim.

— Vamos todos para o Central Park mais tarde. Seria legal você ir comigo, quer dizer, com a gente.

O locador e eu suprimimos um risinho divertido diante da proposta de Dylan.

— Sim, Ava. Você será muito bem vinda — o homem, que deduzi ser o pai de Olivia, reforçou o pedido.

— Junto com os gêmeos, é claro — esclareceu Dylan.

— É, talvez — falei, batendo os envelopes na mão, me afastando.

Não seria nada mal que os meus filhos se divertissem com os sobrinhos de Dylan.



— Então você foi e conheceu a família do príncipe? — Tracy perguntou, colocando uma alface na boca.

Era horário de almoço e estávamos comendo na minha sala.

— Sim, os meninos estavam tristes por não ver o pai no fim de semana. Eles ficaram loucos quando souberam que os sobrinhos de Dylan moravam no mesmo prédio que o nosso.

— Agora vamos ao que interessa, Dylan tentou algo com você?

— Ele é muito discreto, Bonnie. Mas sim.

As meninas largaram o garfo de lado e ficaram esperando-me contar os detalhes.

— Diga logo! — Gargalhei com a apreensão de Tracy.

— Ele me chamou para sair. — Elas chacoalharam as mãos quase deixando o almoço cair no chão.

— E...?

Fiz suspense. Elas quase me esganaram.

— Essa é a parte mais estranha da história, porque eu aceitei.

Bonnie e Tracy comemoraram brevemente, depois se entreolharam, ficando sérias.

— E quanto a Dion?

— Você ainda o ama, não é?

— Nunca vou deixar de amar, Tracy. Só que eu preciso tentar.

— Sim, você tem toda razão.

O silêncio tomou conta da sala por alguns minutos e voltamos a comer tranquilas. Bonnie foi quem quebrou o gelo.

— Você não acha estranho esse negócio de mudar e encontrar Dylan em um dos apartamentos?

— Olha, eu achei bem estranho, sim. Os nossos encontros são bem inesperados.

— Isso não quer te dizer nada?

— Não. Deveria?

— Bem, talvez seja o destino dando uma forcinha para você amiga.

Rolei os olhos. Nunca vi amigas tão supersticiosas.



Dylan parecia ter uma missão a cumprir comigo. Ele precisou e ainda precisa ter muita paciência para acompanhar meu ritmo. Foram semanas até conseguir me dar um selinho, quanto as outras coisas, nós permanecíamos no zero a zero.

Eu era grata por ele permitir que as coisas acontecessem no meu tempo.

Estávamos indo muito bem como um quase casal. A família dele era

enorme e eu já conhecia até os seus avós, porém minha única família que ele conhecia era os meus filhos. Aquilo o intrigava, já que eu havia dito que não tinha nenhum parente vivo e era difícil para ele acreditar que eu já não tinha mais familiares no mundo.

A chateação dele com aquilo era genuína, ele queria saber cada vez mais sobre mim. Eu sempre contava algumas partes importantes, mas deixava sempre de fora qualquer assunto que envolvia Olga, Bruce e principalmente Dion.

Não ver o pai dos meus filhos ajudava, e muito, que eu não enlouquecesse com aquele plano de tirá-lo da minha cabeça. Pra ser honesta, estava funcionando bem. O máximo que Dion chegava era na recepção para esperar a babá chegar até ele com os gêmeos.

Esbarramos uma ou duas vezes na Carter Inc., mas felizmente não houve um grande alarde. Aquela frase “O que os olhos não veem o coração não sente”, fazia total sentido pra mim agora.

Trabalhei aquele dia normalmente, contudo percebi que Dylan não me enviou mensagem de bom dia e nem me desejou coisas maravilhosas como sempre fazia. Um alarme soou dentro de mim. Ele estava fazendo comigo a mesma coisa que eu fazia com ele. Não estava se esforçando para aquilo dar certo. Meio precipitado eu chegar àquela conclusão, mas ao meu ver estava na cara.

Como era sexta-feira e Dylan me deixou praticamente no vácuo, eu resolvi agir. Conversei com as minhas amigas e elas também acharam que era a hora de eu dar um pouco de alegria para o meu príncipe ruivo.

Deixei os gêmeos na casa de Vivian, eu não pretendia voltar para casa naquela noite. O contato de Tracy me conseguiu um ingresso para a boate de Dylan que sempre lotava no fim de semana.

Entrei na bagunça de fumaça, corpos jovens e música eletrônica. Tentei passar despercebida pelos marmanjos solteiros loucos por um rabo de saia. Tive que afastar os mais agressivos. Subi alguns degraus da escada de acesso. Flashes do dia em que eu estive ali com Dion bombardearem a minha mente, respirei algumas vezes e olhei em torno da boate. Não estava fácil discernir os rostos, mas encontrei quem estava procurando.

Voltei para o meio da pista e fui em direção ao balcão onde vi Dylan conversando com um cara e duas mulheres. O olhar dele se perdeu em mim quando me viu me aproximar com muita pretensão. Eu estava com um vestido recém-comprado, curto e brilhante. Sentia-me maravilhosa nele e bastante confiante.

Enrosquei meu braço em torno do pescoço de Dylan e o beijei de uma forma que nunca havia beijado antes. Subi as mãos pela sua nuca, depois desci para as suas costas. Ele correspondia perfeitamente, queria me engolir no beijo.

— Você não me enviou mensagem de bom dia — falei séria, depois sorri. — Por quê?

Dylan permanecia um pouco zonzinho apesar de um sorriso decorar seu rosto.

— Não me lembro agora, mas estou feliz de não ter enviado.

Ele me puxou para mais um beijo. Segundos depois, alguém o cutucou.

— Chefe, estamos tendo problema com um cliente VIP.

— Eu vou subir lá agora mesmo — olhou-me. — Quer vir comigo?

Disse que sim. Dylan me levou para o andar de cima e me deixou em seu escritório enquanto resolvia o tal problema. Quando ele voltou, colocou seus olhos cheios de vontade em mim.

— Vai demorar muito para fechar a boate? — Perguntei, pensando em algumas coisas.

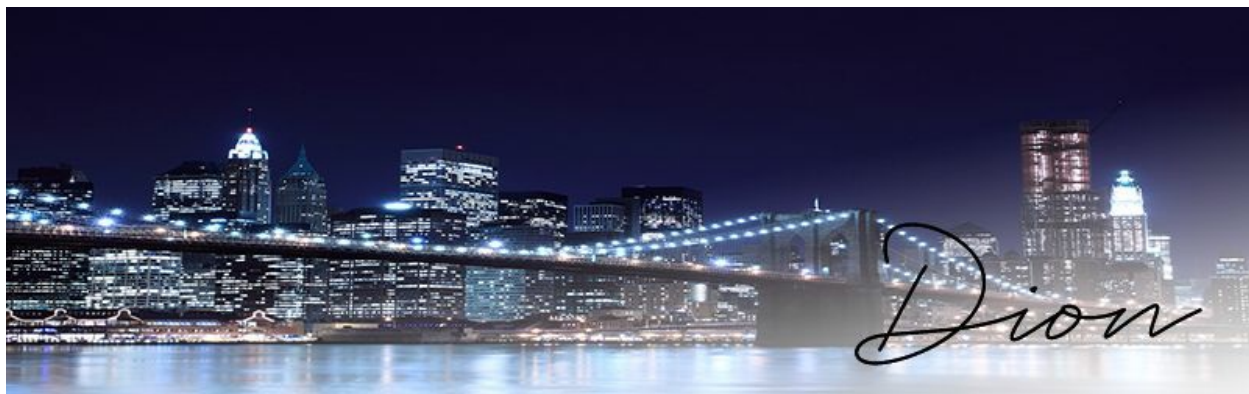
— Bom, isso vai depender dos clientes. Por quê? — Levantou uma sobrancelha, demonstrando interesse. — Você tem algo melhor em mente para essa noite de sexta-feira?

— Talvez...

— Eu não sei o que está se passando por esses olhos lindos, mas não me importo. Qualquer coisa é melhor quando estou com você. — Fiquei sem palavras. — Só preciso dizer aos gerentes que eu vou sair mais cedo.

Depois que Dylan se despediu dos empregados, pedi que ele nos

levasse para um lugar com mais privacidade.



BÔNUS

Dois meses haviam se passado e eu permanecia paciente com a escolha de Ava. Ela tinha deixado claro que não havia mais nada a ser feito e o melhor seria deixar o tempo agir e nos trazer uma resposta.

Eu só conseguiria comparar aquele período com tortura. A incerteza da espera era angustiante. Ava bloqueou qualquer tentativa minha de aproximação, deixando-me totalmente no escuro.

Ela estava apavorada da última vez que brigamos. No fundo, eu sabia que ela estava certa em ter medo do que mais poderia acontecer. Ava já tinha aguentado demais e, se ela achasse que teria paz longe de mim, longe dela eu ficaria até o momento que resolvesse voltar pra mim.

Pensar que eu poderia ter feito tudo diferente e mantê-la ao meu lado trouxe a insônia de volta para as minhas noites. Desde então, tudo o que eu tinha feito era trabalhar e esperar, porém naquela sexta-feira eu havia me esgotado.

— Sabe aquela multinacional árabe, Dion? — Um dos meus sócios questionou.

— Sei, o dono é meu amigo.

— Estamos ultrapassando-a novamente nos lucros.

Olhei para o homem ao meu lado com ar de desdém.

— Se vocês me trouxeram aqui para beber, por que ainda estamos

falando de negócios? — Perguntei irritado.

Dei mais um gole no meu uísque, percebendo os demais naquela rodinha se calarem. Eu não aguentava mais ter o trabalho como centro da minha vida, mesmo nos momentos em que eu não estivesse trabalhando.

— Olá, boa noite — Dylan parou do meu lado. — Está tudo bem por aqui? Vocês precisam de alguma coisa?

Fitei-o por cima dos meus ombros, depois voltei a olhar para o meu copo.

Eu sabia que não deveria ter raiva de Dylan, mas não conseguia evitar. Depois do dia em que o vi no prédio de Ava, uma sirene tocou na minha cabeça e desde então eu venho escutando que os dois andavam saindo.

— Posso falar com você?

Virei-me para ele quando me dei conta de que a pergunta foi pra mim.

— Sobre o que você quer conversar?

— Acho que você sabe...

Soltei o ar de uma vez e me levantei, seguindo os passos de Dylan. De alguma forma, eu sabia que uma hora ou outra ele se aproximaria. Havia chegado até a boate dele para uma espécie de *Happy Hour* da empresa, porém de *happy* só tinha o nome.

Dylan se encostou no balcão do barman em uma parte que não tinha muitas pessoas, o som estava mais baixo.

— E então? — Fechei os braços e ergui uma sobrancelha.

— Eu te chamei para conversar porque eu sinto que deveria te dizer algo.

— Dizer algo sobre o quê?

— Bem... é como se eu estivesse quebrando aquele protocolo em que amigos não podem ficar com a ex-namorada do outro.

Fechei minhas mãos de forma involuntária e cerrei meus olhos para Dylan.

— O quê? — Não sabia ao certo se a minha voz saiu ameaçadora da forma que eu queria.

Dylan piscou algumas vezes, depois contraiu os lábios.

— Eu e Ava estamos saindo — falou aquilo da forma mais natural possível. — Bom, pelo menos é o que eu acho...

— Ah — concordei com a cabeça, mas, àquela altura, não fazia nem ideia de como reagir.

Então era mesmo verdade?

Ava e Dylan estavam juntos.

Meu Deus!

— O que você quer que eu diga? Que estou feliz por vocês?

— Não, eu só... achei que você deveria saber. Se tudo der certo, nós vamos coexistir, já que você é o pai dos filhos dela.

— O quão sério é isso? — Cuspi as palavras, quase perdendo a sensatez.

Dylan engoliu em seco.

— Nós estamos apenas nos conhecendo. É algo bem recente.

— Você estava de olho nela desde a primeira vez, não é? A vez em que eu a trouxe aqui e te apresentei.

— Não, cara... olha... Ava é uma mulher muito bonita, mas eu jamais desejaria a namorada de um amigo.

— Você está fazendo pior! Está saindo com a mãe dos meus filhos!

— Ok! Mas ainda não vejo problema se vocês não estão mais juntos.

Respirei fundo, mesmo querendo gritar, pegar Dylan pela lapela e exigir que ele tirasse as mãos de Ava.

— Qual é o propósito disso? Você quer apenas levá-la pra cama e esquecer no dia seguinte? — Bloqueei as imagens geradas pela minha mente.
— Não me responde essa porra. Eu não quero saber.

— Se serve de consolo, eu não sinto que ela está muito interessada em mim. Aquela mulher é um poço de mistérios.

Lembrei que eu costumava pensar a mesma coisa.

Ava era a mulher mais destemida que eu conhecia. Diante de tantas coisas ruins, ela soube se sobressair em todos os obstáculos. Hoje eu entendia que manter seus segredos salvos era uma forma de autopreservação.

— Então termine com ela — falei calmo.

— Como é?

— Termine com ela! — Repeti.

Encarei Dylan por alguns instantes para ver se ele tinha alguma objeção. Resolvi me afastar quando achei que ele não diria mais nada.

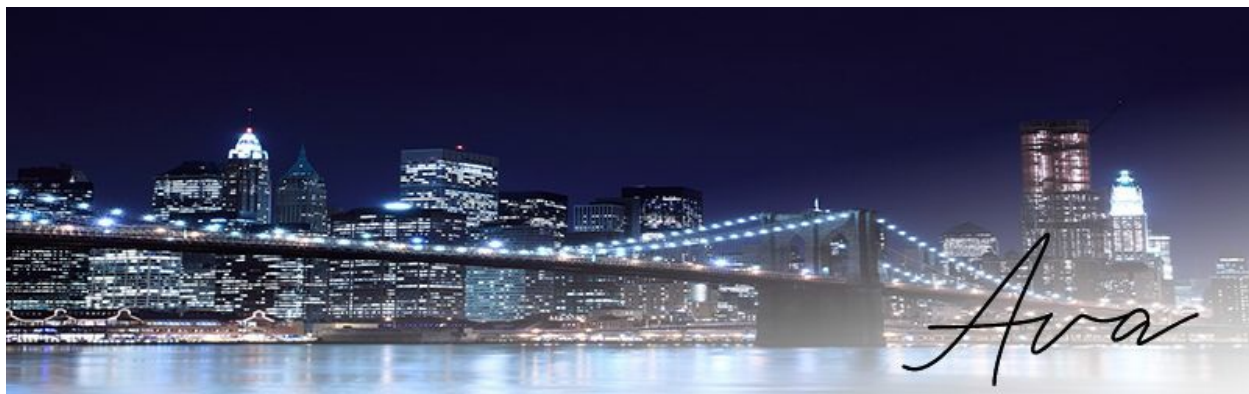
Parei em frente a um barman e pedi mais uma dose de uísque, ainda via Dylan pela visão periférica. Enquanto aguardava a bebida, eu comecei a sentir um cheiro familiar. Uma fragrância adocicada e meiga pairava no ar.

Fechei os olhos, sendo quase elevado a um estado de graça. Dei uma olhada em torno da boate, procurando o motivo da minha obsessão. Parei meus olhos a poucos metros de mim, onde Dylan estava. O que meus olhos viram a minha mente custou associar.

Ava havia tomado a iniciativa de um beijo obsceno bem na minha frente.

Por um momento, pensei estar dentro de um pesadelo. Meus olhos piscavam freneticamente enquanto eu via Ava beijá-lo da forma que costumava *me* beijar. Balancei a cabeça negando aquela nova informação e, quando Dylan a puxou escada acima, eu quis protestar e arrancar ele de perto dela a base de espancamento. Naquele exato momento, eu queria quebrar todos os ossos de Dylan para que ele nunca a tocassem novamente.

No entanto, aquela era uma reação violenta para uma difícil descoberta: estava tudo perdido e agora só me restava aceitar. Finalmente, eu poderia reconhecer que não a merecia, nunca mereci, e até Ava parecia ter entendido aquilo.



CAPÍTULO 31

— Eu não acredito que você está aqui — Dylan disse, puxando-me para dentro do seu apartamento.

— Nem eu.

— Quando você apareceu na boate, eu só pensei “espero que ela venha para o meu lado”. Não suportaria perder uma mulher como você, Ava.

Não entendi o motivo de me dizer aquilo. Ele tinha dúvidas de que eu fosse para o lado dele? Para qual lado mais iria?

Deixei aquela dúvida de lado ao notar o sorriso dele, que era como o de um menino, contagiante.

Tirei o paletó de Dylan primeiro. Ele me pegou em seus braços e me levou pelo apartamento adentro, deixando-me em cima da cama. Permiti que ele me tocasse em lugares que eu não havia permitido antes.

— Tem certeza de que você quer fazer isso? Eu posso esperar mais um pouco — ele notou que eu estava retida.

Olhei disfarçadamente a ereção em seu jeans e, não, ele não aguentaria esperar.

— Eu tive dúvidas quanto isso, mas agora eu sei. Eu quero isso, Dylan — talvez tenha exagerado nas minhas convicções, mas ver o sorriso dele não tinha preço.

Beijamo-nos mais uma vez. Pouco depois, vi-o tirando o suéter, fiz o

mesmo com o meu vestido.

Eu conseguia sentir a urgência em seu toque e na forma com que ele me olhava. A mão dele passeou do meu rosto até o meu tornozelo antes de ele ficar entre as minhas pernas. Depois que ele tirou a calça, ouvi o barulho da embalagem de um preservativo. Momentos após, ele captou o meu olhar e eu permiti que ele fosse além.

Dylan foi extremamente carinhoso, ele devia me achar o tipo de garota que só teve um homem na vida. Depois da vez dele, eu deixei as coisas mais quentes. Agi e fiz coisas que a Ava – Tayla – de anos atrás faria até deixá-lo exausto ao meu lado.

— Nossa, nunca nos meus sonhos mais pervertidos eu achei que você iria me dar uma canseira dessa — disparou ele, ofegante.

Dylan respirou fundo e me trouxe para perto dele. Aconcheguei-me em seu peito suado e fiquei olhando para a luz refletida na parede que vinha de fora.

Depois de um tempo, dei-me conta de que o sono não viria tão fácil. Dei uma olhada em Dylan, que dormia profundamente, e fui ao banheiro. Ele tinha muito dinheiro, não chegava a ser um Dion da vida, mas ele tinha muitos lucros com a boate aparentemente. E o apartamento dele condizia com o seu status.

Observei a minha imagem no espelho. Meu cabelo estava uma bagunça e a minha pele suada. Olhei fixamente para o meu reflexo, tentando achar um motivo para o vazio que havia dentro de mim.

Não fazia ideia do porquê aquele turbilhão de emoções me veio à tona.

Eu estava no apartamento de Dylan porque eu queria. Eu havia transado com ele porque eu queria. Não conseguia me entender naquele momento.

As lágrimas vieram ao meu rosto quando percebi que não havia feito aquilo por mim. Eu apenas fiquei com medo que Dylan desistisse de tentar me conhecer melhor e fui para a cama com ele para mantê-lo comigo, porque temi que ele me virasse as costas.

Eu me sentia uma prostituta novamente. Era isso, mas, ao invés de dinheiro, eu tinha feito sexo com um homem em troca de afeto.

Sentei na tampa do vaso e tapei a boca, sem conseguir parar de chorar. O nó na minha garganta era angustiante, mas eu não queria em hipótese alguma acordar Dylan por causa da minha crise existencial.

Cogitei ir embora, mas ao mesmo tempo sabia que precisava me desapegar de Dion de alguma forma. Não seria fácil, não foi fácil. E hoje eu havia dado um passo importante para esquecê-lo de vez.



No dia seguinte, Dylan acordou cheio de amor para dar, porém insisti que tinha que ir embora. Ele me liberou depois de fazer um café da manhã incrível especialmente para mim. Aquele homem maravilhoso não tinha culpa das minhas inseguranças.

O carro dele parou em frente ao meu prédio. Ficamos mais ou menos cinco minutos sem falar nada. Torci para que Dylan não tivesse constatado a minha mudança de humor, mas infelizmente ele notou.

— Olha, eu não sei o que mudou para você de ontem pra hoje, também não sei o que significou a noite passada para você. Só sei que... — olhou-me. — Eu estou apaixonado, Ava. E isso não é de agora.

— Dylan, você não precisa se preocupar — assegurei.

— Eu só não quero que você me entenda de forma errada. Eu não sou o tipo de homem que conquista uma mulher para ficar com ela só uma noite.

— Não, está tudo bem. Eu sei que eu posso ser complicada às vezes.

— Não, Ava. Por favor, não quero que pense que tem algo errado com você. A missão de conquistar sua confiança é minha e, acredite, eu sou bem persistente — ele encostou no banco do carro e suspirou. — Ainda mais depois de ontem na boate. Se eu achei que você ainda estava presa no seu relacionamento anterior, ontem você me mostrou que não. E eu te digo que fiquei com muito medo que você fosse na direção dele e...

— Eu não estou entendendo — interrompi.

— Sim, ontem quando eu te vi andando pela boate enfeitando todos ao redor, pensei que você o escolheria, mas você veio até mim.

— Ele quem, Dylan?

— Dion! Ele estava há uns dois metros de mim.

Levou alguns segundos para que eu conseguisse entender o que estava acontecendo. Dion estava na boate ontem e provavelmente viu o beijo que dei em Dylan.

Ah, meu Deus...

— Você não tinha visto ele? — Questionou preocupado.

— Bem, é... eu vi. Vi ele, sim. — Dylan respirou aliviado sem saber que eu estava mentindo.

Eu tinha dado uma olhada na boate antes de ver Dylan e não vi Dion. Era impossível eu não ter visto ele. No entanto, para Dylan foi como que se eu tivesse feito uma clara escolha. Passado e presente. E ele tinha sido o felizado.

Senti a mão dele envolver a minha.

— Agora eu não tenho outra alternativa a não ser te mostrar o quanto eu posso ser um cara legal, companheiro, cúmplice, amante — a mão dele subiu para acariciar o meu cabelo. — Eu quero ser qualquer coisa que você queira, Ava.

Precisava ter os pés no chão. A notícia de que Dion esteve na boate me abalou, mas eu mantinha o meu plano de seguir em frente. Talvez não conseguisse viver sem Dion, talvez conseguisse. Eu precisava tentar algo novo e Dylan não me deu outra escolha a não ser aceitá-lo.



Três meses depois...

Era nítido como a minha vida tomou um rumo de normalidade. Sem psicopatas, sem mortes, sem dor. Aquilo era tudo o que eu precisava.

Antes de ir para a reunião na sala de Vivian, recebi uma mensagem de

Dylan avisando que tinha conseguido uma reserva no Daniel's, restaurante tradicional da cidade. Ele buscava um lugar para termos uma noite especial, parecia ter encontrado.

Fui para o escritório da minha chefe pensando se eu teria alguma roupa adequada para aquele restaurante. Entrei na sala de Vivian, deixando a minha pasta e o celular em cima da mesa.

— O que é isso no seu rosto?

— ...

— Você está sorrindo, Ava? Onde você viu o tal do passarinho verde?

— Eu não vi nada. Só estava conversando com Dylan por mensagem.

— Ah, sim, ele conseguiu a reserva no Daniel's?

— Conseguiu — olhei para ela desconfiada. — Como você sabe?

— Ele me pediu dicas e eu sugeri.

— Meu Deus, o quê? Eu nem sabia que vocês conversavam — comentei impressionada.

— E aí? Já sabe com que roupa você vai?

Estreitei meus olhos na direção dela. O interesse de Vivian era no mínimo suspeito. Ainda mais conversando sobre roupas, que era um assunto pouco recorrente entre nós.

— Eu tenho algumas ideias, mas não sei se alguma está na altura do restaurante.

— Se precisar de ajuda, Jenna talvez possa te ajudar.

— Não, tudo bem. Eu me viro — sentei em frente à mesa.

— Você não tem a mínima ideia do que vai acontecer, não é?

— Como assim? Você está muito misteriosa para o meu gosto, Vivian.

— Sério? — Olhou-me como se eu fosse uma tola. — Ele falou se vão fazer algo especial essa noite? — Concordei com a cabeça. — Bem, reserva em um restaurante caríssimo, noite especial...

Tentei pensar em algo, mas não me veio nada na cabeça.

— Nossa, Ava... Como você é ingênua. Pensando bem, isso é até bom que não estraga a surpresa.

— Eu hein — medi minha chefe antes de ela se enfiar atrás da mesa.

Iniciamos a nossa reunião e, ao término dela, Vivian me avisou que eu teria que comparecer a um evento em Londres e representar a nossa empresa. Eu deveria ir até lá e mostrar para os investidores o grande momento que a Carter Inc. vivia e angariar o máximo de contratos possíveis.

— Você já fez isso um tempo atrás em Chicago, vai conseguir fazer com os britânicos. Disso não tenho dúvidas — Vivian falou com a voz tranquila.

— Obrigada pela confiança, eu vou sim.

— Que ótima notícia. Eu poderia ir, mas Jenna está de férias e ficamos de tentar a primeira inseminação.

— Ah! — Levantei para abraçá-la. — Isso, sim, é uma ótima notícia.



Chequei o celular quando chegamos ao restaurante. Mason estava com uma tosse chata e não havia melhorado depois de eu dar-lhe um xarope. Só saí de casa quando a babá me jurou que me ligaria caso o meu bebê tivesse febre.

Um homem beirando os cinquenta anos se aproximou de nós e pegou os nossos casacos. Já era primavera em Nova Iorque, mesmo assim o tempo instável nos obrigava a carregar um agasalho para todo lugar.

Outro homem nos encaminhou para a nossa mesa. Notei o local já lotado e me deparei com algumas pessoas me olhando. Eu optei por um vestido preto simples, mas a fenda dele era um grande atrativo. Dylan desceu seus olhos para as minhas pernas e deu uma piscadela satisfeita.

Aguardei ele escolher seu prato, eu já sabia o meu. Se os nomes no cardápio já eram estranhos, não queria nem imaginar o resto, por isso eu sempre pedia bife com uma combinação de legumes.

Meus olhos captaram os de Dylan. Eu era grata por tê-lo ao meu lado. Dar uma chance para nós foi um acerto inegável. Ele era a segurança que eu buscava, a calma que eu estava precisando.

— Está me deixando envergonhado — disse com aquele sorriso enorme que me encantava cada dia mais.

— Eu só estava pensando no quanto você é maravilhoso.

— Ah é, me diz mais — pediu descontraído.

— Gentil, carinhoso...

Ele pegou a minha mão por debaixo da mesa e só soltou quando os nossos pratos chegaram. Durante a refeição, eu o analisei melhor e cheguei à conclusão de que Dylan estava apreensivo com alguma coisa.

— Dy, está tudo bem? — Perguntei um pouco preocupada. — Você parece um pouco nervoso.

— Não, estou bem — respondeu, dando alguns goles no vinho. Aquele gesto só provava que as minhas suspeitas eram verdadeiras. — Eu não sei se os gêmeos te contaram, mas alguns dias atrás eu conversei um assunto sério com eles.

— É mesmo? — Perguntei com diversão.

— É. São duas crianças ótimas, muito inteligentes.

— E qual o assunto sério que você e meus filhos falaram?

— Coisas de meninos.

— Ok, Dylan Marsh. Agora você me deixou curiosa.

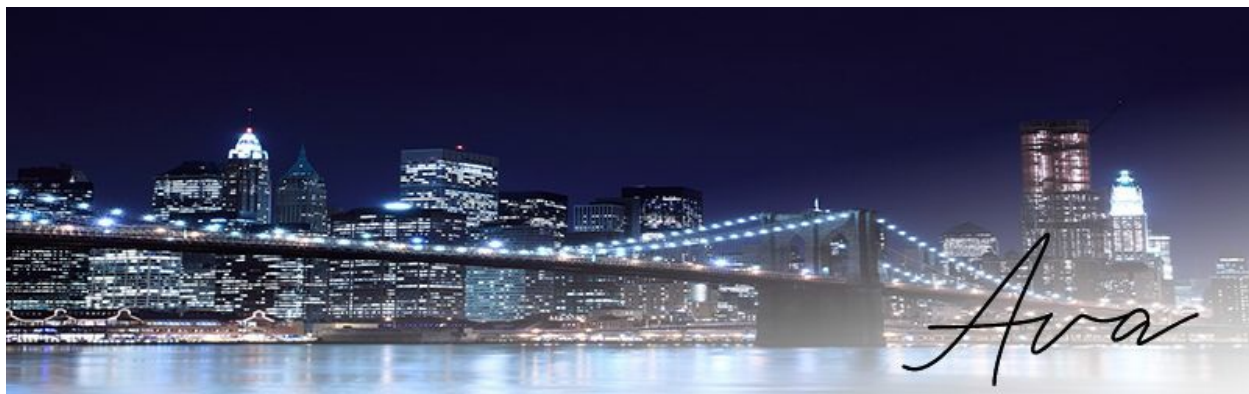
— Não é nada demais, eu só comentei com eles que, quando nós, homens, encontramos uma pessoa que valha a pena, nós precisamos aproveitar a oportunidade.

— Ah... Isso foi tocante.

— Talvez você não tenha se questionado o motivo de eu te trazer aqui hoje, mas há um motivo — ele fez uma pausa e continuou no mesmo tom misterioso. — Ava, eu estou aos seus pés e isso não é novidade para

ninguém. Dois dias atrás, eu perguntei para Aiden e Mason se eles aceitariam que eu pedisse a mãe deles em casamento. — *Ah. Meu. Deus!* — Com muito custo, recebi uma resposta positiva. Agora preciso saber a resposta da mãe. — Tapei a boca quando Dylan se ajoelhou ao meu lado, estendendo um anel de brilhantes com uma pedra rosa no meio. — Ava Christina Banks, você quer se casar comigo?

Ah. Meu. Deus!



CAPÍTULO 32

Casamento – Parte 1

Quando despertei, sabia que aquele seria um dos dias mais felizes da minha vida. Fui acordada pelos meus anjinhos, que pareciam mais nervosos que eu. A mãe deles iria se casar.

Os gêmeos me balançaram de um lado para o outro, tentando me fazer levantar.

— Mamãe, a titia Tracy tá muito brava.

— Vem... Ela pediu pra gente acordar você.

Gemi sonolenta, rolando para abraçá-los. Eu mal podia me aguentar para vê-los vestidos de pajem. Passei a mão pelo meu rosto para tirar o restante de sono que ainda tinha.

— Vocês estão bem com isso? — Perguntei depois de fazê-los sentar na cama.

Eles me olharam receosos. Peguei a mãozinha de cada um.

— Eu entendo vocês. Tudo será diferente a partir de hoje, não é? Nós vamos mudar para um lugar maior e vai haver uma presença masculina constante em casa. Mas quero que vocês saibam que a mamãe está se casando, mas os homenzinhos mais importantes na minha vida sempre serão vocês.

Meus filhos me abraçaram fortemente, enchi aqueles dois de beijos

antes de eles irem brincar em outro lugar. Deitei de costas na cama e refleti sobre o dia que estava por vir até escutar um rosnado.

— Bonnie, a noiva está na cama até agora! Como faremos um casamento decente desse jeito? — Levantei os olhos para ver Tracy reclamando em seu *walkie talkie*. — Vamos lá, amiga. O dia mais feliz da sua vida já começou. O seu café da manhã está lá embaixo. Depois vamos todas para o *spa*.

— Nossa... Espero que o *spa* dê jeito nessa sua irritação, senão vou ter que chamar o nosso querido Jerry aqui em cima para te dar um trato — falei, me referindo ao marido dela, e saí correndo para o banheiro, deixando Tracy furiosa.

Quando descii pela casa, fui direto para a cozinha me alimentar, os gêmeos já haviam se lambuzado com o cereal matinal preferido deles.

— Bom dia, noiva.

— Bom dia, Bonnie.

— Amiga, não come muito, não. Vai que o vestido não fecha depois.

O conselho de Bonnie me fez parar uma garfada de ovos mexidos no ar ao mesmo tempo em que a fitei violentamente.

— Faça o que quiser, foi só uma dica — desdenhou logo depois.

— Bonnie, o seu marido está aqui, não está?

— Está, por que pergunta?

— Talvez precisaremos dele também — avisei com bom humor e terminei o meu prato.

Se até depois do almoço Bonnie e Tracy ainda estivessem estressadas daquele jeito, eu teria que fazer os maridos entrarem em ação.

Após o café, eu e minhas madrinhas fomos para o *spa* passar um dia de noiva. Quem diria que o meu dia iria chegar.

O céu estava límpido, sem nenhum sinal de chuva. O sol brilhava alegremente sobre as nossas cabeças, indicando que aquele era um dia perfeito para um casamento ao ar livre.

— O noivo já foi para o salão? — Bonnie questionou Tracy assim que voltamos para casa.

— Segundo os padrinhos dele, sim — respondeu vagamente.

— Por favor, avisem aos padrinhos que não é para deixar o noivo tirar a barba — pedi em súplicas divertidas.

Meu coração acelerou só de imaginar aquele homão me esperando no altar.

Ah, Deus! Isso é bom demais pra ser verdade.

Antes de subir para começar a me arrumar, dei uma olhada no lugar em que aconteceria a festa pós cerimônia. Aquela seria uma festa única. Não só por estarmos na praia, mas porque eu queria fazer aquilo somente uma vez. Casaria desejando que fosse para sempre.

A decoração já estava quase pronta. Cada mesa continha uma quantidade considerável de elementos praianos. A cor azul turquesa destoava das demais em meio a estrelas do mar e conchas de mentirinha.

Sentada em uma cadeira perto dali, eu vi Jenna cercada por Vivian e os gêmeos. Aproximei-me para ver o que estava acontecendo e, pela palidez da madrinha de Aiden, eu sabia o que era.

— Está enjoada, não é? — Questionei ao chegar perto.

— Sim. Eu estava bem, mas, quando senti o cheiro do mar, o meu estômago embrulhou na hora — respondeu com a mão na testa e suando frio.

Aquele era o efeito de sua gravidez. Nem os melhores especialistas deram chance para a primeira inseminação dar certo. E lá estava Jenna aguardando a chegada do pequeno Matthew.

— Bem, eu, como mãe, poderia te dar dicas para acabar com enjoo, mas você é médica obstetra, então... — não havia ninguém melhor para conduzir uma gravidez do que ela.

Vivian e Jenna resolveram sair para dar uma volta e respirar ar puro. Peguei os gêmeos e subi, já estava na hora de eu começar a virar uma noiva.



Algumas horas depois, eu me deparava com o meu reflexo em frente ao espelho. Meu vestido era simples, na cor palha. O decote ombro a ombro dava um toque sensual, a tiara com alguns detalhes florais trazia o clima praiano para o meu look.

— E aí, está pronta?

Virei ao ouvir a voz de Bonnie. Respirei fundo e balancei a cabeça dizendo que sim.

— Ava, vem cá. — Tracy se aproximou e pegou as minhas mãos. — Você tem certeza do que está fazendo?

— Tenho certeza até demais — disse sem um pinga de dúvida.

— Olha, eu não me importaria se você fugisse na hora do sim e fôssemos nós três para um tour na Europa, aproveitando o espécime masculino de cada país.

— Deus, Tracy — tentei segurar uma risada em vão.

— A nossa amiga está apaixonada, só um cego não veria.

— Obrigada, Bonnie. Até que enfim alguém me entende.

— Certo, os gêmeos já estão lá embaixo. Eu e Bonnie vamos descer com você.

Fizemos isso até chegar no local da cerimônia. Os meninos grudaram na minha mão. Um de cada lado.

— Mamãe, você parece uma princesa.

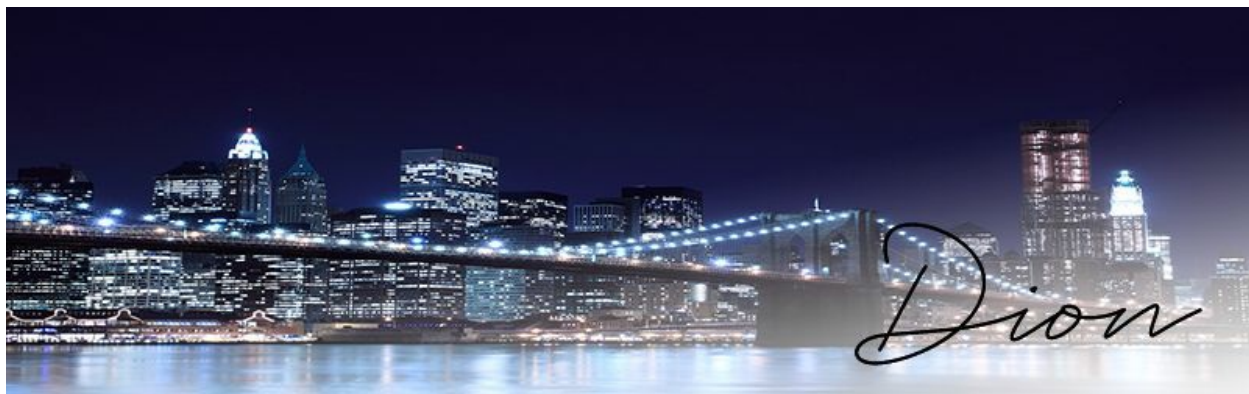
Um sorriso instantâneo se formou na minha boca.

Alguns preferem os contos de fada, outros, a realidade. Já eu me permiti viver um pouco dos dois.

Caminhei, segurando as mãozinhas dos meus filhos, pela estradinha que foi montada sobre a areia. Senti os olhares dos convidados, alguns deles contribuíram para que aquele dia ocorresse e fiquei alegre de ter um dos momentos mais felizes da minha vida sendo preenchido com pessoas que

queriam o meu bem.

Parei diante do altar montado e decorado com flores dos mais variados tons. Tive que segurar meus filhos para eles não saírem correndo. Forcei-me a levantar os olhos para dar de cara com o meu “felizes para sempre”. E era lá que estava o meu verdadeiro príncipe.



CAPÍTULO 33

Alguns meses antes...

— Aqui está! — Andrew jogou uma revista na minha frente.

Levantei meus olhos para olhá-lo, sem entender nada.

— O que é isso?

— A revista Times dessa edição. Parabéns, você é o homem mais rico do mundo pelo terceiro ano consecutivo.

— Não era isso que eu queria que me mostrasse quando te chamei aqui.

— E o que mais eu poderia te mostrar?

— Preciso saber como está o andamento do processo — respondi com tom de obviedade.

— Ah tá! Eu pensei que era sobre sua fortuna. Você anda tão estranho ultimamente... — cruzei os braços e encostei na cadeira, tentando decifrar o que ele queria dizer. — Lauren recebeu Habeas Corpus, daqui um dia ou dois será liberada. Ela é ré primária e a justiça não a vê como uma ameaça à sociedade.

— E a promotoria deixou por isso mesmo?

— Nesse caso não há muito o que fazer, Dion.

— Não acredito que deixaram as coisas por isso mesmo!

— O pai dela é advogado, um dos melhores do país. O cara faria até o

diabo parecer um pobre coitado.

A porta do escritório foi aberta com um baque. Vi os gêmeos entrarem correndo por ela. Levantei da cadeira para eles se jogarem no meu colo como sempre faziam.

— Como estão os meus carinhos preferidos? — Perguntei, distribuindo vários beijos e apertando-os em meu braço.

Apreciei os abraços e as risadinhas deles por um instante até perceber Andrew com um olhar misterioso para o meu lado. Deixei os gêmeos voltarem para o chão.

— O que foi dessa vez? — Questionei.

— Cara, eu sei que o seu momento é horrível e seria muito insensível da minha parte não entender isso, mas você precisa reagir!

— Reagir? Por quê?

— Eu não sei. Você precisa quebrar esse ciclo de trabalhar todos os momentos que você tiver disponível.

— E daí, Andrew? Eu sempre trabalhei muito desde sempre, você sabe disso — meus olhos caírem nos dois pequenos pulando em cima do sofá. — Meninos, aí em cima não! — repreendi, mas não com a autoridade que gostaria.

Eles desceram do sofá e foram traquinar em outro lugar.

— E daí, Dion, que hoje é domingo! Eu mal acreditei quando você me ligou para aparecer na sua sala.

Ah, merda... Passei as mãos pelo rosto.

— Você anda tão fora de órbita que perdeu até a noção do tempo — continuou.

— Ei, Mason, não pode brincar com esses papéis — falei quando vi o garoto pegar alguns papeis em cima da minha mesa e correr para onde o irmão estava.

— Ah, não, papai... — os dois falaram juntos e um bico enorme se formou em suas bocas.

— Vá para casa ficar com os seus filhos. Divirtam-se juntos. Brinque até deixá-los cansados, apenas aproveite o domingo. Isso é algo que pessoas normais fazem durante a folga, caso não saiba.

As palavras de Andrew fizeram impacto. Eu realmente vivia para trabalhar naquele momento da vida. Pensei um pouco mais antes de acatar o conselho do meu amigo.

— Tudo bem — disse para depois dispensá-lo.



Enquanto os gêmeos ficaram brincando na sala, eu subi para tomar banho. A única coisa que gostava mais do que trabalhar era estar com os meus filhos. Filhos que um dia sonhei e jamais pensaria que fosse ter.

— Não, Mason! Você tá fazendo errado.

Cheguei no pé da escada a tempo de ouvir uma pequena discussão se instalando. A governanta perto deles só observava.

Os gêmeos estavam no tapete com uma aquarela de giz e lápis de cor em volta deles. Ambos debruçados em cima de uma folha branca onde depositavam suas obras de arte.

— O que seu irmão está fazendo de errado, Aiden? — Perguntei curioso, pairando sobre eles.

Dois pares de olhinhos azuis como os meus me olharam e os dois meninos se levantaram e tagarelaram durante algum tempo.

— Ainda não entendi o que está acontecendo — os dois se calaram enquanto eu falava, depois começaram tudo de novo. — Um de cada vez. Quem vai ser o primeiro?

Mason levantou o seu papel antes do irmão. Balancei a cabeça para que ele falasse.

— Eu fiz um desenho. Aqui é a mamãe, você, eu e o Aiden.

Sentei perto deles para conseguir ver melhor o desenho. Se o garoto não tivesse informado, eu nunca acharia que aqueles círculos esquisitos eram

pessoas.

— Certo, Maze.

— Mas tá errado, papai! — Aiden bateu o pé.

— Está errado por quê, filho? — Questionei com calma, tentando entendê-lo.

— Eu e Maze vamos ter dois papais agora — a menção a “dois papais” fez o meu coração palpitar. — Agora é assim: você, a mamãe, o Dylan, Mason e eu.

Como assim? Dylan vai ser pai dos meus filhos?

— Ah, é. Papai, o Dylan perguntou pra gente se ele podia casar com a mamãe e a gente deixou — o pequeno abriu os bracinhos de forma inocente.

Eu não podia culpá-los. Eles não faziam ideia do que estava acontecendo.

— Então a mãe de vocês vai se casar com Dylan? — Perguntei, ainda sem crer nas palavras que saíam da minha boca.

— Vai. Você não quis casar com ela...

Passei mais um tempo ali com os meus filhos. Eles estavam muito felizes, era inegável. Diziam que não tinham nenhum pai, agora teriam dois.

Primeiro, fiquei sabendo que Ava e Dylan estavam se encontrando. Não levei a sério. Porém, no dia que a vi na boate desfilando até chegar nele, depois darem um beijo cenográfico, eu fiquei mal por perceber que a mulher que eu amei e continuaria amando até o fim dos meus dias estava beijando outra boca. Não queria nem imaginar a minha Ava transando com outro homem. Ainda mais o Dylan, que era um puta cara perfeitoinho.

Merda! Mil vezes, merda!

Joguei minha cabeça entre as mãos.

— Que foi, papai?

— Nada, filho — passei a mão na cabeça deles. — Voltem a brincar.

Levantei e dei alguns passos até sentar no sofá. Eu não estava

preparado para um choque como o que acabei de receber. Aquilo definitivamente não podia estar acontecendo. Entendi muito bem quando Ava me pediu espaço, queria que ela reavaliasse a situação e, na minha arrogante concepção, ela voltaria pra mim depois de algum tempo e agora ela iria se casar com outro cara.

— Senhor Volkmann? — Julia me chamou. — É a senhorita Stacy no telefone.

Peguei o telefone, desejando que não fosse o que eu achava que era.

— Pois não, Stacy.

— Boa tarde, senhor. Eu estou ligando para avisar que o senhor realmente vai ter que comparecer àquele evento em Londres. — Descansei na cabeceira do sofá. — Os diretores já têm compromissos agendados para essa semana e o novo executivo do banco está afastado por motivos de saúde.

— Ok, já entendi. Obrigado — concordei, não tinha como fugir daquele compromisso.

O tal evento aconteceria na terça-feira. Teria que fazer papel de babá, uma coisa cansativa. Vigiar os meus investidores para que eles não resolvessem investir no concorrente.

Olhei para os meus pequenos, que permaneciam rabiscando freneticamente em qualquer coisa que pegasse a cor dos seus lápis. Tentei não demonstrar o quanto as coisas estavam indo contra mim. Mason e Aiden mereciam mais do que um pai rabugento. Ainda mais quando tinha outro “pai” na jogada.

Aquilo era uma loucura sem tamanho.

Eu não sabia o que faria sobre aquela situação. Só tinha certeza de que eu faria alguma coisa.



Dois dias depois...

Londres era um lugar legal, apesar de a infraestrutura não me agradar. Havia chegado no começo da tarde. O evento anual do comércio em solo

britânico aconteceria tão logo a noite caísse. Como aquele tipo de conferência terminava tarde, eu iria embora no dia seguinte.

Passado um par de horas, desci alguns andares do hotel, onde já via algumas pessoas passeando com seus crachás de acesso para o evento.

Cheguei ao quarto andar, onde era possível ver grupinhos de empreendedores fisingando suas vítimas, ou melhor, seus novos sócios. Não tinha por que achar estranho, assim era a rotina empresarial.

— Dion — virei quando ouvi a voz de Omar, um dos maiores empresários da Arábia Saudita. — Também não teve como escapar?

Apertei a mão do homem com quem eu tinha desenvolvido um tipo de amizade estranha. Nós dois compartilhávamos apatia por eventos como aquele.

— Diretores ocupados, funcionários doentes... — respondi. — E quanto a você?

— Ah, minhas esposas ficaram de TPM no mesmo período. Nada é pior do que três mulheres com os hormônios a flor da pele. Não consegui ficar nem perto — o homem fez uma careta.

Não tinha a menor ideia de como era passar por aquilo, ainda mais com três mulheres. E eu só queria uma.

Omar continuou falando dos problemas matrimoniais enquanto meus pensamentos foram desviados para o que eu faria quando voltasse para Nova Iorque. Planejava acabar com um casamento antes mesmo dele ser oficializado.

Eu cumprimentava e dispensava os empresários à medida que eles apareciam. Decerto conversaria com alguns deles com mais calma depois. Também não estava ali por lazer.

Primeiro, eu precisaria de informações. Data, local, horário da cerimônia. Depois teria que ir atrás de Ava, somente para conversar. Na pior das hipóteses, cairia de joelhos na sua frente, implorando para que ela me desse mais uma chance. Talvez antes disso eu conversasse com Dylan, falaria pra ele dar o fora. Ofereceria dinheiro, o meu banco se assim ele quisesse.

Ou simplesmente aceitaria a decisão de Ava quando me pediu em súplicas para que eu não a procurasse mais.

Razão e emoção se chocando, precisava definitivamente de uma saída. Eu não era capaz de fazer aquela escolha, só precisava de uma dica, um sinal quem sabe.

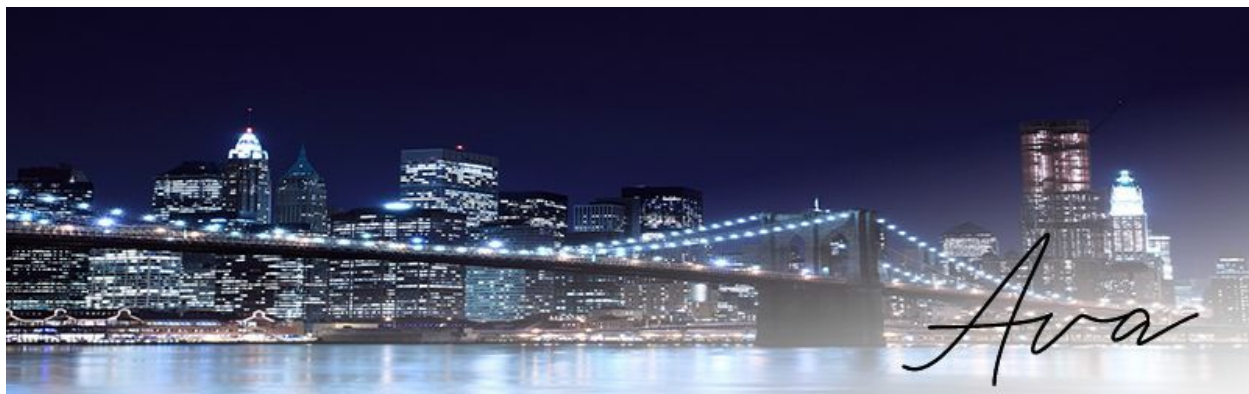
— Tem uma mulher aqui que tá me fazendo querer aumentar os meus problemas em casa. Uma perfeição em rosa — voltei a focar na voz do meu amigo árabe.

— Você já não tem mulheres o suficiente? — Meu tom era bem humorado.

O homem deu uma risada, depois um gole em seu champanhe.

— Olhe só pra ela e me diga se eu não tenho razão.

Omar apontou para a linda mulher em um vestido rosa. Uma dama estonteante. E quando seus olhos verdes singulares me fitaram, neles eu encontrei o sinal que precisava.



CAPÍTULO 34

Assim que vi Dion há uns quatro metros de distância, torci para que ele não se aproximasse. O evento acabaria logo e eu correria para o mais longe possível. Já havia conversado com os empresários que eram do interesse da Carter Inc. e até outros que seriam interessantes mais pra frente. Fiz tudo aquilo como se o motivo da minha confusão emocional não estivesse ali me observando a cada passo dado.

Notei que algumas pessoas já haviam deixado a festa, então saí despistadamente.

Entrei no meu quarto, que ficava apenas alguns andares dali, e fechei a porta, sentindo-me aliviada. Tirei a roupa como se nada de anormal estivesse acontecendo.

Será que era realmente ele? Ou só mais um devaneio da minha mente fértil?

O que eu deveria fazer para tirar aquele homem da minha cabeça? Da minha pele?

Tomei um banho rápido e me enfiei numa camisola de renda. Deitei minha cabeça no travesseiro, esperando que a visão de Dion me espreitando na festa se desfizesse. Ledo engano. Eu estava ansiosa. Pelo simples fato de vê-lo.

Após alguns minutos de agonia, eu fui para a sala. Aquele era um hotel executivo e tinha certo luxo. Além de dormir, os hóspedes ainda desfrutavam

de um espaço adequado para trabalhar.

Sentei na poltrona, mas a minha inquietação não permitiu que eu ficasse sentada por muito tempo. Levantei e encostei na beirada da janela de vidro, não havia nenhuma paisagem para eu me apegar. Estava em expectativa. Tentei afastar meus pensamentos em vão, mas sabia muito bem o que estava fazendo ali em pé, em frente à janela. Eu estava esperando por ele.

Observei a porta por um tempo antes mesmo que alguém batesse nela. Ouvi o primeiro toque, aguardei alguns instantes antes de decidir abrir.

Girei a maçaneta com cuidado e abri a porta, o suficiente para espiar quem estava lá fora. Descobri que a partir dali confiaria mais nos meus instintos, pois era quem realmente achei que fosse. Abri o resto da porta e o deixei entrar.

Fechei a porta e voltei para o lugar onde eu estava e aguardei que Dion dissesse algo. Ele havia passado onde estava hospedado e tinha trocado de roupa. Observei-o entrar silenciosamente. Momentos antes, eu havia sentido o cheiro inconfundível de uísque.

Perguntei-me se ele conseguiu o número do meu quarto na recepção.

Desci meus olhos para o chão quando o silêncio se tornou aterrador. Dion puxou o ar com força, voltei a olhá-lo.

— Se você tem algo a dizer, é melhor começar agora — informei.

Dion entrelaçou as mãos e me olhou determinado.

— Uma resposta. É só o que eu preciso. — Concordei, pedindo que ele fosse adiante. — Você se lembra quando nós tínhamos medo de falar de assuntos pessoais e você criou um jogo que ajudou bastante com isso? — Respondi um breve “sim”. — Eu tenho uma pergunta para você. E se responder sinceramente juro que nunca mais chegarei perto de você de novo.

— Então faça — pedi.

— Você ainda pensa em mim? — A pergunta foi feita de forma inocente.

Cruzei os braços e o olhei desafiadoramente.

— Claro — falei com firmeza, mas, quando ele fixou o olhar de um jeito que me fez ficar com as pernas bambas, eu desviei os olhos encabulada. — Quero dizer, você é o pai dos meus filhos. Eu preciso pensar em você.

— Fiquei sabendo há pouco que os nossos filhos terão outro pai. Nunca parei para imaginar você e Dylan juntos. Havia boatos e tinha aquele dia no seu antigo prédio, mas eu não conseguia ver vocês dois como um casal. Daí vi vocês na boate e foi como receber uma bala no peito.

— Por favor, não faça isso — sussurrei, sentindo o meu coração ser esmagado ao ver Dion com um semblante desolador.

— Me desculpa se eu não consigo aceitar que as coisas entre a gente terminaram dessa forma. Apesar de tudo. Depois de tudo. Eu não consigo! Se eu soubesse, eu faria tudo diferente. Eu não colocaria o meu desejo de vingança a frente do seu desejo de justiça. Eu não teria te poupado de decidir o que era melhor pra nós. Jamais apareceria para você com outra mulher, aquilo foi insanidade, hoje eu sei. E nada disso valeu a pena se perdi o que mais importa.

Coloquei os braços ao redor do meu corpo, tentando segurar aquela sobrecarga de angústia.

Dion caminhou ao meu encontro. Eu permaneci em pé, parada. Deixei que ele me tocasse no rosto.

— Eu só vim aqui para dizer que eu vou me esforçar para ser o melhor dos dois pais que os gêmeos vão ter, mas quero que saiba que, não importa quantos anos passem, eu vou continuar te amando desesperadamente como amo agora, com todos os meus defeitos — a voz dele falhou. — E que nunca será tarde o suficiente para você me dizer que quer tentar de novo.

Voltei a olhá-lo jurando nunca ter visto tanta dor e arrependimento naquelas órbitas azuis antes.

— Enfim, só queria que você soubesse... — continuou.

Dion permaneceu me olhando como se esperasse uma resposta. Senti-me petrificada no lugar. Ele começou a se afastar com um sorriso de derrota, balançando a cabeça como se entendesse o que eu estava formalizando.

— Eu não vou me casar — falei baixo antes de ele sair de vez.

— O quê? — A pergunta saiu de supetão no momento que se virou para mim.

Levantei a mão esquerda para mostrar um detalhe que ele não tinha percebido. Eu não usava um anel de noivado.

— Dylan me propôs e eu não aceitei — expliquei.

Dion levantou as sobrancelhas totalmente espantado.

— Não? Mas...

— Mas o quê?

— Por quê?

O momento que Dylan pediu a minha mão em casamento ainda estava bem fresco na minha memória. Ainda não conseguia definir o que sentia por ele. Se era paixão, encantamento, afeto. Só sabia que aquele sentimento não se sustentava sozinho. Como queria sentir por ele o mesmo que ele sentia por mim. Eu tentei durante meses e fracassei.

Não tinha me curado de um amor e aceitar me casar com um homem maravilhoso e gentil como Dylan para esquecer Dion era totalmente cruel. Eu não queria me machucar, acima de tudo não queria machucar mais ninguém.

E quando ele me perguntou se eu me casaria com ele, eu chorei copiosamente porque não esperava um pedido daqueles tão cedo. Então me levantei da cadeira no restaurante e me despedi com um pedido de perdão, avisando que não me casaria.

— Porque eu amo outro homem. — Dion engoliu em seco e passou a me olhar ansiosamente. — Eu disse que não era justo com ele nos casarmos se eu não estava pronta para devolver o amor que ele estava disposto a me dar.

Fiquei olhando para ele e ele retribuindo. Milhares de coisas pesavam ao nosso redor, contribuindo para um clima tenso, mas estávamos ali, tentando. Ele não havia desistido de mim e nada passou de palavras ditas da boca para fora quando eu disse que tinha desistido de nós dois.

Dion deu um passo e me olhou, esperando que eu tomasse a iniciativa. Aproximei-me a passos curtos e lentos, porque sabia onde queria chegar.

Toquei-lhe o rosto carinhosamente. Ele havia tirado a barba, o que dava um ar de pureza a sua fisionomia. Continuava lindo, mas parecia um menino assustado. A respiração dele ficou acelerada quando o toque da minha mão chegou a seus lábios. Eu sentia os olhos incertos dele me encarando.

— Por muitas vezes eu estive perdida, sem saber o que queria pra mim. Mas agora eu vejo o quanto é fácil perceber isso quando o que eu quero está bem na minha frente. — O rosto de Dion ficou cada vez mais perto do meu, eu sentia o seu hálito tão quente quanto a minha pele.

Os meses com Dylan me ensinaram que não adiantava procurar algo em uma pessoa sabendo que nunca encontraria. Eu procurei nele ser amada, no entanto nunca conseguiria amá-lo. Não era uma troca justa.

Como eu não necessitava de uma contestação, os lábios de Dion chegaram até os meus, movimentando-os a demonstrar sua urgência. Fui tomada com voracidade pelos seus braços firmes, propensos a não me deixar escapar.

Com toques delicados, eu fui acalmando aquele furacão dentro dele, ditando um ritmo mais suave. Puxei o suéter dele para cima e ele retirou o restante. Acaricieei seu peitoral nu com um pouco de malícia até chegar à calça. Após despi-lo, Dion me despiu com dois movimentos de mão. Sem ter nenhum obstáculo para a nossa pele em frenesi, redescobrimos o nosso próprio prazer.

Dion tocou o meio das minhas pernas, para cima e para baixo, fazendo-me pedir por mais. Eu já havia perdido o eixo quando ele capturou meus seios com a boca e suas mãos insistiam em me afagar lá embaixo.

Ele me tirou do chão e me cobriu com seu corpo, sem deixar nenhum lugar desprotegido, beijando meu pescoço, invadindo a minha intimidade molhada. Aprofundando-se em mim com a obsessão de saber que havia algo marcado na minha pele, avisando que eu pertencia a ele.

Eu dava voz a cada gemido que ele me tirava, pressionando seus

quadris contra o meu em cima do braço de uma poltrona de couro que enfeitava o lugar. Os movimentos dele foram ficando mais rápidos, fui me entregando por completo com as lágrimas molhando o meu rosto. Limpando cada briga, cada mal entendido, cada decepção e tristeza que um dia comandaram o nosso relacionamento. Eu não queria mais aquilo.

Só assim eu me permiti curtir aquele orgasmo que batia estridente dentro de mim, implorando para ser libertado.

Tudo seria diferente, desafiei a mim mesma.

— Pode me perdoar? — Dion pediu com uma voz doce e pesarosa.

— Eu te amo e perdoo.

Dion me pegou no colo antes de me levar pra cama.



Eu estava por baixo enquanto Dion estocava deliciosamente contra mim. O orgasmo não era o nosso objetivo naquele instante, apenas nos deleitávamos com um momento íntimo e carinhoso. Dois amantes se amando.

— Ainda não resolvemos tudo — disse com uma expressão misteriosa.

Enrosquei meus braços em seu pescoço e o olhei com paciência, esperando que ele falasse mais.

— Você disse que não aceitou se casar com Dylan porque não o amava — prosseguiu.

— Exatamente.

— Então, nesse caso, eu preciso tentar. — Desviei o olhar, sabendo onde aquela conversa daria, mas Dion puxou meu queixo para olhá-lo.

— Você não precisa fazer isso, Dion. Não agora — aguardei o que viria.

— Tarde demais — ele abriu um sorriso tão animado e enfiou seus dedos em meus cabelos, me dando um vislumbre de seu sorriso. — Ava, eu te quero tanto que eu não sei se uma vida inteira ao seu lado será o suficiente.

Eu preciso de você com tanta força que cada dia que estivemos longe eu rezei para que aquele fosse o último. Não sei o que teria feito todos esses anos se você não tivesse aparecido para abalar o meu mundo. A minha vida sem você não faz o menor sentido. — A emoção aumentava a cada instante e eu não pude aguentar por muito tempo. O meu amor por aquele homem era tão grande que se fazia transbordar e eu também não conseguia imaginar a minha vida sem ele. — E hoje a única coisa que quero é colocar um anel no seu dedo e reivindicá-la pra mim. Mas...

— Mas o quê? — Quase gritei, incomodada com a possibilidade de alguma coisa estragar aquele momento perfeito.

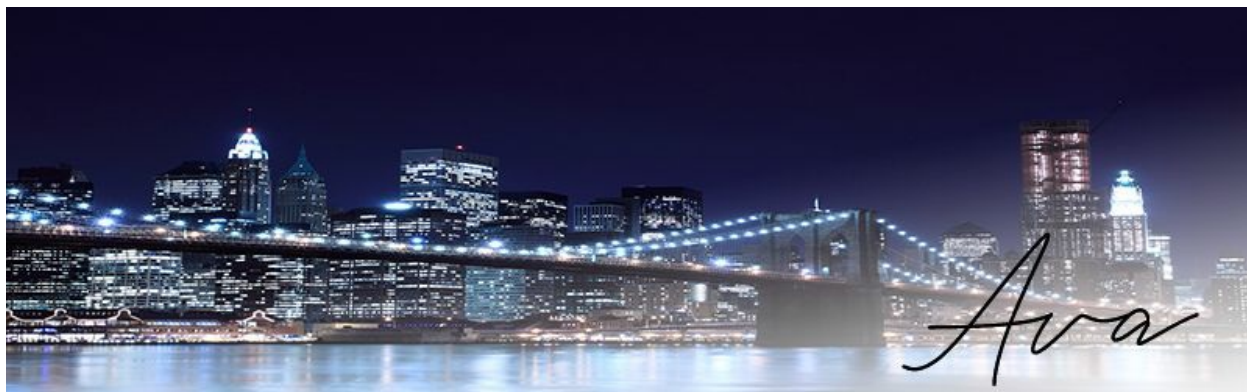
— Eu não tenho um anel aqui. — Soltei uma risada aliviada.

— Dion, nós não precisamos dessas coisas. Eu fui pedida em casamento com um anel de brilhantes enorme e não aceitei.

— E então? — Olhou-me ansioso pela resposta.

— Isso é um sim. Sim! Sim! Sim!

Gritei internamente. Eu iria me casar com o amor da minha vida. Quantas pessoas já tiveram a mesma sorte?



CAPÍTULO 35

Casamento – Parte 2

Um pequeno filme passou pela minha cabeça. Uma versão alternativa onde os meus pais não estivessem mortos. Pensei naquele dia sendo celebrado com a minha mãe, nas experiências que compartilharíamos. Eu contando para ela o quanto amava o meu noivo enquanto ela ajeitava o meu vestido, dizendo como eu estava linda. Pensei também em meu pai, nele me conduzindo pelo caminho até o altar, refletindo consigo mesmo o quanto a sua garotinha havia crescido, depois aconselharia o meu noivo brevemente antes de me entregar para ele.

Quando dei por mim, estava chorando por algo que nunca aconteceria. Contudo, eu tinha o agora e ele era igualmente maravilhoso.

Os meninos escaparam da minha mão e deram alguns passos para abraçar o pai. Não era para eles terem caminhado comigo. Eu não tinha mais um pai para me entregar ao meu noivo, porém eu tinha uma duplinha que só trouxe alegria para a minha vida e eu fui sincera quando disse que eles sempre seriam os homenzinhos mais importantes para mim.

— Vem cá você também, mamãe. — Dion me puxou para mais perto, percebendo meus olhos marejados. Foi impossível evitar o magnetismo entre as nossas bocas e, quando o juiz de paz viu o que estávamos prestes a fazer, ele deu um sonoro pigarro. — Deus, eu sou o homem mais sortudo desse universo — falou no meu ouvido antes de virarmos para o altar, arrancando de mim uma risadinha vaidosa.

Depois de pouco mais de quatro anos, eu estava de volta a São Francisco. A cidade em si já não era tão especial para mim, mas o lugar onde estávamos pisando, sim. Ali debaixo do altar, sob a areia, foi onde eu e Dion demos o nosso primeiro beijo. Aquele foi o dia que soube que as nossas vidas ficariam conectadas para sempre. O dia em que ele abriu as portas da sua vida para mim.

Dion havia deixado claro que nos casarmos na igreja não seria problema, contudo eu não me sentiria confortável em um templo sagrado devido ao meu passado. Dei sugestão de fazermos a cerimônia na casa onde Camille morava. Não foi fácil para Dion no começo, mas aos poucos ele foi se acostumando a ideia de voltar para a casa de sua infância. Ele havia transformado o lugar em uma instalação da Cuidar, onde diversas atividades recreativas entretiam crianças e adolescentes carentes da cidade.

Olhei por cima dos ombros de Dion para observar Andrew e Carl. O motorista tinha o maior sorriso do mundo no rosto, ele já era parte da família, e o melhor amigo do noivo parecia orgulhoso, o que também me deixava feliz. Já ao meu lado estavam as minhas duas melhores amigas, Tracy e Bonnie. Se existia alguém a que eu confiei toda a minha história, principalmente com Dion, eram elas.

— Você está pronta? — Dion me perguntou quando estávamos frente a frente. — Agora é pra valer.

Concordei com a cabeça. Sorri ao ver que Aiden ainda estava me segurando e Mason permanecia agarrado à perna de Dion, escondendo-se como se aquilo fosse uma brincadeira.

Eu e Dion nos casamos sem soltar os nossos filhos e aquilo parecia ter um significado simbólico. Não importava onde nem o porquê, permaneceríamos sempre juntos como uma família.



Natal

— Senhora Volkmann?

— Pois não, Júlia — falei, prestando atenção na governanta.

— Onde eu peço para deixarem a outra árvore?

Olhei em volta da sala procurando um lugar que já não estivesse entupido de enfeites.

Após alguns meses, o natal havia chegado e o frio tomava conta dos nossos dias. Dei alguns passos, percebendo um lugar interessante para colocar a última árvore de natal que eu havia encomendado.

— Ali do lado das escadas. Não muito pra trás e também não muito pra frente, só... — pensei como explicaria aquilo. — Júlia, pode deixar. Quando o entregador chegar, me avisa.

Era a minha primeira vez como anfitriã de uma festa de natal. Eu estava muito nervosa. Havia acumulado um estresse nas últimas semanas, carregando o fardo de querer entregar uma festa inesquecível. Dion não queria comemorar. Aquele dia seria muito doloroso para ele, ao passar mais um ano sem Camille, porém insisti e o convenci a fazer a nossa primeira festa como uma família.

Agachei para pegar a caixa com os enfeites da árvore e coloquei na escada antes de chamar os gêmeos e Dion para enfeitá-la. Quando voltei a ficar em pé, me veio uma tontura chata que me incomodava há alguns dias. Debrucei-me no corrimão, esperando aquela sensação passar.

— Amor, está tudo bem? — Dion apareceu e tocou meu rosto com preocupação.

Vi que ele havia acabado de deixar a academia. Recompus-me imediatamente.

— Estou sim — dei de ombros. — Cadê os meninos?

Ele nem precisou responder. Logo depois escutei um alvoroço vindo pela porta da cozinha. Eles adoraram a casa nova que tinha um quintal enorme para se divertirem. Pela porta da sala, eu vi a nossa governanta dar passagem para os entregadores trazendo as últimas peças da minha decoração de natal.

— Aqui, por favor — indiquei o local que eu gostaria que colocassem a árvore. — Querido, pega essa caixa na escada pra mim — pedi com uma

voz doce para Dion.

Ele chegou perto com a caixa em mãos.

— Já é o nosso presente, mamãe?

Os meninos ficaram saltitando ao redor do pai, tentando ver o que tinha dentro dela. Dion não tinha a menor vontade de esconder que era avesso ao natal.

— São só enfeites da árvore — ele disse ao espiar o conteúdo. — O presente de vocês, o papai vai dar só mais tarde — explicou.

— Ok — juntei as mãos entusiasmada. — Agora eu preciso que vocês enfeitem essa pobre árvore verde e sem graça. — Peguei na bochecha de cada gêmeo, apertando levemente. Dion colocou a caixa de enfeites em cima de outra e veio atrás de mim quando fui em direção às escadas. — O que está fazendo, papai? Você vai ajudar também.

O rosto de Dion murchou, continuei subindo as escadas. O resto dos preparativos ficariam com os empregados e o serviço de bufê.

Cheguei apressada no quarto, procurando a minha bolsa. Ao achar, fuzei dentro dela até encontrar a sacolinha da farmácia que ficava na rua da Carter Inc. Desembalei o teste de gravidez e fui para o banheiro receosa. Eu estava com todos os sintomas. Minha menstruação já tinha se atrasado mais de dois meses, mas eu permanecia ansiosa.

Fui para o banheiro e li rapidamente as instruções, jogando a caixa do teste fora. Depois de fazer os procedimentos, sentei na tampa do vaso para aguardar no resultado.

— Ava, tem certeza que está tudo bem? — Dion perguntou após uma batida na porta.

— Eu estou bem, querido. Não se preocupe — esperei ele ir embora.

Eu já estava suando frio com toda aquela situação. O alarme do meu telefone tocou baixinho como eu havia configurado. Virei a tela de LED do teste para conseguir ver o resultado.

Prendi o ar nos meus pulmões por alguns segundos.

— Ah, meu Deus!

Algum tempo após o casamento, eu acompanhei Dion em uma consulta com um especialista de fertilidade. O mesmo que Jenna consultou para fazer a inseminação. Ainda era um mistério como eu havia conseguido engravidar de um homem, em tese, estéril. O médico disse com todas as letras que não havia nada de errado com os exames anteriores dele e afirmou que Dion realmente não era capaz de ter um filho de sangue mesmo depois de falarmos que eu tinha dois filhos dele.

O médico concluiu que aquilo não era algo que a ciência conseguiria explicar, dizendo por último que uma gravidez não aconteceria novamente. Eu passei a ver os meus filhos como um milagre. Um chamado de cima me orientando a não desistir. E foi a partir do momento que eu decidi deixá-los seguros em meu ventre que inúmeras coisas boas se desenrolaram na minha vida.

No entanto, havia a parte que o médico disse que Dion não engravidaria alguém novamente. Era ali que estava a minha preocupação. Ele acreditaria em mim ou no médico?

Segurei o teste em minhas mãos sem saber ao certo o que faria com ele. Respirei e pensei friamente até ter a ideia de enrolar o teste em papel higiênico e jogá-lo no lixo. Depois disso, eu precisava saber como abordaria aquele assunto com Dion, sem recriar a cena do desastroso natal em que eu o avisei que estava grávida dos gêmeos.

Logo depois de verificar que lá embaixo estava tudo perfeito, eu arrumei meus filhos e pedi que as babás os observassem para que eles não desarrumassem nada. Mônica permanecia comigo e havia ganhado uma ajudante.

Dion se aprontou e foi receber os convidados. Produzi-me com um vestido longo prateado. O vermelho era a cor do natal, mas aquela cor não havia me dado sorte em uma ocasião semelhante. Optei por um vestido de platina frisada, elegante e sensual na medida certa. Foi assim que a vendedora definiu a minha escolha para aquela noite.

Deixei meus cabelos soltos e os cacheei nas pontas. Finalizei com um conjunto de joias que Dion me presenteou no nosso primeiro mês de casados

e estava pronta.

Desci para festa sem deixar de criar um burburinho. Assim que os meninos me viram, vieram até mim feito dois foguetes e começaram a falar entusiasmados sobre o presente que haviam ganhado do papai Noel – mais conhecido como Dion. No começo, eu achei que dar carrinhos motorizados para duas crianças de quatro anos seria um pouco demais, mas, vendo a alegria daqueles dois pequenos, comecei a achar o contrário.

— Cadê o papai? — Perguntei pra eles e um pouco pra mim mesma.

Foi só falar a última palavra que senti o toque de Dion na minha mão.

— Você precisa parar de fazer isso — disse ao meu ouvido. — Eu já não tenho repertório para poder fazer jus a sua beleza.

— Tem sim. Acabou de fazer um muito bom — respondi sorrindo.

Os meninos saíram correndo quando avistaram os filhos de Bonnie e Tracy que haviam acabado de chegar.

— Desculpe, amor. Preciso ser uma anfitriã agora — agarrei o pescoço dele e o beijei lentamente antes de sair.

— Tudo bem, mais tarde volte pra mim — piscou.

Cumprimentei minhas amigas e comentei meu nervosismo. Elas me tranquilizaram, dizendo que estava tudo perfeito.

— Que bom que vocês vieram! — Falei, direcionado a Vivian e Jenna.

O bebê conforto com o pequeno Matthew dormindo despreocupadamente estava sendo balançado por uma de suas mães e, ao perceber o semblante delas, pareciam estar há duas semanas sem dormir.

Trocamos ideias sobre maternidade e outras coisas, elas haviam avisado que não ficariam muito tempo, uma vez que a neve caía sem parar.

— Jenna, quando você volta a trabalhar?

— Já no mês que vem. Por quê?

— Talvez eu precise de uma obstetra — respondi e, antes que elas fizessem maiores perguntas, eu segui Grace até os seus pais.

A pequena aproveitava muito bem a habilidade recém-adquirida de andar.

— Amber, você está linda — elogiei ao ver a ex-esposa do meu marido em um bonito vestido vinho.

Ainda era estranho a forma que nos aproximamos nos últimos meses e o mais impensável era que tínhamos muito em comum.

— Andrew, posso falar com você? — Olhei para Amber, procurando nela uma espécie de permissão, depois levei Andrew para um canto onde ela pudesse ver que eu não tinha a intenção de roubar outro marido dela.

— O que tem de errado? — O homem perguntou confuso.

— Nada. Eu só gostaria de dizer algumas coisas que não tive oportunidade de dizer antes.

— Então diga logo. Não quero dormir no sofá hoje.

Suprimi um risinho com a preocupação dele.

— Eu só queria dizer obrigada pelas coisas que você fez por mim.

— Espere — levantou um dedo —, eu não fiz nada por você, tá bom. E sim pelo meu amigo.

— Me deixe terminar, por favor! — Grunhi. — Eu sei que você tinha e ainda deve ter as suas reservas contra mim, mas apesar de tudo você foi uma pessoa importante para que eu esclarecesse algumas coisas e pudesse estar aqui com a minha família hoje.

— É, realmente... — concordou convencido. — Você estava envolvida em umas coisas que eu não desejo nem para os meus inimigos.

— Sei que não somos amigos, mas no meio da gente tem Dion e acho que podemos nos esforçar para não ficarmos brigando como duas crianças birrentas perto dele.

— Isso é algo que eu concordo.

— Nesse caso então, diante desse clima natalino de prosperidade e harmonia — ele fez uma careta diante da minha demagogia —, eu venho pedir uma trégua.

Andrew refletiu por um instante e estendeu a mão para mim.

— Trégua aceita.

Depois de conseguir o que eu queria, virei-me para cumprimentar os demais convidados.

— Ava? — Voltei a olhar para Andrew quando percebi que ele ainda tinha algo a dizer. — Já que não podemos ser amigos e Dion é como um irmão pra mim, você pode ser a minha... sei lá... irmãzinha — o tom de brincadeira era claro na voz dele, mas havia também um ar de sinceridade.

Suspirei embaraçada, pois não esperava por aquilo.

— Eu nunca tive um irmão — disse-lhe, sentindo uma onda de emoção tomar o meu rosto.

Droga! Era insano, mas perfeito. Irmãos brigavam, se odiavam e no fim estavam lá, um pelo outro.

Saí de perto de Andrew e procurei Dion por todos os lados. Encontrei-o sozinho na varanda, olhando para o alto de onde vinham alguns flocos de neve que caíam devagar na nossa frente.

— Está frio aqui fora — falei ao ficar mais próxima dele.

Beijei seu ombro para apoiá-lo. Aquele dia não lhe fazia bem, só queria que ele superasse.

— Passei os últimos natais trabalhando feito um louco para tentar esquecer o que ele passou a significar pra mim. E agora eu tenho você, os nossos gêmeos. Mas eu... ainda não consigo evitar sentir falta dela.

— Não tem nada de errado em sentir saudades, querido. Camille era a sua mãe e uma mulher admirável. Também sinto falta dela. — Olhei para o meu marido com ternura. Fiz uma pausa e respirei fundo. — Eu não tinha a intenção de fazer isso, simplesmente aconteceu.

Dion se voltou pra mim, levantando uma sobrancelha.

— É agora que você me diz por que passou o dia toda misteriosa?

Peguei a mão dele e a encostei delicadamente em meu ventre. Não sei se já podia culpar os hormônios, mas era a segunda vez que me emocionava

em menos de dez minutos.

Dion olhou para aquele gesto com estranheza.

— Ava, você está...

— Sim — respondi, percebendo as lágrimas rolando. — O nosso segundo milagre.

Senti uma rápida carícia dele, depois Dion parou um tempo para pensar.

— Mas os médicos, eles...

— Eu sei o que os médicos disseram. Eu estava lá com você. Acontece que eles erraram uma vez e estão errados de novo.

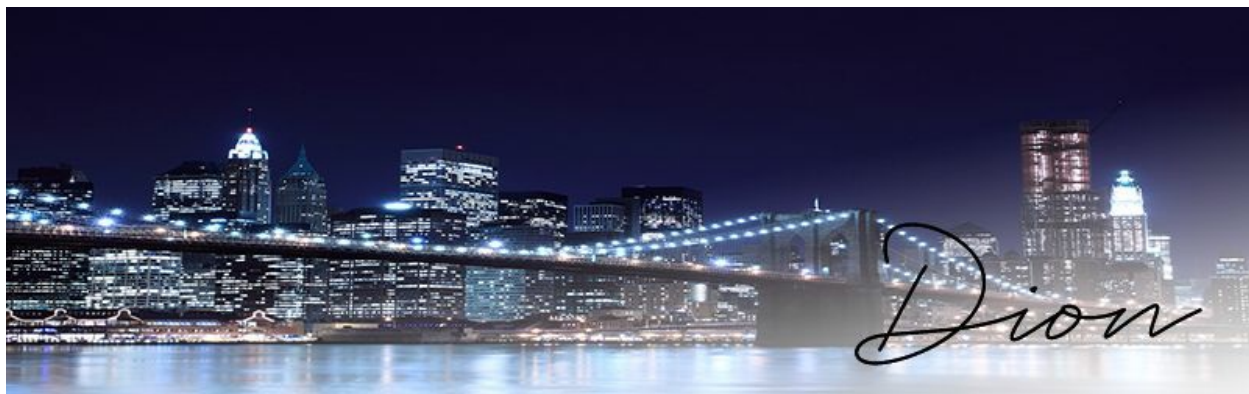
Vi surgir nele um sorriso bobo.

— Deus, isso é loucura.

— É, eu sei — capturei o rosto dele e o beijei carinhosamente. — E quando algo na nossa vida não foi?

Eu ainda não sabia os obstáculos que a vida tinha preparado para nós dois, no entanto, depois daquela revelação, eu tive certeza de que tínhamos passado em um teste e havíamos atingido o objetivo de confiar um no outro mesmo que a ciência e o mundo dissessem o contrário.

Tranquilei-me nos braços do meu marido, sabendo que, com a confiança regendo o nosso casamento, estávamos prontos para enfrentar qualquer coisa.



BÔNUS FINAL

Despertei, sentindo alguma coisa subindo pelo meu corpo. Abri um sorriso sonolento, pensando ser Ava, até sentir duas patinhas em cima do meu peito e algumas lambidas na cara.

— Argh, Tommy! — Falei fazendo careta.

O pequeno fez de novo, mas daquela vez eu o peguei e o coloquei no chão.

Tommy foi o presente de aniversário de cinco anos dos gêmeos. Quando os meninos viram o filhote de labrador retriever, foi amor à primeira vista e aquela bola de pelos brilhantes se tornou parte da família instantaneamente.

Fui em direção ao banheiro, peguei a escova de dente, vendo o cão sentado ao meu lado.

— O que está fazendo? Aqui não é lugar pra você — expulsei ele do banheiro, mas, quando fui fechar a porta, ele conseguiu entrar de novo. — É perda de tempo discutir com você, não é? — Falei por fim, concordando que teria um vigia no banheiro.

Saindo de lá de banho tomado, o cachorro tomou a frente e ficou latindo para a mesinha ao lado da cama. Percebi ali um pedaço de papel.

“Coloque sua roupa de banho e venha curtir um dia de piscina em família.

Ass.: Sua Ava.”

A primeira coisa que eu fazia quando acordava era trazer Ava mais pra perto do meu corpo. Às vezes, dois pestinhas também, que inventavam todo o tipo de desculpa para dormir entre mim e a mãe deles. Hoje havia encontrado um bilhete. Um convite na verdade.

Vesti meu calção de banho e desci as escadas rumo a área de lazer, com Tommy a minha frente balançando seu rabinho contente.

A nossa casa tinha um espaço extraordinariamente grande, ficava um pouco longe de Manhattan, mas valeu a pena o investimento. Queria que meus filhos tivessem liberdade para brincarem em um grande quintal, além do mais, a família havia crescido em dobro.

Tommy correu como um raio para a área onde Aiden e Mason se refrescavam naquele domingo caloroso. Caminhei até a beira da piscina, percebendo minhas duas pequenas brincando em uma piscininha infantil cercada por boias rosa.

— “Papa” — elas disseram juntas, me chamando com as mãozinhas.

Peguei Mille em meu colo, depois Hanna. Cheirei seus cabelinhos divididos em duas partes com laços rosas enfeitando. Assim como Aiden e Mason, elas eram gêmeas idênticas.

— Deixaram vocês sozinhas de novo? — Comentei observando aqueles rostinhos cheios de protetor solar. — Cadê a mamãe, hein?

— Já vi que Tommy fez bem o seu trabalho — virei para ver Ava se aproximar carregando algumas coisas. — Achei que você nunca mais acordaria.

Ela estava dentro de um biquíni azul que mostrava as curvas adquiridas após a segunda gravidez. Soltei um suspiro. Alguns amigos me diziam que o desejo diminuiria depois dos primeiros meses de casamento, mas o que eu via acontecendo era o contrário. Eu mal podia ver a minha esposa que queria puxá-la para um canto qualquer e juntar os nossos corpos até eles se tornarem um.

— Eu não tenho culpa se a minha mulher ao invés de dormir à noite prefere trans... — Observei a repreensão em seu olhar.

— Camille e Hanna estão em seu colo, pare de dizer essas coisas perto delas — pediu em um tom sério, mas depois começou a rir.

— Como eu estava dizendo — falei baixo em seu ouvido. — Eu não tenho culpa se a minha esposa ao invés de dormir de madrugada prefere transar como uma leoa.

O rubor tomou conta de sua face enquanto tentávamos esconder aquele momento íntimo dos empregados.

— Você é o meu marido, é o mínimo que pode fazer — respondeu convencida, com um enorme sorriso, depois me deu um beijo breve e molhado.

Chamei os meninos para a mesa e coloquei as gêmeas em suas respectivas cadeirinhas de refeição. As meninas foram descobertas no mesmo dia em que a minha mãe tirou a própria vida. Dando um outro significado para o meu natal. Aquele dia nebuloso passou a ter um sabor agri-doce. O dia em que perdi minha mãe, mas ganhei duas filhas. Quando foi o momento de escolher o nome das novas integrantes da família, eu sabia que uma delas se chamaria Camille. Ava escolheu Hanna, por ser o nome de sua, também, falecida mãe.



Havia acabado de dar um gole no suco de laranja quando Júlia apareceu do meu lado, avisando que Paul estava ligando.

— Avisa pra ele que depois eu ligo, Júlia. Obrigado — percebi o olhar de Ava a me analisar.

Depois que a governanta se foi, eu voltei a tomar o meu suco normalmente. De alguma forma, a minha esposa parecia incomodada alimentando nossa pequena Mille enquanto eu fazia o mesmo com Hanna.

Mãe e filhas tinham vários traços parecidos, o cabelo claro e os olhos transitando entre o castanho e o verde eram as semelhanças que mais chamavam atenção, apesar de que Ava sempre dizia que elas eram a minha cara, que inclusive tínhamos os mesmo lábios prepotentes e eu não fazia ideia do que aquilo significava.

— Tem quanto tempo que não conversa com ele? — Puxou assunto.

— Uns quatro dias.

Ava desviou os olhos, sabia no que ela estava pensando, eu também refletia sobre aquilo às vezes.

Meu pai ficou sozinho em São Francisco. Após a morte de Bruce, ele caiu na real sobre o monstro que havia criado, mas aquilo não impediu que ele sofresse como um pai que perde um filho, quase enlouqueceu. Uns meses depois, a esposa o abandonou, levando com ela o conteúdo da conta poupança que ele tinha graças a mim.

Resumindo, ele ficou tecnicamente sem ninguém e sem dinheiro. Não coube acusação para ele no caso de Bruce, então eu via aquilo como um pagamento cármico. Algo que o universo trouxe para ele, porque, depois de tudo, lhe sobrou apenas o filho a quem ele havia dado as costas.

Eu recebia as ligações de Paul todos os dias, em que ele desabafava e dizia como estava arrependido de ter deixado Bruce chegar ao ponto que chegou. Ele perguntava das crianças, mas nunca se propôs a conhecê-las, nem quando esteve em Nova Iorque. Por isso parei de atender suas ligações. No começo, achei que ele queria refazer os laços perdidos, no entanto só estava preocupado se eu depositaria a sua pensão todos os meses como prometido.

Vi pelo canto de olho Mason jogar um pedaço de biscoito para o cachorro, fazendo-me acordar do devaneio. Após beliscar algumas frutas, os meninos voltaram para a piscina. Pareciam peixes que não podiam viver fora d'água.

O telefone de Ava tocou em cima da mesa. Ela olhou desconfiada para o aparelho, conferindo o autor da chamada.

— Trabalho? — Ela assentiu.

Ava estava no meio de um grande negócio. Um desafio e tanto. Eu compreendia a sua apreensão.

— É o investidor da China, aquele complicado — explicou.

— Ava, eu tenho certeza que você pode resolver isso sem sacrificar o

seu domingo. Acredite, se começar a trazer serviço para a nossa folga, virará uma bola de neve. Quando você se der conta, vai estar batendo ponto na Carter Inc. em pleno feriado de 4 de julho. — Ela me olhou assustada enquanto tentava conter a fúria da pequena Mille em seu colo. — É sério, eu sou um ex-viciado em trabalho, sei como as coisas funcionam.

Precisava dizer aquilo a ela. Algum tempo atrás, era eu quem colocava o trabalho no topo das minhas prioridades e Ava se destacava cada vez mais no mercado. Ela e Vivian quebravam paradigmas diariamente e eu era um poço de orgulho pelo que a minha amada esposa andava conquistando.

— Hum, talvez... acho que o grupo chinês já está no papo mesmo — deu de ombros.

Analisei-a por um instante, toda convencida de si.

— Sério?

— Sim — confirmou se levantando e indo para a beira da piscina, carregando as meninas no colo.

— Nossa, como você é incrível! — Cruzei os braços, comentando impressionado. — Eu ainda vou te roubar da Vivian, você vai ver.

Ela ergueu a cabeça depois de voltar as gêmeas para a piscininha e gargalhou incessantemente.

— Querido, me dê alguns anos e sou eu quem vai te contratar para trabalhar pra mim.

Caramba! Fiquei excitado.

Levantei os braços em rendição.

— Vai se lembrar de mim quando conquistar o mundo, senhora Volkmann?

Pulei na piscina enquanto ela se sentava a beira, com a piscininha das meninas bem perto.

— O meu mundo está bem aqui, senhor Volkmann — falou erguendo os braços.

Abri um sorriso, sabendo que eu fazia parte daquele mundo. Poderia

ser um domingo qualquer, mas era o domingo mais feliz da minha vida. Da mesma forma que a segunda-feira iria chegar e eu perceberia que aquele também seria o melhor dia da minha vida, e assim por diante. Não havia dias ruins quando eu acordava e via que tinha tudo que sempre sonhei.

Aproximei-me até ficar entre as pernas dela. Apoiando na beira, eu subi até roubar-lhe um beijo.

— Eu amo você.

— Eu amo você, Dion Volkmann.

FIM.

Duologia Insaciáveis.



Tratar sobre o tema prostituição é algo pesado, mas tratar sobre abuso sexual em um livro é algo assustador. É preciso muita responsabilidade para que o público possa ter o mínimo de compreensão sobre como as vítimas são afetadas, assim como as outras pessoas ao redor delas. Não bastasse tudo isso, Ava, minha primeira personagem no mundo literário, não só foi estuprada, como foi dopada. Consequentemente, não teve nem ideia do que lhe aconteceu no dia seguinte.

Muitas pessoas devem pensar que é muita coisa de ficção uma mulher ser estuprada e não saber ou se lembrar, mas infelizmente isso acontece mais do que imaginamos e a forma mais comum disso é o golpe chamado "Boa noite cinderela", onde muitos homens dopam mulheres com as chamadas "drogas do estupro" para abusar sexualmente depois.

Escrevendo a Obsessão do CEO, fiz uma pesquisa para saber como deveria escrever a reação do Dion. No entanto, foi muito difícil, porque os homens relatam um sentimento de impotência (como descrever o sentimento de impotência?) ao saber que não estavam lá para impedir que a namorada ou esposa fosse violentada, até porque eu também não saberia como reagir se uma amiga me contasse que foi abusada.

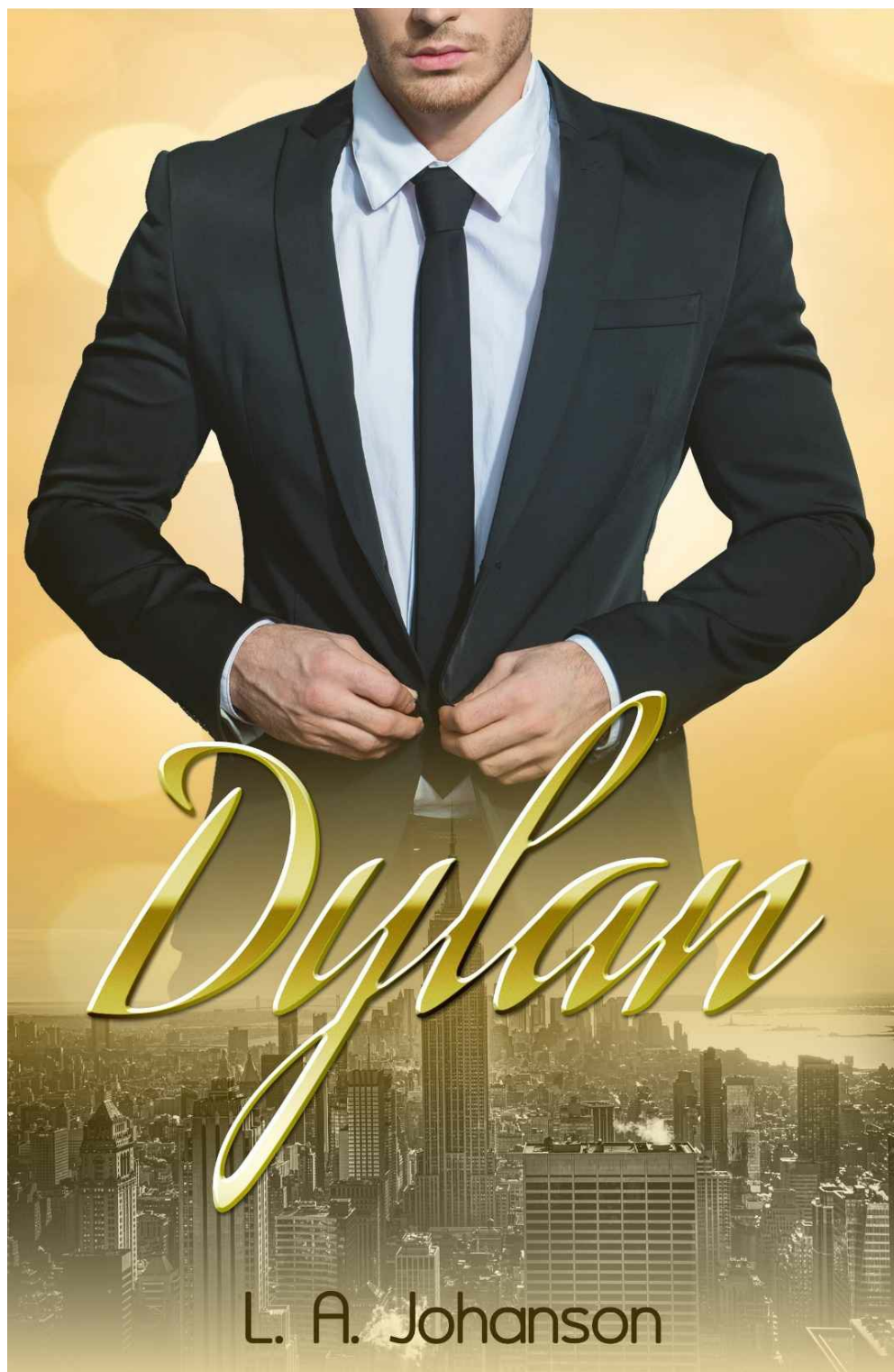
Ao mesmo tempo, temos o lado da Ava. Ela já tinha um histórico de abuso desde pequena e de alguma forma conseguiu lidar com isso sozinha, sem se abrir com ninguém até conhecer Dion e confiar nele o suficiente para contar como teve o corpo explorado sem ter ideia de que aquilo era muito errado. No final do primeiro livro, ela passou por novos episódios de abuso, porém só depois teve confirmação de que tudo foi real. Então, pensem com carinho em como ela se sentiu insegura e conflituosa para tratar desse assunto com o homem que ela ama. E pensem também no lado de Dion ao saber que

a mulher que ele jurou proteger foi violentada da maneira mais covarde possível.

Ceguei a comentar com as minhas leitoras na plataforma Wattpad que, se eu tivesse pensado com mais calma, eu nunca teria abordado assuntos tão extremos sem ter muita propriedade. De toda forma, acredito que, no fim, o livro possa ajudar em alguma coisa, seja para evitar julgar vítimas de abuso ou para alertar sobre as “drogas do estupro”.

Então, a você que leu a duologia, meu muito obrigada!

SPIN-OFF: DYLAN, O PRÍNCIPE DE NOVA IORQUE



SPIN - OFF
DUOLOGIA INSACIÁVEIS

Dylan

L. A. Johanson



Dedico a história do Dylan à todas as leitoras da Duologia Insaciáveis e ao meu sobrinho Théo.



Dylan é dono de uma badalada boate em Nova Iorque. É um rapaz sério, mas que se apaixona fácil. Ele amou Ava a ponto de pedi-la em casamento, mas com uma resposta negativa ele passa a questionar as suas ações e decidi não mais querer compromissos sérios até conhecer por acaso a beleza e simpatia de April colocando seus planos por água abaixo.

April é uma mulher forte e determinada, contudo o término relâmpago do seu último relacionamento colocou feridas onde só havia amor e é através de Dylan que ela experimentará algo novo. Dividida entre razão e emoção April deverá fazer a sua escolha.



PRÓLOGO

Alguns meses antes

— Dy, está tudo bem? — A voz de Ava tinha tons de preocupação. — Você parece um pouco nervoso.

Como previsto, eu não estava conseguindo segurar a ansiedade. A caixinha do anel de noivado já estava em uma das minhas mãos, aguardando para entrar em cena.

— Não, estou bem. — Peguei a taça de vinho e beberiquei. — Eu não sei se os gêmeos te contaram, mas alguns dias atrás eu conversei um assunto sério com eles.

Ela sorriu. Sempre sorria quando o assunto era os filhos.

— É mesmo?

— É, são duas crianças ótimas, muito inteligentes — afirmei.

— E qual o assunto sério que você e meus filhos falaram?

— Coisas de meninos.

Ava arregalou os olhos e depois os cerrou. Nunca conseguia esconder a curiosidade.

— Ok, Dylan Marsh. Agora você me deixou curiosa.

— Não é nada demais eu só comentei com eles que quando nós homens encontramos uma pessoa que valha a pena nós precisamos aproveitar

a oportunidade.

— Ah... Isso foi tocante.

Silêncio.

Ali estava a minha deixa. Aquela era hora de eu colocar para fora o discurso que passei dias montando na minha cabeça.

Respirei fundo e captei o olhar dela.

— Talvez você não tenha se questionado o motivo de eu te trazer aqui hoje, mas há um motivo — fiz uma pausa — Ava, eu estou aos seus pés e isso não é novidade para ninguém. Dois dias atrás, perguntei para Aiden e Mason se eles aceitariam que eu pedisse a mãe deles em casamento. — Os olhos dela cresceram. — Com muito custo recebi uma resposta positiva. Agora preciso saber a resposta da mãe. — Levantei da cadeira e me ajoelhei ao seu lado desejando desesperadamente que ela me aceitasse. — Ava Christina Banks, você quer se casar comigo?

Observei seu rosto petrificado com expectativas. Ava estava boquiaberta. Não era fácil discernir o que sua expressão revelaria como resposta, no entanto, previ que o pedido havia sido bem sucedido.

Enquanto os segundos passavam, o sorriso no meu rosto se desfez vagarosamente, ainda esperando um retorno que não veio.

Fiquei cada vez mais apreensivo e ao observar que ela chorava, mas não lágrimas de felicidades, o restaurante lotado ficou em completo silêncio. Me desesperei.

— Dylan. — Ela piscou algumas vezes. — Eu não estava esperando por isso... Ainda é muito cedo. Não acho que estou pronta...

Ava continuou a chorar copiosamente. Recolhi a mão com o anel ao ver onde aquilo daria.

— Então... você não quer?

— Quero que entenda que não é justo. Não vou fazer isso com você.

— Não vai fazer o quê?

— Me casar com você sendo que ainda amo outro homem — ela disse com pesar. Seus olhos pararam na bolsa de mão em cima da mesa antes de se

levantar. — Me perdoe Dylan, mas não posso me casar com você. Me perdoe...

Ela foi embora.

Ela foi embora.

Vi sua imagem ficando cada vez mais distante, pequena, até desaparecer. Meus joelhos já doíam, mas permaneci ali consternado, não tive forças para sequer reagir.

Pouco a pouco o som ambiente voltou ao normal com o espetáculo que acabara de chegar ao fim. Pensei ter recebido um tapinha no ombro como uma forma de apoio, porém nada naquele momento parecia claro.

A desolação me consumiu. Me senti um tolo, cego por não ter visto os sinais que Ava me deu.

Eu devia ter visto os malditos sinais.



CAPÍTULO 1

Boston

— Sim, meu amor — suspirei chateada —, eu vou demorar hoje. Preciso finalizar meu projeto, a apresentação já é amanhã.

A maioria dos funcionários já devia estar em casa, mas eu continuava aqui, preparando a apresentação perfeita para conseguir a minha tão sonhada promoção.

— Tudo bem, mas quando chegar eu vou estar aqui te esperando, do jeito que você gosta — Caleb disse com uma voz rouca, que me fez querer esquecer o trabalho e ir correndo encontrá-lo.

— Combinado — respondi prestes a desligar e não perder o foco. — Até mais.

— Tchau, minha delícia. Bom trabalho.

Tirei o celular da orelha e fiquei olhando para o aparelho com um sorriso no rosto, só então voltei aos meus afazeres.

A vida executiva não era nada fácil, se a concorrência era acirrada, então eu deveria mostrar o meu diferencial e eu já tinha o plano perfeito para conquistar o meu lugar na gerência da Star Technology. Não tinha como dar errado, talvez a ideia de aplicativo que criei precisasse de alguns ajustes, mas atingia tantos os meus objetivos quanto os da empresa.

Fiz mais algumas alterações na apresentação e gravei tudo no pen-drive. Imprimi a parte escrita, guardando em um envelope. Uma pequena

olhada no relógio, notei que havia terminado bem mais rápido do que o esperado.

No caminho da garagem, teclei uma rápida mensagem para Caleb avisando que eu já estava a caminho.

Entrei no carro, um *Mini Cooper*, de “cores chamativas” como dizia meu namorado e senti todo o cansaço de um dia de trabalho árduo, porém um sorriso surgiu no meu rosto sabendo que eu colheria os frutos de todo aquele esforço amanhã.

Dirigi pelas ruas de Boston, transpassando a paisagem moderna rebuscada de prédios com suas fachadas clássicas. Nunca me cansaria daquela vista. Poucos minutos depois já estava no prédio de Caleb. Eu tinha o meu próprio apartamento, mas começamos a cogitar de morarmos juntos e combinamos que a mudança seria gradativa.

Era estranho pensar que eu havia me apaixonado pelo homem que via todos os dias no trabalho e nunca me enjoava. Eu e ele nos conhecemos já há tanto tempo que nos corredores da empresa éramos chamados de Sr. e Sra. Star e dentre tantas mulheres lindas e inteligentes ele se atraiu por mim.

Diante da porta de Caleb eu girei a maçaneta esperando que ela estivesse aberta, mas não estava. Contraí minha boca de irritação em ter que fazer um contorcionismo para pegar a minha chave na bolsa.

Encaixei a chave na porta e a abri sem muita dificuldade.

Onde estará o meu cheiroso e succulento Caleb?

Deixei o envelope com as minhas coisas em cima do sofá e adentrei no apartamento ouvindo barulho de chuveiro.

Aí está você...

Mais um passo em direção ao quarto e trombei com uma pessoa saindo dele.

— April? — chamou uma voz feminina.

Enruguei a testa para enxergar melhor.

— O que você está fazendo aqui?! — rugi para a loira envolvida apenas em uma toalha molhada.

A mulher olhou em direção ao banheiro onde Caleb saía de lá, também quase nu.

— April?

Senti os batimentos em meu coração disparar de uma forma quase preocupante. Eu não podia acreditar no que estava vendo.

— Sim, este é o meu nome! Há algo mais que você queira dizer, Caleb? — Cada palavra saiu queimando pela minha garganta.

— Eu posso explicar, amor. Isso não é o que está parecendo!

— Não, não é mesmo. — Tentei evitar as lágrimas, porém não consegui ficar indiferente diante daquela traição descarada. — Hoje eu vi o homem que você é de verdade e não é nem de longe o que parecia.

Voltei para trás enquanto ele se aproximava. A loira sentou-se na cama sem saber o que fazer.

— Querida, fique calma. Eu consigo resolver isso.

Olhei ao redor sentindo que a ficha ainda não caiu por inteiro.

— Susan, você precisa ir embora agora — ouvi ele dizer e jogar as roupas da mulher para cima enquanto ela corria para pegar, antes que eu me desse conta ela saiu pela porta, fugida.

Eu a conhecia, Susan era a nova estagiária da empresa. Nunca imaginei que além de saber servir café ela também sabia roubar os namorados alheios.

O que eu estou fazendo?

A culpa daquilo tudo era do Caleb, que mesmo em um relacionamento sério não conseguiu segurar o pinto dentro das calças por cinco minutos.

— Minha delícia, sente-se aqui — me chamou para a cama. — Vamos conversar.

— Você está brincando, não é? Acha mesmo que eu vou me sentar aí onde você e a moça do cafezinho transaram?!

— Ei, não... April, você precisa me ouvir.

— Eu estou ouvindo, mas até agora você não disse nada que fizesse acreditar que você não é um traidor cretino.

— Eu te amo! — elevou o tom de voz. — Susan não significa nada pra mim!

— A partir de hoje ela vai significar pra mim, porque ela é a mulher que me fez enxergar o canalha que você é — disse, enfiando meu indicador na cara dele e me virei para sair.

— Por favor, não vá embora, April! Eu preciso de você. April?!

O deixei falando sozinho enquanto saía.



Em casa, eu não conseguia parar de chorar.

Recebi inúmeras ligações de Caleb, ele até ameaçou subir no meu apartamento. Avisei na portaria que ele não estava mais autorizado a entrar. Amanhã será um dia importante, mas não pude pensar em mais nada além de que o meu namorado era um traidor.

Doía tanto. Ele era perfeito para mim, contudo se tornou alguém que só de imaginar o rosto me dava nojo.

Chorar me ajudou a afogar aquela mágoa e logo um novo dia amanheceu.

A claridade no quarto indicava que já estava tarde. Olhei para o relógio de cabeceira e dei um pulo.

— Merda, já são nove horas!

Saí da cama como um raio e fui ao banheiro escovar os dentes, pensando em qual roupa eu colocaria. Não tive tempo nem cabeça para pensar nesses detalhes. Corri até o guarda roupa e tirei um conjunto de saia lápis e blusa social. Catei meu celular na mesinha ao lado e o olhei com raiva. Eu não o ouvi despertando.

A reunião já devia ter começado, foi marcado para as oito e meia. Desci o elevador terminando a maquiagem.

Como eu pude me esquecer de ligar o despertador?

Coloquei minhas coisas dentro do carro e saí cantando pneu. Cheguei na Star Technology em tempo recorde. Peguei minha bolsa no banco de trás e

foi só naquele momento que senti falta de algo.

— Cadê a minha apresentação? — Desviei os olhos de um lado para o outro até me lembrar que a última vez que vi o envelope foi na casa de Caleb.

Merda, April. Que merda!

Respirei fundo e me toquei que aquilo não seria problema, eu tinha tudo salvo no meu computador.

Subi para o andar onde ficava a minha mesa.

— April, você está chegando agora? — Me virei para observar a cara de horror de Triss.

— Sim — respondi, com um amargor na boca.

Liguei o computador e tentei fazer tudo o mais rápido possível, porém o computador, o sistema, o tempo, tudo parecia jogar contra.

— Eles estão em reunião já há algum tempo. Não creio que os diretores deixarão você entrar agora.

— Eu tenho trabalhado nesse projeto por meses, não posso perder essa oportunidade, Triss. — Fechei os olhos lembrando tudo que eu havia sacrificado para criar algo novo, porém, eu estava perdendo a chance que tanto esperava.

— Você podia pedir um tempo com o Mark, ele é o diretor mais empático — Triss incentivou. — Ninguém aqui tem uma cabeça criativa como a sua, April. Tenho certeza que eles verão as apresentações e vão torcer o nariz em cada uma delas e então você pede para Mark uma chance e faz a sua mágica, garota.

— Isso — concordei fazendo as engrenagens da minha mente funcionar. — O Mark me ouvirá, eu tenho certeza.

Relaxe na minha cadeira após ter um pouco mais de esperança.

— Triss, o Caleb está na reunião?

— Está, foi um dos primeiros a chegar.

— Sério?

Nem para ficar em casa arrasado por ter me traído aquele traste

prestava.

— Sério, pensei que vocês viriam juntos.

— Nós terminamos.

— Não!

— Ele estava me traindo. — Engoli em seco, era ruim demais proferir aquilo. — Com a moça do cafezinho.

— Não brinca! Ele tinha olhos só pra você, como isso aconteceu?

— Não quero pensar nisso. Vou focar no meu trabalho que é a única coisa que me importa agora.

Aguardei ansiosamente a reunião terminar. A sala ficava ali perto, eu já observava algumas pessoas saindo.

— Triss, me deseje sorte. — Me levantei e ela apertou as minhas mãos.

— Boa sorte, amiga. Você vai arrasar!

Fui em direção a sala imaginando que houvesse só alguns diretores nela. Localizei Mark no meio de um burburinho saído de uma rodinha de homens.

— Ei, Mark? — chamei.

— April, o que aconteceu? Por que não veio para a reunião?

— Eu me atrasei, meu celular não despertou. Mark, eu queria te pedir uma chance. Eu gostaria muito de apresentar o meu trabalho a você e os outros diretores que concordarem. É algo conciso, eu tenho trabalhado bastante nele. Eu só queria...

— Desculpa, April. — Balançou a cabeça já se desculpando pelo o que ia dizer. — Nós já promovemos um novo gerente. Caleb apresentou um trabalho impecável.

— Caleb? — Meu rosto se tornou rígido em direção ao pequeno aglomerado quando vi Caleb no meio. — Mas ele nem tinha um projeto.

A confusão na minha cabeça só foi aumentando.

— Sim, seu namorado foi perfeito e a diretoria concordou em promovê-lo.

O tremor em meu corpo já se tornava aparente quando fui captando nas entrelinhas o que tudo aquilo significava.

— Qual era o projeto dele, Mark?

— Um aplicativo inovador que ajudará muitas pessoas.

Não... ele não fez isso.

Finalmente os olhos de Caleb me encontraram e eu o olhei de forma que ele entendesse sem me ouvir falar que eu queria matá-lo com minhas próprias mãos caso tivesse oportunidade.

— April, está tudo bem? — perguntou Mark em tom preocupado.

Olhei para ele oferecendo um meio sorriso e saí da sala. Tudo o que eu queria era arrumar um buraco para me esconder e esperar toda a minha raiva passar antes que fizesse alguma loucura.

Peguei a bolsa em cima da minha mesa e saí deixando Triss sem entender nada.

— Te ligo depois, ok? — falei antes que ela tentasse tirar informações de mim.

Antes de chegar até o elevador percebi que Caleb estava ali por perto. Desviei do meu caminho e desci pelas escadas.

— April? — ouvi Caleb me chamando e chegando cada vez mais perto, apertei o passo para chegar logo até a garagem. — April? Eu preciso falar com você! — Antes de descer mais um lance ele conseguiu me alcançar e me puxou para olhá-lo. — Por favor, me ouve!

— Eu não quero ouvir, porque senão eu vou ter que te dizer tudo que está preso na minha garganta e dizendo isso eu teria que acreditar. E eu não quero acreditar que você é o ser humano mais desprezível da face da Terra — cuspi o que estava entalado.

Caleb colocou as mãos na cabeça e depois as desceu para a cintura.

— Eu tentei te ligar ontem várias vezes, te mandei um monte de mensagens e você não viu.

— E o que isso tudo tem a ver com o fato de você ter *roubado o meu* trabalho?! — gritei.

— Eu vi o envelope em cima do sofá e fui dar uma olhada. Meu amor, eu tenho tanto orgulho de você. Você é a mulher mais criativa que conheço. — Abri distância dele quando ameaçou se aproximar mais. — Eu passei no seu prédio, o porteiro não me deixou subir.

— Por que não deixou na portaria, então?

— Porque eu quis te entregar pessoalmente, mas hoje quando começou a reunião você não tinha chegado ainda, então Mark te anunciou e não teve jeito, eu fiz o que tinha que ser feito. Eu apresentei para você, para não deixar o seu projeto na gaveta. — Ele segurou no meu rosto. — Eles amaram, April. Nunca vi aqueles diretores tão entusiasmados.

— É? O que eles disseram? — perguntei sentindo meu ego inflando.

— Disseram que é um projeto audacioso, mas que cumpre com os valores da empresa e será uma ótima fonte de lucro.

— Sim, era isso mesmo que eu estava pensando quando criei. — As mãos de Caleb correram pela minha cintura e eu percebi o que ele estava fazendo. — Me solta! — Empurrei ele para longe.

— Você é incrível. — Era complicado acreditar em qualquer palavra que saía daquela boca de cafajeste. — Por favor, me deixe consertar as coisas.

— E como você vai fazer isso? Vai me dar os créditos pelo meu trabalho? Porque pelo que eu pude perceber foi você que foi promovido e era você que estava recebendo tapinhas nas costas dos diretores.

Caleb abaixou a cabeça.

— Infelizmente não tenho como mudar isso, caso contrário serei demitido.

— E o que eu tenho a ver?

— É a minha carreira e reputação sendo jogado no lixo. Eu não posso fazer isso, April!

— Mas eu posso! — Me desvencilhei dele e comecei a subir os degraus de volta.

— Ninguém vai acreditar em você! Vão pensar que é discurso de

perdedor. — Parei e o olhei furiosamente, segurando minha mão para não ir de encontro ao rosto dele. — Eu consegui a gerência de criação só pra mim, mas a gente pode trabalhar juntos, você pode ser a minha secretária.

Sorri desenfreadamente. Caleb achava mesmo que eu viraria capacho enquanto ele recebia a fama.

— A quem você pensa que engana, Caleb? Tá na cara que você quer me sugar para continuar nos braços dos diretores enquanto eu faço o trabalho duro.

— Não é isso, minha delícia. Eu te amo e nunca faria algo para te machucar. É só uma forma de você continuar trabalhando no que gosta.

De repente toda aquela aura de príncipe encantado que ele fazia não fez mais efeito em mim. Pude ver o quão asqueroso Caleb era, me manipulando, me fazendo de escada para os caprichos dele. Quase conseguia vê-lo cruzando os dedos nas costas enquanto dizia que me amava.

Mudei a minha expressão.

— Claro, é o mínimo que você pode fazer — concordei com uma ideia surgindo em minha mente.



CAPÍTULO 2

Um mês depois – Nova Iorque

— É por aqui, vem comigo. — Bonnie, a mulher de olhos excêntricos, me apresentava o meu novo local de trabalho.

Há um mês, quando passei por uma onda de decepção com Caleb, decidi sair da Star Technology e expandir o mercado para mim, mas antes eu trabalhei com meu ex-namorado, ou melhor, fiz a egípcia enquanto ele se embananava dia após dia no comando da gerência que deveria ser minha.

Se ao menos ele tivesse um pouco de talento na área que havia se intrometido as coisas poderiam ser diferentes, ele poderia prosperar por esforço próprio, mas ele preferiu o caminho mais curto. E curta será a sua permanência na Star Technology, uma vez que só pedi demissão quando percebi que a criatividade de Caleb num cargo que envolvia a criação de novos projetos estava sendo questionada pelos diretores.

Apesar da vingança em andamento, eu não me sentia feliz, afinal de contas eu não fui forte o suficiente para me impor como autora do projeto que a empresa estava apostando alto.

Tinha momentos que eu pensava que tudo aquilo não passava de um pesadelo. Encarar a realidade não era tão fácil como eu gostaria. No entanto, perceber que o homem que eu amava, que eu desejei passar o resto das nossas vidas juntas era um mentiroso compulsivo, sem vergonha e traidor, tem me servido de aprendizagem. Eu quase coloquei meu futuro nas mãos dele, achando que o conhecia profundamente e só Deus sabia o quanto Caleb já

havia aprontado nas minhas costas.

Contudo, chegou um certo momento que nada daquilo importava. Eu caí, sofri e me levantei. Já me sentia pronta para outra.

Passados alguns dias do meu desligamento da Star, eu distribuí o meu currículo para diversas empresas de Nova Iorque, senti a necessidade de mudar de ares. Consegui algumas entrevistas devido o meu bom retrospecto e acabei sendo contratada por uma rede logística.

E ali estava eu, no meu primeiro dia na Carter Inc.

— Olá, você deve ser a April. — Uma outra mulher surgiu na nossa frente. Concordei com a cabeça. — Seja bem-vinda! Você por enquanto ficará sob os nossos cuidados. A nova diretora ainda não voltou da lua de mel. Meu nome é Tracy.

Cumprimentei a mulher de sorriso simpático.

— Eu, você e Tracy vamos trabalhar juntas — Bonnie falou, abrindo um sorriso estranho, mas engraçado.

Seguimos o trajeto para eu conhecer o restante do prédio. Já haviam me avisado que naquele dia eu não colocaria a mão na massa e que teria uma sala só para mim, estava achando tudo o máximo.

No almoço fiquei sabendo um pouco mais sobre as minhas novas colegas de trabalho e um pouco sobre a rotina dali. Me informaram que recentemente houve algumas mudanças na dinâmica da empresa. Tracy tinha sido promovida para assistente da presidente Vivian e Bonnie havia virado assistente da diretora Ava. Essa última me despertou dúvidas. Afinal, as meninas falaram que ela não tinha curso superior e o marido era um dos caras mais ricos do planeta, porém logo depois elas amenizaram, explicando que Ava, a minha nova chefe, foi um nome essencial para conseguir que a empresa fosse a maior em seu segmento hoje.

— E então, April, você tem namorado? — Bonnie perguntou.

Desviei meus olhos para o chão. Elas estavam sendo tão legais comigo, que senti a necessidade de ser mais aberta com elas. Eu não via Triss, já há algum tempo e às vezes sentia muita falta de alguém para conversar.

— Não, eu não estou mais namorando. — Ambas assentiram.

Fiquei sem saber se elas gostariam de ouvir mais porque com toda certeza eu gostaria de desabafar.

— Vamos lá, garota. Continue... — Tracy pediu.

— Bem, eu namorava um homem que era simplesmente o homem dos meus sonhos, só que recentemente eu descobri que ele não era nada do que parecia ser.

Olhei ao redor estranhando toda aquela mudança. Eu não esperava nada daquilo, Caleb me pegou de surpresa, com as mãos atadas.

— Você parece bastante magoada, April. Aposto que o fim do seu namoro envolve traição.

— Eu aposto o dobro — Bonnie completou.

Balancei a cabeça indicando que elas estavam certas.

— Nós trabalhávamos na mesma empresa. Em uma noite eu cheguei um pouco mais tarde porque estava trabalhando em um projeto e quando cheguei no apartamento de Caleb, ele estava com outra.

— Pegou no flagra?

— Tinha uma mulher de toalha no quarto dele e ele estava no banho. Ele tinha transado com a estagiária.

— E o que você fez, amiga? Queimou as roupas dele? Arremessou um vaso na cabeça dele?

— Não, eu... apenas disse o quanto ele havia me decepcionado.

— Só isso? — concordei.

— Bom, pelo menos você não continuou com ele — ponderou Tracy.

— Mas como foi? Ele tentou se explicar, correu atrás de você...?

— Sim, ele me ligou a noite toda.

— E no serviço? Você disse que trabalhavam juntos, não é?

— Bem, na Star foi que ele me decepcionou mais ainda.

— Ai ai ai...

— O que mais ele te fez?

— Ele me roubou — respondi friamente, ao mesmo tempo em que um ódio subia as minhas veias.

— Roubou como? Você é rica?

— Ele roubou meu projeto e conseguiu o cargo que eu estava trabalhando para conseguir esse tempo todo.

— Que verme! — Bonnie grunhiu.

— April, esse cara é um miserável! Deveria ter denunciado ele, chamado a polícia, sei lá...

— Na hora eu quis fazer isso tudo, mas esfriei a cabeça e decidi ensiná-lo uma lição da forma mais prática possível.

— É? E que lição é essa?

— Uma que ainda está em andamento.

Deixei sobressair um sorrisinho arteiro enquanto Bonnie e Tracy se entreolhavam e me analisavam.

— Toca aqui. — Os braços de Tracy se estenderam para mim.

— Amamos uma mulher vingativa — Bonnie completou.

A tarde logo passou enquanto eu explicava para elas que aquela área não me atraía. Eu amava criar produtos tecnológicos e confidenciei que estava naquele emprego de passagem até encontrar um que combine com os meus objetivos.

Havia aceitado aquela vaga porque precisava de dinheiro, afinal as contas não paravam de chegar. Eu tinha alugado um apartamento, que naquela parte da cidade era mais caro, assim como o estilo de vida de Manhattan.

— O que você conhece em Nova Iorque, April? Podemos sair para te mostrar um pouco da cidade...

Pensei nas coisas que teria que fazer. Eu tinha que terminar de desempacotar minhas coisas para organizar o apartamento.

— Nós conhecemos uma boate bem bacana. Acho que você vai gostar de lá...

— Talvez outro dia — respondi.

— Você não tem filhos, tem?

Enruguei a testa pensando no porquê Bonnie me perguntou aquilo.

— Não tenho, eu só preciso arrumar o apartamento que aluguei. Está uma completa bagunça.

— Acho que te faria bem conhecer lugares novos, pessoas novas, *caras* novos...

— Espera, é quem eu acho que é? — Bonnie interrompeu a argumentação de Tracy.

— Qual é o problema?

— Não podemos fazer isso com ele de novo! Tentamos com Ava e olha no que deu — Bonnie cochichou.

— Err... acho que perdi alguma coisa — comentei confusa.

— Vem com a gente hoje, depois do expediente — Tracy pediu.

— Depois do expediente? Não é cedo demais pra uma boate?

— Hoje é sexta. — Levantou os ombros. — E você está em Nova Iorque.

— Cortesia nossa. — Bonnie finalmente aceitou a ideia da amiga.
— Se gostar podemos ir mais vezes.

Olhei para cima suspirando com humor, depois concordei com a cabeça.

No relógio já estava dando o meu horário. Recebi uma mensagem de texto onde Caleb dizia que estava sentindo a minha falta. Deletei assim que a vi.

— Me avisem quando terminarem — disse antes de me levantar para deixar a sala.

— Vai se preparando pra conhecer o príncipe.

— Encantado? — debochei.

— Quase isso.



CAPÍTULO 3

— Mais uma dose, por favor. — O barman surgiu novamente e despejou mais um pouco de vodka para mim.

Nem sabia quantas horas eram. Eu cheguei com o bar vazio, ele encheu e agora estava vazio novamente.

A minha intenção não era estar ali hoje, mas durante uma navegação rápida na internet eu vi a notícia de que Ava e Dion haviam saído em lua de mel.

Eu tentei ficar feliz por eles após o casamento. *Juro que tentei.* Agora estavam em lua de mel e eu continuava tentando aceitar aquela situação. Porém o meu sorriso era falso, minha mensagem de felicitações para eles foi forçada e no fim do dia eu não pude mais suportar.

Mesmo sendo dono da boate, os *barmans* se recusavam a me servir dizendo que eu estava “pegando pesado” na bebida, me forçando a procurar o combustível do coração partido no outro lado da rua. Só o álcool era capaz de nublar meus pensamentos sobre ela.

Assim tem sido desde que resolvi pedir Ava em casamento e ela recusou.

Ainda não sei o que me deu para tomar aquela atitude, era cedo demais, estávamos indo bem, mas realmente achei que ela fosse dizer sim. Aquele foi o resultado por me apaixonar por uma mulher que eu sabia desde o começo que não era minha e continuava apaixonado mesmo sabendo que ela nunca seria minha.

— Estamos fechando, senhor — o aviso veio junto com a comanda de serviços. Assenti com a cabeça. — Precisa de um táxi?

Neguei enfaticamente. Abri a carteira e deixei o valor da conta em cima da comanda.

Assim que firmei os pés no chão, o mundo girou a minha volta. Segurei na beira do balcão, onde o barman recolhia o dinheiro.

— Acho que vou aceitar o táxi — comentei.



Deitado, abri os olhos e olhei para o teto. A claridade no quarto denunciava que já era outro dia. Levantei sentindo o peso de uma tonelada flutuando sobre minha cabeça.

Retirei o restante da roupa que não consegui tirar quando cheguei e fui direto para o chuveiro. A ânsia subia e descia pela minha garganta, me fazendo querer ficar acamado o resto do dia.

Após o banho busquei por um analgésico no armário do banheiro. Às vezes funcionava contra a ressaca, às vezes não.

No relógio já era mais de meio dia. Até as quatro da tarde eu precisava me recuperar para assumir o comando da Fênix Club.

Voltar para minha boate ainda tinha um sabor amargo. Foi lá que a vi pela primeira vez, foi lá que eu achei que talvez tivesse alguma chance de tê-la só para mim.

Por mais que eu quisesse me distanciar de tudo que lembrava Ava, em todos os lugares que nos encontramos, eu não conseguia cortar o mal pela raiz. Não adiantava nada eu evitar o prédio em que ela morava ou a confeitaria que os meus sobrinhos adoravam se a garota que eu havia apaixonado e perdido, não saía da minha cabeça.

Após o almoço passei na casa de Marge, minha irmã mais velha.

— Você andou bebendo, não é? — a voz dela soou acusativa. — Ah, querido. Isso é só uma fase. Logo vai passar.

Como minha irmã mais velha, ela se sentia no direito de me instruir.

Meus sobrinhos estavam na escola, então ela precisava de alguém para puxar a orelha.

— Será que não tem outro assunto para podermos falar? Eu já sei que preciso virar a página e falar dela toda vez que venho aqui não me ajuda em nada.

— Então vem aqui.

Marge se levantou deixando a xícara de chá fumegante em cima da mesa e colocou seus braços em torno de mim.

— É disso que estou falando — comentei, recebendo seu abraço de bom grado.

Minha família era a minha base. Com tantos parentes, eu dava sorte de me dar bem com cada um deles e sempre que precisava, eles estavam lá por mim.

— Você é o cara mais doce que eu conheço. Dylan, você não merecia passar por isso, mas aconteceu. Agora é encarar a realidade. Você precisa reagir, meu irmão.

— Eu sei disso, mais vi no jornal que eles viajaram pra lua de mel. Eles se amam, eu sempre soube disso. — Levantei os ombros. — De qualquer forma é complicado saber que a mulher que eu pedi em casamento está casada com outro agora, sendo feliz com a família dela e eu estou aqui, sozinho e sem a mínima ideia de como lidar com os sentimentos que eu tenho aqui dentro — espalmei a mão no peito. — E quanto a mim? Será que eu não sou digno de ser amado por alguém?

Marge me olhou com desalento.

— Dylan, digno é tudo que você é. Só não chegou a hora ainda. — Rolei os olhos sabendo que aquilo era só um discurso sem fundamento. — Você tem saído com mais garotas?

— Casos de uma noite. É só o que eu me disponho a fazer agora.

— Não me diga que vai virar esses caras mulherengos que cada dia está com uma. Você não é assim!

— Marge...

— Dylan...

Olhei para o meu relógio notando que faltava poucos minutos para as quatro e fiquei feliz em evitar cavar mais fundo naquela conversa.

— Eu preciso ir. Dê um abraço na Liv e no Liam. — Beije a testa dela e saí.



Na boate, o DJ já testava algumas músicas. O ambiente obscuro me ajudava a disfarçar a letargia que havia se apossado de mim nos últimos meses.

Conversei com o gerente para saber se havia alguma demanda para resolver. Subi para o meu escritório ao ser informado que estava tudo certo para aquela noite. Fiz o trabalho burocrático do estabelecimento e quando os seguranças me ligaram perguntando se já poderiam abrir as portas, eu disse que sim.

Os minutos foram se passando e a música foi ficando cada vez mais agitada. Passei a observar as silhuetas dançantes através da janela do meu escritório. Não havia nada ali que me chamasse a atenção. Cansei de procurar naqueles corpos sem nome alguém que me desse mais do que uma noite de prazer.

Minha avó diria que eu estava procurando no lugar errado. Já eu acreditava que estava procurando uma pessoa que jamais iria aparecer ali de novo.

No meio dos papéis, em cima da mesa, o meu telefone começou a tocar.

— Fale, Diego — atendi a chamada do gerente.

— Tem duas mulheres aqui embaixo querendo falar com o senhor.

Deixei um meio sorriso surgir no meu rosto. Desde que abri a Fênix eu recebia ligações diárias dos meus funcionários dizendo que havia mulheres querendo falar comigo, a diferença era que agora eu aceitava.

— Estou descendo.

Coloquei o telefone no gancho e ajeitei o paletó observando meu reflexo no grande espelho da sala.

Diego estava no final da escada, havia duas figuras conhecidas ao lado dele.

Respirei fundo sem ter certeza se gostaria de descer, mas o fiz.

— Oi, Dylan? Se lembra da gente?

Como eu poderia me esquecer? Pensei com desgosto. A culpa de eu estar naquela situação deplorável era delas.

— Claro. — Apertei a mão de ambas com pouco entusiasmo.

— Queríamos conversar com você.

— Sobre?

— Bem... — Tracy olhou para Bonnie investigando o terreno. — Nós queríamos te apresentar a uma amiga.

Meu semblante fechou no mesmo instante.

— Não! — respondi impaciente.

— Ela é uma garota legal. Vai gostar dela.

— O problema nunca foi esse e vocês sabem disso.

— Dylan — Bonnie chamou a responsabilidade para si. — Nós sentimos muito que as coisas não deram certo entre você e Ava, mas o que custa conhecer a nossa amiga?

— Vocês já me colocaram em uma enrascada, não vou cair em outra.

— Tudo bem, hoje provavelmente não é um dia legal pra você, mas que tal semana que vem? Vocês podem marcar um encontro, sei lá...

— Ou melhor, ela está bem ali, se você vê como ela é linda com certeza vai se interessar. — Tracy juntou as mãos em súplica. — Por favor.

— Eu não quero ver nada, só quero que vocês me deixem em paz — pedi em um tom mais duro.

Elas soltaram suspiros chateados.

— A verdade é que... nos sentimos culpadas por você estar assim.

— Assim como?

— Você está péssimo! — Bonnie soltou com indelicadeza, recebendo um cutucão de Tracy logo depois. — Só queríamos consertar as coisas.

— Não se preocupem com isso. Eu já não estou me preocupando...

— Por favor, só um encontro. Prometemos para nossa amiga que ela se encontraria com o príncipe de Nova Iorque.

— Príncipe de Nova Iorque? — questionei assombrado.

— Sim, você. — Olhei para Tracy com diversos pontos de interrogação pairando minha mente.

Elas só podiam viver no mundo da lua.

Olhei no entorno. Ali a música não estava tão alta.

Respirei fundo e raciocinei um pouco.

Eu ainda não tinha minha companhia de fim de noite, mas aquele dia não estava ocorrendo nada bem. O mais provável era que eu o terminaria no bar da esquina mais uma vez. Contudo, talvez eu conseguisse encaixar a amiga delas na semana.

Era uma forma horrível de pensar em relacionamentos, mesmo os de uma noite, porém eu não esperava nada de bom vindo daquelas duas.

— Quinta-feira — respondi. — Avise ela que o nosso encontro será semana que vem, quinta-feira.

— Não quer conhecê-la agora?

— Não, tenho trabalho a fazer.

Antes que elas continuassem falando eu lhes dei as costas subindo a escada indo direto para o meu escritório.



CAPÍTULO 4

O encontro com o tal príncipe não tinha dado certo, apesar de ele ter marcado para semana que vem. Então minhas novas amigas preferiram ir em outro lugar para podermos jogar conversa fora.

Elas já tinham ido embora e eu fiquei um pouco mais de tempo.

Sentada em um dos bancos do balcão, eu pedi que o barman trouxesse um drinque. Resolvi beber após receber a décima mensagem de Caleb só aquela noite. Precisava de um pouco de álcool para ignorar as insinuações do meu ex-namorado infiel.

Queria poder relaxar e conseguir deixar ele me fazer de idiota. Queria poder negar a minha vontade de estar com ele naquele momento, independente de tudo.

Eu ainda o amava. Que merda...

Ele era um crápula da pior espécie, mas estava sendo um trabalho torturante tirá-lo do meu coração. E era por isso que eu estava ali sozinha naquele bar bebendo, porque eu continuava amando o homem que tirou as melhores coisas de mim.

— Uma vodca, por favor — o pedido veio de um recém-chegado.

Dei mais um gole na minha bebida e olhei para o lado checando o homem que havia se sentado a duas cadeiras de distância. A sua pele era extremamente branca, fazendo contraste com os fios avermelhados do seu cabelo e barba.

O barman colocou o copo de vodca para ele.

“Você sabe que eu sou o que você quer e você é o que eu quero, então porque estamos separados?”

Tive que respirar fundo antes de responder à mensagem de Caleb, enviando uma sequência de “emojis mal educados”.

Ainda não sei porque não o bloqueei de todos os meus contatos. Parte de mim adorava ver ele se arrastando para me ter de volta, a outra parte sabia que tudo o que ele dizia era apenas teatro, afinal ele me queria de volta sim, mas como uma empregada da qual pudesse sugar toda a criatividade.

“Qual é, April. Você não vai conseguir outro homem melhor que eu. Quando ver isso talvez seja tarde demais...”.

“Como você tem tanta certeza? Posso estar agora mesmo com o seu substituto”.

Mandei de volta bebendo o restante da minha bebida num único gole.

“Mas não está. A prova disso é que você continua respondendo minhas mensagens”.

FILHO DE UMA...!

O rapaz ao lado já estava na segunda vodca. Chamei o barman.

— O mesmo, senhora?

— Quero uma dose de vodca agora.

— Alguma em específica?

— Hum, a mais forte que tiver.

O barman saiu de perto depois de me olhar por alguns segundos, aparentemente esperando que eu mudasse de ideia. A questão era que Caleb sabia me tirar do sério, precisava de algo forte.

Ok, April...

Respirei longamente. De nada adiantou. Caleb havia acordado a mulher vingativa em mim de novo.

Agora eu precisava dar a volta por cima. Eu precisava arrumar outro homem o quanto antes, para mostrá-lo que eu conseguiria sim, alguém

melhor que ele.

Caleb continuava a mandar mensagens, só que daquela vez eu estava obstinada a não visualizar. O barman me estendeu um pequeno copo com a bebida transparente.

Abri dois botões da minha camisa social e conferi minha aparência no espelho que peguei na bolsa.

Olhei para minha direita e me deparei com o homem ruivo. Ele permanecia com a cabeça abaixada. Decidi lhe chamar a atenção.

Mexi na minha orelha e joguei meu cabelo para trás, ele me olhou pela primeira vez. Aproveitei a oportunidade e ergui o copo em cumprimento. Eu não sabia direito o que estava fazendo, mas esperava que o rapaz ao lado entendesse aquilo como um flerte.

Para o meu agrado, ele cumprimentou de volta, me fazendo abrir um sorriso. Logo após virou o corpo todo para o meu lado e ficou me observando, aguardando meu próximo passo. Bebi a vodca fitando-o por cima do copo.

Travei no primeiro gole, engasgando em seguida. Coloquei a bebida em cima do balcão e segurei o pescoço, minha garganta estava em chamas. Alguns segundos depois o meu flerte desconhecido estava do meu lado, me perguntando se eu estava bem.

Merda, April!

— Uma água pra moça, por favor.

Me abanei sentindo meu rosto quente e meus olhos lacrimejando. Meu Deus, que mico!

— Bebe isso aqui, vai ficar tudo bem. — Catei o copo de água da mão do ruivo e tomei de uma só vez.

A ardência não passou, mas diminuiu bastante.

— Não me diz que estava tomando *Balkan*? — perguntou cheirando meu copo.

— O que é isso?

— Só uma das bebidas mais fortes do mundo. Você não é acostumada

com vodca, é? — Neguei me sentindo ridícula. — Se sente melhor?

— Tirando a vergonha que passei, estou ótima — falei, ainda com um pouco de dificuldade.

O rapaz puxou a cadeira ao meu lado e se sentou. Me olhando com curiosidade, ele caiu em uma risada contagiante e não pude deixar de reparar no quanto o sorriso dele era lindo.

O conjunto era perfeito. Olhos azuis, topete ruivo despojado, maxilar marcante, mas o sorriso era o grande trunfo.

— Posso saber qual é o nome da jovem que ajudei a salvar da vodca assassina?

Desviei meus olhos envergonhada.

— April — respondi depois de uma risada. — E eu posso saber quem é o feliz cavaleiro que me salvou?

— Dylan. — Ele estendeu a mão e eu a peguei. — Eu nunca te vi por aqui. Você é de Nova Iorque?

— Na verdade eu sou de Boston, moro aqui há alguns dias.

Passei a observar Dylan com mais cuidado. Fiquei presa naquela conexão louca, onde você conhece uma pessoa e do nada quer saber tudo sobre ela, ser parte da vida dela, ser a *vida* dela.

Soltei a mão dele quando percebi que meus pensamentos estavam indo longe demais.

— Tem algum motivo especial que te fez beber uma dose de *Balkan* pela primeira vez? — Ele fez uma pausa reflexiva. — Desculpa, acho que estou sendo invasivo com você.

— Tem um motivo sim — assegurei. — O meu motivo tem um metro e oitenta e só quer me explorar.

— Que interessante... O meu motivo tem um metro e sessenta e está em lua de mel nesse momento.

— Ok... você venceu! — Bati um martelo imaginário. — Você amava a garota?

— Como eu nunca havia amado ninguém — confessou, e abaixou a

cabeça novamente. — Já fiquei chateado, bravo, me perguntei o porquê, mas hoje comecei a pensar que assim foi melhor. Se ela não me amava então porque se casaria comigo se eu não conseguiria fazê-la feliz.

— Espera, vocês iam se casar?

— Não, exatamente. Eu a pedi em casamento, mas ela negou.

— Nossa, deve ter sido duro pra você. — Tentei demonstrar empatia.

Ele deu de ombros.

— Eu estou bem agora. E sobre você? Quer compartilhar a sua situação?

— Bem, meu ex-namorado me traiu da pior forma possível. E agora ele quer reatar dizendo que não vou encontrar ninguém melhor que ele — falei com tranquilidade, como se tudo fosse uma grande brincadeira.

— Isso soou bem machista pra mim — comentou.

— Pois é. E o pior é que eu nunca pensei que ele fosse esse tipo de cara.

— April, você não acreditou nele, né? — Evitei olhar nos olhos de Dylan para não mostrar a minha incerteza.

— Durante muitos anos eu acreditei que Caleb era perfeito pra mim e agora, mesmo que tenha sido um filho da mãe comigo, as minhas percepções pouco mudaram.

Ele cerrou os olhos tentando me entender.

— Percepções mudam, podem demorar um pouco, mas mudam. E eu tenho certeza que se você se der a chance, descobrirá que esse tal de Caleb está redondamente enganado.

Abri um sorriso, grata pelas palavras dele.

Dylan continuou me olhando, me deixando tímida.

— E sobre relacionamentos futuros? — perguntei a primeira coisa que veio na cabeça pra fazê-lo parar de me admirar.

— O que tem?

— Ainda está esperando conhecer a futura senhora Dylan ou está

fugindo de relacionamentos?

— No momento eu não quero compromisso — disse enfático, como se estivesse estabelecendo uma regra.

— Que engraçado... porque eu também não.

Captamos o olhar um do outro. Havia algo nas entrelinhas, algo bem excitante.



A boca de Dylan não desgrudou da minha enquanto nós invadíamos o meu apartamento. A escuridão fez com que ele tropeçasse em uma das várias caixas espalhadas pelo lugar.

Enquanto Dylan retirava a minha roupa eu só conseguia pensar na sensação deliciosa que o seu toque me trazia. Se ele tinha a aparência de um homem comportado na cama, agora eu já não tinha tanta certeza.

Ele puxou o zíper da minha saia e me desnudou da cintura para baixo, me deixando apenas de lingerie. Toquei ele em cada parte, desejando tê-lo por completo.

Não falávamos nada, só queria ter tudo dele em tudo de mim. A boca dele na minha, o seu corpo forte abrindo caminho por entre minhas pernas.

Dylan andou comigo no colo e me sentou em cima da mesa. Com as mãos livres ele desabotoou a calça e a camisa, tornando tudo aquilo real. As mãos dele adentraram a minha calcinha e seus dedos começaram a massagear suavemente a minha umidade. Ele capturava os meus lábios, absorvendo meus gemidos e meu pedido para que ele fosse além.

O barulho de uma embalagem de camisinha sendo aberta me chamou atenção, mas logo Dylan estava me tocando novamente.

— Você quer isso tanto quanto eu, não é? Não consegue esconder, April... — deleitou em meu ouvido.

Abri mais as pernas, quando percebi que Dylan iria adiante. Ele afundou os dedos na minha pele e entrou em mim, me penetrando de forma intensa. Segurei em sua cintura, forçando que ele não se afastasse por muito tempo.

Fixei meus olhos nos dele, obtendo a visão do homem que eu mal conhecia, mas que já tinha total controle sobre o meu corpo. Me delicieei a cada estocada, a cada vez que Dylan gemia dizendo meu nome.

Na escuridão do meu apartamento, gemidos, respiração pesada e corpos se desfazendo de prazer era tudo o que se ouvia.



CAPÍTULO 5

— É um pouco tarde para dizer isso, mas me desculpe pela bagunça.

Me peguei a observar April, enquanto ela andava pelo apartamento acendendo as luzes. Ela era maravilhosa. A pele de tom escuro reluzia com o suor produzido pelo sexo. Apesar de ser americana ela tinha alguns traços árabes. O tipo de beleza que não se encontrava em cada esquina.

A puxei pela cintura quando voltou vestida com um roupão.

— Desculpo só se você tirar esse roupão.

Olhei o seu semblante engraçado.

— Olha só, como você é saquinho... — Arranquei um beijo sonoro.

— Você vai ficar toda coberta enquanto eu fico pelado, então?

— Suas roupas estão bem aqui. — Apontou para os nossos pés onde havia um monte de peças emboladas. — E eu vou preparar algo pra comer, não dá pra cozinhar pelada.

— Tem razão, aliás eu preciso ir.

— Como assim? — perguntou, fazendo suas sobrancelhas se juntar.

— Eu vou indo, não quero te atrapalhar.

— Mas eu estava prestes a preparar dois bifes à milanesa. E eu não dou conta de comer dois bifes sozinha.

April abaixou os olhos deixando subentendido sua persuasão para eu aceitar aquele pedido. Deu certo.

Minutos depois eu já a observava cozinhando ao mesmo tempo em que me dizia coisas sobre ela. O aroma tomava conta de todo o ambiente e era delicioso.

Pensei na minha atual situação. Eu havia deixado a boate mais cedo novamente só para poder beber e do nada encontrei aquela garota linda e carismática, que me encantava mais a cada minuto.

— Há quantos dias você está nesse apartamento?

— Desde o começo da semana, mas não tive muito tempo pra arrumar minhas coisas, apenas o básico.

— Entendi. Você pretende ficar muito tempo em Manhattan?

— Vai depender do que a ilha tem a me oferecer. — Ela já estava passando os bifes na frigideira e terminando a salada. — Eu consegui emprego, mas não é exatamente o que eu procurava.

— Mudar às vezes é preciso. Quem sabe você não goste desse desafio...

— Não é só a questão do desafio. Eu quero trabalhar em prol das pessoas e não em prol da indústria, entende?

— Você deseja tornar a vida das pessoas melhor — deduzi o que ela queria dizer.

— Sim, e no meu último emprego eu fazia isso. — Ela soltou um suspiro e voltou em direção ao fogão. — Mas então eu tive que sair por causa de Caleb.

— Tenho certeza que você vai conseguir fazer isso mesmo trabalhando para alguma empresa sem valores morais.

Ela se virou para me olhar.

— Você é tão fofo.

— E você é uma mulher incrível. — Captei um sorriso tímido sendo formado em seu rosto.

— Meu ex vivia me dizendo isso.

— Sinal de que pelo menos um pouco de sensatez ele tem. Onde estão seus pratos? — perguntei, olhando em volta.

— Ali em cima. — Apontou para um dos armários.

Arrumei a mesa e peguei duas cervejas na geladeira.

— Aqui está. — April colocou a refeição em cima da mesa. — Espero que eu não tenha salgado a coisa toda.

O jantar estava simples e delicioso.

Apesar de já ser madrugada, eu não tinha um pingo de sono. Eu continuava atento, para saber o que mais ela iria me contar, estava completamente imerso na vida de April.

Em poucas horas eu já sabia mais sobre ela do que alguns meses convivendo com Ava. Minha ex-namorada nunca abriu totalmente as portas do seu passado para mim, provavelmente porque eu não soube fazer com que ela se abrisse.

April me entregou uma taça de vinho e sentou no chão em frente a mesinha de centro da sala, fiz o mesmo. Lá começamos a falar tudo de um para o outro, ocorreu de forma natural. Disse coisas a ela que nunca disse para outra garota que passaria apenas uma noite.

— Sabe, eu nunca pensei que traria um desconhecido para o meu apartamento...

— Está tentando dizer que eu sou um homem fácil? — instiguei com bom humor.

— Não, é só um pensamento repentino... Eu namorei durante muitos anos e quando tentei flertar com você no bar, me dei conta de que eu nunca fiz aquilo. Sempre fui do tipo que espera o cara tomar uma atitude.

— Na verdade você estava agindo por impulso, pra provar que seu ex está errado.

April cobriu o rosto, sabendo que aquela era a verdade.

— Eu sinto muito por isso, aposto que você nunca dormiu com uma garota que só fala do ex.

Dei um gole no vinho branco.

— Só lamento porque nós poderíamos estar fazendo coisas mais interessantes do que falar sobre algo que te faz mal.

— Ah é? O que, por exemplo?

— Deixo por sua conta. Se quiser tomar uma atitude essa é a hora.

Após alguns instantes, April deixou a sua taça em cima da mesinha e pegou a minha também. Retirou o roupão com gestos comedidos, mas cheios de certeza. Nua, ela poderia ser considerada uma das maravilhas do mundo. E então sentou sob as minhas pernas, me deixando sem fôlego durante todo o processo, o fôlego sumiu ainda mais quando ela começou a me beijar obscenamente.

— Eu gosto quando você toma as atitudes — falei entre um beijo e outro.

As mãos de April fugiram para dentro da minha cueca e continuou me beijando. Segurei na base das costas dela quando as carícias ficaram boas demais para parar por ali.

O meu desejo era de curvá-la na minha frente e acabar logo com aquela tortura, mas eu queria que ela tivesse o controle. April se soltou ainda mais e eu a deixei livre para conseguir alcançar o próprio prazer.

Ela estendeu os meus braços para trás e me cavalgou deliciosamente. Sem pressa, sem um objetivo claro. Às vezes ela se agarrava a mim e me enchia de beijos, em outras se afastava e aumentava o ritmo. Aquilo aconteceu diversas vezes até tê-la estremecendo em meus braços.

Segurei-a forte contra o meu peito, distribuindo beijos suaves em seu ombro e pescoço. Ela ensaiava um cochilo.

— Durma comigo — ela disse antes de finalmente adormecer.

Acaricieei seus cabelos brevemente. Ainda sem entender se era uma ordem ou uma súplica. O fato era que eu dormi.



April dormiu o resto daquela noite. E quando acordei, ela já estava de pé.

— Precisa de um banho? — perguntou, enquanto eu me espreguiçava.

— Depende, você precisa de um também?

— Vem.

Peguei em sua mão estendida.

Nos lavamos, conversamos mais vezes. Ela me contou sobre o projeto que havia desenvolvido, onde sua proposta tinha foco em ajudar pequenos negócios, basicamente cruzando dados de pessoas que queriam algum tipo de serviço e pessoas que prestavam tal serviço, mas com uma precisão que ainda não existia no mercado.

Ajudei April a preparar o café da manhã e logo depois o almoço, quando olhei para o relógio já estava quase dando o horário de eu começar o meu expediente na boate.

— Eu preciso ir — avisei, procurando minhas coisas ao redor do apartamento.

— Ok. — April abraçou o próprio corpo.

Me vesti rápido e ela me acompanhou até a porta.

— Foi uma noite muito divertida, Dylan.

— Concordo inteiramente. Você é uma mulher maravilhosa, April. Nunca deixe ninguém te dizer que não é.

— A gente se vê por aí, então...?

— Claro — respondi, eu com certeza, gostaria de ver April mais vezes.

Me aproximei e deixei um beijo em seu rosto. Fui embora antes que eu resolvesse passar o resto do fim de semana por ali.



CAPÍTULO 6

Como eu faço para conseguir o contato de uma mulher que só vi uma vez e sei apenas o primeiro nome?

Google pesquisar.

Aquela foi a minha única dúvida durante toda a semana e aquela devia ser a única pergunta que nem o Google conseguiria me responder.

Todas as noites eu voltava no bar para ver se a encontrava e nada. Tudo bem que eu sabia onde ela morava, mas o que eu faria? Iria até lá sem combinar nada antes? Iria parecer um desesperado.

Saí da frente do computador e fui para a janela da sala. O sol já descia, tocando o horizonte ao fim do rio Hudson. Entre a vista de arranha céus e uma parte do Central Park, me perguntei onde a garota que infestava meus pensamentos estaria.

Meu celular vibrou no bolso, tirando-me das minhas reflexões.

“Olá, Dylan. Estou mandando essa mensagem para se lembrar do encontro com a nossa amiga. Como um pedido de desculpas eu e Bonnie reservamos um restaurante para vocês”.

Logo abaixo havia o endereço do restaurante e o horário que estava marcado.

Olhei no relógio, era tarde para desmarcar, mas eu iria naquele encontro como prometido, talvez assim Tracy e Bonnie saíssem do meu pé.

Me peguei lembrando quantas mulheres passaram pela minha cama

desde sexta. Não veio nada na minha cabeça. Nem um rosto, nem um nome. O fato de não ter dormido com nenhuma mulher desde April, mesmo com muitas ofertas, me causou um questionamento: *Por quê?*

A resposta, no fundo, eu já sabia.



A noite veio. Me arrumei para ir para o restaurante da mesma forma que me arrumava para o trabalho. Calça jeans e suéter com blazer. Eu não tinha nenhum entusiasmo, ainda mais se tratando de alguém “indicado” por aquelas amigas malucas da Ava.

Entrei no restaurante no horário combinado e pedi a mesa reservada. Chegando perto vi que ela já estava ocupada. Me aproximei observando uma silhueta extremamente familiar.

— April? — Olhei intrigado.

Ela se levantou confusa.

— Dylan... Oi!

— Espera, você veio aqui para um encontro? — questionei.

— Sim e você?

— Eu também.

— Ah, meu Deus! Não me diz que... você é o tal príncipe?

— É o que Tracy e Bonnie disseram pra você?

Ela cobriu a boca com as mãos.

— Eu não posso acreditar nisso! — disse entre risadas. — Vem, sente-se aqui.

— Você esteve em uma boate sexta-feira passada?

— Sim, minhas amigas de trabalho me levaram até lá.

— Então, era você. — Cocei a cabeça confuso com tantas informações fluindo. — Nossa, isso é incrível! Agora eu preciso te confessar uma coisa.

Fiz suspense deixando-a um pouco apreensiva.

— Meu Deus, Dylan. Fala logo!

— É que... Eu passei a semana inteira buscando uma forma de me comunicar com você.

Observei April abrir um sorriso doce.

— Isso foi fofo, mas você sabe onde eu moro.

— Não queria ir até lá. O que eualaria pra você? “Estava passando aqui perto e resolvi dar um oi”?

— Eu acharia uma desculpa bem honesta para me ver. — Fez charme.

Levantei os ombros.

— Que bom saber disso.

Fizemos nossos pedidos. Eu não conseguia parar de admirá-la. O cabelo dela estava diferente, mais liso e ela usava um vestido de uma alça só. Pensei no quão sortudo eu era por encontrá-la novamente.

— Então era com a minha chefe que você iria se casar?

— Quem é a sua chefe?

— Ava.

Fechei o semblante ao ouvir aquele nome.

— Sim, era com ela.

— Eu ainda não a conheci. Ela está em lua de mel, mas ouvi dizer que ela é linda e muito simpática. — Dei de ombros. — E que o marido é dono de um banco e bilionário, além de ser lindíssimo. — Captei a feição de April que falou bastante entusiasmada a parte de Dion. — Quero dizer o cara é simplesmente Dion Volkmann, não dá para culpá-la de ter te dado um pé na bunda pra ficar com ele.

April me olhou com receio, mas foi impossível não soltar uma risada.

— Tem algo estranho acontecendo porque você é a primeira pessoa que me faz rir da minha própria desgraça.

— Não, você entendeu errado, eu não quis te deixar pra baixo, mas foi uma disputa meio desleal.

Quanto mais ela tentava explicar mais eu ria.

— Já que inauguramos o tópico “ex-namorados”, e sobre você e o... como é mesmo o nome dele?

— Caleb? — Consenti. — Eu o bloqueei — falou com orgulho.

— Ah, você bloqueou?

— Sim, de todas as redes sociais e troquei o meu número também.

— Parabéns pelo progresso!

Comemorei junto com ela como se aquilo fosse uma grande conquista.

— Um brinde a nós por estarmos aqui hoje seguindo em frente.

April também pegou a sua taça e a encostou na minha.

— Um brinde a nós.



Estacionei em frente ao prédio de April depois de um jantar fantástico, me martirizando por ter que deixá-la tão cedo.

— Eu gostaria que tivéssemos mais tempo hoje, mas eu preciso voltar para a boate, eu havia assumido alguns compromissos antes...

— Não, está tudo bem. De qualquer forma eu não poderia demorar muito. Amanhã trabalho cedo. — Ela abriu a porta do carro. Olhei para frente pensando no que poderia ser feito para eu não mais perder aquela mulher de vista. — Obrigada pela noite divertida, gosto muito de passar meu tempo com você.

Sorri, sabendo que poderia falar a mesma coisa para ela, e saí do carro também. Contornei até chegar onde April estava.

— Que tal amanhã? — Me coloquei na frente dela.

— O quê?

— Saia comigo amanhã?

Ela cruzou os braços e abriu um sorriso lindo.

— Amanhã você não vai trabalhar?

— Vou, mas você pode me encontrar lá. — Levantou as sobrancelhas.

— Se você quiser, claro. Daí podemos sair pra algum outro lugar.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Retirei um cartão de visita e a entreguei. — O meu número pessoal está aí atrás. Depois me manda um “oi” pra gente conversar melhor.

Ela leu o cartãozinho e depois me olhou com falso desdém.

— Ok, Dylan Marsh — sua voz cheirava a sedução. — Posso subir agora?

April mordeu os lábios. Não pude mais me controlar.

— Não, eu preciso de mais uma coisa. — Coloquei minhas mãos em torno de sua cintura. — Porque não sei se vou conseguir ficar mais um dia sem beijar sua boca.

Ouvi a sua respiração pesada e a tomei com a certeza de que ela também me queria. A beijei com tamanha vontade que me esqueci por um momento que estávamos em um local público. April respondia perfeitamente, sentia o seu corpo se desmanchar a cada instante que aprofundava mais o beijo.

Encostei o nariz no dela e lhe arranquei um selinho. Toquei o seu rosto com suavidade enquanto ela novamente abria um sorriso para mim.

— Agora sim, pode subir.



Na boate já se passava da meia noite. As coisas que eu precisava resolver já foram resolvidas. Observei através do vidro do meu escritório a agitação na pista. Estava tudo ocorrendo bem naquela noite, bem demais para eu pensar em ir embora e deixar o fechamento da boate para o gerente. Mas não era para minha casa que eu queria voltar.

Após ouvir o toque do meu celular, eu o destravei notando um número diferente.

“Mal posso esperar para te ver de novo, mas por enquanto, boa noite e bom trabalho”.

A mensagem veio acompanhada de uma foto de April debaixo das cobertas pronta para dormir.

Um sorriso surgiu instantaneamente no meu rosto. Era loucura a forma que eu queria estar perto dela o tempo todo. Isso porque eu só a vi duas vezes na vida.



CAPÍTULO 7

No começo da noite de sexta, comecei o meu ritual de beleza. Próximo das oito horas eu já estava pronta para ir para a Fênix Club. Coloquei um vestido frente única de paetê, deixei meus cabelos soltos e ao natural, sem alisá-lo.

Eu queria ir de carro, mas Dylan preferiu mandar alguém me buscar, avisando que não havia muitos estacionamentos por lá e que ele não recomendava deixar meu carro na rua.

“O motorista já está em frente ao seu prédio. Quando sair me avisa”.

A chegada foi rápida. Já na boate havia uma pessoa me esperando. O homem que se identificou como gerente me acompanhou até a beira da escada que dava acesso a outro tipo de ambiente.

— Pode subir, ele está te esperando. — O gerente apontou para cima onde havia uma espécie de cabine de vidro espelhado.

O segurança que estava guardando a escada me deu passagem. Subi até o local onde eu imaginava que Dylan estaria.

Adentrei o andar vendo uma figura parada próximo a janela de vidro. Ele se virou para me olhar, seu semblante não foi capaz de esconder o desejo.

— Isso é golpe baixo. — Apontou para mim.

— O quê? É só um vestido — amenizei.

— Vem aqui.

Ele pegou a minha mão e me puxou para perto dele e no momento em que nossas bocas se encontraram, eu não me senti mais tão culpada por sentir o meu corpo em chamas perto de um homem que eu não conhecia por inteiro.

— Me diz o que você quer? Quer algo para beber?

— Não sendo vodca eu vou achar ótimo — pontuei, fazendo ele soltar uma risada.

Dylan me levou para a sua sala. Conversamos sobre família, amigos, trabalho. Nenhum assunto era restrito com ele.

Havia um sofá e eu estava com as pernas no colo dele enquanto ele atendia ligações do seu pessoal lá embaixo. Me sentia muito conectada a ele. Se eu tinha vontade de tocá-lo, eu tocava e ele correspondia. Se eu tinha vontade de beijá-lo era a mesma coisa. Não sabia exatamente qual era o sentimento predominante em meu coração, mas eu me sentia segura com ele, sobre qualquer coisa.

— Você se diverte também ou apenas observa os outros se divertirem?

Ele parou e me olhou com um certo assombro.

— Sabe que nunca parei pra pensar nisso? Mas eu encaro a Fênix apenas como o meu local de trabalho. Acho que eu me divirto mais em casa, com a minha família, meus sobrinhos...

— Você já falou tanto nesses seus sobrinhos hoje que já estou louca para conhecê-los, mas você sabe, ainda é...

— Cedo demais? — completou.

Assenti.

— Que tal conversamos sobre isso? Porque eu sinto que estou envolvido demais com você para me ater a esse tipo de coisa. A gente se conheceu e está sendo incrível, então por que não?

— Eu não sei, Dylan. Parece muito precipitado. — Desviei os olhos enquanto ele segurava uma mecha do meu cabelo.

— Olha pra mim. — Eu o fiz. — Eu estou gostando muito de você, April. De verdade. Mesmo que a gente tenha se conhecido na semana passada, sinto que o que nós temos é especial.

Me afundei naquele olhar carinhoso.

— Eu também acho isso.

— Então passe esse fim de semana comigo?

— Claro — responder “não” nem passou pela minha cabeça. — Você estará de folga?

— Sim, resolvi isso agora mesmo. — Tapei a boca com a insinuação dele. — Aliás, a minha folga começa — deu uma olhada para o seu relógio de pulso — nesse instante.

— Ah, meu Deus! Você é louco?!

— Eu não era assim antes de te conhecer — comentou tirando sarro.

— Engraçadinho... Mas já que você resolveu se dar uma folga, que tal se divertir um pouco também?

— Estou tirando folga exatamente pra isso. E parece que você já tem uma sugestão. Certo?

Concordei com a cabeça.

— Não precisamos ir muito longe.



Conduzi Dylan até a pista de dança. O gerente abriu um sorriso ao passarmos por ele.

Dylan estava tímido, mas com alguns movimentos de quadril ao som de uma melodia sensual, o convenci a dançar comigo.

— Não vai me dizer que nunca dançou na própria boate? — perguntei desconfiada.

Ele meneou a cabeça me dando uma resposta inconclusiva.

Envolvi ele ainda mais ao começar tocar uma música com a batida mais dançante. Virei de costas e balancei o corpo com Dylan de espectador.

“Toda vez que trocamos olhares todas as luzes desaparecem”.

Dylan segurou minha cintura, me puxando para mais perto. Minha provocação estava dando frutos. Seus lábios subiram pelo meu pescoço, não

demorou muito para eu perceber que o jogo tinha virado.

Girei o corpo para ficarmos frente a frente, ele começou a causar em mim uma sensação extremamente excitante, que naquela pista de dança eu não podia me satisfazer. Muito menos satisfazê-lo.

“Estou queimando, você está lendo a minha mente?”

Cruzei meus braços em torno dele, aproximando nossos rostos, não parei de dançar. Eu tinha plena noção de que muita gente havia parado de dançar para nos observar, mas não era a atenção deles que eu queria.

— A partir de hoje, vou poder dizer que também me divirto no trabalho — Dylan comentou entre sorrisos.

— Ok. Mas espero que só pense em “se divertir” quando eu estiver aqui — falei brincando.

Ele procurou meus lábios e tomou a iniciativa de um beijo sem pressa que foi esquentando gradativamente.

Dylan e eu dançamos cinco ou seis músicas na boate antes de decidirmos ir embora. Minha vida parecia uma montanha russa, com ele eu vivia diversas aventuras e caía consciente em seu encanto.

Antes de chegar ao apartamento dele, nós passamos no meu para eu pegar algumas roupas.

Será que eu tinha voltado a ter catorze anos de novo? Me sentia uma adolescente diante do primeiro amor.

No hall do prédio de Dylan, algumas pessoas nos olharam com um ar nem um pouco complacente. Confiei que não era pelo motivo que o lado sombrio da minha mente queria que eu acreditasse.

— Tudo bem? — Dylan perguntou em um tom preocupado. Balancei a cabeça e puxei seu rosto para um selinho. — Você já comeu alguma coisa?

— Ainda não, na verdade já estou quase com fome.

— Posso dar um jeito nisso — respondeu abrindo a porta do apartamento.

Dei uma boa olhada pelo local.

— É, acho que vou desistir da minha carreira e investir em casas

noturnas também — falei brincando, visualizando o luxo.

Dylan deu risada. Ele andou pelo apartamento me puxando atrás.

— Seria ótimo. Eu investiria em você fácil, fácil.

Ele deixou a minha mochila com as roupas no que eu acreditava ser o quarto dele. A cama era enorme, havia também diversos imóveis de cor escura e bem lustrada que de longe se dava para ver o brilho. Não poderia ser mais nova iorquino que aquilo.

Observei Dylan retirar o blazer e subir as mangas do suéter preto.

— Vou cozinhar alguma coisa pra gente. Sugestões?

Arregalei os olhos.

— Quer dizer que além de empresário, príncipe e homem de família, você ainda cozinha?

Confirmou com vaidade.

Assisti Dylan comandar a cozinha. Vi ele separando alguns ingredientes e alguns utensílios. E então ele me serviu um bom vinho tinto enquanto permitia que eu o visse cozinhar. Não conseguia parar de admirá-lo nem se quisesse, o sorriso no meu rosto não se desfazia quando eu estava perto dele.

Depois de pronto, Dylan me serviu o melhor risoto que comi em toda a minha vida. Me faltou elogios porque ele realmente me surpreendeu.

— Vou ficar esperando um convite para jantar na sua casa ou na casa dos seus pais — deixou no ar.

Dei um gole no vinho me esquivando daquela conversa, mas também sabia que deveria recompensá-lo pela aquela noite.

— Acho que o senhor e a senhora Goldwin não estão prontos pra você.

— Por quê?

— Eu falo sério. Assim como eu, eles colocavam meu ex em um pedestal.

— Por favor, não vamos falar dele hoje — foi um pedido doce.

Fechei minha boca com um zíper imaginário.

— O que vamos fazer amanhã? Já tem algo planejado?

— Não. — Ele coçou o pescoço. — Pensei de ficarmos por aqui mesmo e no domingo sair pra passear no parque.

— O Central Park? — Ele fez que sim. — Que legal! — Me animei instantaneamente.

Dylan ficou do outro lado me observando. Vi o exato momento que o azul dos seus olhos se tornou escuro.

— Por que está me olhando assim?

Ele passou a língua pelos lábios de forma pouco ortodoxa. Foi o suficiente para me deixar em chamas.

— Porque é hora da sobremesa.



CAPÍTULO 8

Despertei me espreguiçando. Rolei na cama para dar de cara com olhos azuis curiosos, às vezes esverdeados quando serenos. Um sorriso surgiu instantaneamente no meu rosto. Cheguei mais perto dele até estarmos frente a frente.

— Bom dia — falei, enquanto uma das mãos dele acariciava meu rosto.

— Bom dia. — Ele também abriu um sorriso mantendo os olhos em mim.

— Há quanto tempo estava aí me espiando?

— Nem sei. Você é tão linda que nem percebi o tempo passar.

Cerrei os olhos.

— Você não diz isso pra todas, diz?

— Não, porque você não é igual às outras.

Puxei o ar percebendo que ele não parecia mentir.

— Meu Deus, Dylan... você sabe mesmo deixar uma mulher sem palavras — comentei encabulada.

Ele juntou nossos lábios de forma intensa e me saboreou, até me deixar sem fôlego.

— Você só precisa saber que eu estou feliz de te ter aqui.

— Aliás, que dia é hoje?

— Domingo — respondeu com uma risadinha. — O café já está pronto, ainda é cedo podemos ir ao parque se quiser.

Levantei da cama enrolada nos lençóis para ir tomar banho e escovar os dentes.

— Está um dia legal pra parque hoje?

— Bem, acho que sim, mas você quem sabe, podemos ir ao parque ou podemos ficar aqui, assistir um filme...

Ele me alcançou antes de eu chegar no banheiro, suas mãos envolveram minha cintura involuntariamente.

— E fazer o que fizemos na sexta a madrugada inteira e o sábado inteiro? — Envolvi o pescoço dele, observando-o concordar com a cabeça.

Roubei um selinho, mas ele logo aprofundou aquele beijo, quando me dei conta eu já estava nua.

— Dylan!

— O que foi? Você não ia entrar no banheiro com meu lençol, ia? — disfarçou brincando.

Corri para a porta do banheiro deixando-o lá, rindo do meu embaraço.



O lago Jacqueline Kennedy era a nossa paisagem daquele momento. O ar estava fresco e o céu com um sol fraco.

— Então você tem descendência latina, indiana, já morou na Irlanda e fala espanhol fluentemente?

Concordei depois de Dylan resumir o que eu havia contado a ele.

— Eu fiz intercâmbio em Dublin por dois meses, não foi bem morar.

— Mesmo assim, é uma bela história.

— E qual é a sua?

— Bem, sou descendente de escoceses como pode perceber — disse, alisando a barba ruiva. — Mas na minha família tem muitas misturas...

— É mesmo? Será que eles vão gostar de mim? — perguntei de

brincadeira, mas percebi Dylan ficar tenso.

— Minha família nunca gostou das minhas namoradas. Então não se preocupe com isso.

— Não, eu quis dizer... Você ou alguém da sua família já namorou com alguém... Você sabe...

Não gostava de ter aquele tipo de pensamento. Parecia que eu estava inferiorizando a mim mesma. Aquela era uma reação irracional de alguém que muitas vezes foi subjugada pela cor da pele. Eu sempre esperava o pior das pessoas para não me decepcionar.

Dylan mergulhou na minha aflição e leu tudo o que eu sentia.

— Não... April. Não... — Os dedos dele tocaram meu rosto suavizando a minha expressão tensa. — Eu quero muito que você conheça minha família e sei que vai ser maravilhoso. Já falei isso e falo outra vez: não se preocupe com isso. Você é linda, uma mulher fantástica e preconceito bobo nenhum vai mudar isso.

Suspirei algumas vezes sabendo que aquilo não seria nenhum problema.

— Mas vou ser sincero com você — Dylan continuou. — Com a minha avó é tudo diferente. Eu sou o neto preferido dela, então ela acha que mulher nenhuma está a minha altura — a voz dele estava bastante afetada.

Comecei a rir pensando ser mais uma das brincadeiras dele.

— Desculpa por achar que sua família...

— Não tem que pedir desculpas por se sentir vulnerável nessa situação. — Ele me interrompeu. — Eu estou amando te conhecer, ficar com você e claro que quero que conheça minha família, mas se ainda não se sente segura, não tem problema.

Após ter aquelas questões resolvidas, continuamos a caminhada pelo parque. Ajeitamos um lugar na grama perto de outros casais e fizemos um piquenique simples.

Namoramos bastante e o tempo passou.

— Acho que já podemos ir. Mais tarde você tem que ir pra boate e

amanhã bem cedo vou conhecer minha nova chefe, que por acaso é sua ex. — Ri nervosa.

— Ava é uma pessoa boa — comentou.

— Não duvido.

Fizemos o mesmo caminho na volta. Aquele parque era gigantesco, precisaria mais de um dia para aproveitar cada cantinho dele.

Eu e Dylan, andávamos de mãos dadas, feito namorados, mesmo que nós não oficializamos nada.

— Gostou do passeio? — Concordei. — Gostou de ficar na minha casa também?

— Hum, deixa eu ver... atendimento, hospitalidade, alimentação e outros “serviços que não estão no catálogo”, todos nota 10.

Ele riu me dando dois selinhos. Momentos depois duas crianças apareceram em torno dele, gritando e pulando.

— Tio Dylan, quem é essa? — perguntou a garotinha me olhando assustada.

Não tive reação quando a aparente mãe das crianças chegou também.

— Dylan! Que coincidência te ver aqui.

Puxei minha mão para Dylan soltá-la, porém ele não cedeu.

— Oi, Marge! Oi crianças! — Ele coçou as costas envergonhado. A mulher desviou os olhos para mim e sorriu. — Essa é a April.

— Ah, a April! — Ela estendeu a mão para mim abrindo um sorriso reconfortante — Tudo bem, April? Tenho ouvido falar muito sobre você.

— Ela é a sua namorada tio?

Dylan me olhou e confirmou com a cabeça.

— Sim, April é a minha namorada. — Parou para observar minha reação. — April, essa é a minha irmã Marge e meus sobrinhos, Henry e Olivia.

Meu coração se encheu de ansiedade com o namoro repentino, mas Dylan me apoiava mesmo quando nenhuma palavra saía da sua boca. Tudo o

que eu mais queria era ser namorada dele.

Marge nos felicitou, o menino nem me deu bola se distraíndo com alguma coisa no chão. Contudo, a garotinha era um enigma para mim. Ela parecia brava no começo, mas quando Dylan disse que estávamos namorando ela abriu um sorriso e me abraçou.

Fomos embora todos juntos. Conversei um pouco com a minha nova cunhada e os sobrinhos de Dylan, principalmente Olivia que parecia interessada em saber tudo sobre mim. Antes de nos separarmos, ela me convidou para ir em sua festa de aniversário que aconteceria em breve.

Mais tarde Dylan me levou de volta para o meu apartamento, no caminho falamos sobre toda aquela história de namoro. Logo ele parou em frente ao prédio. Tentei convencê-lo a passarmos mais aquela noite juntos, estava ficando mal acostumada ao dormir e acordar ao lado dele.

— Dorme comigo? — pedi colocando minha mão na coxa dele.

Fiquei bastante animada de ter conhecido uma pequena parte da família dele e dessa parte ter me acolhido tão bem.

— Depois de sair da Fênix eu venho, pode ser?

— Espera, você vai me deixar dormir, não vai?

Ele deixou escapar um sorriso malicioso.

— Já está pedindo demais...

Sorri sentindo minhas bochechas pegando fogo.

No último instante, Dylan resolveu me levar até o meu apartamento. Entrando no hall do prédio reparei num vulto correndo na minha direção.

— April! Até que enfim você apareceu!

— Caleb?

— Onde você estava? O porteiro disse que você não aparece aqui desde sexta! — Ele parecia bravo.

— Escuta aqui, por que você está gritando com ela? — Dylan me colocou atrás dele.

— Quem é você? April, quem é ele? — Caleb exigiu.

— Meu nome é Dylan e espero que abaixe esse tom de voz com ela, senão...

— Senão o quê? — Caleb tentou peitar Dylan, mas eu não deixei, me colocando entre eles.

— O que diabos você está fazendo aqui, Caleb? — gritei.

Ele respirou fundo pronto para me dar uma resposta, mas foi interrompido pelo segurança do prédio.

— Peço que procurem um lugar reservado para terem essa discussão.

O homem nos olhou com repreensão e só se afastou quando falei que iríamos subir para o meu apartamento.

Dentro do elevador eu tinha um Caleb furioso de um lado e um Dylan lutando para manter a calma do outro.

— Por que ele está subindo com a gente? Eu preciso falar com você a sós.

Bufei.

— April, avisa o esquentadinho aí, que eu não vou te deixar sozinha com ele por uma questão de segurança.

Fiquei calada tentando administrar tanta coisa.

— Entre. Os dois — mandei ao chegar na porta do apartamento.

Deixei minha bolsa em cima do sofá enquanto Caleb se acomodava nele. Dylan se encostou no balcão da cozinha e ficou me observando.

— E então, Caleb? O que de tão urgente você precisa me falar?



CAPÍTULO 9

Caleb me fitava com inquietação, ele juntou as mãos e olhou para Dylan um pouco afastado.

— Você tá transando com ele? — Fez questão que Dylan também ouvisse.

O que vi depois foi Dylan lançar um olhar mortal para meu antigo namorado. Eu admirava seu autocontrole. De qualquer forma ele não fazia o tipo brigão.

— Isso não é da sua conta! — retruquei. — Desembucha logo, quero você o menor tempo possível na minha casa.

— O projeto não está dando certo — começou.

— Qual projeto? O que você me roubou?

— Pensei que a gente já tinha esclarecido isso...

— Sim, mas nada muda o fato de que você me roubou.

Ele fitou o chão com as sobrancelhas franzidas.

— Eu preciso da sua ajuda, April. Não vou conseguir sem você. E se o projeto não for bem sucedido afetará a Star inteira porque os diretores investiram alto no... — cerrei os olhos na direção dele. — SEU projeto. Não vi outro jeito senão vir aqui te procurar.

— E daí? Eu não trabalho mais lá.

— Mas é o seu projeto, seu trabalho que você dedicou tanto amor e

esforço.

Ele estava certo. Aquele era basicamente o projeto da minha vida. Não podia negar que não vê-lo se concretizando, mesmo que por outras mãos, me afligiu.

— O que precisam que eu faça exatamente?

— Precisamos que você volte pra Boston, que volte pra Star. O presidente viria pessoalmente falar com você, mas eu me ofereci pra vir no lugar dele. Jurei a ele que te levaria de volta.

— Eu estou muito bem aqui. Acabei de ser contratada por uma grande empresa, o que pretende que eu faça? Não vou sair daqui para ir correndo pra Boston salvar a sua bunda!

— Você ainda não entendeu, a empresa inteira corre risco agora.

— Devo te lembrar que tudo isso é culpa sua?

— Pode falar isso quantas vezes quiser, eu não me importo mais, mas é o emprego dos seus antigos colegas de trabalho em jogo.

— Ah, com certeza. Eu vou falar isso com você quantas vezes eu quiser — respondi sem nenhuma paciência.

Passei as mãos pelo rosto, indo à cozinha pegar água. Se Caleb estiver mesmo falando a verdade, o caso era sério.

Dylan continuava incomodado, antes de eu voltar para a sala ele me perguntou se eu estava bem, respondi que sim, mas na realidade não estava.

Andei um pouco pela sala, desviando das caixas que eu ainda não havia desfeito. Pensei no que eu faria, no que eu gostaria de fazer e no que era certo fazer naquela situação. Cheguei à conclusão que não seria justo eu sacrificar algo que ajudaria milhares de pessoas por mesquinha.

Cruzei os braços e me aproximei de Caleb.

— Diga a eles que eu vou.

— O quê? — a pergunta veio de Dylan.

Fechei os olhos sabendo nas inúmeras coisas que teria que conciliar aceitando a proposta.

— Eu trabalho a semana toda. Vou poder ir para Boston só no fim de semana.

— Precisamos de você antes disso.

— Então eu lamento — rebati.

Ele demorou para concordar.

— Vou fazer com que todos estejam prontos pra te receber no fim de semana.

— Estamos combinados.

Caleb observou ao redor antes de levantar.

— Eu sabia que tomaria a melhor decisão, você tem o coração mais bondoso do mundo e eu sinto muito por ter me aproveitado disso.

Ele deu mais um passo, não me mexi sabendo que não tentaria nada com Dylan por perto. Ou tentaria?

— Vou manter minha cama quente para quando você se cansar daquele ali — Caleb disse em meu ouvido enquanto fingia se despedir. — Minha delícia.

— Saia daqui agora! — falei entre dentes, enquanto ele saía com um sorriso depravado.

Estava na cara que aquela merda não iria dar certo, porém naquele momento eu deveria pensar além de mim e dos meus sentimentos.

— Será que eu deveria ter me retirado pra deixar vocês dois mais à vontade?

Fechei os olhos dolorosamente. Não tive nem tempo de respirar antes de encarar Dylan na sua versão mais magoada.

— Dylan, é apenas um fim de semana.

— Tem certeza? April, olha o seu apartamento, até hoje você não desfez as caixas de mudança. Você já deixou claro que o seu novo emprego não é nem de longe o que queria e agora o seu ex que até dias atrás te afetava, e ainda te afeta bastante, veio aqui te chamando para voltar pra Boston.

— As coisas não são mais assim. Nós estamos juntos agora. Vou fazer

essa viagem com objetivo estritamente profissional. Então por que você está falando como se eu fosse te deixar pra trás e correr atrás do cara que ferrou com a minha vida?

— Não preciso que me diga o que está acontecendo aqui. Você voltar com aquele cara é só uma questão de tempo, então deixe que eu facilite as coisas.

Dylan pegou o caminho da porta me deixando desesperada.

— Não, não faça isso. Dylan!

— Não vou passar por isso de novo, April. Faça o que quiser, te deixo livre.

— Mas eu quero você!

— Quer aqui, mas quando for pra Boston trabalhar com Caleb vai continuar querendo? Não, você vai voltar pra ele. Vocês *sempre* voltam...



— Nossa, por que você está com essa cara de quem chorou a noite toda?

Balancei a cabeça sem querer falar daquele assunto, sentindo mais lágrimas querer descer.

— Own, vem aqui. Me dê um abraço. — Bonnie se aproximou e me cobriu de conforto.

— O que aconteceu? — Tracy perguntou.

Segurei o choro para conseguir falar.

— Dylan e eu passamos um fim de semana maravilhoso, mas ontem quando ele me deixou em casa, meu ex-namorado apareceu, Dylan não gostou e acabou terminando comigo achando que eu ainda gosto do meu ex.

— Eu avisei — Bonnie lamentou. — Não deveríamos ter empurrado ela para o príncipe.

— Mas conta pra gente, April. Você ainda gosta do seu ex?

Há algumas semanas eu afirmaria com todas as letras que sim, apesar

dele ter me sabotado, eu ainda não tinha conseguido me desvincular do que éramos antes de toda aquela merda acontecer. Só que com apenas alguns dias, Dylan foi tomando o espaço dele no meu coração e na minha mente.

— Gosto de Caleb cada dia menos e de Dylan cada dia mais. — Suspirei. — O que eu faço?

— Você precisa dizer isso a ele. Precisa fazer com que Dylan entenda que Caleb é passado.

— Eu sei, mas ele não quer falar comigo.

— Nesse caso, dê um tempo. Tenho certeza que ele vai se arrepender e tentará contato.

— Tomara, Tracy. Não quero que ele fique magoado comigo.



Após o almoço passei a me dedicar cem por cento no trabalho até ser requisitada.

— Com licença, April? — Uma mulher abriu a porta a minha procura.

— Sim, sou eu mesma.

Me levantei para receber a mulher que eu nunca tinha visto na empresa. Ela tinha uma beleza delicada e se vestia elegantemente.

— April, tudo bem? Meu nome é Ava — nos cumprimentamos com um aperto de mão. — Pode me acompanhar até minha sala. Temos muito o que conversar.

Finalizou com um sorriso.

Ai, meu Deus!

— Claro — respondi indo atrás.

— Vi na sua ficha que você é de Boston.

— Sim, nascida e criada. Nunca pensei que sairia de lá tão cedo...

— Bom, eu nasci em Massachusetts também, mas sou do interior do estado, e meu sonho sempre foi sair de lá. — Ficamos em silêncio até ela falar de novo. — Espero que as meninas tenham te recebido bem.

— Receberam sim, elas são ótimas.

Pegamos o elevador e logo chegamos na sala dela, que ficava ao lado da sala de Vivian.

— Você é mesma casada com o dono do banco Volkmann? — Não contive a língua.

Ela se voltou para mim com um olhar engraçado.

— É, eu sou. — Ava abriu um sorriso genuíno enquanto tirava algumas folhas debaixo de uma pasta. — Me casei já tem alguns meses, mas só por agora consegui tirar um tempo pra nossa lua de mel, acredita?

O sorriso em seu rosto era grandioso, fazendo sua pele corar.

— Eu ouvi tanto sobre você, mas nunca pensei que você fosse tão... acessível.

Confesso que esperava uma patricinha de nariz em pé, porém ela parecia ser muito humilde. Não era à toa que conseguiu fisgar o homem mais rico do mundo.

— Deve ser porque eu nem sempre tive essa vida que tenho hoje. — Me sentei observando o porta-retrato com a foto de dois garotinhos. — April, te chamei aqui para conversarmos sobre as suas habilidades e suas expectativas com a nossa empresa.

Pensei em dar uma resposta manjada, mas me sentia à vontade para falar a verdade.

— Eu vim de uma empresa de tecnologia e estar em uma empresa de logística é completamente diferente — ela assentiu. — Eu amava o meu antigo trabalho, mas por questões pessoais precisei me afastar. Então, eu ainda não sei o que esperar, nem sei se vou conseguir me adaptar.

— Qual era a sua função na empresa anterior?

— Eu desenvolvia projetos para um público em específico. Trabalhei tanto nisso que chegou um certo momento que eu já não via mais como trabalho e sim um estilo de vida.

— Entendi. Quando você fez a entrevista com Vivian, ela notou algumas coisas sobre você. Disse que você é determinada, corajosa,

sonhadora. Esse é exatamente o tipo de pessoa que buscamos. Mulheres sem medo de desbravar esse mundo extremamente masculino que é o empresarial.

— Esse não é o segmento em que atuo, mas ficarei muito feliz em tentar.

— Tudo bem, não precisa se comprometer agora. Fica conosco por um tempo e veja se vai gostar da nossa dinâmica. Inicialmente você trabalhará comigo, bolando estratégias para conseguir novos contratos para a empresa.

— Sim, por mim está tudo bem — concordei.

Talvez ali eu descobrisse outras perspectivas para a minha vida profissional. Não custava tentar.

— Ok. Acho que o resto a gente vai se acertando no decorrer dos dias. Tem alguma dúvida? Alguma coisa que queira me perguntar?

Desviei os olhos e entortei a boca. O que eu gostaria de conversar com ela não tinha nada a ver com trabalho.

Ava me olhou desconfiada. Até parecia saber o que se passava na minha mente.

— Abril, sei que você e Dylan estão juntos. As meninas me contaram. Trabalharmos juntas não será um problema pra mim, será pra você?

— Não, de forma alguma — me apressei a dizer.

— Que bom. — Suspirou aliviada. — Como ele está?

— Longe... — Fechei o semblante.

Me machucava a cada vez que lembrava dele e na possibilidade de tê-lo machucado.

— O que quer dizer com isso?

— Ele não quer me ver. Nesse momento deve estar pensando que eu estou com meu ex.

— Ah, meu Deus... — Ava lamentou. — Você voltou para o seu ex também?

— Não! Foi um mal-entendido.

— Graças a Deus, menos mal.

— Não suporto a ideia de tê-lo decepcionado sendo que essa nunca foi a minha intenção.

Ava se levantou e ficou ao meu lado. Ela parecia aturdida com tudo o que eu disse.

— Ok... Eu não sou a pessoa certa pra te dar qualquer conselho, mas vou dar mesmo assim: seja honesta com os seus sentimentos. Precisa pensar em você primeiro, seguir o que seu coração diz. Uma vez eu machuquei Dylan, mas precisei machucá-lo, pois sabia que uma hora aquilo iria acontecer e seria muito pior. Ele é um homem gentil, com um coração tão doce. Então, se tiver a possibilidade de não o machucar, não o machuque.

Era o que eu pensava também, mas tinha um medo imenso que ele tivesse se fechado definitivamente para mim.



Saí da sala de Ava com o meu expediente já acabando e decidida que não iria desistir de Dylan assim tão fácil. Tirei meu celular do bolso e liguei para ele.

“Sua mensagem está sendo encaminhada para a caixa postal e estará sujeita a cobrança após o sinal”.

Respirei pesadamente.



O resto da semana havia se passado sem que eu conseguisse falar com Dylan, mesmo aparecendo no apartamento dele ou na boate. Ele parecia ter evaporado.

Quando a sexta-feira chegou, eu já não sabia mais o que fazer, até tomar uma atitude que só tomaria em último caso. Peguei meu telefone e disquei o número da irmã dele.

— Oi Marge, é a April. Sim, eu estou bem. Só estou ligando para saber se você sabe de Dylan, tem uns dias que não consigo falar com ele.

— *Dylan está fiscalizando a boate dele na filial de Miami. Ele não te contou?*

Busquei na minha memória algo parecido. Dylan havia realmente me falado que iria para Miami, mas que ainda demoraria.

No entanto, não havia desculpas para me deixar no escuro. Sem nenhum aviso, nenhuma ligação. Nenhuma conversa.

— Hum, acho que contou, eu só não lembrava...

— *Está tudo bem entre vocês?* — Hesitei em explicar a situação para a irmã dele, afinal não havíamos decidido nada.

— Está sim, vou tentar falar com ele de novo. Obrigada, Marge.

Desliguei a chamada e tentei ligar novamente pra Dylan. A cada ligação não atendida eu pensava cada vez mais que continuar insistindo naquilo não era uma boa escolha.



CAPÍTULO 10

— Dylan? O que houve? — minha irmã perguntou assim que entrei.

Era manhã de um sábado conturbado e eu havia recém desembarcado em Nova Iorque.

— Qual o problema?

— Eu, a mamãe, todo mundo tentou falar com você desde quarta-feira e nada.

Passei a mão pelo meu rosto, eu precisava de um descanso.

— Perdi o meu telefone em Miami — informei. — Eu estava tão atolado em trabalho que nem me lembrei de avisar vocês.

— Está tudo bem. E a April, já ligou pra ela?

Caminhei até o sofá, sentando e fechando os olhos.

— April não é mais minha namorada.

— Como é? — Minha irmã ficou espantada.

— É isso mesmo que ouviu?

— Mas... Vocês estavam tão bem, aquele dia no parque.

Minha irmã parecia chateada com a notícia.

— Eu sei, foi tudo tão de repente...

— Então, me conta o que aconteceu?

— O ex dela estava na cidade e bem... a história se repetiu.

— Ah, não... Dylan. Que dia foi isso? Ela me ligou ontem para saber de você. Sabia que tinha algo errado, mas ela disse que estava tudo bem.

— Sim, ela tentou no meu celular também enquanto eu estava com ele, não quis atender. — Ergui meus olhos pra Marge e a encontrei com um semblante contrariado. — Ela vai voltar pra Boston e trabalhar com o ex, só estou facilitando as coisas.

Um pequeno apito soou de um dos quartos colocando minha irmã em alerta.

— É o termômetro. — Ela saiu andando em direção aos quartos.

— Tem alguém doente?

— Liv, ela anda febril ultimamente.

Segui Marge até o quarto da minha sobrinha. Observei minha pequena Liv embaixo de um edredom.

— Já a levou ao médico?

Sentei na cama onde Olivia permanecia encolhida, em certo momento ela virou a cabeça para me olhar, notei seu rosto vermelho e seus olhinhos lacrimejando, daí ela retornou ao estado anterior rapidamente e começou a chorar.

— Ei, Olivia? O que você está sentindo? — Acaricieei seus cabelos de fogo, ela negou o meu carinho, se encolhendo mais. — Precisa levá-la ao médico, onde está Liam e o meu cunhado?

— Eles saíram para o mercado e já levamos Liv ao médico. A verdade é que ela está assim desde o dia que April ligou.

— Como assim?

— Eu percebi que tinha algo errado, a voz dela estava triste e acho que ela não sabia que você tinha viajado. — Fechei os olhos me sentindo culpado. — Comentei algo com Olivia, disse que vocês não pareciam bem.

— Ficar triste é uma coisa, mas ficar doente é outra completamente diferente.

— Eu sei, amanhã é o aniversário dela. Ela já tinha planejado tanta coisa e queria muito que April participasse, acho que vamos ter que cancelar

a festa... — Marge disse como se fosse uma isca para ver se Olivia reclamaria.

Nada aconteceu. Ela olhou o termômetro em suas mãos.

— Pelo menos a febre dela baixou um pouco.

Pensei em tudo que minha irmã falou sobre a conversa dela com April e a reação da minha sobrinha. Talvez tivesse uma solução para aquilo tudo, mas não dependia só de mim.

— Me dê um tempo com ela — pedi.

Sentei na cama colocando as pernas lado a lado. Aguardei que Olivia dissesse alguma coisa, ao perceber que aquilo não aconteceria, comecei a falar.

— Liv, você está chateada porque April e eu terminamos? — Nenhuma resposta. Encostei a cabeça na cabeceira rosa. — Se é por isso, eu também estou muito chateado. Eu... ainda não entendo como as coisas não dão certo pra mim. Eu gosto dela, eu gosto muito dela, Liv, mas acho que... — Respirei fundo. — Ela não me escolheu.

Olhei para o lado depois daquele desabafo e encontrei Olivia com uma cara furiosa.

— Não vai escolher mesmo se você não parar de choramingar e for atrás dela agora mesmo!

Meu Deus, quanta fúria naquela menina!

Minha sobrinha está de volta!

Juntei minhas sobrancelhas e tranquei meu maxilar, momentos depois comecei a rir até contagiá-la.

— Você ainda fala! — brinquei depois de fazer Olivia dizer alguma coisa. — Está com raiva de mim?

— Não, tio. Mas você não pode deixar a April ir embora assim.

— Ela não vai embora agora, ela ainda tem um emprego na Carter Inc.

— Eu estou falando de vocês dois.

— Liv, eu não entendo. Você nunca gostou de nenhuma namorada

minha, o que mudou?

A garotinha desviou os olhos acastanhados dos meus.

— Essa é a primeira vez que você namora uma garota que gosta de você de verdade, tio.

— Como pode saber disso?

— Eu só sei. — Levantou os ombros.

Segurei o olhar da minha sobrinha por um tempo, para então eu finalmente saber o que deveria fazer.

— Aonde vai com tanta pressa? — Marge perguntou enquanto eu passava em sua frente.

— Preciso ir pra Boston. Me empresta seu telefone, preciso ligar pra April.

— Claro. Aqui. — Peguei o aparelho e disquei para April, eu não sabia o número dela de cor.

Fiquei parado no meio da sala esperando a chamada se completar. Nem sabia o que dizer ou como dizer. Só sabia que eu precisava que April me escutasse antes de ela se decidir por Caleb.

A ligação caiu na caixa postal duas vezes.

— Ela não atende. — Copiei o número dela no meu novo aparelho para tentar de novo mais tarde. — Eu preciso abastecer meu carro, vou pra Boston o quanto antes. Se por acaso April ligar avise que preciso muito conversar com ela.

— Sim, eu digo sim. Boa sorte, meu irmão!

— Obrigado. — Beijei o topo da testa de Marge e saí.

April chegou na minha vida como um furacão de amor e desejo, me devastou de uma forma tão doce e depois me reconstruiu. E agora ela estava indo embora. Aceitar a derrota tinha sido o meu maior erro desde sempre. Já decidi que não serei mais assim. Eu não iria desistir dela, a não ser que ela me dissesse que não me queria.



CAPÍTULO 11

— Então, o que acha? — Caleb questionou.

Na cabeceira daquela mesa oval imponente cercada de homens com o cenho franzido, estava eu. Mulher, negra e pronta para salvar o dia deles.

Analisei mais um pouco os gráficos na tela do computador e cheguei as minhas conclusões.

— Como eu imaginava. O programa está com erro de execução desde a parte inicial. Vão precisar fazer tudo de novo.

— Mas isso é jogar dinheiro fora! — um dos diretores gritou.

— Então, vocês vão precisar escolher entre jogar dinheiro fora ou jogar muito, mas muito dinheiro fora.

Todos se entreolharam preocupados.

— Tudo bem, April — Mark apaziguou. — Tem alguma outra maneira de executar o aplicativo sem que percamos tanto?

— Hum... — Voltei a mexer no computador.

Ao passar dos minutos percebi as outras pessoas da sala se dispersando. Apenas Mark e Caleb permaneceram do meu lado.

O meu celular começou a tocar em cima da mesa. Pelo número era Marge, mas não cedi a tentação de atender, estava finalmente achando a solução para a crise na Star.

— Tem um jeito! — exclamei. — Eu encontrei um “atalho” na

execução do aplicativo. Acho que vai dar certo.

Mark levantou as mãos para o céu em agradecimento. Caleb tentou me abraçar, empurrei ele no mesmo instante.

— Precisamos dos programadores agora — Mark comentou.

Mais alguns minutos para os programadores chegar na sede da Star para testar o programa e mais algumas horas para eles conseguir fazê-lo funcionar. Já estava anoitecendo quando tivemos a certeza do sucesso.

Mark e os demais diretores me chamaram para uma comemoração na casa do presidente da empresa. Após um dia inteiro de trabalho eu estava muito cansada, queria ir logo pra Nova Iorque resolver minha situação com Dylan, se ele ainda quisesse conversar comigo. Contudo eu sabia que era quase um crime não comemorar aquele êxito. Os funcionários estavam em festa, a diretoria já estava mais otimista, então eu também iria comemorar com os meus antigos colegas de trabalho.

— April? — Ouvi barulho de passos apressados enquanto eu descia a rampa de acesso ao estacionamento.

— O que foi? — respondi irritada sabendo que era Caleb.

— Você está de carro? Pode dar uma carona pra mim e pro Sam?

— Sam? Ele ainda está aí dentro?

— Está. Ele queria uma carona.

Sam era um jovem estagiário da área de TI, ele nem precisava estar aqui hoje, mas veio para oferecer ajuda caso precisasse.

— Onde ele está? Não quero demorar, vou viajar de volta pra Nova Iorque amanhã de manhã.

Caleb me olhou com curiosidade enquanto abria a porta do meu carro.

— Você e aquele cara ruivo estão namorando?

Gelei no banco e disse que sim, mesmo sem saber a que pé andava meu romance com Dylan.

— Onde está o seu carro? — perguntei em contrapartida.

— Oficina. — Deu de ombros. — Onde está o seu namorado? Por que

não está aqui te acompanhando?

— Bem, Dylan é atarefado — refleti. — Ele administra o próprio negócio e ainda tem tempo pra cozinhar, ficar com a família...

— Mas não tem tempo para a namorada?

— Ele está viajando para resolver as coisas dele. Chega de perguntar sobre o meu namorado para fazer suas comparações idiotas. Você não chega nem aos pés dele. E onde diabos Sam está?

Caleb conferiu em seu celular.

— Ah, ele não vai mais. Disse que está passando mal e que a mãe já está vindo buscá-lo. — Medi Caleb e dei a partida no carro.



Na mansão do presidente da Star Technology acontecia a nossa comemoração regada a bastante álcool. Para qualquer caminho que eu ia, eu era ovacionada e recebia cumprimentos de todos, Caleb seguia atrás de mim como uma sombra.

— Agora, eu queria erguer um drinque a nossa salvadora. — A voz do presidente fez todos se calarem. — Um brinde a essa jovem cuja inteligência pode salvar a nossa empresa. Um brinde à April Goldwyn.

Todos levantaram suas taças repetindo a última frase do presidente, logo em seguida gritaram pedindo por um discurso meu. Limpei minha garganta quando percebi que não iria escapar sem dizer algo.

— Bem, eu não acho justo só o meu nome ter sido brindado aqui. Eu comecei a minha carreira profissional com cada um de vocês e foi com vocês que eu aprendi o conceito de trabalho em equipe. Essa é uma vitória de todos nós.

— Então April, quando voltará a trabalhar conosco? — o presidente, Gregory Lewis quem questionou.

— Ham... — Olhei ao redor da sala onde cada rosto esperava uma resposta.

— Quero você como diretora dessa vez.

Prendi o ar.

— Sr. Lewis, não precisa me oferecer um emprego. Eu já tenho um em Nova Iorque.

— Sim, Caleb nos contou, mas esse emprego te satisfaz como profissional? Nova Iorque está te deixando feliz?

— A mudança foi a pouco tempo, a tendência é melhorar. Eu acho...

— Aceita logo! — alguém gritou lá do fundo.

— Aqui em Boston você tem a sua família, o emprego que você tanto ama e tem Caleb. O que você tem em Nova Iorque, April?

Aquela pergunta retumbou na minha mente, me deixando paralisada por alguns instantes.

O que eu tinha em Nova Iorque?

Bem, Nova Iorque era estressante e o emprego não me agradava nem um pouco. No entanto, a visão de um homem lindo com barba e cabelos ruivos veio à tona.

Dylan.

Mas será que eu ainda o tinha? Seria justo desistir do emprego dos meus sonhos por um talvez?

Com exceção de Dylan, tudo o que eu queria se encontrava ali, em Boston. Desanuviei meus pensamentos e foquei em resolver o problema que era prioridade naquele momento.

Dylan também era minha prioridade, mas não agora.

Aquele emprego na Star era a única coisa que eu desejei durante anos. Não iria desistir depois de tê-lo conquistado.

— Agradeço a oportunidade Sr. Lewis, e sim, eu aceito voltar para a Star, mas com uma condição.

— Qualquer coisa que quiser.

Sabia que ele diria aquilo.

— Volto se Caleb for demitido.

Todos naquela sala se espantaram. Houve um burburinho por

segundos, o presidente fez com que todos se calassem. Caleb estava imóvel, seus olhos me olhavam furiosamente.

— Por quê? Por que Caleb? Pensei que vocês...

— Quer dizer a eles o por quê? — Passei a pergunta a Caleb.

Ele chegou mais perto, um pouco melindroso.

— Não sei do que está falando...

— Tem certeza? — insisti.

Vi ele abaixar os olhos. Será que teria coragem de contar?

— Olha, senhor presidente, eu não sei do que April possa estar falando, mas garanto que não é nada de grave...

Como previ, ele não iria contar, iria tentar enganar.

— Não achou estranho que o autor do projeto não soube executar as ações como deveria? — falei baixo, só para o dono da Star ouvir.

— Isso é jogo baixo, April! Vamos resolver isso de outra forma...

Desci meus olhos para ver as mãos dele segurando meu braço com força. Voltei a olhá-lo novamente.

— Jogo baixo? E o que você fez comigo? Não foi jogo baixo também?

— Desculpa, o que está acontecendo aqui? — o velho homem questionou.

— Caleb não fez projeto nenhum.

— Não? — O presidente olhou para Caleb com desconfiança. — Quem foi então?

— O projeto é de minha autoria — esclareci. — Caleb o apresentou sem meu consentimento.

— Mas eu te ofereci um cargo para consertar as coisas...

— É, ofereceu. Mas não foi pra consertar as coisas e sim me manter sob suas rédeas.

O clima ficou nebuloso. Continuei a encarar Caleb para assistir se ele tentaria mentir mais uma vez.

— Obrigada por explicar, April. Já entendi o que está acontecendo. — Nosso presidente o olhou sem piedade. — Você precisa ir embora agora, Caleb. Segunda-feira você precisará procurar um novo emprego.

Caleb me fuzilou com toda aquela tensão expressada em seus olhos. No fundo ele deveria achar que eu recuaria, diria que tudo o que foi dito era um delírio da minha cabeça. Só que eu não iria voltar atrás, a verdade estava ao meu lado.

Levou alguns minutos para ele se dar conta de que tinha perdido. Ele deixou de me encarar e abaixou os olhos. Esperei por um pedido de desculpas ao menos. Porém Caleb nem parecia ter se arrependido. Então ele fez um gesto de cabeça aceitando a derrota e nos deixou.

O som ambiente não estava baixo, no entanto pude ouvir minha própria respiração. Respiração de alívio.

— Já posso te anunciar como a nossa nova diretora? — assenti, deixando um sorriso surgir. — Que bom. Agora já pode escolher a sua equipe e um novo gerente de criação.

Admirei minha própria coragem. Nunca imaginei ter que fazer aquilo com alguém, mas Caleb mereceu. Torci mentalmente para que ele tenha aprendido a lição.

Quando tive um momento só para mim, saí para o lado de fora da mansão me lembrando que Marge havia me ligado. Vi a mensagem dela avisando que Dylan iria entrar em contato. Meu coração disparou sabendo que nós dois precisávamos conversar.

Havia algumas chamadas não atendidas de um número desconhecido e alguns correios de voz.

Eu já tinha tanta saudade dele...

“Oi, April... Eu estou a caminho de Boston. Não consegui falar com você pra te avisar. Hum... Você já deve saber que precisamos conversar. Me fala onde posso te encontrar.”

Abri o segundo correio, que ele mandou algumas horas depois do primeiro.

“Eu estou em frente ao prédio da sua antiga empresa, não sabia em qual outro lugar te procurar. Espero que ainda possa me ouvir”.

Pelo horário da mensagem eu havia acabado de deixar a Star. Porque você fez isso, destino?

“Me desculpa se eu não atendi suas ligações antes, eu estava chateado e confuso, além do meu celular ter sido roubado no meio da semana. Mas agora eu estou aqui e quero te falar pessoalmente como eu me sinto sobre você”.

Andei de um lado para o outro, abrindo a última mensagem de voz que tinha sido enviada vinte minutos atrás. A voz dele demorou a sair.

“Bem, eu já estou indo embora. O porteiro do prédio esteve aqui, ele me falou que viu você saindo com Caleb, então você fez sua escolha, certo? Pausa. Prometo não ficar chateado se é ele quem te faz feliz. Apenas isso que eu quero, que você seja feliz, April”.

A entonação dele não demonstrava raiva por achar que eu havia voltado com Caleb e mesmo tentando transparecer felicidade havia uma tristeza indisfarçável. Tapei meu rosto imaginando no quanto aquilo foi difícil para ele.

Retornei a ligação com desespero, mas ela nunca se completava. Droga!

Fugi pelas portas do fundo em direção ao jardim onde a maioria dos carros estavam estacionados.

Entrei no meu carro e dirigi até a Star, rezando para encontrar Dylan por lá, eu não admitia fazê-lo sofrer. Antes de chegar, ao longe já sabia que a minha tentativa foi frustrada. Ele já tinha ido embora.

Parei o carro e tentei falar com ele até ficar irritada com a secretária eletrônica.

Bufei.

Passei alguns minutos sem saber o que fazer até surgir uma ideia. Estava na hora de eu correr atrás da minha prioridade daquele momento.

Peguei o telefone novamente. Chamou duas vezes até atender.

— Oi, sou eu. Preciso da sua ajuda — falei.



CAPÍTULO 12

Eu não sabia de onde Marge arranhou um uniforme militar real, mas ele era bonito e caía muito bem em mim. Os preparativos da festa de dez anos de Olivia seguiam a todo vapor. Com o tema de princesas, eu fui incumbido de ser o príncipe para posar para as fotos e dançar a valsa com a minha sobrinha.

Toda família sabia que era cedo demais para fazer uma festa de debutante para a Liv, no entanto, contrariar a pequena obstinada de cabelos vermelhos, não era uma possibilidade.

Depois de mais uma decepção, pelo menos eu tinha algo para ocupar minha mente.

— Aqui está! — Marge apareceu do meu lado no espelho.

— Meu Deus, tem até um quepe?! — Fiz careta.

— Sim... Ah, Olivia está tão feliz.

Abri um sorriso. Ela estava mesmo. Ontem de manhã estava febril, mas hoje, magicamente, parecia a garotinha mais feliz do mundo. Nada era mais importante do que o sorriso da minha pequena no aniversário dela.

— Dylan, obrigada por estar aqui. Sei que não está sendo nada fácil pra você.

— Não precisa me agradecer, Marge. Nada me faria perder o aniversário da Liv. Onde ela está?

— Ela já foi pro salão com o pai. Eu fiquei aqui só pra te arrumar. Olivia disse que você precisa estar perfeito.

— Só a Olivia mesmo...

Marge ajustou melhor o quepe na minha cabeça.

— Pronto. Agora já pode ir encontrar uma princesa.



Fiquei impressionado com a decoração do salão. Havia muito verde e laranja, além de um cenário medieval. O tema de princesa da Disney estava a cara de Olivia.

Muitas crianças já corriam por todo lado. Percebi olhares em mim a cada passo. Com certeza eu me destacava dos demais, vestido de príncipe enquanto todos os outros estavam com suas roupas normais.

— Onde você arrumou esse chapéu, tio Dylan? — Henry perguntou, parando ao meu lado.

— Sua mãe e Olivia. É horrível, não é?

O menino olhou para o quepe e depois de uma risada concordou. Ele saiu saltitando. Fui procurar o restante da minha família.

— Dylan, estamos aqui — meu cunhado gritou à alguns metros.

Ele indicou onde minha família estava.

— Estamos todos ansiosos pelo seu reinado, príncipe Dylan I — debochou Christopher, meu irmão do meio, quando eu cheguei à mesa.

Fiz que não ouvi e fui direto cumprimentar meus pais e minha avó. Me sentei e conversei com eles. Observei as várias vezes que Liv passou na minha frente extremamente feliz com suas amiguinhas.

Esqueci por um segundo como o meu coração estava machucado.

— Olá, tudo bem com vocês? — Uma voz me chamou atenção.

Ava?

Quase dei um pulo da cadeira. Quanto tempo não à via. Ela também estava diferente, sua pele tinha atingido um bronze que não conseguiria com o sol de Nova Iorque.

— Boa noite. — Ouvi a voz cortês de Dion, segurando um dos filhos

no colo. Enquanto o outro gêmeo estava perto de Ava.

Ele deu um rápido olhar na minha direção, não se sentia confortável ainda em me ver. Nenhum de nós sentia. Era nítido que eles não queriam estar ali, vieram somente pelos gêmeos.

Mason e Aiden fizeram um rápido cumprimento para toda mesa, recebendo mimos da minha mãe e de Marge, logo eles saíram correndo com Henry e Liam. Aqueles quatro haviam se tornado melhores amigos.

Desviei meus olhos para Marge que havia trazido o casal até nós. Ela não tinha me avisado que Ava viria. Fiquei paralisado sem saber se deveria me levantar e fazer um cumprimento formal.

Vovó fez um resmungo e continuou com sua habitual carranca no rosto.

— Vocês gostariam de ficar aqui conosco? — minha mãe perguntou por educação.

— Ah, não... Muito obrigada. Nós já vamos nos sentamos por ali. — Apontou.

Dion permanecia de olho nos filhos. Uma mão dele a abraçava, as mãos se tocavam levemente.

Caramba, eles eram um lindo casal.

Pouco depois eles sumiram de vista. Refleti sobre aquele momento. Pensei que ficaria mais afetado reencontrado Ava, mas...

— Custou, mas você a superou mesmo, hein? — Meu irmão me cutucou.

Então as coisas ficaram mais claras.

— Já não era sem tempo... — Ouvi minha mãe falar.

— Sim, ele nem olhou pra ela com aquela cara de cachorrinho sem dono.

Harris fez todos arrancar boas risadas. Finalmente pude rir também. Minha relação com Ava estava fadada ao fracasso. Só eu não enxergava aquilo.

Tomei alguns copos de cerveja e desfrutei dos petiscos da festa. Após

um tempo percebi que as pessoas se levantavam e abriam uma roda no meio do salão.

— Vem príncipe, chegou a sua hora de brilhar — Marge tirou sarro.

A acompanhei até o meio, onde Olivia já estava. Seu vestido de Merida destoava do meu uniforme militar de príncipe.

— Está se divertindo? — perguntei.

Ela balançou a cabeça freneticamente portando um grande sorriso.

A valsa começou a tocar, então estendi a mão para a garotinha do meu lado. Me perguntei se aquela festa repetiria quando ela fizesse quinze anos.

— O que está fazendo tio?

— Ué, você não vai dançar a valsa comigo?

— Você vai dançar, mas não comigo, com ela. — Apontou para o meio da multidão que se abria, dando passagem para...

— April?

Perdi os sentidos por alguns segundos.

Ela veio até mim vagarosamente, como nos filmes. Usava um longo vestido azul e rodado, literalmente uma princesa.

Senti aquela sensação em que o corpo todo tremia, mas era uma sensação boa.

— Usar esses vestidos não faz muito meu estilo, mas a Liv me disse que um príncipe precisa de uma princesa.

Puxei o ar tentando não divagar na frente da mulher mais linda que já pisou nesse planeta.

— Fico feliz que tenha vindo. Pela Liv, é claro.

A música clássica entoou um ritmo calmo e melódico. Segurei uma mão dela na minha, a outra foi na cintura.

— Eu estou aqui pela Olivia sim, mas também por você. Precisamos conversar.

— Não precisamos, você não me deve nenhuma explicação.

— Dylan, eu sei no que está pensando. E as coisas não são bem assim.

— No que estou pensando agora?

— Que eu te deixei.

— Não. Agora estou pensando: como você me aparece aqui, *linda desse jeito*, pra ferrar ainda mais com o meu psicológico?

Disfarcei o rancor para os convidados que assistiam a nossa valsa.

— Não tem nada disso. — Ela me olhou com bastante aflição. — Eu estou aqui porque quero consertar você. Quero que você me conserte. Não há outro homem em minha vida a não ser você, Dylan Marsh.

— O quê?

— Há um mal entendido nessa história. Você pensou mesmo que eu te deixaria por um traidor cafajeste?

— Sim, eu pensei. Então...

— Você está errado. Eu escolho você. E vou escolher quantas vezes for preciso.

Ouvi aquelas palavras foi como acender em mim uma luz que estava se apagando vagarosamente, se perdendo em meio a tantas decepções e desilusões. April havia trazido ela de volta. Alimentando minhas esperanças.

Acaricieei seu rosto, a olhando com veneração. Contornei seus lábios perfeitos se transformando vagarosamente em um sorriso maravilhoso.

A minha perdição.

Segurei na base do pescoço de April e trouxe seu rosto para mais perto. Se ela me queria não havia mais porque renegar a paixão que queimava no meu peito.

Encostei seus lábios suavemente, para só então me afundar naquela montanha russa que era se apaixonar. No meio do nosso deleite ouvia-se cochichos e alguns assovios. Não me importei, eu era todo dela naquele momento. Quando separamos nossos lábios foi que percebi que a vontade de beijá-la ainda de dominava. No entanto, me contive. A música já havia parado.

Desci meus olhos pela estatura de April. O vestido de um azul claro

tinha bastante brilho e o decote me tirava o fôlego. O rosto brilhando não só pela maquiagem, mas ela tinha seu próprio brilho e para finalizar o cabelo preso em coque, com duas mexas contornando o rosto.

— Você está linda demais! — sussurrei. — Parece uma princesa. Se Liv tivesse premeditado isso, não daria tão certo.

A expressão dela mudou como se entregasse um segredo.

— Bem...

Marge nos interrompeu para receber April de forma apropriada. Olivia surgiu do meu lado, compartilhamos a mesma admiração pela recém chegada que se tornou o ponto alto da festa.

— Você sabia disso, não é? — perguntei a minha sobrinha.

Ela me respondeu só em me lançar seu sorriso travesso.

— Obrigada... — agradei baixo.

O que veio a seguir foi cada membro da minha família acolhendo April como se já fosse parte de nós. Houve piadinhas, *é claro*, e cobranças de netos por parte da minha mãe.

— Com licença, vou salvar minha namorada antes que ela resolva fugir de vocês. — Segurei na mão de April e a puxei para perto de mim.

Conseguimos dar dois passos até sermos parados.

— Dylan! — um grito cansado e raivoso estourou na minha direção.

Ao longe vi vovó arrastando sua bengala salão afora. Olhei para April ao meu lado, a tensão perambulava cada traço do seu rosto.

O que vovó faria a seguir era uma completa incógnita. Ela como os outros membros da minha família, sempre torciam o nariz para as minhas namoradas. E pior, ela era uma espécie de farol, nós sempre tendíamos a seguir os pensamentos dela.

Diante de nós, a matriarca da família Marsh me analisou brevemente. Seus olhos logo pularam para April e a análise com certeza seria mais rigorosa. Sempre procurava defeitos, pontos fracos para poder falar mal nas festas da família. Ela adorava fazer isso com Ava. Seu olhar compenetrado era indecifrável.

Tive medo. April se sentia frágil naquele tipo de situação, sendo uma mulher negra no meio de uma família com poucas misturas. Senti a necessidade de intervir.

— Vovó...

— Ah-há. — Ela levantou um indicador próximo ao meu nariz me impedindo de continuar.

— Quero uma conversa particular com você algum dia desse, April.

— Claro, por mim tudo bem — respondeu desconfiada.

— Mas quero que saiba que Dylan é o melhor, e ele merece só o melhor. — Seus olhos passearam um pouco mais na estatura de April enquanto ela prendia o ar. — Acho que ele finalmente encontrou.

A expressão da vovó se suavizou causando um alívio instantâneo e coletivo.

Obviamente eu era crescido o suficiente para escolher com quem me relacionar. Porém minha família tinha uma importância enorme na minha vida. Saber que esses campos estavam em harmonia significava a perfeição para mim.

Os olhos de April me fitaram, não havia serenidade.

— Preciso de ar... — Avisou.



— Preciso te falar algo — ela disse.

— Então fala. Acho que nada mais é capaz de atrapalhar a minha noite...

April abriu um meio sorriso desviando os olhos.

Estava frio. Tínhamos saído do salão e caminhamos até encontrar uma pequena varanda.

— O presidente da Star me ofereceu um emprego. Na verdade, ele me ofereceu a diretoria de novos projetos.

— Isso é uma ótima notícia! — A segurei em meus braços. — Não era

isso que você queria?

— Sim, claro! Essa oportunidade significa tudo pra mim..., mas, eu vou ter que voltar pra Boston. — Seus olhos transmitiam incerteza.

— Certo, e daí?

— Como assim, e daí? — Ela estranhou. — Vamos ficar em cidades separadas...

— Não importa — respondi com tranquilidade. — Isso só significa que estaremos separados por alguns quilômetros de distância. Boston não é tão longe assim. O importante é que você está aqui agora.

April enterneceu o semblante.

— Ai, meu Deus... Parece que estou dentro de um sonho onde tudo dá certo.

— Isso tudo é loucura, eu sei... Mas você conquistou a minha avó? Sabe o que isso quer dizer?

— Não é bem assim, ela ainda quer conversar comigo. Devo esperar perguntas como: “Quais são as suas intenções com o meu neto?” — Ri quando ela tentou imitar a voz da vovó.

— Aposto que vai te chamar para tomar um chá. A vovó não é assim, ela não é do tipo gentil com ninguém, ainda mais se tratando da vida amorosa dos netos — expliquei. — Vamos ao que interessa. O que fez você estar aqui hoje?

— Bem, ontem quando ouvi seu último correio de voz eu corri até a Star pra te encontrar e falar tudo o que eu te falei agora a pouco. Mas cheguei atrasada, você já tinha ido embora. Sabia que tinha entendido tudo errado, queria te mostrar a verdade, mas de uma forma diferente. Foi por isso que liguei para Marge ontem e falei pra ela o que aconteceu. A ideia do vestido foi de Olivia.

Mantive April por perto enquanto ela falava olhando em meus olhos.

— Sabe, apesar de você estar a cópia do príncipe Harry dentro desse uniforme, seu cabelo de fogo e esse olhar doce, não é por isso que as pessoas veem em você a imagem de um príncipe. É pelo seu coração. — Ela tocou o meu peito delicadamente. — O seu coração é gigante, verdadeiro e mesmo

que machucado é incapaz de machucar alguém. Eu me apaixonei pelo seu sorriso em um bar e hoje eu sou louca por você.

Contornei seu rosto com um gesto delicado para sentir algo de concreto, a olhando como se estivesse tendo um delírio. Aquela mulher não podia ser real.

— Por favor, me deixe cuidar de você — pediu. — Me deixe cuidar do seu coração?

— Pode fazer o que quiser comigo. Você cuida de mim e eu de você. Vamos cuidar um do outro agora. — A segurei próximo ao meu peito.

Era ali que ela deveria estar. E era bem ali que eu também deveria estar.



BÔNUS

O nosso primeiro passo ao decidir namorarmos à distância foi conhecer melhor a cidade um do outro. Eu amava Nova Iorque, April amava Boston. Sabíamos que para dar tudo certo, teríamos que passar a amar a cidade um do outro também.

Todos os meses escolhíamos um lugar especial para compartilharmos lembranças e paisagens. Precisamos de dois fins de semanas para completar nossa volta ao Central Park, passamos uma tarde inteira no Museu de História Natural e outra tarde no MET. Já em Boston, assistimos uma partida de beisebol do Red Sox, time do coração de April, além de passearmos por pontos turísticos que contavam um pouco sobre a história do nosso país, como a Trilha da Liberdade e o Museu de Belas Artes. Ainda havia muito para ser descoberto naquelas cidades.

Dias atrás pedi que April me levasse para seu lugar favorito em Boston, como resposta hoje estávamos no aquário da cidade.

De mãos dadas e dedos entrelaçados adentramos o local. Havia muita gente, já que se tratava de um ponto turístico.

— Quando eu era pequena, minha família sempre vinha aqui. Acho que é aqui que se encontra a minha lembrança mais antiga. — Seu semblante era de nostalgia. Aguardei que April dissesse mais. — Me lembro de ter ganhado uma tartaruga de pelúcia do meu pai. Eu dormia abraçada a ela toda as noites.

— Então é por isso que decidiu vir aqui hoje?

— Sim. Sempre que penso em algo feliz, especial, familiar, é nesse

aquário que penso.

Após passarmos pela ilha dos pinguins, subimos para os demais andares. Visitamos arraias, peixes de todas as cores e espécies, focas, tubarões pequenos. April estava radiante, usando um vestido solto e florido.

Chegamos diante de um enorme aquário, como uma obra de arte viva, com seus integrantes coloridos e imparáveis. O trânsito de pessoas ali estava menor do que em outros lugares.

Abracei April por trás. Ela estava muito feliz em estar ali, era inegável. Ficamos por ali por algum tempo. April não dizia nada, parecia esperar que eu dissesse algo importante. O que era estranho porque eu realmente iria dizer algo muito importante.

Deixei um beijo em seu pescoço antes de virá-la para mim.

— Pensei em várias coisas pra te falar aqui hoje, mas não consigo pensar em mais nada quando você me olha. — Observei seu rosto brilhar com um sorriso. — Queria poder te falar que nem sei como estaria se você não tivesse aparecido.

— Isso é uma verdade para mim também. Não sei como estaria sem você hoje. Nem quero saber...

Me inclinei para roubar um beijo delicado.

— Sabe por que pedi que escolhesse um lugar especial dessa vez?

Vi ela desviar os olhos sem saber se diria a verdade, pois estava mais na cara o meu objetivo. April deu de ombros.

— Só queria que se sentisse em casa, porque quero que tome uma decisão muito importante.

A emoção tomou conta de seus gestos.

— Tudo bem — disse com um fio de voz.

— Seu pai me pediu pra fazer isso, só quando eu tivesse certeza. Eu ri quando ele disse isso e respondi que tive certeza há muito tempo, mas esperei porque não queria te assustar.

Ela riu. Eu amava fazê-la rir.

— Eu te amo, April. Amo em uma proporção que não consigo calcular.

Pensei que nunca amaria alguém de novo, mas nunca amei ninguém como amo você. Não há como comparar — fiz uma pausa. — Por isso que quando achei que tinha te perdido, senti algo que nunca senti antes. Foi como se eu tivesse perdido tudo. Porque você, April, é o meu tudo.

Me aproximei e beijei seu rosto banhado de lágrimas e ajoelhei.

— Agora já sabe o que viemos fazer aqui. Mas não quero que seja só a minha esposa. Quero que seja a minha companheira de vida. Vamos compartilhar nossos sonhos, dividir tristezas, discutir por uma toalha molhada em cima da cama. Você quer isso também? — Recebi uma confirmação tímida. — Então case-se comigo?

Ofereci o anel de três diamantes. O mais incrível era que eu não estava nervoso, porque a resposta ela já me dava todos os dias. Não me surpreendi quando ela pegou o anel, mas fiquei imensamente feliz.

April segurou a minha mão e me puxou para que eu levantasse.

— Eu amo você, Dylan. E sim, eu aceito ser a sua esposa e companheira de vida.

Acariciei seu rosto para novamente beijá-la. Não havia plateia, ainda bem que não tinha, porque aquele foi um momento só nosso.



BÔNUS

Nos casamos alguns meses depois. Antes de tudo, começamos a morar juntos em Boston. Demorou mais alguns meses para rompermos a barreira da distância, quando Dylan contratou dois novos sócios para cuidar da Fênix Club de Nova Iorque e Miami, podendo ficar mais tempo em casa. O objetivo dele agora era abrir mais uma boate em Boston.

— Pronta? — Olhei para trás onde vi meu marido terminando de calçar os sapatos.

— Só mais um minuto — pedi terminando de colocar os brincos.

Notei que ele vinha na minha direção através do espelho. Ajeitei meu cabelo mais uma vez, foi o prazo de Dylan chegar mais perto e começar a beijar meu pescoço tirando minha concentração.

— Vai me desarrumar agora que fiquei pronta? — reclamei, ainda que achando graça.

— Estava pensando... estamos indo para um chá de bebê. Que tal fazermos um agora?

Segurei seus braços em torno de mim, olhamos nosso reflexo. O reflexo de um casal feliz, não só um reflexo, mas nossa realidade.

— Sabe que não precisa de argumentação nesse assunto. Eu sou sua a hora que quiser, mas não é todo dia que temos um chá de bebê pra ir. Ainda mais se tratando da minha ex-chefe e sua ex-namorada. — Parei um pouco e pensei se aquilo não seria uma boa ideia pra ele. — Você não quer ir, é isso?

Dylan e Dion já seguiram em frente sobre toda aquela história com a Ava. Eles retomaram a amizade já que não tinha mais nenhuma mulher entre eles.

— Eu quero ir sim, só pensei que poderíamos atrasar um pouco. Não seria nada demais...

— Nesse caso então...

Virei para ficar de frente a ele, contornei meus braços em seu pescoço para beijá-lo e fazer valer suas vontades.



— Que bom que vieram. — Fomos recebidos por Ava. — April, quanto tempo?

Beijamos o rosto uma da outra como cumprimento.

Admirei sua figura. Não me lembrava de ter achado uma mulher grávida feia algum dia, mas ela estava radiante dentro de um vestido rosa claro e solto, mesmo assim não era possível esconder a barriga que estava enorme.

A festa iria acontecer no jardim. A piscina estava coberta de balões rosa metálico. Havia flores, flores por toda a parte.

— Então é uma menina? — presumi pela quantidade de rosa na decoração.

As mãos dela acariciaram automaticamente o ventre.

— Na verdade, são duas meninas — Ava respondeu, levantando os ombros e abrindo um sorriso grandioso.

Eu e Dylan trocamos olhares, um pouco assustados.

— Bonnie e Tracy estão bem ali. Estão loucas pra ver vocês. — Apontou onde nossas amigas estavam.

— Obrigada. Vamos lá agora mesmo.

— Tudo bem. Por favor, fiquem à vontade.

Ela sumiu da nossa vista para receber os outros convidados.

Dylan me olhou e percebi que os nossos pensamentos estavam sincronizados.

— Quatro filhos? É uma goleada! — ele disse entre risadas.

— É inacreditável! Como ela conseguiu engravidar de gêmeos duas vezes?

— Eu não sei, mas Dion está de parabéns. — Dylan não parava de rir.

— Por quê? — questionei confusa.

— Por quê? O cara é praticamente um touro reprodutor!

Gargalhei junto com ele.

— Ou talvez é a Ava que tem um útero muito abençoado.

— Não importa, estamos perdendo feio. Mas vamos virar esse jogo — brincou.

— Vai sonhando, não vou ficar parindo filho pra você vencer essa competição boba — debochei.

Cumprimentamos as meninas ao chegarmos na mesa delas.

— E então, a cegonha irá visitá-los quando? — Bonnie perguntou assim que sentamos.

Eu e Dylan nos entreolhamos.

— Se depender de mim, o quanto antes — ele respondeu.

— Felizmente isso não depende dos homens — Tracy comentou. — Se dependesse do meu marido eu já teria um time de futebol.

— O meu também, já tenho o James e está de bom tamanho — Bonnie falou.

— Estamos casados há pouco tempo, quero aproveitar meu maridão só mais um pouco. — Me encolhi para perto de Dylan. Ele colocou seus braços em torno de mim, deixando um beijo na minha têmpora.

Vi ao longe os gêmeos da Ava correrem até nós, Dion estava atrás, com roupas casuais. O que era algo raro.

— Tio Dylan!

Eles gritaram e abraçaram Dylan ao mesmo tempo, quase o derrubando da cadeira.

— E aí, seus pestinhas? — Dylan bagunçou o cabelo deles.

Os meninos foram para o chão e ficaram perto de Dion quando ele chegou à mesa. Havia crescido muito desde a última vez que os vi. A afeição deles era muito bonita, mas era estranho pensar que Dylan quase foi o padrasto deles.

— Dylan, April, meninas? — Dion cumprimentou todos nós.

— Estávamos perguntando quando iremos para o chá de bebê da April — Bonnie cutucou.

Dion me olhou depois olhou para Dylan.

— Então vocês estão grávidos também? — ele perguntou para desespero do meu marido.

— Como assim “grávidos”? — Dylan se assustou com aquela menção. O homem sorriu.

— Acho que tá na hora de você se juntar a nós, bem ali — Dion se virou e apontou para outro homem que acenou pra nós.

— Com Andrew?

— Sim. O grupo dos pais — esclareceu tirando sarro.

Dylan olhou para mim como se me pedisse permissão para ir.

— Vai — pedi suavemente, deixando um selinho em seus lábios.

Ele concordou. Assisti Dion levar meu marido para longe.

— Hum, já podemos esperar um pequeno príncipe de Nova Iorque? — Tracy perguntou cheia de expectativas.

Não respondi. Continuei observando Dylan de longe, perto de seus amigos e provavelmente aprendendo um pouco sobre paternidade.

— Não aguento mais esses sapatos! — Ava apareceu ao meu lado, parecia exausta.

Com muito cuidado e manobrando o barrigão ela se sentou.

— Olha, se eu estivesse grávida de gêmeos pela segunda vez, eu nem sairia da cama mais — Bonnie comentou.

— Acha que não penso nisso todos os dias? — Ava respondeu. — Carregar essa barriga não é fácil não...

— Amiga, pra não acontecer de novo, sabe o que deve ser feito, não é? — Tracy falou dessa vez.

— Não, o quê?

— Castrar esse homem, ué? Quem sabe o que virá da próxima vez... Trigêmeos, quadrigêmeos!

— Quadrigêmeos? Minha nossa... Será que é pedir demais ficar grávida de um bebê só? — Ava lamentou.

Sei que não era a intenção delas, mas toda aquela conversa sobre gravidez estava me dando arrepios.

— Eu lamentei a minha gravidez toda, por conta das dores nas costas, dificuldade para andar, e o parto... Pensei que fosse morrer — Bonnie compartilhou.

— E você, April? Quer ter quantos filhos? — Ava olhou para mim, me colocando na discussão.

— Acho que nenhum — respondi um pouco assustada.

— Como assim, ser mãe é uma experiência incrível — Tracy amenizou.

As outras concordaram.

— Sim, ser mãe mudou a minha vida. Ficar grávida é uma sensação inexplicável e quando você der à luz, sua visão sobre o mundo muda, porque os filhos se tornam o seu mundo.

Antes de hoje o pensamento de ser mãe passava remotamente pela minha cabeça. Aquela conversa sobre filhos me deu um pouco de receio, mas ao observar Dylan a alguns metros e seu sorriso glorioso, me peguei a imaginar um menininho sorridente, cheio de sardinhas e com o cabelo de fogo.

Abri um sorriso instantâneo ao sentir um afago no coração com uma

coceirinha no útero que eu não queria admitir.



EPÍLOGO

Amanheceu mais um dia. Um dia movimentado que combinava muito com o ambiente do centro de Boston. Havia saído para dar uma caminhada enquanto April dormia e aproveitei para comprar o nosso café da manhã.

Desembalei alguns pães e separei um cacho de uvas. Terminei o café e arrumei tudo em uma bandeja de café da manhã. Parei e peguei uma xícara cheia da bebida.

Algun tempo se passou até eu ouvir a movimentação vinda do nosso quarto. Abri um sorriso bobo e peguei a bandeja. Ao chegar no quarto eu a deixei do meu lado da cama.

— Bom dia — falei beijando-a. — Bom dia, pra você também. — Beije a barriga dela.

— Bom dia, meu amor — disse com a voz rouca alisando a barriga de trinta e duas semanas.

Ela vestia uma camiseta minha, sempre as usava para dormir. Perdido em meus pensamentos nem notei quando April atacou a bandeja.

— Nossa, nem parece que você passou a madrugada inteira atacando a geladeira — tirei sarro.

— Fica aí rindo mesmo. Enquanto você ri eu como — respondeu pegando mais um pão. — Como foi na Fênix ontem?

— Perfeitamente bem, mas sabe que sinto a sua falta quando não pode ir...

— Eu sei... Se ontem eu não tivesse tão cansada, eu teria ido.

— Não se preocupe. Vai ficar cada vez mais difícil pra você mesmo. Eu já estou fazendo uma escala de férias, tão logo nosso bebê nascer eu vou ser inteiramente de vocês.

April suspirou e se encostou na cabeceira.

— O nosso bebê está totalmente de acordo. — Ela pegou a minha mão e a colocou sobre seu ventre.

Senti ondulações intensas, dando vestígios que o nosso meninão estava bastante ativo.

— Precisamos entrar em um acordo sobre o nome dele... — falei.

— Você já sabe a minha preferência de nome.

— Sim, mas Harry?

— Claro, como o príncipe Harry, ora...

— Que tal Theodore?

— O nome do seu finado avô?

— Sim, qual o problema?

— Acho esse nome bonito, mas ele é só um bebê...

— E o que que tem?

— Theodore é nome de... você sabe... avô. — Fez careta.

— Nome de velho, não é? — ela concordou sem jeito. — E Théo?

— Théo? Hum... Théo Marsh Goldwin... — experimentou. — Eu gosto!

Alisei sua barriga vagorosamente. Um pontapé me pegou de surpresa.

— Acho que ele também gosta... — concluí.

Aguardei April terminar o café da manhã. Ainda tínhamos o domingo inteiro pela frente e eu tinha um berço para montar...



Semanas depois...

Havia se passado apenas algumas horas do momento mais lindo e assustador da minha vida inteira. April tinha dado à luz ao nosso primeiro filho. Théo. E se eu achei que já não havia espaço dentro de mim para tanto amor, eu estava redondamente enganado.

O nosso pequeno era lindo. Não consegui parar de admirá-lo desde que os médicos entregaram a minha vida nos braços de April.

Ainda sentia um misto de emoções. A força da minha esposa durante o parto, o medo de alguma coisa dar errado, o senso de responsabilidade por outra vida. Um verdadeiro turbilhão de sentimentos.

April estava deitada e exausta, então me prontifiquei de cuidar do nosso bebê enquanto ela dormia. Não tirei os olhos do bercinho da maternidade, onde Théo dormia como o anjinho de era.

Delicadamente acariciei a mãozinha enluvada, senti seus dedos minúsculos me segurando. Meu filho soltou um suspiro de sono e abriu os olhinhos azuis bem claros.

Sorri, um sorriso que só alguém que era um pedaço meu poderia me tirar. Théo era uma bela mistura de April e eu. O pouco cabelo que tinha dava indícios de que o meu gene ruivo havia sido passado adiante. A pele dele era o intermédio entre a minha e de April. Théo havia puxado o sorriso da mãe, inclusive as covinhas que se sobressaía só com os melhores sorrisos.

Ele começou a chorar. E para a minha total angústia, o choro dele era como uma sirene num quarto silencioso. April trocou de posição, mas não acordou. Théo havia mamado há poucos minutos. Tomei a decisão de tentar acalmá-lo.

Com cuidado ajeitei a manta que o cobria e peguei meu filho no colo. Às vezes era inacreditável que eu e minha amada esposa produzimos algo tão precioso. Théo encolheu as perninhas, segurei a cabeça dele contra o meu peito, ele a deitou, sabia que aquele era sua posição favorita desde que o peguei pela primeira vez.

— Sei que deve estar morrendo de medo... Eu e a mamãe estamos fazendo de tudo para que se sinta seguro. Porém a vida é diferente aqui fora.

Théo procurou pela minha voz.

— Era tão quentinho dentro da mamãe, não era? Cobertor nenhum vai te esquentar como um útero, mesmo assim vamos fazer o melhor.

Meu filho continuava prestando atenção.

Eu tinha tantas expectativas e todas foram subestimadas, não estava preparado para sentir o maior amor do mundo.

Caminhei pelo quarto. April ainda dormia. Mais cedo recebemos um batalhão de visitas, aquele hospital ficou pequeno para tanto parente ansioso para conhecer o nosso príncipe.

Olhos azuis tentavam focar em mim, Théo já estava com sono novamente. Continuei dando passos vagarosos pelo quarto, acomodando o corpinho do meu filho.

Contei a ele coisas importantes. Disse que seria o melhor pai do mundo. O pai que irá apoiá-lo em suas decisões, ajudar quando precisar, ensinar quando tiver que ensinar. O sangue que corria em suas veias era o mesmo que o meu, e mesmo que não tivéssemos laços sanguíneos, o meu coração escolheria ser dele. Aquilo era amor. O mais puro amor de um pai com o filho.

— Tudo bem. Você já sabe um pouco sobre mim. Vamos falar da mamãe agora. É até injusto, porque você deve conhecê-la melhor que eu. — Puxei o ar trazendo à memória meu relacionamento com April. — Foram linhas tortas e dolorosas que me fizeram conhecer o significado de amor verdadeiro. Cada dia, cada minuto ao lado da sua mãe é um aprendizado, um momento diferente que eu guardo na memória para contar para os nossos netos, quando envelhecermos juntos. E isso é tudo. Ainda vai ter muito tempo para conhecer melhor a sua mamãe. E por falar nela...

Olhei para a cama onde April já estava acordada, ouvindo toda a nossa “conversa”.

— Interrompo? — perguntou com voz de sono.

Théo girou a cabecinha procurando por ela.

— De forma alguma, meu amor. Descansou um pouco? — ela concordou.

— Alguns minutos, mas minutos preciosos. — Sorriu.

— Sabe de quem é essa voz — perguntei ao Théo. — Sim, sua mamãe e a mulher da minha vida. Bem-vindo à família, filho!

Fim,
Dylan



Facebook: <https://www.facebook.com/lilyann.johanson.9/>

Instagram: <https://www.instagram.com/lilyannjohanson/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/LilyJohanson>

Playlist no Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/2Tsjk5Z7OMYu55Hvsf4iID>